OS ESCRITOS PÓSTUMOS DE
SAMUEL BOWLES

Carrie E. S. Twing

Tradução: AMADEU ANTÓNIO

CONTRASTES NA VIDA ESPIRITUAL

EXPERIÊNCIAS RECENTES DE SAMUEL BOWLES,

Falecido Editor do *Springfield (Mass.) Republican*, nas Primeiras Cinco Esferas.

TAMBÉM Um Relato Emocionante da Receção do falecido Presidente Garfield no Mundo Espiritual.

ESCRITO POR INTERMÉDIO DE CARRIE E. S. TWING

PREFÁCIO

Quando a última linha deste livrinho foi escrita, senti incerteza quanto ao que seria a sua missão. Pouco esperava que ele encontrasse o seu caminho para corações e lares como tem acontecido. Ao público que, na vida terrena, apreciou as minhas tentativas de reformar por todos os meios aqueles que necessitavam de reforma, e de golpear, sem pensar nas consequências, a raiz de cada erro, apresento os meus agradecimentos. Peço-vos, não que leiam e esqueçam, mas que leiam e pratiquem os princípios aqui expostos, e em breve se interrogarão sobre como alguém se pode dar ao luxo de praticar o mal. Espero, nas minhas experiências de vida espiritual, ensinar lições práticas para a vida terrena. Estou ainda mal nos limites do grande desconhecido; mas o que aprendi, dou-vos da forma mais livre.

Aos amigos da minha amada cidade[1] diria que ouvi muitas das vossas críticas (algumas delas justas), e sei que, se no íntimo do vosso coração pudésseis sentir que estais a ler os pensamentos do meu cérebro, dar-lhes-íeis as boas-vindas, não importa de que lado da vida eles viessem. Mas estudai estes pensamentos, orai por luz e se, com a luz do século XIX ao vosso redor, puderdes condenar os princípios que ensino, então, na verdade, tendes necessidade de vos sentar aos pés do Grande Arquiteto da Natureza e aprender silenciosamente as lições ensinadas.

Envio esta obra, não só com a minha bênção, mas com a de muitas mentes superiores que, deste lado do rio, observarão atentamente o seu progresso. Diria a todos e a cada um: tendes um trabalho a fazer e chegareis à vida espiritual longe de estardes isentos de culpa se negligenciardes semear a semente para a grande colheita. Sede nobres, sede verdadeiros, amai a verdade pelo amor à verdade e, ao condenar os outros, vede se no vosso coração a maldade não é o pai do pensamento condenatório.

Segue a tua missão, livrinho, procura tanto os homens de poder como os humildes. Conforta a viúva e o órfão, e não falhes em deixar uma atmosfera mais pura onde quer que as tuas folhas sejam lidas. Se apenas uma alma chegar a esta vida melhor graças às tuas lições, será um tributo adequado a um homem que amou os seus semelhantes.

SAMUEL BOWLES. *22 de Setembro de 1881.*

[1] Springfield, Mass.

ESBOÇO DA VIDA DA MÉDIUM

A Sra. Carrie E. S. Twing é natural de Sherman, Condado de Chautauqua, Nova Iorque. Quando era uma criança muito pequena, conseguia ver espíritos, e sempre esteve consciente da presença deles desde as suas primeiras recordações. Era controlada por eles para escrever antes mesmo de aprender a escrever por si própria. Em 1871, casou-se com Herbert S. Twing, de Westfield, Condado de Chautauqua, Nova Iorque, onde reside atualmente.

A Sra. Twing foi educada nas escolas públicas e lecionou durante vários anos nos graus elementares das escolas públicas de Nova Iorque. Nos últimos quinze anos, tem estado perante o público como médium de escrita. Anos antes do seu trabalho público, tinha o hábito de escrever mensagens para amigos em festas sociais e no círculo familiar, sem compensação. As pessoas costumavam apreciar a "escrita estranha de Carrie", como era chamada, e frequentemente convidavam-na para ajudar a organizar o entretenimento noturno em festas.

Desde que se tornou médium pública, passou um inverno em Boston, Mass., e curtos períodos em Painesville, Ohio; Wheeling, Virgínia; Rochester, Buffalo e Hornellsville, Nova Iorque; Titusville e Corry, Pensilvânia; e Springfield, Mass. Nos últimos cinco anos, tem frequentado a reunião de campo de Lake Pleasant, em Massachusetts, sendo muito requisitada devido à grande perfeição da sua mediunidade.

No outono de 1878, enquanto estava na sua casa em Westfield, N.Y., foi compelida um dia a escrever a seguinte mensagem:

"Minha senhora, desculpe a minha vinda. Sinto uma grande pressão sobre mim, como se devesse vir. Sim, estou longe da minha casa, contudo o pensamento leva-me lá num momento. 'Quem fui eu?' Antes diga: quem sou eu? Samuel Bowles, de Springfield, Mass. Sim, esse é o meu nome, mas estou confuso. Disseram-me para vir aqui e talvez conseguisse enviar uma palavra para casa. Estranho, estranho. Posso ir lá, posso ver a minha esposa, os meus rapazes. Posso ouvi-los, mas eles são cegos para mim, perfeitamente cegos. Não me veem; não têm um sorriso para mim.

Eles aprenderão ainda a aguardar a minha vinda e a esperar por ela como faziam quando eu estava fora, no Oeste. Foi gentil, senhora, ao deixar-me tentar. Se eu pudesse apenas segurar esta ou qualquer outra mão, rejubilaria tanto. Viveria o passado de novo — vivê-lo-ia com um propósito; faria com que soubessem que vivo. O meu pai é Samuel Bowles. Temos uma longa linhagem. Sim, o meu filho também, mas o que é que tudo isso importa; o nome, o brilho, as palavras sonoras, ao lado das lágrimas de uma mulher? E Henry, pobre Henry (Henry Alexander, de Springfield, Mass.). Há lugar para o seu corpo no querido e velho lote, até há pouco tão vazio, ao que parece.

Estranho como os meus pensamentos saem pelos seus dedos. Tenho estado a observar, tentando captar o algo subtil que torna isto possível. Eu trabalharei. Minha senhora, permita-me fazer o meu trabalho através de si. Sim, estive no escritório do *Banner* (*Banner of Light*, Boston, Mass.). Não me consegui fazer entender claramente, embora não se venha a arrepender. Dizem que me saí bem para a primeira vez.

SAMUEL BOWLES. *Setembro de 1878.*"

A Sra. Twing guardou esta mensagem entre os seus papéis domésticos e não pensou mais nela. Naquela época, nunca tinha visitado Springfield e nada sabia de Samuel Bowles. Ela afirma que tem tão pouco interesse em política e jornais que nunca tinha ouvido falar dele ou, se tinha, não tinha qualquer lembrança dele quando esta mensagem chegou. Após deixar a reunião de campo de Lake Pleasant, em 1880, veio para esta cidade em Setembro com o propósito de dar consultas privadas às pessoas daqui. Não tinha intenção de ser usada para escrever um livro e prosseguia com o seu trabalho habitual quando, a 24 de Setembro, enquanto estava ocupada, como supunha, a escrever uma mensagem para um dos membros da *Star Publishing Co.,* foi escrito o seguinte, uma completa surpresa para a médium e para os editores.

"Posso eu, que esperei tão pacientemente, vir por um pouco de tempo? Quero tanto alcançar a minha esposa, se puder, e não deixar que ela sinta que há qualquer conluio nisto. Ora, a minha antiga casa, que estava sempre aberta e luminosa, parece uma prisão. Os homens e mulheres que conheci nunca sentiram que eu fosse alguém que tentasse ser cheio de ostentação. Puxava o meu velho chapéu sobre os olhos e seguia caminho. Agradeço a todos os que foram justos para com a minha memória e, no entanto, quando olho para o que os meus irmãos e amigos gastaram, sagrado à minha memória, sinto que essa quantia poderia ter chegado a muitos lares e tê-los tornado mais felizes. Poderia ter trazido luz da escuridão de muitas formas. Contudo, é abençoado ser recordado — abençoado alegrar o coração.

É verdade que 'Aquele que morreu em Azim envia isto para confortar todos os seus amigos'. Já escrevi antes através desta médium, e foi logo após Henry (Alexander) ter vindo para aqui. Sei exatamente como é agora. Perdi tempo lá. Poderia ter estado a aprender e a ganhar luz em vez de estar na escuridão enquanto lá estive, ou de não deixar a luz sair. A minha forte natureza racional não podia aceitar este fenómeno em todos, ou em metade dos seus detalhes, mas poderia ter procurado provas mais fortes.

O mar de experiências maçónicas, a associação de tipógrafos, o turbilhão da política, tudo se combinou para levar por diante o meu antigo eu até que os factos, e não fantasias, da eternidade surgiram diante de mim. Em alguns aspetos, foi um despertar alegre. Houve momentos em que o crescimento eterno era uma questão para mim. Ansiava por factos tangíveis, mas vi tantos, como pensei, naufragados em teorias — sombras sem substância — sementes semeadas que não prometiam colheita, apenas a colheita de lares desfeitos e companheiros afastados. Isto, em certa medida, atribuí ao Espiritualismo.

Senti que este era o resultado do seu domínio em alguns lares e, assim, tendo a opinião pública como meu mestre, num sentido, examinei e obtive todo o conhecimento que tinha disto de uma maneira tão clandestina que nunca cheguei a ter a opinião fixa que desejo que todos possam ter, antes de entrar num futuro não testado. Assim, em parte, expliquei o que parecia estranho a muitos: que um homem que enfrentaria o mundo por certas opiniões fosse tão reticente quando a alma imortal estava em causa. De facto, enviaria saudações 'para confortar todos os meus amigos', pois a vida é para mim uma realidade. No entanto, sou uma personalidade, não envolta em nenhuma Divindade, mas um homem com coração de homem, despojado do seu egoísmo, talvez. Mas ainda assim a individualidade viva não se pode extinguir. Não posso amar todos os homens como amo o meu irmão.

Ainda anseio por uma reunião familiar com a minha esposa, e a corrente da vida flui tanto pelas minhas veias, e o meu cérebro pensa tão ativamente como sempre. Somos tão tangíveis uns para os outros como vós o sois aí na terra. (Lares são lares, famílias são as mesmas se o amor as une.) Creio que poderia escrever um livro sobre as minhas experiências aqui, dando a maçons, tipógrafos, sim, a toda a gente, ideias sobre a continuação da vida, bem como sobre a sua existência desde o início. Somos apenas emanações do grande todo, por isso, inconscientemente, a alma sempre foi existente.

SAMUEL BOWLES."

Após receber esta mensagem surpreendente e sugestiva, passou-se uma semana ou mais, durante a qual a Sra. Twing esteve muito ocupada com clientes privados. Mas, por fim, foi feita a sugestão de que talvez o Sr. Bowles estivesse disposto a escrever o livro proposto durante a sua estadia em Springfield. O Sr. Bowles respondeu na seguinte mensagem:

"Sim, com toda a certeza gostaria de escrever um relato claro, conciso e decidido do que tem sido a minha experiência aqui. Posso bem compreender a discussão e o ridículo que isto despertaria, mas raras vezes vacilei em qualquer ato que considerasse correto e, com o conhecimento perfeito de que a vida terrena não é uma farsa, começando e terminando ali, sinto vontade de dizer ao mundo inteiro aquilo que, mesmo que não acreditassem, deixaria a sua marca e os ajudaria um pouco a libertarem-se dos grilhões dos credos, e mostrar-lhes-ia que o Princípio Eterno da vida é realmente existente por aqui.

Gostaria também de mostrar aos trabalhadores no campo político que a mudança de corpo não pode retirar o profundo interesse na antiga república. Gostaria de demonstrar o facto, tanto quanto puder, de que a força do hábito e da educação de lá se agarra a nós. Imaginem Senadores e Congressistas, saindo subitamente desse campo e voltando-se, no instante seguinte, para o canto de salmos e hossanas! Eles fariam o pior tipo de trabalho nisso, e nem um deles levado durante esta campanha deixaria de ter o mesmo interesse nos resultados de Novembro como se estivesse nas margens do tempo. Enquanto que, se Moody viesse, ele poderia entrar logo no canto e no louvor, e realizar, em certa medida, a sua ideia de céu.

Por que não conseguem as pessoas ver que não é a carne que pensa, e que o princípio do pensamento apenas mudou de corpo e é o mesmo? O que seria o céu para um, é o pior tipo de céu para outro. Portanto, aqueles que louvam e adoram uma presença invisível deveriam sentir-se mais gratos por saber que a Sabedoria Eterna, tanto na vida espiritual como na terrena, fez todas as coisas com consideração pela variedade que diferentes almas exigiriam para ajudar a completar a medida da sua felicidade."

"O Divino brilha nisto, e mostra que nem um dos mais inferiores filhos da terra deixará de ocupar aqui o seu lugar e de ter tempo e ajuda para crescer. E embora existam aqui grandes mentes, embora existam aqueles que gozaram de grande renome no campo literário, embora existam aqueles que ajudaram a conquistar nações, o sentimento que aqui entra nunca é outro senão o de que somos todos irmãos. Aqueles que se destacam como homens de pensamento não têm receio de se baixar e ajudar outros a subir até ao seu próprio nível.

A verdadeira ideia e todo o objetivo desta vida superior é o crescimento eterno. E como aqui não há luta pelo ouro, onde todas as necessidades são mui generosamente supridas, as almas não estão sobrecarregadas com as preocupações da terra, exceto quando veem os seus entes queridos lutar lá. Portanto, a progressão para fora dos **7** nevoeiros que nos deprimiram na vida terrena pode ser, e é, para a maioria das pessoas, rápida. Assim, agora, meu irmão, embora como obra literária o meu pequeno esforço possa não ser elevado, se eu puder, através dele, ser o meio de fazer um único homem pensar no absurdo de uma crença que torna Deus inferior em amor a um pai terreno, sentir-me-ei recompensado.

O mundo pode mofar, a igreja pode dizer que isto vem do mal, ainda assim, se eu sentir que semeei uma semente para fazer a humanidade, nos seus passos rápidos em direção a este mistério da morte (que termina em vida), parar e pensar e elevar o seu clamor por fontes mais puras onde beber, estarei satisfeito, e assim, por este esforço, acrescentaria uma sequela à antiga vida lá.

SAMUEL BOWLES." 14 DE OUTUBRO DE 1880.

A 15 de Outubro de 1880, o Sr. Bowles escreveu o primeiro artigo do maravilhoso livrinho, agora conhecido em toda a União como as "Experiências de Samuel Bowles, na Vida Espiritual, ou a vida como ele a vê agora, de um ponto de vista Espiritual" — mencionado na capa desta obra. Foi concluído e publicado a 1 de Dezembro de 1880. O anúncio de uma obra de Samuel Bowles, o grande editor, vinda da vida Espiritual, foi recebido com alegria por milhares em todo o país. Na sua antiga cidade, vendeu-se em grandes números, estando à venda nas bancas de jornais.

Foi pronunciado por todos como um bom livro, mas alguns, especialmente editores de alguns jornais, recusaram-se a aceitar a ideia de que emanasse da mente do grande jornalista. O seu antigo jornal, o *Springfield Republican*, passou-o em silêncio, como foi previsto pela Star Publishing Co. Grandes vendas deste livro foram efetuadas no vale do Connecticut, onde o Sr. Bowles era bem conhecido, e especialmente por todo

o Oeste, ao longo da linha da sua viagem à Califórnia. O livro ainda vende bem, e uma nova edição será em breve uma necessidade.

O médium recebeu muitas cartas de congratulação de partes distantes do país, cartas cheias de um endosso caloroso ao nobre trabalho, e cheias de encorajamento para continuar uma fase tão valiosa da mediunidade. Agora os nossos leitores têm o prazer de estudar a vida espiritual novamente, através do dotado médium de quem demos uma breve biografia. STAR PUBLISHING CO., SPRINGFIELD, MASS., 4 de Out. de 1881.

ESBOÇO DA VIDA DE SAMUEL BOWLES

COMPILADO DO *SPRINGFIELD (MASS.) REPUBLICAN* DE JANEIRO DE 1878.

A morte de Samuel Bowles remove o melhor jornalista da América, o representante mais influente da vida e opinião da Nova Inglaterra, e o cidadão mais distinto da sua cidade natal. Samuel Bowles era o terceiro do mesmo nome, em descendência direta, e o segundo no jornalismo. O seu pai, o fundador do *Springfield Republican*, era filho de um lojista de Hartford, Ct., e da sua ascendência por esse lado, foi registado com orgulho que "nenhuma outra distinção além da virtude se reuniu em torno dela."

A mãe do Sr. Bowles era Huldah Deming, de Wethersfield, Ct., descendente de Miles Standish, da Antiga Colónia, em Plymouth, Mass., e uma mulher de rara vivacidade mental e de finas perceções intuitivas. Samuel Bowles, o tema deste esboço, nasceu a 9 de Fevereiro de 1826, em Springfield, Mass. Foi educado na sua cidade natal, na escola pública e numa escola privada dirigida pelo Mestre Eaton. "Cresceu como um rapaz esguio e franzino, com os olhos pretos e brilhantes da sua mãe."

Aos 18 anos começou a ajudar o seu pai na redação do jornal. As suas cartas do Sul, para onde foi enviado por motivos de saúde em 1845, atraíram vasta atenção, e começou-se a suspeitar que um rapaz esperto tinha caído na família do seco e

persistente editor de um semanário rural. De facto, ele já tinha convencido o seu pai a lançar um diário (sem a promessa de um único assinante) como um jornal vespertino, em Março de 1844, logo após o seu 18.º aniversário, e encorajou-o a mudá-lo para um jornal matutino, em Dezembro de 1845.

"O Sr. Bowles dormia num sofá na redação, recolhia e preparava as notícias gerais e locais do jornal, reunia os compositores às 4 horas de todas as manhãs para a cópia tardia, dirigia a paginação do jornal, tomava a sua vez na roda da prensa Adams que o imprimia, despachava os ardinas da cidade e preparava os pacotes de correio e do caminho-de-ferro — e depois ia para casa tomar o pequeno-almoço.

De 1845 a 1865, foi o período de mais incessante dedicação ao seu jornal por parte do Sr. Bowles; ou seja, dezasseis horas por dia, seis dias por semana, ele trabalhava e **9** depois caminhava penosamente para casa ao romper da aurora. Perto do fim da guerra da rebelião, o *Republican* estava bem estabelecido como um jornal de reputação nacional. O Sr. Bowles já fora avisado de que tinha excedido a sua conta com a natureza, e procurou, através de uma série de férias anuais, reparar as suas energias exaustas. A famosa viagem "Através do Continente" de 1865, que o introduziu ao mundo como o autor de um mui encantador livro de viagens, foi empreendida por considerações de saúde.

Nas suas viagens por saúde, tornou-se familiar com os principais americanos e fez muitos amigos em Inglaterra e no Continente. Londres, Paris, Berlim, Boston, São Francisco, Colorado e Chicago, todos entraram no âmbito da sua cidadania. Foi um período de crescimento pessoal, apesar dos contratempos e da consciência da decadência física.

O *Republican* era o melhor modelo de boa edição no país. Foi a criação do Sr. Bowles. Há uma moral profunda para a distribuição da consideração popular no espetáculo de um homem que entra e sai perante o povo durante mais de 30 anos, construindo através do seu famoso jornal a cidade do seu nascimento, e tornando-a a sede do império jornalístico da Nova Inglaterra, avançando pela mesma grande agência todos os interesses morais e materiais da comunidade da qual esta é o centro, tornando-se ele próprio o convidado amado e honrado em metade das capitais do mundo civilizado.

Confidente de ambos os grandes partidos na nação e conselheiro de presidentes na escolha de gabinetes, este homem voltou para a sua cidade natal e dedicou os seus raros talentos, os seus recursos mundiais e as suas energias expirantes às prementes questões sociais da vizinhança, esforçando-se para elaborar uma carta municipal mais perfeita, ou para aperfeiçoar uma organização para a prevenção do pauperismo.

As relações familiares do Sr. Bowles foram excecionalmente felizes e contribuíram não pouco para o sucesso da sua carreira. Casou-se (6 de Setembro de 1848) com Mary S. D. Schermerhorn, filha de Henry V. R. Schermerhorn, Esq., de Genebra, N.Y., e neta de James S. Dwight, o grande mercador de Springfield do primeiro quartel deste século. O Sr. Bowles frequentava a igreja Unitária, mas como o

seu jornal sempre interferia com os seus domingos, mais ou menos, não era um frequentador muito constante. Era um homem de profundo sentimento religioso. Costumava dizer: "devemos, apesar de tudo, reconhecer o grande facto de que esta lei cristã do amor é a maior força regeneradora em movimento no mundo." — **10** Editorial de 15 de Janeiro de 1878.

"O evento há tanto tempo temido ocorreu finalmente; Samuel Bowles, editor do *Republican*, faleceu ontem à noite. Ele estivera mui fraco desde o seu segundo ataque de apoplexia, há uma semana, no sábado à noite, e estivera especialmente mal nos últimos dois dias, de tal modo que mais do que uma vez não se esperava que vivesse mais uma hora. Por volta das 10 horas da noite passada, reconheceu que estava a afundar-se rapidamente e, poucos minutos depois das 11, estava morto. Esteve consciente até poucos momentos antes do fim, e contemplou a morte com a mesma compostura de quando foi levado pela primeira vez à sua porta, há agora quase sete semanas."

O seu funeral foi privado, mas um Serviço Memorial foi realizado na igreja Unitária na quarta-feira, 24 de Janeiro. A oração foi proferida pelo Rev. Washington Gladden, de Springfield. Foram feitos discursos pelo Gen. Hawley do Connecticut, Murat Halstead de Cincinnati, Dr. J. G. Holland de Nova Iorque, Charles Dudley Warner de Hartford, Conn., A. D. Briggs de Springfield, Mass., Rev. William Rice de Springfield, Mass; e foram lidas cartas de Anna C. Brackett de Nova Iorque, Rev. Francis Tiffany de Newton, Mass, Hon. Charles Francis Adams, Mass, Hon. Henry L. Dawes, de Mass, Hon. Carl Schurz de Nova Iorque, Gov. Hubbard de Conn., Horace White de Nova Iorque. Também foram feitas observações pelo Hon. Frank T. Bird de Walpole, Mass., Hon. Charles Francis Adams, Jr., Mass, Hon. George M. Stearns de Springfield, Mass.

Charles Dudley Warner, de Hartford, leu o seguinte belo poema — "Do Árabe."

"Aquele que morreu em Azim envia
Isto para consolar todos os seus amigos.

Fiéis amigos! Aí jaz, eu sei,
Pálido e branco e frio como a neve,
E vós dizeis 'Abdallah morreu!'
Chorando aos pés e à cabeça.
Consigo ver as vossas lágrimas cair,
Consigo ouvir os vossos suspiros e preces;
Contudo sorrio e sussurro isto, —
Eu não sou a coisa que beijais!
Cessai as vossas lágrimas, e deixai-o jazer; Foi meu, não sou eu.

Doces amigos! O que as mulheres lavam,
Para o último sono da sepultura,
É uma cabana que estou a abandonar, —
É uma veste que já não serve, —

É uma gaiola da qual, finalmente,
Como uma ave a minha alma passou.
Amai o habitante, não o quarto, —
O utilizador, não o traje, a pluma
Da águia, não as barras
Que a afastavam daquelas esplêndidas estrelas.

Amigos diletos! Sede sábios, e secai
Imediatamente cada olho que chora;
O que elevais no esquife
Não vale uma única lágrima.
É uma concha vazia — uma
Da qual a pérola saiu;
A concha está partida — jaz ali;
A pérola, o tudo, a alma está aqui.
É um jarro de barro cuja tampa
Allah selou, enquanto escondia
Aquele tesouro do seu tesouro,
Uma mente que o amava; deixai-o jazer!
Que o caco seja terra mais uma vez
Pois o ouro está no seu armazém!

Allah glorioso! Allah bom!
Agora o teu mundo é compreendido!
Agora o longo, longo espanto termina!
Contudo chorais, meus errantes amigos,
Enquanto o homem a quem chamais morto,
Em indizível bem-aventurança, em vez disso,
Vive e ama-vos; perdido, é verdade,
Para a luz que brilha para vós.
Mas na luz que não podeis ver,
De imperturbável felicidade —
Num paraíso perfeito,
E numa vida que nunca morre.

Adeus amigos! Mas não adeus,
Onde eu estou, vós também habitareis.
Fui à vossa frente,
O valor de um momento, um pequeno espaço.
Quando chegardes onde eu pisei,
Espantar-vos-eis por terdes chorado!
Saberão, ensinados pelo amor verdadeiro,
Que aqui está tudo, e lá nada existe.

Chorai um pouco, se tendes vontade,
O sol ainda deve seguir-se à chuva;
Apenas não na morte — pois a morte,
Agora sabemos, é aquele primeiro fôlego
Que as nossas almas inspiram quando entramos na
Vida, que é o centro de toda a vida.

Tende a certeza, tudo parece amor,
Visto do trono de Allah lá no alto,
Sede fortes de coração, e vinde
Bravamente em frente para o vosso lar! La il Allah! Allah La!
Ó amor Divino! Ó amor eterno!

Aquele que morreu em Azim deu
Isto àqueles que fizeram a sua cova."

Extrato do *Springfield Republican*, 3 de Dez. de 1877.

"Samuel Bowles está doente desde a primeira parte de Outubro, e durante algum tempo depois disso esteve confinado à cama com um ataque de congestão pulmonar, complicada com um distúrbio cardíaco. Na sexta-feira à noite, 30 de Nov., ele baixou tanto que sentiu o seu fim próximo; despediu-se da sua família e disse: 'Creio que o meu trabalho está feito, penso que poderia ter feito um pouco mais, mas estou pronto para ir agora.' Perguntado se tinha medo de morrer, abanou a cabeça enfaticamente e disse com grande firmeza: 'não, de modo nenhum.' O seu médico, após exame, disse que ele sofrera um ataque de apoplexia serosa, e o Sr. Bowles sabia que isso significava a morte. Ele comentou: 'Vou-me embora, mas ainda não.' A sua mente esteve clara até ao fim, e tão grande era o seu apego à vida que viveu durante sete semanas após este ataque mui fatal." O Sr. Bowles estava no seu 52.º ano quando passou para a vida superior. **13**

ARTIGO PRIMEIRO

AVISOS ENVIADOS PARA PREVENIR O ASSASSINATO DE GARFIELD. — A SUA MORTE UM SACRIFÍCIO DE ADVERTÊNCIA PARA A NAÇÃO. — O CORAÇÃO CORRUPTO DA NAÇÃO. — O OURO É DEUS. — ELE PLEITEIA PELA VIDA DE GUITEAU. — GUITEAU UMA TESTEMUNHA VALIOSA NA EXPOSIÇÃO DE ESQUEMAS PARA O DERRUBE DA REPÚBLICA. — ABRAHAM LINCOLN E OUTROS AJUDAM GARFIELD A VIR PARA A VIDA ESPIRITUAL. — COMO GARFIELD DESCANSOU DURANTE O FUNERAL NACIONAL. — O QUE GARFIELD TERIA SIDO OBRIGADO A FAZER CASO TIVESSE VIVIDO. — O PROCESSO DA MORTE COMO ILUSTRADO PELA MORTE DE GARFIELD, VISTO DO LADO ESPIRITUAL.

Mais uma vez, da terra invisível, tentarei redigir pensamentos para a multidão. Sei com que obstáculos os meus melhores esforços podem ser acompanhados, mas quando toda a minha alma está no trabalho, nada me intimidará. Passo a passo, à medida que avanço nesta vida, tenho aprendido mais perfeitamente a dependência de um mundo em relação ao outro, e sinto que nas eras vindouras haverá sempre um elo na grande cadeia que nos liga à vida terrena.

Pois a vida terrena é o começo, portanto é necessário estar sempre ciente do que é o alicerce, a fim de tornar perfeito o resto da estrutura. Não quereria que entendessem que estamos ligados à terra de qualquer forma que nos torne desconfortáveis, mas não é bom manter o conhecimento da terra que constantemente nos envia os seus frutos? Mas quer queiramos ou não, pouco importa. A grande lei da natureza não pode ser mudada pela vontade de um ou de muitos indivíduos. Tenho ouvido muitas vezes a pergunta: se o mundo espiritual sabe tanto, porque é que os espíritos não avisaram e impediram o atentado contra Garfield? Nós sabíamo-lo e, em vários casos, previamo-lo. Mas tudo o que poderíamos ter feito não teria impedido o grande sacrifício, pois, olhe-se como se olhar, é um sacrifício, e um com significado. Nação! aceita o aviso e limpa agora as tuas vestes, pois este é apenas o começo, a menos que vós, como homens com alma, desperteis para o vosso dever.

O coração da nação está podre, e a bala que perfurou o vosso herói caído é apenas o crescimento daquilo que vós, como homens, com os olhos fechados, permitistes. Estais vós, como nação, a educar o vosso povo para aquilo que será de maior benefício para o maior número? Não! O ouro é Deus e, ao escolher, mesmo para os assuntos mais humildes, são escolhidos aqueles que podem de alguma forma beneficiar os aproveitadores, e assim há círculo dentro de círculo, até que a capital da vossa nação é alcançada, e visualizais constantemente as nauseabundas intrigas que ali existem.

Se Garfield tivesse sido um homem mau, teria tido o assento do poder da mesma forma, pois a grande maré rolou nessa direção, mas ele não podia ser comprado ou vendido e, na vida espiritual, ele recuará perante o que poderia ter sido o seu dever se tivesse vivido na terra.

Pretendo, numa obra especial, com a ajuda de outros, ventilar mui minuciosamente a política vista de um ponto de vista espiritual. Mas neste livro de experiências mal considero seguro aventurar-me nos pântanos que emitem a malária da política da terra. Muito foi feito para salvar o vosso amado Presidente, não apenas no lado terreno mas connosco; contudo, quando toda a esperança cessou, um grande número do nosso lado foi escolhido para o ajudar a vir para junto de nós.

Era um quadro para um artista, ver homens como Abraham Lincoln esforçando-se seriamente para ajudar o seu irmão a passar, ele que, tal como Lincoln, foi um sacrifício no altar da nação. Havia lágrimas em muitos olhos quando o despertar lhe chegou, mas de tal modo foi ternamente cuidado, tão sentida foi a ajuda espiritual, que o seu único sentimento foi: agora posso descansar — e ele está a descansar. As lágrimas da sua

brava esposa, os lamentos dos seus filhos órfãos de pai, não o perturbam. O pranto de uma nação é apenas como um suspiro do vento para ele. Ele descansa, sem pensamento de malícia ou vingança; e quando o despertar do descanso vier, sei que a sua será a primeira mão erguida para impedir o sacrifício de outra vida. Oh! Nação, quão baixo te baixas quando sentes que terás qualquer satisfação na execução de Guiteau! Se vós, de acordo com a vossa lei, lhe tirardes a vida, tirais o que não podeis dar, e nos vossos corações sois também assassinos. Mantende-o ali, onde não possa fazer mal. Se o seu corpo estivesse doente, tentaríeis curá-lo, mas sois ministros de um evangelho vazio se não conseguirdes ver que a sua alma está doente. Leva muito tempo a curar uma alma doente.

Não a envies manchada de sangue para nós, mas dá-lhe uma oportunidade de ser curada na vida terrena onde o ato foi cometido. Além disso, ao excluir a sua vida terrena, estais a fechar a boca de uma testemunha valiosa que, quando o espírito da verdade tiver feito o seu trabalho, falará e mostrar-vos-á como evitar maiores escolhos no mar turbulento que vos rodeia. O meu interesse nesta vida está tão unido aos interesses do passado que, vendo tudo tão claramente como vejo agora, por vezes esqueço-me de que não sou um homem entre homens, em vez de ser o ressuscitado

SAMUEL BOWLES

22 DE SETEMBRO DE 1881

Pergunta. — Quem foi nomeado para ajudar Garfield na passagem?

Resposta. — Os parentes imediatos da família estavam, naturalmente, lá, embora eu não tenha sabido os seus nomes. Abraham Lincoln, devido à sua simpatia por este novo mártir da nação. Epes Sargent, não porque conhecesse Garfield pessoalmente, mas devido ao seu conhecimento superior das leis de separação entre a alma e o corpo, e das correntes magnéticas necessárias. Wm. H. Seward estava lá, porque amava todos os nobres trabalhadores da nação.

Além de muitos que estiveram com Garfield durante o conflito nacional e o amavam como a um irmão. Também o Dr. Benjamin Rush, um notável trabalhador aqui, e cuja missão era dissipar a terrível tensão mental dos assistentes junto do moribundo, para que este pudesse passar mais rapidamente para a vida espiritual, visto que ele foi, sem dúvida, mantido horas a mais em sofrimento do que seria necessário, devido à determinação dos seus médicos e assistentes de que ele não deveria morrer.

Pergunta. — Qual teria sido o dever de Garfield, caso tivesse vivido, do qual ele agora vê que se teria esquivado?

Resposta. — Esta é uma pergunta ampla e que envolveria muito tempo se fosse totalmente respondida. Com o seu sentido de justiça, ele ter-se-ia sentido obrigado a mudar muitas coisas. Talvez ofendendo pessoas, ao fazer nomeações com vista ao maior bem do maior número, em vez do autoengrandecimento do nomeado. Também investigando o negócio das Pensões, que ele achava ser conduzido de forma mui injusta,

e, em suma, expulsando males que foram tolerados durante demasiado tempo. Ninguém senão o próprio Garfield poderia ter levado a cabo a política de Garfield.

Pergunta. — Que testemunho poderia Guiteau dar que fosse uma ajuda para a nação?

Resposta. — Nesta crise, prefiro não adiantar o que Guiteau poderá dizer, pois isso entrará no capítulo das "corrupções políticas" e seria antecipar os factos. Se me for permitido escrever este livro, devo trabalhar com astúcia para evitar processos de difamação contra os editores, e nomear os locais onde estas organizações estão e onde se reúnem, evitando nomes tanto quanto possível. Que Guiteau foi influenciado pelo seu amor à notoriedade para assim se imortalizar, será provado. Devo ver quanto da verdade real será correto dar, reunindo-me em consulta com os mais sábios, tais como os fundadores da vossa nação, permitindo-me assim estar seguro do meu terreno, para não causar mais mal do que bem.

Poderia responder brevemente que, se a vida de Guiteau fosse poupada, ele poderia, através do confinamento e do ensino espiritual, aprender a dizer a verdade e divulgar os nomes daqueles que o incitaram ao ato. Mas isso prolongaria demasiado o vosso livro, e misturaria em demasia os ensinamentos sóbrios da vida terrena e as suas realidades com o espiritual para que eu entre detalhadamente neste tópico. Essas frases foram escolhidas. Elas terão o seu efeito. Se possível, assim que o livro for publicado, dar-vos-ei os nomes de alguns dos comunistas privados e pedir-vos-ei que lhes enviem um livro, marcando a passagem, e isso fará o seu trabalho. Não creio ser prudente dizer mais aqui. Pois, senhor, tenho no meu coração o desejo de escrever dezenas de livros e, ao escrevê-los, subirei, não descerei.

Pergunta. — Como ajudam as pessoas a passar para a Vida Espiritual? Por favor, ilustre com uma descrição da saída de Garfield do seu corpo terreno.

Resposta. — Deu-me uma pergunta que põe à prova os meus poderes de descrição. Estávamos à cabeceira do sofredor antes de os últimos sintomas alarmantes terem sido notados, e lembro-me bem de que os seus próprios parentes e amigos pessoais na vida espiritual deram lugar ao nosso grupo, ou àqueles anteriormente mencionados como nomeados para rodear Garfield. Ele parecia estar a dormir. Se vos fosse possível ver o sistema nervoso e notar onde os nervos estão mais ligados aos tecidos corporais, e especialmente ao longo da coluna vertebral, ligando-se ao cérebro, teriam visto o Dr. Rush, Epes Sargent e outros, realizando um processo semelhante àquele pelo qual os operadores no painel de controlo de uma central telefónica desligam os fios.

Estes espíritos, tão cuidadosamente quanto possível, através de manipulações suaves, soltaram o sistema nervoso do corpo espiritual do sistema nervoso do corpo terreno, elo por elo, até que nada mais o prendesse. Então veio o calafrio de prostração que alarmou os seus assistentes terrenos. Assim que os seus médicos e outros se aproximaram, os espíritos, com um poder maravilhoso, colocaram cada pessoa na sala numa condição mesmérica tal que percebessem que ele se estava a ir embora, mas que

ainda assim não fossem capazes de exercer as suas vontades para dizer que ele não deveria partir. Enquanto ainda restava fôlego no corpo, passou da sua cabeça uma emanação que parecia uma nuvem branca, tornando-se cada vez maior.

Finalmente, a parte superior desta nuvem assumiu a aparência da cabeça sobre a almofada. Quando o fôlego se foi inteiramente, toda a forma ficou aparente e, conforme os assistentes quase entorpecidos diziam "Ele partiu, acabou-se", ele foi gentilmente erguido nos braços daqueles que o tinham auxiliado no processo da morte e levado para cima. Eu não percebi que ele ou qualquer um de nós passasse pelo teto e pelo telhado; nem sei se passámos por qualquer abertura feita pelo homem. Parecia, enquanto o levávamos para cima, que nós éramos o material, e a casa de campo e todos os seus arredores o espiritual, pois os corpos espirituais de cada um de nós eram tangíveis, enquanto a casa parecia sombria.

Percorremos uma distância considerável sobre a vossa terra em direção ao oeste, pois o lar de Garfield deveria ser, tanto quanto possível, sobre o seu antigo lar em Mentor, Ohio. Garfield está atualmente na primeira esfera, e opta por assim estar, até que, através das suas visitas contínuas aos seus entes queridos, possa mitigar a dor que agora, embora silenciosa, parece quase avassaladora, e ensinar-lhes que devem libertar-se do pesadelo da tristeza e elevar-se para o trabalho atribuído a cada um na grande batalha da vida.

Pergunta. — Não deveria Garfield ser residente de uma esfera mais elevada do que a primeira?

Resposta. — Ele não está na primeira esfera por qualquer fraqueza sua, mas como um visitante que procura dar melhor ajuda à sua família pela sua proximidade com eles. Ele chama os sábios de outras esferas para o assistirem. Em breve estará ativo no grande trabalho delineado para ele. S. B.

ARTIGO SEGUNDO

A SURPRESA AO ENTRAR NA VIDA ESPIRITUAL — COMO UMA MÃE SE PRENDE AOS SEUS FILHOS DEIXADOS PARA TRÁS — AMOR FRATERNO NO CÉU — THEODORE PARKER DISCORRENDO SOBRE COMO LEVAR LUZ ÀS IGREJAS DA TERRA — O MINISTRO E O MEMBRO DO SEU REBANHO QUE ELE SEDUZIU — OS ESPIRITUALISTAS DEVEM TER PACIÊNCIA COM A IGREJA E NÃO ATIRAR PEDRA POR PEDRA.

Se não fosse algo tão sério, seria divertido ver os rostos atónitos de alguns que subitamente se encontram na vida Espiritual. As antigas condições prendem-nos tão estreitamente que, em muitos casos, é impossível fazê-los saber que entraram na vida Espiritual. Estão perdidos em tudo quando contemplam outro mundo tão parecido com o vosso mundo. Esperam retomar os antigos deveres. Tenho visto mães que deixaram bebés para trás, tão absortas no antigo amor e cuidado que, se não houvesse uma lei da

natureza a obrigar os Espíritos a permanecer uma parte do tempo no reino Espiritual, passariam cada momento com os seus filhos.

Mas a lei e o objetivo do mundo espiritual é para cima, não para baixo, e embora alguns gravitem tão naturalmente de volta à terra, cada um é compelido a aprender a sua lição de progresso. Não posso escrever sobre todas as diferentes esferas com a minha curta experiência aqui; mas sei que existem, devido às visitas ocasionais de mentes nobres que subiram a grandes alturas. Eles vêm até nós com a mesma ternura amorosa com que nós vamos até vós. Procuram unificar-nos assim como nós procuramos purificar-vos. Damos-vos o que nos é dado a nós. O amor fraterno não é escarnecido como na vossa vida, pois é amplo e belo como o Céu, e é uma parte de Deus. Quem me dera poder dar-vos um retrato fiel de como a alma está ligada à alma, especialmente com aqueles que já superaram a grosseria e o pecado.

De braço dado com um dos grandes trabalhadores da terra, o Juiz Edmonds, fui ao pavilhão onde se realizam os serviços públicos e ouvi Theodore Parker discorrer sobre como levar luz às igrejas da terra (não há igrejas aqui. Ver final do capítulo). Disse ele acreditar que já estavam a ser feitas grandes incursões mesmo pelos médiuns mais humildes na vida terrena; mas o trabalho avançava tão lentamente que estava convencido de que era necessária uma forte concertação de ações na vida Espiritual, através da qual grandes coisas seriam feitas no sentido de desenvolver os ministros, talvez inconscientemente, para pregarem a verdade real.

Mas, disse ele, "isto deve ser feito gradualmente; qualquer demonstração decidida impediria em vez de ajudar". Disse também "que quando o cérebro estava concentrado em qualquer assunto, havia uma melhor oportunidade de tocar todos aqueles acordes magnéticos que devem ser afinados". Falou com emoção sobre o clero da atualidade e expressou espanto por, em muitos casos, pessoas que compreendem esta lei os julgarem tão duramente e pensarem que eles estão intencionalmente a pregar inverdades. As circunstâncias da sua vida e educação tornaram a expiação vicária um facto para eles.

A razão deve ser abafada; o senso comum deve ser considerado o próprio diabo, e tudo deve girar sobre aquele único eixo, "Cristo e Ele crucificado". Pouco se pensa nos princípios do Cristo, mas sim em sangue, sangue o tempo todo. Disse ele: "Tenho visto alguns deles empalidecer e rezar por libertação quando lhes ocorre o pensamento de que, possivelmente, a vida de um homem afinal tenha algo a ver com isso".

Estas e muitas outras palavras foram proferidas, as quais me fizeram pensar que a teoria da expiação através do sangue de Cristo era uma doença, e que muita gente a tinha. Comecei a comparar as vidas de alguns aqui que, na vida terrena, arriscaram tudo nesta doutrina (e logo descobriram que se tinham apoiado num caniço) com aqueles que na vida terrena nada tinham professado, mas muito possuíam. Entre os muitos que aqui conheci, está um que foi clérigo lá e que, sendo de natureza carnal, escolheu uma ovelha do seu rebanho para amar (mas não abertamente), uma que ele tinha batizado, uma confiada ao seu cuidado pelos pais dela. Não eram as suas vestes brancas? Não era ele um dos escolhidos? Mas deste amor profano nasceu um bebé. Palavras duras seguiram-

se. Ele foi admoestado pela Igreja e experimentou novamente o poder salvador do sangue.

Veio para aqui chorado por aqueles a quem tinha partido o pão da vida, após a sua segunda conversão, como um homem justo e bom, totalmente perdoado? Mas a rapariga cuja vida brilhante ele arruinou, o que é feito dela? Ela vaga pela vida terrena, dando um passo para baixo todos os dias, e virá para aqui como um objeto a ser apiedado, erguido e cuidado, na sua jornada eterna, pelo amor angelical. E a criança concebida na maldade, com toda a mácula do pecado pretendido agarrada a ela, terá de encarar a vida duplamente órfã.

E, no entanto, este homem que lá partia o pão da vida está a aprender a sua lição e descobre que não há expiação senão aquela que é vivida, trabalhada; não há perdão para o pecado. Se pudésseis ouvir o que eu ouço, diríeis: homem, mulher, vivei para o vosso eu superior. Tornai as vossas vidas tão imaculadas quanto possível. Limpai e purificai, e conduzi todos os que puderdes para fora do pecado. Não podeis pecar contra Deus, exceto quando pecais contra vós mesmos, pois sois uma parte de Deus. Peço-vos, que sois leitores desta grande obra, que sejais mais pacientes com a igreja; ensinai-lhes que a vossa é uma religião que não vos permite atirar pedra por pedra.

Lembrai-vos, neste campo de batalha da moralidade, que há preconceitos de centenas de anos para quebrar; tão cuidadosamente quanto puderdes, conduzi cada um a beber de fontes mais puras. Em que sois melhores do que os outros, a menos que esta vossa religião entre em cada dia da vossa vida, se manifeste no lar, na oficina, na escola, na quinta, em todas as transações comerciais e esteja, de facto, sempre presente para vos guiar corretamente? Deixai o amor reinar, pois ele é sempre belo, seja no mais alto céu ou no coração de uma criança pequena.

SAMUEL BOWLES

23 DE SETEMBRO DE 1881

Pergunta. — Qual é a lei que obriga a mãe a passar parte do seu tempo no reino espiritual?

Resposta. — Deveis saber que os dois mundos são distintos, ocupando cada um uma posição no espaço, ligados por aqueles acordes magnéticos que (como já expressei anteriormente) nos permitem, pela subtil telegrafia do amor, descer num instante o que nos parece um plano inclinado; por outras palavras, uma escadaria espiritual, e no momento em que somos necessários, colocar-nos em relação direta (*rapport*) com os amados da vida terrena. Portanto, sendo forte o amor da mãe que a liga ao seu bebé, ela passaria de mui boa vontade o seu tempo lá, em vez de procurar aprender aquelas lições mais elevadas que uma alma libertada do terreno precisa de aprender.

A lei que a tornaria disposta a aprender estas lições não é enunciada como o são as leis da vida terrena. Mas espíritos bondosos falam-lhe da necessidade de se elevar acima da condição terrena, das belezas além, da altura a ser alcançada e do maior poder para o bem que pode ser exercido sobre o seu filho ao purificar-se a si mesma.

Quando livre do corpo terreno, o espiritual pode ser influenciado com um poder muito maior do que antes e, embora não sejam ditas palavras com este efeito, existem certos espíritos mais elevados escolhidos para todas as secções para lançar esta influência magnética sobre aqueles que gravitariam de volta; e tal como o magnetizador qualificado no vosso mundo tem poder sobre o seu sujeito, assim são estas almas elevadas e o poder exercido sobre elas, até que um amor pelo belo seja desenvolvido e elas estejam perfeitamente dispostas a seguir em frente, momento em que se tornam também trabalhadoras para silenciosamente elevar os homens das profundezas.

Embora as nossas leis não sejam compreendidas como o são as leis terrenas, os nossos cérebros intuitivos compreendem prontamente a necessidade de obediência para que a harmonia divina não seja perturbada.

Embora não tenhamos os aparelhos da vida terrena com os quais formar as nossas baterias, temos o espírito, a parte atuante de toda a maquinaria que é necessária para o nosso trabalho, e prontamente extraímos da nossa atmosfera tudo o que é necessário para aperfeiçoar e produzir resultados adaptados às vidas que estamos a viver. Tudo o que pode ser feito para tornar as sensibilidades mais agudas é feito e, portanto, o pior inferno que um espírito pode ter é quando ele vê plenamente os pecados da vida e senta-se em julgamento sobre si mesmo. Outras censuras não são necessárias; mas contemplar por um tempo o que a vida poderia ter sido com todas as suas grandes possibilidades, e o que ela foi, é de facto uma humilhação.

Pergunta. — Está correto ao dizer que não têm igrejas?

Resposta. — Posso ter escrito de forma incauta quando disse que não havia igrejas aqui, pois na primeira esfera existem não só locais de reunião para diferentes denominações, mas são feitos esforços para atrair outros para as suas visões particulares. Mas isto participa tanto do terreno que é o desejo e o trabalho dos espíritos avançados desviar a atenção de credos e ismos, e mostrar a tais espíritos como estão a desperdiçar o seu tempo.

Assim, todos estarão, passados algum tempo, concentrados naquilo que promoverá o maior bem, permitindo-lhes ver que já viveram a sua vida terrena, já sofreram o inferno que prepararam com as suas próprias mãos e agora podem encontrar a maior felicidade na **21** religião do amor universal. Assim, eu diria que para o espírito de experiência — a ideia de igreja parece muito pequena — mas ela tem de ser superada, tal como a maioria das experiências do passado.

Pergunta. — Existem edifícios de igrejas e organizações de igrejas em esferas acima da primeira?

Resposta. — Tenho observado edifícios de igrejas e organizações de Católicos, Presbiterianos, Batistas, Metodistas e outros, mais particularmente na primeira esfera; mas na segunda e terceira esferas, embora existam locais de reunião para adoração, as pessoas estão mais unidas; com poucas exceções, abandonam os nomes da antiga igreja e misturam-se. Contudo, existem monomaníacos na questão da igreja mesmo na segunda esfera, que sentem, embora ensinados de outra forma, que as suas antigas ideias religiosas estão corretas.

SAMUEL BOWLES

23 DE SETEMBRO DE 1881

ARTIGO TERCEIRO

COMO OS CRISTÃOS SINCEROS MAS EQUIVOCADOS SÃO RECEBIDOS NA VIDA ESPIRITUAL. — O MINISTRO DESONESTO. — ADVOGADOS, BONS E MAUS. — MÉDICOS, BONS E MAUS. — O PLANO DO SR. BOWLES PARA MÉDICOS PÚBLICOS. — O BEBÉ BEM-VINDO E O NÃO BEM-VINDO.

Durante os anos em que estive na vida espiritual, não estive ocioso. Eu não conseguiria estar ocioso lá e, nesta vida que oferece tantas facilidades de estudo, certamente não posso desperdiçar o meu tempo. Amando as antigas associações, tendo um profundo interesse pelos meus semelhantes, fiz um estudo do que diferentes pessoas experienciam à sua entrada aqui. Não limitei este estudo aos bons e aos grandes, mas procurei aqueles que estavam no nível mais baixo da escala, cuja vida inteira tinha sido uma farsa e cuja entrada na vida espiritual seria o primeiro passo para cima, por mais penoso que fosse.

Observei e escutei as experiências de ministros do evangelho que eram honestos na sua crença. Observei a chegada daqueles que tinham feito do cristianismo uma mercadoria, mas não tinham o espírito. Observei a chegada de advogados eminentes que tinham ganho notoriedade mundial pelo seu sucesso, e também do advogado que não hesitaria perante nada se houvesse dinheiro envolvido. Observei a chegada de médicos que tinham feito do seu trabalho uma parte da sua própria vida, bem como daqueles que, sem consciência ou reflexão, enviaram muitos pelo caminho penoso do consumo de ópio e da intemperança.

Observei a chegada de algumas destas vítimas de um sistema falso, cujo primeiro conhecimento do pecado de qualquer tipo de intemperança começou num leito de doente, e orei por sabedoria para apresentar ao mundo um sistema de educação no qual a nação providencie a instrução de uma classe de pessoas para as quais cada leito de doente não pareça um prémio, mas cujo dever seja cuidar de uma secção de cada cidade ou vila, vigiando as suas necessidades e prevenindo assim a doença, recebendo como

compensação uma quantia fixa de um fundo público. (Ver mais explicações no final do capítulo.)

Tenho visto a receção aqui da mulher pura e daquela que, pela venda de si mesma, se tornou evitada pelos puros. Mesmo nas crianças notei a diferença entre as que nasceram em matrimónio feliz, bem-vindas aos seus lares, recebendo pensamentos puros logo que podiam pensar, e finalmente poupadas à vida terrena porque a doença tinha crestado os botões antes de chegar o tempo da floração. O contraste é grande em relação a uma que nasceu porque não pôde ser morta antes do seu nascimento, indesejada em todos os aspetos, anã na alma e no corpo.

Verdadeiramente esta é uma vida de contrastes, mais exteriormente sentidos do que na terra devido ao nosso poder de pensamento e também ao nosso interesse em cada ato que concorra para formar o grande todo.

Há pouco tempo, com outros, entrei no quarto em que um ministro do evangelho jazia a morrer. Puro na sua vida, ele tinha espalhado em seu redor uma atmosfera de pureza. Caridoso sem ostentação, repreendendo o erro com mais do que a ternura de um pai, ele tinha guiado o seu rebanho durante 40 anos, mas sempre sob a sombra da cruz. A morte para ele era ir para casa — as lágrimas, os soluços daqueles em redor não o perturbavam e, ao sentir a última luta da natureza, a sua visão espiritual abriu-se e ele contemplou alguns de nós que esperávamos.

Um sorriso ilumina o seu rosto enquanto ele diz: “Vejo o meu Salvador ressuscitado; Senhor Jesus, nas tuas mãos entrego o meu espírito”, e, ternamente como uma mãe carregaria o seu bebé, levámo-lo para cima até que o lar do seu pai fosse alcançado e ele fosse cuidado pelas mãos da sua terna mãe. “Qual será o seu despertar?”, pensei eu, e foi-me gentilmente permitido conversar com ele após ele ter descansado. “Oh”, disse ele, “e isto é a verdade!

Se não tivesse sido o meu desejo ser bom em vez de mau, se não tivesse vivido a religião dentro de mim e a ensinado aos outros, se não tivesse lutado para imprimir o princípio de Cristo e vivê-lo, tremo ao pensar no que a minha experiência poderia ter sido, pois de facto vejo que não há eleitos, exceto na medida em que nos elegemos a nós próprios através de uma vida boa; e quem me dera poder chegar à minha antiga igreja e, com uma voz de irresistível ternura, suplicar-lhes todos os dias que estejam mais perto de Deus porque há mais de bom neles.”

Mostrei-lhe, tanto quanto me foi possível, o contraste entre os realmente bons e aqueles que pensavam pecar todas as suas vidas e, no fim, depositar tudo sobre Jesus. E ele também pôde ver que tal doutrina era perniciosa nos seus efeitos e retardava o crescimento espiritual.

Mas, deste quadro, eu voltaria a vossa atenção para um que também foi um ministro do evangelho; cujos sermões brilhantes eram copiados por toda a parte; cuja voz magnética e forte o tornava poderoso em tempos de reavivamento, mas cuja vida estava podre no âmago. Ele tinha vivido uma vida em segredo que muitos trabalhadores

braçais se envergonhariam de ler. Ele tinha seduzido mulheres para fora do caminho da virtude e fizera com que as vidas de crianças por nascer fossem ceifadas.

Contudo, não pelas Obras ele deveria ser salvo e, assim, por mais um pouco de tempo esta maldade continuaria, até que ele lançasse todos os seus pecados sobre Jesus, confiando na escritura que diz: "ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve".

A morte alcançou-o. A sua vida passada encarou-o com força paralisante, mas ele clamou por Jesus e morreu com o nome de Jesus nos seus lábios. O seu despertar foi de cortar o coração. Em vez de pecados perdoados, a sua vida terrena estava toda diante dele. Para onde quer que olhasse, alguma evidência do passado amargo o repreendia. Pois a vida espiritual é como um espelho fiel e mostra a cada um exatamente o que ele é. Disse ele: "Pensei que pudesse lançar tudo sobre Jesus e ser acolhido da mesma forma como se não o tivesse realmente procurado na décima primeira hora". Pobre irmão iludido, escuro é o caminho diante de ti e, pouco a pouco, deves ser limpo dos efeitos de uma vida terrena culpada. Anos, muitos anos, devem passar antes que as manchas escuras de uma vida falsa possam ser removidas.

Filhos da vida terrena, este quadro não é brilhante, mas é verdadeiro, e eu quereria avisar-vos para viverem diariamente uma vida que não vos envergonhásseis de ver exposta. Não confieis em nenhuns amanhãs para a reforma. Começai dentro do recinto da vossa própria vida a limpeza de todo o pecado. Depois, fazei do corpo um templo digno para um espírito puro habitar. Sede senhores de vós mesmos. Expulsai toda a causa cujos efeitos posteriores possam ser perniciosos e lembrai-vos de que ser um homem — ser uma mulher no sentido mais verdadeiro da palavra — é melhor do que ser governante de um reino.

SAMUEL BOWLES

24 DE SETEMBRO DE 1881

Pergunta. — Sr. Bowles, por favor, explique mais detalhadamente a sua ideia de um médico empregado pelo público para prevenir a doença entre o povo.

Resposta. — Tentarei expressar-me mais claramente. O sistema atual deveria ser mudado. Os Estados deveriam criar leis e providenciar faculdades **24** onde cada estudante seria obrigado a aprender como prevenir a doença, bem como a curá-la. Depois, através de um imposto público, que somaria mui pouco por pessoa, pagar a cada médico para cuidar do seu distrito e assistir os doentes. Sem outro pagamento além do seu salário, este médico deveria considerar seu dever, nas suas rondas, zelar pelas condições sanitárias. Ele deveria estabelecer um sistema que fosse educativo até à mais miserável choupana, porque seria seu dever instruir aqueles sob os seus cuidados sobre como se manterem saudáveis. Isto poderia ser feito largamente através de sugestões impressas, ensinando aos humildes que a sujidade significa doença e que a limpeza é vizinha da Divindade.

SAMUEL BOWLES

UMA CRÍTICA GENTIL ÀS MENSAGENS FALSAS DO REV. W. T. EUSTIS, DA IGREJA MEMORIAL, SPRINGFIELD, MASS., SOBRE O TEMA DO ESPIRITUALISMO, DADA NUM SERMÃO A 18 DE SETEMBRO DE 1881. — O SR. BOWLES SEGURA UM ESPELHO DO EVANGELHO PARA O REVERENDO CAVALHEIRO SE VER A SI MESMO.

Extrato do sermão do Rev. Dr. Eustis, conforme relatado no *Springfield (Mass.) Republican*, 19 de Set. de 1881.

"Durante o seu sermão na igreja Memorial ontem de manhã, o Rev. Dr. Eustis discutiu o Espiritualismo desta forma: Nem de novo na necromancia moderna, mal denominada Espiritualismo, com os seus médiuns, trances, pretensão de revelações, posso eu livrar-me da impressão de que há algo semelhante às ilusões de demónios que Cristo dissipou ao restaurar o homem a uma personalidade adequada.

Este comungar com os mortos pode ser considerado um desporto ocioso, mas eu tremeria por ter um filho ou amigo meu tornado vítima deste trato ímpio com espíritos como médium de trance, visto que a condição nervosa antinatural destrói e desajusta a harmonia espiritual e abre a porta para a possessão de Satanás. Quem quer que observe cuidadosamente os semblantes dos executantes durante estes encantamentos perceberá que eles ostentam as marcas de serem ou impostores grosseiros ou fanáticos iludidos, ou vítimas miseráveis, ferramentas, se não agentes, do grande adversário das almas. Quem quer que permita que a mente seja iludida por fantasias ociosas, por sonhos tolos, por ficções selvagens ou por imaginações lascivas, põe em perigo o aprumo e o equilíbrio adequados do espírito e está sujeito a essa perda de balanço que rouba o autocontrolo, mesmo que não percebamos o domínio de malvados, a possessão de demónios, que pertencia ao dia em que a Satanás foi permitida a liberdade por uma estação."

RESPOSTA DO SR. BOWLES.

Há poucos dias, em companhia de outros, eu estava a rever, em vez de entrevistar, os clérigos da nossa cidade (Springfield, Mass.), e por acaso entrei num gabinete de estudo onde, lutando com dúvidas quanto à justiça do seu ato, estava um homem de Deus a preparar um sermão para a igreja Memorial para o dia seguinte. (O amor ao lugar — o amor às associações do lar é sempre forte nos nossos corações, e seria uma grande altura aquela que teríamos de alcançar para esquecermos os nossos lares terrenos e tudo o que lhes está associado.) Percebi, entre outros assuntos, a sua mente concentrada no Espiritualismo.

Mas não foi senão no Domingo que percebi, **26** em toda a sua plenitude, o estigma que ele colocaria sobre uma crença que se está a tornar rapidamente conhecimento para o povo. Homem de Deus, quão cego sois quando vos esforçais por desmentir a única prova tangível que podeis ter da imortalidade. Em qualquer escola que este digno divino tenha aprendido as suas lições sobre Espiritualismo, que classe de médiuns ele tenha

visitado, ele evidentemente sentiu vontade de dizer à sua congregação: “Eu estive lá, mas é pecaminoso para vós irdes”. “Há algo nisso, mas é o diabo”.

Ele tem, nas suas buscas sub-reptícias por esta luz, sido tão infeliz que visitou uma classe de médiuns ainda não desenvolvida para este trabalho e, portanto, não apta para dar aquelas verdades que mentes como a dele procuram. Nós do mundo espiritual, que consideramos qualquer meio de chegar aos nossos entes queridos valioso, mal podemos compreender como um verdadeiro buscador de luz chamará àqueles mencionados na Bíblia como recetores de “dons espirituais”, “executantes”, e à maneira como os pensamentos são dados, “encantamentos”. Estes epítetos descritivos condizem mal com a caridade daquele que disse: “E obras maiores do que estas outros farão”, que vierem depois de mim. Nem ele parou para pensar na voz do céu que disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”. Poderia o reverendo irmão lançar descrédito sobre o mesmo Deus que governou há 1800 anos e que, na história que foi deixada, mostra quão intimamente ligados estão o céu e a terra? Com o espírito de Cristo por guia, como ousa ele dizer: “Eles são ou impostores grosseiros ou fanáticos iludidos, ou vítimas miseráveis, ferramentas, se não agentes, do grande adversário das almas”?

Não disse o Cristo: “Não julgueis, para que não sejais julgados”? E como sabe ele que eles são a encarnação de todo o mal? O espírito de Cristo está longe de vós, temo eu, quando buscais influenciar almas imortais através de afirmações que não podem ser sustentadas. E se Cristo caminhou com os seus discípulos, se uma terceira pessoa apareceu no Monte, se através da Médium de Endor Samuel foi ressuscitado ou materializado, se uma mão materializada apareceu e escreveu uma lição na parede perante os olhos de Belsazar, como haveis de agir, meu irmão?

Dizer ao vosso povo que “a Bíblia é toda verdadeira, exceto na parte que trata do Espiritualismo”? Receio que tereis problemas. Pois não houve “discernidores de espíritos”, “diversos géneros de línguas”, “interpretações de línguas”, “dons de curar” e muitos outros dons prometidos nesta Bíblia? Tirai o Espiritualismo da vossa Bíblia e tereis apenas um esboço monótono de factos que têm apenas um valor histórico, juntamente com preceitos morais que são duplicados em livros muito mais antigos de outras nações. Mas dai a este livro o Espírito, e não luteis contra os seus ensinamentos, e vós tereis um livro que fará um grande trabalho nos corações humanos. “Eu tremeria por ter um filho ou amigo meu tornado vítima deste trato ímpio com espíritos, como médium de trance”, diz o irmão.

Podemos dizer a sua razão para se esquivar disso, se for uma verdade; mas se eu dissesse ao nosso irmão que ele não reverenciava nem amava a sua mãe, pai, irmã ou irmão, que está na vida espiritual, ele declararia ser uma inverdade. Mas certamente ele pode ter pouca confiança neles se não confiasse aqueles que amava nas mãos deles, visto que é apenas natural que um guia da vida espiritual seja escolhido entre aqueles que vos amaram na vida terrena, e que não mais praticariam o mal convosco do que uma mãe terna praticaria o mal contra o seu filho. Irmão, estais a lutar contra o vosso melhor amigo quando tentais afastar do vosso rebanho os factos do retorno e comunhão

espiritual. Colocais um abismo sem ponte entre vós e os vossos entes queridos. Fazeis de Deus um vingador terrível em vez de um pai amoroso, e mostrais que, enquanto tentais caminhar pela fé, não quereis caminhar pela vista. Quão coxa é a filosofia que diz: "As almas são imortais, mas ninguém o sabe". Se pregásseis como eu sinto que acreditais, poderíeis, num sermão, semear sementes para uma colheita rica. Não precisais de enfraquecer a fé em Deus, mas mostrai quão melhor Ele é do que o vosso povo sequer pensa.

E quando eles apenas sonharam com as "pastagens verdejantes e águas tranquilas", mostrai-lhes que o amor eterno tornou o caminho tão claro que os "portões estão escancarados", e que, por mais insignificantes que os humanos sejam, eles podem aumentar as alegrias dos amigos celestiais vivendo vidas puras e sendo fiéis a princípios semelhantes aos de Deus. Vinde para a frente, irmão, e sede um homem; defendei tudo o que o vosso credo vos pode dar que seja belo; mas lembrai-vos de que lições simples que ensinam sobre os efeitos que se seguem às causas serão melhor compreendidas e farão mais para proteger o vosso rebanho dos erros da era atual do que esforçar-vos (enquanto vós mesmos nem sequer adivinhais) por ensinar-lhes como três Deuses podem fazer um só Deus! Isto é escrito num espírito gentil — aceitai-o da mesma forma.

SAMUEL BOWLES 27 DE SETEMBRO DE 1881.

ARTIGO QUARTO

AS PESSOAS ANTES DA MORTE PROMETEM MUITAS VEZES O QUE NÃO PODEM CUMPRIR DEPOIS DA MORTE. — A JOVEM QUE PROMETEU SENTAR-SE NUMA CADEIRA. — ADVOGADOS, BONS E MAUS, CONTRASTADOS. —POR QUE OS ADVOGADOS SÃO RARAMENTE CRISTÃOS.

As observações de muitas pessoas quanto ao que farão quando chegarem à vida espiritual são, para alguém com experiência, altamente divertidas. Não há muito tempo, ouvi uma jovem que estava há algum tempo num declínio prometer que, se os seus pais colocassem sempre a cadeira dela à mesa, ela própria a ocuparia de uma forma que eles a pudessem ver e desfrutar da sua presença. Ora, não há ninguém naquela família que tenha presentemente poder mediúnico suficiente para produzir um minúsculo golpe, e eu pensei: pobre rapariga, a desilusão espera-te; pois, embora sejas capaz de te sentar na cadeira e saber o que se passa no lar, sob o desenvolvimento atual, será impossível para os teus amigos terem qualquer ideia tangível da tua presença. Tal como a criança aprende, dia após dia, as suas lições, assim os espíritos, ignorantes da lei inevitável, têm de aprender o caminho para chegar aos seus amigos.

Durante muito tempo é como enviar recados, e por vezes através de terceiras mãos. Mas isto pode, em certa medida, ser remediado por um conhecimento mais perfeito da verdade em ambos os lados. Quanto mais cedo cada um de vós reconhecer

que existe um elemento em vós que pode, com o vosso consentimento e ajuda, ser utilizado pelo mundo espiritual, mais perto está o controlo espiritual direto dos vossos entes queridos.

Como prometi anteriormente entrar em detalhes sobre o desenvolvimento de médiuns, dedicarei um capítulo a esse trabalho num dia próximo e, entretanto, prosseguirei com os contrastes que têm vindo sob a minha observação.

Os advogados na vida terrena raramente são cristãos, devido ao efeito do seu estudo profundo; sendo a própria essência do seu trabalho os factos, eles não podem aceitar a fé, e embora muitos deles, para autoengrandecimento, se unam a igrejas, os seus corações não estão nelas. Para alguns, a incerteza quanto ao futuro gera um espírito de temeridade, e eles esforçam-se por se fazerem acreditar que o grande acerto final não significa nada, em lugar nenhum.

Tenho estudado com profundo interesse os factos ligados à entrada na vida espiritual de advogados notáveis pela sua habilidade, também notáveis por trabalharem com o maior zelo em casos onde sentiam que a razão estava do seu lado, e notei que a sua experiência terrena tornava muito mais fácil para eles adaptarem-se aos modos de uma existência espiritual objetiva. Contudo, a força do hábito era tão forte que não é invulgar vê-los por aqui a tentar "preparar um caso".

Tais espíritos tornam-se auxílios valiosos para advogados na vida terrena que sejam de alguma forma sensíveis, e que muitas vezes espantam os que estão na sala do tribunal, pois, não obstante as evidências parecerem estar contra eles, contudo tão poderoso foi o argumento que o júri caiu sob o feitiço magnético e virou a maré noutra direção. Que poder para o bem está personificado em cada um desta profissão que chega à vida espiritual com ideias fixas de retidão e empenhado em bons resultados para todo o trabalho em que se interessam. E quão oposta é a receção e o trabalho espiritual de homens perspicazes que fazem da lei o seu degrau para o ganho terreno, quer o resultado desse trabalho fosse bom ou mau. Inquietos em espírito, com um anseio constante pela antiga excitação, eles, mesmo na vida espiritual, até serem melhor ensinados, geram discórdia.

O pão da vida terrena foi ganho ajudando a levar por diante os antagonismos dos seus semelhantes. Eles não tinham simpatia por ambientes pacíficos, mas sim pela contenda, e a consciência, por tanto tempo aquietada pelo poderoso opiáceo do lucro, acorda e revê com eles o passado. Mostra-lhes homens e mulheres injustiçados que tinham sido traídos para a assinatura de algum papel que lhes levaria tudo. Mostra-lhes onde as contendas foram encorajadas, quando uma palavra gentil teria trazido a paz.

Mostra-lhes crianças órfãs de pai vagando na ignorância, enquanto aquilo que as deveria ter educado, por algum estratagema da lei, foi parar aos seus bolsos. Amigos, não espereis que a vida espiritual vos dê aquilo que não vos esforçais por cultivar na vida terrena e, se o princípio não estiver ao leme e não entrar em todos os vossos empreendimentos, a vida espiritual, a grande reveladora do passado, trará como um panorama diante de vós pensamentos de:

"Pecados cometidos enquanto a consciência dormia, Promessas feitas mas nunca cumpridas, Ódio, batalha e discórdia."

SAMUEL BOWLES. 24 DE SETEMBRO

ARTIGO QUINTO

A VIDA ESPIRITUAL É UM CAMPO ABERTO DE ESTUDO. — O PERIGO DE GANHAR DINHEIRO EM DEMASIA. — ELE DESCREVE A ENTRADA NA VIDA ESPIRITUAL DO DR. DAVID P. SMITH, DE SPRINGFIELD, MASS., E A ENTRADA DE OUTRO MÉDICO DE MAU CARÁTER. — OS EFEITOS TERRÍVEIS NO ESPÍRITO DEVIDO AO USO DE OPIÁCEOS E ESTIMULANTES DADOS POR MÉDICOS.

As mentes mais elevadas são geralmente aquelas que sentem mais a sua inferioridade. O estudo intenso sobre qualquer assunto mostra ao buscador que ele está apenas no limiar de grandes possibilidades. A vida espiritual é um campo aberto para todos os estudantes honestos. O tempo passou para nós em que o dinheiro pode ser de qualquer interesse, exceto enquanto serve para tornar mais felizes os nossos amigos terrenos. Contudo, fiéis às suas antigas ambições, alguns espíritos estudam mais para os interesses monetários dos seus amigos terrenos do que para conhecer as belezas do além. E muitos na vida terrena, de quem se diz que "tudo o que tocam se transforma em ouro", têm como guias espirituais aqueles que estão a tentar viver as antigas ambições e sentem grande satisfação em entrar em contacto tão próximo com aquilo pelo qual as suas vidas inteiras foram gastas.

Que tal tutela é perigosa, não preciso de dizer, pois para cada homem ou mulher pensante deve chegar esta conclusão: sendo tão pouco da vida concedida aos homens no plano material, comparado com a eternidade da espiritual, não seria melhor dedicar a maior parte do estudo e do pensamento ao que seria de maior benefício e pelo tempo mais longo? Eu não quereria depreciar qualquer esforço honesto para reunir em vosso redor o que vos dará conforto e auxílio aos desafortunados. Mas sei, por observação, que no turbilhão enlouquecedor que rodeia a maioria dos homens abastados de hoje, há

pouco tempo para cultivar aquelas qualidades mais divinas que fazem o homem depois de ele se ter despedido da vida terrena.

Este espírito ganancioso não está apenas naqueles que fazem da vida um sucesso conforme o mundo o entende, mas pode ser encontrado em muitos que estão sempre a lutar pelo ouro mas nunca sucedem, e que não perdem oportunidade de ganhar algo de uma vida apenas um degrau abaixo da sua. Quem me dera que todos pudessem ver a necessidade de uma fraternidade tão universal onde o pagamento justo pelo trabalho honesto é considerado correto, e onde a extremidade de uma pessoa não possa ser considerada a oportunidade de outra. Mas destes pensamentos desviar-me-ei e retomarei os fios emaranhados de contrastes onde os deixei, e dar-vos-ei um retrato fiel da entrada de dois médicos na vida espiritual.

Tenho diante de mim um amado e honrado nesta vossa cidade[1], não só por mim, mas por centenas que sentiram a sua bondade quando a dor era senhora e, conhecendo a sua vida lá, sabendo como ele se esquivava de fazer o mal ou de receitar medicamentos, mesmo quando os seus livros afirmavam ser o correto; que quando algum hipocondríaco precisava de remédio, ele muitas vezes dava o que era remédio apenas no nome, sabendo que na vida terrena ele tinha uma perceção aguda de hábitos formados através de remédios dados por médicos; que muitas vezes, ao visitá-lo, em vez de ser dada medicina e cobrada uma taxa, conselhos gentis eram distribuídos livremente; um homem que na vossa cidade exerceu um enorme poder para o bem, e um cuja memória hoje é valorizada por milhares de pessoas; sabendo que o tempo do meu antigo amigo tinha chegado e que ele deveria soltar o seu aperto na vida terrena, eu estava à sua cabeceira, cheio de memórias de como ele tinha estado à minha cabeceira, de como ele me tinha animado, amado, sido meu irmão em todo o caminho.

O meu amado amigo tinha encarado a vida, dia após dia, e fora senhor de si mesmo, e quando o balanço do breve dia da vida chegou, ele nunca vacilou, mas sentiu no seu âmago que tinha tentado fazer o seu melhor. Parece que a própria natureza, ao levar os seus homens bons para casa, tem por vezes o poder de afastar todo o pensamento triste, toda a dor, e deixar o espírito mais livre para experienciar as belezas do termo mui mal compreendido, Morte. Pois foi com regozijo que o meu irmão apertou a minha mão com as suas novas mãos e disse: “A vida é uma realidade em todo o percurso”, e sem um suspiro pelo antigo corpo descansando finalmente, ele estava ansioso por aprender mais e mais sobre o seu novo ambiente.

Mas uma multidão zelosa impediu o seu caminho e mãos bondosas foram-lhe estendidas em boas-vindas. “O que significa isto?”, disse ele, “estas pessoas, a maioria delas, parecem-me estranhas”. “Não, não estranhas”, disse uma voz convicta perto dele. “Estes são amigos a quem, na sua vida como médico, ajudou durante a doença e o problema, e que agora de mui boa vontade prestariam algum tributo do seu apreço”. “Não foi nada, nada”, disse o meu bom irmão; mas a mão de uma mulher foi-lhe estendida e, numa voz tremendo de emoção, ela disse: “É algo, oh, tanto. Enquanto estava na vida terrena, o meu amado filho esteve mui doente. Médicos foram chamados. Por um tempo, a esperança morreu dentro de nós e, finalmente, pelo uso de opiáceos e

estimulantes, houve uma recuperação parcial. Mas o meu rapaz, dantes alegre, era um escravo daquilo que pensávamos ter-lhe salvo a vida.

Desanimada, e temendo que nunca [1] *Springfield, Mass.* teria o meu amado filho de volta, mandei chamar-vos, e vós, gentilmente como uma mãe guiaria os passos do seu bebé, tiraste-lo daquele hábito vil do qual ele era vítima e, reduzindo a cada dia a quantidade de estimulantes e dirigindo a sua mente para a importância de ser senhor de si mesmo, guiaste-lo para fora daquele vale escuro, e o resultado é um homem honrado, que não consegue erguer a mão alto o suficiente contra esse sistema que, ao dar força artificial ao corpo, degrada a alma". Nesta receção ao meu irmão houve muitos outros tributos tocantes à utilidade da sua vida passada e ele, com lágrimas nos olhos, apertou a minha mão e disse: "Afinal, vale a pena ser um homem".

Mas desviai-vos comigo deste quadro encantador para os primeiros dias na vida espiritual de um homem que era um médico popular e um homem de damas. Habituado na vida terrena à homenagem daqueles em seu redor, sabendo bem que algumas das suas prescrições eram dadas para proteger um irmão do estigma de comprar um copo ou dois, e para dar à sua compra um ar distinto chamando-lhe "remédio", o nosso personagem oposto achou-se mui necessário para certas classes de pessoas. Descobri que, ao ser alguém que ajuda a arruinar outros, ele não tinha saído imaculado e, assim, em muitos casos este médico participava dos mesmos remédios que tinha prescrito para outros, e tornou-se ele próprio um escravo do hábito.

Mas ele era rico (a riqueza tinha-lhe vindo dos sacrifícios de outros); e como todos os homens que ganharam distinção no mundo são pranteados quando partem, assim foi ele pranteado por pesado crepe e sinais exteriores de dor. Com o seu primeiro despertar aqui veio a desilusão, pois ele, no fim, tinha lançado tudo sobre Jesus e esperava, sob a sombra da cruz, ter todas as deficiências do passado ignoradas. Não foi assim; o seu inferno começou primeiro nas memórias e continuou com recriminações. Mulheres com corações tristes e olhos lacrimosos diziam: "Por que é que por dinheiro me tornaste parceira no crime e roubaste ao meu bebé por nascer a sua vida terrena? Os seus olhos inocentes olhando tristemente para mim são um constante reproche, e eu, a mãe, não sou considerada apta para o instruir e guiar porque o assassínio marcou a sua entrada aqui". Depois vieram até ele homens ceifados no vigor dos seus dias, que através dele tinham provado pela primeira vez o cálice inebriante e exigiam-lhe loucamente retribuição por uma vida desperdiçada; mulheres, com fome de ópio tão forte sobre elas que até a vida espiritual era uma farsa terrível se não pudessem novamente desfrutar da droga vil. E este tributo ao passado lançaram-no aos seus pés, perguntando-lhe com censura se ele estava contente com o seu trabalho.

Teologia, poderíeis imaginar um inferno maior do que este? Contudo, não é um **33** esboço de fantasia, pois por toda a vossa grande terra há médicos que criam, através da sua prática diária, estes infernos para outros bem como para si mesmos. Espero que nem um único recue perante a lição desta triste vida, mas que estude bem o que ela pode significar para si, o que pode significar para cada um que, pelo esquecimento diário do que é justo, está a preparar o seu próprio castigo; e a vós, médicos, que destes o melhor

das vossas vidas ao estudo de como curar corpos doentes, acautelai-vos para que, ao fazerdes o vosso trabalho, não deixeis almas doentes!

SAMUEL BOWLES

26 DE SETEMBRO DE 1881

ARTIGO SEXTO*

A TOCANTE LEMBRANÇA DO SR. BOWLES DA SUA ESPOSA DEIXADA PARA TRÁS. — O MERCEEIRO DESONESTO CONTRASTADO COM O MERCEEIRO HONESTO.

Para os espíritos que não são residentes há muito tempo deste país superior, há um gozo constante no facto de que, embora sejamos livres para investigar tudo o que seria a nossa mais alta conceção de beleza, contudo, a um chamamento do coração de qualquer ente querido, nos é permitido e ajudado voltar para junto deles, derramando sobre as suas mentes obscurecidas toda a luz possível; e mesmo que eles não estejam cientes da verdade do retorno espiritual, perguntar-se-ão como é que o fardo foi levantado dos seus corações. Tal tem sido a minha abençoada missão quando a grande dor do coração impeliu mãos a cuidar da hera na minha sepultura. Eu estendi a mão e sussurrei em sussurros do coração, a própria linguagem do amor, para aquela que na vida terrena era o meu ideal de mulher, e que, agora com a luz do céu ao meu redor, evoca todo o cuidado protetor da minha natureza. Surge sempre o pensamento de que, tal como as mãos gentis dela adornaram o meu lar terreno, assim eu, em gratidão pelo passado, tão cheio de memórias, embelezarei e tornarei acolhedor o nosso lar que tem o seu lugar entre as muitas mansões. Mas não devo negligenciar os meus retratos escritos do presente nas minhas antecipações do futuro.

O grande número que chega a cada hora ao mundo espiritual fornece um vasto campo de estudo; e tal como vos mostrei os efeitos das vidas de alguns profissionais na vida espiritual, voltarei agora para os caminhos mais humildes e mostrar-vos-ei a diferença de sentimento entre homens de negócios ao serem introduzidos nos seus novos lares. Tenho em mente um proeminente merceeiro, alguém que na vida terrena subira do trabalho humilde de ardina para uma posição onde ele mandava, e muitos obedeciam.

Tinha tido sucesso, no sentido pleno da palavra, pecuniariamente, pois não importa que calamidade se abate sobre um povo, este tem de ser alimentado e, portanto, quando a guerra afeta tristemente os retalhistas de bens têxteis ou de luxo, o merceeiro avança calmamente, não fazendo qualquer alteração, exceto para aumentar o preço do stock antigo e ser mais exigente quanto aos pagamentos. Este merceeiro, eu o retrataria, tinha um olho para o negócio em todos os aspetos; a igreja mais influente do lugar dava-lhe as boas-vindas, enquanto o seu nome encabeçava muitas vezes listas de subscrição que teriam uma vasta circulação.

Poucos conseguiam em tão pouco tempo fazer bom vinagre de sidra a partir de ácidos, ou ter tanto sucesso em readulterar todas as suas mercadorias: areia extra para açúcar extra, embora muitos preferissem ter a sua areia e o açúcar separados; peixe tão humedecido que apresentava a aparência de ter acabado de vir do mar e, de facto, tudo a que a farsa pudesse ser ligada ajudava a encher os bolsos do nosso merceeiro milionário. Mas a morte alcançou-o. Ele foi elogiado e pranteado lá, depois esquecido, exceto pelos poucos a quem os laços de parentesco o ligavam.

Aqui ele está a aprender esta lição, pois por cada cêntimo de que voluntariamente roubou o mundo através do seu negócio, ele deve sofrer arrependimentos inumeráveis. Ele voltaria de boa vontade atrás se pudesse apenas ser acreditado, e faria restituição de alguns atos, mas faz parte do plano da natureza que ele deva continuar a sofrer. Apareceu-lhe, não há muito tempo, um jovem que passara para a vida espiritual numa rixa de bêbados, e disse a este merceeiro: "Lembra-se de mim?" "Não", foi a resposta. "Bem, eu posso fazê-lo lembrar-se, pois aos catorze anos eu era um moço de recados, e depois empregado na sua loja, e oxalá nunca lá tivesse ido". "Porquê?", perguntou o merceeiro. "Bem, eu tinha sido educado cuidadosamente pela minha mãe e, acima de tudo, levado a pensar que 'a honestidade era a melhor política', e que qualquer coisa fora da mais estrita honra era um pecado. A minha mãe não era membro de nenhuma igreja, o senhor era. Ela confiou-me a si e, como o oleiro molda o seu barro, assim o senhor me fez servir o seu propósito.

Fui ensinado em cada truque do ofício, e pude ver que, com pesos curtos e readulterações, pelo menos um quinto de todos os seus ganhos eram roubados. "O senhor deu-me bons conselhos aos domingos, mas a minha reverência pela honestidade tinha partido e, com uma consciência cauterizada, comecei a roubar-lhe antes de o deixar e, uma vez tendo começado a descer a encosta, foi fácil; pois um pecado levou a outro, até que cada bom impulso desapareceu, e as minhas últimas recordações da vida terrena foram uma mistura horrível de embriaguez, vileza e profanidade". "Este é então o meu trabalho", disse o merceeiro, "e agora vamos, de mãos dadas, procurar purificar-nos e, quando estivermos aptos, voltar à vida terrena e emprestar a nossa influência para purificar os negócios e ensinar aos homens que nada pode ser tão trivial lá que não deixe a sua marca na alma depois de esta ter abandonado o corpo".

Mal me tinha desviado desta cena quando conversei com um do mesmo ramo, que na vida terrena não tinha tido sucesso. "Tentei ser honesto", disse ele, "mas outras firmas estavam constantemente a vender mais barato do que eu e, embora eu pudesse sempre garantir a boa qualidade das minhas mercadorias, as multidões passavam por mim e compravam a preços mais baixos misturas noutros lugares. Mas uma coisa tenho para me confortar: tanto quanto qualquer pessoa de negócios pode manter a honra em todas as suas transações, eu tentei fazê-lo, e estou confiante de que me sinto melhor por isso aqui". "E sentir-se-á melhor quando souber realmente alguns dos efeitos do seu exemplo", disse um jovem perto dele, "pois quem quer que o senhor tenha empregado deixou-o com a sensação de que havia honra no seu coração, que levava a sua religião para todo o lado e deixava que ela guiasse as suas ações. Embora a sua colheita de

dinheiro na vida terrena tenha sido pequena, a sua colheita de almas aqui será grande, ou pelo menos daqueles que foram tornados melhores homens e melhores mulheres pela sua vida, brilhando pura e verdadeira, onde tantas vidas foram obscurecidas pelas suas ações".

Assim, amigos, não desprezeis as "pequenas coisas", lembrai-vos de que são os nadas que fazem o grande todo. Como homens e mulheres, usai a vossa razão e vede se, quando os dias estão a passar tão rapidamente, tendes algum tempo para fazer o mal, e vede se não será melhor cultivar a vossa própria consciência e não prender a vossa crença a qualquer incerteza.

SAMUEL BOWLES. 27 DE SETEMBRO.

ARTIGO SÉTIMO

O FUNERAL DE GARFIELD NA TERRA. — E. V. WILSON RELATA A SUA EXPERIÊNCIA DESDE A SUA ENTRADA NA VIDA ESPIRITUAL — FANNY CONANT. — ACHSA W. SPRAGUE E ROSA T. AMEDEY — TRIBUTO A LUTHER COLBY.

Uma nação, sim, quase um mundo estava de luto ontem. Onde quer que as multidões estivessem reunidas, havia um sentimento de quietude e pesar, como se no tributo que estavam a prestar ao presidente falecido devesse sempre pairar algo desta tristeza. Mas hoje a maré atarefada flui. Os emblemas de luto são removidos, e a criança salta em frente concentrada no brincar, a mulher nos deveres de casa, o homem nos seus negócios. E é bom que assim seja, pois os corações não podem estar sempre tristes; e, de facto, não perdestes o vosso presidente.

Ninguém morto! ninguém perdido, exceto aqueles que perdem a luz das suas almas e continuam a vaguear nas trevas. Benta verdade! É o caminho para fora de todos os credos e dogmas falsos. "Estás a dar espaço para a experiência de muitas almas, meu irmão, agora não darás espaço no teu livro para as experiências de um médium que percorreu a vasta terra tentando fazer o bem?" E ao eu assentir, E. V. Wilson apertou a minha mão e disse: "Anjos te abençoem". Tão fielmente quanto puder, pelas palavras deste veterano contarei a sua história. "Durante alguns dias tinha sentido uma consciência interior de que o mortal estava a ceder. Dores agudas atravessavam o meu peito e coração, e surgiu uma languidez geral que eu não tinha experimentado antes nos meus muitos ataques. A minha benta Mary tentou atrair a minha atenção em muitas direções; embora desse pouca expressão ao medo, ainda assim os seus olhos vigilantes estavam sobre mim, e penso que o laço de amor nunca foi tão forte entre nós como quando estávamos à espera do mensageiro. Ele veio numa noite em que eu estava sentado na minha cadeira, e o meu humilde lar* foi iluminado pela presença de inúmeros espíritos.

Os meus antigos amigos de casa pressionaram-me ao redor e levaram a memória de volta aos dias da infância. Associados de anos posteriores, com rostos brilhantes,

vieram levar-me para casa. “Estava contente por ir; a viagem da minha vida tivera muito de felicidade, mas, afinal, fora maioritariamente um trabalho árduo. Não estava assustado, mas antes olhava com curiosidade para mim próprio elevando-me para fora de mim próprio. Ali estava o antigo corpo, e no entanto eu estava vestido em poucos momentos num corpo para mim tão tangível como o antigo. Congratulações choveram sobre mim.

Os entes queridos deram tais boas-vindas como nunca surgiram na vida terrena e, de braço dado com os queridos, avançámos. ‘Não queres descansar agora?’, disse um antigo amigo. ‘Não, senhor, quero ver onde estou, o que sou e o que é a vida espiritual. Vindo para aqui, como eu supunha, amadurecido no conhecimento do espiritualismo, confesso que fiquei surpreendido ao encontrar tudo tão espantosamente real’.

** Não sabendo se isto estaria correto, escrevemos à Sra. E. V. Wilson para saber, e recebemos a seguinte resposta: STAR PUBLISHING CO. LOMBARD, DUPAGE CO., ILL., 13 de Outubro de 1881. Star Publishing Co.: SENHORES. — O vosso postal de inquérito foi recebido. Perguntam se o “ataque de morte do Sr. Wilson ocorreu enquanto ele estava sentado na sua cadeira”. Sim; ele estava sentado na sua poltrona e deu o último suspiro. “Ele teve dores no peito e no coração?” Sim; ele acordou do sono e, segundo todas as aparências, foi acometido de um espasmo de dor no coração e por todo o peito, e deu o último suspiro mui subitamente, dizendo apenas estas palavras: Isto é a morte, ou será isto a morte? Não conseguimos distinguir qual das duas, e ele partiu.*

Respeitosamente, SRA. E. V. WILSON. EMMSOFF FARM.

“Depois vieram até mim as evidências do trabalho da minha vida. Mal pensava eu, quando estava a usar a grande ‘marreta’ da verdade, que seria capaz de encontrar o número de pessoas que encontrei, que prontamente reconhecem que através da minha mediunidade foram iniciadas no caminho certo. Pensamentos felizes vieram-me de um passado que trouxera estes resultados. A minha curiosidade era tão grande que, antes de estar quarenta e oito horas na vida espiritual, tinha visitado e controlado vários médiuns; e em vez de sentir vontade de abandonar o trabalho da minha vida, comecei a olhar em redor e a ver como poderia fazer o maior bem.

Cedo descobri que os médiuns são tão necessários aqui como na vida terrena; por exemplo, a vida espiritual está cheia de espíritos não desenvolvidos, que obtêm grande força ao voltarem a alcançar aqueles que amaram. “Mas a falta de disciplina terrena enfraqueceu de tal modo o seu julgamento que a aproximação próxima aos seus entes queridos com vista a controlar algum médium para chegar até eles, desequilibra de tal modo esses espíritos que, em muitos casos, são recebidas comunicações não fiáveis, fazendo com que o médium sofra o reproche e seja chamado de farsa, quando ele é meramente o instrumento imperfeito dos vossos amigos espirituais.

Portanto, para obviar esta dificuldade, esforçamo-nos por colocar ao redor de todos os médiuns da terra aqueles que são espíritos médiuns, para que os pensamentos possam ser transmitidos mais perfeitamente. “Vós na vida terrena que pensais ser um

assunto tão trivial visitar um médium, e sois por vezes tão duros nos vossos julgamentos a respeito deles, pouco sabeis o enorme poder necessário para organizar as baterias espirituais de modo que o pensamento correto possa ser transmitido à terra. Se cada um, em vez de menosprezar um esforço porque não foi compreendido, pudesse saber como os vossos entes queridos vigiam e esperam para vos enviar notícias, vós ao menos lançaríeis um sentimento mais gentil, e não trabalharíeis segundo o princípio de que quanto pior fizerdes um médium sentir-se, melhores mensagens obterão.

Eu estou agora no início deste meu trabalho eterno, sentindo-me grato por cada disciplina que a vida terrena me deu, e estou mais do que disposto a marchar em frente, sendo um poder no mundo espiritual como a minha mediunidade foi um poder lá para a verdade. "E agora peço-vos, como irmãos e irmãs da vida terrena, que amem e acarinhem a minha memória, fazendo boas ações à minha família. Estou grato por todos os esforços nessa direção, e sei que tereis prazer em fazer esse pouco por mim, enquanto eu, deste lado, trabalho para trazer os factos mais vividamente do que fiz lá. "Todas as desilusões que a vida espiritual me trouxe foram desilusões felizes, pois a verdade eterna é-me representada como nunca antes. Sinto vontade de me curvar em reverência aos Poderes que governam e que, das discórdias da vida terrena, extraem material para a harmonia eterna".

Antes que o irmão Wilson acabasse de falar, vieram de braço dado três das pioneiras, na vida terrena, da causa espiritual: Fanny Conant, Achsa Sprague e Rosa T. Amedey. Disse a Sra. Conant: "Nós percebemos o grande trabalho que estais a fazer, e nós, como trabalhadoras que estivemos entre as primeiras a lançar mãos rudes sobre credos e a demonstrar as verdades da comunhão espiritual, enviaríamos uma saudação de volta aos queridos por toda a nação, que estiveram dispostos a pôr as mãos no arado do progresso, para nunca voltarem atrás. Mas muito especialmente diríamos aos médiuns: não temais se o vosso trabalho for por mais pequeno que seja, ele conta, e cada esforço para vos capacitardes para um melhor trabalho é visto e apreciado pelos vigilantes zelosos deste lado.

Para o conforto daqueles médiuns cujo trabalho espiritual lhes fez perder o lar e muitos amigos, que ouvem constantemente os escarros daqueles que vos rodeiam, dizemos: não temais, ser um instrumento para os anjos não é coisa leve, e embora possa trazer cruzes e trevas lá, colocar-vos-á muitos degraus acima na vida espiritual, e permitir-vos-á retomar o vosso trabalho com um cântico de alegria. Irmãos e irmãs médiuns, tentai sentir a importância das vossas vidas, e que recebestes um batismo dos anjos".

Ela falou então com emoção sobre o querido jornal antigo (*Banner of Light*) que enviava as mensagens dadas através do organismo dela, e desejou que eu pedisse aos espiritualistas por toda a terra para darem auxílio em todos os sentidos a Luther Colby (editor do *Banner of Light*), que se mantivera inabalável quando o seu trabalho foi atacado, apenas se importando, se fosse uma verdade, em demonstrá-la ao mundo. "Anjos o abençoem", disse ela, "e a todos os nobres homens e mulheres que estiveram

dispostos a apoiar uma causa desde a sua infância, até que ela assumiu as proporções gigantescas do espiritualismo de hoje".

Descubro médiuns na vida espiritual tão ansiosos pela disseminação da verdade que nenhum trabalho seria considerado um sacrifício; e embora encontre crentes nas Igrejas aparentemente zelosos no seu trabalho, contudo o senso comum e a experiência aqui ensinam-lhes que a força motriz saiu da sua religião. Nenhum inferno eterno para evitar, nenhum sangue para os ajudar a sair dos pecados passados. Assim, a conclusão deve ser: quanto mais puro a morte vos encontrar, mais alto e mais agradável será o vosso trabalho espiritual.

SAMUEL BOWLES. 24 DE SETEMBRO DE 1881

ARTIGO OITAVO

COMO A NOSSA VIDA DIÁRIA AFETA OS NOSSOS ESPÍRITOS. — O TERRÍVEL DESTINO DA MÃE E DO PAI QUE CONSENTEM NA MORTE DOS SEUS BEBÉS POR NASCER, E O DESTINO PIOR DO ABORTISTA QUE OS MATA. — UM ABORTISTA DE SPRINGFIELD DESCRITO.

Toquei nos contrastes entre pessoas boas e más na vida profissional e nos negócios, e levaria de boa vontade estes contrastes para as ocupações mais humildes dos homens, mas creio que percebeis o meu propósito, que é mostrar-vos que as leis da natureza vos colocaram como residentes da terra com um fim. Aqueles que passaram para a vida espiritual veem o grande desperdício envolvido pela falta de uma educação adequada. Portanto, é nosso dever ajudar a educar as pessoas da terra, e ensinar-lhes que os atos vividos sobrevivem após a morte, que nada é trivial, que cada hora significa algo, seja para a vossa felicidade eterna, ou algo para retardar essa felicidade; e quando se tem uma visão correta deste facto, isso mostrar-vos-á que todo o tempo é pior do que desperdiçado se não tender para purificar, física e espiritualmente.

Tal como as ervas daninhas no vosso jardim, em pouco tempo, ultrapassarão em muito os seus frutos, assim vós, com o jardim da alma para cuidar, deveis ver quão mais rápido é o crescimento do mal do que o crescimento do bem. Eu gostaria que o espiritualismo entrasse em tudo, guiando a criança no seu brincar, o estudante no seu trabalho e o estadista no seu poder, mostrando que todas as almas imortais são preciosas e capazes de um crescimento assombroso para o bem ou para o mal. Enquanto os cristãos dizem ao espiritualismo: "vai-te daqui", eles não sabem que poder estão a tentar lançar de lado. Nem sabem a ajuda que lhes viria ao aceitarem a única prova real de imortalidade que a vida dá, além dos registos das histórias sagradas. Mas é tão inútil eu esforçar-me por abrir os seus corações com estes meus pequenos esforços, como para um rapaz esperar derrubar um edifício imponente atirando-lhe seixos. Eles devem aprender a deixar entrar a luz como outrora aprenderam a descartar a teoria da danação infantil, ou a doutrina do enxofre como um ingrediente no fogo do inferno ortodoxo.

Depois de escrever no outro dia sobre a experiência de dois médicos à entrada na vida espiritual, a minha mente foi mui forçosamente chamada de volta a isso ao presenciar uma cena onde dois corações maternais estavam a tentar dirigir os passos de uma que, mesmo na vida espiritual, era uma maníaca. “Se me levarem para ali e me deixarem sozinha, eles virão a correr dizer-me repetidamente que eu os matei”, e gritos rasgaram o ar depois de esta pobre infeliz ser convencida a valer-se de um dos hospitais para almas doentes.

Ouvi a história dela através de alguém que a conhecera na vida terrena. Disse ela: “Nenhuma rapariga mais bela existiu do que esta pobre alma doente à idade de dezasseis anos. Rodeada de amor, com todas as vantagens que a riqueza podia dar, era a filha mimada da moda. Mas as influências no seu lar não eram enobrecedoras. Parecer bem, vestir-se bem, dançar bem e cativar o sexo oposto era a soma total da sua existência. Contudo, mesmo com estes traços, havia muito que era amável na sua natureza e, tivesse a sua mãe visto a necessidade de instilar pensamentos e princípios puros na sua mente, ela poderia ter sido salva. A independência americana deveria colocar os seus filhos numa elevação demasiado alta para os ter a cair e a adorar a nobreza estrangeira.

Mas tal não é o caso. Ser honrado pela atenção de alguém da classe contra a qual os nossos pais lutaram para se libertarem parece, para algumas pessoas, ser de grande importância. O título de nobre é considerado de mais valor do que a posse de um bom caráter. Em vez de proteger a sua filha de tal conhecimento, esta mãe encorajou-o e, à idade de dezoito anos, a virtude da sua filha tinha sido depositada no altar de uma falsa nobreza. Pois este homem não era nem titulado nem rico e, depois de pedir emprestado todo o dinheiro que pôde ao pai da rapariga enquanto ‘esperava por fundos’, ele desapareceu.

O rosto abatido da filha cedo contou a sua história, e o médico da família foi chamado e, sob estrita promessa de sigilo, uma pequena vida foi enviada na sua missão para a eternidade. A filha recuperou; ninguém, exceto os interessados, soube deste pecado secreto. O seu coração cedo sarou da antiga ferida e, no espaço de um ano, ela deu a sua mão em casamento a um do mesmo círculo social que o dela. Era jovem e alegre, e não podia dedicar o seu tempo à maternidade e, por isso, um após outro, a mãe sacrificou os seus bebés por nascer. Finalmente farta da vida mundana, decidiu que seria realmente bom ter uma criança para alegrar a casa, e determinou permitir que a natureza seguisse o seu curso.

Mas a natureza vinga sempre os seus próprios erros. Com todo o cuidado que pôde ser usado, ela não conseguia passar do mês em que costumava enviar os seus filhos para a vida espiritual. Esta mulher, em algum grau, descobriu o seu erro enquanto na vida terrena, pois quando o seu coração solitário clamava por companhia, a resposta para si mesma era: ‘Eu não mereço a bênção dos filhos, dei o melhor da minha vida à moda. Ultrajei a minha natureza melhor e agora estou a tentar dar este pobre resto de uma vida desperdiçada para gerar aquilo que todos estes anos estive a impedir’. Tão

intenso foi o seu pensamento sobre este assunto nos muitos dias de doença, que o seu cérebro ficou doente, e ela deixou a terra e entrou na vida espiritual maníaca.

O laço subtil sempre existente entre mãe e filho diz-lhe constantemente quais são os seus filhos, e a frieza e o evitamento deles para com ela é, de facto, o inferno para ela. Ela geme pela sua juventude perdida, reza para que a praga não esteja sempre sobre os seus filhos, mas até agora não ocorreu qualquer intercâmbio reconfortante entre mãe e filhos. As crianças, tão anãs em relação ao que poderiam ter sido, requerem o cuidado mais sábio dos melhores professores. Carrancudas e desconfiadas nas suas naturezas, elas são, de facto, um tributo adequado para depositar no altar da moda". "Quanto tempo antes que um melhor estado de coisas surja?", pergunto eu. "Tanto tempo", disse ela, "que as crianças nascerão na vida terrena, envelhecerão e virão para aqui e encontrarão estes pobres abandonados pouco mais progredidos do que agora.

Embora tudo seja feito para todas as partes que seja possível, contudo leva muito tempo para que a fonte lamacenta de uma alma imortal se torne pura". Ponderei longamente se este era um tema adequado para colocar perante vós aqui, ou se seria corretamente compreendido, mas finalmente decidi que, compreendido ou não, cumpriria o meu dever; e se eu puder por este artigo deter a mão de um abortista (e tenho em mente um na vossa cidade cujas mãos estão vermelhas com o sangue de inocentes massacrados), ou fazer com que uma mulher pare na sua carreira de maldade, eu enfrentaria de boa vontade todas as objeções possíveis dizendo que apenas cumpri o meu dever. Mulheres que leem isto, pesquisem o vosso passado e vejam o que vos encarará na eternidade e, se não se sentem capazes de assumir todas as responsabilidades da vida conjugal, não entrem nessa relação; pois tão certo como a existência continuada é um facto, o vosso pecado vos descobrirá. Nem a mãe que permite estes erros e se torna cúmplice deles sofre sozinha.

O marido, absorto nos negócios e na diversão, pode não parar para pensar lá, mas será levado a pensar aqui. O reproche para ele é igualmente grande, pois embora a sua mão não tenha cometido o ato, ele pagou ao abortista para o fazer e, portanto, torna-se cúmplice do crime de assassinar os seus próprios filhos. A sua virilidade é rebaixada, o seu autorrespeito perdido. É um castigo severo passar por um longo período através da vida espiritual com a cabeça baixa, mal ousando levantá-la porque espera olhares de reproche. Não precisamos de mulheres mexeriqueiras para contar contos aqui, pois se pararmos para ler, cada alma tem mais ou menos uma história gravada em letras indeléveis no seu rosto, e a vida espiritual mostra-nos uns aos outros como somos.

Mas se a mãe e o pai sofrem desta forma, as palavras falharão em retratar os sofrimentos de uma pessoa que construiu mansões custosas, comprou cavalos finos e todos os dias foi invejada pelos seus irmãos aparentemente menos afortunados. Como observei anteriormente, a minha mente volta-se para um na vossa cidade que, embora possa não ser geralmente sabido, deve a maior parte do seu sucesso monetário ao ceifar de vidas humanas. Ele não considera agora isso um pecado e, conforme pensa, dará ideias sábias sobre quando há vida no feto, e sorri piedosamente perante a ignorância

que pensa que o aborto pode ser errado em qualquer período. Ele está a desfrutar da riqueza que lhe veio à custa da vida.

É respeitado, e agora atende uma classe de pacientes de entre os ricos; portanto, está disposto a abandonar as classes baixas nas quais primeiro tentou as suas experiências. Mas se eu pudesse hoje traçar um retrato escrito dele como ele é, e depois outro do que ele será na vida espiritual, isso faria o coração mais firme vacilar. Pois na vida espiritual não pode haver riqueza, exceto aquela que provém de uma vida honesta. Assim que o homem for despido de todos os adornos, ele sobressairá como é: perverso, manchado de sangue; um mais perverso do que o tradicional Herodes, porque as mães choraram. Mas em assassínios deste género a mãe é cúmplice, e quer-se dinheiro, não poder. Pensai nas crianças a fugir como de uma pestilência à sua aproximação, pois aqui às crianças não se dizem inverdades, nem são despachadas com respostas descuidadas.

Diz-se-lhes a verdade e elas sabem que os seus amigos não as levarão ao erro. Não consigo ver senão trevas por um longo tempo para tal vida. Eu ajudaria muitos se pudesse, mas a lei é imutável e deve ser obedecida. Homens e mulheres que fizeram desta prática perigosa e ilegal uma parte da vossa vida, estou a escrever para vós, e peço-vos que estudem cuidadosamente este capítulo. Descreiam dele se quiserem, digam tudo o que puderem contra ele, mas lembrem-se de que acordarão na eternidade para o encontrar como uma realidade terrível.*

SAMUEL BOWLES

FOLHA NONA

O INTERESSE INDIVIDUAL DE CADA ESPÍRITO PELA SUA PRÓPRIA FAMÍLIA É RETIDO. — A VASTIDÃO DO MUNDO ESPIRITUAL — ESTE ENVOLVE A TERRA COMO UMA CASCA DE OVO — O CÉU CHINÊS. — O CÉU NEGRO. — UM ESPÍRITO NEGRO NÃO É BRANCO — OS ESPÍRITOS SOBRE A PALESTINA — A SUA IGNORÂNCIA SOBRE AS CENAS BÍBLICAS REPRESENTADAS NA SUA TERRA.

O desejo vincado, exibido por todos os que estão na vida espiritual há tempo suficiente para verem a necessidade de que uma grande obra seja feita por vós, por vezes surpreende-me. A vida terrena dá o sentimento de "cada um por si"; a vida espiritual dá o sentimento de "trabalharemos pela reforma em toda a parte". Ainda assim, a maioria retém interesse individual suficiente para que seja mais fácil trabalhar para os parentes, ou fazer o bem a alguma sociedade na vida terrena a que estivessem ligados, do que serem demasiado promíscuos nos seus esforços.

O vosso mundo é vasto; levaria uma vida inteira a visitar as suas cidades, vilas, aldeias e a sua ampla extensão de montanha e planície. Mas pensem em tudo isso e terão uma ideia muito inadequada da vastidão do mundo espiritual; pois ele envolve a vossa terra como uma casca de ovo envolve o ovo. Estendendo-se cada vez mais para fora da terra, encontram-se as esferas distintas de que já leram. Na Bíblia, fala-se da terceira esfera onde se diz de alguém que foi "arrebatado ao terceiro céu".

Tal como existem diferentes nações em diferentes lados da vossa terra, assim verifico que na parte que circunda a China existe um céu ou reino chinês na vida espiritual; também aquela que está sobre África é povoada por aqueles que desfrutam de um céu africano. E como é natural que aqueles da mesma nacionalidade se congreguem, verifico que espíritos de diferentes raças e cores, embora possam visitar outras porções dos reinos espirituais, são muito mais felizes por terem os seus lares espirituais com os da sua própria espécie. A ideia alimentada por alguns, de que um negro é branco na vida espiritual, é antagónica às leis da natureza, pois, como os espíritos retêm a sua personalidade e características, seria despropositado ver a cor de um africano alterada enquanto ele ainda retivesse os lábios grossos e o nariz chato da sua nação.

Aqui relatarei uma experiência que tive ao visitar uma secção do céu negro. Na vida terrena, ter visitado o país correspondente ter-me-ia levado meses. Aqui, querer é fazer, e gasta-se muito pouco tempo na mudança de lugares. "Gostarias de ver como os filhos dessa raça injustiçada vivem e se divertem?", disse um irmão que passara o melhor dos seus dias na causa antiesclavagista (Isaac Post, de Rochester, N.Y.).

Perante o meu consentimento, fomos rapidamente conduzidos ao local onde milhares de pessoas de cor estavam reunidas, muitas fazendo gestos e falando numa língua que eu não conseguia compreender, e mostrando sinais de raiva porque certos pequenos deuses que tinham trazido consigo para adorar (fac-símiles dos seus deuses terrenos) não eram de todo considerados essenciais pelos instrutores ali presentes.

O céu não seria o céu para um negro americano devoto se não pudesse ter reuniões de oração reais. Cena mais interessante nunca presenciei. Orações, exortações, cânticos, tudo realizado daquela maneira selvagem habitual à raça; e "Louvado seja o Senhor" e "O Seu Reino Está a Chegar" eram cantados com poder por aquela vasta assembleia. Passado algum tempo, a quietude foi restaurada e homens de cultura, embora pertencentes a essa raça, falaram longa e seriamente, mostrando-lhes como educar-se e como poderiam ajudar os seus amigos terrenos. Os seus olhos escuros encheram-se de lágrimas ante o pensamento de alcançar os entes queridos que ainda se encontram no cativeiro da ignorância, e ajudá-los despertando neles um forte desejo por aquela verdade que lhes traria algo melhor do que a vida lhes tinha dado até então.

Em tudo o que pude ver daquele vasto número, parecia haver um desejo de aprender, um desejo de elevar as suas vidas espirituais ao mesmo padrão das de outros que eles quase tinham invejado. Depois, ao visitar os seus lares, descobri que cada casa correspondia ao gosto e refinamento do seu ocupante. Aqueles filhos de climas soalheiros que chegam à vida espiritual vindos da sua própria nação, mal compreendem como outros podem gostar de estar fechados entre quatro paredes. A sua vida errante não lhes instilara no coração este sentimento de lar e, por conseguinte, a educação deve fazê-lo.

Indo mais adiante, encontrámos os filhos da nação chinesa. Aqui vi muitas cenas tristes. A sua vida terrena egoísta, o seu agarrar a tudo o que podiam alcançar sem consideração pela propriedade alheia, deixou muitos deles moralmente doentes. É

difícil, entre as classes mais baixas desta nação, estabelecer a ordem, tão estreitamente ligados estavam alguns deles à vida terrena pelos seus gostos e vidas. Em vários casos, encontrei tais espíritos em relação direta com amigos terrenos, desfrutando do odor fétido que subia dos antros de fumadores de ópio da China.

Enojado e desgostoso com a visão, apressei-me a visitar melhores porções do seu reino espiritual, desejando fervorosamente que chegue o tempo em que uma educação adequada seja dada a todos os filhos da vida terrena. Naquela porção do mundo espiritual que ensombra a Palestina, a terra da história sagrada, encontrei muito que me surpreendeu. Na nossa terra, a Bíblia é, por alguns, suposta ser a fonte de luz e refinamento e a educadora do mundo. Mas adjacente aos locais onde as cenas da história cristã foram representadas, encontrei espíritos que tinham vindo em ignorância das lições mais comuns da vida. Os mais elevados que vi nessa esfera, que tinham vindo desse país famoso, não podiam comparar-se em intelecto ou educação com a média das pessoas dos nossos próprios Estados Unidos.

Na vida espiritual, enquanto observava os céus azuis sobre a Palestina, senti vontade de dizer: "Céu abençoe um país cujas instituições já deram tanta luz, e abençoe um povo que considera a educação necessária para as massas"; e, afastando-me destas cenas, encontrei de bom grado o caminho de volta ao meu amado lar espiritual.

SAMUEL BOWLES

30 DE SETEMBRO DE 1881

A RAZÃO PELA QUAL NENHUMA FOLHA FOI ESCRITA HOJE

1 DE OUTUBRO. Minha Senhora, perdoe-me por não cumprir a minha promessa de escrever todos os dias. Tenho estado, de facto, hoje, a tomar notas não só das disposições hospitalares (aludindo ao hospital para almas doentes mencionado no último capítulo), mas das demonstrações feitas na primeira receção pública de Garfield desde que entrou na Vida Espiritual. Foi um dia carregado de grande interesse para mim, e que será de interesse em toda a terra que o amou. Vós na terra direis que é impossível; no céu ele é um dos menores, e lá só honram Jesus.

Estranhas ideias que alguns têm, pensando que quando toda a vossa terra estava envolta em luto, nós do mundo espiritual não tínhamos entusiasmo suficiente para promover qualquer tipo de receção. Mas tivemos, e eu contar-vos-ei sobre isso. E a senhora (a médium), por favor, evite sentir-se cansada. Não pretendemos que escreva mais hoje, mas gostaríamos que descansasse o máximo possível para que amanhã, se a sua condição for boa, eu possa dar os dois capítulos importantes de que falei. S. B.

FOLHA DÉCIMA

OS HOSPITAIS PARA ALMAS DOENTES NA VIDA ESPIRITUAL — O SR. BOWLES VISITA UM — COMO O FUMAR LEVA À EMBRIAGUEZ. — AS SUAS OPINIÕES SOBRE O TRATAMENTO ADEQUADO DOS INSANOS, DERIVADAS DAS SUAS OBSERVAÇÕES DOS HOSPITAIS ESPIRITUAIS PARA OS INSANOS. — OS MÉTODOS ESPIRITUAIS DE CURAR ALMAS DOENTES COM O CONSUMO DE ÓPIO, EMBRIAGUEZ E INDISCRIÇÕES SEXUAIS NA VIDA TERRENA.

Algumas horas foram recentemente passadas por mim a percorrer o hospital para almas doentes, mencionado numa folha anterior. Embora os espíritos desta classe não estejam propriamente confinados ali, quando não são atraídos de volta à vida terrena, palco da sua antiga maldade, preferem permanecer maioritariamente retirados neste e noutros centenas de edifícios do género, pois a luz de lares felizes, o riso de crianças alegres, os sorrisos dos idosos que subiram através de grande tribulação e saíram vencedores, os incomodam.

Esta vasta estrutura tinha longos corredores que passavam pelo edifício principal e pelas duas alas. A partir destes corredores, em cada um dos três andares, havia quartos grandes e arejados, com números nas portas. No primeiro andar, uma parte do espaço era dedicada a duas grandes salas de estar e a uma biblioteca, repleta de livros escolhidos. Instrumentos musicais estavam nos diferentes aposentos, e as amplas portas abriam-se para relvados como veludo, enquanto à vista estavam jardins com todas as variedades de flores que vós valorizais na vida terrena. O edifício parecia-me de alvenaria sólida; e, contudo, com todas as suas torres e pilares, não me transmitia uma ideia de peso, como fazem os vossos edifícios.

Encontrei aquela parte do edifício ocupada por bêbedos muito cheia; e no departamento para os homens, questionei vários e descobri que a causa da sua presente condição lamentável surgiu de fumarem o primeiro charuto ou mascarem o primeiro tabaco. Era penoso ouvi-los contar as suas histórias sobre a ruína das suas vidas. Um que terminara a sua carreira no cadafalso, como punição por um assassinato cometido numa briga de bêbedos, deu-me este relato:

"Nasci de pais respeitáveis e, lamento dizê-lo, ricos, e todos os desejos infantis foram concedidos. Raramente vejo a minha mãe agora, pois ela ainda está na vida terrena, e a mudança que nela causei é chocante de contemplar. Ela era tão feliz, tão alegre, sempre a dar festas e a fazer-me surpresas, e nunca uma palavra indelicada saiu dos seus lábios. Mas agora, oh Deus, que mudança! Cabelos brancos, olhos encovados, lamentando constantemente o seu filho no inferno, pois ela é uma crente honesta na religião ortodoxa e nunca espera ver-me novamente.

Mas voltando àqueles velhos tempos. Aos dezasseis anos fui enviado para a escola, não para uma onde reinasse a ordem, mas para uma escola com o nome de um lugar para preparar 'jovens cavalheiros para a universidade'. Ninguém podia dar-se ao luxo de entrar naquela escola, exceto aqueles que eram ricos. Enquanto todas as contas fossem pagas, os professores tinham pouco a dizer sobre a nossa conduta. Ali aprendi a

fumar. No início fiquei muito enjoado, mas continuei a tentar até que os rapazes já não me chamavam 'bebé', mas pensavam que eu era bem um homem. Finalmente, novos rapazes da cidade entraram na nossa escola, e começámos a ter ceias sub-reptícias, que todos ajudávamos a fornecer, e diferentes tipos de vinhos foram introduzidos. Desde o momento em que bebi o primeiro copo, estava perdido. Nunca esteve no aparador em casa, e desde então descobri a razão. Foi porque o meu pai não se atrevia a confiar em si mesmo à vista disso, e não ousava inalar o odor, pois havia uma mácula hereditária na sua natureza que o fazia ansiar por isso.

Bem, as nossas ceias e farras selvagens continuaram e, numa noite, recordo-me, insultei grosseiramente uma senhora na rua." "Poderei ser eu agora a contar a minha própria história?", disse ele, apertando as mãos contra a cabeça. "Sim, é tudo demasiado verdade." "Bem, nunca fui para a universidade. Fui para casa, prometi à nossa gente que faria melhor e depois, oh que vergonha, tirei uma grande quantia de dinheiro do cofre do meu pai e fugi. Visitei a Califórnia, naveguei por muitas águas e aprendi a jogar. Por vezes ficava sem um cêntimo e, no dia seguinte, era possuidor de milhares. A minha reverência pela feminilidade tinha desaparecido.

Por vezes era perturbado por sonhos com a minha mãe, mas continuava. Sabe, senhor, uma pessoa raramente entra nos rápidos de qualquer Niágara sem cair nas cataratas. Bem, os anos passaram. A minha consciência tornou-se tão cauterizada que nunca sussurrei o meu nome verdadeiro, mas usei diferentes pseudónimos até o fim chegar. Então confessei-o, e foi isso que quebrou o coração da minha mãe. Matei um camarada na mesa de jogo. Fui preso e, aos vinte e oito anos de idade, terminei a minha vida terrena no cadafalso. No início estava cheio de vingança contra aqueles que tinham provocado a minha morte. Fugia de espíritos bondosos que tentavam persuadir-me a vir para este lugar.

Mas a bondade deles venceu-me completamente, e descubro que tenho algo por que viver. Sempre que vou ter com a minha mãe, vejo que ela, como disse antes, perdeu a esperança de me voltar a ver, e quero fazer-lhe uma surpresa. Quero tirar todas estas grandes manchas da minha alma para que, quando ela vier para cá, um dos primeiros rostos que verá a dar-lhe as boas-vindas seja o meu; e não um rosto de que se horrorize, mas um para amar; e quando ela souber que o grande Governante do universo é muito melhor do que ela alguma vez sonhou, não ficará feliz por apertar as mãos do seu único filho?"

"E quanto ao seu pai?", perguntei. "Oh, bem, ele não é como a minha mãe, pois em vez de se importar tanto com a minha alma imortal, o meu nome é uma palavra proibida e ele apenas se importa com a mancha no nome da família." "Têm médicos reais aqui?" "Sim, aqueles que removem e extraem o pecado da alma pela conversa, o melhor tipo de médicos, certamente."

Um após outro tinham vindo dos seus quartos para o amplo corredor para ouvir esta história do seu companheiro, e lágrimas viris foram derramadas, porque eles também tinham histórias semelhantes de uma vida terrena desperdiçada e teriam de bom

grado contado as suas. Mas segui para outros departamentos e encontrei mulheres que, como já disse antes, eram ainda maníacas. Mas mãos gentis as conduziam, as mãos daqueles que tinham vindo em condições semelhantes da vida terrena e, tendo recebido os benefícios deste hospital, agora tornam-se os instrutores mais eficientes. Olhando para uma classe daqueles cujas mentes estavam ainda perturbadas, perguntei o que mais os acalmava, e a resposta foi: a música.

Fui à grande biblioteca onde instrumentos musicais de muitos tipos eram tocados por executantes habilidosos, e parecia que um vislumbre do céu chegava aos seus intelectos obscurecidos e dava algum pensamento de um futuro belo mesmo para eles. Estes maníacos não eram violentos, por regra. Estavam apenas tão desanimados que raramente falavam ou eram vistos a sorrir. Alguns deles tinham chegado ali maníacos por tendência hereditária. Mas disseram-me que era mais fácil ajudar esse tipo do que aqueles que sofriam de remorso agudo, fosse por cometerem assassinato, aborto ou qualquer pecado que pesasse fortemente nas suas consciências. Não tenho espaço para descrever a grande variedade dentro daquele hospital, mas julgaria que havia trezentos que precisavam de assistentes especiais, e que assistentes gentis!

Parece-me que se nos hospitais da terra para os doentes e insanos houvesse apenas um pouco deste tipo de auxílio exibido, as recuperações seriam muito mais rápidas e frequentes. Nunca uma palavra impaciente, nunca um olhar de censura, mas cada um destes vigilantes tem um forte poder magnético sobre estas pobres almas, de modo que, quando no seu pior, mesmo quando tão mal a ponto de voltarem à vida terrena e cometerem algum mal contra um sensitivo ali, eles podem segui-los, lançar este poder sobre eles e conduzi-los de volta ao seu lar tranquilo.

Como a ordem é a primeira lei do Céu, cada vigilante tem o seu tempo para o trabalho e para o lazer e estudo, de modo que nenhuma alma seja sobrecarregada. Penso ouvir-vos perguntar sobre os livros na biblioteca. "São livros reais?" Por que não? Por que não pode o belo espírito da vossa literatura vir até nós, cada obra purificada para a tornar adequada para ensinar as almas? E por que não pode haver muitos livros novos que tenham a sua origem aqui e possam ainda por algum escriba ser dados a vós da terra? Os livros são livros reais, como descobrireis quando vierem para cá. O nosso mundo está cheio de quadros. Pensais que os grandes mestres estiveram a dormir todos estes anos e não deixaram marcos ao longo do caminho enquanto passavam para os céus mais elevados?

Portanto, não levanteis a vossa mão contra a materialidade do mundo que descrevo, pois chamariam belo a qualquer lugar despojado de todos os adornos? E certamente a terra brilhante esperada e cantada por muitos poetas do passado deve conter tudo o que a pode aperfeiçoar, e tudo o que pode responder à mais alta conceção do belo em cada alma que aqui entra.

Posso ter falhado em medida na minha descrição deste hospital para almas doentes, porque mal sei por onde começar e onde terminar, tal a variedade que me foi

apresentada. Mas, pelo menos, dei-vos a ideia de que sempre que o nosso poder é forte o suficiente para atrair das redondezas terrenas, há cuidado para cada alma doente.

SAMUEL BOWLES

2 DE OUTUBRO DE 1881. *Pergunta:* — Não será o método de congregar muitas pessoas insanas num grande hospital um método defeituoso no vosso mundo, como parece a muitos ser aqui?

Resposta: — Não o aconselho como regra no vosso mundo, porque conheço os maus resultados tal como os vossos hospitais são geridos atualmente (havendo muito poucos assistentes saudáveis). Mas sei que aqui os assistentes são tão numerosos; as facilidades para a recuperação tão grandes, o controlo magnético tão poderoso que, em vez de esta concentração de pessoas doentes as tornar piores, parece haver uma luta pela recuperação e uma alegria ao verem os outros a melhorar, pois isso dá-lhes nova esperança. A primeira lição que lhes é incutida é que não estão bem, que devem crescer para fora disso e, por isso, esforçam-se tanto mais pela recuperação.

Claro que existem casos isolados onde um maníaco tem de ser mantido longe de outros e rodeado por intelectos saudáveis, mas eles cedo preferem entrar no que para eles é uma escola de progresso e fazer o seu próprio caminho para cima. Como creio ter descrito veridicamente até onde fui, mostrarei passado algum tempo como cada um é recebido com alegria no seu lar espiritual e naturalmente recai na rotina da vida doméstica.

Podeis perguntar: se eles estão nessa condição, não é melhor para eles permanecerem nos seus próprios lares espirituais com os seus próprios amigos? Eu digo não, não é, pois o amor do lar e os sentimentos a que se devem entregar tornam a vida doméstica perigosa. Pessoas que não têm os afetos do parentesco com que lidar podem administrar a disciplina e a ordem com muito melhor efeito. S. B.

Pergunta: — Como gostaria que os insanos fossem tratados na vida terrena? Serão os grandes hospitais melhores do que qualquer outro método? Se não, o que substituiria? Como impedem a passagem de magnetismo doentio de uma alma doente para outra nos vossos hospitais espirituais? Não seria melhor em ambos os mundos isolar os insanos uns dos outros e rodeá-los de pessoas magnéticas saudáveis? Quais são os vossos métodos para curar almas doentes do consumo de ópio, ingestão de álcool, uso de tabaco ou deboche sexual?

Resposta: — Mal me sinto competente para dar quaisquer direções decididas sobre o cuidado com os insanos aí, mas penso que a teoria de mantê-los sempre rodeados pelos seus próprios parentes em casa está errada, pois o amor humano tende a ser demasiado leniente para com o seu objeto, tanto que as pessoas insanas no vosso mundo, após descobrirem que têm o poder, irão além de um homem são na astúcia. Além disso, exceto em locais especialmente preparados, não existem pessoas suficientes para guardar contra ataques de violência.

Portanto, a minha ideia sobre o cuidado com os insanos aí seria que aqueles que fossem irremediavelmente insanos e violentos deveriam ser mantidos, tanto quanto possível (pelo menos em edifícios diferentes), daqueles que sofrem de um tipo ligeiro de insanidade. Mas os assistentes aí deveriam ser aqueles que fizeram do magnetismo um estudo e que conhecem o poder da vontade. Em vez da força bruta frequentemente usada e do terrível "colete" frequentemente usado, eles deveriam conquistar olhando diretamente nos olhos e, a partir de uma força de vontade superior, compelir à obediência. Nos hospitais terrestres para os insanos não há o suficiente que apele ao coração; belas imagens, um cenário encantador para o qual os pacientes possam olhar, flores adoráveis dadas a eles — embora eles as desfaçam.

Chegará às suas mentes obscurecidas, a partir da beleza da cor e do odor, alguma memória de um passado que foi mais brilhante. Na vida terrena, muitos casos de aparente insanidade são casos de obsessão por alguns espíritos degradados, que não fomos capazes de trazer para os nossos lugares de cura. Portanto, se a vossa terra se tornar alguma vez suficientemente liberal para receber o bem de qualquer direção, muito pode ser alcançado permitindo que pessoas na vossa vida que têm este dom mediúnico em grande grau vão até eles e afastem pela vontade os espíritos obsessores, tal como nos tempos antigos os demónios (maus espíritos) eram expulsos por alguém mais poderoso do que eles.

Cada instituição deve possuir muitos assistentes, tantos que os maníacos tenham as suas mentes atraídas pelas ações daqueles que estão mentalmente sãos, em vez de pelas alucinações dos dementes.

Não apenas os assistentes, mas as pessoas das terras circundantes deveriam estudar a causa e a cura destes casos tristes e, tal como se dedicam a trabalhos de amor para com os doentes do corpo, assim deveriam interessar-se pela restauração destas mentes doentes e, de forma ordenada, cumprir um dever cristão. O sentimento de que os assistentes são pagos para isso — "deixem-nos fazer o trabalho" — é um sentimento que nunca deveria entrar num coração humano. Aqueles que têm a mente doente deveriam ser não apenas um cuidado da nação, mas trabalhos individuais de amor deveriam ser-lhes dados livremente em toda a vossa terra.

Perguntais se não seria melhor que essas almas doentes fossem mantidas separadas por medo do contacto magnético, ou da passagem de uma para outra da aura doentia. Creio que tem havido cabeças sábias e corações amorosos a trabalhar durante muitos anos para construir estes benditos refúgios para almas doentes, e que eles têm agido tão sabiamente quanto lhes é possível agir.

A vida espiritual é demasiado bela para ter qualquer lar manchado por um intelecto doente. Lembrai-vos, no nosso mundo existe um poder de controlo. De modo que um espírito não pode piorar, a menos que esteja constantemente na esfera terrena e em contacto com o terreno. Mas nestes benditos lares hospitalares, como eu disse, a primeira lição ensinada àqueles de intelecto doente é que eles precisam de ajuda; e em vez de a sua atenção ser atraída em demasia uns pelos outros, um intelecto saudável

exerce um encanto sobre eles, e o controlo magnético dos assistentes sobre eles é tão grande que existe uma luta para sarar. O lar que os espera é-lhes descrito diariamente, e eles estão sempre a trabalhar para ficarem suficientemente bem para irem para lá.

A insanidade hereditária não é tão difícil de curar como aquela que provém do remorso, surgindo de uma vida má. Em muitos casos onde a insanidade é produzida no vosso mundo por algum mal físico, as pessoas ficam inteiramente curadas ao tornarem-se espíritos. Elas deixam a insanidade que veio do corpo, com o corpo físico.

Mas as almas doentes com que temos de lidar nos nossos hospitais são principalmente aquelas que conheciam o que era correto, mas não o escolheram. Os métodos de cura para a embriaguez, o consumo de ópio ou qualquer outro mal são geralmente os mesmos. Tais espíritos são invariavelmente encontrados a recusar ir com os seus amigos para os lares espirituais, preferindo permanecer em estreita ligação com a vida terrena e procurar entregar-se novamente aos maus hábitos dos dias passados. Um sensitivo que cedeu à bebida desmedida tem geralmente vários espíritos ao seu redor, instando-o a beber mais, pois o espírito do licor é suficiente por algum tempo para satisfazer estas pobres almas. O hálito do fumador de ópio é constantemente inalado por aqueles espíritos que estavam sujeitos a esse vício, e assim a parte mais fina da droga é por eles utilizada.

Em referência à vossa pergunta sobre as indiscrições sexuais, eu diria que cada casa de prostituição na vossa terra tem números desconhecidos que procuram o prazer sexual através daqueles da vida terrena — e estas casas são toleradas, aliás, em alguns casos licenciadas por uma nação poderosa! Estes espíritos devem, através da bondade e de súplicas, ser resgatados dos seus redutos terrenos e ensinados passo a passo a odiar as suas vidas passadas. Não primeiro mostrando-lhes toda a sua crueza, mas mostrando-lhes que bondade existe neles, atiçando essa pequena centelha para a vida e depois, quando a tentação cai sobre eles de forma tão forte que escapam a toda a nossa bondade, trabalhamos pacientemente e conquistamo-los de volta. Eles são ensinados, tanto quanto possível, a deixar que os pecados passados morram com o velho corpo, e tudo o que tornaria os corações felizes, apelando ao seu amor pelo belo, lhes é mostrado. Eles também são levados a ver o grande mal que estão a fazer àqueles na vida terrena, ao fazerem-nos fazer mais do que fariam de outra forma se não fossem influenciados por estes espíritos.

Assim, gradualmente, são conduzidos para o belo e levados a sentir um desejo ansioso de saírem imaculados e entrarem nos lares dos seus entes queridos, sem o sentimento de total indignidade que sentem quando veem pela primeira vez o seu pecado em todo o seu colorido vívido. Bendita terra espiritual, profundas seriam as feridas que o pecado pudesse fazer, que os amorosos da vida espiritual não pudessem curar.

Questão: — Quais são os nomes dos instrumentos de música que viu na biblioteca do hospital?

Resp.: — Um belo piano, uma harpa, uma cítara e um instrumento com o qual não estou familiarizado, que tem algumas das propriedades do antigo saltério, um violino, guitarra e muitos arranjos peculiares para música ao redor da sala, apresentando-me a aparência de fios retos, mas que quando tocados, ainda que levemente, produziam sons belos. Havia um grande órgão num salão adjacente que ajudava a dar profundidade à música. Todos estes eram tocados por dedos habilidosos que sabiam que havia cura para as almas doentes em tão requintada música.

SAMUEL BOWLES

2 DE OUTUBRO

FOLHA DÉCIMA PRIMEIRA

RECEÇÃO PÚBLICA AO PRESIDENTE GARFIELD NA VIDA ESPIRITUAL. — AS DECORAÇÕES. — MÚSICA. — A CANÇÃO FAVORITA DE GARFIELD. — DISCURSOS DE GEORGE WASHINGTON, ABRAHAM LINCOLN, GENERAL BURNSIDE, HENRY CLAY, LORD BEACONSFIELD. — A RESPOSTA DE GARFIELD.

Esse vosso grande mundo mostrou um apreço pelo vosso Presidente caído, nunca igualado nos anais da vossa história. Desde as classes mais altas da sociedade até às mais baixas, o seu nome será uma palavra familiar. Tomando posse na cadeira presidencial e vivendo alguns meses até que a bala do assassino o atingisse, cheio de ansiedade pelo maior bem do seu povo, ele fez para si um nome que viverá para sempre na história, e oferece mais um exemplo onde um homem bom se tornou merecidamente popular.

Mas para vós, como nação, o mundo espiritual olha para esta catástrofe como uma disciplina que deve ser sentida, e espera que de entre vós possa ainda surgir outro com um poder salvador, e que das profundezas da política possa, através desta experiência, evoluir algo nobre; e que esta simpatia de outros continue, e que o governo, que não será perturbado pela passagem para a Vida Espiritual de um homem, sacuda de si as intrigas que homens de coração falso procuraram tornar parte dele, e se destaque ainda mais claramente perante as nações da terra.

Mas da perda do mundo voltar-nos-íamos para o círculo familiar, que não chora hoje por um Presidente, mas a mãe pelo filho que deu à luz, a esposa pelo marido do seu coração, enquanto o grito angustiado dos filhos é "pai, pai". Toda a outra dor se afunda no nada perante esta grande dor, e se estivesse hoje no seu poder sussurrar-lhes uma palavra, ele desviaria as suas mentes do choque de quando a bala do assassino fez o seu trabalho, dos longos dias de sofrimento, das orações agonizantes pela recuperação, das esperanças e medos alternados, da cena da morte, que foi para ele o verdadeiro nascimento, fora da angústia, fora da sombra, para a vida eterna.

É sobre o Garfield ressuscitado que eu escreveria, e oxalá pudesse empunhar a pena com um poder tão grande que vos fizesse sentir o que eu e outros sentimos, quando sobre a nossa bela vida espiritual houve sinos de alegria a tocar, e preparativos

feitos para dar àquele que tinha tido benditos dias de descanso, uma receção na vida espiritual. Tal como no vosso mundo, em luto por ele, tivemos diferentes pontos onde se realizaram reuniões.

Coube-me a mim assistir à maior multidão que alguma vez vi na vida espiritual. Na vossa terra houve grande agitação nos vossos preparativos; na nossa, prevaleceu a maior harmonia de ação, cada um parecia conhecer o seu dever e desempenhava-o. Arcos de sempre-verdes entrelaçados com flores eram frequentes no caminho que ele devia percorrer para chegar ao grande pavilhão. Crianças com corações felizes espalhavam flores por todo o caminho.

O grande palanque era uma massa de flores entrelaçadas com musgos e fetos, e cada assento de honra nele foi tornado belo por decorações florais, enquanto silenciosamente, quase reverentemente, representantes de outras nações colocavam as bandeiras dos seus países num círculo em redor das nossas gloriosas estrelas e listas. Que reunião! Durante horas as multidões aproximaram-se e esperaram calmamente para dar as boas-vindas ao vosso falecido Presidente. Finalmente, ele veio com George Washington de um lado e Abraham Lincoln do outro, seguido por aqueles que também tinham ocupado a cadeira presidencial, depois pelos estadistas que há muito eram chorados, depois pelos generais e outros oficiais do exército, tanto do Norte como do Sul, depois pelos soldados, que sentiam que era de facto o céu ver aquele cujo próprio nome amavam, depois pela multidão variada, composta, não como as vossas procissões, por curiosos, mas por homens e mulheres que, ao aprenderem as lições da vida espiritual, se tornaram purificados e capazes de pôr de lado todo o pensamento de posição e honra.

Havia no rosto de Garfield um olhar de surpresa por tal honra lhe ser prestada, mas à medida que passavam e o cântico subia no ar, "Eis que chega o herói conquistador", ele mostrou muita emoção e quase temor por ter apertado as mãos de George Washington. Quando tudo ficou calmo, um coro selecionado cantou, com algumas alterações, como apresentado abaixo, o seu hino favorito, cantado no seu funeral terreno.

O HINO FAVORITO DE GARFIELD

COMO CANTADO EM CLEVELAND,

23 DE SETEMBRO DE 1881.

Ó vós, ceifeiros da vida,
Com a foice a enferrujar,
Esperais que a noite desça
E o dia venha a findar?
Por que estais assim parados,
Por outros a esperar?
A manhã dourada foge,

Vais ficar sem trabalhar?
Lançai a foice afiada,
Vinde o grão arrecadar,
Pois a noite se aproxima
E em breve nos vai cercar.
O Mestre chama os ceifeiros,
E em vão irá chamar?
Ficarão feixes perdidos
Pelo campo a definhar?
Subi ao cume do saber,
O erro vinde esmagar;
Não oculteis a ciência
Que o homem deve escutar.
Sê fiel à tua missão,
Ao teu Senhor a servir,
E numa quadriga de ouro
Tua glória irá luzir.

O HINO FAVORITO DE GARFIELD

COMO CANTADO NA RECEÇÃO ESPIRITUAL,

1 DE OUTUBRO DE 1881.

Ó ceifeiro desta vida,
Tua foice não enferrujou;
Quando a noite te cercava,
Tua vitória se provou.
Não ficaste ali parado,
Por outros a esperar,
Nas manhãs de luz dourada
Não deixaste de lutar.
A tua foice era afiada,
E o grão soube colher,
Nesta seara brilhante
De alegria e de sofrer.
Teu país chamou ceifeiros,
Não chamou por ti em vão.
Teus feixes estão colhidos
Neste solo de ascensão.
Subiste ao cume do saber,
O erro vieste esmagar;
Não ocultaste a ciência
Que o homem deve escutar.
É maior a tua missão:

No renascer da tua alma,
Desce e ajuda os que na Terra
Lutam sem ter paz nem calma.

Podeis pensar que tendes uma ideia do que é a música, mas ela é muito ténue quando comparada com a música da nossa vida; o ar está tão pleno de harmonia que se torna muito mais fácil produzi-la para aqueles para quem a música é a própria vida. Antes de o hino terminar, o rosto de Garfield estava escondido nas suas mãos e as lágrimas escorriam-lhe por entre os dedos; os que lhe estavam mais próximos disseram que ele sussurrava sobre os seus entes queridos em casa. Depois, num silêncio que quase se podia sentir, George Washington, o pai da vossa pátria, levantou-se e, voltando-se para Garfield, disse:

"Não apenas em meu próprio nome, mas em nome destes meus irmãos (voltando-se para um grande número de antigos camaradas sentados no palanque) que estiveram comigo na grande luta pela liberdade, dou-vos as boas-vindas à vida espiritual; e enquanto o passado, com as suas selvagens vicissitudes, a sua cruel experiência de fome, frio e dor, passa diante de mim, sinto que nós, como fundadores de uma grande nação, estamos em dívida convosco; pois não apenas no campo de batalha, mas pelo vosso exemplo em toda a parte, vos esforçastes por cimentar mais estreitamente uma União iniciada na debilidade e na obscuridade, mas que hoje não é inferior a nenhuma outra no mundo.

Como esta vida não é mais do que a continuação daquela que deixastes, pedimos-vos que vos junteis às nossas fileiras e sejais mais um a ajudar a guardar a nossa amada nação contra todas as calamidades. Tal como hoje aperto as mãos de Benedict Arnold, Aaron Burr e de muitos outros contra quem lutei enquanto servos do governo inglês, peço-vos agora, irmão, que se restar algum traço de animosidade contra qualquer partido, que ele seja hoje lavado pelas lágrimas que uma nação derramou por vós. Deixai que o vosso coração seja fortalecido pelo sentimento de que o mundo espiritual abre os braços para vos somar ao seu número, e apenas pede que vos junteis a nós para formar, em ordem mais regular, uma Sociedade Protetora que possa, no futuro, proteger o chefe da nação da mão do assassino.

"Como encontrastes o vosso caminho até à cadeira presidencial, rogo-vos ajuda para ordenar os assuntos de tal modo que não voltemos a ouvir o clamor lutuoso: 'O nosso Presidente morreu', e que, no vosso próprio caso, possais provar a uma nação expectante que não sois o presidente morto, o filho e o pai mortos, mas o Garfield ressuscitado e ativo. Peço-vos, senhor, que continueis a olhar com piedade para o pobre instrumento da vossa transição, pois ainda apertareis as mãos dele e direis, tal como um de outrora disse: 'Eu perdoo-te, pois não sabias o que fazias'." Durante este discurso, houve frequentemente respostas sonoras, mas o brando líder do passado continuou a falar, parecendo ter olhos e ouvidos apenas para Garfield.

Após a música, que trouxe aos corações um sentimento ainda mais tranquilo, Abraham Lincoln deu o braço a J. Wilkes Booth e adiantou-se. Uma alegria indizível estava estampada no seu rosto e, voltando-se para Garfield, disse: “Meu mais que irmão, dou-vos as boas-vindas a esta vida com um coração contente. Embora pudésseis ter feito muito na vida terrena para reparar os males de um grande povo, ainda assim não vindes aqui para pousar a vossa foice. O vosso descanso, meu irmão, será trabalho; trabalho de tal natureza que fará com que a nação que amastes vos sinta ainda. Cada ano fortalece o nosso poder para o bem, e cada bom trabalhador que o mundo chora será adicionado à nossa lista até que o nosso poder seja sentido e os nossos desejos conhecidos no Senado, nas salas do Congresso, em todo o lado onde o poder seja necessário para dar pureza à lei.

“Hoje, meu irmão, enquanto o vosso coração se volta para a antiga vida e vos surge o anseio de apertar a vossa família nos braços, lembrai-vos de que não estareis separado deles, mas que, através de visitas frequentes àquela que vos deu à luz e à corajosa esposa que esteve ao vosso lado através da escuridão, tereis a vossa força revivida para continuar a trabalhar por uma causa tão cara ao vosso coração. De mãos dadas, trabalhemos todos tão eficientemente que aqueles na vida terrena que agora nos choram como mortos em breve nos bendigam como ainda vivos e trabalhando pelo bem maior.

Como hoje aperto as mãos daquele que encurtou a minha vida terrena, reclamando-o como meu irmão, sentindo que a mancha do seu pecado foi limpa, vendo nele qualidades nobres e uma vontade de expiar até ao limite, peço-vos que vos junteis no trabalho de tentar humanizar o Cristianismo na vida terrena. Pois, diga-se para vergonha deles, tenho visto mais inimizade e mais de um sentimento vingativo expresso entre eles para com Guiteau, o assassino, do que vi entre aqueles que não professam Cristo. Se as Igrejas da terra ainda se agarram ao sentimento de ‘crucificai-o’, não haverá grande necessidade de trabalharmos com afinco para lançar sobre elas um espírito mais suave e mostrar-lhes que a vida terrena é demasiado curta para ser gasta a vingar agravos?

“Agora, com a gloriosa perspetiva diante de vós, e com todos estes companheiros de uma guerra terrível para serem vossos ajudantes nesta terra de paz, resolvamos não deixar nada por fazer que seja instrumental para salvar uma grande nação do baixo e rastejante espírito do mal, que formou as suas organizações secretas na escuridão da meia-noite e que, até ser esmagado, estará sempre pronto para desferir o golpe que atingirá o coração da República. Irmão, vê-te a ti mesmo, não o Garfield debilitado, mas um homem perfeito em forma e pronto para colher novas searas no país superior.”

Relatar, mesmo em parte, um décimo dos discursos proferidos seria impossível, pois aqueles que conheceram Garfield na sua infância, nos seus dias de escola, nas suas primeiras lutas na profissão e, mais tarde, os seus companheiros oficiais no exército, sentiram-se felizes por prestar algum pequeno tributo ao homem que honravam. Foi uma visão tocante ver o General Burnside olhar com espanto para a novidade de tudo o que o rodeava, apertando as mãos de Garfield e, com muita emoção, dizendo:

“Deixámos as nossas armas onde as velhas batalhas foram travadas, e agora estejamos sempre prontos para responder à chamada de revista superior.”

Henry Clay respondeu então ao chamamento dizendo: “Não resta muito por dizer, mas posso dizer novamente as palavras que sobem do grande coração pulsante desta multidão. Dou-vos as boas-vindas e agradeço-vos por uma obra de vida que brilhará nas páginas da história e inspirará muitos a trabalhar através de problemas e vexações. Sabendo, como foi escrito há muito tempo, que ‘há sempre lugar se subirmos o suficiente’, tenho o sentimento de que esta lição triste para a nossa amada República será o início de uma nova era, e que vós, meu irmão, à semelhança de Sansão, matareis mais males naquilo que foi chamado a vossa morte do que poderíeis se lá tivésseis continuado; pois isso deve pôr o povo a trabalhar para erradicar as causas de tão vis injustiças e, assim, dar um ímpeto ao que é correto, antes desconhecido. Dou-vos as boas-vindas agora a este trabalho superior que não falhará em produzir efeito na vida terrena e tornar ainda mais gloriosa a velha República.”

Lord Beaconsfield foi então introduzido. Disse que: “Na vida terrena esta grande dor dissolveu, em certa medida, os sentimentos partidários, e que agora não há Norte nem Sul; contudo, fez ainda mais. Criou um laço de simpatia entre o Velho Mundo e o Novo Mundo nunca antes sentido. Impressionou o governo inglês de uma forma nunca a esquecer. Aproveitemos nós, da vida superior, este sentimento e cimentemos ainda mais fortemente estas nações, para que a Inglaterra possa aprender a lição de que as cabeças coroadas não são uma necessidade e que a voz do povo deve, por vezes, ser ouvida.

E, meu irmão, agradeço-vos porque, nos longos dias e noites de sofrimento severo, não deixastes a vossa alma descer ao ponto de desejar vingança sobre o assassino. Sei que este espírito de perdão vos colocará numa posição para fazer muito mais bem do que se tivésseis vindo para cá maculado com sentimentos de vingança. Peço a vossa ajuda no futuro e prestarei com todo o gosto toda a assistência que puder nesta vossa nova casa.” Não sobrecarregarei a paciência dos leitores com descrições mais longas, mas encerro com uma breve declaração do pouco que Garfield disse em resposta.

“Encontro-me hoje numa posição muito estranha e agradeço-vos as vossas amáveis boas-vindas. Mas quero esquecer ter sido o presidente e esforçar-me mais seriamente por ser o homem. Quero ajudar a minha bendita mãe, que se apressa a vir ao meu encontro. Quero guardar a minha esposa e filhos; peço a vossa ajuda nisso; depois, como irmãos e irmãs, seguiremos adiante em busca de uma colheita maior. Confesso que a minha me parece pequena, mas estou contente, muito contente por me ser provado que cada homem deve manter-se de pé ou cair por si mesmo; que aqui resumimos o passado e continuamos a fazer o bem.

Deus é melhor do que eu alguma vez sonhei. Vejo que o grande poder motor do universo endireitou todas as coisas.” E, baixando-se, colheu algumas das muitas flores belas que jaziam ao seu redor e partiu com os seus amigos em direção ao seu lar

tranquilo. À medida que a multidão se dispersava, pude ver que resoluções mais nobres e sentimentos mais gentis tinham chegado a muitos por terem assistido à receção cordial dada a um homem que bem fizera o trabalho da vida.

SAMUEL BOWLES

2 DE OUTUBRO DE 1881

FOLHA DÉCIMA SEGUNDA

COMO AS ALMAS DOENTES PELO CONSUMO DE ÓPIO, EMBRIAGUEZ E PROSTITUIÇÃO SEXUAL SÃO RECEBIDAS NOS SEUS LARES ESPIRITUAIS APÓS TEREM SIDO CURADAS NOS HOSPITAIS PARA ALMAS DOENTES.

Tive o prazer de testemunhar a entrada no seu verdadeiro lar espiritual de uma destas infelizes. Encontro-me novamente no hospital para almas doentes, anteriormente descrito. Era um dia de festa ali; flores e sempre-verdes abundavam em profusão, e os pobres internos olhavam com prazer para as demonstrações, com a esperança a sussurrar a cada um deles: "O meu dia de libertação certamente chegará".

A mulher que ia sair do hospital era uma que, na vida terrena, viveu alegremente, assumiu as responsabilidades do casamento sem pensar nos seus deveres e, através dos assassínios dos seus filhos por nascer, tornou-se vítima de uma doença que, para os sábios médicos da terra, parecia exigir opiáceos. Seguiram-se infortúnios e o hábito tornou-se uma necessidade gradual. Este hábito trouxe consigo o da bebida, e ela passou para a vida espiritual como um destroço lamentável de feminilidade perdida. Ela estivera, como disse que lhe parecia, eras na escuridão antes de poder ver as belezas deste hospital espiritual.

Os seus amigos, que um por um tinham vindo para cá, visitavam-na frequentemente, mas até há pouco tempo não tinham encontrado qualquer vestígio da sua ente querida perdida. Gradualmente, o intelecto obscurecido foi iluminado. A música e tudo o que era belo tinham sido usados como cura, quando finalmente a consciência do seu passado desperdiçado recaiu sobre ela.

Ela tinha, em companhia de guias, visitado a terra e esforçado por lançar uma melhor influência sobre os infelizes ali. Mas o trabalho de reforma era lento e, o pior de tudo, dizia ela: "É lembrar-me que a minha queda deixa uma cicatriz em mim na vida espiritual." Mas ela foi desviada destes pensamentos tristes pela chegada de duas irmãs e de vários outros parentes e amigos que a deviam conduzir ao seu futuro lar espiritual. Através de toda a alegria, lágrimas foram derramadas ao partir daqueles que tinham sido os seus ajudantes na saída da escuridão. Muitos daqueles que tinham vencido, em certa medida, a doença das suas almas, prepararam-se para a escoltar até à sua nova casa. Ela despediu-se gentilmente daqueles que não podiam ir e deixou o hospital quase com tristeza.

"Porque é que o pai e a mãe não vieram?", perguntou ela às irmãs. "Eles ficaram em casa para se prepararem para ti — e lembra-te que, ao deixares estas portas, deixas tanto quanto possível a memória da tua alma doente para trás. Esforça-te, sendo fiel ao teu trabalho, por expiar os pecados que te causaram estes anos de sofrimento." Assim, em pares, passaram para o lar superior, cantando alegremente e sentindo-se triunfantes enquanto subiam da primeira para a segunda esfera, visitaram alguns dos objetos de beleza perto da entrada e depois ascenderam jubilosamente à terceira esfera. Aqui era o lar dos seus pais.

Na ampla varanda de uma casa belíssima, estavam o pai e a mãe, no meio de uma companhia de convidados e músicos. A luz suave sobre os festões de flores que adornavam a varanda conferia-lhe o encanto de uma terra de fadas. À medida que a companhia se aproximava, a banda começou a tocar "Bem-vinda, bem-vinda a casa"; a filha sentiu novamente os braços queridos de uma mãe ao seu redor, e o pai disse: "Aquela que estava perdida foi encontrada, graças aos espíritos ministrantes." Um breve discurso foi proferido por alguém designado. Ações de graças jubilosas misturaram-se com as suas palavras à medida que, um após outro, percebiam que a família estava agora completa.

À mulher que tinha perdido tantos anos foi pedido que fosse diligentíssima no seu trabalho para ganhar tempo e salvar outros de caírem na mesma armadilha; e todos na companhia foram avisados de que tinham um trabalho a fazer: não permitir que memórias amargas chegassem a esta nova habitante, mas fazer tudo o que pudessem para dissipar pensamentos aviltantes, e lembrar-se de que, através de grande sofrimento, as vestes desta irmã eram hoje quase tão brancas como as deles; que a sua experiência tinha sido o seu inferno, e que eles não tinham o direito de reviver pensamentos tristes perguntando-lhe como fora a sua vida.

Se ela escolhesse contar, que ouvissem; se não, que considerassem o seu silêncio sagrado, e se lembrassem de que poderiam fazer muito bem mostrando-lhe como realizar o trabalho mais eficiente daqui em diante. "Será que ela nunca voltará a visitar o velho hospital?", perguntei. "Oh, sim, em certas alturas a sua presença será necessária como instrutora ali, e alguém que sofreu tão intensamente será uma grande ajuda.

Desejamos separar o seu trabalho no hospital do seu trabalho na terceira esfera, e mostrar-lhe que ela deve aceitar o amargo com o doce, pois parece por vezes difícil voltar à primeira esfera depois de ter sido libertada das suas lições." Em vez de a companhia entrar toda na casa, foi-nos dito gentilmente pelo orador que, para esta família reunida, a hora era demasiado sagrada para intrusões. Meio dececionado por não poder contemplar o próprio santo dos santos desta reunião alegre, afastei-me com outros e encontrei ocupações à espera de mentes ativas e dedos ocupados.

SAMUEL BOWLES

22 DE OUTUBRO

FOLHA DÉCIMA TERCEIRA

O QUE CONSTITUI O INFERNO DO VENDEIRO DE BEBIDAS? — O INFERNO DE UM NEGOCIANTE DE LICORES POR GROSSO.

Existem diferentes classes de vendeiros de bebidas e, portanto, diferentes graus de culpa. Ao perguntar sobre o vendeiro de bebidas, porque não recuar e perguntar sobre o fabricante de bebidas, que converte o pão da vida naquilo que arrasta a alma para o inferno? Vós, na terra, pouco compreendeis este poder das bebidas espirituosas, que em todas as eras tem destruído os elementos mais finos do homem.

Como o vendeiro de bebidas dificilmente pode esperar manusear sem provar, ele é muito frequentemente uma vítima, na proporção em que faz vítimas de outros; não apenas uma vítima destes gostos degradantes, mas uma vítima das maldições de esposas feitas viúvas, de crianças feitas órfãs de pai e mãe por este terrível flagelo. Como é que o homem se vê na vida espiritual? As riquezas vieram-lhe e, na sua doença, muitas vezes resultado dos seus hábitos, ele é cuidado de todas as formas para aliviar o sofrimento. Mas será que isto satisfaz? Não.

Acabei de ter uma conversa com um que enegreceu a sua vida por este comércio imundo, alguém que já antes disto expressou os seus sentimentos ao público através de mensagens espirituais. Disse-lhe eu: “Pelo interesse da humanidade, por amor à sua família deixada para trás, daria a sua opinião sincera e a sua experiência desde a sua partida da vida terrena?”

Disse ele: “Devo começar antes de vir para cá. Tinha acumulado riqueza pelo tráfico vil. Sentia-me um homem respeitável; não tinha distribuído licores a copo, mas tinha vendido em quantidades esta bebida que arruinou tantos lares. Assim, durante a minha doença, embora todas as atenções que a riqueza pudesse comandar fossem minhas, comecei a ter o que agora sei serem visões. Acompanhei na minha mente um barril daquela substância vil e vi os seus efeitos. A minha mente estava tão ativa que nada conseguia aquietar o meu cérebro; estava tão inflamado pelos ‘copos amigáveis’ que eu não tinha consciência do efeito dos poderosos opiáceos.

O meu corpo podia estar quieto, mas aquele eterno poder de pensamento continuava e continuava. Eu conseguia ver este barril de licor, da nossa casa respeitável, vendido a um homem que o distribuía a copo e no mesmo local. Conseguia ver operários que regressavam do seu trabalho, com o salário de uma semana nos bolsos, dinheiro com o qual tencionavam pagar as mercearias e comprar sapatos para os pés frios dos seus filhos, seduzidos para aquele antro por demónios, tanto dentro como fora do corpo. Conseguia ver o licor da nossa casa respeitável entorpecer a consciência, despertar as paixões básicas e, finalmente, ao beber e pagar a outros, conseguia ver o dinheiro ganho com esforço reduzir-se a nada.

Conseguia ver o homem regressar ao seu lar, ele que, em vez do pai amoroso, esperado e admirado, era agora um miserável embrutecido. A pobre esposa mandava as crianças lavadas em lágrimas para um canto distante, examinava-lhe os bolsos e não encontrava nada. Creio ter sentido a maldição daquela mulher enquanto jazia no meu

quarto confortável, e estive quase tentado a mandar atear fogo ao licor que ainda restava no armazém da nossa firma e pôr fim a um negócio que então me parecia infernal.

"Mas, senhor, se os meus sentimentos eram tais naquela altura, não lhe consigo dar um quadro verdadeiro do que foram quando a minha alma se libertou do velho corpo e a minha vida passada foi desvelada. Corações bondosos estavam ao meu redor, pessoas apiedadas tentavam dar-me auxílio, mas a escuridão da treva moral envolvia-me. Por vezes pensei que nunca tentaria erguer-me, mas ligar o meu eu espiritual a alguém nalguns dos antros de bebida da terra e, através do seu ato de beber, afundar num esquecimento temporário. Mas as lições que a minha mãe pura me tinha ensinado, o pensamento de que aos meus amados filhos era dito diariamente que o seu papá tinha ido para o céu, a esperança de que algum dia (Oh Deus, quão longe parecia), eu pudesse ser limpo, como as pessoas prestativas me diziam que seria, sustentaram-me, e pedi luz àqueles mais sábios e melhores do que eu.

Eles deram-me esperança, mas mostraram-me que era impossível sair deste inferno criado por mim mesmo até que tivesse ganho o meu céu. Assim, os dias penosos de inferno continuaram. Tentei erguer-me, mas sentia-me arrastado para baixo, ao nível do meu trabalho terreno. O monumento dispendioso à minha memória foi outra dor. Senti que o dinheiro para isso, e também para o luto elaborado por mim, teria sido muito melhor gasto para o bem de algumas das minhas vítimas. Eu ficava durante horas a contemplar a miséria causada pelo licor enviado pela nossa firma, e continuava incapaz de mover um dedo para os ajudar.

"Oh, como o meu coração tem doído, senhor, por ter o privilégio que o senhor tem de controlar uma mão, para que eu pudesse enviar uma mensagem de volta para casa, que levasse convicção e fizesse os meus amigos verem a necessidade de parar o tráfico perverso e de espalhar alguns dos ganhos do pecado entre aqueles que foram vítimas deste flagelo; não para ser dado aos bêbedos, mas gasto em ajudar aqueles que foram desolados por ele. Mas seria inútil. As pessoas estão demasiado bem reguladas nas suas ideias para aceitarem algo tão impopular como comunicações espirituais; e assim segui o meu caminho penoso durante meses, estendendo a mão para uma luz que parecia tão distante. Oh! falai de inferno! de arder realmente! isso não é nada comparado com esta consciência, que vos faz fechar os olhos quando algo belo vos é apresentado e dizer: 'Indigno, indigno'."

Ao afastar-me deste homem, que fora um respeitável vendeiro de licores por grosso na vida terrena, senti um desejo maior de que a sua experiência amarga encontrasse o seu caminho para todos os lugares da nossa nação onde esta substância ímpia é fabricada ou vendida.

SAMUEL BOWLES

22 DE OUTUBRO

FOLHA DÉCIMA QUARTA

A MATERIALIZAÇÃO DE FORMAS EXPLICADA

Pergunta. — No processo de Materialização de Formas, descreva o que vê do lado espiritual?

Resposta. — Tenho visitado muitos círculos de materialização para dar a este assunto particular atenção. Tomarei, por exemplo, uma médium como Mary Andrews, de Moravia, N.Y. Os amigos terrenos formam um semicírculo, estando a médium no gabinete. O grupo de espíritos que gere o círculo está sempre em contacto estreito com a médium.

Os espíritos são atraídos para este lugar ao verem na mente dos seus amigos terrenos a intenção de estarem presentes. Tais espíritos, antes da hora marcada para o círculo, solicitam frequentemente ajuda ao grupo sobre este processo. Se estes espíritos parecerem ter resoluções fortes, não estiverem sujeitos a paroxismos de alegria ou dor e estiverem dispostos a cumprir todas as condições impostas, são admitidos para teste. São levados à médium e ensinados a ligar a bateria espiritual com a força física da médium. Neste teste, o processo real ser-lhes-á mostrado, e são avisados contra todas as emoções intensas, pois estas dissiparão imediatamente o poder necessário.

As pessoas, ao cantarem, têm estado a gerar e a harmonizar a força magnética durante o círculo escuro preliminar. Ao espírito é mostrado como ligar as baterias ao redor do médium com o círculo de pessoas, para que o magnetismo do círculo seja filtrado através do médium. Depois, aquela porção do corpo espiritual da cintura para cima é lentamente materializada por uma consolidação, sobre si, dessas partículas minúsculas, libertadas do círculo para o médium, e do médium para o espírito. O vestuário do espírito materializado é também feito a partir das partículas minúsculas que provêm do vestuário do círculo e do médium, pelo mesmo processo.

Raramente, nos círculos da Sra. Andrews, na primeira vez da materialização, os membros inferiores são materializados, mas a presença é sustentada pelo poder espiritual, para que o rosto possa chegar à abertura e os pulmões tenham, por um momento, poder para falar. Qualquer ansiedade indevida por parte dos assistentes desfará frequentemente o trabalho paciente de horas de preparação. Na segunda vez que um espírito tenta materializar-se, ele aprende a recolher por si mesmo estas partículas de matéria que emanam do círculo e do médium, e assim constrói a sua forma como antigamente. Onde ocorrem as materializações mais fortes e mais espirituais, creio que se os médiuns ou os assistentes frequentes prestassem atenção, descobririam que o seu vestuário se desgasta muito mais rapidamente do que pelo uso comum, pois o espírito da textura está a ser constantemente usado para fazer mantos para as formas espirituais.

Existem muitas questões controversas sobre este assunto. Alguém vai a um médium, vê amigos espirituais, reconhece-os e insta outro amigo, igualmente ansioso, a ir, mas este não vê os seus amigos. Por que não? Porque tanto o médium como o assistente carecem dos elementos necessários para formar um corpo espiritual e, portanto, devem procurar um novo médium. Estamos a aprender este assunto tão profundamente que estamos a dividir os médiuns em classes.

Dizemos: tal médium poderia fornecer elementos para ajudar a materializar espíritos de tal carácter, disposição, etc., e virá o tempo em que o mesmo espírito não esperará materializar-se com um médium só porque o conseguiu com outro, e vós também aprendereis a estudar os temperamentos. Assim, ireis a um médium esperando ver os vossos amigos, e a outro sabendo que seria tão impossível para vós como o seria para um homem, por ser um bom ferreiro, fabricar um relógio.

Pergunta: — Estão os espíritos realmente na forma materializada, ou estão fora dela, operando nela como um marionetista numa marioneta?

Resposta: — Os espíritos estão na forma durante o tempo da manifestação, e quando a boca fala, é porque o espírito fala, não porque a forma é atuada por um espírito exterior.

Pergunta: — Que vantagem tem um gabinete ou uma luz ténue no processo de materialização?

Resposta: — O gabinete mantém os raios diretos de luz afastados do médium e forma uma cobertura para a nossa bateria espiritual, sem a qual a materialização não poderia ocorrer. Quando pudermos substituir esta bateria espiritual por uma bateria visível, com fios materiais de ligação, facilitando a ação em uníssono de espíritos e humanos, seremos capazes de abandonar inteiramente o gabinete, bem como de substituir as luzes ténues agora usadas por uma boa iluminação.

Uma luz brilhante sobre o corpo materializado de alguém não habituado ao processo dispersaria imediatamente as partículas acumuladas no corpo espiritual e não deixaria nada que o olho natural pudesse ver. Em alguns casos, os espíritos materializam-se e tornam-se tão fortes no trabalho que conseguem resistir a este efeito da luz, como no caso da Sra. Eaton, dos Eddys e outros.

Pergunta: — Porque é que a luz dispersa as formas?

Resposta: — Não sei se consigo descrever o porquê a partir de algo observado por mim mesmo. Observei o facto e foi-me dito que a ação química da luz sobre a materialização espiritual seria tão desastrosa como o seria sobre a chapa do fotógrafo antes de estar finalizada. A luz, em vez de harmonizar e consolidar as partículas, coloca-as em movimento e, portanto, as partículas recolhidas pela nossa bateria são atraídas de volta para os locais de onde vieram.

Pergunta: — Porque é que os assistentes devem ser mantidos a uma certa distância da porta?

Resposta: — O contacto próximo com outros corpos humanos que não o do médium enviaria a força dos vossos corpos físicos tão fortemente sobre o médium que a bateria espiritual não teria a oportunidade de harmonizar as partículas mais refinadas. O espírito teria tal massa de elementos grosseiros com que lidar que nenhuma cobertura poderia ser colocada sobre o corpo espiritual.

Ao sentar-se muito perto do gabinete, a intensidade do pensamento e a determinação de ver algum desses amigos seriam sentidas de forma mais sensível. A distância deve ser permitida, pois estas partículas dos assistentes que ajudam a materializar são muito grosseiras. As emanações da primeira fila de assistentes devem ser filtradas, bem como as dos outros, antes de serem captadas pela bateria espiritual, uma vez que, no final, apenas as partes mais finas são usadas, enquanto o resíduo é atraído de volta para os assistentes.

Algumas pessoas num círculo podem contribuir com muito poucos elementos para a formação da cobertura espiritual, e muitas vezes as partículas mais finas e úteis vêm de um ou dois dos presentes. Se fossem entrevistados, confessariam estar muito cansados no dia seguinte.

Pergunta: — O que é que permite a um espírito sair e caminhar até uma pessoa e não até outra no círculo?

Resposta: — A lei é a lei da atração. É porque existe na pessoa do assistente algo que ajudará a construir a forma espiritual que se aproxima, em vez de a destruir. Os espíritos aprendem esta lei e podem muitas vezes apertar a mão a uma pessoa no círculo devido a este elemento harmonizador, quando é o seu desejo ardente apertar a mão de outra pessoa que amam. Mas, neste último caso, tão forte pode ser a simpatia que dar a mão a um ente querido despertaria de tal modo as emoções de ambos que a materialização cairia e se dissolveria. Isto ocorreu em muitos casos, mas com grande risco para o médium. Também diminui a hipótese desse espírito para futuras tentativas de materialização, tão grande é o choque.

Pergunta: — Porque é que a Sra. Twing foi convidada, em agosto passado, pelos espíritos a entrar no gabinete de William Eddy doze vezes em Lake Pleasant, enquanto outros não o foram?

Resposta: — Foi porque tem havido, nos últimos cinco anos, um processo a decorrer no seu corpo, supervisionado pelos seus guias, que torna a presença dela na maioria dos gabinetes uma ajuda. Não tanto pela sua simpatia, mas pelo facto de que, se ela pudesse ser dispensada de trabalhos mais importantes para nós, materializações do tipo mais refinado poderiam ocorrer na sua presença. Temos visto a necessidade de uma nuvem de testemunhas e estamos a esforçar-nos, através de aplicações diárias das nossas baterias, para capacitar outros a entrar em gabinetes durante as materializações.

Foi-me dito por alguns que se materializaram na presença dela no gabinete, que era como ter algo onde se segurar o poder tocar na mão dela e ser conduzido para fora por ela quando o médium do gabinete estava em tal transe que tornava impossível para eles conduzi-lo ou serem conduzidos por ele. Não é a crença ou descrença de uma pessoa, não depende do seu valor intrínseco tanto quanto depende da capacidade dos guias de ambos para utilizar elementos que, sem esta bateria espiritual, seriam desperdiçados.

Pergunta: — Que efeito tem no espírito e no médium agarrar o espírito enquanto este está materializado?

Resposta: — O efeito no espírito é perturbar de tal modo as partículas que estas entram em movimento direto e, portanto, a cobertura do espírito desaparece no ar, e o médium, que é inconscientemente o agente responsável por aquela forma, sente-se como se toda a força lhe tivesse sido retirada do sistema. Estes agarramentos de formas espirituais têm, como no caso da Sra. Mark de Nova Iorque, quebrado a sua mediunidade e saúde, de modo que agora o seu medo pela segurança pessoal é tão grande que ela não se dispõe a sentar-se para os seus amigos mais íntimos.

Embora existam médiuns de materialização fraudulentos, que impõem as suas formas fabricadas a muitos, é melhor deixar que o erro se denuncie por algum ato do suposto espírito do que ser o meio de quebrar as condições do círculo e arruinar a saúde do médium honesto. Muitas vezes me admirei com esse zelo por agarrar espíritos e detetar embustes, exercido por aqueles que todos os domingos ouvem os ensinamentos de um homem tão grosseiro fora da sua vida dominical, que o mais elevado dos seus admiradores coraria ao ter essa vida descoberta diante de si. Eles nunca o agarram. S. B.

Pergunta: — O que faz com que as partículas de matéria passem e adiram ao corpo espiritual?

Resposta: — O poder da atração. Isto é, o corpo espiritual ali permanece como um íman; se colocardes partículas de ferro perto de um íman metálico, elas serão atraídas para o íman. O corpo espiritual é um íman refinado. As partículas que emanam dos assistentes na sala, depois de terem sido mais refinadas ao serem filtradas através do organismo do médium, procuram o íman ainda mais refinado, que é o do corpo espiritual. Um íman metálico não pensa e, por isso, as partículas de ferro aderem a ele em manchas, em proporção ao seu poder sobre as partículas; enquanto o íman espiritual pode pensar e, com a ajuda de outras mentes, dispõe estas partículas de modo a dar uma cobertura natural à forma, em vez de atrair as partículas em massas irregulares.

Estas partículas existem realmente nos vossos corpos, mas não são aquelas que constituem a parte mais grosseira da vossa carne. São as porções mais finas e mais espiritualizadas dos vossos corpos. O excitamento indevido, após a preparação cuidadosa destas partículas, é tão desastroso para a materialização como o é desarranjar com um só golpe todos os vossos fios telegráficos e ficar sem nada com que transmitir o pensamento.

Pergunta: — Notámos na sessão de materialização de Ralph J. Shear, de Dalton, Mass., ontem à noite, que a Sra. Eaton saiu muito lenta e cuidadosamente; que antes de atingir um ponto a oito pés do gabinete, fez uma série de movimentos de recuo em direção ao gabinete e depois avançou novamente. Poderia explicar esta vacilação?

Resposta: — Foi porque uma mente a atingiu e teve o mesmo efeito no seu corpo espiritual que um golpe real teria num corpo terreno, salvo que não despertou qualquer sentimento de raiva, mas apenas de piedade.

Pergunta: — O que quer dizer com "uma mente a atingiu"?

Resposta: — Quero dizer que uma pessoa com um poder de vontade forte no círculo disse mentalmente, com um sentimento de dúvida: "Gostaria de lhe deitar a mão e ver se o médium está agora no gabinete." Embora não houvesse intenção de agir com tal rudeza, o pensamento atingiu-a e fê-la sentir vontade de se retirar antes de enfraquecer o seu médium ao permitir-se desmaterializar.

Samuel Bowles

21 DE OUTUBRO

Pergunta: — Poderia explicar a materialização da renda que vimos ontem à noite na sessão de Ralph J. Shear, de Dalton, Mass.?

Resposta: — Ao escrever sobre a materialização de tecido nesta ou em qualquer outra sessão, devo primeiro incutir na vossa mente que existe presente um tipo de tecido ou renda que é tangível para o espírito, mas invisível para os humanos. Portanto, para torná-lo tangível para vós, deve ter uma cobertura. A renda espiritual esteve lá o tempo todo e atuou como um íman.

Quando as mãos espirituais soltaram as partículas do tapete, estas partículas foram atraídas para a renda e distribuídas uniformemente sobre ela, criando uma cobertura que tornou a renda visível para vós por alguns momentos. No entanto, em menos tempo do que levo a escrever isto, o exterior foi retirado e as partículas atraídas de volta, na sua maioria, para o local de partida. Creio que descobrireis que o vosso tapete se desgasta mais depressa no local onde a renda foi materializada do que noutros lugares, se isto acontecer frequentemente.

Pergunta: — Os espíritos materializam vestuário e deixam-no por vezes no gabinete para ser usado na sessão seguinte? Como materializam renda ou tecido para que dure? Têm visto personificações em sessões de materialização? Porque é que os espíritos usam esse método?

Resposta: — Sim, tenho visto personificações quando o médium personifica intencionalmente, sabendo que naquela noite não havia poder suficiente para produzir manifestações genuínas, e sendo tentado por assistentes malévolos a esconder vestuário sobre a sua pessoa, com o qual se veste e personifica espíritos que noutras ocasiões se materializaram e saíram do gabinete. Os médiuns que são culpados disto insultam tanto o espírito como os amigos terrenos, enfraquecem os seus poderes e veem-se gradualmente abandonados por bons espíritos, que, se os médiuns fossem honrados, os teriam ajudado em todas as dificuldades. Quando um médium se rebaixa à deceção em qualquer fase, depressa entra em decadência.

No entanto, é diferente com o médium de materialização que está em transe durante as suas sessões. Alguns espíritos, egoístas pelo bem pecuniário do médium e talvez ansiosos por trazer bons resultados aos assistentes, veem que as condições são desfavoráveis, em parte por causa dos membros do círculo, e que os espíritos não

conseguem preparar uma cobertura para aquele que deseja ser visto. É comparativamente fácil materializar o vestuário para cobrir o médium e ocultar o seu traje habitual. Estas personificações chegam por vezes a ser uma mudança real de rosto e são muito admiráveis. Se o círculo fosse notificado do facto de que era o médium, mudado para parecer um amigo espírito, o resultado seria frequentemente tão admirável como a materialização real.

Mas esta deceção, alegando ser um espírito materializado quando não o é, enfraquece o espírito para o trabalho real e torna o médium mais aberto à influência de espíritos impostores. Nunca poderemos erguer as nossas vozes suficientemente alto contra qualquer deceção, seja em espíritos ou humanos. Sabemos que aqueles guias espirituais não são os melhores quando permitem personificações sem as explicar. Em nove de cada dez casos, estas personificações ocorrem quando se realiza um círculo e é impossível aos verdadeiros guias controlá-lo; então aqueles que são experimentadores intervêm e estragam as condições para o trabalho puro, através da deceção na qual o médium não é parte interessada.

Não tenho conhecimento de que os espíritos façam o seu guarda-roupa e o ocultem no gabinete. O verdadeiro vestuário espiritual está sempre pronto e pode estar com o médium o tempo todo, mas é apenas o espírito de tal vestuário que vós vedes. Quando desejado, a bateria deve ser usada e a cobertura colocada sobre esta textura espiritual, o que a torna tangível para vós. O tecido espiritual torna-se duradouro quando extraímos as partículas do ambiente de tal modo que a atração para a teia espiritual seja suficientemente forte para as segurar e não permitir que, quando sujeitas à luz, procurem os locais de onde foram retiradas. Este efeito enfraquecerá a textura do tecido terreno de onde as partículas foram obtidas. Quando finalmente o tecido espiritual se desmaterializa (como acontecerá após alguns anos), não vereis nada senão o pó do tecido.

Quando o tecido dura vários anos, deve-se em grande parte a uma substância glutinosa que extraímos da atmosfera e aplicamos a ele, segurando as partículas mais firmemente na teia. Os médiuns de materialização, bem como todos os outros, não podem ser demasiado cuidadosos nos seus hábitos, na sua sociedade e ao colocarem-se no meio de ambientes puros e belos, para que tudo o que há de melhor nas suas naturezas possa predominar.

SAMUEL BOWLES

27 DE OUTUBRO

Pergunta: — Um médium de materialização obtém alguma vantagem do ato de fumar?

Resposta: — Não vejo vantagem em fumar, mascar ou ceder a qualquer mau hábito. Se os médiuns começam, pensam que devem continuar, porque deixar de o fazer seria prostrar e incapacitar-se temporariamente para o seu trabalho. Mas é preferível o descanso, a perda de tempo e o sofrimento envolvidos do que atrair para companheiros

espirituais constantes aqueles que estão ansiosos por ceder a estes hábitos e fazem os seus médiuns acreditar que tal é necessário. Quanto mais puro for o templo corporal, mais puro será o espírito, e como um espírito puro chama sempre o seu semelhante, portanto, pelas vossas vidas e ao tornarem-vos presas destes hábitos, vós na terra escolheis a vossa própria companhia espiritual.

Pergunta: — O que pensa do conselho da Sra. Eaton a alguns médiuns para fumarem?

Resposta: — Nunca a consultei sobre o assunto, mas se ela aconselha médiuns a fumar, é quase certo que ela própria costumava fumar e ainda sente prazer nisso.

S. B.

28 DE OUTUBRO

Pergunta: — Prejudicaria o processo de materialização de formas ter um gabinete de porta dupla e uma divisória de rede de arame entre as duas portas, separando o gabinete em dois compartimentos, para que o médium pudesse ser fechado numa sala e o espírito saísse da outra, tornando assim impossível aos espíritos vestirem o médium e trazê-lo para fora como uma personificação?

Resposta: — Seria um plano muito bom e não perturbaria as manifestações genuínas. Eu aconselharia uma malha feita de fios de cobre e aço para a divisória, pois isso ajudaria a dar força.

FOLHA DÉCIMA QUINTA

A ESCRITA DIRETA EM ARDÓSIA EXPLICADA

Pergunta: — Poderia explicar o processo de escrita direta em ardósia conforme ocorre na presença de A. H. Phillips?

Resposta: — O espaço escuro entre as duas ardósias constitui um gabinete para os espíritos, no qual eles recolhem as forças e substâncias necessárias. Do ar, eles reúnem partículas que passam para entre as ardósias e são consolidadas na forma de um lápis. Este lápis, pelo poder da vontade do espírito presidente e pela força da bateria espiritual, é levado a auxiliar na formação de palavras, enviadas do amigo que deseja comunicar para o guia, que as reproduz na ardósia.

Mesmo na escrita mais independente, a força cerebral do médium é usada, pois do seu cérebro os espíritos obtêm o poder para ajudar a produzir a palavra visível. Eles devem ter esta força do médium para ajudar a tornar as palavras visíveis para vós, embora possam produzir palavras espirituais na ardósia sem esta ajuda, mas as palavras seriam visíveis apenas para os espíritos.

Pergunta: — Qual é a causa do ruído de batidas ouvido entre as ardósias? O que é feito a cada batida?

Resposta: — A batida é a parte do telegrafar, e cada batida produz uma palavra. Por vezes, as palavras vêm tão depressa que é como uma chuva de pequenas pancadas; mas cada palavra é conduzida ao seu lugar na devida ordem. Por vezes, o operador cede o lugar por um momento a outros espíritos, que pensam conseguir fazer este telegrafar, mas descobrem que não conseguem.

Operadores experientes ensinam outros a produzir a escrita, mas leva quase tanto tempo a aprender como leva a aprender telegrafia no vosso mundo. Muitos espíritos não mostram adaptação para o trabalho, e esses devem contentar-se em enviar as suas mensagens através de outros. Ainda assim, é necessário manter um grande número de operadores qualificados, pois poucos de vós percebem o número de pessoas na vida terrena que poderiam, sob boas condições, ser usadas como médiuns de escrita em ardósia.

Pergunta: — Obtêm algumas partículas de matéria das ardósias para este lápis?

Resposta: — Obtemos uma parte, mas as outras partes do lápis devem ser colhidas da atmosfera e da pessoa do médium. O lápis assim fabricado não traça por si só as letras, mas cada choque magnético que produz uma palavra espiritual retira do lápis uma cobertura para essa palavra, para que ela se torne visível para vós.

Pergunta: — O lápis move-se ao longo do rasto das letras?

Resposta: — O lápis mantém-se suficientemente perto do rasto das letras espirituais para permitir ao operador destacar parte da sua substância para fazer a cobertura branca das letras. O choque produz uma palavra espiritual, e essa palavra espiritual na ardósia atua como um íman, atraindo para a sua superfície algumas partículas do lápis.

Pergunta: — O lápis toca realmente na palavra?

Resposta: — Não toca.

Pergunta: — Como podem colocar uma bateria entre as ardósias? O espaço é muito pequeno.

Resposta: — Deveis lembrar-vos de que a matéria terrena não é impenetrável para nós. É porosa. Portanto, somos capazes, através dos poros da ardósia e da madeira, de formar a nossa bateria no interior e de extrair do médium e da atmosfera tudo o que é necessário para esta escrita. As nossas baterias precisam de pouco espaço e, quando o nosso poder é condensado, apenas uma pequena porção do espaço entre as ardósias é por nós utilizada. Afastai a ideia de volume e do espaço necessário para o volume, e virai a vossa atenção para a parte mais fina da matéria. É necessário um grande volume de vegetação para produzir uma única gota de óleo, mas há força nessa gota.

Pergunta: — O que causava os pontos no fim de cada palavra em muitas das mensagens em ardósia do médium Phillips?

Resposta: — À medida que o operador da bateria espiritual produz palavras, ele deseja deixar espaços entre elas; ao segurar o ponto magnético da sua bateria por um instante no fim da última letra, enquanto se prepara para formar a palavra seguinte, a força do seu instrumento atua sobre um ponto e faz o ponto branco.

Pergunta: — A caligrafia ou a ortografia da mensagem dependem da educação do médium?

Resposta: — A força extraída do médium constitui cerca de um quarto do poder usado, e pode, em pequeno grau, modificar a escrita e a ortografia, mas o espírito atuante obtém de outras fontes três quartos do poder e determina largamente o resultado.

Pergunta: — Explicará o que o Prof. Faraday quis dizer com a "atmosfera que a impregna", na seguinte mensagem obtida entre ardósias seladas?

"MEU CARO AMIGO: A ciência da escrita direta em ardósia é muito pouco compreendida. Esta escrita não tem mais valor científico do que algumas palavras escritas nas ardósias dos médiuns. Não é a condição de teste, mas a atmosfera que a impregna.

M. FARADAY."

Resposta: — Foi que a selagem das ardósias expressava uma dúvida sobre a capacidade dos espíritos de produzirem escrita sob tais condições. Creio que ele se refere à vitória sobre a atmosfera de dúvida que envolvia as ardósias. Lembrai-vos de que foram precisas quatro sessões antes que pudessem, a partir desta atmosfera e do ambiente, produzir força suficiente para causar a escrita. Havia um magnetismo a superar tanto nas ardósias como nos assistentes. Alguns dos presentes não esperavam qualquer escrita.

Pergunta: — Como é produzida a escrita em ardósia quando um lápis é colocado no interior, como nas sessões do Dr. Henry Slade?

Resposta: — O lápis é empurrado e governado pelo íman utilizado.

Pergunta: — Ouvi algumas pessoas dizerem que pensavam que a ponta do dedo do espírito se materializava e que o dedo empurrava o lápis. O que diz a isso?

Resposta: — Respondo que não haveria espaço para a ponta do vosso dedo, e um dedo materializado ocuparia tanto espaço como o vosso. Portanto, é uma impossibilidade que qualquer coisa, salvo a bateria mental do espírito, faça o lápis mover-se.

Pergunta: — Não poderia um espírito materializar a ponta do seu dedo e, com o resto do dedo, empurrar a ponta contra o lápis?

Resposta: — Não poderia. Foi tentado e, embora uma porção do dedo possa ser materializada entre as ardósias, isso obstrui o espaço e não dispensa a necessidade da bateria espiritual.

Pergunta: — O que há de errado com o desenvolvimento cerebral de um homem que não consegue ver evidência de espíritos na escrita direta em ardósia?

Resposta: — A menos que ele possa dar boas razões para a produção da escrita a partir de outras fontes, apenas mostra uma falta de desenvolvimento, uma falta de apreciação dos factos. O seu estado mental deve ser de ordem inferior se, ao retirar toda a obra espiritual, não nos der nada em que nos apoiarmos. Mas as palavras nem sempre espelham a convicção. São a espuma, não a substância.

Creio que há muito poucas pessoas tão estólidas que acreditem, quando está provado positivamente não ser obra do homem, que é um mistério e não deve ser investigado. Honro o clérigo rígido que expressa uma opinião, mesmo que diga ser obra de Satanás, pois isso eleva-o acima dos seus irmãos não comprometidos que, admitindo um efeito, se recusam a estudar a causa.

SAMUEL BOWLES

26 DE OUTUBRO

FOLHA DÉCIMA SEXTA

QUESTÕES DIVERSAS RESPONDIDAS. — CENAS DE AVIVAMENTO DE MOODY E PENTECOST. — REUNIÕES DE TEMPERANÇA DE MURPHY. — AMOR LIVRE DENUNCIADO. — VERDADEIRO MATRIMÓNIO APROVADO. — MÉTODO DO SR. BOWLES PARA CONTROLAR ESTA MÉDIUM. — REFORMADORES DA TEMPERANÇA DO EVANGELHO. — O AVARENTO NO CÉU. — JORNALISTAS QUE MENTEM SOBRE O ESPIRITUALISMO. — O MAU EFEITO DE USAR CREPE EM SINAL DE LUTO. — COMO COL. ROBERT G. INGERSOLL E HENRY WARD BEECHER SERIAM RECEBIDOS SE PASSASSEM PARA A VIDA ESPIRITUAL AGORA. — A MÉDIUNIDADE MUSICAL DE C. P. LONGLEY EXPLICADA. — NENHUMA CRIANÇA NASCE NA VIDA ESPIRITUAL. — O CONGRESSO ESPIRITUAL PARA OS ESTADOS UNIDOS. — O QUE ACONTECE DURANTE O SONO. — COMO OS ESPÍRITOS COPIAM OS NOSSOS LIVROS. — AS OBRAS DE SHAKESPEARE NO CÉU. — COMO É FEITA A IMPRESSÃO ESPIRITUAL. — TELÉGRAFO E TELEFONE ESPIRITUAIS. — MAIS INSTRUÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DE MÉDIUNS. — COMO SE CONSTROEM CASAS NO CÉU.

Pergunta: — Como lhe parece uma cena de avivamento de Moody e Pentecost?

Resposta: — Parece-nos uma peça com muitos atores, sendo Moody o ator principal. Difere das peças comuns no facto de Moody estar profundamente convicto. Possuindo fortes poderes mesméricos, ele, sem estudar profundamente as leis que governam esses poderes, convenceu-se de que há algo nele, ou na sua religião, que chama os pecadores a Cristo. Ele está, portanto, tão envolto no seu próprio poder que faz do mesmerismo parte de si mesmo tanto quanto possível.

Se pessoas cultivadas e pensantes ouvissem alguém sem este poder usar exatamente as palavras que Moody usa, achá-las-iam cruas e insípidas, mas sob a sua forte influência psicológica, e a influência de antigos espíritos avivalistas atuando através dele, tentando reviver os seus velhos tempos, eles vergam o povo como juncos ao vento. O povo vê o Salvador crucificado e sente que por eles foram feitas aquelas feridas. Pessoas que possuem em certa medida este poder mesmérico permanecem geralmente fiéis por mais tempo, pois dá-lhes uma espécie de liderança entre os mais fracos do rebanho. Lembro-me de ouvir um amigo, que tinha estado nas reuniões de Northfield, observar que viu o antigo avivalista, Lorenzo Dow, influenciar Moody e aumentar tanto o seu poder que o maior auge do êxtase religioso foi alcançado. Com Pentecost estou menos familiarizado, mas devo dizer que a sua oratória, no nosso julgamento, não é das melhores. Enquanto Moody tem a forte influência magnética que moveria uma multidão, Pentecost tem aquela influência cativante e gentil que fará com que algumas mulheres e crianças se disponham a admitir que são pecadoras, se puderem receber consolação deste "escolhido".

Não gostaria de depreciar nada que tenda a tornar o mundo melhor, mas certamente penso que os frutos do sistema de avivamento não são suficientes para compensar o grande gasto de meios, nem servirá de expiação para os pais que confiam nas suas filhas para assistirem por ser um bom lugar. Pois elas ficam sob a influência do magnetismo de um homem o suficiente para tornar mais fácil para outro homem, com poder semelhante, sujeitá-las à sua vontade para fins vis. Isto explica, em certa medida, o caso de muitas mulheres caídas.

Pergunta: — Como lhe parece uma reunião de reforma de temperança de Murphy, e porque é que os bêbedos regenerados regressam tão geralmente aos seus copos?

Resposta: — Uma reunião de Murphy, ou qualquer outra de Temperança, deve ser apoiada por um poder invisível, ou não resultará em nada. Tendes observado que, muitas vezes, quando as lágrimas e as persuasões dos entes queridos falham em realizar este trabalho, por vezes numa única noite, sob a influência excitante de um conferencista de temperança, formam-se novas resoluções. Homens que estão seriamente empenhados neste trabalho têm ao seu redor um grupo especial de espíritos para ajudar a projetar poder.

Quando veem um homem sentir a força de uma consciência despertada e dos trabalhadores espirituais por trás do conferencista, lançam um poder duplo sobre ele e designam imediatamente, entre os espíritos expectantes, aqueles que irão, por um tempo suficiente na maioria dos casos para curar o anseio por estimulantes, vigiar e usar o poder reformador sobre o seu pupilo. Mas um espírito nem sempre pode permanecer na mesma posição. Ao dar lugar a outro por um certo período, descobrem frequentemente, ao testar, que a mudança de guardiães não se provou benéfica. Isto pode dar tal choque ao sistema do homem que o incline a regressar aos seus copos por alívio. É da competência destes trabalhadores espirituais guiar até verem que o seu pupilo é forte o suficiente para se manter fora da tentação, mas muitas vezes um espírito, não

desenvolvido, aproveita a lacuna deixada pela mudança, intervém e, com poder redobrado, conduz o homem de volta aos seus antigos vícios.

Esta é a causa menor, a causa que não podeis ver, mas eu não retiraria um átomo da responsabilidade de qualquer alma. Não há muitos homens e mulheres no vosso mundo que, se movidos por princípios corretos e guiados por amigos bondosos, não sejam capazes de formar resoluções para o bem que nem espíritos nem humanos consigam abalar. Escrevo sobre estas influências ocultas porque são factos, não para vos retirar um pensamento que seja da vossa própria responsabilidade perante vós mesmos.

Pergunta: — Como lhe parece o amor livre, ou a mudança frequente de parceiros sexuais?

Resposta: — Para um bom espírito parece vil, porque o verdadeiro amor é duradouro e rejeitaria tais mudanças. O facto de a paixão se satisfazer com uma pessoa hoje e com outra daqui a um ano é a admissão de que é apenas a parte mais animal que é chamada amor. Sento-me em julgamento sobre alguns que, por força das circunstâncias, tiveram de viver em relações íntimas com aqueles em quem nada veem de amável, e que encontraram algures na teia emaranhada da vida aqueles que despertam o que de melhor há neles. Sei que em tais momentos a cabeça dificilmente é responsável pela ação do coração, e amizades ocultas são o resultado.

Mas mesmo isto é perigoso. Sede lentos a entrar na relação matrimonial. Estudai o objeto do vosso amor de todas as formas possíveis. Vede se a vossa adaptação um ao outro vos levaria tão suavemente através da escuridão como através da luz. Trabalhai não tanto por uma lei que vos permita sair do casamento facilmente, mas por uma lei que proíba alguns destes casamentos bestiais que estão a semear sementes de miséria. Deveríeis obter todo o conhecimento possível sobre este assunto.

Em primeiro lugar, é necessária uma similaridade de idade. Segundo, um estudo das disposições. Terceiro, pessoas com a mesma cor de olhos, cabelo e tez raramente são adequadas uma para a outra. Quarto, deve ser obtido um conhecimento perfeito de vós mesmos. Estais aptos para ser pais e mães? Existe algum defeito mental ou malformação corporal que possa ser reproduzida nos vossos filhos? Olhai não apenas para vós mesmos em busca de tendências hereditárias, mas para trás, e lembrai-vos de que o casamento que resulta em reproduzir-vos não é algo leve.

Pergunta: — Explicará o seu método de controlar esta médium?

Resposta: — Esta médium tem certos guias, um deles o pai, que passou para esta vida na infância dela. Ao controlá-la, primeiro pedi permissão a estes guias e observei-os enquanto instalavam o que chamavam as baterias espirituais. Pudésseis vós ver como nós vemos, veríeis ao redor do braço direito dela inúmeros fios espirituais, cada fio ligado aos nervos do braço e também aos nervos da coluna espinal, subindo até ao cérebro.

Quando desejo que um pensamento vá para o papel, toco nos fios e as palavras que pretendo produzir passam para os nervos ligados ao cérebro, contudo sem lá deixar

impressão, e são então lançadas de volta para os fios ligados aos nervos do braço com poder redobrado. Esta força é obtida de todo o sistema nervoso e, unida ao nosso poder, produz escrita inteligível. Quando é possível manter a mente da médium livre do conhecimento de que são desejadas outras línguas, e sem ser perturbada pela força extra usada, uma língua pode ser produzida tão bem como outra, e os caracteres formados pela mão não dão conhecimento ao cérebro da médium, pois ela não consegue ler a escrita.

Pergunta: — Por favor, explique melhor sobre o seu toque nos fios ao redor dos braços dela, etc.

Resposta: — Os nervos tocados primeiro são os ligados ao polegar e ao indicador, cerca de metade do caminho entre a mão e o cotovelo. Este é um estremecimento preparatório, que é enviado de volta pelo braço acima até ao cérebro para despertar a força cerebral e trazê-la para ajudar. Este estremecimento, reforçado pelo poder do cérebro dela, sai então pela mão sob a forma de uma palavra. Nós pensamos em palavras e produzimo-las desta forma, mas cada letra não tem de passar por este processo.

Pergunta: — O primeiro estremecimento transforma-se em palavras?

Resposta: — O estremecimento elétrico original é intensificado ao entrar em contacto com o cérebro dela, e depois passa numa palavra pela mão dela.

Pergunta: — A força cerebral da médium modifica o pensamento nesse caso?

Resposta: — De modo algum. Apenas dá força para produzir o pensamento sem entrar de todo na individualidade dela.

Pergunta: — Porque é que, então, não reproduz mais fielmente o seu antigo estilo de linguagem, já que diz que o estilo da médium não o modifica?

Resposta: — Por causa dos ajudantes que tenho fora da médium, aqueles que estão realmente na "pista interna" e me tornam, na melhor das hipóteses, apenas em segunda mão.

Pergunta: — Porque não pode controlar os estremecimentos você mesmo, em primeira mão?

Resposta: — Porque aqueles que a guardam desde a infância olham para ela como sua e consideram essencial para a sua força física que mantenham a velha rotina.

Pergunta: — Opera em segundo plano em relação à médium?

Resposta: — Sim.

Pergunta: — Quem está em primeiro?

Resposta: — O pai desta mulher, Solomon Skinner, que estudou estas leis para poder fazer da sua filha um instrumento para o grande bem.

Pergunta: — Como transforma um pensamento espiritual na nossa língua?

Resposta: — Pelo princípio da máquina de escrever. Tal tecla significa tal palavra.

Pergunta: — Toca em certas teclas da sua bateria para produzir certas palavras?

Resposta: — Sim.

Pergunta: — Porque é que frases favoritas da médium aparecem no manuscrito?

Resposta: — Provavelmente porque as características do pai descenderam à filha, e ele, ao atuar por mim, por vezes verte o meu significado nas suas próprias palavras.

Pergunta: — Consegue dizer, depois de ter colocado uma frase no papel, se ela assume a forma retórica que deseja?

Resposta: — Não consigo, apenas quando é lida em voz alta ou estudada suficientemente de perto pelo vosso cérebro ou o dela para me dar uma perceção.

Pergunta: — Como verifica quando é lida em voz alta?

Resposta: — Eu ouço então, creio que de forma muito semelhante a como vós ouvis, e usaria por vezes as minhas tesouras editoriais se tivesse a oportunidade.

Pergunta: — Quão perto da médium se coloca ao escrever?

Resposta: — Estou um pouco atrás do seu lado direito, raramente a mais de quatro pés. Não me familiarizei com a comunicação à distância como muitos outros são capazes de fazer.

22 DE OUTUBRO

Pergunta: — Quando uma pergunta é feita verbalmente, ou em papel selado, como sabe o que é pretendido?

Resposta: — Percebo-o através do organismo da médium quando perguntado verbalmente. Quando num papel selado ou fechado, respondo após a pergunta ter sido telegrafada através do organismo da médium para a minha compreensão. Este último método exaure a médium muito mais do que o primeiro. A pergunta escrita é enviada, inconscientemente para ela, através do seu cérebro e eu capto-a. Ao manusear o papel dobrado com a pergunta escrita no interior, a médium torna os pensamentos capazes de serem fotografados no seu cérebro, e ainda assim ela não saberia dizer qual era o pensamento.

O método é o mesmo que com Mansfield, o médium de Nova Iorque. Ele não percebe o que está numa carta selada, mas o contacto com a sua mão telegrafa-o para o seu cérebro suficientemente para que os espíritos que ali trabalham vejam o que é pretendido.

Pergunta: — Qual é o segredo do sucesso temporário daqueles reformadores da Temperança do Evangelho, que pedem a todos os bêbedos regenerados que ponham a sua confiança em Jesus?

Resposta: — O princípio do Cristo é sempre belo e, ao invocarem Jesus para os ajudar, atraem espíritos mais puros, que muitas vezes formam um grupo e lançam uma influência sobre aqueles que trabalham pela reforma, tornando-lhes mais fácil melhorar. Além disso, o elemento religioso ligado ao movimento de temperança fornece alimento para o entusiasmo, que em certa medida substitui o antigo gosto pela bebida.

Pergunta: — Jesus ajuda-os realmente em pessoa?

Resposta: — Não, não ajuda. A ajuda vem de bons espíritos daqueles que outrora foram mortais.

Pergunta: — Como é recebido por vós aí um avarento?

Resposta: — Tem sido meu privilégio conversar com alguns que foram avarentos na terra; especialmente com um que o vosso mundo conheceu e louvou pelas suas grandes capacidades de acumular riqueza. Ele não era um avarento completo, pois dava quando isso contava mais para o seu crédito. Diz-me ele que, durante muito tempo, sentiu-se como se estivesse esfarrapado e sujo. Era perturbado por memórias. Se na vida terrena tivesse posto a mão nos bolsos para aliviar o sofrimento, ou ajudar outros a ajudarem-se a si mesmos, isso seria agora felicidade absoluta.

"Mas", disse ele, "a minha falta de boas ações por amor à justiça é uma censura constante. Tento descansar. Acordo com o medo de que existam ladrões ao redor a tentar roubar o meu tesouro. Mas estou despido, não tenho tesouro. Sinto-me sozinho. O riso alegre da infância feliz fere os meus ouvidos. Vagabundo por aí, maquinando especulações de ganho, e descubro finalmente que tudo passou; não há mais obtenção de dinheiro."

"Bem, como se diverte?", perguntei. "Tenho muito pouca diversão ainda. Sinto-me como um vagabundo na vida terrena. Não cultivei qualquer poder motor fora do dinheiro, por isso aqui não sou nada. Ouro e notas não são moeda corrente aqui, por isso vago. Não diz algures no livro sagrado que a minha mãe costumava ler: 'E uma criança pequena os guiará'? Creio ter sentido mais alegria na presença de uma criancinha, com um grande coração amoroso, do que senti desde que vim para a vida espiritual. O dinheiro é uma coisa boa, mas se eu tivesse feito o meu dinheiro contar em boas ações para as multidões famintas, poderia ter tido algum tesouro aqui. Dizem-me que crescerei para sentir prazer real noutra coisa. Bem, estou disposto a fazer tudo o que eles me instruírem a fazer. Tentarei alcançar o passado e fazer mais bem prático do que alguma vez fiz na vida terrena. Essa é a minha única esperança."

SAMUEL BOWLES

27 DE OUTUBRO

Pergunta: — Como se sentirá o editor de um jornal capaz e influente ao ser recebido na vida espiritual, se ele souber que o regresso dos espíritos é verdadeiro, e se convenceu secretamente dos factos, mas nunca os admitiu nas suas colunas e permitiu que escárnios e deturpações aparecessem contra o Espiritualismo porque pensa que isso é lucrativo?

Resposta: — Por experiência posso dizer: "ele sente-se muito pequeno". Pois entrar na vida espiritual com os factos todos ao seu redor, com a grande maioria a perguntar-se por que agiu assim, e ter de ler nas próprias almas deles que, embora soubesse secretamente que havia algo ali, nunca esteve disposto, por medo da falta do "pão com manteiga", a proclamar esta verdade, é uma experiência humilhante para um jornalista. Ficamos sem resposta quando nos perguntam: "Tinha alguma ideia da verdade do regresso espiritual quando estava na vida terrena?"; e tanto a alma como a voz têm de responder "Sim". E depois, ver que eles sabem a injustiça grosseira que os nossos jornais terrenos fizeram a esta verdade faz-me sentir vontade de dedicar toda a minha vida espiritual a enviar de volta um poder que obrigue os jornalistas a fazerem justiça a uma causa que deveria ser a primeira através da eternidade.

SAMUEL BOWLES

Pergunta: — Que efeito tem na saúde do corpo e do espírito o uso de preto em sinal de luto?

Resposta: — As emanações, especialmente do crepe preto, obstruem os poros e tornam todo o corpo mais inativo, pois a matéria corante que entra no crepe preto é um veneno para o sangue, e seria mortal se entrasse mais em contacto com o corpo. Tal como é, as partículas afetam gravemente quem o usa; e outros artigos pretos, embora não tão perigosos, somam-se às influências obstrutoras e tornam lânguidas as pessoas que se vestem dessa forma. Este traje, sendo um lembrete constante dos problemas de cada um, estropia a alma, pois não aponta para nada mais alto do que a sepultura. Virá o tempo em que as cores adaptadas às personalidades, e não às tezes, serão objeto de estudo, e as pessoas aprenderão que o vestuário de algumas cores dá vida, enquanto o de outras é venenoso. Poucas pessoas estão seguras ao usar preto.

Pergunta: — Como seria o Coronel Robert G. Ingersoll recebido entre vós, caso partisse na próxima semana com a sua atual suposta crença na aniquilação após a morte?

Resposta: — Seria recebido como um trabalhador pela verdade tanto quanto a conhecia, e os seus trabalhos iconoclastas seriam apreciados porque, ao derrubar velhos credos e dogmas, deixou um espaço para outro pensamento mais liberal. A sua seriedade no trabalho dar-nos-ia um penhor do seu trabalho futuro. Portanto, embora muito atrás do que poderia ser com um conhecimento diferente, seria aqui recebido por muitos que o acolheriam com a alegre expetativa de lhe dar uma feliz surpresa. Mas muitas vezes, quando o sol se põe e o crepúsculo se reúne ao seu redor, a alma do famoso infiel da terra liga-se à do seu amado irmão espírito e da irmã recentemente falecida, e "um mundo não é suficiente" nessa altura.

Ele estende a mão para o grande desconhecido, e a razão encontra um apoio no além. Quando ele vier, recebê-lo-emos com prazer, pois há algo sobre o qual construir num homem que amou o seu semelhante — muito mais onde construir do que num grande professor de religião que carrega para cima o seu coração imundo, esperando que ele seja limpo pelo sangue de Jesus.

Pergunta: — Como seria Henry Ward Beecher recebido se partisse para a vida espiritual agora, com o conhecimento do regresso espiritual, mas carecendo de coragem para o proclamar?

Resposta: — Seria recebido como alguém que pregou a verdade, mas não toda a verdade; como alguém que trabalhou pela humanidade, cumpriu o seu dever tanto quanto possível sem atrair sobre si o escárnio público. Henry Ward Beecher hoje está a realizar um grande trabalho. Está cuidadosamente a quebrar as velhas ideias e a dar novas. Mostra diariamente que são os atos, e não o sangue, que salvam os homens.

Revestiu o seu pensamento sobre este assunto com palavras não comprometedoras e, se viesse agora para a vida espiritual, seria recebido amorosamente por muitos a quem beneficiou, mas com reprovação por aquela classe de espíritos que, conhecendo o seu intelecto poderoso, as suas fortes qualidades magnéticas, sabendo que pelas suas próprias experiências e pelas de uma irmã ele deve ter-se convencido do regresso espiritual, sabem todavia que ele não fez disso publicamente um raio na poderosa roda do progresso. Esta falha no dever chegar-lhe-ia como um lembrete do que poderia ter sido, e o pensamento da alavanca poderosa que poderia ter operado para o bem de um povo pecador seria uma reprovação para ele, quando o visse como nós o vemos.

Caso isto chegue aos seus olhos, eu lembrá-lo-ia da força por trás dele que lhe dá os seus pensamentos mais finos, do poder que possui para semear sementes para uma grande colheita. Se quisesse, poderia unir o regresso espiritual e a comunhão aos seus pensamentos brilhantes, e ensinar às pessoas que elas nunca estão sós; que o amigo cujo corpo frio foi ontem depositado no seu lugar de repouso é hoje um ser vivo e ativo, com o amor intensificado. Que os anjos e tudo o que é bom poupem Henry Ward Beecher até que, com cada belo sermão que prega, a proximidade dos dois mundos seja manifesta, e até que ele veja a necessidade de instar o seu numeroso rebanho a estudar as lições que lhes mostram que, se um homem morre, ele vive de novo.

Pergunta: — Como dão os espíritos inspiração a C. P. Longley, de Springfield, Mass., o popular compositor inspiracional de música?

Resposta: — De forma muito semelhante àquela como outros médiuns são inspirados. A mão dos espíritos encontra no cérebro dele aquilo que pode usar e, portanto, uma corrente magnética é estabelecida entre o seu cérebro e o do seu grupo espiritual. Assim, ele é capaz, por vezes, quando todo o seu sistema está afinado em uníssono, de lançar dos seus dedos as notas e da sua língua as palavras que encontram eco em muitos corações.

Mas verifico, pelo seu organismo peculiar, que seria impossível controlá-lo tão constantemente como fazemos com esta médium; pois a música evoca e consome as sensibilidades mais finas de espíritos ou humanos, de modo que, após uma canção terminada, não é de admirar que ele sinta que este poder está tão longe que não consegue obter resposta. Quatro quintos do tempo devem ser usados para recuperação. Mas se a sua mente estivesse tranquila, o seu coração leve, menos tempo seria necessário para preparar o seu físico para o trabalho espiritual. Pudessem condições mais harmoniosas rodeá-lo, e música e palavras que arrepiariam multidões, e que dariam aos ouvintes, enquanto cantadas, vislumbres da vida futura com as suas "pastagens verdes e águas tranquilas", fluiriam dele. Esta visão daria esperança aos humanos exaustos pelo trabalho, cujos pés estão feridos pela estrada áspera que conduz ao nosso céu.

Pergunta: — Algum espírito em particular controla o Sr. Longley, ou ele entra meramente na aura magnética de um grupo espiritual geral?

Resposta: — É um grupo espiritual particular, três da quinta e quatro da sexta esferas, que se unem para lançar esta força sobre ele. Ele não pode chamá-los para o ajudar em qualquer momento. Eles usam-no quando desenvolvem força suficiente para o fazer, e ele é tão indefeso como uma criança no que diz respeito a compor noutras alturas. Eu poderia dar os nomes do seu grupo, mas sou proibido por eles, pois desejam ainda produzir através do seu organismo música cuja qualidade será um endosso da sua reivindicação de tais guias.

SAMUEL BOWLES

26 DE OUTUBRO DE 1881

Pergunta: — Nascem crianças na vida espiritual?

Resposta: — Não. Nós acolhemos as crianças nascidas na terra à medida que nos são enviadas e aperfeiçoamo-las. Este é um dos deveres do Céu. Portanto, não temos crianças exceto aquelas que nos são enviadas do vosso mundo — quer nas fases da gestação, quer após o seu nascimento terreno. E aqui deixem-me repetir: todas as crianças são imortais desde o momento da conceção, e todos os abortos intencionais são assassínios.

Pergunta: — Pode dar uma análise das propriedades da alma de modo a mostrar-nos o que é imortal?

Resposta: — Não posso dar melhor análise do que aquela que muitos homens científicos já conhecem, mas não conseguem incuti-la naqueles que não têm mentes para pesquisar profundamente as causas da vida. Para mim, a alma é a matéria mais fina, e sai do corpo quando este já não a consegue reter por força superior. A alma, sendo substância, ao deixar o corpo atrai para si substância para aumentar a sua tangibilidade. Estou agora convencido de que cada homem carrega na vida terrena dois corpos. Quando o corpo espiritual sai, leva consigo o princípio da vida e deixa o outro corpo como uma massa inerte de matéria.

Pergunta: — Na sua folha sobre o Congresso Espiritual, no seu primeiro livro, referia-se apenas ao Congresso no Céu Norte-Americano sobre os Estados Unidos, ou referia-se a outros Congressos?

Resposta: — Referia-me ao Congresso Espiritual para os Estados Unidos, e não à reunião geral dos representantes de todas as nações, que por vezes se reúnem esperando, pelo seu poder combinado, ajudarem-se uns aos outros, e concentram a sua força por vezes sobre a Rússia, por vezes sobre a Inglaterra, etc., tentando assim trazer ajuda a todas as nações da terra.

Pergunta: — Que mudança ocorre nos nossos corpos durante o sono?

Resposta: — Enquanto o corpo está em repouso, está a enviar "sensores", por assim dizer, ou, por outras palavras, cordas magnéticas que atraem para si nova força, atraindo cada elemento no corpo elementos semelhantes do ambiente. A parte pensante, sempre ativa, retira-se do corpo e, salvo a corda magnética de ligação, está livre do velho templo. É bem sabido que o espírito se separa do corpo mais cedo e mais harmoniosamente quando o corpo está a dormir. Desta forma podem explicar o facto de tantos entrarem num estado de coma do qual passam para a vida espiritual.

Pergunta: — Como acedem ao conteúdo de um livro fechado nas nossas mesas de biblioteca para copiar qualquer página em particular?

Resposta: — Somos capazes de o fazer pelo uso da mais forte força magnética. Em vez de termos o trabalho de examinar os vossos livros, procuramos nas nossas bibliotecas públicas para ver se eles existem aqui. Se existirem, é fácil para nós consultá-los. Se não estiverem nas nossas bibliotecas e o autor estiver na vida espiritual, tentamos entrevistá-lo. Se o autor ainda estiver na terra, trabalhamos ao seu redor, esforçando-nos por ligar dele a um dos seus livros algum poder que torne mais fácil para nós superarmos as dificuldades que rodeiam os seus livros terrenos, para que possamos examiná-los como se estivessem a pulsar com os pensamentos entre as capas.

Pergunta: — Têm cópias das obras do nosso Shakespeare nas vossas bibliotecas espirituais e como obtiveram uma cópia?

Resposta: — Temos cópias do que Shakespeare escreveu enquanto estava na vida terrena, e temos as suas obras posteriores que gostaríamos, se possível, de transmitir à terra. Os seus escritos anteriores são esboços baços comparados com o que ele produziu desde então. As suas peças aqui compensam em beleza espiritual tudo o que, nas suas peças terrenas, era laxista em moral. O seu grande intelecto ainda está a deixar os seus traços em cada esfera pela qual passou.

Não sei em que data as suas peças terrenas foram reproduzidas na vida espiritual, mas sei que quando um crítico deseja que um livro terreno seja colocado sobre a sua mesa, um grupo de homens que eram peritos na arte da impressão na terra é enviado à

casa editora e, à medida que as formas são preparadas pelos vossos compositores, eles, por um poder magnético que ainda não compreendeis, obtêm eletrotipos espirituais das páginas, a partir dos quais podemos imprimir cópias pelo nosso mecanismo de impressão refinado. Utilizamos a força desperdiçada nas vossas tipografias e obtemos cópias com facilidade.

Os nossos eletrotipos são o espírito das vossas chapas de eletrotipo. Mesmo o meu humilde trabalho e este livro que estou agora a escrever estão a encontrar os seus lugares neste mundo superior de humanos, e a conclusão deste trabalho é aguardada com um interesse além da vossa apreciação. Quanto à maneira de imprimir os nossos livros, é pelo uso da alma dos vossos tipos e prensas de impressão. Isto é: (uma mais fina, sugerida talvez pelas tipografias terrenas, mas contendo apenas a essência da ciência da impressão, é usada por nós). Não só temos os vossos livros, como podemos originar os nossos próprios livros e jornais com facilidade.

Pergunta: — Como eletrotipam as obras de Shakespeare a partir das nossas?

Resposta: — Temos as nossas chapas espirituais, que são os ímanes. O nosso desejo de produzir uma cópia da obra ajuda a fotografar das vossas chapas terrenas para as nossas chapas espirituais.

Pergunta: — Pode explicar o vosso método de imprimir jornais?

Resposta: — Isto, de facto, é apenas uma repetição da nossa feitura de livros aqui. Imaginem uma sala na qual existe algo do mesmo maquinismo que nas vossas tipografias. Mas em vez da fatigante composição de tipos, temos um maquinismo com um grande número de teclas. Cada tecla controla uma palavra-tipo espiritual. Estas estão dispostas por ordem alfabética. Este maquinismo está disposto de modo que uma pessoa possa sentar-se com o manuscrito num suporte e tocar na tecla que controla a palavra desejada, e na forma atrás da máquina a palavra cai no seu lugar; em poucos minutos o que vos levaria horas está bem feito.

Quando a forma está completa, colocamos centenas de folhas de papel sobre ela de uma só vez, umas em cima das outras, e ao lançar um forte choque da nossa bateria elétrica as cores que formam as palavras são representadas em cada folha. Tenho a esperança de colocar este processo de palavras para composição de tipos perante alguma mente no vosso mundo que pudesse fabricar maquinaria para o seu uso. Vós já recebeis por vezes as nossas invenções. Gostaria de poder, através desta mão, produzir um esboço desta máquina, mas receio não o conseguir.

[Diagrama: Secção do Teclado; Cada espaço significa uma palavra.] A disposição alfabética é como um lanço de escadas com a largura justa para o dedo tocar na tecla.

Pergunta: — A folha de papel do fundo toca na forma?

Resposta: — Toca, pois cada palavra-tipo é feita de uma substância altamente elétrica. Sobre a pilha de folhas colocamos um íman ainda mais poderoso que atrai e traz a coloração através de todas elas.

Pergunta: — Colocam as cores nos tipos de palavras? Onde obtêm as cores?

Resposta: — Não colocamos nenhumas cores nos tipos de palavras e não usamos tinta. As nossas cores são feitas por químicos. Estas substâncias químicas são atraídas e condensadas no papel pelo poder dos nossos ímanes a partir da atmosfera, e o choque lançado sobre o papel pela bateria elétrica reproduz as palavras em todas as nossas folhas. Mas deveis lembrar-vos de que o nosso papel não é como o vosso. É feito daquilo que se desprende na feitura do vosso papel e é, por isso, altamente suscetível ao poder magnético que lançamos sobre ele. A máquina de tipos de palavras poderia ser tornada disponível no vosso mundo, mas a nossa maneira de imprimir não, pois ainda não tendes elementos suficientemente refinados para trabalhar com eles.

Pergunta: — Os vossos tipos de palavras são feitos de substância?

Resposta: — Sim. São substância para nós, e temos caixas contendo números de cada palavra, para que quando uma é usada outra caia pronta para, ao ser tocada, ser lançada para a forma.

Pergunta: — Como existem milhares de palavras na língua inglesa, poderia o vosso sistema ser prático para nós? Não exigiria uma sala muito grande para conter teclas suficientes?

Resposta: — Nós simplificamos a nossa linguagem, por isso não exigimos tantas palavras diferentes com o mesmo significado. Quando uma palavra falta numa caixa, uma pessoa insere-a rapidamente pelo método antigo. Na vida terrena, estou confiante de que estas máquinas de palavras eliminariam muito do que é supérfluo; e, com estudo, poderiam ser dispostas de modo a permitir que uma pessoa fizesse o trabalho de dez. Se as palavras mais em uso fossem lançadas por esta máquina, uma pessoa poderia fornecer as palavras extra.

Estas teclas deveriam ser dispostas de modo a facilitar a visão e, tendo letras em relevo, os dedos poderiam tornar-se suficientemente sensíveis para ler sem olhar para cada palavra-tecla. Exigiria muito trabalho antes de conseguirmos tornar o maquinismo na vida terrena suficientemente fino para produzir o que desejamos sem ocupar demasiado espaço. Mas poderia ser feito e, combinando o engenho dos homens daí com o nosso, poderia ser um sucesso.

SAMUEL BOWLES

30 DE OUTUBRO.

Pergunta: — Como extraem a matéria corante para a impressão, já que diz que não há matéria corante na forma de tipos?

Resposta: — Cada folha de papel contém um elemento corante que, pelo grande choque elétrico, é organizado em palavras e, como o choque maior ocorre onde as palavras estão, há aí a maior concentração de cor, tornando as palavras nítidas para leitura. O íman superior é tão forte que atrai a impressão das palavras-tipo na forma inferior com tal força que a folha superior fica tão bem impressa como a que está junto

ao tipo; na verdade, mais ainda, pois as primeiras três ou quatro folhas no fundo da pilha estragam-se porque o choque retira a impressão da palavra. Eles costumam colocar papel sem valor junto ao tipo. O próprio papel é carregado com matéria corante da atmosfera antes de ser usado para a impressão, e a força da bateria, como disse antes, concentra a cor diretamente em cada palavra espiritual, pois esta é um íman e atrai a substância corante de modo a torná-la visível. O íman superior não tem tipos nele.

Pergunta: — Por favor, explique como os artistas pintam quadros na segunda esfera?

Resposta: — Estive em dois estúdios aqui e percebo que os artistas pintam de forma muito semelhante à da vida terrena, apenas pintam mais rapidamente. Eles têm esta vantagem ao magnetizarem a sua tela e concentrarem os seus pensamentos nela. Informaram-me que os contornos dos seus quadros ideais são produzidos na tela em linhas de luz, e a cor pode então ser facilmente aplicada. Para mim, este contorno não era visível; para o artista, era. Sinto-me cada vez mais convencido de que a vida espiritual realiza e intensifica tudo o que não passou de um sonho de beleza na vida terrena.

SAMUEL BOWLES

Pergunta: — Como recolhem notícias por telégrafo?

Resposta: — Temos repórteres e jornalistas aqui que trabalham, não por dinheiro, mas para disseminar a verdade e relatar veridicamente os incidentes da vida espiritual. A nossa telegrafia baseia-se no princípio da palavra, não por letras como a vossa. A suscetibilidade dos agentes ao longo das nossas diferentes rotas torna muito mais fácil chegar à verdade, e a toda a verdade. As nossas palavras são reproduzidas por uma bateria, tal como a vossa, mas a nossa bateria é a parte espiritual da maquinaria.

TELEGRAFIA ESPIRITUAL

Temos dois tipos de telegrafia aqui: um para transmitir notícias em diferentes pontos onde temos operadores destacados, e que funciona muito segundo o princípio do vosso. Esta forma é usada principalmente na primeira e segunda esferas. Mas a telegrafia mais subtil da terceira, quarta e quinta esferas é realizada da seguinte forma: espíritos que precisam de muita ajuda uns dos outros sentam-se juntos num círculo e ficam em estreita relação uns com os outros através destas reuniões.

Quando um tem um pensamento intenso sobre outro membro do círculo que está ausente e deseja a sua presença, o desejo atua como um telegrama para o convocar. Quanto mais vos familiarizardes com a ação de uma mente sobre outra, melhor compreendereis a telegrafia mental. A telegrafia em todas as suas formas, e outras invenções, existem na nossa vida muito antes de serem pensadas na vossa, e são transmitidas de uma mente para outra.

O TELEFONE NA VIDA ESPIRITUAL

O telefone existia aqui há muito tempo, e os nossos fios são tão finos, o ar através do qual passam tão límpido, que na terceira esfera são usados de uma parte da esfera para outra; por exemplo, telefones foram estendidos dos céus americanos para os ingleses, e a conversação pode ser mantida a esta distância com facilidade. Mas na quinta esfera o som da voz, e até o riso em salas onde os telefones terminam, pode ser ouvido sem aplicar nada ao ouvido. O leitor encontrará um exemplo deste tipo descrito na minha visita ao Professor Faraday, na folha vigésima quarta.

SAMUEL BOWLES

Pergunta: — Poderia explicar a construção de casas nas esferas?

Resposta: — São construídas pelo poder da vontade. Os materiais consistindo na substância espiritual de madeiras da terra, granito, mármore, etc., libertada à medida que estes artigos apodrecem ou são queimados, sobem e estão naturalmente inclinados a assumir a forma que tinham na terra, a menos que seja a vontade do futuro ocupante, ou dos seus amigos que ajudam, mudar a forma. Quando este é o caso, as nossas habitações espirituais crescem gradualmente para a forma que é o nosso ideal. Isto não é feito frequentemente, pois exige grande poder de vontade para produzir a mudança. Mas, entre as muitas mansões, existem casas que satisfarão o gosto mais crítico. Os planos arquitetónicos desta vida raramente colidem. Quando, por crescente bondade e crescimento na alma, os ocupantes partem para uma esfera superior, há sempre alguém pronto e satisfeito por entrar e habitar na casa vaga. Mas o método de construir novas casas é para vós um mistério que tentarei explicar. Passei por um local onde uma nova rua tinha sido traçada e vi os alicerces de uma casa. Sem o toque de mãos, as paredes cresciam cada vez mais alto, mas tão lentamente que era quase impercetível para mim.

Quarenta e oito horas depois, visitei esse local novamente, e estava ainda mais alto, e a parte inferior das janelas estava lá. Olhei para o chão e para a parede e descobri que, até onde tinha subido, nada estava incompleto. Nenhuns tabuleiros toscos, cada divisória era perfeita, e as partes das portas (estando as partes inferiores terminadas enquanto as superiores ainda não estavam construídas) pareciam muito estranhas. Todavia, silenciosamente, aquela casa estava a erguer-se. Perguntei o que significava, porque crescia assim acima do solo? Soube que a casa terrena tinha sido queimada e que, diretamente sob esta casa espiritual, na esfera abaixo, as partes espirituais mais grosseiras do edifício terreno tinham formado uma casa correspondente na segunda

esfera, enquanto a substância espiritual ainda mais fina da casa terrena original tinha subido para a terceira esfera e estava a formar a casa que eu observava.

Vi algumas das partículas ainda mais refinadas subirem desta casa da terceira esfera, e perguntei se estas partículas ajudariam a formar uma casa na quarta esfera, e foi-me dito que sem dúvida o fariam; mas na quarta esfera a substância era tão refinada que um espírito da terceira esfera que fosse olhar para ela dificilmente a conseguiria ver; que teríamos de nos tornar nós próprios mais refinados para a vermos bem e que o tempo lhe daria mais solidez. Não pensaríamos em ocupar uma destas habitações espirituais recém-feitas, mesmo na nossa própria esfera, até que tivesse sido construída há algum tempo; porque o toque dos nossos pés espirituais deixaria uma marca como na vareia convosco.

Mas o ar e a luz espirituais endurecerão gradualmente esta substância e torná-la-ão habitável. Não vi casas espirituais num estado de decadência. Elas envelhecem, mas esta aparência de idade é permitida se o habitante o desejar; caso contrário, pelo poder da vontade, ele poderia fazê-la parecer nova novamente.

SAMUEL BOWLES.

9 DE NOVEMBRO

DESENVOLVIMENTO DE MÉDIUNS

(Instruções adicionais complementares ao artigo sobre mediunidade em "Experiências de Samuel Bowles na Vida Espiritual".)

Em primeiro lugar, sete pessoas devem decidir-se a sentar-se para desenvolvimento. É muito provável que duas em cada sete possam ser tornadas instrumentos para o nosso uso. Devem ser quatro mulheres e três homens. Duas das mulheres devem ter olhos e cabelos escuros, e duas devem ser de tez clara; dois dos homens devem ser de polaridade positiva ou morenos, e um claro. Baterias feitas de cobre e zinco devem ser usadas nos pés constantemente.

A mesa ao redor da qual os sete se sentarão deve ser isenta de tinta e verniz. Fios alternados de cobre e aço devem correr por baixo da mesa, em todo o seu comprimento, e cada fio deve ser fixado em torno de um parafuso que segura uma peça de zinco de uma polegada quadrada. Os pés da mesa devem assentar em isoladores de vidro, tal como as cadeiras dos participantes. Os pés devem repousar sobre placas de vidro. Que haja uma luz ténue e cânticos frequentes. Que prevaleça um espírito de oração e um desejo fervoroso pelas melhores e mais puras influências. Os dedos mínimos devem tocar-se ao redor da mesa, e devem ser passados quarenta e cinco minutos na sessão. Interrompam quando o tempo terminar, pois sentar-se por mais tempo enfraqueceria o poder para uma sessão posterior.

Duas noites por semana devem ser dedicadas a este trabalho. Uma caixa contendo papel e lápis deve ser suspensa na parte inferior da mesa. Quando alguém no círculo

mostrar sinais de estar a desenvolver-se, deve haver grande cuidado para não o forçar a avançar demasiado rápido. Uma pessoa em desenvolvimento mediúnico deve estar muito tempo sozinha e nunca dormir na mesma cama que outra pessoa; de facto, é melhor não dormir no mesmo quarto. Ninguém mais deve ser adicionado ao círculo para testemunhar as manifestações durante um longo período, pois qualquer elemento novo perturba o equilíbrio.

Devem os que se desenvolvem ter grande cuidado em não permanecer com pessoas que os deixem exaustos, e devem ingerir os alimentos que mais ajudem. Vegetais, frutas e peixe são melhores do que carnes e pastelaria, pois os primeiros auxiliam as forças espirituais. No desenvolvimento da mediunidade, não se deve pensar constantemente no dinheiro proveniente do seu exercício, pois tais pensamentos repelem os mentores mais puros e atraem apenas espíritos gananciosos e ávidos.

Finalmente, quem quer que se torne um médium deve adaptar a sua vida, tanto quanto possível, a este trabalho. Uma vez que este poder lhe pertença, ele já não pertence a si mesmo. Devido à beleza do trabalho e à quantidade de bem que pode ser feito, ele deve estar disposto a fazer do autossacrifício parte da sua vida. Mas olhai para cima, percebei que dádivas de ouro não se comparam com o dom bendito que vos torna um reservatório para os pensamentos do mundo espiritual e vos permite transmitir esses pensamentos a almas famintas. Missão bendita que, embora não compreendida pelas massas, aproxima-se o tempo em que ser um bom médium será reivindicar o amor e o respeito de um mundo desperto.

S. B.

9 DE NOVEMBRO

FOLHA DÉCIMA SÉTIMA

A RECEÇÃO NO CÉU DE DOIS SUICIDAS QUE SE ATIRARAM NAS CATARATAS DO NIÁGARA.

Tenho em mente a morte de um casal: o homem, um Sr. Howie, e a mulher, uma Sra. Stuart, creio eu. Este casal sentira-se atraído um pelo outro, embora a mulher tivesse marido e o homem tivesse uma esposa que, tanto quanto pude saber, lhe era dedicada. Mas um poder invisível fez com que o casal procurasse clandestinamente a companhia um do outro, até que, na casa deste homem, o pecado de ambos foi descoberto pela sua esposa injustiçada. Não se disse muito na altura, mas um encontro foi marcado; o casal foi para as Cataratas do Niágara e, após juras de amor, atiraram-se aos rápidos e foram levados pela corrente.

As pessoas da terra tiveram uma versão da maldade deste ato, e nós tivemos outra. Vós chamaste-lo infame, culpando, como de costume, a mulher. Nós olhámos para o sucedido como um facto triste e pusemo-nos a trabalhar para retificar o mal tanto quanto possível. As águas gélidas mudaram-nos da vida terrena para a espiritual quase ao mesmo tempo, e esse casal culpado acordou a tiritar com um medo mortal. A perceção

da sua baixeza atingiu-os num instante, e as palavras e olhares amorosos e ternos de antes da morte transformaram-se agora em recriminações.

Espíritos apiedados estavam próximos, mas não lhes foi permitido dar esperança até que chegasse o tempo para tais lições. Parentes de ambos os lados estenderam mãos amigáveis, mostraram rostos pesarosos, mas sabiam que nada podiam fazer para evitar a punição trazida sobre eles pelas suas próprias paixões luxuriosas. A mulher culpou o homem por ter entrado na sua casa sob o disfarce de médico e, ao curar o corpo, ter poluído a sua alma. Ela chorou e rezou pelos dias de inocência, agora tão distantes. Ele permaneceu estólido, mas quando lhe foi dito que um lar para reforma o aguardava, falou-lhe rudemente, exigindo que ela fosse com ele. Mas uma voz suave interpôs-se e disse:

"Ela não pode ir contigo. Perdeste o respeito daqueles que te conheceram em vida. Fizeste do casamento um escárnio. Viveste vidas impuras perante os homens e os anjos e, quando descoberto, procuraste a vida espiritual para continuar esta felicidade roubada. Isto não pode ser. Examinai os vossos próprios corações, ambos, e vede como estivestes enganados. Uma vida juntos causaria constantes recriminações, e a visão do que os vossos amigos terrenos estão a sofrer pela vossa infidelidade seria apenas tortura. Não, a loucura que vos levou a dar esse salto fatal será a causa da vossa separação aqui, até que tenham aprendido a lição mais dura das vossas vidas, que é conhecerem-se a vós mesmos.

Mortais equivocados, pensastes que a vida espiritual vos daria paz ao cederem a uma maldade que os amigos terrenos abominavam? Não, juntos pecastes contra tudo o que havia de mais nobre e puro no vosso ser; pecastes primeiro ao chamarem à paixão, amor, e depois novamente ao deixarem que a voz de um tentador invisível vos levasse a tirar as vossas próprias vidas. Não escapastes a nada. Agora, separadamente, deveis carregar o vosso fardo de erros terrenos e, ajudando aqueles que feristes, ajudarem-se a vós mesmos. Depois de o pior da vossa culpa ter desaparecido, depois de terem aprendido que não pode haver expiação para o vosso pecado, salvo à medida que ele for vivido e trabalhado, tu, pai de crianças, poderás ser puro o suficiente para as receberes quando chegar o tempo delas.

Par transviado, não procureis em vão desculpas para fazer este grande pecado parecer pequeno. Não o atribuam à loucura. Tal loucura não teria vindo se não tivesse sido acolhida pelo vosso passado pecaminoso. Vivei e aprendei, mas lembrai-vos na vossa separação de que deveis olhar para trás, para os vossos companheiros abandonados na terra, e ver se não ficais surpreendidos com a real beleza de carácter que ali existe. Semeastes, deveis colher, e mãos voluntárias ajudar-vos-ão a subir a colina."

SAMUEL BOWLES

Pergunta: — Que punição adicional advém a uma pessoa pelo ato do suicídio?

Resposta: — À pessoa que comete suicídio é mostrada a crueza e a maldade do ato, sendo levada a perceber as possibilidades que poderiam ter feito parte da sua existência terrena, caso não a tivesse interrompido. Frequentemente, a insanidade é alegada como causa, e justamente, mas a vida espiritual não para por aqui. Qual foi a causa da insanidade? Não houve alguma indiscrição, algum ato ou cadeia de causas na vida terrena que produziu essa aberração temporária? Todos estes assuntos devem ser considerados desde o início.

Se uma mácula hereditária a causou, então pergunta-se: fizeste tudo o que podias, vivendo uma vida pura e estudando as leis da natureza e do teu ser físico, para eliminar essa mácula? A tua vida tendeu para o que era elevador ou degradante? Estas causas são revistas e o homem descobre que, em vez de escapar do seu problema, multiplicou-o dez vezes. E não fosse pela ajuda recebida deste lado, estas vítimas de si mesmas e das suas próprias vidas impuras teriam de continuar eternamente na miséria. Mas a vida espiritual é bela na sua caridade. Esta caridade entra na maioria dos atos dos verdadeiramente bons. Portanto, para o suicida que, por este fim perverso da sua vida, prepara o seu inferno extra, existe ainda a paz.

S. B.

FOLHA DÉCIMA OITAVA

A PRIMEIRA E A SEGUNDA ESFERAS. COMO AS PESSOAS SE DEVEM LIVRAR DOS DEFEITOS ANTES DE PODEREM ENTRAR NA SEGUNDA ESFERA — ALGUNS BONS ESPÍRITOS PERMANECEM NA PRIMEIRA ESFERA POR ALGUM TEMPO PARA ESTAREM PERTO DOS SEUS AMIGOS E PARA ESTUDAREM AS SUAS LIÇÕES. — JORNALISTAS E JORNAIS. — GALERIAS DE ARTE, SALAS DE LEITURA. — DE QUE É COMPOSTA A ATMOSFERA ESPIRITUAL. — A SUBSTÂNCIA DAS ESFERAS. — GESTÃO DOMÉSTICA, ALIMENTAÇÃO, SONO, VESTUÁRIO, ETC.

Compreendo plenamente que nas minhas folhas anteriores lidei muito com o Material e a sua influência sobre o Espiritual. Por necessidade, as minhas descrições foram algo tristes, mas, se puder desviar a vossa atenção para o outro lado do quadro e dar-vos alguns vislumbres de pureza e paz, sei que descobrireis que há muito de belo e repousante no céu sobre o qual aprendi lições desde a minha estada aqui.

Lembro-me de que, durante muito tempo, a minha mente esteve tão ocupada a tentar atenuar o sofrimento da minha família e a dar ajuda ao meu antigo empreendimento (*The Republican*), que não notei muito o que transpirava ao meu redor. Permaneci pouco tempo no meu lar espiritual, descrito para vós numa obra anterior. Mas os últimos meses têm sido repletos de experiências para mim, e diariamente sou levado a maravilhar-me com a altura de desfrute do belo que será possível proporcionar à alma imortal.

Embora mais bela que a terra, verifico na primeira esfera que os gostos e hábitos da vida terrena revivem, e muito do que é grosseiro se agarra ao espírito. Nas minhas visitas à primeira esfera, e ao passar por ela, observei estes objetos desolados que deram origem às minhas folhas de contrastes. Lamento repetir o que deve ser admitido por mentes sensatas: que a primeira esfera acolhe, exatamente como são, aqueles que a terra lhe envia. Um mentiroso mantém a propensão para mentir, um ladrão para roubar, um assassino para assassinar, um bêbedo para beber.

Um homem ou mulher corruptos encontram-se na vida espiritual ainda corruptos; e a sua influência será sentida na vida terrena até que lhes seja ensinado, em escolas para o efeito, aquilo que os elevará. A natureza, com todos os seus encantos na vida terrena, não os elevou, nem o fará na primeira esfera até que o que é corrupto seja, em certa medida, eliminado.

Tal como a vida terrena envia os seus habitantes para a primeira esfera, também a primeira esfera muda os seus ocupantes para a segunda. Muitos espíritos bastante bons preferem ficar por algum tempo na primeira esfera, não apenas para estarem mais perto dos seus amigos terrenos, mas porque desejam aprender as suas lições e investigar cuidadosamente tudo o que a vida espiritual lhes possa trazer.

A segunda esfera situa-se ainda mais acima da terra, e tudo o que é belo é intensificado. As suas ruas tranquilas são locais adequados para homens de pensamento caminharem e aprenderem lições da natureza nas suas formas espirituais elevadas. Há mais espiritualidade e menos semelhança com as atividades da terra. Na segunda esfera, a dona de casa cuidadosa, ao organizar o conforto do lar, tem mais atenção ao que tende para o alto do que ao que gravita de volta para a terra. Noto que os livros nos lares da segunda esfera contêm mais da filosofia da vida espiritual e do que é mais necessário aprender à medida que se sobe.

Há vida real, mas todo o mecanismo está num plano mais espiritual. Químicos ocupam-se a analisar tudo o que lhes é novo. O astrónomo tem nesta esfera meios amplos para fazer observações. Cada estudante da natureza, ao atingir a segunda esfera, tem um novo volume diante de si. Grupos de crianças felizes brincam ao redor dos seus lares espirituais, e noto nos seus divertimentos que não há recorrência dos antagonismos da terra ou da primeira esfera.

Jornalistas aqui podem dar notícias às multidões expectantes. Eventos que transpiram nas esferas superiores, bem como os da primeira e da terra, são publicados. Os nossos jornais são tão tangíveis para nós como os vossos para vós; e o nosso subtil poder de telegrafia dá-nos vantagens muito maiores do que podeis imaginar. O trabalho duro, o maquinismo pesado de uma tipografia terrena, dão lugar ao que é leve, facilmente manipulado, e cujo poder motor é a vontade do operador.

Há momentos em que parece melhor para os interessados visitar reuniões que nos instruem; mas o ensino não é nem de perto tão laborioso como entre vós. Através da grande telegrafia desta esfera, os trabalhadores tomam conhecimento de factos e eventos que ocorrem a uma vasta distância. O artista pode criar na sua tela quadros que o

imortalizarão na esfera em que trabalha, com muito maior facilidade do que poderia pintar o quadro mais comum na antiga vida com os antigos materiais. Noto na segunda esfera muitas galerias de arte, muitas salas de leitura, de facto edifícios inteiros para uso público, nos quais as mais altas obras de arte, literatura ou habilidade mecânica são colocadas em exposição e para uso da multidão, sem que os proprietários esperem que se sigam vendas como na vida terrena. Não, o dinheiro não é o poder motor agora.

Contudo, posso ver que muita ambição entra nestas obras, e que a apreciação demonstrada por mentes sábias estimula os artistas a esforços ainda maiores. Enquanto caminhava por estes adoráveis palácios de arte e via a beleza em toda a parte, perguntei-me quanto tempo levaria para que algumas das almas desfiguradas de que tive piedade atingissem esta esfera.

Noto na segunda esfera o crescente amor pela harmonia. Em todas as suas atividades, raramente sentem vontade de levantar a voz com raiva. Vi aqui mulheres belas que me dizem que outrora foram tão dignas de piedade como algumas de que vos falei. "Mas agora acabou", dizem elas, "estamos felizes". "Não têm arrependimentos, nem remorsos agora?", perguntei. "A cicatriz ainda ficou, mas graças ao céu, os meus filhos reconciliaram-se comigo." "Quanto tempo permaneceu na primeira esfera?" "Devem ter passado muitos anos antes de estarmos por qualquer período fora do hospital e, quando libertadas, ensinámos lá durante algum tempo; depois permanecemos na primeira esfera à espera que os nossos filhos atingissem o padrão adequado antes de poderem vir connosco para este lar."

Perguntei a uma senhora porque é que ela e os seus filhos tinham sempre o mesmo guia índio. Ela respondeu que a donzela índia estava na vida espiritual enquanto ela estava na vida terrena. "A índia, descobrindo que eu era uma sensitiva, ligou-se a mim e tentou desviar-me do caminho que eu seguia. Ela tem permanecido comigo e com os meus filhos desde então, parecendo muito feliz por nos servir, e o seu espírito puro e natural tem sido uma grande ajuda para mim."

Fiquei curioso por saber se a rapariga índia não ficaria mais satisfeita com pessoas da sua própria nação. Ela disse que podia ir vê-los quando quisesse, mas que amava mais estar com os seus amigos brancos. Há locais convenientes onde, de poucas em poucas horas, as pessoas se podem reunir e ouvir belas verdades, ensinadas por aqueles que vêm de esferas ainda mais elevadas.

SAMUEL BOWLES

10 DE OUTUBRO.

Pergunta: — A que distância acima da superfície da nossa terra se estende a nossa atmosfera, composta pelos gases oxigénio e nitrogénio?

Resposta: — O "quão longe" peço para não responder ainda, mas ela funde-se com o espírito do ar que encontra caminho através de todas as passagens, e é tão subtil e penetrante que passa pela primeira cintura (esfera), fornecendo assim a atmosfera para a primeira esfera. Esta atmosfera torna-se ainda mais fina nas suas propriedades e sobe

para a esfera seguinte. Seria difícil para o julgamento mais experiente encontrar a linha onde a vossa atmosfera cessa e a atmosfera espiritual começa. Ao subir em balões, isto é frequentemente sentido em algum grau, tornando os balonistas mal capazes de respirar. Esta purificação ocorre durante milhas de espaço antes que esta atmosfera terrena dê lugar ao ar puramente espiritual.

Pergunta: — Que tipo de matéria existe entre a primeira e a segunda esferas?

Resposta: — A parte sólida do espírito da matéria é aquela sobre a qual os nossos lares são construídos, e que corresponde à vossa terra. O que está acima é a nossa atmosfera, e estende-se até à cintura da esfera seguinte. Esta atmosfera consiste no espírito da vossa atmosfera, muito refinado.

Pergunta: — De que é composta a substância da primeira e segunda esferas?

Resposta: — É composta pelo espírito da matéria terrena, da mesma forma que a nossa atmosfera é composta pelo espírito dos elementos que entram na vossa atmosfera terrena.

Pergunta: — De que elementos é composta a vossa atmosfera?

Resposta: — Esta é uma pergunta à qual, até agora, dei pouca atenção. Aqueles que fizeram dela um estudo declaram que os elementos são o espírito do oxigénio, nitrogénio, etc., de que o vosso ar é composto. É esta parte mais fina que cumpre o seu dever na vida espiritual.

Pergunta: — Pode explicar como é feita a gestão doméstica? Refere-se à dona de casa cuidadosa.

Resposta: — Quero dizer que uma mulher que toda a sua vida foi uma das atribuladas "Martas" sentiria que sofria tormentos sem nada para fazer. Embora o trabalho pesado seja excluído, e as nossas roupas não exijam lavagem, há certas tarefas que devem ser atendidas. Se vos falar da nossa comida espiritual, dificilmente acreditareis. Mas das aberturas frequentes que dão passagem de uma esfera para outra, existem o que para vós pareceriam ser canos, correndo debaixo do chão, mas perto da superfície. Por uma lei que é tão natural como para o trigo crescer entre vós, parte da vossa comida mais grosseira, tal como carnes de diferentes tipos e outras coisas, enquanto são cozinhadas na vossa terra, libertam uma substância para nós. Esta substância, condensada em diferentes locais que correspondem às vossas lojas, é distribuída às pessoas aqui.

A primeira esfera recebe o que está mais próximo da carne real, mas as partes mais finas daquilo que sobe para a primeira esfera vão ainda mais alto para a segunda esfera, alimentando os habitantes de lá, e a essência ainda mais fina disto sobe para a terceira esfera, proporcionando sustento aos seus habitantes, e assim por diante. Somos assim alimentados pelo que sobe da vossa terra, além dos produtos naturais das nossas próprias esferas. Estes manjares exigem pratos espirituais de muitos tipos, que devem ser cuidados por alguém.

Em cada lar existe alguém que se sente mais feliz a ocupar-se no leve trabalho doméstico do que estaria a ensinar ou a prosseguir estudos que exijam esforço mental. Estes espíritos domésticos não são necessariamente de ordem inferior, pois o ato de fazer bem qualquer trabalho produz um sentimento de refinamento aqui. Analisei estas disposições domésticas em cada esfera que visitei e verifico que tal trabalho doméstico é necessário para o conforto do corpo espiritual.

Na primeira esfera, verifiquei que as preocupações e perplexidades da dona de casa são quase tão grandes como na vida terrena. Mas quanto mais alta a esfera, mais refinado é tudo o que nela entra. Sei que na terceira esfera temos os nossos tempos de descanso, as nossas camas para repousar, que são tão essenciais aos nossos corpos espirituais como as camas são aos vossos corpos terrenos.

Os nossos quartos são grandes e arejados, preferindo cada pessoa um para si. Estão decorados com gosto com o espírito do que aparece nos vossos quartos. É tão necessário para nós arejar os nossos quartos, as nossas camas, e ser asseados, como o é para vós. Mas muito trabalho é poupado no nosso estilo de vestir. Algumas manipulações farão o que o trabalho de lavar e engomar faz entre vós. Temos refeições regularmente, tal como vós. Cada esfera fornece em fruta, grão, etc., o que os seus habitantes precisam, mas tudo o que nos chega da parte mais fina do alimento animal vem da vossa terra, se bem entendo. Ouvi espíritos falarem de peixe nos nossos riachos, que alguns utilizam como alimento, mas não posso dizer pela minha experiência que assim seja. Nenhuma vida é tirada aqui para satisfazer a fome. Estas coisas podem ocorrer na primeira esfera, mas não tomei conhecimento disso.

O trabalho de cozinhar não é muito. O calor é usado para preparar alguns dos manjares que abastecem as nossas mesas. É muito raro ouvir a palavra "cansado". Não tenho desejo por qualquer outra bebida aqui que não a água pura, tão abundante em toda a parte. Mas na terceira esfera há alguns que utilizam os vapores que sobem do vosso chá e café. Vegetais adequados ao crescimento espiritual são abundantes e exigem pouco cultivo. O pessegueiro, a pereira, a macieira, a ameixeira, a cerejeira e outras árvores que murcharam e morreram após prestarem bom serviço no vosso mundo, enviam árvores espirituais que ganham raízes nestes terrenos abrigados e tornam a fruta abundante. Para nós, o pêssego é real; para vós, não seria nada.

As mulheres ocupam-se do trabalho doméstico de forma muito semelhante à da vida terrena, mas o desejo de fazer o bem é um elemento forte da alma na vida espiritual. Portanto, ninguém pode estar inteiramente absorto no trabalho privado. Levantamo-nos, tomamos o pequeno-almoço, composto pelas partes mais finas de carne, vegetais, frutas e o que for necessário para os diferentes gostos. A limpeza da loiça em que comemos é um trabalho leve, pois o facto de a vida espiritual servir para purificar entra em tudo, e o ar está impregnado com aquilo que limpa.

Não entraremos em mais detalhes sobre o comer, o beber e o dormir, mas diremos que virá o tempo em que, se estudardes as leis da natureza, não parecerão tão sábios ao chamarem lunáticas às pessoas por acreditarem naquilo que (se usardes o senso comum)

parecerá muito mais razoável do que a teoria de estar sentado num assento duro, com os pés num pavimento de ouro, cantando aleluias e acenando uma palma a um Homem-Deus num trono, que não tem mais nada que fazer senão ser louvado por toda a eternidade.

SAMUEL BOWLES

Pergunta: — Por favor, explique como algumas manipulações podem limpar o vosso vestido tão bem como a lavagem e a passagem a ferro fazem com os nossos. Por favor, explique o vosso estilo de vestir?

Resposta: — O nosso vestuário assemelha-se ao vosso, embora com as senhoras haja mais variedade do que com os homens; quando retiro a minha roupa para descansar, ela é colocada numa pequena sala, com aberturas para fortes correntes de ar, e quando o meu descanso termina, cada partícula de impureza recolhida na minha roupa a partir da minha forma espiritual foi completamente expelida, e apenas temos de vestir os nossos fatos, sentindo que o asseio existe e que não estamos em dívida para com nenhuma lavadeira.

Pergunta: — O que faz à roupa com as "poucas manipulações" que menciona?

Resposta: — O vestuário das mulheres é o que exige mais manipulações, pois o que as delicia sob a forma de adornos é deslocado por essas fortes correntes de ar. Mas tudo o que vestimos está tão cheio do poder subtil da eletricidade que o passar suave das mãos ao longo da roupa restaura a suavidade e a ordem, tanto quanto a passagem a ferro faz convosco. Na terceira esfera e nos céus americanos, os homens usam geralmente casaco, calças e colete como os da vida terrena, mas em esferas mais elevadas usam mais frequentemente uma espécie de túnica turca.

Pergunta: — Como geram o calor que usam para cozinhar?

Resposta: — É produzido pelo consumo de gases obtidos do ar. Quando estes gases são condensados, estão prontos a ser acesos em qualquer altura. Não usamos fósforos, mas ao rodarmos o parafuso que liberta o gás, tocamos rapidamente num pequeno fio, o que produz um choque elétrico, incendiando o gás.

Pergunta: — Onde é o seu lar espiritual?

Resposta: — Atualmente é na terceira esfera, e por escolha, pois desejo terminar o meu trabalho na terra e ter os meus entes queridos comigo antes de me deleitar nas belezas das esferas superiores.

Pergunta: — Sobre que parte dos Estados Unidos está localizado o seu lar?

Resposta: — Bem, tanto quanto posso julgar, mesmo por cima da velha Massachusetts e sobre a parte que contém os meus tesouros.

S. B.

FOLHA DÉCIMA NONA

A TERCEIRA ESFERA. COMO OS ESPÍRITOS FICAM FELIZES POR IR DA PRIMEIRA PARA A SEGUNDA E TERCEIRA ESFERAS. — ALGUMAS PESSOAS SÃO TÃO BOAS NA TERRA QUE NA MORTE VÃO DIRETAMENTE PARA A TERCEIRA ESFERA. — ENSINO DOMÉSTICO PARA CRIANÇAS. — AS VELHAS CICATRIZES DE PECADOS PASSADOS DESAPARECEM AQUI. — REUNIÕES PÚBLICAS PARA DISCUSSÃO. — O INVENTOR ORIGINAL E A SUA MÁQUINA ELÉTRICA PARA PERMITIR QUE MÉDIUNS DÊEM MATERIALIZAÇÕES À LUZ SEM GABINETE. — COMO QUADROS DE ESPÍRITOS APARECERÃO NA TELA PERANTE OS OLHOS DO ASSISTENTE. — "O AMOR É A ESCADA PARA OS CÉUS MAIS ALTOS". — O EFEITO DA LUZ SOLAR NAS ESFERAS. — O CALOR DAS ESFERAS EXPLICADO. — COMO AS FORÇAS MAGNÉTICAS DE OUTROS PLANETAS AFETAM AS ESFERAS ESPIRITUAIS DA TERRA. — ESCOLAS PÚBLICAS NA TERRA.

Bem sei como é difícil para os humanos compreenderem a alma e perceberem que as almas são personalidades e, se assim for, devem ter algum lugar para habitar. Na vossa vida, à medida que o sucesso acompanha um homem, ele geralmente descarta o seu ambiente humilde e reúne ao seu redor tudo o que pode sinalizar o seu sucesso. O que o satisfazia ao início, com o passar do tempo, parece insignificante, e ele deseja deleitar-se em luxos ainda maiores.

O mesmo acontece com a alma à medida que se aproxima da pureza. Alguém que sentiu a beleza da primeira esfera e por algum tempo esteve satisfeito com o lar ali providenciado, descobre finalmente que ultrapassou a situação e ficaria muito infeliz se fosse ordenado que permanecesse sempre ali. Mas em vez disso, sai alegremente da primeira esfera para o lar preparado para ele na segunda ou na terceira, enquanto as mãos ocupadas daqueles que já ascenderam preparam o lar recém-vago para algum ente querido esperado da vida terrena.

Ao escrever esta obra, não vos estou a dar as vidas das exceções, mas a vida espiritual como ela é para as massas. Há alguns com almas tão maduras que entram na segunda e terceira esferas de imediato, sem passar pelas experiências da primeira. Mas com a maioria das pessoas, os passos para cima são dados lentamente. As minhas observações da terceira esfera são aquelas que enchem o meu coração de alegria. Ao olhar para a multidão de seres vestidos com túnicas brilhantes, mal posso acreditar que alguma vez foram contaminados com as experiências da terra. Noto aqui a beleza requintada dos lares e também que estão mais afastados uns dos outros do que na primeira esfera, dando a cada família a oportunidade de recolhimento e estudo.

Verifico que as crianças que estão nesta esfera recebem mais educação doméstica, e há menos escolas públicas do que na esfera inferior. Quem quer que entre nesta esfera recebeu, por necessidade, uma educação disciplinar. Os jovens são inspirados com o desejo de aprender para que possam, parte do tempo, ensinar nas escolas das esferas

inferiores. Feliz, de facto, é a alma que sente ter sido o instrumento para elevar alguém obscurecido pelo pecado e o fez libertar-se do domínio do mal e ser livre.

Não encontrei na terceira esfera muito além das velhas cicatrizes de pecados passados. Os habitantes são tão ativos a tentar obliterar estas cicatrizes como se fossem ainda um mal crescente em vez de um mal subjugado. O sentimento de boas-vindas oferecido a todos os que visitam esta esfera funciona como um incentivo para um trabalho constante de purificação.

Nas minhas pesquisas pela verdade e esforços para lançar luz em lugares obscurecidos, talvez tenha negligenciado algumas coisas que outros seriam os primeiros a discernir. Mas a minha missão é apresentar estas imagens de forma a dar aos fracos e aos doentes da alma uma resolução para agirem melhor e, àqueles que estão a fazer tudo o que podem pelo bem de si mesmos e dos outros, um estímulo para novos esforços.

Nesta esfera noto mais particularmente o sentimento social estendido de uns para os outros. Embora as famílias, ou aqueles que optam por viver juntos aqui, tenham os seus lares sagrados para si mesmos, há reuniões frequentes do povo, enquanto homens e mulheres estão ansiosos por entrar em discussões para seu próprio benefício ou para estudar meios pelos quais possam beneficiar os seus amigos terrenos. Fiquei surpreendido com algumas das ideias apresentadas. Um que foi inventor na vida terrena, e que continua a originar maquinaria terrena através do cérebro de outros, interessou muitos nesta esfera naquilo que chama uma máquina pela qual o mundo espiritual pode desenvolver médiuns e dar maior poder àqueles que já trabalham há muito tempo. Ele afirma que uma sala de círculo pode ser construída de tal forma que, com a ajuda de fios corretamente colocados e algum aparelho para gerar eletricidade, o mundo terreno e o espiritual, agindo em concerto, podem lançar sobre o sensitivo um poder que não se desgastará; e que, desta forma, médiuns para materialização, ao segurarem estes fios, poderão ter formas materializadas a aparecer perto do médium e à luz, sem gabinete.

Este irmão acredita que o espiritualismo será ainda o poder motor do mundo, e diz que quanto mais cedo estes aparelhos científicos puderem ser compreendidos e usados, mais cedo seremos capazes de aperfeiçoar formas de mediunidade ainda na sua infância. Esta pessoa parece estar otimista de que encontrará ainda um médium através do qual possa dar instruções minuciosas a alguém no vosso mundo, e este mecanismo científico ser produzido por ele e testado através do contacto com um sensitivo que tenha os poderes certos para a materialização.

Encorajei o irmão nisto, pois senti que se os dois mundos pudessem ser unidos mais estreitamente e a materialização deixasse de ser duvidada, seria um passo na direção certa. Quanto mais olho para as suas ideias, mais razoáveis parecem, e talvez tenha ultrapassado os meus limites ao prometer, se possível, ajudá-lo a controlar esta médium para dar as suas ideias a um cientista e pôr o processo em marcha.

"Porquê", disse outro, "a mediunidade está na sua infância. Pode ainda ser apresentada às pessoas de forma a obrigá-las a admitir a sua verdade." Falando da produção de quadros ao lado da pessoa fotografada, disse ele: "Esperamos mostrar às

pessoas da terra um tipo de captura de imagens que colocará esta evidência fora de dúvida." Falou de pessoas no vosso mundo, tendo elementos ainda não desenvolvidos dentro delas, que, com a ajuda da bateria antes mencionada, se sentadas perante um cavalete, na presença do amigo terreno que quer obter o quadro espiritual, e numa sala parcialmente obscurecida, verão o quadro aparecer gradualmente na tela.

Nessa tela aparecerá primeiro a cor, depois um contorno perfeito das feições do espírito desejado. Disse ele: "há na atmosfera tudo o que é necessário para isto. Tudo o que nos falta é poder para o condensar e trazê-lo para a tela."

Assim, estes entusiastas dão quadros verbais do que é possível num futuro próximo; e senti que eles devem amar os seus irmãos e irmãs terrenos se aqui, sob este dossel de beleza, rodeados pelo próprio espírito do belo na natureza, com facilidades para todos os prazeres, estavam dispostos a abdicar do seu tempo para estudar estas questões subtis e dispostos a descer ao plano da terra e esforçar-se por realizá-las de uma forma prática.

Nesta esfera encontrei essa seriedade no agir e disposição para sacrificar o prazer pessoal que me dá mais fé no amor fraternal do que eu costumava ter. Perguntei a um que é sempre ativo aqui: "Porque estuda tanto questões e possibilidades que não lhe podem trazer nenhum benefício real?" Disse ele: "Porque o amor da minha natureza exige justiça de mim. Recebo ajuda e prazer, devo dar ajuda e aumentar o prazer dos outros"; e afastei-me mais do que nunca convencido de que o amor é a escada para os céus mais altos.

SAMUEL BOWLES

11 DE OUTUBRO, 1881

Pergunta: — Como é que a luz do nosso sol afeta as vossas esferas espirituais?

Resposta: — A luz do vosso sol é uma das ajudas à iluminação aqui, mas não a ajuda mais essencial, pois a nossa atmosfera é de tal natureza, tão etérea, que é luminosa por si mesma e exclui a possibilidade de escuridão. A luz do vosso sol apenas intensifica a nossa atmosfera.

Pergunta: — As esferas espirituais revolvem com a nossa terra?

Resposta: — Sim.

Pergunta: — Quanta mais luz têm quando a porção americana das esferas está voltada para o sol do que quando a mesma parte está oposta ao sol?

Resposta: — A luz é mais intensa quando esta porção da esfera está voltada para o sol, e toda a vida animal é mais ativa. Posso comparar as duas condições ao que vedes na terra quando o sol ilumina brilhantemente toda a natureza; depois uma névoa cobre o céu obscurecendo o sol e produz uma luz suave. Mas há esta diferença: na vossa luz suave, olhais para um céu nublado. Connosco, as nuvens raramente toldam o azul dos nossos céus e, quando o fazem, em vez de despertarem sentimentos sombrios, há uma

ação da atmosfera que as transforma em objetos de beleza como as vossas nuvens de pôr-do-sol.

Pergunta: — O que causa o calor das vossas esferas, visto que para nós a distância da terra baixa a temperatura?

Resposta: — As correntes magnéticas e elétricas estão tão misturadas que produzem resultados na vegetação espiritual análogos ao calor do sol na vossa vegetação. Se estivésseis aqui sentiriam frio (isto é, se estivésseis no vosso corpo atual). Mas como lidamos com o espírito de tudo (vegetação e toda a vida animal), verificamos que as correntes antes mencionadas são suficientes para evoluir todo o crescimento do reino espiritual. Esta é a conclusão a que cheguei na minha curta estada aqui.

Pergunta: — Todas as forças magnéticas e elétricas de que fala vêm do sol?

Resposta: — Apenas uma porção delas vem do sol. Algumas destas correntes vêm de outros planetas, que estão a distribuir para estas esferas superiores as forças necessárias para elas. Ouvi dizer que quanto mais alta a esfera que atingimos, menos ajuda recebemos do vosso sol.

Pergunta: — Descreva uma escola pública na terceira esfera.

Resposta: — As únicas escolas que notei particularmente são aquelas ensinadas em grandes pavilhões e, ao contrário do treino árduo da vossa vida, as crianças deleitam-se em aprender. Os livros são usados um pouco, mas as lições da natureza são ensinadas vendo professores e alunos nas florestas, junto ao rio, analisando flores na encosta da montanha. São ensinados a encontrar Deus em tudo. Não há professores contratados nem alunos relutantes.

S. B.

30 DE OUTUBRO

FOLHA VIGÉSIMA

A ÓPERA. — PAREPA. — LILIAN ADELAIDE NEILSON E OUTRAS NUM DOS GRANDES FESTIVAIS MUSICAIS. — O LOUVOR DA SRA. NEILSON À MÚSICA. — A CRIANÇA E O QUADRO DO RIBEIRO CANTANTE. — O AMOR FRATERNAL UNIVERSAL. — CHARLES SUMNER. — W. H. SEWARD. — ELES TEMEM PELA NAÇÃO. — A SRA. NEILSON EXPLICA COMO ESTÁ A CANTAR NO CÉU. — QUAL A ESPESSURA DA TERCEIRA ESFERA? — AS ABERTURAS

ATRAVÉS DAS ESFERAS EXPLICADAS. — OS ESPÍRITOS VIVEM NO LADO SUPERIOR DAS ESFERAS. — CHUVA NAS ESFERAS. — IMORTALIDADE DOS ANIMAIS VERTEBRADOS. — O SR. BOWLES VISITA O CÉU DA LAPÓNIA.

Não dei tanto tempo aos pontos científicos relacionados com a vida espiritual e as esferas quanto dei ao efeito da vida terrena na existência espiritual. Seria inútil supor que homens e mulheres que estiveram rodeados por todo o rebuliço da vida terrena, ávidos nos negócios e na busca do prazer, ficariam felizes ao entrar numa vida de monotonia. Pelo contrário, mesmo na terceira esfera, encontro os habitantes tão ávidos por diversão como sempre, entrando nos seus divertimentos com um entusiasmo desconhecido na vida terrena, pois aqui os divertimentos estão abertos àqueles que os desejam, e pode-se desfrutar sem dinheiro e sem preço.

A minha atenção foi recentemente chamada para um grande edifício onde diariamente se ouve música belíssima. Ao entrar, encontrei a cena parecida com uma ópera na vida terrena, apenas o edifício, as pessoas, os adornos, tudo tinha aquela beleza espiritual que pode ser desfrutada, mas não pode ser descrita. Havia artistas de grande renome, que encantaram nos velhos tempos, enquanto Parepa, Adelaide Neilson e outros de tempos mais modernos ajudavam a encher aquele vasto anfiteatro com a própria alma da música, o dom mais divino do nosso céu.

Após os exercícios terem terminado, perguntei à Sra. Neilson qual era o seu objetivo ao cantar para aquela multidão, visto que agora não havia compensação. "Oh senhor, engana-se, nós temos a nossa compensação. Tal como na vida terrena atuei por dinheiro, nesta vida canto pelo bem que posso fazer aos outros e pelo bem que trago a mim mesma ao fazê-lo. Cantar é a nossa missão, e muitos são os corações curados e as lições ensinadas pela música. Nos nossos concertos na primeira esfera, temos por vezes cenas quase como uma reunião de avivamento terrena, de tão profundamente que o canto penetra na alma. Conheci uma simples balada cantada por Parepa que despertou memórias de dias pacíficos e inocentes, exorcizou demónios de cérebros doentes e tornou novamente livre um espírito maníaco. Na nossa missão visitamos todas as classes e todos os graus, ou convidamo-los a ouvir-nos. Entramos nos asilos para almas doentes, enchemo-los com as nossas harmonias e recebemos a nossa bênção (oh, que bênção!) ao ver lágrimas de alegria chegarem a olhos antes endurecidos e frios, e ao fazer os nossos ouvintes sentirem mais uma vez a ternura da infância feliz. A música é divina. Cura mais corações, expulsa mais espíritos malignos, incita a mais bem, na minha opinião, do que toda a pregação nos diferentes mundos."

Enquanto olhava para esta cantora entusiasta, perguntei-me se aqueles que seguem a profissão da música na vossa vida sabem carregar a música tão profundamente nas suas almas a ponto de torná-la uma inspiração aqui. Verifiquei que as buscas de natureza intelectual iniciadas na terra continuam aqui com muito zelo; que aí estais a tatear na escuridão de circunstâncias adversas, enquanto aqui temos o caminho desimpedido para o progresso eterno. Verifico também que a ideia prevalecente aqui é que estas reuniões musicais ajudam a subir mais do que toda a pregação que possa ser dada.

Não podeis imaginar a escassez de palavras para descrever o que vejo diariamente. Pensei que a língua inglesa serviria se alguém tivesse bons poderes descritivos. Mas verifico que falta muito no meu cérebro quando tento descrever o que cai sob a minha observação. Fiquei bastante espantado recentemente, ao passar por uma das galerias de arte, com a expressão de uma criança sobre um quadro, e pensei que, se o artista a tivesse ouvido, nenhum elogio maior seria necessário.

A mãe e a criança estavam perante um quadro que representava uma floresta na encosta de uma montanha e, no centro, havia uma ravina através da qual um ribeiro corria, saltando sobre as rochas, assentando depois calmamente por algum tempo, com a luz do sol a fazer a água e as pedras brilharem como prata. A mãe chamou a atenção da criança para outros quadros, quando a pequena disse: "Oh, mamã, escuta! Quero ouvir aquele ribeiro cantar." Esse é o tipo de arte que temos aqui, aquela que reproduz a natureza e parece fazer os ribeiros cantarem e as nuvens ecoarem estrondos de trovão respondendo ao relâmpago retratado pelo toque do artista.

Quanto mais tempo permaneço aqui, mais percebo que nada é feito em vão. Tudo o que apela ao coração é considerado útil, e o que apenas evocaria as paixões mais grosseiras não encontra lugar. Há um sentimento generalizado de amor fraternal. Ao encontrar estranhos, embora corteses, não somos considerados indelicados se falarmos sem apresentação. Algumas horas muito felizes foram passadas por mim em companhia de Charles Sumner e William H. Seward, e, com eles, revi a perspetiva política da vossa nação. Zelosos ainda e trabalhando com fervor pelo vosso bem, eles sentiram desde a recente tragédia que um grande trabalho deve ser feito deste lado para manter o navio do estado a navegar. "Pois vê", diz Seward, "o sentimento daqueles que pertencem ao gabinete.

Já não há aquela consciência de força, mas homens que pensávamos terem corações bravos seguem tremendo para o dever; e temo que venha o tempo em que será difícil encontrar um candidato digno para Presidente, pois poucos homens são suficientemente bravos para estarem dispostos a ser 'Estrangulados pela República'." Mas embora os grandes corações aqui temam por vós, não estão desanimados. Eles percebem, cada vez mais, a sua força e, ao trabalharem nas mentes boas da vossa terra, ajudarão a expulsar o mal. E assim, quase diariamente, realizam-se reuniões aqui, sob rigorosas regras parlamentares, para idear uma forma de vos trazer ajuda se as nuvens baixarem e outras vítimas forem sacrificadas no altar da vossa nação.

SAMUEL BOWLES

12 DE OUTUBRO

Pergunta: — A Sra. Neilson não era conhecida como cantora aqui; como acontece que ela está tão entusiasta pela música agora?

Resposta: — Sei que ela não era muito cantora na terra. Teve mais sucesso como atriz. Mas a sua vida evocou a parte artística da sua natureza e tornou-a ambiciosa para cantar. Quando entrou na vida espiritual, esse anseio foi satisfeito. Embora mal possa

ser mencionada em comparação com Parepa, educou-se aqui para cantar baladas simples, que tocam corações e a fazem sentir que está a fazer muito bem. O maior bem para o maior número é parte do seu lema de vida espiritual.

O que foi feito pelas doces cantoras da vida terrena, ela deseja reproduzir aqui e acrescentar à sua natureza artística tudo o que a alma da canção pode trazer. Inferi da conversa com ela que ela pensa que a sua vida na terra foi desperdiçada e que a venda da sua roupa foi quase um insulto à sua memória. Ela, com todos os que têm real gosto artístico, deseja o maior sucesso a Christine Nilsson e espera que cada atriz cujos olhos caiam sobre estas páginas cultive uma harmonia de alma que será uma alegria para as suas vidas, uma precaução contra o mal e uma introdução nos céus que as encontrarão no que vós chamais o "Doce Além".

S. B.

3 DE NOVEMBRO

Pergunta: — Qual é a espessura da terceira esfera?

Resposta: — Não posso dizer por medição real e posso ter pouca ideia pela minha passagem através dela. Se passásseis à mesma velocidade que nós pelo Túnel Hoosac (Massachusetts), não teríeis ideia das milhas. Tenho alguma ideia do tempo. Levei apenas cinco minutos pelos nossos mostradores a passar para a terceira esfera depois de ter encontrado a entrada. Verifico também que quanto mais alto subimos para outras esferas, muito menos tempo leva; portanto, as cinturas devem ser mais finas à medida que subimos. Esta é a minha conclusão.

Sei que as pessoas da terra dirão que os espíritos são apenas pensamento e podem ir sem impedimento. Podemos na terra devido à extrema porosidade de tudo o que chamais sólido, enquanto aqui, como parte da matéria espiritual, devemos ou ter um caminho preparado — uma entrada por onde ir — ou devemos deslocar o espírito da matéria. Eu poderia, no vosso mundo, ir de Springfield para Liverpool em menos tempo do que poderia ir da segunda para a terceira esfera.

Pergunta: — Não pode dar a distância exata através das nossas milhas?

Resposta: — Não tenho instrumentos matemáticos e as vossas milhas são uma história do passado para nós. Verifico por aqueles que explicam isso aos habitantes espirituais que levará muito tempo a dar-vos qualquer ideia das nossas medições de espaço. Ainda não fiz um estudo sobre a medição de distâncias. Não o fiz quando estava na terra. Confiei tudo aos agrimensores, como devo confiar isto também aos agrimensores celestiais, e espero que eles me possam explicar para que eu vos possa explicar de forma inteligente.

Pergunta: — Como pode passar pela terceira esfera, ou qualquer esfera, visto que diz que ela é tangível e sólida para si?

Resposta: — Na criação das esferas, foram feitas passagens para a subida ou descida de espíritos; tal como no vosso mundo um pequeno riacho é uma porta de

entrada para os humanos ganharem acesso a um país quase impenetrável, assim o grande Projetista fez aberturas através das quais, pela vontade, subimos ou, pela vontade, descemos, com tanta facilidade como se estivéssemos num elevador. Não podemos subir para outra esfera a partir de qualquer lugar. Temos de ir onde os meios são providenciados para isso pela diferença no ar e por estas aberturas para o que nos parece terra sólida desprovida de negridão terrena.

Pergunta: — Como pensa que as aberturas através das cinturas foram feitas?

Resposta: — Não posso dizer que tenha resolvido a questão de qualquer criação. A vossa terra foi feita por algo, e o mesmo poder, seja o poder de Deus ou o que for, que evoluiu o terreno a partir da matéria caótica, espiritualizou essa porção de matéria que constantemente sobe da terra e forma estas cinturas nas quais vivemos. O próprio espírito do pensamento parece ter entrado na construção destas esferas, como se a matéria que foi usada na construção da vossa terra tivesse evoluído um princípio de pensamento que continua para sempre, inventando e aperfeiçoando. Dá-me uma pergunta que levaria quase uma eternidade a responder, pois estarei uma eternidade a aprender o que pode ser evoluído a partir da matéria.

Pergunta: — Os espíritos vivem no lado voltado para a terra ou no lado superior da esfera?

Resposta: — No lado superior da esfera.

Pergunta: — Tendes evaporação e chuva como na terra? Se sim, tendes neve em alguma parte do ano?

Resposta: — A chuva que vem das nossas nuvens é o espírito da vossa chuva; apenas uma névoa prateada que é benéfica para a vegetação espiritual e para a nossa atmosfera. Mas não tenho conhecimento, até agora, de nada que se assemelhe a neve ou gelo, pois são símbolos de desconforto. As nuvens cumprem o seu dever para connosco de uma forma muito mais agradável. Ainda não visitei o Céu da Lapónia; eles podem deleitar-se na neve. Falo pelo meu conhecimento dos factos.

Pergunta: — Se um cavalo, uma vaca ou um cão morre aqui, a personalidade de cada um continua em forma corporal? Se sim, em quantas esferas espirituais podem estes animais existir? Os animais abaixo dos vertebrados têm esta existência pessoal após a morte?

Resposta: — Tenho visto muitos casos em que os espíritos ficaram felicíssimos por possuírem novamente um animal favorito, mas não posso falar por experiência própria. Em todas as esferas, até à quinta, encontrei animais que foram úteis e estimados na terra. Noto uma ausência de vida insectívora, que no vosso mundo é indesejada. Ainda não estudei as minúcias da vida espiritual o suficiente para compreender as propriedades da alma, mas estudá-las-ei mais adiante. Não vi animais abaixo dos vertebrados. Tenho lidado com almas humanas e princípios até agora, mas terei prazer em estudar a menor destas criaturas.

SAMUEL BOWLES

25 DE OUTUBRO

Pergunta: — Já viu o corpo espiritual de um animal partir do corpo físico na morte, tal como acontece com os espíritos dos humanos?

Resposta: — Sim, já vi. O vosso tão afamado instinto é apenas outro nome para a alma.

Pergunta: — Por favor, visite o Céu da Lapónia.

Resposta: — Visitei o Céu da Lapónia e devo dizer que preferia ser dispensado de uma longa estada com eles. Costumava ouvir na vida terrena que os missionários tinham desistido de tentar assustar os lapões com um "inferno quente" e, por isso, diziam-lhes que seria dez vezes mais frio que a Lapónia. Atualmente, não gostaria de visitar o seu céu acima da primeira esfera, pois foi preciso todo o meu esforço para suportar a mudança de atmosfera. Mas eles pareciam felizes e queriam mostrar-me alguns dos seus costumes. Não encontrei neve lá, mas achei a atmosfera tão eletricamente fria que, na vossa terra, teria produzido neve constante.

As casas que mais apreciavam eram cabanas cobertas de torrões. Pareciam sentir que tinham chegado, finalmente, a um lugar bastante confortável e desfrutavam da sua falta de civilização. Notei que alguns deles estavam ocupados a ensinar o que tinham aprendido com outros e penso que, com as suas naturezas lentas, nada além da harmonia prevalece. São demasiado indolentes para visitar outras porções da esfera em que habitam, e estou convencido de que professores instruídos devem ir até eles, pois eles não irão ter com tais professores. Perdoem-me por não subir mais alto nos céus da Lapónia. Esta visita fez-me sentir como se, estivesse eu no meu antigo corpo, tivesse tido um valente calafrio de febre.

S. B.

30 DE OUTUBRO

Pergunta: — Por favor, explique o que quer dizer com as palavras "eletricamente fria", usadas na sua descrição do Céu da Lapónia.

Resposta: — Julguei o frio pelo efeito que a atmosfera teve na minha respiração, sendo o mesmo que o efeito do tempo mais frio da vossa vida na vossa respiração. Exceto este efeito nos meus poderes de respiração, devido à aparente leveza do ar espiritual, não poderia dizer que experimentamos a sensação de frio ou calor.

Pergunta: — Qual é a sensação nos seus pulmões?

Resposta: — A sensação é tal que me faz fechar a boca, pois o ar da Lapónia faz-me sentir como se correntes elétricas aguçadas estivessem a passar pelos meus pulmões.

FOLHA VINTE E UM

CONTINUAÇÃO DA TERCEIRA ESFERA. OS CÉUS DOS CHINESES, DOS AFRICANOS E DAQUELES SOBRE A TERRA SANTA. — O SR. BOWLES RECEBE UM GUIA PARA ENTRAR NA QUARTA ESFERA. — AS "PORTAGENS" DO CÉU. — O QUE OS ESPÍRITOS MAIS INTELIGENTES ADORAM NA TERCEIRA ESFERA. — JESUS DE NAZARÉ. — A NATUREZA DE DEUS.

Beleza universal encontrou-me na terceira esfera. Com outros, visitei as diferentes secções e encontrei céus separados para diferentes classes de espíritos. Já não existem as condições que me repeliram nos Céus Chinês, Africano e da Terra Santa da primeira e segunda esferas. A raça africana, agora empenhada na progressão, está disposta a aprender como ajudar os outros. O seu entusiasmo de outrora foi acalmado pela educação, e todos os seus métodos de vida foram sistematizados. Embora os seus lares não se comparem favoravelmente com os lares de pessoas cultas noutras secções da terceira esfera, prevalece uma harmonia divina que ensina as suas lições silenciosas. Muitos dos lares africanos estão adornados artisticamente, mas, na maior parte, as pessoas contentam-se com ambientes simples e têm noções rudimentares de ordem. Vi alguns dos seus lares com tal mistura de cores que produziam um efeito deslumbrante. Mas isto agradava-lhes e tornava aquilo um céu para eles.

Os pequenos Deuses da primeira esfera não são trazidos para esta esfera para adoração. As pessoas procuram vagamente compreender o Princípio do Grande Deus que intrigou tantas mentes mais sábias. Entre os africanos nesta esfera ouvem-se melodias que os humanos nunca imaginaram. Ricos no dom do canto, procuram realizar o seu trabalho através do poder magnético da música. Vêem-se muitos rostos manchados de lágrimas quando estes sons doces atingem o ouvido, para brilharem e perderem o olhar lúgubre e ansioso por um passado cuja colheita foi a ignorância e, através da ignorância, o pecado.

Também visitei o departamento chinês e encontrei muitos que vivem agora em relativo contentamento, tendo superado largamente os efeitos nocivos da sua má educação terrena, e olham agora para o velho hábito de fumar ou apreciar ópio sob qualquer forma com intenso nojo. Encontrei-os felizes ao visitarem esferas inferiores para trazerem outros para junto deles. Cada um tinha algum objeto ao qual dedicar amor e trabalho. Notei muitas cortinas e peças de tapeçaria trabalhadas com desenhos chineses. Números de homens e mulheres sentem grande prazer em produzir estes tecidos. Outra melhoria que me agradou imenso foi a liberdade dada às mulheres, visto que os chineses tinham levado as suas ideias de isolar as mulheres para a segunda esfera. Na terceira esfera, os chineses orgulham-se muito de dar às mulheres as melhores oportunidades de educação.

Naquela porção da terceira esfera sobre a terra do Messias, encontro também uma diferença assinalável. O costume de se prostrarem como peregrinos em cada local de nota histórica foi abandonado. Eles olham agora para a antiga educação como uma superstição. Estão a mobilar lares para a sua estadia aqui com um gosto requintado e estão a fortalecer as suas mentes para que possam ensinar os outros. Os seus edifícios

para adoração são simples no adorno; as suas reuniões são para conferência em vez de serem para ouvir um discurso predefinido. Fiquei satisfeito com esta melhoria notável em relação ao que tinha visto na primeira esfera. Agradeci ao Grande Poder por estes passos ascendentes serem para todas as classes no Reino Universal. Na minha pressa de ascender à quarta esfera, esqueci-me de que um guia seria necessário; mas fui logo avisado desse facto numa das "portagens" no caminho. Foi-me providenciado um guia num destes postos, quando eu tentava subir da porção superior da terceira esfera.

Ao subir, o meu corpo espiritual teve uma sensação semelhante à do corpo terreno ao respirar pela primeira vez o ar de uma montanha muito alta. Havia algo que me fazia perder o fôlego. Ao entrarmos na quarta esfera, um vigilante à entrada disse ao guia: "Quem nos trouxeste agora? Alguém pronto para ser um habitante desta esfera?". O guia disse: "Não, é alguém que deseja visitar-vos, aprender as vossas lições e levar as lições aprendidas aos filhos da terra". Fui então recebido calorosamente, mas expliquei ao meu novo amigo que optava por permanecer ainda nas esferas inferiores, visto que o meu trabalho poderia ser melhor desenvolvido e as minhas lições seriam mais facilmente recebidas no plano terreno. Mas deixarei a descrição da minha visita à quarta esfera para outra folha.

SAMUEL BOWLES

13 DE OUTUBRO

Pergunta: — O que eram as "portagens" que encontrou ao entrar na quarta esfera?

Resposta: — São simplesmente pessoas colocadas nas aberturas para dar direções e designar guias para aqueles que visitam esta esfera. Eles têm casas perto destas entradas e nós chamamos-lhes as portagens do céu. Mas eles dão ajuda em vez de cobrarem dinheiro.

SAMUEL BOWLES

31 DE OUTUBRO

Pergunta: — O que é que as pessoas mais inteligentes adoram na terceira esfera?

Resposta: — Nós não lhe chamamos adoração. Apenas aspiramos ao real espírito do bem, e por vezes são feitas invocações para esse efeito. Rezamos ao Princípio de Deus nas esferas superiores e, pela concentração magnética de forças, somos mais capazes de tornar a sabedoria desta esfera compreendida. Não nos curvamos nem adoramos ninguém nem nada. Mas pelo nosso amor à verdade somos ajudados a expulsar o mal. Somos tão bem conhecidos uns dos outros como nos conhecemos a nós próprios. Não há hipótese de engano aqui. Os lábios não podem dar voz àquilo a que a vida dá o desmentido. Portanto, o nosso reunir para adoração é apenas para ajudar a atrair o bem e a dissipar o mal.

Pergunta: — O que quer dizer com o Princípio de Deus das esferas superiores?

Resposta: — A concentração de bem que os espíritos superiores nos trazem, as lições que ensinam e, acima de tudo, a subtil força magnética que é atraída para nós a partir daqueles nas esferas superiores pelo nosso desejo sincero e combinado por ela.

SAMUEL BOWLES

3 DE NOVEMBRO

Pergunta: — Algum dos espíritos com quem conversou sobre o assunto admitiu ter estado na presença de Jesus de Nazaré?

Resposta: — Não, senhor, não encontrei nenhum que diga ter visto Jesus de Nazaré. Há fanatizados na primeira esfera que pensam sentir a sua presença, e médiuns terrenos imaginam que têm esta pessoa como guia. Aqueles espíritos que afirmam ser Jesus enquanto controlam médiuns poderiam melhorar o seu carácter quanto à honestidade, cessando tais presunções.

Pergunta: — De que esfera era o espírito mais avançado com quem conversou sobre este assunto?

Resposta: — Da sexta.

Pergunta: — Com espíritos de que grau de avanço conversou?

Resposta: — Conversei com um da oitava esfera, mas apenas por um momento. O tema de Jesus não foi tocado.

Pergunta: — O que dizem os espíritos mais avançados com quem conversou sobre a natureza de Deus?

Resposta: — Conversei com muitos espíritos avançados sobre a natureza de Deus e verifico que os pensamentos mais puros são expressos de forma mais pura por aqueles que, na terra, viveram mais perto da natureza. A essência de Deus ou do Bem é aqui compreendida como sendo o elemento mais fino, puro e essencial em tudo. Na verdade, Deus é o espírito do crescimento. Tudo o que afasta da impureza vem da essência de Deus. Este poder de Deus ou do Bem aumenta à medida que subimos nas esferas e torna-se mais manifesto para todos.

Pergunta: — A essência de Deus ou do Bem é uma substância?

Resposta: — Sim, é tanto uma substância como o corpo espiritual e faz parte dele. Não posso dar-vos os seus componentes mais do que posso dar os componentes do corpo espiritual quando libertado do corpo terreno; mas é uma substância que entra largamente em todas as outras substâncias, elevando-as para um plano superior pelo seu poder inerente de subir. A essência de Deus ou do Bem é composta pela matéria mais refinada de todas; e inseparavelmente ligada a esta essência de Deus está uma força sempre ativa.

Pergunta: — A essência do Bem é uma personalidade consciente?

Resposta: — Não, é uma substância inconsciente que entra em todas as personalidades.

Pergunta: — Os chineses e as pessoas de cor têm edifícios de igreja e seitas religiosas na terceira esfera, tal como têm na primeira?

Resposta: — Têm edifícios usados tanto para adoração como para diversão. Quanto a seitas, não as ouvi mencionar na terceira esfera. Entre as pessoas de cor aqui há entusiasmo, mas eles não podem obrigar as pessoas a arrepender-se por medo de irem para o inferno. Por isso, estão a aprender a fazer o bem pelo bem, e porque isso os levará para mais alto e lhes abrirá novas belezas.

Tenho observado estes edifícios públicos até à quinta esfera, mas todo o sentimento de lhes chamar casas de Deus passou. Penso que os Budistas mantêm os seus ideais da vida terrena por mais tempo do que a maioria das outras classes. Os Brâmanes aqui rejeitam algumas das suas velhas fantasias, mas leva muito tempo a livrá-los da ideia do Grande Brahma. Mesmo na quinta esfera, retêm algo da antiga superstição do Brahma Nirvana, embora a razão e o seu conhecimento atual os façam hesitar em ensinar tais ideias a outros espíritos.

FOLHA VINTE E DOIS

A QUARTA ESFERA. O CENÁRIO. — VIDA ANIMAL. — CASAMENTOS TERRENOS POR VEZES CONTINUADOS NAS ESFERAS. — UMA ENTREVISTA COM MICHAEL FARADAY. — ELE CONVIDA O SR. BOWLES PARA SUA CASA. — ELE REAFIRMA AS SUAS OPINIÕES TERRENAS SOBRE O ESPIRITUALISMO E INFORMA O SR. BOWLES SOBRE COMO PROPÕE PRODUZIR EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS DO REGRESSO ESPIRITUAL. — O SR. BOWLES RECEBE UM TELEGRAMA PARA IR TER COM O SEU IRMÃO JÁ FALECIDO, DR. J. G. HOLLAND.

Quando comecei a olhar ao meu redor, fiquei quase deslumbrado com a luz e a beleza. A natureza aqui parece ter-se superado a si mesma na produção de harmonia de cor e em dar a todos o sentimento de repouso que permeava a atmosfera. Conduzido pelo meu guia, fui tão longe quanto pude sem invadir a privacidade dos lares. Encontrei aqueles que tinham vindo de sofrimento da primeira esfera, trabalhando com vontade para trazer o bem aos entes queridos, tal como tinham recebido o bem. Passei pelas ruas sombreadas, observei as curvas dos belos rios, olhei para as montanhas vestidas de verde perene e fornecendo cenas requintadas de beleza para espíritos artistas.

Vi animais vivendo tranquilamente as suas vidas, não os animais mais grosseiros e briguentos, mas aqueles que tinham passado as suas vidas terrenas servindo a humanidade tão pacientemente que, antes de deixarem a terra, eram mais puros do que muitos dos seus donos. Notei mais particularmente nesta esfera a grande variedade de

tudo na natureza ou na arte. Havia lares inumeráveis, mas nenhuns dois iguais, a mansão senhorial e a cabana humilde. Notei que vozes mais felizes vinham geralmente da cabana do que da mansão. Contudo, cada família estava a realizar as suas mais altas conceções de felicidade.

Imagino que vos ouço perguntar: as pessoas que foram marido e mulher na terra serão sempre residentes do mesmo lar? Posso dizer-vos, categoricamente, não; pois muitas pessoas que as circunstâncias e motivos pecuniários juntaram são estranhas às almas uma da outra. Embora seja necessário ter uma lei para regular estas relações sagradas, muitas vezes na vossa vida homens e mulheres rodeados por uma família são estranhos entre si. Não há harmonia de alma, e cada criança nascida deles perpetuará o mal de falsas relações. Assim, vejo que as esferas completam o que na vida terrena ficou por fazer. As pessoas encontram-se aqui corretamente emparelhadas.

Dizem-me que nesta esfera muitos vivem ainda nas relações matrimoniais iniciadas na vida terrena, tendo-se refinado e tornado belos no seu progresso ascendente, e sentem que a eternidade dificilmente trará à luz todo o bem que encontrarão um no outro. Corações ligados por laços tão duradouros como estes são sempre belos, pois conquistaram o mal em si próprios e ajudaram a conquistá-lo noutros. Assim, com cada passo ascendente ganharam força, a qual, tornando-se mais universal, fará com que todos ajudem a esmagar o pecado e a odiá-lo, embora amando o pecador. Nesta esfera apertei as mãos e interessei-me muito por

MICHAEL FARADAY,

e encontrei-o ávido no seu trabalho, tentando efetuar de uma maneira científica maiores resultados para o mundo. Ele riu-se das estranhas noções que alguns afirmam obter dos seus panfletos, publicados recentemente, e disse que estava apenas a preparar as suas baterias para dar ao vosso mundo um trabalho que ele não esperava que fosse compreendido exceto por mentes científicas. Eu disse-lhe: "Muito bem, irmão, glorio-me no seu trabalho, mas continuarei no meu caminho simples tentando ensinar as massas".

Senti-me mais forte e determinado a dar a luz que eventualmente ajudará um mundo faminto a subir ao padrão de um homem como Michael Faraday. Enquanto olhava para o seu rosto genial iluminado por pensamentos que ainda serão conhecidos por outros, disse com um interesse crescente: "Onde é a sua casa?". "A minha casa é na quinta esfera. Estou apenas a olhar um pouco aqui em baixo." Depois disse ele, como se o pensamento o tivesse acabado de atingir: "Venha para casa comigo, irmão. Estarei livre dentro de momentos."

Depois de conversar com uma pessoa envolvida em experiências elétricas, ele perguntou-me se eu estava pronto. Com a vontade de ir na mente de ambos, demos as mãos e ascendemos com facilidade à quinta esfera, passando em poucos momentos por um vasto espaço. Com os nossos pés uma vez mais calcando o que, para nós, é chão sólido, dirigimo-nos rapidamente para a casa deste cientista. Quem me dera ter palavras para a descrever. Situa-se numa eminência, com o terreno disposto em belos socalcos

até à rua. As paredes são como mármore brilhante e as janelas coloridas para admitir uma luz suave e repousante. No meio de muito que é moderno no interior, estão espalhados fac-símiles de artigos de estranha manufatura e troféus recolhidos de muitas nações, porque ele estava ligado a essas coisas na vida terrena.

Depois de partilhar com ele frutas e outros refrescos, ele levou-me para o seu laboratório e começou seriamente a discutir a questão da ajuda científica no desenvolvimento de médiuns através de baterias, como mencionado numa folha anterior. Perguntei-lhe se ele tinha tido algum conhecimento das verdades do espiritualismo enquanto estava na vida terrena.

"Eu sabia que os fenómenos eram reais, mas afirmava que tudo poderia ser explicado pela ação do cérebro do médium, que inconscientemente absorvia as memórias do assistente, as quais poderiam ter estado adormecidas muito tempo, e devolvia essas memórias ao assistente em linguagem. No que diz respeito aos fenómenos de materializações de mãos, como mostrado pelos Davenports no meu tempo, tentei colocar tudo no poder natural do suposto médium e afastar os espiritualistas dizendo: 'Não conhecemos um décimo das possibilidades dos nossos próprios cérebros ou corpos'.

Costumava dizer: não sabemos quantas mãos com a aparência de mãos reais seria possível para o corpo, pelo poder da vontade, projetar para fora de si mesmo. E assim andei na escuridão propositadamente, tendo uma ideia exaltada da ciência, mas nenhum conhecimento da existência de mundos onde viver na vida espiritual. Nunca contradizia o astrónomo quando ele nos falava de diferentes planetas, mas frequentemente zombava da maneira mais simples de resolver os variados fenómenos do espiritualismo, que é a de que homens e mulheres, que estão ainda vivos embora tenham passado pela morte, são os autores destes fenómenos.

E assim segui cegamente, fazendo todo o bem que podia no mundo material, mas importando-me pouco com o espiritual, ou pelo menos não o suficiente para me deixar desconfortável com os credos e dogmas que, de certa forma, eu reconhecia serem verdadeiros. Acreditava que havia algo para o qual me preparar, e agia segundo o princípio de que era melhor estar do lado seguro. Não fui justo nas minhas críticas sobre os fenómenos espirituais e publiquei ideias sobre o assunto de que agora me arrependo."

"Têm elas dificultado o seu progresso aqui?", perguntei-lhe, mas olhando para o seu belo ambiente dificilmente podia imaginar tal coisa possível.

"Sim, muito, durante os primeiros anos da minha vida espiritual. Fui, em parte do tempo, muito infeliz, porque não podia demonstrar-lhes a verdade do regresso espiritual, a qual, eu sabia, traria acréscimo à igreja e segurança aos reinos. Fui retido até sentir que nunca realizaria nada, mesmo na vida espiritual. Bem, trabalhei até ao maior bem que pude neste espaço de tempo, mas tenho os meus planos para o futuro. Espero conseguir bons resultados em breve. Não cessei de laborar no meu trabalho científico, e continuarei até que as minhas ideias atuais sejam conhecidas pelas pessoas da terra. Tudo o que esteve no meu coração fazer será, confio eu, realizado."

"Haverá muita oposição a encontrar na vida terrena", disse eu, "pois mesmo que o mérito do seu trabalho seja muito alto, se não estiver de acordo com as ocorrências quotidianas da vida humana, será atirado para a sarjeta por esse espírito de intolerância ainda existente na chamada Igreja de Cristo." Ele respondeu: "Isso não me desencoraja, nem deve desencorajá-lo a si. Dar-lhes-emos factos que colocarão as suas teorias em segundo plano; e, meu irmão, ninguém pode dar-se ao luxo de estar ocioso ou cessar de trabalhar para quebrar as correntes do erro que prendem os nossos irmãos da terra."

Ao deixar este trabalhador entusiasta e passar pelas belas ruas desta aldeia de imortais, senti que se, ao subir para mais alto, a seriedade em ajudar-vos na terra se tornasse ainda mais forte, isso teria de ter alguma influência sobre vós e daria aos habitantes de todas as esferas inferiores, pelas quais estes pensamentos devem passar, uma perceção mais pura do que o amor sem mistura de egoísmo pode fazer.

Enquanto eu prosseguia com as minhas investigações, foi-me telegrafado que o meu muito amado amigo, J. G. Holland, tinha expressado o desejo de me ver. Com o coração alegre, voltei atrás e entrei no seu quarto. Ele não estava prostrado, nem abatido pela dor de deixar o seu lar terreno, mas brilhante e feliz por descobrir que a morte, como ele expressou, "era apenas um mito, apenas um sonho de dor". "O senhor dificilmente parecia conhecer-me", disse eu, "quando estive à sua cabeceira no momento em que partiu do corpo". "Sim, sim, velho amigo, eu conhecia-o, mas tinha um sentimento tão sonhador e repousante, e estava tão interessado em cada fase da grande mudança, que receio não ter dado muito reconhecimento aos meus amigos que esperavam." "Foi a nossa alegre missão dar-lhe as boas-vindas", disse eu, e depois perguntei se havia algum entrave à sua felicidade agora.

"Sim", disse ele, "a dor no meu lar entristece-me. Caiu sobre os filhos como um raio. Mal sei como, mas sei o que se passa. Eu, uma alma imortal 'além das estrelas', como diz o poeta, ainda conheço os atos dos meus entes queridos. Que estranho parece! É então verdade que eu próprio estou aqui, e o meu velho eu ali? Não o consigo realizar, mas venha comigo até à minha amada família." Dei ao meu irmão todas as ideias que pude sobre esta mudança, mas tão forte era o domínio que a antiga vida tinha sobre ele que saiu de um devaneio dizendo: "Tenho de lhes dar outra ideia sobre aquele artigo para o *Century*". Escreverei mais sobre este irmão.

SAMUEL BOWLES

15 DE OUTUBRO

Pergunta: — Que mais tem a escrever sobre o Dr. Holland?

Resposta: — Tenho a dizer que, na vinda para a vida espiritual de homens como o Dr. Holland, há mais regozijo do que se ele tivesse sido um grande guerreiro e ajudado a salvar o nome de uma nação. Pois, enquanto outros conquistaram em batalha, ele realizou uma grande obra da alma. Os seus ensinamentos puros encontram a sua contraparte na vida espiritual, e não é invulgar ver "Bitter Sweet" e a maioria das suas

obras sobre as mesas dos nossos lares espirituais. Nenhum elogio maior poderia ser prestado a um escritor.

O facto de cada linha dos seus escritos ter sido pretendida, não tanto para dar notoriedade ao homem, mas para dar lições de alma ao povo, tornou querido este homem, cujo credo era fazer o bem. Deu-lhe uma fama duradoura à medida que ele sobe através das esferas. Vendo-o por alguns momentos, há várias horas, no que seria chamado o vosso ontem, ele apertou-me a mão e disse: "Bowles, eu nunca vivi antes; como aquela carapaça me aleijava. Graças a Deus pelo poder de pensar! Hei de, a partir deste lado, enviar canções de alma para a terra que serão para os meus antigos ensinamentos como a luz do dia contrastada com as trevas."

SAMUEL BOWLES

21 DE OUTUBRO

FOLHA VINTE E TRÊS

O SR. BOWLES ENTREVISTA VÁRIOS CLÉRIGOS NOTÁVEIS, ETC.

REV. WILLIAM B. O. PEABODY (UNITÁRIO), *Falecido em Springfield, Mass., antigo Pastor do Sr. Bowles.*

Verifico que o meu antigo pastor está disposto a reconhecer o tempo perdido e que pretende usar a sua influência para unir as forças do espiritualismo às da sua antiga crença, e assim assegurar um poder que esmagará o materialismo. Ele diz estar satisfeito com o crescimento desta crença na comunhão com o mundo espiritual, mesmo na sua antiga cidade e igreja. Ele acredita que os Unitários estarão entre os primeiros a unir as suas visões com estas forças da verdade contra a imoralidade. Ele vê agora a necessidade de remover a crença numa salvação garantida, exceto pelo dever.

"Considera agora a morte de Jesus uma expiação pelos pecados do mundo, e que a única punição que vem virá apenas durante a vida terrena?" "Certamente que não", disse ele. "Perdi muito tempo por não pregar ainda mais seriamente sobre a importância dos pequenos atos da vida que ajudam no somatório aqui. Mas devemos continuar a viver as consequências do passado. Irmão, invejo-lhe o poder que tão rapidamente adquiriu de comunicar com a terra. Rezo para que o mesmo privilégio me chegue, para que eu possa ainda enviar saudações ao meu povo."

O seu lar na quarta esfera é muito belo, a sua vida é pura, e ele chama para junto de si aqueles que são puros. Mas na sua taça, como na maioria daqueles que ascenderam, jazem as borras amargas que nos recordam o que poderia ter sido.

HOSEA BALLOU. *Um Eminente Universalista.*

Tive uma longa conversa com Hosea Ballou e considero-o muito progressista nas suas visões. Ele ainda pensa que, se as igrejas devem existir, a igreja Universalista é a que tem mais bem nela, devido à sua crença na salvação universal. Ele gostaria agora de ensinar aos seus antigos amigos que a salvação não pode chegar aos homens até que

tenham sobrevivido à amargura dos resultados vindos do pecado. Ele diz que deseja escrever mais um sermão para os filhos da terra, no qual removeria a superstição da salvação pelo sangue e incutiria em todos o facto vivo de trabalharem pela sua própria salvação. Ensinar-lhes-ia que a disciplina é salvadora na medida em que conduz a objetivos corretos, e que os melhores resultados da vida são ganhos através das experiências mais profundas.

Disse o irmão: "Aprendi tanto por aqui. Em primeiro lugar, o céu foi um espelho que me mostrou a mim próprio, mostrou-me a inutilidade de tentar escapar de qualquer punição justa, mostrou-me que a indulgência é a mãe da retribuição. Posso olhar para trás agora para o bem que poderia ter sido alcançado por um conhecimento pleno destes princípios progressistas. Eu apenas diferia das igrejas Ortodoxas por acreditar que poderia viver todos os meus pecados na vida terrena. A mesma ideia de salvação pelo sangue, e não totalmente por uma vida pura, estava enraizada na minha mente. Devo dizer aos que estão na vida terrena: raciocinem por vós mesmos para fora da velha rotina.

Envergonha-me que, tão tarde no século XIX, a igreja que amei considere necessário discutir a propriedade de uma mulher pregar. Ora, a vida de cada mulher boa é um sermão perpétuo. Uma mulher com forte influência magnética, e com o amor como poder dominante, salvará mais homens da sarjeta e mais mulheres da prostituição do que centenas de clérigos, que medicam as suas doutrinas até à morte e fazem dos credos das suas igrejas um muro que os eleitos devem escalar. Tenho tentado fazer tudo o que posso para mostrar aos amigos da terra os erros da minha vida e ajudar outros a corrigir o que tem mantido a nossa igreja quase ao nível das outras igrejas."

"Comunica frequentemente com os amigos da terra?" "Não, não frequentemente; a minha missão é educar aqueles que podem comunicar. Desejo que ensinem ao povo da terra que a vida no corpo é de natureza bulbosa, que os humanos estão na terra, no escuro, e que muito depende deles próprios como se estendem para a humidade e a luz do sol o suficiente para florescerem aqui em beleza." O rosto do velho iluminou-se enquanto falava, e pensei que o mundo ainda ouviria falar dele.

S. B.

Pergunta: — Chama ao seu rosto "velho". Como pode ser isso?

Resposta: — Apenas o disse por força do hábito. As pessoas que viveram muito tempo no corpo são chamadas velhas, não por terem rugas, mas por terem sabedoria.

Em que esfera está o Sr. Ballou? Na quinta, ou pelo menos parecia em casa lá quando o entrevistei.

DR. WILLIAM ELLERY CHANNING, *O Fundador da Igreja Unitária na América.*

Tive alguma dificuldade em obter uma entrevista com este irmão, mas fui finalmente admitido no seu gabinete. Fui recordado de que o seu tempo era muito

precioso. "Venho perguntar-lhe, senhor, como se sente agora, com a sua luz atual, sobre a igreja que o tem como fundador?" Ele sorriu e disse: "Ainda estou disposto a assumir o meu filho, mas gostaria de ter o poder de expulsar dele tudo o que agora vejo ser um entrave ao melhor esclarecimento do povo. Gostaria de colocar nos artigos mais responsabilidade própria, e ter o EXEMPLO de Cristo como a alavanca pela qual o povo sobe, em vez da maneira da morte de Jesus ou da sua excessiva bondade.

Espero que as igrejas se fundam numa universal, com o progresso e a pureza de vida como lema. Mas todas estas coisas levarão tempo", disse ele pensativo. "Pense só, há cinquenta anos, na terra, mal era seguro admitir que se era Metodista. Cada novo empreendimento foi atacado. Eu costumava pensar, por vezes, que toda a minha luta pelo crescimento de qualquer ideia nova a partir de um antigo evangelho equivalia a muito pouco, e quase tive dúvidas sobre esta vida. Estou convencido de que, na vida terrena, se cada um dissesse a sua convicção honesta, a comunhão espiritual seria reconhecida como um facto pela maioria. Mas o orgulho e a popularidade são mestres duros e encontram lugares de repouso em muitos corações nobres. Eu costumava cansar-me no meu trabalho na terra e sentir com o Poeta:

'Trabalhamos através da dor e do erro, Lutamos e voamos, Amamos e perdemos, e depois, em breve, Mortos como pedra jazemos. Oh vida! É toda a tua canção Aguentar e morrer?'

Estou agora fora das névoas. É aguentar, viver e trabalhar o tempo todo. Bom dia, senhor."

S. B.

DR. GEORGE B. IDE, *Falecido Clérigo Batista de Springfield, Mass.*

Passou algum tempo antes de conseguir a atenção deste reverendo cavalheiro, pois ele reside na quarta esfera, mas trabalha na terceira, com uma persistência digna de uma causa mais nobre, para mostrar que as pessoas são realmente melhores quando foram imersas. Embora admita agora que não é uma ordenança salvadora, todavia aqueles que pensam o suficiente nos mandamentos de Cristo para o seguirem até à água, e que saem da água, são, na sua opinião, regra geral, mais fervorosos no seu trabalho pelo bem das almas.

Não encontrei em lugar algum da terceira esfera, nem de facto em qualquer esfera, um amante de seita mais devoto. Isto surpreende-me e mostra que, nas minhas outras declarações, não tinha entrevistado profundamente alguém da persuasão Batista. Ainda assim, esta tenacidade pertence mais à têmpera do homem do que à denominação. Ao conversar com ele seriamente quanto aos méritos da sua crença peculiar acima de todas as outras crenças, descobri que ele tinha muito deste sentimento. "A Bíblia diz que é assim. Sempre acreditei que é assim", e continuei: "E está determinado a fazer com que os outros acreditem que é assim."

Ele respondeu-me tão justamente quanto pôde sob a grande pressão da sua força de vontade e disse: "Quando ambos estávamos na vida terrena, o senhor era muito

pouco sectário nas suas visões; portanto, não posso esperar que simpatize com o que fiz o trabalho da minha vida e, até agora, o meu trabalho celestial; e acredito, irmão Bowles, que virá o tempo em que se arrependerá e estará disposto a seguir a verdade. Quero encontrar-me com o meu Salvador. Quero ser um daqueles que estiveram dispostos a sofrer todas as coisas e a perseverar até ao fim."

Posso ter sido rude, mas estas observações pareceram ser uma ressurreição do jargão religioso da vida terrena. Coloquei-lhe a questão claramente: "Não é parte da sua fé 'uma vez na graça, sempre na graça', e que não pode haver retrocesso para os escolhidos do Senhor?" "Estas eram as minhas visões terrenas, mas — hum, hum — modificámo-las um pouco, e estou disposto a admitir que uma vida corrupta ou pura deixará a sua marca. Portanto, alguns podem acreditar que experimentaram o amor redentor e, no entanto, estarem enganados. Podem ir ao ponto de serem batizados e, ainda assim, não serem filhos de Deus." Mal me contive de lhe dar a minha ideia de um verdadeiro filho de Deus, ou do bem. Perguntei-lhe: "Como acredita em seguir o exemplo, bem como o mandamento do seu Senhor Jesus, o que pensa da ideia de substituir o rio por um local conveniente na igreja onde as pessoas possam ser batizadas sem exposição ao tempo, e o banho tornado confortável? Considerava a vossa ordenança do batismo bela sob céus azuis e em água corrente pura, mas penso que ela é despojada de toda a sua beleza ao substituir-se pelo sistema de casa de banho nas vossas igrejas."

Disse ele: "Essa é uma inovação que eu próprio não posso agora admitir como correta e espero, senhor, embora considere a maior parte do seu trabalho enviado de volta pernicioso ao extremo, que esta parte dele seja lida com interesse pelo meu povo. À luz do céu, buscando o meu bendito Salvador, não aprovo o batismo tornado fácil, e lamento não ter visto na minha vida terrena que isto era um mal."

Afastei-me deste irmão com sentimentos mistos de nojo e respeito — nojo por alguma vez ter sido colocado perante os homens um sistema cujas formas e cerimónias impedem a bondade, e por um homem cuja pureza de coração o tinha elevado à quarta esfera ser arrastado por uma crença para esferas inferiores para trabalhar, não tanto pela verdade no seu sentido mais elevado, mas por um "ismo" que deseja estabelecer como a verdade.

Contudo, um sentimento de respeito misturou-se com este pensamento, porque este homem, cuja vida fora consistente com a sua crença na terra, estava ainda a lutar contra o destino para estabelecer as suas visões entre os habitantes das esferas. Se estes pensamentos pudessem encontrar abrigo nas mentes de todos os amantes de credos, não seria bom começar na vida terrena a abandonar os credos, retendo todavia tudo o que neles é elevador e refinador? Dei um quadro fiel da vida espiritual deste homem e, através dele, tentei mostrar como é muito mais difícil quebrar do que correntes de ferro os hábitos errados de todos os tipos fortemente formados na vida terrena.

SAMUEL BOWLES

5 DE NOVEMBRO

Pergunta: — Como acontece que um homem tão bigotado como o Dr. Ide seja permitido na quarta esfera? *Resposta:* — Ele sobe a esta esfera devido à sua real bondade de coração. Mas ele não pode trabalhar desta forma naquela esfera; permanece aqui parte do tempo para o ajudar a superar estas falsas ideias, mas recua para as esferas inferiores grande parte do tempo para reviver os seus sentimentos terrenos.

JOSEPH SMITH, *O Fundador do Mormonismo.*

Entrevistei Joseph Smith. Encontrei-o na segunda esfera a consultar Brigham Young sobre o melhor método de cimentar os Mórmons. Ambos os espíritos são tão furiosos contra quaisquer incursões na sua crença como o eram na vida terrena, e estão a trabalhar tão fervorosamente como sempre para promulgar as suas doutrinas perniciosas. Estão a acompanhar os seus anciãos e a estimulá-los a fazer desta crença um poder na terra. Peço ao povo da terra que acabe com este pecado. É uma mancha pior na honra da nação do que a escravatura foi, e quanto mais cedo a nação esmagar este erro, melhor, pois é um mal que cresce, não que diminui. Nem Joseph Smith nem Brigham Young se importam com as belezas da vida espiritual; apenas se importam em levar a sua avante.

SAMUEL BOWLES

4 DE NOVEMBRO

JONATHAN EDWARDS, *O Grande Teólogo Ortodoxo da Nova Inglaterra.*

Jonathan Edwards é agora um residente da quarta esfera. Quando o vi, estava a assistir a uma convenção para discussão sobre os deveres do espiritual para com o mundo material. Ao apertar-lhe a mão após um debate algo aquecido, disse: "Bem, irmão, parece feliz." "Sim", disse ele, "estou feliz, mas isto não é o que eu esperava, senhor. Não tive má intenção ao pregar sobre Deus como O compreendia a partir da Sua Palavra, mas cometi um grande erro ao não compreender a Bíblia toda. Pretendia assustar as pessoas para o céu, e menti no fundo do meu coração quando disse ou pretendi acreditar que 'o inferno estava pavimentado com crânios de crianças com menos de um palmo'. Sabia melhor, e lamento-o.

Mas as criancinhas herdam o inferno afinal, quando, se os pecados dos pais e das mães não tivessem sido visitados sobre elas, poderiam ter vivido na terra e feito muito bem. Agora vêm muitas vezes até nós atrofiadas e são retidas por muito tempo. Muitos aqui dizem que estou cem anos atrasado, porque me agarro a algumas das minhas velhas ideias. De vez em quando, tenho de dar uma oportunidade a um novo pensamento, mas o meu coração diz-me que estou a pisar terreno perigoso e devo manter-me perto das minhas velhas ideias. Não ouço agora nada senão progresso, progresso, e estou cansado disso. Penso que é pernicioso e, senhor, não posso ainda aceitar todas as heresias que estas pessoas exaltadas me fariam acreditar, embora tenha ficado desapontado, após a minha longa e fiel pregação na terra, por não ter sido levado para o seio de Abraão, e para onde pudesse contemplar, em toda a sua beleza, o meu Salvador.

Ainda acredito que hei de avançar o suficiente para o ver. Estes irmãos insinuam que não me importarei com eles quando lá chegar. Sim, senhor, um homem atreveu-se a ridicularizar-me sobre o seio expansivo de Abraão e a dizer-me, logo a mim, que as minhas noções retrógradas retardam o meu progresso nesta esfera. Confesso que tenho ficado gravemente desapontado, senhor, pois esperava encontrar ou tudo uma coisa ou tudo outra, e não estava preparado para encontrar o céu e o inferno tão misturados e tantos departamentos diferentes."

"Comunicou as suas visões alteradas ao povo da terra?" "Não diretamente, senhor; posso ter enviado pensamentos de volta, mas, senhor, tenho uma grande aversão à feitiçaria, em todas as suas formas, e a Bíblia avisa-nos contra ela, senhor. Ora, estes homens queriam que abríssemos aos humanos o que a Bíblia declara serem os mistérios de Deus. Deixe-os em paz, senhor, e pare de encorajar as pessoas na terra a investigar assuntos que Deus lhes ocultou. Vai destruir a igreja se não tiver cuidado. Cristo, e Ele crucificado. Bom dia, senhor."

Afastei-me deste homem com sentimentos mistos. Ele conhece os seus erros, mas assume-os com relutância. A força dos velhos hábitos é tão grande que ele não quer que aqueles que sabem melhor deixem cair a semente nas igrejas e entre o povo, onde ela poderia criar raízes e salvar outros de caírem na mesma pedra de tropeço. Isto, disse eu para mim próprio, é obstinação, não um sentimento vindo do amor a algo belo ou verdadeiro.

SAMUEL BOWLES

4 DE NOVEMBRO

JOHN WESLEY, *O Fundador do Metodismo.*

Finalmente entrei em contacto suficientemente próximo com a pessoa acima referida para lhe perguntar sobre as suas visões atuais, e ele disse: "Estou contente por ter dado o passo que dei ao ser um daqueles que abandonaram as cerimónias da igreja-mãe e introduziram novos métodos. Folgo em saber que o Metodismo é agora um poder poderoso na terra, mas se pudesse novamente usar a minha influência lançaria no meio deste grande povo aquilo que seria uma bomba para eles. Dir-lhes-ia que já não podem dar-se ao luxo de rejeitar como falso aquilo que toda a sua natureza de alma os convence ser verdadeiro; que ao fazerem um estudo da comunhão dos santos descobrirão que, se um santo pode comunicar, um pecador também pode, e que o tempo gasto a tentar provar a imortalidade poderia ser melhor ocupado a demonstrar estes factos ao povo através de médiuns no meio deles." "Ainda se agarra à sua igreja, vejo eu, e considera-a um essencial para a vida terrena." "Sim, mas desejo abrir as suas portas cada vez mais e deixar entrar a multidão que espera." Ao deixar o reverendo cavalheiro, fiquei novamente surpreendido com a tenacidade de alguns em se agarrarem a velhas visões.

Todas estas lições impressionam-me cada vez mais com a necessidade de um bom começo na direção certa na terra, pois a educação, seja ela verdadeira ou falsa, parece tornar-se parte da existência espiritual.

SAMUEL BOWLES

3 DE NOVEMBRO

Pergunta: — Em que esfera reside John Wesley? *Resposta:* — Na sexta, por escolha, pois poderia bem estar numa muito superior; mas ele pensa que pode realizar mais bem ficando na sexta.

REV. WILLIAM MILLER, *O Fundador do Adventismo do Segundo Advento.*

Encontrei este irmão como residente da quinta esfera e um trabalhador fervoroso em cada boa causa. "Qual é agora a sua opinião", perguntei-lhe, "da sua antiga crença?" "A minha opinião", disse ele, "não faria qualquer diferença para com a verdade. Posso olhar para o passado e dizer que estou profundamente envergonhado de alguns dos resultados do meu ensino na terra.

Estou agora enojado com o pensamento de um povo sensato se permitir acreditar que em qualquer dia designado pelo homem o fim do mundo chegaria, e que eu devesse, por excitação e entusiasmo indevidos na causa, ter sancionado a preparação de túnicas brancas para a ascensão. Lamento que estes velhos pensamentos sejam revividos, senhor; fazem-me sentir que agi cruelmente ao brincar com a credulidade das pessoas da forma que fiz."

"Acreditava o senhor, ou algum deles, realmente que o fim estava próximo?" "Só posso responder por mim próprio. Estudei certas passagens das escrituras até o meu cérebro ficar transtornado, e quase me fiz acreditar que era assim. Agi segundo o princípio de que seria uma coisa boa estar pronto de qualquer maneira. Quanto ao povo, poderia apontar-lhe vários casos em que, no outono de 1843 ou 1844, creio eu, os agricultores não cortaram lenha para o inverno seguinte, mas queimaram as suas vedações, e ficaram cabisbaixos na primavera seguinte quando foram obrigados a construir de novo."

"Designou o senhor os tempos para a terminação da vida humana e o incêndio do mundo?" "Oh não, senhor. Cedo encontrei seguidores que me ultrapassaram largamente nesse aspeto, e doeu-me ter a culpa de tantos falhanços de profecias sobre os meus ombros. O Adventismo, como é agora chamado, é, na minha opinião, um pouco melhor do que a maioria das religiões da atualidade, porque os seus ensinamentos são mais humildes e, por falta de popularidade, tem menos com que dar espetáculo. A ideia principal é preparar-se para encontrar o teu Deus. Oxalá eu pudesse com uma voz de trovão gritar aos filhos da vida terrena: preparem-se para encontrar a vós próprios. Pois ver-se a si próprio com todas as suas fragilidades é suficiente, e trabalhar por uma vida melhor deveria ser o desejo de cada um."

"Bem", disse eu, "quase me esquecia de um dos principais objetivos da minha visita. Esperava o vosso povo ascender sem passar pela morte?" "Oh, sim", disse ele, rindo, "todos nós, os bons, não obstante que 'carne e sangue não podiam entrar no reino do céu', deveríamos ascender, e esperávamos ser tão parecidos com Deus que poderíamos divertir-nos no céu apesar do fumo proclamando o incêndio do mundo, e a provação ardente pela qual os nossos vizinhos estavam a passar. Esperávamos ter um pouco de pena deles, mas receio que algumas das nossas pessoas, se o evento tivesse ocorrido, teriam tido vontade de gritar de volta: 'Não te disse eu?'"

SAMUEL BOWLES

6 DE NOVEMBRO

REV. MICHAEL O'CONNOR, *Um Padre Católico.*

Tenho tentado encontrar alguém desta persuasão que pudesse entrevistar, alguém amplamente conhecido e que pudesse ser geralmente lembrado pelas pessoas da terra. Mas aqueles que eram amplamente conhecidos entre vós e lembrados por vós não estão avançados e, como eu desejava encontrar-me com um padre católico avançado, tive alguma dificuldade em encontrar o homem que queria. Finalmente travei conhecimento com um homem que foi um dos primeiros líderes do Catolicismo no vosso país e que era conhecido pelo nome de Michael O'Connor. Disse-lhe que estava a recolher algo de todas as denominações para enviar de volta como lições para a vida terrena e perguntei-lhe se estava disposto a declarar as suas visões atuais. "Terei de o corrigir, senhor, numa coisa. O senhor pode estar a obter visões denominacionais, mas quando vem entrevistar-me quanto à igreja de Roma, acabou-se com as denominações."

Este padre estava muito bem situado na quarta esfera e retinha muito da velha ideia de que confortos superiores deveriam ser fornecidos para o clero. Disse eu: "Com a luz do céu ao seu redor, com o conhecimento que adquiriu para residir aqui, quais são agora as suas visões quanto à igreja pela qual trabalhou?" "A minha opinião, senhor, é que se as igrejas devem existir, a nossa igreja é a melhor, de facto, a única igreja verdadeira. Mas sinto-me humilhado ao saber tudo o que se passa dentro das suas paredes, e dentro das paredes de conventos e mosteiros sob o disfarce da religião.

Embora eu seja chamado herege, pior que um protestante pelos meus colegas padres, que estão por aqui há muito mais tempo que eu e que ainda gerem as suas igrejas à maneira terrena na segunda e terceira esferas; se eu pudesse remover os males que vêm do confessionário, se eu pudesse abolir o próprio confessionário, ficaria contente.

Se eu pudesse restaurar a pureza a muitas raparigas brilhantes, que era delas antes de começarem esta revelação secreta dos pensamentos mais profundos do coração, se eu pudesse remover da sua mente ideias que nunca lhe teriam ocorrido de outra forma, se eu pudesse desfazer o trabalho feito por padres em todo o vosso mundo, se eu pudesse varrer este falso sistema de celibato que torna esposas e filhas inseguras e dar uma

atmosfera mais livre a toda a igreja, se eu pudesse retirar os mistérios da igreja, ter todos os seus atos abertos a todos os olhos, penso que haveria então o suficiente na nossa forma de religião para tornar puras muitas vidas. Mas como um homem honesto, enfrentando as realidades desta vida, sei que até a nossa igreja ter passado por tal mudança, resultará dela mais mal do que bem.

Estou a trabalhar contra oponentes de ambos os lados, senhor. Na vida terrena eles não querem inovações e têm os espíritos mais bigotados para os ajudar. A igreja romana procura o poder e, a menos que os Estados Unidos se mantenham firmes, muitos rastejarão para cargos que darão à igreja a primazia. Diga ao povo para ter cuidado, senhor. Vejo os males em toda a sua hediondez."

"De que local passou para esta vida?" "De Boston, Mass., há muitos anos."

S. B.

6 DE NOVEMBRO

DR. JOHN TODD, *Falecido Ministro da Primeira Igreja Congregacional de Pittsfield, Mass.*

Não recebi as mais calorosas boas-vindas deste reverendo cavalheiro, pois calhou que ele conhecia a obra em que eu estava empenhado. Mas com uma persistência que é considerada louvável num repórter de jornais terrenos, abri caminho para o seu santuário e disse: "Visitei-o para obter uma expressão das suas visões atuais sobre a igreja na qual trabalhou enquanto estava na terra."

"Veio buscar as minhas visões, senhor. Supõe que as visões de alguém podem alterar a verdadeira igreja?" "Não", respondi, algo embaraçado pelo seu ar de sabedoria, "mas gostaria de saber se ainda mantém as opiniões pelas quais esteve disposto a dedicar a sua vida?"

"No essencial, mantenho-as, senhor, embora existam algumas doutrinas sobre as quais poderemos não ter compreendido corretamente a palavra de Deus; por exemplo, o dormir na sepultura até à grande ressurreição. Isto é, decerto, agora conhecido como erróneo, visto que somos temporariamente providos de corpos que servirão todos os propósitos até à ressurreição geral, quando os nossos próprios velhos corpos terrenos serão novamente habitados por estes corpos espirituais. Ah, senhor, pensei que o meu trabalho estaria terminado quando as minhas mãos fossem cruzadas no seu último descanso até à ressurreição geral; mas agora verifico que, tal como tive de pregar para preparar para a morte, aqui tenho de preparar as almas para entrarem nos seus corpos terrenos purificados, quando voltarmos a habitar uma terra purificada!"

"Mas", disse eu, mostrando a minha grande surpresa, "com as realidades do céu ao seu redor, e com as lições diárias que recebe de outros vindos de esferas superiores, como pode voltar a essa doutrina ultrajante da vida terrena? Entraria novamente, se pudesse, no velho corpo terreno?"

"Se entraria?", disse ele, "como posso evitá-lo quando Gabriel tocar a sua trombeta e o meu Salvador me encontrar na ressurreição? Habitarei com alegria o meu velho corpo, tornado limpo pelo sangue do Cordeiro. Realizaremos uma reunião na nossa capela na primeira esfera, situada sobre a minha antiga paróquia em Pittsfield, Mass., às sete horas, e teria muito gosto que viesse lá e aprendesse a verdade."

Anjos me livrem, pensei eu, de entrar em qualquer lugar onde a razão é obscurecida e o senso comum abandonado, em prol de fazer espíritos na primeira e segunda esferas acreditarem nos velhos dogmas que diariamente se provam ser mentiras.

S. B.

7 DE NOVEMBRO

BISPO WILLIAM HEATHCOTE DE LANCEY E REV. E. W. HAGER, *Falecidos da Diocese do Oeste de Nova Iorque, Episcopais.*

Tentei arduamente entrar em contacto direto com alguém que fosse proeminente nesta igreja. Finalmente encontrei o Bispo De Lancey, que passou para a vida espiritual a partir da Diocese do Oeste de Nova Iorque. Não conseguindo obter admissão junto dele, entrevistei um dos seus clérigos, o Rev. E. W. Hager, que foi enviado para conversar comigo. Perguntei ao Sr. Hager quais eram agora as visões do Bispo sobre a sua igreja; e fui suavemente corrigido, sendo-me dito para dizer *a* igreja.

Fui também informado de que esta igreja mantinha rigidamente todos os seus dogmas e visões; que um devoto clérigo não se livraria usualmente das doutrinas Episcopais até ter ascendido à quinta esfera e estar disposto a admitir todas as verdades, venham ou não da Igreja, como igualmente nobres e importantes. Perguntei ao Sr. Hager: "Mantêm ainda, como membros da Igreja, a infalibilidade deste ramo da Vinha de Sião?"

"Não lhe chamamos infalível, mas acreditamos que existe mais verdade incorporada na Igreja do que em todas as denominações combinadas. Contudo, descobri, desde que vim para a vida espiritual, que há muito a corrigir. Ao falar com o meu Bispo, ele diz que o erro advém de um mal-entendido da Igreja, dos seus credos e artigos de fé, e ele ainda espera ver a Igreja triunfante sobre todas as outras doutrinas religiosas. É verdade que a religião é por vezes tornada fácil na Igreja, todavia espero que surja, do que há de melhor na Igreja, um núcleo mais puro em torno do qual se centrará um bem maior, tornando-nos menos obrigados à Igreja de Roma pelo nosso credo e cerimónias."

"Vejo que o senhor e o seu Bispo ainda se agarram ao germe da verdade na vossa crença particular." "Oh sim, conhecemo-lo e traremos grandes resultados para os que ficaram." "Bem, senhor, perante o facto de que o que é bom será sustentado e o que é mau será esmagado, como pode ainda aderir com tanta tenacidade ao credo e à cerimónia, que nada são perante a importância da união universal de tudo o que é bom na religião? Por que não reconhecer a fraternidade do homem, o poder omnipresente do

princípio de Deus, e contentar-se em trabalhar com todos os que lutaram e morreram pela verdadeira verdade?", disse eu.

"Muitas vezes faço essa pergunta a mim próprio", disse ele de modo pensativo. "Embora a minha razão me ensine estas grandes lições humanitárias, a força do hábito leva-me de volta às estruturas góticas e ao *Te Deum* do passado. Mas eu crescerei, o nosso Bispo crescerá, e as correntes que agora nos prendem devem ser quebradas por algo ainda mais elevado, ainda mais verdadeiro e belo."

Oh Cristianismo! Os pecados cometidos em teu nome são legião. Quando chegará o tempo em que o homem, ao saber-se imortal, saiba que é o único responsável pela sua salvação; quando serão os credos e dogmas cegos contados com as coisas do passado? E a Esperança respondeu: quando os habitantes das esferas, que conhecem esta verdade, estiverem dispostos a demonstrá-la ao povo da terra.

SAMUEL BOWLES

8 DE NOVEMBRO

FOLHA VINTE E QUATRO

A QUINTA ESFERA. O CÉU BUDISTA. — IMAGENS DO ELEFANTE BRANCO. — A LÍNGUA INGLESA ESTENDENDO-SE PELAS ESFERAS. — O FEITICEIRO DE BANGKOK. — ESPÍRITOS DO CAMBOJA. — COMO SÃO RETIDOS PELA DEVOÇÃO AOS SEUS DEUSES IDEAIS. — ESTÁTUAS COLOSSAIS COM HIERÓGLIFOS. — O SR. BOWLES VISITA O LAR DE ACHSA W. SPRAGUE NA QUINTA ESFERA E PRESTA OUTRA VISITA AO PROFESSOR FARADAY.

Ao regressar da minha visita a M. Faraday, retirei-me para o meu lar tranquilo ponderando sobre o que dele ouvira, e perguntando-me se no meu progresso ascendente seria capaz de conversar com historiadores de outros tempos e encontrar o puro prazer que já recebera das minhas pesquisas. Após horas de descanso, manifestei a minha vontade de visitar novamente a quinta esfera e aprender as suas glórias.

Com o meu fiel guia subi ao plano desejado e encontrei matizes tão deslumbrantes, tal harmonia de cor, tal melodia de som, que fiquei transfixado e pensei, ao olhar para a pureza das pessoas: será possível que estes seres refinados sejam uma excrescência da terra que amei? A Razão, sempre fiel à sua missão, disse: Sim; e o meu guia disse: "Estás apenas a começar a perceber o espiritual na sua beleza."

Encontrei lares ainda mais belos do que nas esferas inferiores; palácios de arte, ricos nos troféus de artistas e escultores que, ao aprenderem as suas lições das esferas, folgaram em contribuir para cada esfera à medida que subiam. Se vós, na vida terrena, fôsseis mais cuidadosos em deixar "marcos" para o bem, haveria um crescimento mais rápido naqueles que vêm depois de vós.

"Que parte desta esfera desfrutarei mais?", perguntei ao meu guia, pois como o meu tempo era limitado, senti vontade de o aproveitar ao máximo. "Bem", disse ele, "há

muito de interessante no Bairro Budista." Fomos para lá. A mudança da liberdade e pureza da secção habitada pelo nosso tipo de gente era grande. Encontrei muito que não conseguia compreender. A forma das habitações, a mistura de cores, as imagens estranhas nas paredes e a quietude estudiosa de todos os habitantes desta aldeia.

Ao olhar para eles, deram-me a impressão de estar a olhar para um quadro ou pantomima, pois tudo era feito com uma solenidade que inspirava temor, e fazia sentir que ainda restavam na raça remanescentes da sua antiga fé idolátrica. Verifiquei que, embora os budistas devotos estejam dispostos nesta esfera a reconhecer os erros da vida terrena, admitindo que a doutrina da poligamia era outro nome para a sensualidade mais grosseira, todavia aqui eles têm imagens do elefante branco. Verifiquei que, ao purificarem as suas vidas interiores em grande medida, mantêm ainda um sentimento terno para com algumas das fantasias da sua vida terrena.

Verifico também que em todas as esferas que já visitei existe um conhecimento crescente da língua inglesa, e esta parece ser a língua escolhida. Fui muito atraído por um espírito neste reino que parecia, pela sua aparência, ter estado a cumprir penitência durante muitos anos. Perguntei-lhe a sua história e, pelo que ele e o meu guia me puderam contar, compreendi que perto de Bangkok, no Sião, há muitos anos, esta pessoa foi consultada como feiticeiro e, sabendo que tinha grandes poderes dados por Buda, usou-os de uma forma que trouxe tristeza ao povo.

Disse ele que naqueles dias perversos tinha dado o mal em vez do bem. Tinha negociado misturas venenosas, fingindo que tinham poder sobre os afetos dos reis, e assim se tornara temido e odiado. Disse também que durante a sua residência na vida espiritual sentira a sua culpa tão agudamente que, quando outros falavam de vistas belas, ele fechava os olhos e gritava: "Indigno, indigno." A sua humildade parecia tão grande que fiz mais indagações e soube que ele fora na vida terrena um médium, mas que permitira que espíritos intrigantes o elevassem a honras públicas, e que fora corrompido por eles.

Aqueles do antigo reino do Camboja encontram aqui um lar e, contando os anos pelo vosso cômputo, maravilhei-me com a falta de progressão, visto que muitos outros, que não estiveram na vida espiritual há tanto tempo, atingiram uma esfera muito superior; mas foi-me dito que era a sua adesão às velhas ideias, a sua devoção ao seu Deus ideal, que os reteve; que o que outras mentes podiam captar rapidamente eles demoram muito a compreender, e por isso o seu crescimento é lento.

Nesta porção da quinta esfera encontram-se estátuas colossais, cobertas de hieróglifos, que têm um significado para todos, não como uma necessidade mas como uma memória do passado. Estas ensinam-lhes de onde subiram. Surge muito que é a perfeição da arte, e pareceria algum sonho petrificado dos grandes artistas do passado. Gostaria de passar dias a vaguear nestes labirintos, obra de eras, e a observar os movimentos silenciosos destas raças de tez escura. Sinto o mesmo temor que vós sentiríeis ao estudar os mistérios de Roma ou ao ouvir os sinos das vésperas da famosa São Pedro.

Isto pode parecer-vos toldar a realidade do nosso céu progressivo, e levar-vos a dizer: "Poderá haver remanescentes de um passado bárbaro na quinta esfera?" Respondo que o céu em que nós, americanos, nos deleitaríamos, não seria um céu para estas pessoas, que toda a vida foram ensombradas por uma espécie de paganismo, e que o que de mais puro era necessário à sua vida terrena é reproduzido esfera após esfera com pureza acrescida, e elas são assim capazes de manter a sua identidade.

SAMUEL BOWLES

20 DE OUTUBRO

Visitei o **LAR DE ACHSA SPRAGUE** enquanto estava na quinta esfera e verifiquei que a sua descrição ficou muito aquém da realidade. O lar e os arredores são um quadro de perfeita beleza e conforto, e a senhora, conhecida e amada por muitos na terra e nas esferas, deu-me as boas-vindas. Perguntei-lhe algo sobre a sua maneira de controlar a médium através da qual o seu último livro foi escrito, e ela informou-me de que fora apenas um começo; que, embora verdadeiro, esperava em breve, através da mesma médium, continuar o seu trabalho para futuras publicações, e rodear esta médium de forças tão fortes que lhe permitissem, por um pouco de tempo cada dia, ensinar numa escola na qual os espíritos pudessem aprender a controlar médiuns.

Enquanto conversava, um olhar sonhador surgiu nos seus olhos, e a mudança exata que muitas vezes cobre os rostos dos médiuns terrenos cobriu o seu rosto e, por alguns momentos, ela não era o espírito ressuscitado, a feliz habitante da quinta esfera, mas a fatigada e trabalhadora médium da vida terrena.

"Oh, a longa e dura estrada pela qual passei", disse ela, "e todavia cheguei à vida espiritual jovem, como o mundo lhe chama, mas era velha, tão velha em sofrimento, velha em experiências. A minha memória vai sem querer para aqueles amigos que se provaram tão falsos quando realmente souberam da minha missão, e alegremente a minha memória reverte para os entes queridos que me apoiaram. Oxalá no meu pequeno livro eu tivesse enviado palavra após palavra àqueles que foram ternos e verdadeiros para comigo, para que soubessem que ainda os amo."

"Qual é a sua ideia sobre o futuro do espiritualismo para o mundo como uma religião separada, exigindo as suas próprias organizações?", perguntei.

"Oh", disse ela, "vejo que tem a mesma esperança que me sustentou por tanto tempo, que era a de que o nosso conhecimento fosse compreendido por muitos, e vi em fantasia edifícios em cada cidade e vila onde o nosso povo pudesse reunir-se. Agora vejo que esta não seria a missão mais abençoada do espiritualismo. Será, penso eu, o desígnio do mundo espiritual permear as massas, dar luz ao crente em Cristo e ao infiel; não para derrubar as igrejas, mas gradualmente para mostrar ao clero que o povo já não se alimentará de cascas, e acabar com o poder do 'homem só, o padre', e mostrar às congregações que pode haver muitos entre eles que poderiam instruir sob as belas inspirações dos anjos; e assim, gradualmente, tornar estes milhões em propriedades imobilizadas de edifícios de igrejas mais úteis para o povo. Acredito que será ainda

geralmente compreendido que raramente existe uma família de seis pessoas na qual um ou mais não seja médium, e este facto será universalmente admitido, que o que vem após a morte não será adivinhado, mas conhecido."

"Está agora contente neste lar?", perguntei. Ela sorriu e disse: "Sim. Contentamento significa céu. Estou no céu."

Ao deixar esta irmã, cujo passado fora tão prolífico de bem para o mundo, e num tempo em que exigia grande coragem admitir que era espiritualista, não pude senão contrastar o seu passado com o meu próprio, e sentir que as pessoas na terra tinham o direito de se perguntar como era que eu me tinha interessado tão cedo por tópicos sobre os quais, enquanto no corpo, nunca expressei uma opinião. Sinto vontade de avisar todos os jornalistas para não esconderem nada debaixo de um alqueire por medo da "Opinião Pública", pois se estiverem certos, após um pouco de escuridão, esse grande bicho-papão pode ser vencido.

SAMUEL BOWLES

27 DE OUTUBRO

Antes de deixar esta esfera, visitei novamente o meu amigo **FARADAY** e fui acolhido cordialmente por ele. Desta vez levou-me para o que ele apelida de o seu "Antro", e surpreendeu-me com algum do maquinismo visível por toda a parte. Ouvi vozes que pareciam vir dos lados da sala. E todavia não eram visíveis outras pessoas. Ele desfrutou do meu rosto intrigado por um bocado e depois, enquanto uma voz forte dizia com sotaque alemão: "Diga que isso está errado, demasiado poder com os cinco fios tão perto uns dos outros"; ele riu-se abertamente do meu espanto e disse: "esse é um professor alemão que está a tentar experiências comigo. Ele vive nesta esfera, mas na parte alemã, e estabelecemos ligação um com o outro e com outros quatro cientistas em diferentes localizações nesta esfera. No laboratório de cada um existem estes meios de conversar."

"É bastante divertido", disse ele, "quando todos os cinco começam a questionar-me ao mesmo tempo. Nessas alturas, tenho de colocar a pequena tampa que vê pendurada por uma corrente leve em cada uma das pequenas aberturas."

Agora que ele tinha atraído a minha atenção para isso, reparei que existiam aberturas muito pequenas, dispostas na parede de modo a parecerem parte dos adornos da sala.

"Bem", disse ele, "posso perguntar ao que vem? O meu tempo é limitado. Reunimo-nos daqui a duas horas para testar as nossas experiências e devo fazer alguma preparação." Compreendendo a sua sugestão não muito hospitaleira, perguntei-lhe acerca dos três panfletos que ele tinha escrito recentemente através de um médium e que estavam a ter uma grande circulação na vida terrena.

"Oh", disse ele, "isso foi o meu começo. Estava apenas a afinar o meu instrumento para fazer o trabalho real."

"Como controla este médium?", perguntei. "Fá-lo da mesma forma que eu faço com a médium através da qual escrevo?" "Não; o senhor torna a médium que usa um instrumento no que diz respeito à força cerebral dela, sem o conhecimento da mesma, e usa uma mão; ao passo que o instrumento que eu uso deve ser meu por inteiro durante o tempo da comunicação, alma e corpo. Tão forte é esta força elétrica que lanço sobre ele, com a ajuda de outros, que, durante a escrita, ele não tem um pensamento independente. Ele é meu. Vaga após vaga desta força elétrica passa sobre ele até que, ao operarmos as nossas baterias, não apenas a mão dele é usada, mas todo o seu ser para produzir uma palavra. É por isso que tenho de lhe dar períodos de descanso tão longos; pois, se não o fizesse, a sua saúde física cederia." "Tenciona escrever mais em breve?" "Sim, assim que conseguir sacudir algumas condições terrenas que estão a consumir a força dele." Senti que fazer-lhe mais perguntas seria uma intrusão no seu tempo e, agradecendo-lhe, despedi-me.

SAMUEL BOWLES

28 DE OUTUBRO

Pergunta: — Já conversou com algum historiador de outros tempos?

Resposta: — Sim, com muitos, mas obtive dessas fontes o suficiente para um volume separado sobre as histórias do passado. Espero dar os resultados das minhas pesquisas noutra altura. S. B.

FOLHA VINTE E CINCO

CONTINUAÇÃO DA QUINTA ESFERA

E UMA CRIANÇA PEQUENA OS GUIARÁ

Na vida terrena, as realidades cruas ocupavam, em grande medida, o lugar do sentimento. Lia sobre sentimentos desinteressados, verdades belas, sacrifícios feitos por amor, mas, tanto quanto a minha experiência alcançava, cem cêntimos faziam um dólar, e S. Bowles era convidado mui seriamente a pagar. Tinha muitos amigos que amava tanto quanto um homem de negócios consegue colocar amor na sua vida quotidiana, mas o mundo colocava sobre mim, de certa forma, o seu cimento exterior de cinismo.

Contudo, por vezes, uma mão quente apertava a minha, impelida por algum motivo, e mostrava-me uma imagem ténue do futuro, quando o meu jornal era mui seriamente desejado para exaltar as virtudes de algum candidato a um cargo, que o meu intelecto cegado nunca antes selecionara do turbilhão da vida política. Tais experiências fazem parte da vida do jornalista, e eu não fui exceção. Assim, representei a minha pequena peça no palco da vida sem nunca me tornar um ator principal.

Mas, apesar de tudo o que possa ter sido sentido em contrário, retive algo da natureza amorosa que os olhos e a voz da minha mãe ensinaram à minha alma; e os anos posteriores, passados com uma das mais belas almas, ensinaram-me que, embora eu

parecesse duro, frio e pouco sociável, esta influência do amor e da bondade de uma mulher não foi lançada em solo pedregoso, mas encontrou terra fértil no meu coração, e leva-me a apreciar por aqui o que eu, com o olho de um verdadeiro artista, nunca estudei cuidadosamente na vida terrena.

Tinha quase concluído uma visita na quinta esfera e pretendia regressar ao meu lar tranquilo quando um amigo disse: "Há um novo quadro na galeria de arte ali em frente. Por favor, vem comigo vê-lo." Com pouco entusiasmo, fui com ele. Encontrámos um espaço tão grande quanto um dos lados das vossas salas de cinco metros, ocupado por uma nova pintura, e muitos ansiosos procuravam ver esta obra de arte da alma.

A principal atração do quadro era a figura de uma jovem mãe segurando um bebé risonho. O amor da mãe brilhava no seu rosto. Na relva ao redor estavam flores que tinham sido despedaçadas pelos dedos do bebé, mas que permaneciam belas ainda assim. Uma grande árvore protegia-os dos raios do sol e um ribeiro brilhava aos seus pés. Os olhos da criança, azuis como o céu de junho, estavam fixos no rosto da mãe, e o seu cabelo loiro caía em caracóis sobre a fronte do bebé.

Na mão da mãe via-se o retrato de um homem, de aparência nobre, como alguns diriam, mas que tinha a marca de vícios que o coração da esposa dedicada não conseguia perceber, enquanto, através do retrato, ela ensinava ao bebé lições sobre o pai distante. No plano de fundo estavam retratadas uma hoste de almas perdidas, que nem a mãe nem a criança viam: o assassino, com arma na mão, olhando por cima dos ombros da mãe; o ladrão, com um olhar de ganância no rosto; o hipócrita, carregando ainda a sua fisionomia hipócrita; o bêbedo, segurando uma garrafa vazia; o suicida, com a corda fatal; a mulher que perdeu a virtude e o libertino audaz, e muitos outros que não tenho espaço para descrever, desenhados com uma fidelidade assombrosa à vida pelo artista fiel.

Enquanto contemplava o quadro, quase conseguia ouvir o riso feliz da criança, a canção de ninar da mãe e, melhor ainda, ver a mudança suavizante chegar aos rostos daquele grupo pecaminoso, ao olharem para a infância feliz e inocente, parecendo repetir sucessivamente o título do quadro: "E uma criança pequena os guiará".

SAMUEL BOWLES

1 DE NOVEMBRO

FOLHA VINTE E SEIS

CONTINUAÇÃO DA QUINTA ESFERA

ROBERT DALE OWEN GRADUA UMA TURMA DE DOZE ESPÍRITOS PARA IREM COMO INSTRUTORES PARA A PRIMEIRA ESFERA

Depois de deixar o local onde o quadro "E uma criança pequena os guiará" estivera em exposição, fui chamado a testemunhar a graduação de uma turma de doze

espíritos na quinta esfera, que eram considerados competentes para descer à primeira esfera e ensinar os espíritos a controlar com sucesso os médiuns terrenos. Robert Dale Owen foi o principal impulsionador disto e propôs as questões. Na turma estavam seis homens e seis mulheres. Foram minuciosamente treinados no uso de todas as baterias e ensinados a explicar aos seus alunos a ação de diferentes elementos em diferentes organismos.

Foi feita uma análise, mostrando que elementos no espírito da matéria que tínhamos pensado serem simples eram, na verdade, compostos, e que a força nervosa do médium deve ser atuada com um conhecimento pleno de todos os obstáculos, mostrando como superar as diferentes influências de espíritos que, embora conhecendo a verdade e a necessidade de uma mudança nas suas ideias, estão ainda mais ansiosos para que as suas velhas formas de pensar permaneçam; como superar aqueles da primeira esfera que, com gostos corrompidos, ainda tentam satisfazer esses gostos através da obsessão de pessoas terrenas.

Assim, Robert Dale Owen e muitos outros (entre os quais os Anthony e os Burtis, falecidos em Rochester, N.Y.), estão a trabalhar para proteger as pessoas na vida terrena de espíritos baixos e organizar na primeira esfera aquilo que mais poderosamente atuará no plano terreno. O plano deles é educar os espíritos em princípios da alma para que os guias (médiuns) possam, num futuro próximo, ser experientes e instruídos neste importante dever.

Há grande necessidade disto, pois muitos médiuns têm índios e, frequentemente, raparigas de diferentes tribos índias como guias, cuja falta de experiência em negócios ou moral os torna conselheiros pouco seguros. Embora os seus corações possam ser honestos e o médium de mente pura, muitos maus resultados provêm de tais guias, pois dão conselhos sem um conhecimento adequado do que é melhor para a alma, bem como para o corpo. Estes espíritos nobres sabem que o principal descrédito que caiu sobre o espiritualismo provém do conselho de espíritos sem educação.

Devem rejeitar a ideia de que, por alguém ser um espírito, é, por essa razão, capaz de vos aconselhar. As pessoas são por vezes colocadas no trabalho mais ridículo desta forma. O tesouro do Capitão Kidd é um exemplo da falta de educação adequada em algumas partes, que estão a encher os ouvidos das pessoas com ideias de resultados maravilhosos se forem fiéis à direção espiritual. Por favor, tomem nota disto. Uma pessoa pode, na vida terrena, esconder algo e ser capaz, na vida espiritual, de regressar após muito tempo e, vendo que o bem pode ser feito ao produzir o tesouro escondido, informar sobre o local e fazer com que seja recuperado. Mas os poucos casos em que isto ocorreu foram usados como desculpa para espíritos traquinas prejudicarem-vos.

Portanto, os bons espíritos estão a organizar grupos responsáveis de educadores, espíritos das esferas superiores, que ensinarão os espíritos das esferas inferiores qual é o verdadeiro objetivo do regresso espiritual, ou seja, no sentido mais autêntico, que o controlo espiritual serve para tornar as almas melhores, tornar as vidas melhores, e que,

se estes guardiões virem que será para o bem último, frequentemente dirigirão os negócios de modo a trazer sucesso.

Essa ajuda é dada principalmente àqueles que serão instrumentais na realização de um grande bem para esta causa; a esses é permitido prosperar, como acontece frequentemente no negócio do petróleo ou das minas, e por vezes dando conselhos em especulações bolsistas. Mas o proveito para o bolso não deve ser considerado primeiro. Deve haver na mente daquele que recebe esta ajuda planos definidos para a distribuição de conhecimento verdadeiro. Contudo, há exceções a esta regra, visto que espíritos avarentos ganham controlo sobre pessoas avarentas e usam-nas para ganhar dinheiro, sem pensar no bem que o dinheiro fará. Estes guias perigosos deixam aqueles que controlaram como mendigos indefesos à hora da morte.

SAMUEL BOWLES

3 DE NOVEMBRO

FOLHA VINTE E SETE

CONCLUSÃO DA QUINTA ESFERA

Nunca antes percebi em tão grande grau a escassez de palavras para expressar ideias. O vasto panorama de beleza estendido diante da nossa visão, a harmonia perfeita existente entre os habitantes desta esfera; o próprio espírito do espiritual permeando tudo, fazem-me perguntar como, para os velhos teólogos, esta representação perfeita de beleza e paz se comparará com as ruas de ouro e portões de pérolas há tanto proclamados por eles. Verdadeiramente, ao contemplar as nuvens distantes navegando no espaço, é necessária pouca imaginação para nelas ver formas de beleza, imagens de anjos e colorações que fazem os artistas aqui desejarem mergulhar os seus pincéis nestes tons brilhantes e transferi-los para a tela.

Visitando um dos picos montanhosos elevados que existem nos céus acima da nossa amada Nova Inglaterra, permaneci hipnotizado pela cena abaixo: riachos minúsculos como fios de prata, procurando o seu caminho através dos belos campos para os grandes rios, deslizando silenciosamente para o mar; aves de toda a variedade tornando o ar melodioso com cânticos; grupos de pessoas cujas vestes brilham à luz, desfrutando das belezas da cena; lares humildes e mansões imponentes, aninhados entre mil colinas.

Com toda esta beleza ao meu redor, os meus pensamentos voaram de volta para os entes queridos no vosso mundo, com uma oração para que, embora o nevoso dezembro se apresse a chegar sobre eles, nem sempre seja dezembro nos seus corações. Sim, rezei como nunca antes para que a desolação fria de uma fé vazia dê lugar ao conhecimento perfeito, para que, quando a libertação do cativeiro da terra chegar, aqueles que mais

amo estejam preparados para me encontrar nas esferas superiores, para as quais me estou a preparar, e não tenham de passar por esferas intermédias.

Os nossos pensamentos aqui são de tal forma parte de nós próprios que não é necessário articulá-los para os espíritos que aprenderam estas lições de leitura da alma. Fui subitamente despertado do meu devaneio por vozes perto de mim. Tinha tido as minhas ideias de serafins e de anjos, termos que significam o mesmo, mas devo dizer que nunca tinha tido tal perceção de um homem perfeito ou de uma mulher perfeita como neste momento.

"Não vos vi subir a montanha", disse eu, olhando para o trilho montanhoso.

"Não, não subimos a montanha, mas descemos da sétima esfera. Sabíeis que, enquanto pensáveis tão intensamente, os vossos pensamentos agiram como uma mensagem telegrafada, e apressámo-nos a vir ter convosco, desejando dar-vos palavras de alento e votos de sucesso para o vosso bendito trabalho? O que estais a escrever será lido por milhares de pessoas, e as verdades deste livro encontrarão abrigo nos seus corações.

Embora a crueza do ambiente terreno tenha muito a ver no obscurecimento do vosso significado puro, certamente sereis o meio de fazer com que os homens se preparem com todas as suas forças para a vida espiritual, e também para que façam tal avanço na terra a ponto de entrarem numa esfera avançada na morte. Pois é possível aos humanos terem uma boa compreensão destas leis para se prepararem para entrar de imediato nas esferas superiores, mesmo tão alto como a quarta. Isto pode ser alcançado apenas enviando de volta exatamente tais lições como as que tendes ensinado."

Com muitas palavras amáveis, este par desceu para um local de reunião, para que pudessem tomar parte numa discussão que ocorre diariamente.

O meu coração vibrou de alegria ao saber que havia tanto guardado para mim e para todos. Mal tinha provado as alegrias do céu ainda, mas estava lentamente a trabalhar para as alcançar. Não posso dizer que tenha qualquer ambição de entrar nas esferas superiores e ainda mais belas para encontrar Moisés ou Salomão, ou qualquer um dos profetas míticos do passado, mas estou tão regozijado por, nesta vida sempre progressiva, vir ainda a encontrar-me com aqueles cujos intelectos deixaram a sua marca na vida terrena, e revelar-vos uma perceção ténue de que não podem dar-se ao luxo de lidar com a materialidade fria e sem alma, mas que devem elevar-se acima da sua crueza.

Dei ao leitor deste livro uma imagem tão fiel quanto me é possível produzir dos primeiros estágios do céu e da amargura do inferno. Se, no vosso sentimento de vingança, não vos parecer suficientemente quente, vós que caminhais em maus trilhos apenas tereis de afundar-vos um pouco mais para chegar ao desejado calor ortodoxo.

Mas irmão, irmã, abandonai o inferno e escolhei o céu. Afastai de vós essa hipocrisia que vos faz parecer aos vossos semelhantes o que não sois, e ponde-vos face a face convosco mesmos. Não é um homem perfeito que vos escreve isto, mas alguém

que está a trabalhar arduamente para remover velhas manchas e ser um verdadeiro trabalhador para vós da vida terrena.

Lede, e aspirai ao que é superior. Não ide com tremor investigar estas coisas por medo de que o vosso vizinho rico saiba, mas ide como um homem honesto procurando a verdade. O meu trabalho para vós acabou de começar. Se eu estava errado enquanto estive convosco, e estou disposto a retificar esse erro, certamente deviam honrar o motivo.

Peço-vos a todos, enquanto estais perto da beira do que pode significar para a vossa nação a ruína política, que se lembrem de que a única maneira de se salvarem, de salvarem o vosso país, é entrarem de corpo e alma em todas as reformas: Estejam dispostos a estar sós, se necessário, e proclamem a verdade de que, se alguma religião vale alguma coisa, ela deve entrar nas minúcias da vida quotidiana e ser o baluarte contra a tentação.

SAMUEL BOWLES

EXPERIÊNCIAS DE SAMUEL BOWLES NA VIDA ESPIRITUAL

PRIMEIRO ARTIGO

A SUA ENTRADA NA VIDA ESPIRITUAL

À medida que a vida se desvanecia e eu perdia gradualmente o contacto com o antigo corpo, o que antes fora uma dor intensa no meu peito transformou-se lentamente numa sensação de peso. Não havia inclinação para repelir o íncubo que me oprimia. Os soluços no quarto e os tons baixos eram como murmúrios distantes.

O meu cérebro ocupado, em poucos momentos, trouxe à tona as cenas vívidas da minha vida — as suas lutas precoces, os seus sucessos tardios — tudo era como um panorama, estendido diante de mim. Eu sabia que aquilo que fora chamado de "Rei dos Terrores" estava comigo, mas não senti medo.

Gradualmente, as cenas no quarto recuaram para longe. Os esforços da antiga forma por fôlego pareciam pertencer a outra pessoa ao meu lado. E, então, os entes queridos dos dias da minha infância estavam ao meu redor, com rostos brilhantes, estendendo os braços e acenando-me para que atravessasse. Veio-me então a sensação de que eu estava a elevar-me para fora de mim mesmo e, logo acima da antiga cabeça, havia outra cabeça que pensava e via!

Enquanto o meu espírito era retirado do corpo, eu podia olhar para baixo, para o rosto agonizante, e ver os últimos esforços do princípio vital ao deixá-lo. Não havia sentimento de medo, nem dor. A morte não é dolorosa. Posso recordar agora e saber que não houve sequer surpresa. Foi como uma lição meio esquecida que me voltara com força; mas não havia sentimento de pavor, tal como eu pensara muitas vezes que deveria acometer a pessoa que encara o mistério da morte.

Procurei por um rio — não vi nenhum. Procurei pelo barqueiro, mas contemplei apenas multidões de rostos alegres até onde a vista alcançava. Há muito que eu abandonara o pensamento de que existiam ruas de ouro e portões de pérola, pois sentia que, se houvesse uma vida posterior, esta deveria estar de acordo com a natureza. Tentei pensar, tentei lembrar-me dos muitos que estavam ao meu redor, contudo eles diziam: "Ainda não; descansa, irmão, descansa."

E eu descansei — um descanso tal como só as almas cansadas, que acabaram de sair do turbilhão da vida terrena, possuem. Não me dei conta de que estava a subir e, no entanto, subira a uma altura considerável, pois lembro-me de olhar para trás, para a antiga casa e para o antigo corpo, agora pacífico, com as mãos em repouso — mãos que nunca mais segurariam a pena nem a empunhariam pelos meus semelhantes. Creio que, mesmo então, um sentimento de arrependimento surgiu no meu coração, pois as ambições da vida pareciam ter sido cortadas no seu próprio auge; suspirei e disse: "Queridas velhas mãos, serviram-me bem, mas o vosso trabalho terminou."

"Sim, o trabalho delas terminou", disse uma voz ao meu lado, "mudaste de vestes. Do velho foi, de facto, ressuscitado um novo corpo que retomará o fio emaranhado da vida onde o deixaste, e exercerá novamente um poder sobre os filhos da terra que será sentido, e terminará uma obra tão nobremente começada.

[Nota: 8]

O teu trabalho não está concluído: o teu cérebro ativo desgastou um corpo, por isso a morte é mais gentil do que a vida, pois cada pensamento de beleza ou poder encontrará o seu caminho de volta como se fosse escrito em letras de fogo! Portanto, irmão, descansa: mas apenas para começar de novo com poder redobrado!"

Quase inconscientemente, durante esta conversa, fui guiado e ajudado a entrar num aposento que tinha todo o luxo e beleza dos aposentos da vida terrena; e cada artigo era tão tangível para mim como os artigos da antiga vida. Olhei para as minhas mãos e vi mãos como as antigas, apenas com todos os vestígios da idade desaparecidos. Senti o meu corpo e descobri que era o mesmo homem, vestido como um homem, sem diferença, apenas com o aspeto de juventude. Então, pensei novamente no antigo corpo e, como por magia, pude ver, através de um plano inclinado, o quarto onde ele jazia, e vi aqueles que realizavam os últimos e tristes ofícios.

Fiquei então contente, embora soubesse que os meus entes queridos choravam. Podia ver um fim para o seu pranto. Senti piedade por eles, mas a alegria misturava-se no cálice pois, com os estorvos da vida terrena fora do meu caminho e com toda a contenda passada, surgiu-me uma nova ambição: ser conhecido ainda na antiga vida, realizar uma obra que encontrasse o seu caminho, se possível, até ao coração de uma

nação iniciada em pureza, mas tornada corrupta pela ganância dos homens; e gloriei-me por a morte ser vida, e uma vida que nenhuma circunstância ou mudança poderia apagar.

Creio que descansei então; por um momento tudo foi um vazio; mas quando voltei a mim, que vista gloriosa se me apresentou! Não esperava ver o trono de Deus, mas vi a Natureza como nunca antes: montanhas altivas, rios sinuosos, vales adoráveis onde a folhagem verde formava um arco por cima das nossas cabeças e deixava caminhos sombreados; lagos com muitos barquinhos, cheios de grupos de recreio; chalés, aninhados entre árvores verdes; mansões, que continham almas que haviam passado por grande tribulação; pavilhões, belamente decorados, com as laterais abertas, onde há frequentemente uma multidão de espíritos ansiosos, escutando palavras que vêm dos corações de homens e mulheres que aprenderam as suas lições na vida terrena e ascenderam através do sofrimento, mas que aqui têm o seu lugar como instrutores.

[Nota: 4]

Tudo era pacífico: o amor fraternal era uma das condições predominantes em toda a parte, conforme eu via. Sinto-me, ainda agora, perdido em admiração ao perceber que a vida espiritual está tão estreitamente ligada à vida terrena; que o céu com que eu sonhara é apenas o vosso mundo natural intensificado; que a natureza sem mácula existe para cada alma; que a vida pessoal é tão importante que a sabedoria infinita providenciou para ela eternamente; que, uma vez que um homem ou uma mulher se aperceba da existência, eles continuam para sempre.

Nos meus futuros artigos, tentarei mostrar as relações entre os dois mundos; a vantagem ganha ao entrar aqui maduro, em vez de na infância; o efeito da guerra e do derramamento de sangue; os esforços do mundo espiritual para prevenir grandes acidentes e o seu trabalho eficiente quando estes ocorrem; o nosso modo de viver; o alimento necessário; como é o nosso sono, etc., e, acima de tudo, os esforços do Congresso Espiritual para superar os efeitos dos erros cometidos no congresso terreno.

Samuel Bowles.

SEGUNDO ARTIGO

O SR. BOWLES ACONSELHA A MULHER

A EDUCAR-SE E A TORNAR-SE ELEITORA

A vida espiritual é apenas um desdobramento da vida terrena. Portanto, a fim de termos o pensamento mais perfeito, os poderes mais perfeitos de descrição, deveríamos aprender profundamente a lei do contraste.

Ao acordar mais inteiramente para as cenas ao meu redor, pude ver que a humanidade, em todas as suas fases ao passar para o desconhecido, apenas depôs os

seus fardos para os retomar novamente com uma ambição mais intensa. Em vez de a minha individualidade se fundir e se misturar com todas as outras individualidades, eu destaco-me de forma clara e distinta, como um ser responsável. Aquilo que na vida terrena tomei sobre os meus ombros, seja por um sentido equivocado de dever ou por me ter envolvido porque a alma e a honra nele estavam, continua a ser o meu trabalho.

A vida terrena está cheia de frases inacabadas e quadros por pintar. Para o estudante, a Natureza é um campo fértil, e aqueles que fazem dela o seu estudo principal, trabalhando de formas práticas para extrair do seu grande coração aquilo que suprirá o corpo sem aleijar a alma, estão de facto em terreno seguro.

Mas para o homem como eu, que conviveu com o grande mundo, viu o seu espírito ganancioso, sentiu que as correntes de ferro que prendiam os filhos de África eram apenas um conjunto de uma série de correntes que prendem vidas ainda agora: as revelações são maravilhosas.

[Nota: 6]

Enquanto estava na vida terrena, cautelosamente, a partir das profundezas do interesse político, lancei vislumbres ao mundo de que poderia chegar o tempo em que a mulher, que é responsabilizada pela quebra de cada lei, pudesse ter uma palavra a dizer na sua elaboração. Agora, vendo a grande influência do género feminino, eu diria, sem hesitar: "Irmãs, educai-vos até ao nível mais elevado possível; deixai a moda e os seus acompanhamentos de dissipação e imprudência em segundo plano, e vede o que deve ser feito para salvar a honra de uma nação."

Que não haja questão de sexo na votação; mas que haja simplesmente um padrão de educação política que todos os homens e mulheres devam atingir antes que lhes seja permitido o voto. Esta não é uma conclusão precipitada, e o facto de eu não ter dado este pensamento plenamente ao público na vida terrena mantém os meus interesses mais estreitamente aliados aos interesses terrenos.

Uma admiração, nascida do desapontamento, ocorreu-me quando, ao percorrer os belos caminhos da vida espiritual, pude ver homens e mulheres a falar ansiosamente e a idealizar meios para alcançar estes resultados materiais, que eu supusera ter deixado para trás para sempre.

"Ah! não", disseram-me eles, "após o turbilhão do trabalho jornalístico, seria impossível para si abandonar as antigas ambições que fazem parte do seu espírito, bem como da sua vida terrena. Pousou a pena apenas para a retomar com uma seriedade e um poder nunca antes sentidos; e embora isso não vá, de forma alguma, detrair das suas investigações espirituais, deve seguir em frente e, a partir do antigo Princípio, desenvolver cautelosamente aquele grau de clareza e perfeição que não foi capaz de atingir enquanto estava sobrecarregado pelas preocupações terrenas e limitado por aquele grande bicho-papão, a Opinião Pública."

[Nota: 7]

A verdadeira liberdade não tem medo e, embora eu não vá atacar os homens, espero atacar o coração corrupto dos princípios, fundados apenas no ganho do possuidor.

Poderão perguntar: "Como podem os nossos assuntos na terra conflituar com os assuntos do reino superior?" Respondo: se mantivessem todo o vosso povo aí, não conflituariam; mas enquanto estiverem a perder do vosso meio homens imersos na política, mulheres oprimidas e a quem é dada uma oportunidade tão pobre na vida que algumas procuram refúgio no rio, ou em qualquer lugar, para afogar a centelha da vida porque a vida era tão cruel, durante esse tempo estudaremos as causas que estão a levar o mundo ou a nação a uma base comum de egoísmo.

Quantos hoje, que são ruidosos em louvores ao seu favorito particular, pararam no turbilhão o tempo suficiente para estudar o homem que defendem? Porque ele representa um certo lado, os cegos correm frenéticos nos seus louvores e dizem aos ignorantes e descuidados: ele é o homem. Podem não acreditar em mim, mas por aqui, outros mais sábios do que eu dizem que não está longe o tempo, se a velha bandeira continuar a acenar, em que cada pessoa a quem o poder deva ser dado deve primeiro apresentar um certificado de mãos limpas e coração puro.

Devem mostrar um passado que dê promessas de um futuro puro. Nenhum sentimento de engrandecimento pessoal será permitido; mas os lugares de confiança, do mais alto ao mais baixo, devem ser dados àqueles cujos corações aspiram diariamente a uma vida superior — para descobrir onde podem cumprir os seus deveres da forma mais nobre. Isto, pelo conhecimento que aqui temos, esperamos que não esteja num futuro distante, mas tão próximo que a sua primeira premonição será sentida, abrindo caminho para o grande coração público já neste outono!

Estamos intensamente empenhados nisto, pois muito da eficiência do trabalho espiritual depende do começo feito na vida terrena. Quem deveria senti-lo mais do que eu, que depus a minha armadura apenas para a retomar com maior força do que nunca? O nosso objetivo deve ser atacar o próprio coração da corrupção, e nem eu devo vacilar, se tiver de trazer à luz os meios ocultos que estão a ser usados em ambos os lados para colocar os seus favoritos perante o público.

Desta perspetiva desagradável, afasto-me com náusea e pavor, e tento perder estes pensamentos em conversa com as mentes elevadas e sagradas que, através da disciplina na terra, aprenderam a sabedoria.

E quando, na minha ânsia, eu me lançava em frente, determinado a vencer — determinado, com coração disposto, a sacrificar o meu tempo, a minha felicidade presente, o meu tudo, para corrigir os grandes erros do mundo, homens como Theodore Parker, o Juiz Edmonds e outros, diziam: “Vai devagar, irmão; nós também, quando viemos para aqui, ao início, sentimos que quase sozinhos poderíamos alcançar grandes

resultados: que poderíamos ser venerados, amados e acreditados tal como na vida terrena.

Mas descobrimos que, embora os mesmos impulsos da vida terrena, intensificados, nos impelissem, contudo, para sermos conhecidos como outrora, deveríamos transpor o abismo que a humanidade criou entre os dois mundos". A Ortodoxia, com determinação irracional, quereria, por um golpe mortal, eliminar da existência cada registo do retorno dos espíritos, exceto aquele encontrado na Bíblia. **9** Estranha contradição, quando o significado de cada igreja na terra deveria ser — É o homem imortal? Se sim, prepara-te para a imortalidade. E das maiores alturas às mais baixas profundezas, nenhuma resposta pode vir senão aquela abraçada no Espiritualismo!

Enquanto eu ouvia estas palavras, proferidas com um poder emocionante, este pensamento veio-me — Para o grande e agitado mundo, Samuel Bowles está morto! Mãos gentis guardaram a antiga forma; corações amorosos fizeram com que se entrançassem grinaldas, sempre-vivas, à sua memória: as palavras que ele escreveu serão pensadas como as palavras de um morto; e mais forte do que nunca surgiu a resolução de viver, não na memória de obras antigas, mas na realização de novas; e mais forte do que nunca é o meu desejo de mostrar a um mundo, que luta por ganho e renome, quão pouco valor eles têm, exceto enquanto apontam para algo mais elevado. Espero mostrar aos seguidores de Cristo que eles o seguem apenas um pouco. Eles enfraquecem o braço de um Deus que, há mais de mil e novecentos anos, pôde fazer Moisés e Elias aparecerem no Monte, e dizem que este não é o dia dos milagres. E não o é, nem nunca houve um dia de milagres. Pois um Deus, um Princípio vivo, inerente a tudo, porque é um Deus da natureza, não sairia da natureza para realizar a Sua obra; e pela mesma lei que fez o homem Jesus ser visto a caminhar tanto tempo com dois dos seus crentes, agora dá força aos espíritos por um tempo, através dos elementos que a natureza fornece, para revestir o material, e assim por alguns momentos conversar com e ser visto pelos amados de outrora.

Assim pode uma mente verdadeiramente reflexiva tecer elo após **10** elo do antigo em belíssima harmonia com o novo. Lembrai-vos de que este facto da comunicação espiritual e da aparência espiritual, que parece tão impossível agora, não é senão o lançamento de uma nova luz sobre um antigo Evangelho.

SAMUEL BOWLES.

ARTIGO TERCEIRO

O Sr. Bowles descobre que tinha uma ideia errada do Céu.

O meu céu ideal, aquele em que pensei nas longas horas em que a morte e a vida lutavam pela vitória, era um que mudava o homem — um que tornava o homem avarento menos avarento: o mentiroso alguém que procuraria imediatamente a verdade: o bêbedo alguém que desejaria beber de fontes puras. Mas uma surpresa esperava-me.

Ao entrevistar-me a mim próprio, descobri as mesmas ambições existentes, apenas muito mais fortes. Descobri que ser era reter as propriedades de si mesmo. Portanto, quando encontrei pela primeira vez o trabalho que a vida espiritual exigia, pensei que o antigo cântico ideal, "Há descanso para o cansado", era pior do que um mito.

Desviei-me da contemplação do passado para ver que novas resoluções o futuro tinha reservadas para mim. Há momentos em que a alma voaria para cima; mas para completar uma obra perfeita, deve ainda rever o passado. Espíritos avançados dizem-me que quando, por vezes, desejam olhar para o mistério de esferas superiores, são chamados por uma voz, a não ser ignorada, para **11** visitar a vida terrena e ajudar a libertar algum sofredor do antigo corpo. Assim, quando nos sentimos sábios e começamos a conhecer a vida espiritual, somos chamados novamente a olhar para as antigas lições da vida terrena. Assim, aconteça o que nos acontecer, não nos é permitido subir a tal altura que o sofrimento penoso de um dos mais humildes filhos da vida terrena não desperte a nossa simpatia.

O mundo está cheio de sofrimento, e um espírito, para estar ciente de tudo, deve ser omnipotente. Mas com pessoas de temperamentos semelhantes, há uma simpatia que, como um cordão magnético, atrai o espírito ao sofredor. O nosso principal crescimento depende de como recebemos as lições que nos são ensinadas através do nosso próprio sofrimento ou da nossa simpatia com o sofrimento de outros.

Não desejo entrar em personalidades, mas lidar com princípios; e embora o meu coração anseie por alcançar em espírito um lar em luto, devo reprimir tudo isso e continuar até que chegue um tempo em que as almas famintas serão alimentadas com o pão da vida que lhes podemos dar.

Os dias aqui são semelhantes aos vossos dias lá; mas nenhuma noite se segue. Ainda assim, para cada alma, vem por vezes algo como uma névoa prateada que é calmante e significa descanso. Vem quando o cérebro espiritual está cansado e a vida começa a assumir a sensação de fadiga da antiga vida. No entanto, quão grande é a sabedoria que causa estes períodos de descanso conforme são necessários; pois com a precisão do mais perfeito acampamento militar, cada um toma o seu posto, guardando aqueles na vida terrena. Esta ordem perfeita não angustia, e aqueles que foram disciplinados nela, nunca se rebelam.

Faz parte do grande plano que o forte cuide do fraco. Quando vemos grandes **12** problemas pairando sobre vós lá, embora não os possamos evitar, podemos aliviar a sua queda; e o nosso maior crescimento vem do trabalho mais eficiente feito àqueles que ainda estão na forma humana.

A observação é feita frequentemente na vida terrena: "Eu sei que se os meus entes queridos pudessem voltar, eles viriam a mim, não através de outra pessoa". Se pudésseis sentir a dor que nos custa ter tais pensamentos lançados contra nós, não seríeis tão apressados nas vossas conclusões. A natureza humana e os amores humanos são egoístas. Não há um único espírito que entre na vida espiritual que, se tivesse o poder

quando voltasse, não desenvolvido e sem raciocínio correto, não entrasse no seu próprio lar e, por conta de um controlo imperfeito, desse terror onde pretendia dar paz.

Os espíritos, no seu primeiro ardor, desorganizariam famílias e trariam de novo para vós uma lição pior do que a bruxaria de Salem. Sei pelas minhas próprias saudades iniciais como seríamos indiscretos. Por isso, temos de olhar para lágrimas a correr que não podemos limpar, e para corações a doer que não podemos curar; e assim aceitamos que o plano organizado por sabedoria maior do que a nossa é o correto; que devemos não só ter médiuns no lado espiritual através dos quais trabalhamos, mas médiuns no lado terreno, através dos quais os nossos médiuns na vida espiritual trabalham.

Assim, existe um sistema que é correto e justo para cada um que procuraria comunicações lá, ou para aquele aqui que comunicaria. Dedicarei uma das minhas cartas ao assunto da necessidade dos médiuns melhor desenvolvidos e direi como desenvolvê-los, pois muitos são necessários, e **13** quanto mais eficiente for o trabalho que fazemos através de médiuns terrenos, mais rapidamente avançamos aqui.

Não contamos o tempo aqui. O Céu não tem Primavera ou Novembro sombrio. Gradualmente, conforme é necessário, a nossa folhagem cai, mas na antiga descida há sempre o botão deixado para o novo. Flores que crescem espontaneamente deixam os velhos caules murchar e das raízes surge o novo. Está na natureza que nada exista por muito tempo na mesma forma; mas das cinzas do antigo, como a Fénix, surgirá o novo.

Os deveres da casa, que na vida terrena causam tanto trabalho árduo e pés doridos, são realizados sem muito trabalho manual, de forma a satisfazer cada necessidade. Tudo se move com regularidade. Não há conflitos aqui, num lar bem desenvolvido.

A simpatia entre os dois mundos é tão grande que, quando estais a suprir as vossas necessidades corporais cozinhando, nós obtemos o espírito do alimento que sobe, e ele é utilizado por nós; e conforme são os nossos apetites, atraímos para nós esse alimento. Espero poder ser compreendido nisto, pois vi glutões na vida terrena que recuavam perante a morte porque temiam não ter nada para comer.

Muitas experiências tristes vêm destes apetites. Não há muito tempo, fui enviado com uma mãe ansiosa para ajudar a guardar o seu filho e, se possível, quebrar um feitiço que estava sobre ele. Tão rápido quanto o vento, a mãe foi para o seu rapaz. Encontrámo-lo perto de um dos antros imundos da terra onde se distribui veneno e o distribuidor se ri das suas vítimas. Mas ao aproximar-se do rapaz de dezassete anos, o rosto da mãe obscureceu-se, pois, enrolando-se em redor dele como uma serpente mortal, estava o espírito de um que tinha vindo recentemente para este lado com *delirium tremens*, regozijando-se e alegrando-se por, através desta vítima inocente, poder desfrutar por um breve tempo do antigo vício.

Poderíamos a mãe ou eu quebrar esse feitiço? Não — não na altura. Embora o bem devesse esmagar o mal, chegámos demasiado tarde. Este espírito, antes de poder ser disciplinado, deve ter esse olhar retropetivo; e o rapaz, com a sua disposição

negativa, deve ter essa experiência, para que o coração da mãe pudesse, através do remorso dele, obter uma base mais firme.

Por vezes penso que, se eu tivesse o poder do Infinito ou uma metade do meu amor, revolucionaria todo o plano da terra e do céu; e depois, quando vejo como, passado um tempo, mesmo das profundezas, se produz uma perfeição, grandiosa e bela, tento estar contente.

Se pudéssemos ensinar as crianças da vida terrena a evitar más companhias, seria uma grande coisa; mas se pudéssemos ir mais longe e protegê-las das influências subtis de espíritos que estão num inferno criado por eles próprios, seria ainda melhor. Que os anjos me ajudem a ensinar-vos na terra a verdadeira lei da proteção.

SAMUEL BOWLES

ARTIGO QUARTO

O CRIME DO ASSASSINATO LEGALIZADO.

OS SEUS EFEITOS NA VIDA ESPIRITUAL

Para uma mente prática, alguém que olha para a alma das coisas, os primeiros anos na vida espiritual são uma sucessão de surpresas. Pedi para me serem mostradas as fases do espiritual em todos os seus aspetos. Deixei voluntariamente as moradas de paz para olhar para a maravilhosa variedade de experiências a que aqueles na nossa vida estão sujeitos; e se nós aqui pudéssemos, com um golpe poderoso, eliminar algumas das condições da vida terrena, fá-lo-íamos.

Um sentimento de vergonha vem a mim porque, quando a vida terrena era minha, não trabalhei mais persistentemente para ajudar a banir do governo nacional esse crime de todos os crimes — o "assassínio legalizado"! Não conseguis ver que a antiga lei de "olho por olho e dente por dente" deveria ter sido deixada no passado bárbaro? Um grupo de sete foi enviado, há pouco tempo, ao vosso mundo para ajudar a passar o espírito de um assassino. Ele era culpado do crime. As suas mãos estavam vermelhas com o sangue da sua vítima. O ato foi feito sob a influência do álcool. O cérebro estava enlouquecido pelo ciúme. Ele era pobre. Não tinha advogado exceto o que o estado forneceu.

A culpa ou inocência de um homem depende muito, para o grande mundo, do estado do seu bolso. As "circunstâncias atenuantes" para criminosos significam frequentemente dinheiro. Este homem não tinha sequer amigos. É verdade, uma mulher tinha sido a causa do problema, mas palavras ociosas tinham-no aumentado. O culpado deve ser **16** enforcado. Crianças devem ser deixadas órfãs de pai — a esposa viúva. O olhar no rosto daquele homem, enquanto era conduzido com o acompanhamento habitual de oficiais e clero, era diabólico. Nem um pensamento de arrependimento pelo ato veio à sua alma. A oração do "homem de Deus" foi respondida com uma maldição.

Homens, muitos e de todas as idades, tinham-se reunido para ver o abate de um ser humano. Oh! mundo perverso que se regozija na miséria! O xerife, um homem de rosto claro, olhos azuis e cristão, pôs o pé na maquinaria que fez o seu trabalho terrível, e uma alma imortal atravessou as fronteiras. O xerife foi cumprimentado pela sua frieza: o padre disse: "Deus tenha misericórdia da sua alma": e outro espírito imaturo veio até nós para aprender novas lições.

"O que fareis com ele agora?", perguntei, ao ver uma mãe a chorar, tentando captar um olhar de reconhecimento dele. Tristemente veio a resposta: "ele não viveu o seu tempo lá, o seu espírito deve ainda permanecer no plano terreno até ao tempo em que a natureza o teria libertado".

Não havia sequer um sentimento de alegria visível no seu rosto por poder ver aqueles a quem chamava mortos. Embora mãos gentis lhe fossem estendidas, embora palavras bondosas fossem proferidas, ele não lhes deu ouvidos; a sua alma estava sedenta de vingança — do júri que o considerou culpado — do juiz que o sentenciou, e acima de tudo, do xerife que o enforcou, estava a sua mente decidida a procurar vingança.

"Qual será o resultado deste ato?", disse eu ao Juiz Edmonds. "O mesmo que o de muitos outros", disse ele tristemente. **17** "Um assassinato abre caminho para muitos outros; ele assassinou um homem, o xerife assassinou-o a ele, e agora, com um desespero não conhecido na vida terrena, ele obsidiará alguma pessoa negativa e, cega e loucamente, exultará ao tirar alguma vida".

O decreto foi emitido e, até que o espírito do bem possa, por graus, banir o espírito do mal, o trabalho fatal continuará: e se, como espero, este livrinho encontrar o seu caminho para muitos lares, os anjos permitam que ele desperte nos filhos da terra um desejo de expurgar das leis de uma grande nação a lei de uma vida por uma vida.

Se o olhar do juiz e do xerife repousar nestas páginas, que desperte nos seus corações o sentimento de que eles também são assassinos, pois tiram uma vida que não podem dar. Se, em vez de o dinheiro dos estados ou países ser usado para tais julgamentos prolongados, aqueles que fossem realmente conhecidos como culpados fossem colocados em locais limpos e confortáveis onde a alma pudesse crescer e as suas mãos estivessem sempre ocupadas em trabalho que trouxesse dinheiro para o estado, seria muito melhor. É uma ideia errada que isso aumentaria o crime. O medo da morte não é metade tão forte na maioria dos corações como o medo de uma vida de prisão. Este sistema não só daria um aspeto mais puro à página da nação, como ajudaria o céu.

Diminuiria o número de assassinatos na vida terrena. Daria a cada homem e mulher uma oportunidade de autoaperfeiçoamento, mesmo que no degrau mais baixo da escada. Inspiraria resoluções nobres e daria uma oportunidade de purificação. Ó mundo de mortais em luta, não vedes que sois fracos quando deveríeis ser fortes! **18** Aqueles que, deste lado, vigiam os assuntos do estado, sentem que o mundo espiritual deve fazer o seu melhor trabalho sobre os legisladores ativos na vida terrena, para tentar remover este grande mal que, como uma malária moral, se fixou nas mentes das pessoas.

Homens que julgam que as suas vestes estão imaculadas descobrirão aqui que elas estão manchadas com o sangue de um irmão.

Que este trabalho continue. Corrigi este mal, e os habitantes do céu alegrar-se-ão por mais um passo ter sido dado na "escadaria dourada".

SAMUEL BOWLES.

ARTIGO QUINTO

O CRIME DO ASSASSINATO NÃO LEGALIZADO

Os efeitos nos espíritos das crianças enviadas para a vida espiritual por abortos. Como os médicos que os produzem hão de ser condenados!

Como pretendo lidar com os factos da vida terrena e deixar as fantasias para outros, escreverei agora, após tratar do "assassínio legalizado", sobre o assassínio que é praticado em tão larga escala entre os habitantes da terra. Se eu não tivesse visto os seus efeitos funestos em tantos casos, não arriscaria chocar um mundo hipersensível com o conhecimento do que passa diariamente perante ele; contudo, de olhos fechados, permitem que múltiplas transgressões passem — transgressões em seda e cetim.

Homens e mulheres, seja pelo amor à comodidade ou ao **19** dinheiro, desejam encobrir um pecado com a prática de outro. Assim, inúmeras almas são introduzidas na eternidade sem sequer a experiência de nascerem para a vida terrena. Um homem que seria enforcado caso assassinasse uma criança de seis semanas, com a maior negligência assassina uma criança seis ou oito semanas após o decreto ter sido emitido para que outra alma desenvolva um corpo com o qual enfrentar a experiência da vida terrena.

E assim o pecado continua. Mães na vida mundana recuam perante o que a natureza exige e, sem pensarem em abster-se da causa, destroem o resultado. Elas não só exultam por terem ficado novamente livres, mas mergulham ainda mais profundamente nas dissipações e perversidades da vida terrena e, como a mariposa esvoaçando em redor da chama mortal, cedo se destroem a si mesmas.

Médicos competentes informam-me que cada aborto significa menos cinco anos de vida para a mãe; e uma vez que ela tenha permitido que o pecado mortal ocorra, coloca o seu sistema físico em dez vezes o perigo de um parto natural. Assim tem de ser, pois é um ultraje ao físico e um rebaixamento do espiritual. Não só destrói o corpo da criança, mas aniquila de tal modo o crescimento natural da sua alma que muitos anos serão necessários para colocá-la novamente em linha.

A riqueza destrói as crianças para fugir às responsabilidades da vida; e a pobreza destrói-as, frequentemente com inocência e pela força das circunstâncias. As habitações superlotadas dos pobres parecem não ensinar lições às massas. Se uma criança é gestada e nasce nas melhores condições uma vez em cinco anos, é tudo o que é correto para um pai ou mãe suportar. Permitir que as paixões tenham pleno domínio, mesmo na vida

conjugal, é um pecado mortal, porque afunda a humanidade abaixo dos brutos. Desorganiza a sociedade, faz a mulher fugir do seu marido e traz à vida corpos anões e mentalidades anãs.

Espero não ser demasiado contundente ao dizer que pelo menos um terço das crianças nascidas na vida terrena são o resultado, não de uma oração fervorosa para reproduzir a semelhança de um objeto amado, mas simplesmente de uma imaginação sobre-excitada e de paixões descontroladas. Portanto, estas crianças têm inerente nos seus próprios seres os resultados de um passado em que foram indefesas, e devem sofrer por cada uma das doenças e paixões nelas implantadas. Crianças que vêm indesejadas, com o desejo diário no coração da mãe de ser libertada do seu fardo, herdam frequentemente uma paixão pelo assassínio que quase equivale a uma mania.

O rapaz Pomeroy, o assassino, é tão inocente em si mesmo como um anjo. A mãe, durante a gravidez, foi forçada por um marido brutal a ajudar a segurar os animais trémulos depois de ele ter desferido o golpe mortal. O contacto das mãos, a angústia das criaturas, tudo ficou de tal modo gravado na sua mente que ela deu à luz um que exultava na agonia e na morte. Certamente o pecado e a ignorância de uma geração descerão para outra. O nome desse rapaz foi ouvido em todo o mundo, enquanto ele é inocente. As crianças vítimas que caíram nas suas mãos foram o resultado de uma causa que deve continuar até que, como águas agitadas, o seu próprio movimento e existência criem pureza.

Mães, por toda a terra, que alegam amar os vossos filhos, pensai nas vidas crestadas que enviastes para a vida espiritual sem que vos fosse pedido, e apenas com os minúsculos germes de desenvolvimento que vós, seja por maldade ou ignorância, lhes destes. Podeis admirar-vos de que nem mesmo os anjos sejam suficientemente fortes para pegar nas pequenas vidas que devem começar na impureza e limpar todas as ervas daninhas dos seus corações? Não, o ser não desenvolvido deve procurar na vida terrena e nos seus protetores naturais, ou noutros, a força para crescer na vida espiritual. Portanto, quando eles visitam a mãe e não encontram amor no seu coração, isso gera um ódio intenso. Muitas vezes evoca o que há de pior nas suas naturezas e faz com que se liguem a pessoas negativas que resistirão à tentação por algum tempo e depois sucumbirão.

Existem lugares aqui onde tais criancinhas são mantidas na escuridão e no silêncio até ao tempo em que deveriam ter nascido, e espíritos assistentes amorosos tentam extinguir a centelha do ódio e fazer deles almas puras. Mas assim que estes espíritos anões estão livres para agir por si mesmos, eles gravitam tão naturalmente, na maioria das instâncias, para as próprias sarjetas da vida terrena, como a mariposa o faz para a vela.

Assim, doutores em vestes finas, compradas com o dinheiro que obtivestes por cometer o crime cobarde; assim, mulheres, que vos transformastes em demónios por essa prática assassina, parai e pensai se valerá a pena — pois por cada criança forçada ao mundo espiritual pelas vossas mãos, serão exigidos anos e anos de reparação. Um

inferno é tão necessário quanto um céu, e não podeis deixar de sofrer com o resultado dos vossos próprios erros. Homens que fazeis as leis, tendes sido de facto negligentes em fazê-las cumprir.

O poderoso dólar é omnipotente e, por vezes, receio que feche a boca do mais poderoso oficial da lei. Que farsa! Diante dos vossos olhos, nesta cidade (Springfield, Mass.), são diariamente vendidas drogas e são frequentemente realizadas operações que são como atirar seixos ao mar, criando círculos alargados de erro, que continuarão por muitos anos. No que estais a pensar? Podeis dar-vos ao luxo de desviar a maré das vossas vidas para os canais velozes da maldade e da miséria? O mundo seguirá em frente, mas se eu pudesse fazer-vos parar e pensar, e fazer com que esse pensamento resultasse num melhor crescimento, eu sentiria que mais honra adviria disso do que de ser o governante de um reino.

SAMUEL BOWLES

ARTIGO SEXTO

AS NOTAS DE VENDA DA VIDA

Hesitei muito sobre o que deveria vir em linha direta com os meus artigos posteriores, mas sinto que devo tocar em terreno que a minha feliz vida doméstica lá, e o trabalho multitudinário diante de mim, mal me deram causa ou tempo para uma séria previsão. Mas, como escrevi sobre “assassínios legalizados” e “assassínios não legalizados”, sinto que não seria descabido tocar, com as mãos despidas, na causa, em algum grau, de toda a imundície e maldade da vida terrena.

Olhei para rostos aqui que carregavam as marcas de uma vida perversa. Ouvi história após história de “notas de venda da vida”, onde, porque havia riqueza e brilho, porque havia mansões imponentes e carruagens custosas, porque o progenitor na sua riqueza aparente era por vezes o escravo do pretendente, porque uma filha estava por vezes disposta a ser sacrificada às necessidades de um pai, a mão é muitas vezes dada quando o coração não é despertado por um único pensamento de amor pelo homem que em breve se tornaria seu dono.

Espero não ser demasiado contundente — não foi ela comprada por um preço? Mas o sacrifício deve continuar. A Moda, poderosa no seu reinado, deve ser satisfeita. A confusão, as felicitações, a viagem apressada, podem trazer um brilho ao rosto e as pessoas podem invejar a sua alta posição; mas, afinal, se alguma vez foi feita uma “nota de venda” para um dos filhos de África, essa mulher vendeu tudo o que havia de disponível de si mesma.

Mas nem tudo estava disponível. Um sentimento de satisfação pode ser sentido por ela ter agido tão bem (conforme o mundo conta) e ajudado os seus pais a sair de dificuldades, mas não há um coração de mulher em toda a terra que não tenha, escondido nas suas profundezas secretas, um "ideal" puro e santo; e embora muitas vezes nestes sacrifícios ela não sinta que alguma vez viu a contraparte real da sua natureza, há perigo todos os dias de que as profundezas da sua alma possam ser agitadas por esta nova perceção.

Mas o tempo passa. A mulher, não encontrando nada para satisfazer na relação doméstica, mergulha no vórtice da moda. A face pálida torna-se mais pálida e, misturada com a sua vida, pode haver outra vida a lutar pela existência. A luta é desigual. Nenhuns quadros de alegria para o futuro surgem no coração dessa mulher. Mãos estranhas, trabalhando apenas pelos meios que o cuidado dela trará, administrarão tudo para diminuir o problema e mantê-lo quieto. Alimento antinatural pode fazer o resto, e a criança vem para aqui não desenvolvida, com poucos elementos em si mesma sobre os quais o mundo espiritual possa trabalhar e dar-lhe o crescimento espiritual necessário.

Ou, se a corrente da sua existência terrena tiver sido partida antes do tempo para a sua entrada na vida terrena, e a sua pequena vida lançada no grande mar da eternidade, o melhor que pode ser feito não poderá em breve remendar os elos quebrados do seu ser, e ela deve, por necessidade, permanecer por muito tempo um espírito não desenvolvido aqui.

Vós aí, perguntais por que razão os espíritos haveriam de ser mentirosos; porque a palavra espírito deveria significar pureza. Enviai espíritos puros e menos anões. Além do próprio porte da pessoa que retratámos, pode ser vista uma rapariga de loja, de forma e traços belos, mas carregando a marca da pobreza. O melhor que ela pode fazer é apenas pagar por algum quarto miserável e pelo alimento e vestuário mais simples. Mas dizem-lhe que ela não pode aparecer perante a classe de clientes deles até que se vista melhor. Estas palavras podem marcar o caminho para uma alma imortal.

A tentação está à espera lá fora. Um sorriso quase lhe comprará um vestido, e a complacência de uma semana em desonra dar-lhe-á mais ganho real do que um ano da mais estrita economia. Quanto mais ela peca, mais fácil se torna pecar. Pequenas vidas iniciadas na infâmia são enviadas para nós. A alma cansada encontrará sempre as suas irmãs prontas a segurar as suas saias longe, como que para escapar ao contágio, enquanto aquele que a tornou assim é acolhido na alta sociedade. Mães armam ciladas para benefício das suas filhas, enquanto as suas vítimas sofrem, talvez, um remorso agudo; e aquele que é dez vezes mais culpado, tem um grande palácio no grande mundo.

Quem é a prostituta? Quem, à vista do céu, é mais culpado: aquela que se vende por um lugar no mundo da moda, ou aquela que vê a fome ou o crime diante de si? Estou grato por existirem melhores caminhos a abrir-se para a mulher, e que a oportunidade será dada para que, se ela desejar ser pura, possa sê-lo. Mas toda a relação

social do mundo está numa base errada, e mudá-la para algo como relações harmoniosas, ou a oportunidade para elas, seria desorganizar a sociedade e criar, por um tempo, um caos de assuntos. No entanto, nós na vida espiritual trabalharemos, não só para a vossa felicidade aí, mas para tornar mais feliz a primeira entrada na vida espiritual.

O mundo é como os rios e riachos menores, todos fazendo o seu caminho para o grande mar; e assim a multidão heterogénea está a chegar, um por um ou em grandes números, a este oceano da eternidade. O trabalho de reforma deve começar quando o germe se está a desenvolver. A mãe, se vê o grande erro da sua vida, deve lançar sobre o por nascer pensamentos de beleza e pureza. Nem o trabalho termina com a mãe.

Quando os pais aprenderem a grande lei das condições pré-natais, devem trabalhar pela perfeição do embrião humano muito mais fielmente do que pelo seu divertimento e sustento quando este é uma alma viva e autónoma. Com que ardor dedica um homem a sua mente ao aperfeiçoamento de gado de raça, enquanto muitas vezes permite que a sua esposa seja sobrecarregada de trabalho no momento em que ela se prepara para o tornar pai de uma alma imortal. Homens e mulheres, parai e pensai! Prestai tanta atenção à mãe como aos animais nos vossos estábulos.

Quando as pessoas nascerem bem, quando as crianças forem instruídas de que os elementos mais perfeitos e necessários do seu ser devem ser mantidos puros e santos para a reprodução da raça — quando as crianças aprenderem estas coisas nos recintos seguros do lar, e não lhes for permitido aprendê-las na rua: quando o mais belo e grandioso das obras da natureza for falado de forma sensata e sem corar, e não degradado por uma imaginação vil — então será lançado neste poço conturbado algo que o purificará completamente.

"Isso não soa como Samuel Bowles", será dito por muitos lábios, e eu direi que não é dito pelo Bowles cuja vida estava tão entrelaçada no mar caótico de partidos e política, mas pelo Samuel Bowles pensador, que sabe que se a política ou qualquer outro essencial do grande mundo alguma vez for tornado puro, deve sê-lo atingindo as raízes dos males existentes, e não picando cautelosamente os pequenos ramos cujo crescimento é apenas fortalecido pela poda ligeira.

SAMUEL BOWLES

ARTIGO SÉTIMO

OS EFEITOS DA GUERRA E DA MORTE SÚBITA POR ACIDENTE NAS PESSOAS QUE ENTRAM NA VIDA ESPIRITUAL

Diz-se frequentemente no vosso mundo: se os espíritos possuem um conhecimento superior, por que não podem eles evitar alguns destes acidentes de cortar o sangue que, de um só golpe, introduzem centenas na eternidade? Tentarei dar-vos a luz que recebi sobre esta questão.

Podemos ver a causa que irá produzir um efeito muito antes de vós, porque o nosso poder cerebral é mais subtil, o nosso poder de locomoção mais rápido, e os mil males ligados aos corpos terrenos afetam o espírito apenas ligeiramente. Portanto, se tivesse havido nos acidentes recentes algo premeditado, e o pensamento de serem provocados estivesse no cérebro de alguém, os amigos aqui daqueles que estariam em maior perigo teriam, e poderiam, se um médium estivesse disponível, evitado tais acidentes; ou se tivesse havido um aumento aparente de descuido que pudesse num futuro próximo produzir o efeito, isso também poderia ter sido evitado, se os sensitivos certos estivessem sob o nosso controlo.

Mas, tanto quanto a minha observação se estendeu, nós, espíritos, governamos o espírito da profecia apenas na medida em que, em virtude do nosso interesse pelos nossos entes queridos, somos capazes de perceber a nuvem, não maior do que a mão de um homem, que por fim rebentará sobre as suas cabeças.

Um médico-espírito experiente pode prever a morte da forma mais natural. Adicionado ao conhecimento do humano está a clarividência que torna possível ao seu olho praticado, não olhar para o exterior, mas olhar através da estrutura, vendo a tendência e calculando quanto tempo levará essa causa a produzir o efeito de uma mudança de corpo. Os anos que passei no meu corpo espiritual estão a começar, em certa medida, a ensinar-me as minhas próprias possibilidades; e o meu campo de estudo é vasto como o universo.

Conversamos uns com os outros quando somos informados de algum acidente que trouxe as suas vítimas. Quando chegam muitos, não há confusão. Aqueles mais competentes são delegados por essa ordem que é a primeira lei do céu, para assistir os parentes-espíritos a ajudar os seus amigos terrenos na passagem; pois na nossa vida, tal como na vossa, as emoções movem a alma e aqueles realmente competentes para ajudar a soltar o cordão da vida noutros, quando se trata dos seus próprios, tornam-se incompetentes pelas suas próprias emoções, a menos que sejam muito experientes. Em todos os lugares onde os horrores são muitos, espíritos dos graus superiores da vida espiritual trabalham com tanto ardor para ajudar os desafortunados como se os laços de sangue fossem fortes entre eles.

Este assunto dos acidentes e da guerra, e os seus efeitos naqueles que chegam através deles à vida espiritual, é vasto. Quão frequentemente na vida terrena eu costumava ouvir as pessoas dizerem: “Graças a Deus, ele foi morto instantaneamente; não sofreu nada!”. E eu pensava que era quase uma morte de invejar. Mas agora que aprendi algo sobre a missão do sofrimento, vejo que o caminho natural é muito melhor, isto é, mudar por uma doença que termina na morte.

A Natureza é uma soberana poderosa. Ela não será enganada em nem um iota do seu trabalho! Ela é toda **29** poderosa e, portanto, no poderoso campo de batalha onde centenas de homens caem, mudados em poucos momentos para o espiritual, o primeiro movimento do espírito é alcançar a arma mortal que estava na sua mão terrena. O assassínio, a guerra e o derramamento de sangue ainda estão latentes na sua alma. Os

rostos gentis curvados sobre ele são, para a sua imaginação perturbada, os rostos do inimigo. O som distante da batalha desperta nele a luta.

É muito difícil, por vezes, convencê-los de que estão na vida espiritual. O choque no corpo, levado de qualquer forma súbita, choca o espírito — ainda mais quando a ira está no coração, ou a ambição de ser bravo na batalha, do que quando acidentes inesperados os trazem para aqui. Eles careceram de algumas das experiências da vida terrena que deveriam ter tido; e, portanto, devem compensar isso através de um crescimento mais lento. Assim, sob a grande abóbada azul da vida espiritual, existem hospitais para almas doentes, tal como na vida terrena existem para corpos doentes.

Corações quentes simpatizam com eles; mãos amigas mostram-lhes como manejar a nova forma. São conduzidos aos seus antigos lares, ensinados sobre o caminho para regressar sempre que a corda telegráfica do amor os puxa para baixo; e à medida que se tornam mais fortes e os seus gostos por nova luz se desenvolvem, aqueles que os amaram na vida terrena, mas que estão aqui há mais tempo, gradualmente mostram-lhes que podem entrar nas alegrias celestiais e estar contentes em subir. Assim, assumem finalmente os deveres da nova vida e lançam de si os efeitos de serem roubados daquilo que deveria ser a posse de cada alma — a oportunidade de amadurecer ao melhor grau possível na terra antes de ser introduzido nas experiências da vida espiritual.

SAMUEL BOWLES

ARTIGO OITAVO

O CÉU É TRABALHO — O VESTUÁRIO DOS ESPÍRITOS — OS ESPÍRITOS ESTÃO INTERESSADOS NAS NOSSAS ELEIÇÕES POLÍTICAS — IGREJAS — LUGARES DE DIVERSÃO — EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

A ideia habitual de céu é descanso. A ideia de “descanso para o cansado” ainda é prevalecente na vida terrena; mas cada um desperta para a grande verdade de que o descanso do céu é trabalho — trabalho no seu sentido mais elevado. Também existe o pensamento em muitas mentes de que o céu é liberdade — e assim o é para um espírito disciplinado, pois os interesses da vida espiritual são tão preciosos que tal espírito irá, de sua livre vontade, gravitar naturalmente para aquele trabalho mais necessário a ser feito, enquanto um coração indisciplinado tem de aprender gradualmente que a lei deve ser cumprida.

A tentação de vos descrever o meu lar espiritual num único capítulo cresce cada vez mais forte. Contudo, receio que ao delineá-lo em todas as suas características, eu possa falhar em lançar sobre ele aquela aura espiritual, sempre existente, embora eu queira imprimir nas vossas mentes que, tal como os vossos lares terrenos, ele é uma coisa tangível. No entanto, se eu decidir entrar nos detalhes, esforçar-me-ei por dar a cada ideia aquela coloração espiritual que desarmaria o mais crítico.

Já vos disse que o céu é trabalho, mas ainda assim nenhumas mãos ocupadas estão a fazer o nosso guarda-roupa, nenhumas mãos cansadas os limpam. Usamos sempre o mesmo vestuário? — é perguntado frequentemente. Responderei que não. Pois à medida que o espírito cresce, à medida que a sua capacidade para o bem aumenta, o nosso vestuário torna-se mais brilhante. Muda de textura e assume belezas antes desconhecidas. O vestir na vossa vida depende do estado do bolso; aqui, do estado da alma. Portanto, não é estranho para nós ver um espírito vestido com o traje mais simples, enquanto nesse mesmo momento o antigo corpo está a ser revestido com o melhor cetim. Por outro lado, vi espíritos aqui tão luxuosamente vestidos que pareciam formas brancas e cintilantes. Não tenho palavras para descrever a textura ou o seu fabrico, pois ela surge tão naturalmente como o corpo espiritual e, como disse, o aumento na beleza do corpo é proporcional ao aumento do valor da alma.

A maneira e a moda de vestir como na terra, deixamo-las para trás, exceto quando desejamos aparecer aos nossos amigos terrenos de uma forma natural: então, dos elementos que podemos extrair do vestuário daqueles ao redor, somos ensinados a vestir-nos para o momento. Além disso, ao aparecer à visão do clarividente, somos instruídos a aparecer, se possível, em trajes que tenham uma semelhança com o que usávamos lá, para sermos mais facilmente reconhecidos pelos velhos amigos.

Nesta descrição parcial da minha vida aqui, estou a tentar dar-vos um relato das cenas e empregos tal como são no plano de progressão que ocupo agora, enquanto daqui a um ano poderei ser capaz de entrar em glórias ainda não pensadas por mim.

Nestes lares desfrutamos de doce comunhão com os nossos semelhantes, sem as preocupações da terra. Aqui, aqueles que vos deixaram, idosos e enrugados com uma longa vida de trabalho árduo, estão novamente no auge da vida. A velhice é uma veste gasta e, com a fraqueza, a doença e a preocupação, é deixada no passado. Não só temos lares para o usufruto de tudo o que os lares alguma vez significaram, como temos associações e organizações, conduzidas sob as mais estritas regras parlamentares, para idear meios de desenvolver aqueles que chegam até nós imaturos; também para lançar a nossa influência sobre as associações terrenas e fazê-las realizar um trabalho eficiente.

Temos locais de reunião onde todas as questões secundárias são discutidas. Temos o nosso Congresso Espiritual para o interesse da nossa nação, que, ao desenvolver a harmonia e gerar um espírito reto, é capaz de lançar uma influência maior sobre o vosso Congresso terreno. Existem muitos impedimentos até ao nosso controlo parcial, mas mentes poderosas estão a trabalhar com poder, dez vezes maior do que as da vida terrena, para ajudar a fortalecer quaisquer movimentos na direção certa, e torná-los eficazes para o bem da nação.

Não só vigiamos ansiosamente quem é eleito para o cargo (e se descobrimos que ele é um sensitivo, lançamos sobre a sua mente ideias que entrarão no grande trabalho), como exercemos uma influência tão forte quanto possível para que sejam eleitos aqueles sobre os quais possamos agir. Os de outras nações tomam o mesmo interesse nos seus próprios assuntos.

Continuamos a ter este interesse até que, na lei do crescimento eterno, estes assuntos que agora nos parecem tão importantes passem a parecer de menos relevância, e os nossos fios largados sejam retomados por outras mãos que virão depois de nós, e tecidos num belo tecido para o benefício daqueles que ainda trabalham na vida terrena.

Se a vida espiritual fosse composta por pessoas que gostassem de seguir o mesmo curso, tornar-se-ia cedo tão monótona que faria o coração suspirar por variedade, mas não é assim. O homem de igreja gosta de ter algum lugar para adoração; o que busca o prazer deseja ir a lugares de divertimento; o entusiasta, a algum lugar onde possa beber livremente os pensamentos dados por mentes nobres; as crianças precisam de frequentar escolas para seu benefício. Mas todos estes lugares providenciados para a educação da alma são feitos tão belos que não pode haver monotonia.

Existe sempre diante de nós a necessidade de tonificar a mente até à sua maior capacidade, sabendo bem que, à medida que for necessário, as nossas mentes se alargarão e crescerão ansiosas por receber as lições celestiais — lições que significam ajuda para aqueles que estão abaixo de nós e a mais alta cultura para nós próprios. Com as crianças aqui, não há rebeldia quanto a frequentar a escola, pois ser educado na vida espiritual não significa livros com o seu amontoado de figuras até que o cérebro fique tonto, mas sim, para cada uma, algum guardião gentil que, lentamente, conforme a alma consegue compreender, a faz beber da fonte do conhecimento.

Cada lição é demonstrada por factos. Embora na vida terrena as crianças sejam frequentemente ensinadas da forma mais imperfeita, aqui nenhum órgão é desenvolvido com o risco de outros; nenhum sacrifício é feito para as empurrar em certas direções: mas com a eternidade diante delas, não há necessidade de pressa. Assim, mantém-se um equilíbrio que se destina a preparar o caminho para um trabalho eficiente e a encorajar aqueles que, mais cedo ou mais tarde, devem passar pela mesma experiência.

Pergunta — Se as crianças são tão bem tratadas na vida espiritual, as pessoas podem dizer: por que não é melhor para elas morrerem jovens?

Resposta — A vossa crítica é natural; mas se eu entrasse nas minúcias do pensamento, ocuparia muito espaço. O significado é este; a vida terrena é uma escola da qual as crianças são muitas vezes roubadas pela doença, resultando na morte. Não é melhor para elas virem jovens, embora a contingência seja tão nobremente providenciada. A lei da vida espiritual é retomar tudo o que é largado na vida terrena e aperfeiçoá-lo. Muito tempo é gasto a aperfeiçoar aquilo que não é o trabalho legítimo da vida espiritual, caso a lei da vida terrena tivesse sido cumprida.

As ideias das crianças-espírito sobre a vida terrena não são tão bem definidas como se tivessem tido as suas experiências e, embora muitas vezes levadas de volta aos pais ou a outras pessoas adequadas, não conseguem realizar um trabalho tão eficiente como de outra forma fariam. Eu poderia dar muitas outras razões, mas não multiplicarei palavras. Apenas acrescentarei que passar para este lado na infância é não experienciar um crescimento através das trevas: e, assim, o desígnio da natureza não é tão bem aperfeiçoado pelo transplante.

ARTIGO NONO

AS RELIGIÕES DA TERRA. ALGUNS DOS SEUS ERROS — COMO ATÉ AS PESSOAS DA IGREJA FICAM DESILUDIDAS — ELE PROTESTA CONTRA UMA TEOLOGIA QUE DIZ: "NÃO DEVEIS RACIOCINAR" — MONOMANÍACOS À PROCURA DE JESUS — O ARREPENDIMENTO NO LEITO DE MORTE DE NADA VALE — O QUE OS BONS ESPÍRITOS ENSINAM SOBRE A RELIGIÃO

Longe de mim atingir com mão rude qualquer uma das instituições religiosas ou educativas da atualidade. E vendo como vejo diariamente os erros que daí advêm, não posso abster-me de usar a pena num forte apelo aos pensadores da vida terrena para que saibam para onde estão a derivar. Eu não atingiria, se pudesse, o coração da igreja e do credo, mas, se estivesse ao meu alcance, abriria largamente as portadas e deixaria entrar a luz. Sei que as vidas de muitos, mesmo sob os "ensinamentos do santuário", são impuras. Eles mantêm a sua posição apenas para responder ao chamamento de algum propósito sórdido e, a partir dos ensinamentos da igreja, aguardam por algum tempo em que tenham vivido as suas vidas terrenas quase até ao fim; então lançarão os seus pecados sobre Jesus e serão perdoados.

Tal doutrina entregue a um mundo ganancioso é perniciosa. Não há perdão exceto aquele lavrado pelo sofrimento de si próprio e, onde está o pecado, aí deve estar o sofrimento, como o resultado nefasto da causa. E agora que tive alguma experiência, dir-vos-ei por que sinto esta total repugnância pela ideia ensinada na terra de que, não importa quais sejam as vidas das pessoas, não importa quais sejam os seus pecados, o arrependimento lhes trará o perdão no final do percurso.

Alguns casos que observei da intensa desilusão de pessoas que estiveram na igreja quase toda a vida, despertaram no meu coração o desejo de informar outros de modo que possam construir esperanças diferentes das antigas de "tudo em Jesus!". Eu não diminuiria a glória deste homem de dores; não quereria que o mundo olhasse com menos reverência para uma vida que terminou na cruz; nem, se pudesse, mudaria a ideia de seguir esse exemplo, que diz: "Assim como quereríeis que os outros vos fizessem, fazei-lhes vós também"; **36** pois na medida em que alguém o consiga num mundo egoísta, isso será uma disciplina aqui.

Mas o meu maior protesto é contra aquela teologia que diz aos seus ouvintes: "Não deveis raciocinar, deveis confiar; não deveis indagar os mistérios do Altíssimo; deveis afastar da vossa mente qualquer outro pensamento de ser salvo exceto através da cruz de Cristo".

Tenho visto aqueles cuja visão, ao morrer, se abriu para o mundo espiritual, declarar que viram o rosto de Jesus, e os observadores, com santa reverência, sentirem vontade de se curvar perante a grande Presença, quando na realidade era o rosto de

algum parente amoroso, estendendo uma mão de boas-vindas, que o moribundo via. Muita paciência é necessária para levar esse espírito ao conhecimento do facto.

O trono de Deus, o rosto resplandecente do seu Salvador, são constantemente pedidos em oração. Mesmo o cuidado mais terno dos entes queridos que já partiram há muito, falha em satisfazer o faminto de uma educação falsa. A fé Católica, em algum grau, é verdadeira — que tais espíritos têm de passar por uma espécie de purgatório antes de poderem desfrutar da dita da vida espiritual.

O meu coração entristece-se ao pensar que, se o antigo Livro é seguido nalgumas coisas, por que é que as pessoas não levam mais a sério aquela passagem que diz: "Deus, que retribuirá a cada homem segundo as suas obras". Isso evitaria muita da desilusão, pois então saberiam, mesmo que esperem ser perdoados, que as antigas manchas devem ser apagadas por um trabalho zeloso aqui.

Dizem-me que existem aqui espíritos que há anos são monomaníacos na questão única de "Procurar Jesus". E é triste ver a desilusão de tantos que vêm para aqui, esperando um cumprimento literal das descrições do céu que a Bíblia apresenta. Tenho muitas vezes desejado ter uma oportunidade de dar algumas pequenas migalhas de conhecimento sobre este assunto. Se tivesse estudado mais sobre isto quando na vida terrena, poderia não o sentir tão profundamente agora. Eu não retiraria um único conforto que a igreja dá, mas acrescentaria mais a ele, e mostraria que as pessoas se devem preparar para um céu natural.

Existem aqueles que vêm para aqui, mergulhados no crime, que, por causa das supostas agonias da morte que assaltariam o corpo, e das agonias do medo que assaltavam a mente, foram visitados por aqueles que tentaram confortá-los repetindo as palavras dAquele que, quando na cruz, disse: "Hoje estarás comigo no Paraíso". E com o entusiasmo e as orações, pareceram morrer felizes. "Graças a Deus, arrependeram-se no fim", é dito por vozes fervorosas. E as almas, esperando estar com Jesus no Paraíso, vêm para onde rejeitam o conforto e a ajuda estendidos a cada um que entra na vida espiritual.

Eles sabiam que as suas vidas tinham sido vis, mas ainda assim tinham ouvido tanto falar de perdão que sentem como se alguma injustiça particular lhes tivesse sido feita; e por vezes levamos muito tempo a erguê-los de um inferno que construíram pelas suas vidas terrenas. Os degraus que levam para cima são tão lentos, as suas propensões para o mal tão grandes, que é muito mais fácil voltar à terra e viver a maldade de novo do que subir. Toda a tendência é para baixo. Senti-me chocado por esta grande lei ser tão fiel a si mesma, de que o que semeais, isso colhereis.

Desejo que nenhum quadro seja exagerado. Sei por antiga experiência que a ideia que muitas pessoas alimentam sobre o Espiritualismo é a de que ele dá a mais livre licença; que viver como se quer, descartar a restrição, de facto, soltar todas as propensões proeminentes e entregar-se a elas, é a soma total da existência espiritual. Mas não é assim. O verdadeiro Espiritualismo não promete nada desse tipo. Ensina, no sentido mais elevado, que as obras do homem o seguem. Mostra à alma que não deve

esperar transgredir uma única lei do mundo moral ou físico e escapar ao recuo sobre si mesma. Ensina que o corpo deve ser o templo puro para a alma, e quaisquer abusos, quaisquer excessos, qualquer inclinação para degradar, arrastarão a alma para baixo.

Ensina que não pode haver arrependimento eficaz exceto através do sofrimento de si próprio, lavrado por graus lentos, e mesmo assim a cicatriz fica. Mostra aos homens que, se a vida é, ela é sempre existente, e que as duas propriedades, o bem e o mal, são capazes de crescimento, mas certamente o crescimento de uma é à custa da outra. Mostra que paixões desenfreadas, vidas impuras, são o resultado de antigas condições, mas porque toleradas, causam às suas vítimas longas horas de trevas e desespero.

O Espiritualismo não constrói igrejas altivas, não faz exibição no mundo. Ensina que cada alma deve ser uma lei para si própria. Liga o material e o espiritual, mostrando que a Natureza é Divindade, e existe numa folha de erva ou na alma mais nobre. Eu diria a todos: pensem, vivam sobriamente, mantenham o corpo puro, e a vossa alma será correspondentemente melhor. Façam com que cada dia vos conte mais alto na escala da bondade.

Não peçam a outros que acreditem, mas vivam uma vida tão pura que eles digam: "Certamente o Céu está perto, e eles têm comunhão com os anjos". E, por fim, mas não menos importante, o Espiritualismo convida a aprender esta lição — nenhum pavor da morte. A morte é o amigo que desata as vossas correntes. É o amor terno do Infinito que diz: "Vem aqui, alma, e entra no teu trabalho mais elevado". Para o bom e o mau, é igualmente um amigo quando o corpo está gasto. Dá ao bom oportunidades para um trabalho mais elevado, maior utilidade e maior felicidade. E diz ao vil: "Agora tens uma oportunidade de sair das antigas condições e de te colocares onde podes crescer".

Assim, não temais a morte, e não vos queixeis de que este conhecimento seja um detrimento, pois bem poderia ele entrar em cada coração e torná-lo melhor, e mostrar a todas as pessoas que não podem escapar às consequências de uma vida má.

SAMUEL BOWLES

ARTIGO DÉCIMO

A LEI DO CONTROLO ESPIRITUAL,

POR QUE OCORREM POR VEZES ERROS

A lei do controlo espiritual é de tal caráter, tão misteriosa no seu funcionamento, tão poderosa para o bem ou para o mal, que sinto que devo escrever um capítulo sobre este assunto, não importa se não conseguir explicá-lo claramente às mentes de todos.

O espírito não desenvolvido, para chegar com qualquer grau de certeza aos seus amigos, deve ter contacto tangível com o médium — um contacto no qual este espírito está a tentar deslocar todos os outros espíritos que esperam por perto. Pois para um médium na vossa vida existem provavelmente milhares de espíritos; e se esses espíritos

pudessem todos pressionar sobre este único médium, a influência seria tão esmagadora que o médium teria dificuldade em viver no corpo.

Mas esta pressão é, em certa medida, diminuída para o médium terreno pelo facto de estes espíritos serem obrigados a agir através de um médium na vida espiritual. Os espíritos nesta vida estão diariamente a ajudar a trazer mais médiuns aqui para fazerem o nosso trabalho. Vós na terra perguntais por que razão o controlo dos espíritos difere tanto em momentos diferentes e por que certas condições são necessariamente diferentes com médiuns diferentes para garantir qualquer hipótese de uma mensagem perfeita, ou mesmo de uma imperfeita. O médium que atua no espírito é habitualmente o que os vossos médiuns na vida terrena chamam de seus controlos.

Um espírito não chegado há muito ou que passa para fora do corpo sob circunstâncias adversas, pode estar vagamente consciente de que ele ou ela é desejado para confortar os amigos da terra. O espírito é gentilmente conduzido a uma destas estações de correio espirituais e encontra amigos à espera lá. Quando, noutras circunstâncias, este espírito poderia ver os seus amigos claramente e ter as suas faculdades de raciocínio perfeitas como na vida terrena, contudo, muitas vezes, porque as baterias pelas quais o controlo liga o cérebro do assistente ao do espírito são tão fortes, e o seu desejo de cumprir o pedido do amigo tão grande, juntamente com a pressão do ambiente, os muitos outros espíritos à espera, ansiosos por chegar aos seus próprios amigos, ele é incapaz de dar senão frases quebradas e desconexas; e quando lhe pedem para dar o seu nome, não o conseguiria fazer mais do que uma pessoa sob a vontade de um mesmerizador, que deseja que o seu sujeito não dê o seu nome.

Tenho visto espíritos todos radiantes de prazer, observando os seus amigos da terra aproximarem-se de um médium, esperando ouvir dos seus entes queridos. Os espíritos prepariam o que iriam comunicar e, quando a oportunidade chegava, a experiência era tão estranha que ficavam mudos; e se fossem questionados pelo controlo espiritual, em muitos casos responderiam de uma forma que detrairia da verdade, em vez de a mostrar.

A primeira experiência ao controlar um médium, ou ao atuar sobre o controlo do médium, é uma experiência vista pelos habitantes da vida espiritual como de grande importância, pois dessa forma o crescimento celestial é muito acelerado.

Novamente, um espírito pode, por tentativas contínuas, achar fácil controlar um médium e, ao irem os seus amigos da terra com grandes esperanças a outro, ser incapaz de controlar o segundo médium. Muito depende das ideias e objetivos do assistente no assunto. Se a mente está tranquila e pede simplesmente pela verdade — por alguma pequena palavra dos seus entes queridos, e está passiva e contente, o assistente abre o caminho para um melhor controlo.

Outra causa de falha é a impressão e a atmosfera mental que o assistente lança sobre o médium terreno, fazendo-o sentir que “podes ser honesto, mas precisas de vigilância”, fechando os seus lábios e o coração por medo de que uma ideia perdida possa chegar ao cérebro do médium a partir dela. Tais pessoas merecem ser desiludidas:

o amor dos seus chamados mortos não consegue despertar no coração caridade pelo médium vivo.

Existem outras causas para a fraqueza no controlo espiritual. Nenhum médium nem nenhum controlo espiritual pode satisfazer as necessidades de todos. Existem certos elementos no corpo e na alma tão afastados como os antípodas; e, ainda assim, a lei dos opostos é usada no desenvolvimento de médiuns. Existem razões, quando o médium da terra está a passar por um processo de renovação (menstruação), pelas quais não deve haver tentativa de obter mensagens. O médium sente-o sempre e, se algumas forem dadas, são habitualmente imperfeitas. As condições atmosféricas, quando está húmido e sombrio, retardam a ação das baterias através das quais trabalhamos, enquanto um dia nublado, com plena força elétrica no ar, é muitas vezes tão bom como um dia brilhante.

A lei do controlo deve ser aprendida aqui. Temos de olhar para a maquinaria do cérebro humano como vós olharíeis para a maquinaria que aprenderíeis na vida terrena. Mais um ponto: é frequentemente disputado que antigos sábios e aqueles que estão há centenas de anos na vida espiritual possam aproximar-se da vida terrena na sua grosseria o suficiente para falar através dos lábios que afirmam falar. Eles não falam diretamente através dos lábios de um médium por contacto real. Contudo, pela sua sabedoria superior, são capazes de ter conhecimento daqueles na vida terrena e das suas necessidades.

Posso explicar isto melhor supondo um fio de telégrafo com milhares de milhas de comprimento. Quando um pensamento toca a extremidade oposta, em cada estação pelo caminho esse pensamento é reproduzido, se os fios estiverem corretamente colocados. Ora, nós atuamos por um sistema de telegrafia refinada. Uma mente (algum espírito sábio) nas esferas superiores, com ajuda, estabelece uma ligação com uma mente na vida terrena (um médium), de modo que os pensamentos que ele envia ao cérebro do médium são lançados pela língua.

Um telegrama espiritual é iniciado numa das esferas superiores, longe do contacto com a terra e, em vez de estações ao longo da linha, existem sensitivos nas esferas espirituais inferiores, sobre cujas mentes o telegrama bate e dá a estes sensitivos um ímpeto para falar as palavras até que talvez milhões de espíritos as tenham ouvido, além da pequena audiência a quem são dirigidas pelo agente terreno.

Acarinhem e tonifiquem a mediunidade, pois ela alcança desde o mais alto céu até ao inferno mais baixo, e ensina a todos a necessidade de estudar a lei do controlo.

Perg. — O que quer dizer com pressão do ambiente?

Resp. — A pressão do ambiente são, primeiro, os espíritos à espera. Mesmo que possam educadamente retirar as suas mentes, estão muitas vezes ocupados a estabelecer uma ligação suficiente para satisfazer os desejos dos seus amigos da terra, tal como uma pessoa na vossa vida pode gentilmente dizer: “Não interferirei, recebe a tua mensagem primeiro”; contudo a sua mente está ativa quanto ao que irá perguntar quando a

oportunidade vier. Outra causa de pressão é o choque sentido quando o poder magnético entre eles é estabelecido. O amigo da terra sente-o num grau se for sensitivo; mas para o espírito é como o rugir de águas caudalosas, porque o choque é intensificado e tornado mais emocionante do que o físico consegue receber de qualquer bateria elétrica fabricada pelo homem.

Perg. — Como fazem as vossas baterias espirituais?

Resp. — Estabelecemos a sensação por correntes no ar, feitas para nosso uso, sem a maquinaria complicada usada pelos mortais.

Perg. — De que serve um nome ou pergunta escrita num papel dobrado ou colocado num envelope selado, ou uma mecha de cabelo do paciente, conforme exigido por este médium?

Resp. — A vantagem ganha é exatamente o que foi explicado muitas vezes. O médium está frequentemente rodeado, mais ou menos, por espíritos que estão a tentar trabalhar sobre o seu delicado organismo, preparando-se para alguma oportunidade de comunicar com os seus amigos.

Quando uma pessoa, desejando uma mensagem, comparece, estando os "controlos" ocupados quando é feito o chamamento para que o amigo espiritual dessa pessoa venha, estes desejam obter algum pedido tangível; e, a menos que o espírito seja chamado de uma forma diferente da antiga, de pai, mãe, irmão, esposa, marido, etc., devido aos muitos que desejam chegar aos seus amigos da terra, embora possam não ser intrusivos, produz-se uma confusão. Mas se o médium segurar na mão a direção para a estação de correio espiritual e, assim, der ao "controlo" o nome do espírito chamado, torna-se muito mais fácil para ele ajudar o espírito a comunicar.

Existem leis diferentes estabelecidas para diferentes médiuns e "controlos". O facto de o assistente desejar ditar e obter mensagens à sua própria maneira é não só prejudicial para o sucesso do controlo pelo espírito, mas muitas vezes resulta em lançar sobre o médium uma incapacidade física para trabalhar, e por vezes causando doença. A mecha de cabelo é exigida por esta razão: Médicos espirituais experientes aprenderam a rastrear, através destas fibras delicadas, o funcionamento do corpo. Cada doença de que a carne é herdeira deixa a sua impressão no cabelo e, estando próximo do cérebro, este é duplamente suscetível a tudo o que afeta o corpo.

Posso não ter respondido a estas perguntas tão claramente como deveria, mas direi que, no que nos diz respeito, cada pergunta do assistente poderia ser selada e cozida num envelope; mas tal carta colocada nas mãos de um médium, perante o assistente, lança muitas vezes este sentimento sobre o médium: "Ele não consegue confiar em mim nem à sua vista".

Os médiuns podem, em alguns casos, afastar este sentimento e nós termos sucesso, mas fica no coração um sentimento de peso, se não de mágoa, por ela ser um objeto de suspeita. O médium pode sentir a necessidade e a justiça deste procedimento, mas, ainda assim, a ideia que manterá muitas vezes é a de que pensam mal dela.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO

O LAR ESPIRITUAL DE SAMUEL BOWLES

A ideia prevalecente entre os da vida terrena da fraternidade eterna do homem aqui, exceto num sentido geral onde alguém se tornou de facto um espírito aperfeiçoado, é errónea. Embora a paz e a unidade devam prevalecer, contudo não é sempre que os corações batem em uníssono. Leva muito tempo para o espírito afastar inteiramente as antigas aversões. Embora ele possa ver onde esteve errado, contudo o antigo erro agarra-se a ele. Por que não haveria de ser assim? A parte do homem que odiava não está morta. A morte da carne não pode alterar a parte pensante, exceto quando, pela pureza da ação e aprendendo a viver corretamente, estas antigas tendências podem ser eliminadas. Portanto, com esta grande variedade de pensamento e ação, é certamente desejável que o lar espiritual seja habitado de tal modo que haja amor, não ódio.

Nos nossos lares na terra, gostávamos por vezes de entreter amigos, mas após a confusão, quão agradável era ter apenas alguns corações afins e ter uma doce comunhão. Portanto, a ideia de que todos são meus irmãos, e aqui na vida espiritual têm o direito de entrar no meu lar e chamar-lhe seu, seria como ser obrigado a entreter visitas o tempo todo, ou antes, ter a santidade do lar sempre quebrada. Nem as pessoas que, pelo nascimento, tendo os mesmos pais, são sempre verdadeiros irmãos ou irmãs. Pela força das condições pré-natais, podem estar tão afastados como os polos. Portanto, causaria as condições mais desarmoniosas se residissem juntos. Numa sabedoria que excede a sabedoria do homem, os nossos lares são compostos por aqueles que podemos amar melhor, aqueles com quem podemos harmonizar-nos mais completamente. Em cada lar existem quartos deixados vagos para a vinda de entes queridos, e mãos amorosas adornam-nos e preparam-nos para aqueles que parecem mais próximos do portal, tal como corações ternos impeliram mãos a moldar a hera trepadeira onde descansa a forma imóvel.

Ó! Amor, tu és tudo na vida pelo que vale a pena viver, e tudo na imortalidade, porque és infinito! Nenhum lar na vida espiritual está superpovoado, e como todos os que são parentes não podem habitar sob o mesmo teto, existem frequentemente visitas agradáveis a amigos aqui. Leva-nos apenas um momento atravessar distâncias que na vida terrena seriam consideradas um grande empreendimento.

Todos os nossos lares não são iguais, mas quanto mais puro e digno o espírito, mais a beleza é prevalecente ao redor. Existem graus tão diferentes de beleza necessários para satisfazer os diferentes graus de apreciação. O meu lar espiritual fica numa elevação de terreno recuada do caminho público, rodeado por um belo relvado verde, com a frente com um bom terraço. Ao redor existem árvores altivas que dão sombra para locais de descanso.

Uma variedade de cadeiras de jardim está colocada onde as melhores vistas podem ser obtidas da montanha, lago e rio. À direita do meu lar existe um grande jardim de flores onde crescem as belas partes anímicas das flores da terra. Lírios com as suas pétalas brancas quase transparentes, rosas com as suas colorações vivas, lírios-do-vale aninhados entre as suas folhas verdes, jacintos, nardos e verbenas, todos florescendo em uníssono, porque não dependem da estação quando se tornam flores espirituais.

A arquitetura da casa não é grandiosa e imponente. É uma mansão grande e quadrada, com um átrio largo no meio; a partir do qual ficam os quartos dos vários ocupantes — quartos onde podemos ter a mais estrita reclusão e desfrutar de um repouso perfeito — quartos onde, se desejarmos, podemos excluir os pensamentos do nosso trabalho anímico e dormir — não o sono do corpo, mas ter cortinas ao redor da alma que nos dão descanso. Os nossos quartos são mobilados de forma muito parecida com os vossos aí. Artigos de conveniência estão por todo o lado: e para nós existe um sentimento de tangibilidade em tudo, enquanto para os nossos olhos tudo isto tem aquele aspeto etéreo que transmite às nossas mentes o facto de estarmos rodeados pela alma das coisas. Mas eles suprem todas as nossas necessidades.

Sobre o lar aqui, tenho a mesma regularidade que tinha na vida terrena. Existem horas para o descanso, horas para o estudo, horas para partilhar o nosso alimento e horas em que cumprimos os deveres pertencentes a cada alma — elevar os caídos e mostrar aos espíritos não desenvolvidos, aqueles retirados das piores condições na vida terrena, como subir, como escolher os seus lares espirituais e como adorná-los: pois com as almas que devem redimir-se a si mesmas, que são baixas e rudes, o amor pelo belo é suprido passo a passo, de acordo com o seu crescimento.

Mas onde quer que estejamos, qualquer que seja o nosso trabalho, existe sempre um cordão magnético tão forte que podemos, com uma vibração, colocar-nos onde podemos ver os rostos amados da vida terrena. Oh! oxalá venha o tempo em que seja tão fácil para nós comunicar com eles como o é contemplar os seus rostos amados e observar o funcionamento das suas mentes.

Sei que atrairei censura e ridículo ao retratar um lar espiritual e um céu tão parecidos com o ambiente terreno, mas a razão e o senso comum devem ensinar-vos que, se existimos como personalidades, devemos ter algum lugar onde ficar. Se julgarem pela vossa própria vida terrena, não ficariam satisfeitos em misturar-se sempre com a multidão heterogénea, embora fosse no céu. Assim o Todo-Poder ordenou estas coisas; e nós, os filhos de um Princípio eterno, devemos trabalhar o significado da nossa existência através da eternidade.

SAMUEL BOWLES

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO

Ao redigir estes artigos, estou consciente das perguntas que podem surgir da minha incapacidade de dar os retratos escritos como eu desejaria. Sei que carecem daquela concisão e clareza que são necessárias para levar a convicção à mente do leitor; mas quando digo que estou a fazer o melhor que posso, e esforçando-me desta forma por atingir um crescimento que será uma ajuda em esforços futuros, sei que qualquer leitor imparcial olhará para as partes que lhe parecem razoáveis e comparará os factos que enunciei com as teorias que são habitualmente o resultado de uma educação falsa.

Se o céu que retrato é demasiado natural e vós vos voltais para o Livro dos livros por uma melhor descrição, perguntai a vós mesmos qual é o mais razoável? Não se cansariam os vossos pés de caminhar sobre "ouro sólido" e não vos voltaríeis de bom grado para o tapete verde da natureza? E quanto à parte musical, não expressaria uma harpa tanto de materialidade como um piano ou um órgão? É a falta de realidade existente nas mentes aí concernente ao mundo espiritual com a qual eu combateria.

A impressão de que, tal como encontramos a vida espiritual, assim ela permanecerá por toda a eternidade, é outra ideia errónea; pois mesmo no pouco tempo em que estou aqui, descubro que a cada hora a minha visão espiritual desperta para novas belezas. Certamente, estas coisas existiam à minha entrada **50** aqui, mas o tempo para eu entrar no usufruto delas não tinha chegado. Os gostos e as disposições permanecem os mesmos que aí, apenas à medida que aquilo que é impuro é gradualmente deixado para trás.

Um homem ganancioso não ficará contente a menos que possa continuar a ser ganancioso por aquelas coisas que amava. Aqueles que chegam aqui com um forte génio inventivo são encorajados nisso e, através da influência deles, muitas das maravilhosas peças de mecanismo são construídas no plano terreno. Tudo o que pode ser feito para aliviar o trabalho para aqueles na vida terrena e para trazer à luz o génio latente é feito por aqueles na vida espiritual.

Um artista na vida terrena atrairá um espírito artista aqui, que, ao ligar-se por simpatia magnética, em certa medida realizará novamente as suas ambições terrenas. Mas dizem-me que isto apenas existe por um tempo; que os antigos mestres cedo encontram tais facilidades para realizar as suas ambições aqui que deixam o passado e tornam-se absortos no grande campo de estudo diante deles. Assim, penso que a ideia que alguns médiuns têm de que os seus controlos são alguns dos antigos, e estão sempre com eles, deve ser corrigida. Estes espíritos avançados não teriam a inclinação para se ligarem tão estreitamente a alguém na vida terrena. Contudo, pelo uso da ligação magnética aludida anteriormente, podem por vezes dar ajuda ao médium que é suscetível a influências refinadas. As mentes mais elevadas podem entrar em relação (*rapport*) com os da vida terrena através de um médium que tenha os requisitos

inerentes adequados. E assim os planos daqueles, sábios e puros, podem ser trabalhados no plano terreno.

Perg. — De que é feita a sua casa, e quem a fez?

Resp. — Pergunta de que é feita a minha casa? Para uma mente rodeada pelo material, isto é muito difícil de tornar claro. Durante eras, no plano terreno, foram construídas mansões e casas de aparência menos pretensiosa, mas após prestarem bom serviço lá, apodrecem e desfazem-se. Isto acontece porque a essência subtil, que mantinha o material unido, partiu e, como a matéria é sempre existente, a parte mais fina, em vez de se fixar na terra, deve subir.

Portanto, essa essência, bem como a que provém de edifícios destruídos pelo fogo, é moldada pelo Poder Criativo de Tudo nos nossos lares. E assim são feitos lares que não podem falhar na sua variedade em agradar ao gosto mais crítico. Nenhum espírito, num sentido material, constrói o seu lar; contudo, à medida que o espírito se expande e o seu amor pelo belo aumenta, o lar em que vive assumirá mais beleza e será capaz de mudanças até que o espírito passe para uma esfera mais elevada.

Perg. — De que é feita a erva verde, e ela produz semente?

Resp. — Quando deseja que eu diga de que é feita a erva verde, tal como com qualquer outro elemento espiritual, dá-me uma pergunta que não posso responder. Se eu perguntasse de que é feita a vossa erva, nomearia as diferentes propriedades existentes, enquanto eu teria de dizer que a nossa erva consiste no espírito das propriedades da erva terrena. A nossa erva está sujeita a mudanças. Em alguns casos, vi-a apresentar a aparência de produzir semente.

Mas isso não era em contacto com os nossos lares, pois é a vontade do dono que tudo seja belo aqui. Os nossos gostos são muito parecidos com os da vida terrena, mas trabalhamos mais com o nosso poder de vontade do que com as nossas mãos.

Perg. — Escreveu sobre árvores de sombra fresca. Têm tempo quente e frio aí?

Resp. — Escrevi sobre sombra fresca, não tanto porque exista calor excessivo do qual fugir, mas porque a sombra verde é agradável após o brilho de luz que existe. Embora não tenhamos nem tempo muito quente nem muito frio, contudo existe uma variedade que o torna agradável para todos. O que seria agradável para um poderia não o ser para outro e, portanto, os climas são tão bem escolhidos e organizados que todos possam ficar satisfeitos.

Perg. — Se têm uma variedade de temperaturas, como podem as flores de diferentes estações na vida terrena florescer juntas na vida espiritual?

Resp. — Quanto às flores todas florescerem juntas, o vosso mundo terreno, com as suas variações de clima, quente nalguns lugares, frio noutros, está o tempo todo a produzir para nós a essência ou espírito das flores mais finas e resistentes para continuarem o seu crescimento eterno. Assim vedes, quando as flores uma vez existem aqui, sempre existirão; apenas sujeitas a mudanças algo parecidas com as mudanças que

tendes aí. Sei que isto será enigmático para vós, mas vede a sabedoria disso. Se uma flor particular mantivesse a mesma aparência, tornar-se-ia monótona, como as fabricadas à mão na vida terrena. Mas não é assim. Novos botões e flores saúdam a nossa vista, os antigos com as suas cabeças caídas enviando o seu espírito para o novo.

Perg. — A que distância fica o seu lar da terra, e em que esfera está?

Resp. — Contando por milhas, devo estar a muitíssimas delas da terra, mas pela atração magnética e pelo nosso poder de locomoção, estou a pouca distância da terra, pois num instante sou capaz de lá chegar quando o amor me chama.

As esferas, tal como as estudei, desejo torná-las objeto de uma obra futura, pois sei que, com o pouco que experienciei, darei uma ideia algo diferente delas do que a que percebo existir em muitas mentes na vida terrena. Mas nestes artigos, escrevendo como faço com apenas uma curta experiência, desejo descrever cenas do plano em que existo agora e daquele por que passei. Devo, passo a passo, aprender as glórias que se me abrirão e depois contar-vos. Neste esforço, confio que apenas comecei uma série de esforços que podem tornar-se mais claros à medida que eu avançar. Que todas as coisas me sejam tornadas claras, porque eu ainda trabalharia pelos meus semelhantes — aqueles que em breve, quando muito, hão de vir para aqui e ver se os meus retratos escritos os levaram a ideias erradas sobre a vida espiritual.

Perg. — Escreve num lugar que não têm noite aí, contudo escreve neste artigo sobre o brilho de luz. Têm brilho o tempo todo? Se não, o que lhe sucede?

Resp. — Declarei anteriormente que não existe noite aqui, ou nenhuma noite como a vossa noite, mas que cada alma tem o seu tempo para o descanso; e para descansar, as condições necessárias devem existir. Quanto ao brilho de luz, afirmaria que diferentes graus de luz e calor são necessários para a vegetação espiritual sempre existente e que, tal como na vida terrena, nós, quando a luz é mais intensa, procuramos a sombra. Como a natureza está sempre a repetir-se, encontramos os caramanchões mais requintados, com folhagem verde ao redor, onde podemos desfrutar de tanto da brisa refrescante como se na vida terrena tivéssemos chegado aquecidos e cansados a um dos recessos verdes da natureza.

SAMUEL BOWLES

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO

O CONGRESSO ESPIRITUAL

COMO A INTEMPERANÇA DEVE SER SUPERADA

Quando prometi escrever sobre o nosso congresso espiritual, talvez tenha dado a ideia de descrever um congresso no mesmo molde do terreno, mas este não é realmente o meu desígnio. Já disse anteriormente que não são necessárias leis aqui, pois numa vida verdadeiramente espiritual cada um é uma lei para si próprio. Reais assuntos de

estado não são aqui uma necessidade. Se a vida espiritual nos tornasse egoístas, as questões da antiga vida de luta poderiam permanecer sempre para trás.

Mas não é assim: enquanto a vida terrena está constantemente a enviar homens como Horace Greeley, Charles Sumner, William H. Seward e multidões de homens e mulheres nobres semelhantes, haverá sempre trabalhadores pela nação. A antiga república, tão amada, não poderia encontrar tanto para a derrubar e não despertar nos corações um desejo de lhe dar auxílio substancial e apagar para sempre das suas páginas os resultados de tentativas de inovações perigosas. Alguns dos próprios homens mencionados acima podem olhar para trás, para tempos em que aplicaram todo o seu poder para impedir a promulgação de uma lei porque algures sob o abrigo da lei proposta poderia surgir uma oportunidade de autoengrandecimento. A natureza humana é egoísta; e aquele que mais conquista a si próprio deve ser coroado rei de si mesmo. Aqui o egoísmo é gradualmente posto de lado.

O ouro, a maldição bem como a bênção da vida terrena, não é a moeda usada aqui. Recordar-se-á que todos os tipos de pessoas estão constantemente a vir para a vida espiritual. Políticos do Sul bem como do Norte chegam com todos os seus preconceitos fortemente fixados. Portanto, foi considerado desejável ter diferentes locais de reunião para a discussão inteligente de questões que na vida terrena eram pensadas como tão momentosas e que eram demasiado propensas a ser vistas apenas de um lado.

Tem sido meu quinhão ser introduzido nalgumas destas reuniões, onde as questões hão de ser discutidas preparatoriamente para entrar no nosso Congresso espiritual. Fiquei impressionado com a forma fria e concisa como todas as questões eram tratadas — nenhum pensamento de raiva, nenhuma aparência de alguém colocar a sua opinião acima de outros, mas um raciocínio e pesagem próximos de todas as questões que são de importância. Se uma pessoa vê que um argumento, revestido de razão, é realmente superior à sua visão anterior da questão, existe uma nobreza de carácter demonstrada ao declarar-se vencida.

Lembrai-vos, dinheiro para si próprios não pode provir disso; honra, por estar na oposição, não pode vir. Assim, estas questões são olhadas no espírito correto e estudadas com vista a ajudar aqueles na vida terrena que estão a fazer leis para os milhares que hão de obedecer-lhes. Não é de todo uma ideia irracional para nós que, num futuro próximo, as vozes de estadistas falecidos possam ser ouvidas novamente no Senado e na Câmara do vosso Congresso.

O mundo espiritual, nas suas fases políticas, está a despertar para a necessidade de ter algo **56** feito para dar a qualquer parte dos trabalhos nacionais uma semelhança com a pureza dos tempos antigos. Homens como Patrick Henry olham envergonhados para o que costumava ser o seu orgulho.

A política é um sorvedouro tão perigoso que, uma vez que um homem é engolido, parece haver pouca hipótese de ele escapar, mantendo ainda a sua pureza de princípios. A feitura de leis que são as melhores para uma nação em luta é deixada para segundo plano. Para chegar aos ouvidos destes homens nobres, homens demasiadas vezes

rodeados pelos fumos do álcool e do tabaco, deve haver tal quantidade de burocracia que o requerente encontra os seus bolsos vazios e a sua mente num turbilhão tão confuso que o torna incapaz de dar clareza às suas ideias. Demasiadas vezes ele parte sentindo que a sua única tentativa para a proteção dos seus semelhantes deve ser abandonada.

Visualizando esta poderosa maquinaria pública como vós o fazeis, ela pode parecer grandiosa e imponente; mas visualizando a podridão de coração, a fragilidade de princípios, o poder do ouro; vendo homens fora destes lugares à espera de alguma oportunidade para comprar ou vender semelhantes, vendo mulheres que demasiadas vezes se degradam a si mesmas para ajudar a levar avante algum ponto pelo qual receberão a sua recompensa em dinheiro, sentimos que chegou o tempo de colocar no nosso trabalho aqui tal poder que extinga da existência algumas das manchas e cancros que desfiguram a beleza original do brasão da nação.

Portanto, a necessidade não só de um congresso espiritual, mas de reuniões de todos os tipos através das quais possamos ganhar poder para agir sobre o congresso mundano. No nosso congresso espiritual reúnem-se aqueles de cada parte da nação que, através de algum laço passado de simpatia com aqueles que atuam no congresso terreno, esperam despertar neles um desejo de trabalhar para o bem real de um grande povo.

Homens que partiram da vossa vida, com as cabeças embranquecidas pela ansiedade de que, por algum descuido, pudessem cometer erros, agora quase gemem de dor ao verem a negligência com que a honra de uma nação é agora mantida por um povo que vive decididamente depressa demais. As nossas questões não são as questões que possam estar sob consideração imediata no vosso congresso, mas aquelas através das quais possamos estabelecer a ligação mais próxima com aqueles de vós destinados a fazer as leis, e a nossa melhor forma de limpar tais cabeças do egoísmo e do desejo de serem populares, tempo suficiente para que pensem seriamente para onde estão a deixar andar à deriva o bom velho navio do Estado. Pois para a nossa visão clara, parece que com as facilidades que o tempo presente proporciona, e sob a gestão correta, as leis poderiam ser de tal modo feitas e aplicadas, e a distribuição do trabalho tão equalizada, que não precisaria de haver uma família a sofrer na terra onde existem dez agora.

Quando as leis que o congresso espiritual influenciaria o terreno a promulgar estiverem em vigor, o poder do Rei Álcool será retirado, porque convenceremos as pessoas de que uma lei deve ser feita contra a sua fabricação, e também contra a sua importação. Mas alguns levantam as suas vozes, mesmo aqui, e dizem que tal lei seria incompatível com a verdadeira liberdade e com um país livre. A resposta é: nada é essencial à liberdade que fabrique correntes, e onde encontrareis correntes mais fortes do que aquelas feitas pelo demónio da bebida?

Poderíeis dizer que tal lei seria um prejuízo para os lavradores, fruticultores, etc., que dependem deste tráfico para fazer as suas vendas. Respondemos que por tudo o que retiraríamos ao mundo do trabalho, restituiríamos dez vezes mais. Mostrar-vos-íamos quão pouco, em todos os sentidos, vós realmente precisais ao lado do que usais, e

também que, com as necessidades do corpo simplificadas e vivendo mais perto da natureza, ganhareis capacidades para o puro prazer nunca antes adquiridas.

Assim, agora, todos os que pensam na vida terrena, sob cuja observação estas páginas imperfeitas possam chegar, emprestai-nos a vossa ajuda, não só vivendo corretamente e enviando um bom sentimento que outros compreendam, mas quando na solidão da vossa vida doméstica, enviai as vossas preces fervorosas aos amigos anjos para que eles possam ajudar o congresso superior a ter tal poder sobre o congresso da vossa nação aí, para que os males que vos rodeiam possam gradualmente, por mãos limpas e corações puros, ser apagados da história da nação, e para que homens sejam escolhidos para o congresso terreno que possam estar em tal harmonia com poderes mais elevados que o caminho se torne mais fácil para o congresso espiritual realizar os seus desígnios no congresso terreno.

SAMUEL BOWLES

ARTIGO DÉCIMO QUARTO

COMO AJUDAR OS NOSSOS ENTES QUERIDOS A MORRER

Sabendo como sei que causarei oposição, ridículo e talvez problemas ao instrumento através de quem escrevo, gostaria, se possível, de lançar sobre este trabalho o manto do senso comum, de modo que os mais críticos e descrentes no retorno espiritual encontrem algo digno da sua atenção, a qualquer que seja a origem que o atribuam. Tenho até aqui procurado analisar, conforme vi melhor, questões que tinham a maior relevância nas necessidades do dia; e se fui duro, não foi intencional.

Se vos enviei para um novo caminho, embora apenas por um instante, rogo que seja para o vosso bem. Toquei mais levemente nos males sociais do dia do que farei quando tiver um controlo perfeito o suficiente para dar ao mundo aquele sentimento com o qual os inspiraria — o de pararem agora e pensarem se têm nos seus próprios lares um alicerce forte e belo para o futuro daqueles a quem dão a vida.

Foi-me solicitado que desse o meu ideal de uma reforma perfeita no sistema social, mas seria impossível para mim enquanto o real é a causa de tal pensamento e trabalho deprimentes. Seria como lançar semente num solo ingrato. Portanto, porque não posso lidar com isso em todos os seus aspetos, e porque existe na vossa terra doença que está diariamente a levar à mudança para a vida eterna, gostaria de vos dar algumas das minhas ideias, tornadas fortes por uma curta experiência, sobre como ajudar os vossos entes queridos a morrer. Para vós pode parecer cruel. Sabendo quanto depende do nosso estado quando entramos aqui, consideramos altamente importante, se o mundo da terra chama à mudança "morte", que aprendam a morrer.

Foram implantadas na maioria dos humanos as sementes da doença que, rapidamente desenvolvidas pelas vidas que levam, são o poder motor que **60** os traz prematuramente para a vida espiritual. Esta causa, que ultimamente há de produzir um efeito natural, tem estações em que parece estar quase pronta para consumar o seu propósito; mas surge algum contrairritante ou alguma causa mais forte que, por um tempo, amortece o efeito desta força latente, e o paciente levanta-se novamente da cama de doente. Mas cada vez que esta luta acontece, o poder do organismo para expelir esta doença torna-se enfraquecido, e fica um degrau abaixo na sua força corporal.

Muito depende da maneira de viver, da comida ingerida, do emprego e de tudo o que compõe a vida, se o corpo ainda consegue gerar força suficiente após estes ataques que vêm por hereditariedade. Mas, na melhor das hipóteses, o poder da vontade e a força corporal devem, passado um tempo, curvar-se perante o inevitável. Mais cedo ou mais tarde, a carapaça deve abandonar o seu domínio sobre o espírito.

Existem algumas vidas puras, com condições pré-natais que, seja por desígnio ou acaso, foram quase perfeitas, que se apagam em vez de adoecerem e, à medida que o corpo, gasto em todas as partes, cede ao espiritual, que é intensificado, os anjos captam vislumbres do nascimento na vida espiritual que lhes dão alegria e despertam nos seus corações desejos mais fortes de lançar tal influência sobre a vida terrena que todas as pessoas nasçam bem para que possam morrer bem, ou antes, entrar no segundo nascimento.

Mas estes casos são raros. Os casos de doença hereditária são tão frequentes que desejamos dizer àqueles que percebem o veneno a correr pelas veias para o seu trabalho mortal, e que, embora vencido, volta a agarrar-se com um domínio mais seguro: tendes um trabalho a fazer. Quando virdes a total desesperança do caso, em vez de deixardes as lágrimas tristes fluírem, mostrai a vossa bravura de espírito esforçando-vos por vos conquistardes a vós mesmos.

Ali diante de vós está um ente querido aguardando a mudança. A doença, por vezes, quase balança o espírito para fora do corpo, mas o apego dos amigos de casa e o pavor de entrar num futuro não experimentado têm o efeito, por um tempo, de suster o poder da doença. As esperanças são reavivadas e, após um sofrimento prolongado que não precisaria de ter existido, esse espírito é libertado do corpo terreno pela ajuda dos anjos que esperam.

Ora, quão melhor seria se as pessoas aprendessem como ajudar-se umas às outras a morrer. Quando se vê que a vida terrena não pode durar muito, aqueles que esperam ao redor do leito de doente deveriam falar animadamente ao sofredor sobre as belezas logo fora de vista. Em vez de o sofredor captar soluços e olhares de angústia como última memória, ele deveria ver rostos pacíficos, e saber que os seus entes queridos estão tão seguros que o podem confiar a ele e aos seus guardiões que esperam, num futuro belo. Em vez de segurardes os vossos amigos com toda a força do vosso poder de vontade, deveríeis dizer que é tempo de eles descansarem, e gentilmente libertarem o domínio da vossa vontade, para que eles não deem, ao seguir em frente, olhares

retrospetivos de piedade. Ó vós que vos dizeis cristãos! com uma fé no sangue que limpa de todo o pecado — Ó Espiritualistas! sentindo que estais um degrau acima na escada da progressão, fazeis daquilo que a natureza pretendeu como a coroação final de uma existência terrena, um caminhar através de um mar de lágrimas. Lembrai-vos de que a prece dos amigos espirituais é que os homens e as mulheres possam nascer bem, e depois que morram bem, ou entrem na vida espiritual sem um medo.

SAMUEL BOWLES

ARTIGO DÉCIMO QUINTO

COMO DESENVOLVER MÉDIUNS

Escrevi anteriormente sobre a necessidade de canais puros e verdadeiros através dos quais possamos trabalhar. Escrevi sobre a necessidade de ter os melhores. E agora, com o facto claramente diante de mim de que a mediunidade é no futuro, mais do que no passado, o grande professor para os milhões não educados, vejo cada vez mais necessidade do desenvolvimento mais alto e puro. Não desejaria fazer uma afirmação incompatível com a razão, pois sei que a ideia habitual é: "os médiuns nascem, não se fazem".

Mas vendo como vejo em quase todos os organismos os elementos através dos quais poderíamos trabalhar, se esses elementos pudessem ser aperfeiçoados, estou ansioso por que esta verdade seja tão bem compreendida que, num futuro próximo, possa haver em quase cada família pelo menos um através de quem os espíritos possam trabalhar, e que chegue a todos, aos felizes e aos tristes, aquela paz que pode ser dada pela nossa ajuda.

Como desenvolver médiuns tem sido um assunto de muito estudo, não só por mim, mas por muitos outros, mais sábios do que eu. Chegámos à conclusão de que a infância é o melhor momento para fazer sobressair estas qualidades. Eu diria a todos os que possam ler estas linhas que, tal como alguns valorizam o "altar familiar", gostaríamos que valorizásseis aqueles momentos em que, com a vossa família unida, vos podeis sentar à volta de uma mesa, com as mãos tocando-se gentilmente, e no crepúsculo da sala, eleveis os vossos corações em prece ao mundo dos anjos para que alguns dos trabalhadores aí possam descer e tomar até o melhor, o mais amado do vosso rebanho, para um **63** médium na sua causa. Que não haja leviandade, mas música suave e pensamentos sagrados. Não que qualquer sentimento de pavor precise de lhe ser associado, mas tende implantado nos corações dos vossos filhos que os entes queridos podem vir, e saudai o mais minúsculo golpe com tanta alegria como saudaríeis o bater à porta que sinalizasse a vinda de um querido amigo.

Este assunto, o belo percursor de boas novas, não é tratado pelos crentes com pensamento e reverência suficientes. Lembrai-vos, ele abriu uma porta para vós que nada mais poderia abrir, e deve ser reverenciado e amado porque é uma parte de Deus, uma parte do plano de Toda-Sabedoria — uma ponte sobre o abismo da morte.

Portanto, para que os vossos filhos sejam desenvolvidos, é quase como seguir as pegadas daquele que carregou a cruz montanha acima.

Como os melhores médiuns, através de quem o trabalho mais eficiente pode ser feito, são as melhores pessoas, é altamente necessário que cada um esteja fundamentado na moralidade, e de cujas vidas imaculadas brilhe tal verdade que os mais críticos dirão: "Se os meus entes queridos podem voltar, gostaria que voltassem através de alguém assim, que embora carregue a cruz da mediunidade, mantém a sua alma muito acima da imundície que por vezes mancha o carácter dos sensitivos por falta de poder de vontade e de treino adequado".

Se o objetivo principal é ter boas pessoas desenvolvidas em bons médiuns, e é dada uma oportunidade nos lares, sentando-se regularmente duas vezes por semana, mas não mais do que uma hora de cada vez, mas sentando-se essa hora quer se obtenha algum resultado quer não, invocando frequentemente a presença dos vossos amigos espirituais, vivendo vidas puras, comendo a comida mais simples e nutritiva, sendo o peixe e os cereais mais produtivos de bem do que as carnes pesadas, mantendo o organismo livre de todos os estimulantes, mesmo o chá e o café, não irritando as vossas mentes com dissensões e conflitos do dia, dareis a maior assistência a nós, que reconheceremos de bom grado toda a vontade de ser um dos nossos auxiliares.

Não posso entrar neste assunto como desejo, por falta de tempo e espaço, mas confio que em breve poderei dar instruções minuciosas, após ter consultado mais profundamente aqueles em quem tenho confiança, pela sua longa experiência aqui.

Também espero colocar perante esse mundo que amei tal prova que nenhuma pessoa razoável possa duvidar de que estes artigos vêm de mim. Se falhei em qualquer parte deste trabalho em dar ideias definitivas, confio que olhareis para as dificuldades sob as quais trabalho, e assim, estendendo o vosso sentimento mais gentil e um pouco da amizade de outrora, me permitireis aperfeiçoar de tal modo o meu controlo que o que possa vir para vós no futuro ao menos ensine a alguns o facto da existência continuada.

Peguei na pena sem desejo pelos elogios dos homens, mas esperando deixar cair algumas palavras que entrarão nas vidas e corações daqueles que, no grande mar da incerteza sobre o seu futuro, procuram algum porto do qual possam ser capazes de julgar honestamente as relações de vida e morte e a razoabilidade de um céu natural.

SAMUEL BOWLES

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO

18 DE AGOSTO DE 1883. O Sr. Bowles lamenta não ter feito mais pela verdade enquanto no corpo. Ele encontra os guias espirituais de Joseph Cook. Por que Joseph Cook vacila.

As minhas experiências na vida espiritual elevaram-me às esferas de espíritos elevados, enquanto as minhas simpatias me baixaram às mais ínfimas. Portanto, aprendi

lições da vida espiritual nas suas fases elevadas e baixas. Parece-me que um estudo deveria ser feito enquanto estais na vida terrena sobre as possibilidades de uma alma imortal. Quanto adivinhais e quão pouco sabeis? Se eu pudesse estar de volta à terra com a luz que agora tenho, sei que poderia fazer mais para levantar os caídos e encorajar os fracos.

As minhas experiências foram uma necessidade para mim. Eu era teimoso, aceitando na minha alma o que não retratava na minha vida, sentindo a falta de força para lutar por uma causa impopular. Tudo isso passou; apresento-me agora, firme pela verdade, feliz nos resultados dos últimos dois anos. Tentei arduamente trazer a verdade de volta, mas nunca fui capaz de derrubar inteiramente a barreira que construí com a minha própria vida e ceticismo.

Nestes poucos capítulos como adição ao meu primeiro livro, não espero avançar muito que seja novo, mas dar-vos algumas descrições errantes de novas vistas que presenciei. Vi contrastes estranhos aqui, cenas que encheram a minha alma de alegria e cenas que encheram a minha alma de tristeza.

Encontrei os guias de Joseph Cook e aprendi deles muito que me faria culpá-lo menos: contudo, admiro-me com o amor ao poder que o faz desejar sustentar um ponto, demasiado falso. Perguntei-lhes se não pensavam que ele tinha evidências suficientes para o justificar a proclamar esta verdade ao mundo? Dois dos guias disseram "sim"; os outros dois disseram: "Nós seguramo-lo, o tempo ainda não chegou para ele falar abertamente".

"Como podem permitir que ele, com conhecimento da verdade, continue a trazer descrédito sobre ela?" Eles responderam: "Porque temos a nossa igreja e o nosso credo a sustentar. O Espiritualismo já fez uma vasta varredura no mundo, e não podemos sacrificar a nossa causa para ajudar aqueles que advogam esta assumida nova verdade".

"Não sabeis que esta comunhão entre os dois mundos é verdadeira?" "Sim, mas isso pode esperar. Devemos manter as nossas ideias de igreja sustentadas, aconteça o que acontecer".

"Tivesse ela sido mais popular, teria Joseph Cook defendido o que recebeu e dado ao mundo como uma verdade?" Os outros dois guias disseram: "Com toda a certeza; mas os números e o dinheiro são poder. Ele sentiu que tinha perdido demais ao dar os grãos de verdade que deu relativos à sua investigação*. Contudo, o desfecho de todo o assunto é apenas uma questão de tempo; ele ainda subirá às nossas tribunas espirituais e advogará a verdade que tão bem conhece.

Atualmente ele está a viver na sua cabeça. Ele passará para o seu coração e, se a vida for poupada, mostrará a um mundo em luta o que é belo na sua própria natureza e na dos seus controlos espirituais; ele até agora apenas se estultificou a si mesmo. A sua vida poderia ter valido tanto. Mas agora encontra-se abandonado por alguns dos seus antigos amigos e, mantendo-se sozinho, está a aprender uma verdade que apenas as lições da vida podem ensinar".

"Vós, como guias dele, estais dois contra dois no que toca ao seu trabalho futuro. Pretendeis comprometer-vos ou permitireis que esta luta continue?" "Devemos ver qual é o mais forte; se nós, do lado da verdade espiritual, o conseguirmos mover, ele nunca mais se oporá a esta verdade: mas se os inimigos deste conhecimento ganharem a ascendência, ele viverá na sua nuvem atual e virá para a vida espiritual com sombras ao seu redor".

*** EXTRATO DA "BASE CIENTÍFICA**

DO ESPIRITUALISMO" DE SARGENT

Página 35. — Relato dos Observadores da Experiência de Sargent em Psicografia em Boston, 13 de Março de 1880. Na casa de Epes Sargent, na noite de sábado, 13 de Março, os abaixo-assinados viram duas ardósias limpas colocadas face a face, com um pedaço de lápis de ardósia entre elas. Todos segurámos as mãos dadas em redor das bordas das duas ardósias. As mãos do Sr. Watkins, o psíquico, também seguravam as ardósias. Nesta posição, todos ouvíamos o lápis a mover-se e, ao abrirmos as ardósias, encontrámos uma mensagem inteligente numa escrita masculina forte, em resposta a uma pergunta feita por um da companhia.

Depois, duas ardósias foram presas com fortes fixadores de latão, e seguradas à distância de um braço pelo Sr. Cook, enquanto o resto da companhia e o psíquico tinham as suas mãos em plena vista sobre a mesa. Após um momento de espera, as ardósias foram abertas, e uma mensagem numa escrita feminina foi encontrada numa das superfícies internas. Havia cinco bicos de gás acesos na sala na altura. Não podemos aplicar a estes factos qualquer teoria de fraude, e não vemos como a escrita pode ser explicada a menos que a matéria, no lápis de ardósia, tenha sido movida sem contacto. F. E. BUNDY, M.D., Epes Sargent, John C. Kinney, Henry G. White, Joseph Cook. Boston, 13 de Março de 1880.

Aprendei com isto vós que estais na vida terrena a escolher os vossos próprios guias. Não permitais que as vossas vidas se tornem incertas e talvez corruptas por ouvirdes os falsos sussurros de guias auto-nomeados. Acautelai-vos, deveis não só estar protegidos da vossa terra, mas também dos vossos guias espirituais. Deveis aprender a discriminar entre o certo e o errado nestas influências. Joseph Cook, conhecendo a verdade mas em certa medida negando-a, é um aviso para vós. Escolhei qual será o vosso mestre. O Certo ou o Errado.

SAMUEL BOWLES

ARTIGO DÉCIMO OITAVO

24 DE AGOSTO DE 1883.
REUNIÕES DE FACTOS NA VIDA ESPIRITUAL.
JAMES R. BROWN DESPERTA NA VIDA ESPIRITUAL.
ELE TESTEMUNHA A FAVOR DO DR. J. R. NEWTON.

POR QUE RESULTADOS MAUS ADVÊM DE ALGUMAS SESSÕES DE MATERIALIZAÇÃO

Os factos na vida espiritual são de tanta importância para os seus habitantes como o são os factos da vossa vida. De facto, temos as nossas reuniões de factos. Pudesse eu descrevê-las a vós como elas são, creio que seriam de interesse. Aqueles que tiveram grandes nomes na terra nem sempre são aqueles que são principalmente ouvidos; frequentemente são-no aqueles que, na vida espiritual, aprenderam as lições da comunhão espiritual que ignoraram na terra. **9** Este é um estudo que deveriam ter começado lá; mas aqui, um após outro descobre que a grande verdade deve ser aprendida.

Um homem que na vida terrena fora subitamente restaurado à saúde e deixara as suas muletas com o nosso recentemente falecido Dr. J. R. Newton, levantou-se na reunião de factos de ontem e disse: "Fui curado pelo próprio poder de que duvidei: contudo, continuei na vida terrena até que outra doença me levou para a vida espiritual. Estranho que tenha tido de esperar tanto tempo antes de poder sentir aquela proximidade com os meus amigos que outros sentiam, e que aquele cuja vida inteira fora um exemplo de utilidade e os seus ensinamentos fossem os da verdade, devesse ser quem me ajudaria aqui e me elevaria da dúvida para uma luz nunca antes vista por mim.

O Dr. Newton tem sido quem me mostra como posso influenciar aqueles da minha família que ainda amam e reverenciam a minha memória, embora até há pouco acreditassem que eu estava a dormir um sono na sepultura, o qual, embora apenas um momento para mim, contudo é o sono que Adão dormiu estas eras longas. Aos poucos, estou a fazer com que os meus amigos percebam esta verdade, especialmente uma filha que é mais suscetível do que os meus outros filhos. (Esta filha vive no Sul: darei o seu nome e residência se, após ir ter com ela, eu vir que ela aguenta a publicidade). O meu nome era James R. Brown, fui curado pelo Dr. Newton enquanto em Nova Iorque e agora agradeço-lhe por não só ajudar o meu corpo físico mas por abrir a minha visão espiritual".

Disse eu: "É possível que as pessoas na vida espiritual possam ser tão obstinadas sobre isso, quando conhecem o facto da comunhão espiritual?". Foi-me respondido: "Quando as pessoas forem todas feitas iguais com as mesmas peculiaridades de cérebro e coração, elas verão da mesma forma aqui. Mas o poder que governa no mundo terreno, em certa medida governa no mundo espiritual". Algumas das esferas inferiores, notei uma peculiaridade que me agradou: era que os espíritos mais trémulos e iletrados eram tratados com a mesma deferência que aqueles que eram perfeitamente capazes de se expressar.

Não só foram relatados muitos factos, mas foram dados conselhos a todos sobre como proceder ao aprenderem a controlar médiuns. Falou-se dos médiuns na vossa vida de tal forma que desse uma ideia mais perfeita de como os controlar e do que fazer para produzir os melhores resultados. Enquanto o meu médium, por exemplo, seria um dos melhores para certos espíritos usarem, aqueles que, quando na terra, tinham um

temperamento semelhante, contudo outros igualmente ansiosos por comunicar falhariam e a culpa seria imputada por vós ao médium.

Tais espíritos foram aconselhados a desistir de tentar quando sentissem esta desarmonia, pois isso apenas colocava dúvidas nas mentes dos amigos e era injusto para o médium. Foi claramente afirmado que muitos dos maus resultados da materialização originavam-se principalmente dos esforços judiciosos de espíritos para se reproduzirem. Ao extraírem tão pesadamente do médium, tinham, em muitos casos, trazido o médium corporalmente perante a audiência como o amigo perdido.

Assim, enquanto vós fazeis um grande esforço para chegar até nós, nós estamos a aplicar toda a energia para trazer a mediunidade ao seu melhor plano e para fora da imundície que se lhe colou como a qualquer outro tipo de religião. Muitos outros factos foram dados mas, como não tenho permissão e, em certos casos, me falta o poder para os **11** descrever, esforçar-me-ei por trazer aquilo que será de maior bem para as pessoas em ambos os lados da vida.

Perg. — Está disposto a dar o nome e residência da filha no sul, referida na declaração de J. R. Brown?

Resp. — Tentámos várias vezes e fomos ofuscados a tal ponto que mal ousamos tentá-lo; mas fixámo-nos nos arredores de Macon, Geórgia, e apenas conseguimos obter o nome Clara E. Young. Parece-nos uma abreviatura de Clarissa; contudo posso estar enganado. Gostaria que lhe escrevêsseis como se ela vivesse nos subúrbios dessa cidade e vísseis se estou correto antes de ter isto publicado, pois tenho de sentir cada passo do meu caminho.

SAMUEL BOWLES

ARTIGO DÉCIMO NONO

25 DE AGOSTO DE 1883

A QUESTÃO SOCIAL — MATRIMÓNIO E DIVÓRCIO

O Radicalismo e o Conservadorismo ambos têm um forte domínio aqui. As mesmas questões que agitam a vossa vida, nas suas fases mais elevadas, agitam-nos aqui. A “Questão Social”, como uma grande vaga, está a ter o seu dia; não nas suas fases inferiores sórdidas, não onde apenas o cérebro posterior está envolvido e todas as qualidades mais finas do coração são deixadas fora da questão; mas onde se compreenda que uma verdadeira unidade significa aquilo que para nós é duradouro.

A suposição de que um homem e uma mulher na vida terrena se podem unir em matrimónio e, por um tempo, harmonizar-se e tornarem-se pais, e por fim podem subitamente descobrir que não estão adaptados um ao outro e superaram o antigo amor, é falsa. Pois o amor verdadeiro nunca existiu entre eles. Uma espécie de atração pode ter existido, a qual é facilmente desalinhada por circunstâncias adversas. Quando a

separação chega, os seus filhos, forçados a deixar um lar feliz, sempre envergonhados pelo pai e pela mãe, ainda queridos para eles, mas agora afastados, devem constantemente sentir a mancha como uma praga sobre as suas vidas.

O que seria o vosso mundo terreno; de que importância seriam as suas leis, se tal estado de coisas fosse permitido prevalecer mais do que já prevalece agora? Lares desfeitos, corações partidos, crianças sem o sentido de uma ascendência honrada e andando à deriva, sentindo ainda toda a força das antigas antagonismos a trabalhar nos seus corações: temendo entrar eles próprios no matrimónio, visto que este se provou tão desastroso para os seus pais, ou talvez por tendências herdadas possam entrar na relação matrimonial da mesma forma descuidada que os seus pais, e assim manter a bola a rolar, o que obscurece os lugares mais brilhantes.

Embora as nossas experiências aqui em cima não sejam da mesma natureza que as vossas, contudo, em muitos casos, espíritos recém-libertos dos lares que ocuparam por um pouco de tempo, após terem passado pela morte e formado novas relações, despertam na vida espiritual esperando encontrar uma oportunidade de entrar em uniões semelhantes. Mas a vida espiritual tem os seus primeiros grandes princípios e está a trabalhar para os aplicar à vida terrena, para que o matrimónio possa ser efetuado com menos facilidade e se torne mais duradouro, protegendo assim melhor a descendência. Vistes a nação sobrecarregada por estas desarmonias.

Qual é o remédio? Homens sábios sentaram-se em conselho, homens de riqueza uniram-se, fanáticos ergueram as suas vozes, mas a tábua de **13** fundo ainda não foi colocada. Aquilo que é a mais importante de todas as considerações terrenas é deixado ao acaso e, até agora, não há remédio. Vejo que houve uma forte tentativa feita a favor da educação obrigatória. Embora em muitos lugares isto tenha sido ignorado, contudo a ideia de uma base educativa é verdadeira. A educação obrigatória deveria ser melhor aplicada e uma cláusula na lei ser acrescentada para que todas as crianças, por volta dos doze anos, devessem começar a aprender as leis pelas quais vivem.

Deveriam ter livros escolares feitos tão simples que um conhecimento do corpo humano pudesse ser adquirido, especialmente do sistema reprodutor. Não há nada baixo na natureza; portanto, por que não haver o entendimento de que um jovem deveria passar por um exame sobre o assunto dos órgãos sexuais e as suas funções? Através de um conhecimento adequado de Fisiologia, Anatomia e Frenologia, podem aprender se estão adequados um para o outro. Eu não advogo uma lei que proíba o matrimónio, mas advogo uma lei que obrigue os jovens da nossa nação a conhecerem-se a si mesmos; então, com o senso comum nascido do conhecimento, eles dirão: “Podemos correr o risco”. Muitos erros seriam cometidos ao início, mas se este método for mantido e esta necessidade incutida nas mentes das mães por várias gerações, isso desenvolveria uma raça melhor. Pois se a educação puder ser tornada obrigatória nesta matéria, as pessoas aprenderão pelos erros do passado o que o matrimónio deveria ser.

Se o mundo de pensadores se unir, pode exigir que os sujeitos para o matrimónio sejam tão educados que possam julgar por si mesmos se estão aptos para entrar nesse

estado, e deveriam ser restritos **14** pela lei até que o estivessem. Um homem que não consegue somar uma coluna de figuras corretamente e é grosseiramente ignorante das funções do seu próprio corpo é considerado digno de assumir o cargo mais elevado do mundo, o de paternidade, e uma mulher igualmente ignorante assume que está apta para se tornar mãe.

Não seria muito melhor para as gerações por nascer se as relações matrimoniais, através de uma educação adequada, se tornassem tão satisfatórias que nenhuma lei de divórcio fosse necessária? Pois, ao obrigar a uma educação adequada e tendo uma classe de professores que não tenham medo de ensinar os resultados do amor que dá a vida, não seria este estigma sobre o nosso povo, não seriam estas atrações súbitas que vêm da superfície e não do coração, e que frequentemente trazem muito sofrimento desnecessário, abolidas?

Antes do matrimónio deveria ser exigido que cada parte tivesse uma idade designada por lei e passasse num exame de Anatomia, Fisiologia e Frenologia e, acima de tudo, que compreendesse quais são os resultados de condições desarmoniosas. As partes contratantes deveriam estar profundamente impressionadas com a responsabilidade de gerarem mais pessoas para viverem e sofrerem de vícios herdados. A educação há de ser a salvação do povo.

Quando os jovens forem retirados dos viveiros de maldade e ensinados o que é certo e o que é errado, ensinados a reter e manter sob controlo aquelas paixões que prematuramente empurram tantos para o matrimónio, eles estarão dispostos a esperar e ver que bons resultados advirão da lei proposta. Eles tornarão o amor subalterno ao princípio; eles manterão a lei do matrimónio, **15** pois encontrarão o verdadeiro matrimónio tão puro, tão atraente, que a lei será obedecida. Sede lentos em casar. Depois de todos serem educados nesta matéria como deveriam ser, haverá pouca necessidade de uma lei de divórcio.

SAMUEL BOWLES

ARTIGO VIGÉSIMO

28 DE AGOSTO DE 1883

O SR. BOWLES APELA À TOLERÂNCIA ENTRE OS ESPIRITUALISTAS

O CONFLITO CATÓLICO NA VIDA ESPIRITUAL

Quando o “Reinado universal da paz” chegar e o leão e o cordeiro se deitarem juntos, não será porque o leão perdeu o seu gosto por carne de carneiro, mas porque aprendeu a tolerar a vida do cordeiro. Assim, quando a humanidade conseguir aprender que as pessoas não são mais culpadas pelas suas diferentes opiniões do que o são pela cor dos seus olhos, então a tolerância será mais universal e a colheita de eventos humanos será menos prolífica em resultados desastrosos.

Gostaria que vós da vida terrena pudésseis compreender melhor que estas diferenças humanas são os resultados de condições erradas dentro de vós mesmos. Algumas das piores querelas na vida humana tiveram a sua origem na indigestão. A mudança produzida pela morte permite-nos conhecer-nos melhor. As nossas vidas lá não são senão a impressão mais elevada da nossa vida na terra. Se carregamos a dissensão nas nossas vidas, se o nosso futuro se torna apenas o eco de um passado crestado, consideraremos o céu apenas um nome, e as verdades da imortalidade apenas factos estéreis, que carregam consigo pouca consolação para corações feridos.

Quão bem para vós que estais ainda nas fronteiras de outra vida, parar e refletir para onde estais a derivar. Bem será para vós entrar com ardor no conflito contra o erro e dizer: "Vencemos apenas pelo nosso trabalho mais zeloso"; pois a promessa do futuro vem de favores bem merecidos do passado. Nós, posicionados como trabalhadores e contudo como aqueles que ganharam o direito ao descanso, dizemos que não há tempo para descanso. Os habitantes das esferas superiores sentem esta crise pendente entre o Erro e a Justiça.

Os Espiritualistas em ambos os lados do rio estão a ser atraídos para um elemento conservador sobre o qual conspiradores astutos se regozijam, pois percebem que enquanto os Espiritualistas lutam não pode haver trabalho eficiente realizado. Enquanto este combate engolir a verdade e trouxer o mal ao de cima, aqueles que toda a vida foram sujeitos a uma fé cega regozijar-se-ão. Vós, que estais a lutar por princípios, sereis lançados para o segundo plano a menos que vos mantenhais firmes e verdadeiros e vos afirmeis como homens e mulheres.

Se pudésseis ver o conflito Católico a decorrer tão silenciosamente, compreenderíeis melhor como uma pessoa pode dar um passo à frente e dizer palavras indelicadas onde a bondade sempre fora experimentada antes; está a chegar a tal ponto que uma lei terá de ser decretada para proteger os fenómenos atuais. Os padres rugem de fúria, a igreja em ambos os lados está a perder os seus louros. Os padres sentem o abalo das fundações. Uma classe de fenómenos está agora a ter lugar na igreja Católica nunca antes conhecida ali; uma espécie que não tolerará mais muitos dos crimes ali cometidos em nome da Santa Cruz. Frequentemente são realizadas reuniões na vida espiritual com o propósito de superar esta maldade.

Homens e mulheres fortes na vida espiritual puseram os ombros à roda, receosos de que o nevoeiro de eras passadas volte a pairar sobre a vossa nação. Vós dizeis que isto não pode ser assim, mas olhai para os próprios elementos. Vede a natureza no seu funcionamento e lembrai-vos de que precisareis cada vez mais dos seus espasmos convulsivos. De pé, filhos da vida. Aprendei que há um tempo em que nem um só pode parar. Cada um deve fazer o seu trabalho. Uma classe de espíritos deseja fazer retroceder o Espiritualismo e fazer dele uma igreja. A ideia popular do Espiritualismo está a tender para este resultado. Tão certo como permitirdes isto, perder-vos-eis, e descobrireis que estais novamente no mar, presos quando quereríeis ser livres, não sendo capazes de usar as vossas mãos contra as grandes ondas fervilhantes para vos engolirem.

Oiço a pergunta ser feita de ambos os lados: “Irão os Espiritualistas ter uma rutura e dividir-se, ou ireis aprender com esta agitação a grande lei da tolerância e de uma maneira gentil, como irmãos e irmãs, receber novas lições?”. Uni as vossas forças e mostrai a um mundo expectante que pelo menos algumas coisas que são pregadas podem ser praticadas, que quando professais liberdade é tirania tentar formar outra mente no mesmo molde que a vossa. Quando conseguirdes fazer um cavalo grande trabalhar bem no arnês de um pequeno, quando virdes que os estômagos de todos os homens podem assimilar o mesmo alimento, podereis então prescrever regras para todas as almas e corpos: até lá aprendei a ser justos e gentis; deveis aprender a respeitar as visões uns dos outros.

Perg. — Em que tipo de conflito estão os Católicos na vida espiritual envolvidos?

Resp. — A vida espiritual ensinou a muitos Católicos zelosos o que a vida terrena não ensinou. Estes Católicos zelosos viram muitos pecados cobertos da igreja e eles estão à procura de novos desdobramentos e de um maior crescimento. Eles não sentem que podem por mais tempo emprestar a sua influência a favor da Igreja Católica na vida espiritual ou terrena. Portanto, aqueles espíritos Católicos mais fanáticos, que percebem que estão a perder o seu domínio sobre a igreja e estão mui desejosos de recuperar o seu domínio, estão a usar os seus maiores esforços para impedir que os seus espíritos Católicos reformados comuniquem com a terra através dos vossos médiuns. Eles não ajudarão a controlar um único médium a menos que o possam obrigar a falar como desejam. Enquanto conseguirem obsidiar médiuns com o propósito de impedir que a verdade chegue até vós, eles estão contentes. Quando não conseguem mais fazer isto, tentam parar as comunicações inteiramente.

Perg. — Qual é a crise pendente entre o erro e a justiça na vida espiritual?

Resp. — É aquilo que acabei de descrever: os espíritos superiores estão a fazer um esforço poderoso para vos transmitir a verdade concernente à vida espiritual, e a oposição de espíritos nas esferas inferiores a estes esforços causa a crise pendente. Se este conhecimento puder ser geralmente disseminado entre o povo da terra, o poder das esferas inferiores sobre a vossa terra será quebrado.

Perg. — Que classe de fenómenos está a ter lugar nas Igrejas Católicas?

Resp. — Alguns espíritos Católicos avançados estão a adquirir tal poder sobre os seus médiuns que os padres em breve temerão cometer pecados secretos por mais tempo, para que, pelas bocas dos seus próprios médiuns, não sejam traídos. Uma instância de tal controlo, ouvi dizer que ocorreu recentemente entre as “Irmãs” numa reunião de Católicos em Rochester, N.Y. Durante séculos, a Igreja Católica teve uma classe de fenómenos que tendia a induzir as freiras a acreditar que os direitos dos padres estavam além de disputa, e a manter as freiras sob o controlo dos padres, tanto na vida espiritual como na terrena. Sob este poder as freiras mataram os bebés resultantes de relações ilícitas com os padres, para que pudessem ocultar os seus crimes do mundo. Os padres favoreceram fenómenos espirituais quando estes os ajudavam no seu curso secreto de crime, mas agora eles opõem-se à vinda de espíritos que se lhes opõem.

Perg. — Esteve presente em algum momento quando Apolónio de Tiana e outros espíritos antigos escreveram “Jesus Cristo é uma Ficção” e achou que eles pareciam ser verídicos?

Resp. — Estive presente várias vezes e para mim eles tinham a marca da veracidade estampada nos seus rostos.

SAMUEL BOWLES

ARTIGO VIGÉSIMO PRIMEIRO

29 DE AGOSTO DE 1883.
COMO OS CICLONES APARECEM AOS ESPÍRITOS.
OS GRANDES PERIGOS QUE AMEAÇAM A HUMANIDADE DEVIDO À POSIÇÃO ATUAL DOS PLANETAS DO NOSSO SISTEMA SOLAR.
EPIDEMIAS, CICLONES, TERREMOTOS A CAMINHO. COMO VIVER

Na grande comoção causada pela situação dos planetas, não deveis pensar que sois os únicos sofredores; pois na proporção em que os ventos perturbam e a doença afeta o corpo, o mundo espiritual sente as correntes de agitação. Isto torna mais desigual do que o habitual a qualidade das comunicações dadas a vós.

Mas enquanto sofremos em consequência destas conjunções planetárias, não nos sentimos desanimados; pois sabemos que a atmosfera será por fim limpa das suas impurezas e vós que estais a elevar-vos recebereis aquela comunhão há tanto desejada, e da qual quase se desesperava.

Destas mudanças surgirão muitas das fases mais importantes no Espiritualismo. Observando como nós, com a nossa visão clara, podemos observar a formação dessas terríveis tempestades chamadas ciclones, se não soubéssemos dos seus efeitos pavorosos, desfrutaríamos do espetáculo sublime.

Durante horas houve sintomas da tempestade; (nós que habitamos acima podemos perceber mui cedo quando tal fenómeno vai ter lugar, especialmente se estivermos nas proximidades.) A pressão sobre os nossos pulmões espirituais era quase tão má como sobre os pulmões humanos. O ar estava cheio de partículas voadoras de cor preta, parecendo do tamanho de pequenos chumbos de caça. Estando acima do centro do ciclone, observámos esta comoção da atmosfera e soubemos que os seus efeitos seriam mui pavorosos para o povo da terra.

Estas partículas uniram-se e formaram uma nuvem tão densa e grande que parecia um alicerce sólido, até que a corrente de ar impeliu a massa ao longo do seu caminho de destruição, decepando com um toque árvores colossais e devastando os lares dos felizes.

Uma porção do mundo espiritual estava ocupada então, pois estar sentado num lar feliz num momento e no seguinte estar no mundo espiritual é como as vicissitudes da guerra e traz o mundo espiritual e o mundo terreno para mui perto um do outro.

Quando tais coisas ocorrem, as mães muitas vezes não sabem o destino dos seus filhos, e os espíritos dos pequenos raramente procuram ser conhecidos, pois não percebem que as suas minúsculas mãos não conseguem fazer a mesma impressão que faziam uma hora antes; e assim aquela poderosa vaga de destruição povoou a vida espiritual e fez milhares chorar.

Se pudésseis ver como os cientistas afirmam ver aqui, sentiríeis que estais no limiar de um grande perigo. Os lugares tranquilos da terra tremerão e doenças inauditas chegarão ao povo. Nós, espíritos, não temos de depender de previsões terrenas. O conhecimento real foi transmitido por aqueles que, há muito tempo, experienciaram uma mudança semelhante do sistema planetário.

Convém a um povo com tão graves perigos a ameaçá-lo moldar as suas vidas de forma a fazer o máximo de bem possível e fazer com que a vida conte, e também cuidar do corpo físico para que, se escaparem de outros perigos, possam também escapar daquelas doenças violentas, que já começam a mostrar-se e tornam a humanidade receosa.

SAMUEL BOWLES

Perg. — Pensávamos que os espíritos estavam acima da agitação das correntes em redor do nosso planeta. Diz que os espíritos sentem estas correntes como os mortais: isto é razoável?

Resp. — É razoável quando nos colocamos em posição de assim sentir, pela nossa atração e simpatia com o mundo terreno, como por exemplo, perigos ameaçando os nossos antigos lares atrair-nos-ão para uma relação (*rapport*) tão próxima que nós também sentimos a agitação. Lembrai-vos de que muitos espíritos mal deixaram a vossa terra, mas permanecem por algum tempo nos seus antigos lares e entre o seu antigo ambiente. Ora, o que perturbaria o espírito no estado mortal afetaria o espírito fora do corpo, se em relação com o mundo terreno, e quando uma tempestade abalasse a terra, os nossos espíritos poderiam receber um choque.

Perg. — Como é que os planetas afetam a terra?

Resp. — Induzindo estranhas e novas correntes de ar que transmitem a doença muito mais rapidamente, e pelo efeito sobre o sistema nervoso, que torna o corpo mais suscetível à doença.

Perg. — O que há de estranho e novo nas correntes de ar?

Resp. — Emanações elétricas dos planetas que são lançadas com tal força que perturbam as antigas correntes às quais estais habituados. Estas emanações agitam e transportam mais rapidamente aqueles gases perigosos para o mundo terreno.

Perg. — O que são estas emanações dos planetas; são substâncias ou impulsos de força?

Resp. — São substâncias lançadas com força, contudo não substâncias visíveis para vós, ainda assim podem ser inaladas e são prejudiciais ao sistema humano e a toda a vida animal.

Perg. — Quando pensa que estas calamidades se manifestarão especialmente?

Resp. — Elas estão a manifestar-se agora nalgumas partes da terra. Mostraram-se a este país em tempestades e, como o seu movimento peculiar ainda não é considerado no seu auge, tiramos esta conclusão: que outro ano será muito mais desastroso do que este tem sido, ou pelo menos para esta parte do planeta.

Perg. — Que perigos especiais vê perto de nós surgindo de influências planetárias?

Resp. — Terríveis devastações de doenças, terremotos, tempestades com violência antes desconhecida. Esta ação peculiar dos planetas afeta a disposição do homem, de modo que guerras serão muito mais prováveis do que noutros tempos. Esta é a opinião daqueles espíritos que estudaram profundamente o assunto.

Perg. — Por que sinais pode ver um ciclone a aproximar-se?

Resp. — Uma diferença nas nuvens sobre a secção onde o ciclone vai estar. A diferença surge, tão proximamente quanto posso explicar, da agitação do ar ao início, que gira em redor destas partículas de aspeto escuro descritas anteriormente. Tal como uma tromba de água atrai água num círculo, assim estas ondas de ar reúnem estas partículas escuras com imensa força, e a tempestade segue o seu caminho de destruição.

Perg. — De onde vêm estas partículas voadoras que diz parecerem pequenos chumbos de caça? De que são feitas e de onde vêm?

Resp. — Se eu devesse dar a minha opinião, diria que eram emanações de impurezas não só da terra mas também dos planetas, que estão carregadas de força elétrica, e quando reunidas, a pressão do ar ao redor delas mantém-nas sob controlo, até que o poder é tão grande que a parte inferior da nuvem rebenta e dá vazão ao ciclone para que ele possa seguir o seu caminho: e quando estas substâncias carregadas de força elétrica exercem o seu poder, a sucção é tão forte que atraem para cima tudo no seu curso.

Ouvireis aqueles que experienciaram estas coisas no mundo terreno dizer que sentiram como se os seus ouvidos estivessem a rebentar, e sentiram uma pressão próxima da sufocação. Para nós parece que a causa destes sentimentos é a pressão de tal massa de gases impuros, transportada por tamanha força elétrica. Para nós estes gases parecem substância, para vós parecem apenas força, mas pessoas sensitivas conseguem cheirar um forte odor no ar após uma destas tempestades.

Perg. — O que podemos fazer para nos salvar das doenças causadas por estas correntes de ar perturbadoras?

Resp. — Vivei simples e naturalmente de cereais e frutas, evitai carnes tanto quanto possível, pois tanto o animal como o homem podem adoecer por estas causas. Vesti-vos com vista a um aquecimento adequado, não importa se sentis demasiado calor quando fazeis pela primeira vez uma mudança de roupa.

Banhai-vos frequentemente em água morna com sal, mantendo os poros livres de quaisquer impurezas do sistema. Dormi com a vossa cabeça para o norte e não tenhais a cabeça mui alta. Deitai-vos tanto quanto possível sobre o lado direito, para evitar pressão sobre o coração. Mantende a mente tão tranquila quanto possível sob dificuldades e mantende essa simpatia com tudo o que é nobre e bom, o que vos levará a pensar nas belezas, em vez de temer o mau efeito das mudanças da natureza.

S. B.

ARTIGO VIGÉSIMO SEGUNDO

30 DE AGOSTO DE 1883.
O PORVIR
O CONFLITO DE PRINCÍPIOS QUE SE APROXIMA

Ontem escrevi sobre o passado e o agora, e sobre o que parecia ser o futuro próximo. Agora, se a fantasia pudesse porventura abrir as suas asas, gostaria de ver algo desse Porvir. Gostaria de pôr de lado o presente sombrio com mais sombras do que luzes e dizer-vos: tende esperança, o mundo não está morto, o seu povo não está a dormir.

Causas em toda a parte estão a trazer um conflito, não de armas esperamos, mas de princípios. Não há ninguém tão humilde na terra ou tão elevado no céu que não deva ter a sua armadura vestida e lutar pelos direitos espirituais bem como pelos temporais do povo. “O que podemos fazer?”, disse uma classe de pessoas, como Newton entre as estrelas, e como outros absortos em fazer a história, no seu sentido mais fino, repetir-se. “O que podemos fazer para beneficiar aqueles que há tanto tempo deixaram de ser objetos do nosso cuidado?” e eu fui-me embora pensando secretamente que nem o céu estava isento de egoísmo. O que podem eles fazer? Ora, exercendo metade do poder que usam agora para estudar coisas remotas, poderiam grandemente ajudar a tornar a ponte entre o nosso mundo espiritual e o vosso mundo mais segura e fiável.

Se eles formassem as suas baterias para trabalhar sobre o mundo de tal maneira que tivessem menos para vos ensinar, quando chegardes aqui, quanto melhor seria do que dedicar todo o seu tempo a subir mais alto. Eles deveriam estender a mão para baixo para descobrir o que a terra nos está a enviar dos seus frutos e assim evitar a necessidade de ensinar aqui aquelas lições que pertencem mais à vida terrena do que à celestial.

Mas até que esta unidade esteja plenamente estabelecida, até que ambos os lados vejam esta necessidade, o mesmo crescimento imperfeito nos será imposto e impedirá o progresso dos mais progressivos.

Pedi-vos antes disto para fazer de cada lar uma escola, pedi-vos para semear constantemente sementes, pedi-vos para exercer metade do poder de mente sobre a alma de uma rapariga do que exerceis sobre o seu corpo, e multidões estão a pedir isto constantemente, e no entanto, não conheceis o caminho. Fraco no céu encontro-me, onde me julgava forte na terra. Estou agora à procura de bom terreno de trabalho.

Conheço a necessidade do povo mais do que nunca. Esforcei-me por olhar o Dever de frente, mas se eu pensasse que os meus antigos amigos (alguns deles) realmente queriam dizer o que diziam quando denunciavam este meu trabalho, preferiria muito que pusessem toda a culpa em mim como homem do que sobre este instrumento (a médium) que tão gentilmente permitiu que a sua mão fosse usada para a propagação da verdade.

Não tenho a causa de ninguém a pleitear, mas apenas a das massas. Estou a tentar perder-me nesta grande questão de certo e errado, e a ver se muitos mais que até aqui se mantiveram em segundo plano se juntarão aos trabalhadores.

O início do que podem ser as possibilidades do grande futuro mal amanheceu para vós. Estes poucos artigos foram escritos sob as circunstâncias mais prementes. Analisámos o terreno de forma tão ligeira que não estamos satisfeitos com o trabalho; contudo, se durante uma grande seca cada um parasse de fazer as flores e os frutos crescerem, haveria escassez deles; mas se mãos gentis se esforçarem por manter vivas as forças minguantes, esperando por épocas mais propícias, não será possível que em breve os grandes heróis do Porvir, com poder, força e luz, surjam deste presente sequioso e a planta de crescimento imortal que mantivemos a crescer seja um emblema desse futuro que será sempre o que cada alma fizer seu?

Confiando que as tempestades da vida, os ciclones que impedem o progresso imortal por um tempo, e o grande conflito da terra e do céu, trarão tudo à tona de forma tão clara, após as nuvens terem passado, que forte na minha convicção de retidão poderei dar um passo em frente e dizer: “As rodas estão a rolar” e nenhuma circunstância de vida, nenhuns impedimentos de elementos conflituosos na nossa vida podem por muito tempo impedir o nosso trabalho ou torná-lo menos seguro.

Tão certo como o sol brilha, eu irei, de alguma forma, ao vosso mundo, ensinando as minhas lições, e rogo-vos que continueis a estender mãos gentis a este instrumento, para que o trabalho tão imperfeitamente começado possa atingir tal padrão de excelência que todos admitam que será uma ajuda para muitos no Grande Porvir.

SAMUEL BOWLES

ARTIGO PRIMEIRO

JOANA D'ARC. A SUA OPINIÃO SOBRE A CREMAÇÃO

Creio que nunca se tem uma conceção da pobreza da linguagem em tal extensão como quando se está com o coração cheio e recordações ternas entre os dois mundos. Um coração deve ser inteiramente egoísta para desejar colher o que não semeou, ou arrecadar para fins egoístas as lições ensinadas por uma troca de vidas sem estender a mão até ao máximo e dar palavras que ao menos farão os homens pensar, quer ajam ou não.

Na minha breve revisão de factos da vida espiritual que dei, senti que gostaria de começar onde parei, ao entrevistar e estudar a condição de um mundo espiritual em vez de um físico. Contudo, mundos ou condições estão tão proximamente ligados que ser um habitante de um deve ser ter um interesse no outro; e antes de avançar mais no meu conhecimento das esferas, devo falar-vos de alguém que tem sido uma bênção para mim ter conhecido, e alguém que evoca tudo o que é mais nobre e melhor na natureza de um verdadeiro homem.

Nas minhas andanças, tem sido com prazer que olhei para os olhos bondosos de Joana d'Arc* e, através de um ajudante, compreendi os seus sentimentos em relação aos da vida terrena. A sua terra natal, com os seus vinhedos ensolarados, não é esquecida. Embora residente há muito por escolha da oitava esfera, contudo por essa lei subtil, que é sempre fiel a si mesma, ela revive as antigas lutas e deleita-se nas antigas vitórias.

O choque de ver e perceber que estas personagens ideais são realmente verdadeiras é grande para mim, que sempre fui um adorador do génio e do sacrifício pessoal. Quando olhei para olhos que, há centenas de anos, estremeceram o seu país com amor e medo, quando a vi como a salvadora, em certa medida, de muitos diante de mim, sabendo que das cinzas do passado tinha surgido o belo corpo que agora guardava a sua bela alma, senti que os profetas da intolerância religiosa, até o homem que foi chamado Deus, empalideciam ao lado desta visão de feminilidade martirizada.

Pensando na sua morte trágica e sabendo que as eras não conseguem cancelar inteiramente uma injustiça feita à pureza, perguntei-lhe sobre a sua missão nesta vida. "É quase sem limites", disse ela, "estou a trabalhar para o bem da nação deixada para trás; cada angústia que sofri é um incentivo para proteger outros, e cada pensamento um cuidado pelos oprimidos. A minha mente reverte para os costumes da terra e perco-me em espanto com as mudanças que sobrevieram às nações. Mas o método pelo qual passei para a vida espiritual sugeriu um costume agora frequentemente praticado lá, que me traz um estremecimento, mesmo depois de o antigo ter passado e tudo se ter tornado novo para mim.

** Nascida a 6 de Jan. de 1410, em França. Ela era uma médium, e foi levada pelas suas "vozes" a assistir Carlos, o Delfim, a ganhar a vitória em Orleães, pela qual ele foi feito rei de França. Depois, ela foi capturada pelos ingleses e queimada viva na fogueira como feiticeira em Maio de 1431. O carácter da "Donzela de Orleães" era imaculado.*

É que o corpo humano deva, após ter servido o seu propósito, ser submetido a tal destino como a cremação.

Posso ser sensível sobre esse assunto, mas a minha opinião individual não prejudicará ninguém, e caso a eternidade seja eternidade no seu sentido mais lato, não esqueceríamos inteiramente o estojo que usámos, e preferiríamos que ele vivesse em alguma forma mais percetível para as aves do céu e os animais do campo do que destruí-lo totalmente pelo fogo.

A mãe-terra foi sempre gentil quando eu lá estive e fez bem o seu trabalho, e para o meu espírito, com amigos amados, não pode haver melhor maneira do que confiar os seus corpos à sua própria mãe-terra. Que o 'pó ao pó e cinzas às cinzas' venha depois, quando o processo químico da natureza estiver completo; mas eu já tive cinzas que cheguem, e as antigas dores que a memória traz parecem-me um ensaio do passado. Percebo a diferença, mas vigiei demasiados fogos de almas e corpos para acreditar que esse método seja mais purificador do que o método da Natureza."

Bowles. — "Falar-me-á de si como é agora?" Joana d'Arc. — "Oh! Sim. Darei em breve uma descrição da minha vida atual e do meu trabalho especial para uma nação especial, mas quero enviar de volta a palavra a todos os que eu consiga alcançar na vida terrena: que se as suas almas, enquanto no estojo terreno, recuam perante esta aparente prova, nenhuma lei deveria condená-los a este sacrifício. Eu sei o que é para uma alma estar ao lado de um corpo e ver cada fibra de uma antiga veste consumida pelo fogo."

SEGUNDO DOCUMENTO

"Sei que, demasiadas vezes, existe uma afinidade tão forte pelo antigo corpo que o corpo espiritual sofre por simpatia. Digo isto porque os homens na vida terrena estão a adotar ideias que não pertencem à ciência da natureza e preferem fazer experiências em estranhos do que em si mesmos ou nos seus amigos. Conheço tudo o que evoluiu das experiências, mas não reconheço a justiça de uma pessoa ser transformada num instrumento para a ciência sem o seu consentimento."

Perguntei-lhe se não via a necessidade de alguma mudança na forma de dispor dos mortos devido às condições sanitárias; e ela respondeu que, "tanto quanto lhe era dado ver, havia pouco sentido em queimar os corpos das pessoas enquanto a carne de besta, peixe e réptil era submetida a um processo de fertilização e espalhada aos quatro ventos pela terra, emitindo odores vis e carregando na sua atmosfera mais doenças putrefatas do que muitos lugares de repouso tranquilos para os mortos".

Pensei nela como uma mulher com os preconceitos de uma mulher, ainda que centenas de anos lhe devessem ter trazido sabedoria, e disse: "isto pertence ao passado; falemos daquilo que será de maior importância em ambos os mundos".

Ela respondeu através do seu intérprete: “com muito gosto, oportunamente, mas devo apresentar-me muito em breve num conselho de espíritos sobre Niceia*, onde o corpo não será considerado, mas sim o bem das almas das massas”.

10 de Jan. de 1885.

S. Bowles.

**Niceiaia, na Ásia Menor, onde o famoso Concílio de Niceiaia foi realizado, durante o reinado de Constantino, o Grande.*

Não consigo, com qualquer pintura de palavras, descrever os meus pensamentos e sentimentos ao encontrar pela primeira vez esta mulher de uma era passada. No entanto, por sentimentos anteriores, por conhecimento anterior — tanto quanto se pode ter de qualquer assunto histórico —, ela era a verdadeira Joana d’Arc. Reivindicar ser e não ser, neste nosso mundo espiritual, especialmente depois de termos passado em certa medida além da fronteira do egoísmo e do engano, é algo quase inédito.

Esta entrevista com a heroína de muitos dos meus sonhos terrenos era algo para guardar, algo que eu gostaria de relatar aos meus na vida terrena, se o seu conhecimento superior não me declarasse morto. Mas, como aquele que há muito, como diz a tradição, “veio para os seus e os seus não o receberam”, devo enviar a outros os frutos de uma colheita que de bom grado daria aos meus entes queridos.

Vi quadros estranhos, vi congregações solenes, mas nunca uma mais fervorosa do que aquela a que Joana d’Arc me conduziu quando se dirigiu ao local anteriormente mencionado. Enquanto descíamos, ela, com mãos gentis, mostrava-me o caminho. Outros, com rostos ansiosos e pensamentos de cabeças coroadas que devem ser destronadas pelas suas próprias ideias de justiça, vinham lado a lado; amigos daqueles que são chamados os corruptores de reinos seguiam-nos, procurando não as joias principescas daqueles nascidos no poder, mas os direitos de uma multidão trabalhadora e faminta; homens de génio que, em eras passadas, tinham trabalhado ao meio-dia e à meia-noite, com corações esperançosos, para aperfeiçoar instrumentos pelos quais o trabalho da vida pudesse ser realizado mais facilmente, apenas para ver cabeças coroadas e lordes abastados utilizarem o que deveria ter descendido aos seus, não apenas como um direito, mas para suavizar o caminho, tornado árduo pela crueldade humana — uma herança que aquela que morreu pelo seu país sente que deve amaldiçoá-lo, até que a humanidade, com os seus direitos legítimos, tome o lugar destes usurpadores; pais, esperando que em alguma geração futura possa haver uma oportunidade de vingar ou, pelo menos, reparar os sofrimentos suportados ao dar aos seus descendentes a liberdade segura; mães que, após centenas de anos, sentiram cada vez mais a injustiça do seu passado e, olhando para trás para a vida terrena, veem nas crianças da era atual aquelas que devem sofrer tal como elas sofreram, a menos que alguma mão poderosa seja enviada para acalmar as águas revoltas que há tanto tempo agitam os jovens e inocentes, ou enviam os mais velhos para sepulturas não convidadas.

Todas as classes, todos os que viveram e sofreram ou viveram e aprenderam no mundo espiritual a sua "desumanidade para com o homem", reuniram-se sobre a tranquila cidade de Niceia para ver se, pelo seu poder unido, algo não poderá ser evoluído para suster as ondas de injustiça, que têm sido tão desastrosas para muitos e gentis para poucos.

Vós tendes as vossas câmaras de conselho, tendes os vossos representantes de diferentes terras, tendes os vossos trabalhadores fervorosos, tendes as vossas batalhas de línguas; assim é exatamente o mesmo sob o céu azul, por entre as flores da vida espiritual. Estas pessoas, muitas com línguas que me eram desconhecidas, clamavam pelas suas ideias de justiça para com aqueles que estão abaixo delas.

A mulher que morrera pelo seu país tinha algo a dizer e, ao levantar-se naquela vasta multidão, os amigos da Joana de outros tempos, com a reverência devida a uma heroína, escutaram as suas palavras apaixonadas e profecias, que gelaram os corações daqueles que ainda desejariam continuar o antigo. Reivindicou que um trabalho ainda era seu a realizar até que mais liberdade descesse à terra vinda de esferas ensolaradas. Falou de cabeças decepadas no bloco cruel, de olhos que olharam pela última vez para os entes queridos a partir da fogueira, de um num cargo hoje e outro usurpando esse lugar amanhã, e tudo pelo poder, tudo pela ambição injusta de governar almas e corpos.

"Podem olhar para o registo do passado e não perceber a necessidade de um mundo mais unido a fim de preparar um céu para todos?" "Muito", disse ela, "depende da nossa ação unida para alcançar a terra inferior, de onde todos devem vir, e mostrar ao povo os verdadeiros princípios da vida. Ide comigo a uma prisão russa: vede-os lá a definhar, esperando diariamente a morte, a morte por uma causa da qual os seus sentimentos sobrecarregados os tornaram mártires; vede os pequeninos tornados órfãos de pai por uma causa ainda desperdiçada, tornados órfãos de mãe por causa de corações partidos, porque a opressão empurrou os seus companheiros para uma guerra, toda ela impotente de um lado e toda poderosa do outro.

As condições de algumas destas terras foram melhoradas, mas isto foi alcançado mais pelo poder descendente do mundo espiritual do que pelas vidas desperdiçadas que, de hora a hora, entregam tudo o que têm por uma liberdade nunca alcançada! Oh! Oxalá nós, na vida espiritual, possamos fazer isto, possamos suster a forte maré tão perigosa para a vida e para o amor, e que cada um tome alguma alma acorrentada e deite fora as correntes! Viver à luz do sol do céu pode ser egoísta, a menos que tenhamos um trabalho sistematizado de esforço individual pelos países que amamos. Vejo em cada rosto diante de mim pensamentos que conduzirão o escravo à liberdade e transformarão as armas de guerra em produtoras de pão para as nações. O verdadeiro trabalho deve ser feito por aqueles que em muitas prisões morrerão amanhã por falta de ar puro para respirar e pão para os seus filhos."

Outros, com o brilho do amor pelos seus países natais, falaram do que os espíritos poderiam fazer para ajudar a humanidade. Charlotte Corday*, com os velhos fogos da

memória nos seus olhos, exigiu ajuda para a mulher, pela virtude da mulher, pela honra da mulher.

Foi uma reunião grandiosa, quase entre as estrelas. Houve pensamentos inestimáveis, mas quão poucos deles e quão pobremente expressos por mim. Lamento ser o cronista, mas quão glorioso é o pensamento! Que o Céu esteja a ser despertado por mulheres como estas: uma, que morreu pelo patriotismo e pela glória; a outra, cuja vida terrena foi plena de vingança.

10 de Jan. de 1885.

S. Bowles.

**Uma heroína francesa, nascida a 28 de julho de 1768, guilhotinada em Paris a 17 de julho de 1793, pelo assassinato de Marat, um membro destacado do partido de Robespierre, que estava determinado a guilhotinar todos os membros destacados do partido Girondino. Ela entrou no quarto de Marat e enterrou uma adaga no seu coração, causando morte instantânea. Era de uma beleza notável e morreu com heroísmo elevado e coragem inabalável.*

TERCEIRO DOCUMENTO

NAPOLEÃO BONAPARTE AINDA INTERESSADO NA GUERRA ARREPENDE-SE DA SUA FALTA DE VALORIZAÇÃO DA MULHER QUANDO NA TERRA SENTE-SE HUMILHADO NA PRESENÇA DE JOANA D'ARC ESTÁ AGORA A AJUDAR A PROMOVER A IGUALDADE HUMANA E A UNIDADE DAS NAÇÕES

Parece-me um pouco estranho que, no passado tumulto de uma vida terrena agitada, eu possa olhar para trás e ver como tantas palavras escritas ou faladas foram dadas com o propósito de disfarçar o real significado do pensamento. O engano, com os seus muitos atos não comprometidos, não é aqui permitido. Homens e mulheres dos mais fortes poderes mentais, que sofreram o martírio por um princípio nas "Idades Trevas", com o nervo mais inabalável, são por vezes, ao que parece, os menos capazes de resistir a certas emoções que recordam o passado em todos os seus horrores.

No entanto, por vezes, corações bravos que têm um motivo ousado conseguem reverter a um passado, chamado morto, e ver em cem corações (aqueles tornados um pelo sofrimento) uma corrente forte pela qual ligar um futuro frutífero a um plano infrutífero.

Napoleão Bonaparte*, com todo o seu amor pela guerra, consegue agora olhar com piedade para a sua antiga falta de amor humano, e deseja poder conceber uma simpatia suficientemente ampla e forte para lançar uma ponte sobre o abismo entre o que o seu passado foi e o que poderia ter sido.

"É tudo brilho vazio", disse-me ele, enquanto sentados num dos grandes jardins do nosso Paraíso, revíamos o conselho acabado de realizar sobre Niceia. "Preferiria agora, nesta vida, apertar a mão da mulher mais bela e, para mim, a mais querida que a terra produziu — uma cujos sacrifícios foram a sua coroa — e ver um respeito nascido do amor brilhar através dos seus olhos, do que saber que, na história, o meu nome será erguido como o herói que foi adorado como a encarnação do poder."

Eu comentei: "Sem dúvida pensou que estava certo quando batalhava na vida terrena".

Ele respondeu: "Trabalhei mais, consigo agora ver, impelido pela força egoísta dos espíritos desapontados atrás de mim, do que por qualquer sentimento real, salvo o da ambição de conquistar".

Disse eu: "Então está disposto a admitir, nesse seu passado emocionante, um poder que o ajudou, o forçou a ser mais cruel ou gentil, do qual não tinha então um pensamento".

"Sim", disse ele, "Quem mais do que eu deveria tentar, se possível, encontrar uma causa para aquelas ambições dominantes que atropelaram no seu caminho a inocência, a justiça, tudo o que pudesse dissuadir-me do meu propósito. Quer o saiba ou não, senhor, os seus campos de batalha da vida terrena estão mais vezes povoados de espíritos revoltados por trás dos seus soldados do que suspeitaria. Se deixados por si mesmos, os guerreiros da terra logo terminariam as suas batalhas sem tão terrível carnificina; mas velhas contendas revivem entre as forças espirituais e, como não têm sangue para derramar, podem bem encorajar os homens a infligir danos mais profundos. Isso é uma parte do inferno, senhor.

Eu apreciei bastante o meu inferno quando a recente guerra Franco-Prussiana assolava. Toda a luta em mim, toda a solidão do exílio, toda a amargura do passado faminto, apoderaram-se de mim e ajudaram-me. Estimular aquele partido que parecia ter a maior provocação foi, por aquele tempo, a minha ambição. Espero ter-me elevado acima disso, mas não posso ter a certeza de que o passado não possa ser novamente demasiado forte para mim e, caso surja uma exigência semelhante, eu possa ser um dos primeiros a deixar as velhas sementes da dissensão crescerem até se tornarem uma planta próspera.

Ainda assim, tenho mais do que mereço aqui, como resultado da minha vida falida, uma vida tornada desolada quando deveria ter sido tornada sagrada na atmosfera de um lar verdadeiro e perfeito. Na minha vida terrena, olhei para a mulher como bem sacrificada se, nas suas dores de morte, desse à luz um bom soldado combatente. Pensei que era uma vida exatamente para a qual a mulher fora feita, e uma morte de glória; mas agora, olhando para lares desolados, corações entristecidos, olhando para a mente nobre da mulher, o seu nervo, o seu poder de vontade e amor pelo que é justo, sinto-me envergonhado. A luz do sol das eras futuras deve dar a esse sexo o que a escuridão do passado e o egoísmo do homem retiveram: 'a verdadeira igualdade'. Na vida terrena, a nossa amiga mártir que falou tão verdadeiramente era uma heroína, alguém a ser

louvada, a ser lembrada, mas eu não conhecia a real doçura do seu caráter até que, face a face, a encontrei e, na minha própria mente, comparei o meu passado com o dela.

Esse é um trabalho para os espíritos, senhor, e deve ser a nossa ambição realçar, no seu sentido mais alto e melhor, os verdadeiros direitos da condição feminina. Quero que venha à minha casa em breve. Quero que descreva, se puder, àquele mundo terreno distante, o lar de alguém cuja ambição foi a maldição desse mundo, um que arruinou e roubou os lares de milhões. Os nossos armários de esqueletos são bem guardados, mesmo aqui; e com um sorriso disse: 'o meu ainda tem um esqueleto de «Bon-ton» lá dentro'."

"Qual é o seu trabalho atual?", perguntei, enquanto ele se levantava para partir. "É desta sua vida superior ou do passado?"

"É primeiro", disse ele, "usar o meu poder para unir os interesses de todas as nações, para trazer todos os seus direitos ao mesmo nível; para erguer do caos agora existente um governo do povo, não um de cabeças coroadas, nem como nos Estados Unidos da América, onde o povo pensa que está a governar, mas acordará para descobrir os poucos a governar os muitos; para abolir todos os tipos de escravatura, tanto do corpo como do hábito; para trabalhar através daqueles nas esferas inferiores que melhor podem alcançar a terra, para que surja uma educação que torne as experiências inferiores da vida espiritual menos necessárias, e permita a cada um passar sem parar por algum tempo entre as cenas arrepiantes na primeira esfera, onde as lições da vida terrena têm de ser aprendidas de novo e o castigo merecido por um passado sem instrução, suportado. Irei consigo, senhor, e mostrar-lhe-ei cenas com que não sonhou, e dar-lhe-ei uma ideia de esquemas para o futuro do mundo que não acreditaria poderem entrar no coração do homem."

E quando deixei este homem de batalhas e me retirei para o meu lar tranquilo, pensei que valia a pena ter nascido e suportado por uma temporada, se por ter existido se pudesse olhar para o funcionamento das mentes de homens e nações, e por vezes deixar cair uma lição para aqueles da terra que, sendo agora como nós fomos outrora, devem ter interesse nelas.

11 de Jan. de 1885.

S. Bowles

Pergunta: Em que esfera foi realizado o conselho de espíritos? *Resposta:* Na sétima, para permitir mais facilmente que aqueles de cima e de baixo pudessem comparecer.

Pergunta: Como acontece que Napoleão Bonaparte tenha comparecido à reunião se realizada na sétima esfera? *Resposta:* Ele compareceu ao conselho, mas ainda não reside nessa esfera. Vive maioritariamente na quinta. Mas deixe-me dizer-lhe que somos capazes, frequentemente, de residir em esferas superiores em alturas em que o trabalho nos chama para fazer mais bem e tornar tudo mais conveniente. Não conheceis a

multidão das esferas, nem como estamos a tornar-nos cada dia mais capazes de mudar quando o trabalho nos chama.

**O primeiro imperador dos Franceses com esse nome. Nascido na Córsega, a 15 de agosto de 1769, falecido em Santa Helena, a 5 de maio de 1821.*

QUARTO DOCUMENTO

INÁCIO DE LOYOLA EXPLICA A ORIGEM DA GUERRA O ESPÍRITO ENTRE OS HOMENS O PAI DE SAMUEL BOWLES NA VIDA ESPIRITUA

Após a minha entrevista com o herói de Austerlitz, a minha mente voltou-se do seu passado para o seu presente e, conhecendo a carnificina, a dor, o terror que ele trouxera aos corações, pensei que o verdadeiro heroísmo de um homem se mostra melhor ao conquistar-se a si mesmo e ao governar os assuntos que chegam aos homens de família, homens que compõem as nações. Pensei que um homem que tivesse sido sempre fiel às pequenas coisas, cuja esposa o pudesse amar e honrar, estava muito melhor do que o herói de um bivaque de artilharia, ou do que aquele que lutara sob os Wellingtons do passado. Ainda assim, achei estranho que um homem com tal sede de vitórias pudesse ter sentimentos tão diferentes durante tempos de paz ou guerra, quando parecia ter deixado tudo para trás.

"De onde vem este espírito de guerra ao povo?", perguntei a mim mesmo, e como se alguém se tivesse levantado para responder, Inácio de Loyola*, ou alguém afirmando sê-lo, com trajes estranhos e rosto sorridente, disse: "À sua pergunta darei resposta."

"A Igreja precisa da guerra para reter o que é seu. Deve segurar os seus súbditos com faixas de ferro, ou demasiada luz brilhará no estrangeiro e impedirá que se mantenha um grande povo unido. Papas, cardeais, monges, freiras e padres sustentam um povo maior ao realizarem um trabalho para si mesmos e também ao sustentarem, pelo trabalho de muitas mãos, os seus superiores."

Eu vira o retrato deste homem em igrejas ainda consagradas a essa ordem e pensei quão desalmada era a sua resposta; contudo, ele, com o seu guia e intérprete, sorria suavemente como se o clamor de viúvas e órfãos nunca tivesse chegado aos seus ouvidos.

"Conhecemos algumas guerras que surgiram de falsas ideias de religião, mas não todas, senhor," disse eu, "pois isso não harmonizaria com a história das nações."

"As sementes estavam na igreja, e o poder que enviou os homens para a batalha habitava no sacerdócio," disse ele com um ar de orgulho, "temos muito a vingar e devemos ter muito sobre o que governar."

"Se é o homem que afirma ser e não um impostor, dir-me-á que esfera habita?", perguntei-lhe.

Ele disse: “Recuso-me a fazê-lo até que me conheça melhor e reconheça poderes mais potentes do que falsas noções de cuidar de uma terra que precisa de ser dominada e deve ser dominada. Mas algum dia verá que homens realmente grandes, homens de mente, não mudam em poucas centenas de anos e não andam por aí a choramingar, esquecidos de um passado que precisa de ser lembrado e de uma religião que precisa de ser ainda melhor sustentada.”

“O que lhe pode aproveitar, ou a pessoas de outros credos e opiniões, terem as vossas falsas ideias a prevalecer? Fica melhor por isso?”, perguntei, “quando já passou, ou deveria ter passado, de todas essas ideias?”

“Isso agarra-se a nós,” disse ele, “e as nossas naturezas não podem ser como as das pessoas comuns, aceitando o que se diz como verdade: ainda teremos glórias; veremos nas vastas planícies desta esfera, como lhe chama, surgindo em gloriosa revista, os edifícios que pertencem a um povo que, no espírito dos velhos tempos, terá os seus mestres e os seus súbditos, os seus padres e os seus seguidores, que têm prazer em obedecer. Vê-lo-ei de novo, senhor, quando o que aqui disse tiver sido provado como verdadeiro. As novas ideias que se espalham tão rapidamente por este país superior serão esmagadas e veremos os velhos tempos e a vitória.”

Caminhei desgostoso, pensando ainda que a natureza era sempre fiel a si mesma e que o que era colocado num homem era colocado para ficar. Mas pelas planícies ensolaradas da quinta esfera vagueei, observando as crianças nas suas brincadeiras (crianças velhas, poder-lhes-ia chamar), observando o rio brilhante que fluía, sempre em frente para o mar eterno, vendo os lares que não tinham tristeza dentro das suas paredes, porque a tristeza fora deixada mais abaixo, e sabendo que os homens com rostos sorridentes iam para lares de paz.

Estranha mistura, pensei, alguém respirar o ar da paz e ainda desejar a guerra cá em baixo; estranho que a vida humana e as suas lutas não tenham ensinado a mesma lição a todos. Mas as palavras daquele de quem lemos há muito tempo foram: “Não vim trazer a paz, mas a espada”. Pensei nas diferentes interpretações disto dadas pelo clero na vida terrena e concluí que a visita de alguns espíritos à terra era uma maldição em vez de uma bênção para quaisquer pessoas, salvo eles mesmos; e mesmo que tanto tempo devesse ser consumido a limpar os escombros de uma má formação, havia muitos seres a nascer que melhor teriam sido deixados no Lugar Nenhum.

Não é tanto, pensei, o que uma pessoa tenta fazer de si mesma, mas sim como é feita primeiro; e o grande tema das condições pré-natais surgiu perante mim como um tema cada vez mais importante a ser estudado pelos filhos da terra. Se eu pudesse falar com a voz de um anjo, chamaria por vós da vida terrena e diria: pais, mães, acautelai-vos, acautelai-vos da herança do corpo e da mente que dais àqueles que ainda hão de vir. Há muito espaço no Céu para todos, mas começo a pensar mais na qualidade de que um país é composto do que na quantidade.

Quando estou cansado de pensar e quero alguma ajuda, sinto vontade de ir ter com outro Samuel Bowles*, um em cujo peito a minha cabeça se aninhou nos velhos

tempos, e pedir-lhe alguns dos seus pensamentos sobre as questões que tanto me interessam. Mas sereno e quieto na sua vida de lar espiritual, descansando dos seus labores, vivendo em paz com todos, ele não consegue compreender os meus anseios por algo para semear amplamente sobre a terra, para que a colheita seja aqui. Embalado na quietude por memórias da doçura do passado, tento saber o que é o sono para o espírito e o descanso para o corpo espiritual. Uma longa experiência aqui deve dar-me algum pequeno poder, penso, e com a minha vida apenas a começar em utilidade, sinto ainda mais o meu dever de prosseguir e prosseguir.

**O pai do espírito que dá estas comunicações.*

11 de Jan. de 1885.

S. Bowles.

QUINTO DOCUMENTO

O PRÍNCIPE LEOPOLDO IMPLORA AO SR. BOWLES QUE VISITE A SUA MÃE, A RAINHA VITÓRIA, E O AJUDE A MITIGAR AS SUAS LÁGRIMAS — ISABEL DE INGLATERRA AINDA BRINCA ÀS RAINHAS NO CÉU — HANNAH MORE E MARGARET FULLER DÃO-LHE CONSELHOS SENSATOS — O SR. BOWLES ENCONTRA ALGUNS ESPÍRITOS A VIVER EM ESFERAS SUPERIORES ÀS QUE LHES SÃO APROPRIADAS

Homero sentiu a verdadeira dignidade das lágrimas quando retratou os cavalos dos seus heróis a chorar porque previam a morte dos seus cavaleiros. De nenhuma outra forma ele poderia distinguir tão nobremente um animal do resto dos seus semelhantes. Mas as lágrimas de homens sábios e bons são sublimes; uma mulher chorará por leviandade, um homem, nunca; as lágrimas de uma mulher são secas pela simpatia; as de um homem devem fluir até que cada gota do cálice amargo seja drenada.

Sempre que nas esferas superiores vi homens de intelecto, mas equivocados no seu trabalho de vida, derramar lágrimas amargas por um passado que não pode ser vivido de novo, senti que as lágrimas de um espírito, lágrimas de anjo, poderiam, se fosse possível, apagar alguns erros onde a semente de há muito tempo não caiu em solo pedregoso, mas produziu uma colheita de falhas e desastres. Retirei uma lição disto, povo da vida terrena, para que vós também não trabalheis pelos pecados de há muito tempo quando contardes no mostrador do tempo anos que parecem estender-se por toda a eternidade.

Como repórter e jornalista, mesmo nesta terra, é minha competência retratar fielmente os feitos das nações. Quando o Príncipe Leopoldo* veio ter comigo, há não muito tempo, e me implorou que visitasse a sua rainha mãe (Vitória) no seu lar, e também me instou à necessidade de dar grande atenção aos movimentos da nobreza (como ele lhes chamava) em ambos os lados da vida, acedi de bom grado.

Descemos através do éter azul e, aparentemente sem esforço, alcançámos o lado da sua mãe. Ela estava sozinha, com a cabeça inclinada sobre as mãos que exibiam indícios das joias de uma nação, vestida com roupas soberbas e caras, mas chorando como se o seu coração fosse quebrar.

"Ela chora assim todos os dias, minha pobre mãe," disse o jovem de rosto pálido. "Ela teme que eu tenha estudado demasiado, teme que eu tenha sido expulso da vida, e eu não lhe posso dar nenhuma palavra até agora para a animar. Tenho ido a muitos médiuns na vida terrena e desejado que lhe fossem enviadas mensagens, mas nenhuma a conseguiu alcançar; o seu correio é demasiado bem guardado, e não consigo fazê-la sentir a minha presença real."

Não era uma Rainha a chorar por um príncipe, mas uma mãe pelo seu rapaz, para quem olhámos com uma piedade indizível.

"Tentará ajudar-me a alcançá-la?", disse ele, agarrando a minha mão. Não era um Príncipe a exigir um trabalho feito, mas um homem a pedir um favor ao seu irmão.

"Contar-lhe-ei tudo sobre isso um dia destes, como ela se sentiu quando o pai, a Alice e outros morreram, mas os anos estão a ganhar terreno sobre ela e, como todas as outras mães precisam dos seus, ela precisava de mim. Ela precisa de mim ainda, pobre mãe."

Nesse momento, dois assistentes entraram na sala e quebraram o feitiço magnético que ele disse tê-lo trazido em relação mais próxima com ela do que estivera desde a sua transição e, com uma bênção silenciosa sobre a Rainha de Inglaterra, deixámos o Palácio e deslizámos para cima.

Enquanto passávamos pelos portais da terceira esfera, ainda com o propósito de subir, fomos encontrados por Hannah More* e Margaret Fuller†, empenhadas em boas obras. Leopoldo, após uma apresentação, pediu-lhes gentilmente que se juntassem a nós, e ele conduziria o nosso grupo a alguém que há muito tempo governara a Inglaterra com vara de ferro.

"Posso perguntar qual deseja que vejamos?", disse eu.

Leopoldo respondeu: "A conversa explicará por que desejo que presentemente veja a rainha Isabel‡."

Continuámos a subir até à sexta esfera, onde esta mulher mantém agora as suas cortes inofensivas e tenta ser rainha; mas, à medida que os anos correm, ela vai descobrindo que uma nobreza passada, que não era da alma, é um ornamento vazio.

Fomos conduzidos a um palácio magnífico onde tudo o que é belo e encantador para os sentidos era exibido em requintada amabilidade. Os meus olhos recaíram sobre uma mulher, grandiosa e imponente, graciosa em movimento, mas com uma luz cruel nos olhos por vezes, e manifestando um desejo de monopolizar toda a conversa.

Disse Leopoldo: “Trouxe estes meus amigos comigo para que possam dar força acrescida à minha afirmação de que a atual rainha de Inglaterra se tornou a Imperatriz e Rainha de outros países, que a paz e a prosperidade estão nas colinas e planícies dos seus domínios, que a religião Protestante é cara à maioria dos corações, que a morte cruel apenas para os maiores crimes é tolerada, que ofensas menores são perdoadas, que, ao contrário dos tempos em que vós e Maria* reinastes, não há perseguições religiosas.

Digo-vos agora, por muito que tenhais duvidado das minhas afirmações, que uma coroa de honra pousa sobre a rainha de Inglaterra; nenhuns amores ocultos, nenhuns amores indignos de uma rainha; mas a cabeça que está embranquecida por longo serviço a um povo amoroso, o nome que é uma palavra familiar, não tem sobre si qualquer mancha. Estes são amigos que, tendo vindo desse mundo inferior mais recentemente do que vós, e que o compreendem, falarão agora.”

Voltei-me para ela e disse: “Minha Senhora...” a sua mão foi levantada com um gesto de impaciência, e ela ditou-me que dissesse “Mui graciosa Rainha” ou “Sua Majestade”.

“Não conheço rainha nenhuma,” disse eu, “vim de um país onde todas as mulheres podem ser rainhas de lares ou rainhas de corações. Não conheço soberano salvo o Deus da Natureza, e perante esse Deus apenas faço a minha vénia. Reconheço o génio em todas as formas; detesto a crueldade em todas as formas. Se a história é verdadeira, preferiria curvar-me perante a minha mãe do que perante mil rainhas como vós.”

“O meu poder foi-se, todo ele se foi,” disse ela, “o passado um sonho odioso, o presente uma realidade temível! Eu, por quem os homens outrora sentiram a vida perdida no meu serviço — bem perdida —, eu, que tinha ao meu dispor os nobres da terra, eu, que tenho sido, e ainda tenho esperado de alguma forma ser governante de novo, abordada por um homem comum desta maneira e comparada à mãe dele de forma depreciativa!

Tenho estado muito apegada às cenas dos meus últimos dias na terra, mas deve ter passado muito tempo desde que compreendi o progresso da minha própria terra. Vim para esta vida louca durante longos anos. Não percebi muito, mas quando acordei, acordei rainha: é verdade que nem sempre é agradável recordar. Eu desfaria, se pudesse, muitos dos pequenos erros do passado, mas seria e serei rainha ainda.”

Hannah More, na sua doce maneira feminina, avançou e disse: “Eu também sou rainha — uma governante para banir o mal e convidar o bem a tomar o seu lugar. Eu também tenho os meus súbditos, mas são aqueles de quem bani as nuvens negras do pecado e do desespero, e elevei-os a uma condição feminina mais nobre. Irmã, deixe-me ajudá-la; demos as mãos e façamos uma revisão do passado.

Estão agora aqui aqueles a quem mais gravemente prejudicou e a quem enviou para fora da vida terrena com os seus pecados negros como a noite. Vá ter com alguns

deles e faça justiça, seja mulher. Reside agora numa esfera onde não compreende nem metade da sua beleza, pela tolerância dos anjos que são demasiado gentis para a ferir. Vá comigo e aprenda o trabalho do Céu: pode estar num inferno muito mais acima do que este se permanecer ociosa e não tentar procurar o Céu."

Margaret Fuller, com voz gentil, pediu-lhe que acedesse a este pedido, dizendo: "Vê que os felizes aqui são os trabalhadores e vós podeis trabalhar também — podeis mudar do antigo para o novo — podeis aprender a ser rainha e governar o vosso próprio egoísmo."

"Obrigada," disse Isabel, "pensarei nisso e tentarei. Obrigada, Príncipe Leopoldo, por me trazer testemunhas sobre o real estado do meu país; pois sempre que a ele regressei, olhei através dos meus velhos olhos e não consegui perceber as suas mudanças. Vou agora dispensar-vos," disse ela, com um aceno de mão.

Ao separar-me dos meus amigos, os meus pensamentos estavam ocupados. Acreditara, ao chegar primeiro a esta vida, que uma pessoa não poderia viver numa esfera a menos que estivesse apta para ela, mas descubro que por vezes não é o caso. Descubro alguns que habitam numa esfera superior à que compreendem totalmente, e outros que, pelo desejo de trabalhar de uma maneira mais tangível pelo bem das vidas em quem estão interessados, passam muitas vezes muito do seu tempo na esfera mais baixa, mesmo que não residam lá. Mas cada dúvida que esclarecemos, cada alma que ajudamos a iluminar, permite-nos melhor ir para aquelas esferas mais elevadas do que as que eu outrora pensava existirem.

Tive a promessa de uma entrevista com Josefina, mas não posso agora dizer em que hora poderá ser concedida. Estas visitas por todo o lado são o meu trabalho atual.

Samuel Bowles

18 de Janeiro de 1885

**Príncipe Leopoldo, o filho mais novo da Rainha Vitória de Inglaterra, que morreu em Cannes, França, a 28 de Março de 1884, aos 31 anos.*

**Hannah More, uma autora inglesa, nascida em 1745, falecida em 1833.*

†Margaret Fuller Ossoli, nascida em Cambridge, Mass., 1810, falecida por naufrágio em Fire Island, ao largo de Long Island, a 16 de Julho de 1850. Casou-se com Ossoli, um nobre romano, em 1847. Foi uma grande académica e filósofa da escola Transcendentalista.

‡Isabel, rainha de Inglaterra de 1558 a 1603 d.C. Filha de Henrique VIII e Ana Bolena. Demonstrou capacidades superiores como governante, mas o seu caráter pessoal era deformado por falhas graves. Era vaidosa e egoísta, e era mais temida do que amada pelos seus assistentes.

**"Maria, a Sanguinária", assim chamada porque perseguiu até à morte os Protestantes. Morreu em 1558 d.C.*

SEXTO DOCUMENTO

COL. E REV. JOHN C. DRAKE, ULTIMAMENTE DE WESTFIELD, NOVA IORQUE —

ELE ENVIA DE VOLTA PALAVRAS FERVOROSAS AO SEU POVO

Devo, sem respeito a país, seita ou ideias, ser fiel à minha missão, pois um verdadeiro jornalista não pode ter uma conceção real do seu trabalho; pode ter um trabalho ideal, mas os seus planos tão bem traçados podem deixá-lo, como o jornalista da vida terrena, desapontado na expectativa. Posso esperar encontrar-me com Josefina, mas posso ficar desapontado. Posso esperar encontrar-me com Júlio César e encontrar apenas John Wesley; e em lugar do que de bom grado daria neste documento, devo descer ao nível dos ensinamentos atuais no vosso mundo real.

No meu desapontamento por não me encontrar com um amigo para me guiar a alguns dos indivíduos que eu decidira entrevistar, encontrei um homem de olhos negros brilhantes, cabelo preto, alguém que, no passado, era bem conhecido, pelo menos era bem conhecido por reputação, para esta médium.

Disse ele: "Reconheço-o, senhor, como alguém que era tido por homem de cultura, um escritor gráfico e alguém que era tão honesto quanto a licença da imprensa o permite. O meu nome é John C. Drake, ultimamente de Westfield, condado de Chautauqua, N.Y. Deixei o balcão sagrado para ajudar a salvar o meu país. Deixei o lar, a esposa, os filhos, o púlpito e as ternas palavras do meu povo que me amava, não para o serviço de capelão, mas para uma oportunidade no mais feroz da luta.

O amor à pátria levou-me a isso; o sentimento da injustiça de uma guerra civil, ocorrendo naquele momento da história da nossa nação, quando a paz deveria ter continuado, fez-me esquecer de mim mesmo e passar para aquele país de que há muito falava, mas de que ainda sabia tão pouco. Oh! quão pouco eu realmente sabia que, ao terminar a vida de um corpo forte, estava voluntariamente a encerrar muito do que poderia ter sido um elemento de bem para os meus e para o mundo.

Devo confessar que agora olho para isso com outros olhos e, conhecendo as carências do meu povo, compreendendo as suas falhas, regozijando-me com as suas virtudes, amando como raramente um homem amou a sua esposa — que foi mãe dos meus filhos e que nada considerava perdido se ela, através do sacrifício ou de qualquer outra virtude, realizasse o trabalho que tornava o meu labor mais fácil. Ela ordenou-me, com verdadeiro heroísmo: 'faz o teu melhor'.

Sou apenas uma futilidade, um dos pequenos que, pelo destino de uma guerra sangrenta, deixou para trás as possibilidades de uma vida na terra. Mas, senhor, ao olhar para trás para a minha missão como mensageiro de Cristo e a minha missão como ajudante na guerra, muitas vezes contrasto as duas e pergunto a mim mesmo qual delas governou: a religião ou a ambição.

Sei que tinha talento para pregar; sentia-o vibrar em cada nervo. Para aqueles que confiavam em mim, os truísmos mais triviais tinham um significado intenso e uma piedade intensa. ‘Salvar almas’ era o meu trabalho: todas as nossas almas precisam de ser salvas, mas muito mais precisam os corpos humanos, e isso obtém-se melhor gerando-os corretamente. Mas, senhor, a minha alma está enojada com a complicação de males a que um desejo de bem conduziu.

Este transformar a religião num ofício, este recrutamento indiscriminado de homens para templos que deveriam ser puros, é muito errado. Estou agora convencido de que, frequentemente, aqueles de pouco entendimento, de menos fervor pela causa, abraçam o ofício da piedade e lucram com isso como nunca apóstolos ou padres lucraram quando a vida do pregador era um constante martírio.

Colocai numa balança o que a nação paga pela sua instrução religiosa e na outra o que recebe em troca, e qual delas fará ‘oscilar o fiel’? Eu tive boas intenções quando na vida terrena. Tentarei ter boas intenções aqui, mas creio ser melhor, ao rever o todo, perguntar que maior paródia da verdadeira religião existe do que parecer ser o que não se é. Melhor a doutrina simples e segura dos Quacres de inexistência de sacerdócio; melhor a loucura sublime das profecias de Irving*; melhor as superstições românicas do celibato e do ascetismo do que o transformar das palavras de Cristo numa companhia comercial pela qual homens ociosos podem distribuir o Pão da Vida, sem consciência ou discernimento; compelindo assim homens honestos a rebaixarem-se ao venderem os seus serviços ministeriais a quem mais der, e muitas vezes não encontrando mercado para os seus talentos.

Não desisto das minhas velhas opiniões pelas quais, algum dia, espero ver a realização de muitas das minhas velhas ideias, as esperanças do passado cumpridas, mas acima de tudo espero que os soldados, tanto de Cristo como da nação, que serviram sob o meu comando, olhem para mim, com aquela caridade ensinada pelo Grande Mestre, como alguém que pretendeu muito melhor do que a sua ação pareceu, e que agora, com poder dado por Deus, trabalhará para sair dos velhos erros e começará a fazer, se não grandes coisas, aquelas que estão mais ao seu alcance e exercerá sobre todos os que me amaram — especialmente sobre todos os que foram na vida terrena um entrave ao meu progresso — a minha mais forte influência para o bem.

O bem e o mal, de mãos dadas, caminham pelo mundo, e mesmo na vida espiritual é o mesmo. Veremos se o bem fará pender a balança ou se o mal ainda manterá o domínio. Sinto-me culpado por tomar tanto do seu valioso tempo, ao lançar qualquer reflexão sobre aqueles que conheceram a minha história, mas digo que nós, espíritos, devemos agarrar todas as oportunidades para provar ao mundo: ‘Se um homem morrer’, viverá de novo.”

Confio que esta digressão não seja um detrimento para esta obra, mas digo-lhe que o rei no seu trono assumido ou o caminhante à beira da estrada têm o mesmo direito à atenção de um repórter que não tem esperança de ganho, mas trabalha, atento a um passado de labor e a um futuro de esperança.

Samuel Bowles

13 de Jan. de 1885

**Edward Irving, um teólogo inglês, nascido em 1792, falecido em 1834. Foi o fundador dos Irvingitas e notável pelas suas profecias sobre a segunda vinda de Jesus Cristo.*

SÉTIMO DOCUMENTO

FLÁVIO JOSEFO, UM HABITANTE DA OITAVA ESFERA — LAMENTA NÃO TER TIDO A VIRTUDE DA MULHER E A HONRA DO HOMEM EM MAIOR ESTIMA QUANDO NA TERRA — REJEITA A IDEIA DE QUE ALGUMA VEZ TENHA EXISTIDO UM DEUS-HOMEM, TAL COMO SE REIVINDICA PARA JESUS

Seria um sério desapontamento para mim se não fosse capaz de trazer vividamente à mente do leitor as cenas e pessoas que estou prestes a descrever. A história do passado parecia-me, quando na vida terrena, mítica, irreal. Eu conseguia imaginar as personagens ideais, mas não conseguia fazê-las parecer reais. Lembro-me agora de que na minha vida terrena pensava que, se após a morte houvesse um reino de consciência onde homens de todos os séculos vivessem, eu aprenderia sobre a existência Real de Confúcio, Josefo e outros líderes e historiadores do passado, e veria se de facto eram homens.

Mas tive de começar nos degraus mais baixos da escada, contentando-me em entrevistar homens da minha própria nação, antes de poder abrir os portais do passado e deleitar-me em entrevistas com aqueles chamados "mortos e desaparecidos" há tanto tempo.

Tinha a promessa de uma entrevista com Josefo* e pretendia obrigar o meu guia a cumprir a sua promessa, mesmo que apenas pudesse ouvir algumas palavras. Desejava ver um homem cujas descrições escritas tinham vivido tanto tempo. "Não posso ir onde ele está?", perguntei ao meu guia. "Não", disse ele, "Josefo encontrar-se-á consigo aqui na quinta esfera, porque poderá compreender melhor as ideias dele do que se estivesse sujeito à mudança pela qual teria de passar ao entrar no lar dele na oitava esfera."

"Porque é que ele não subiu mais alto, já que é um espírito há tanto tempo?", perguntei. Ele respondeu: "Por causa dos entraves do passado, prefere essa esfera. Ele poderia, pelas lições que recebeu e pelas que ensinou, ser admitido muito mais acima, mas ainda ama olhar pela sua raça e, portanto, escolhe a sua localização atual. Ele não dirá muito; é seletivo nas suas palavras; sente tanto quanto dantes o seu poder e gloria-se nele. Vou agora deixá-lo e conduzi-lo até si."

O tempo para nós, momentos e horas, desliza sem ser notado. Não pensamos neles como fazíamos na vida terrena. Lá costumávamos dizer: 'Menos um dia para viver', agora a eternidade está diante de nós. Os ontens parecem os mesmos, salvo quando marcamos no calendário do tempo uma boa ação praticada, uma vitória conquistada sobre o mal: então regozijamo-nos no hoje.

Passavam constantemente pelo retiro sombreado em que eu estava sentado pessoas de todos os climas e estratos. Camponeses, padres e reis olhavam descuidadamente para mim enquanto eu esperava pelo regresso do meu guia. Ele veio finalmente com o homem que vivera na história há mil e oitocentos anos. Tinha uma testa alta, olhos penetrantes, profundos, e usava uma barba comprida.

"Desejava ver-me, senhor," disse ele, "e eu vim até si, compreendendo que tem um canal pelo qual um mundo em que vivi há séculos pode ser alcançado, e que os descendentes do povo com quem vivi quando na terra podem aprender que eu ainda vivo. Quão maravilhoso!"

"Regressa agora à vida terrena?", perguntei.

"Costumava regressar há muito tempo, mas agora os meus interesses são mais elevados. Tenho uma memória do antigo, mas as minhas inclinações mudaram e não me importo de voltar àquele mundo, tão grosseiro; pois mesmo aqui, na quinta esfera, onde para si tudo é beleza, a natureza tem um aspeto de rusticidade e carece da verdadeira essência do refinamento. Queira expor o seu assunto comigo, senhor, pois não posso permanecer muito tempo nesta atmosfera."

"Desejo perguntar-lhe se a sua história foi, tanto quanto se consegue agora lembrar, verdadeira," disse eu.

Ele respondeu: "Foi, senhor, tanto quanto os tempos o permitiram. Não tinha as facilidades atuais para colocar o meu manuscrito em forma perfeita e para distribuição geral, e trabalhei sob grandes dificuldades; havia afirmações nela que, por muito verdadeiras que fossem, desejo agora que sejam riscadas da memória de cada homem e mulher puros. Considerei a virtude da mulher demasiado baixa e a honra do homem como algo a ser comprado ou vendido. Arrependo-me agora de que, em vez de escrever como fiz, não possuísse o espírito para ensinar ao povo que a virtude e a honra eram os únicos baluartes que lhes garantiriam a paz."

"O que tem a dizer sobre a passagem na sua história relativa a Jesus, o Cristo*?", perguntei.

"É falsa, senhor, eu nunca a escrevi," respondeu ele com indignação. Um homem nasceu por essa altura que possuía certos poderes, os quais atuaram sobre as superstições do povo e os fizeram, na sua ignorância, reivindicá-lo como divino. Ele usou muitos nomes diferentes e impôs-se, na minha opinião, a muita gente; mas a história de que nasceu de uma virgem, de que era Deus no homem, de que foi um Salvador para alguém — exceto quando por atos gentis possa ter ajudado um mortal —,

nego-as todas. Não saberia eu, vivendo tão perto dessa era, se tal homem tivesse existido? Sim, decerto saberia.

Jesus Cristo é um mito, senhor, mas o homem que originalmente reivindicou tais poderes durante a minha vida terrena ocupou um lugar humilde na história e foi grandemente incompreendido. É verdade, disseram que assumi o caráter de profeta e predisse quando as guerras terminariam, mas havia mais do que isso. No passado remoto eu era o que chamam um médium, e tinha premonições do futuro. Quem melhor poderia escrever a sua própria história do que eu, que, na forma como o velho mundo conta o tempo, estive isolado três anos num deserto? Eu, que fui um trabalhador no passado, digo agora que lamento a atitude que tomei e, pudesse eu agora refazer esses passos, seria movido por motivos mais puros e melhores. Atropearia toda a ambição que exalasse injustiça contra outros. Estou agora, através de outros, a trabalhar pela minha raça."

O nome de Flávio Josefo deve continuar na história como um grande poder. Ao despedir-me dele, pensei primeiro na dúvida de ter compreendido as suas ideias reais. Duvidei da capacidade do meu guia para me dar as palavras reais que melhor transmitissem o seu significado e temi tê-lo compreendido mal. Entrego-o a vós tão fielmente quanto o pude compreender, e espero que esta tentativa possa abrir mais largamente os portais de comunicação entre os velhos tempos e o presente, e permitir-nos compreender melhor no futuro as palavras daqueles que, há muito tempo, viveram, sofreram e ascenderam mais alto.

S. B.

18 de Jan. de 1885

Perg. — Quem foi o homem em quem a personagem ideal de Jesus se baseou?

Resp. — Josefo não está comigo agora, mas compreendo que a ideia dele é que Apolónio de Tiana figurou depois como Jesus Cristo. Que os bons anjos me perdoem se compreendi mal Josefo. Estou a procurar, a rezar pelo Cristo dos Cristãos — no entanto ele nunca se aproxima e procuro em vão.*

Perg. — Josefo conheceu Apolónio de Tiana?

Resp. — Sim. Houve realmente uma troca de nomes. Apolónio de Tiana e o Jesus ideal eram para Josefo, e para mim como agora o compreendo, um e o mesmo.

Muito do passado deve ser limpo antes que a humanidade tenha uma compreensão total da verdade sobre este assunto. É como tirar um ente querido da memória, como mudar da luz para as trevas, declarar a minha convicção honesta de que o Jesus dos Cristãos é um mito.

Perg. — O que o fez sentir-se desapontado no seu encontro com Josefo?

Resp. — O seu grande Eu e pequeno tu. Ao ir encontrá-lo, perguntei-me se as circunstâncias tinham mudado tais homens ao ponto de os tornar nobres, heroicos,

belos; mas descobri que muitos deles são egoístas, especialmente Josefo: isso entristeceu-me muito.

Perg. — Por que mudança teria de passar para encontrar Josefo na oitava esfera?

Resp. — A mesma mudança que experimentaria se fosse para uma atmosfera totalmente desadequada para si. Respirar quando se sente um grande esforço, existir mesmo por pouco tempo quando a existência parece um fardo, porque o refinamento do ambiente está tão acima da condição atual do seu corpo espiritual, faz com que experimente uma mudança muito desagradável.

**Flávio Josefo, um historiador judeu, nascido em Jerusalém, 37 d.C., falecido em 100 d.C. *"Ora, havia por este tempo Jesus, um homem sábio, se é que é lícito chamar-lhe homem, pois era um fazedor de obras maravilhosas, um mestre de tais que recebiam a verdade com prazer. Atraiu a si tanto muitos dos judeus como muitos gentios. Ele era (o) Cristo, e quando Pilatos, por sugestão dos principais homens entre nós, o condenou à cruz, aqueles que o amaram ao princípio não o abandonaram, pois ele apareceu-lhes vivo de novo no terceiro dia, tal como os divinos profetas tinham predito estas e muitas outras coisas maravilhosas a seu respeito. E a tribo dos Cristãos, assim nomeada por causa dele, não está extinta até ao dia de hoje." Excerto da sua História dos Judeus, Livro 18, capítulo 3, versículo 3.*

**Apolónio de Tiana, um célebre filósofo pitagórico, nascido em Tiana, uma cidade da Capadócia na Ásia Menor, por volta do início da era Cristã. Foi o mais célebre médium da sua época e realizou muitas maravilhas na Síria, Palestina, Egito, Roma e no Oriente.*

OITAVO DOCUMENTO

DANTE, O POETA ITALIANO, RELATA A HISTÓRIA DA SUA VIDA E DO SEU AMOR POR BEATRIZ — NO CÉU ELES ESTÃO UNIDOS NUM LAR FELIZ

Estava prestes a afastar-me, desapontado com a minha entrevista com Josefo, sentindo que, embora tivesse olhado nos olhos de um grande homem e apertado a mão de um grande homem, sabia na realidade muito pouco mais do que antes; quando fui saudado mui gentilmente por um homem que, para minha surpresa, falava a nossa língua fluentemente, embora toda a sua aparência denotasse um estrangeiro.

"Meu amigo," disse ele, "não ignorei a sua missão no mundo espiritual e, por isso, dar-lhe-ei o meu nome, confiando que possa apresentá-lo a alguém que, se não lhe puder dizer nada de novo, pode relatar algo do seu passado, que foi como um sonho atribulado. Sou Guido Novello*, o amigo de Dante Alighieri†, cuja vida foi de poesia e luta."

**Um amigo de Dante que construiu um monumento em Ravena, sob o qual o corpo de Dante foi enterrado. †O ilustre poeta italiano, nascido em 1265, em Florença, e falecido em 1321 em Ravena, Itália. Escreveu "A Vida Nova de Dante" (Vita Nuova), "O Convívio" e "A Divina Comédia", o último, um dos grandes poemas do mundo, ombreando com a Ilíada de Homero e o Paraíso Perdido de Milton.*

"Eu era sobrinho de Francesca, cujos sonhos apaixonados e morte cruel foram imortalizados por Dante. Estive perto dele quando a morte lhe selou os olhos, no palácio de Ravena, e vagueei pelas florestas profundas, já sombrias quando o sol italiano cessara de brilhar, e imaginei, rezei e esperei que aquele que pudera escrever poemas tão incomparáveis habitasse agora onde houvesse sempre luz solar para a alma. Terei de falar por ele, se o trouxer até si; pois, enquanto eu tentei aperfeiçoar-me em diferentes línguas aqui, ele entregou toda a sua alma à poesia e procura uma oportunidade para controlar algum médium terreno e enviar de volta alguns dos seus poemas, na sua própria língua. Ele diz que não ficará satisfeito enquanto não começar onde parou, e deixa que a força dos seus pensamentos cresça e emane doce música, mesmo nas esferas mais elevadas que possa atingir."

Tive então o prazer, após Guido se ter ausentado por alguns momentos, de ser apresentado ao imortal Dante. Não desperdiçarei palavras em retratos escritos. A história terrena de Dante é conhecida pela maioria das pessoas de cultura, mas ver o poeta ainda poeta, saber que ele, através de todos os séculos, preservou o seu amor pela descrição poética, intrigou-me (contudo, quando penso nisso, quando deixará Samuel Bowles de ser um repórter?).

"Qual foi o seu início no mundo poético, como um dos seus trabalhadores?"

"O amor deu-lhe início," disse ele. "Amor pela minha mãe, cujo nome era Bella, amor por Beatriz, quando eu tinha quase nove anos, um amor que era puramente platónico, pois circunstâncias cruéis compeliram-nos a separar-nos. Deixado órfão de pai em tenra idade, o meu amor centrou-se no género feminino e desenvolveu na minha natureza mais do poético do que teria resultado se eu tivesse sido um grande académico. Embora mais tarde me tenha tornado um guerreiro e lutado nas batalhas de Campaldino, embora tenha ajudado a negociar com soberanias estrangeiras em nome da República de Florença, não gostaria de admitir que a política formou a parte principal da minha carreira pública.

Enfastiado com a guerra e as suas consequências, voltei-me para a vida mais pacífica do poeta e, contudo, enquanto escrevia o *Inferno**, parecia que eu estava em guerra com os elementos do mal. Esperava emanar, de forma rudimentar, uma lição para o povo, espezinhado e angustiado. Eu pertencia ao ramo branco dos Guelfos† e tentei promover os seus interesses. Fui elevado a alta dignidade no governo florentino. Tentei destilar nos meus poemas a quintessência do sentimento elevado. Estou contente com a sátira que lancei aos meus inimigos políticos, e ainda assim, pudesse eu ter-me mantido na poesia em vez da política, não teria tido os desapontamentos que me assolaram.

Quando escrevi a minha *Divina Comédia*, fui inspirado, fui ajudado. O bardo latino, avisado pela minha Beatriz ressuscitada, estava sempre perto de mim. Quem poderia pintar o inferno melhor do que alguém que bem conhecia o inferno, quem poderia retratar o céu melhor do que alguém que vivia no céu? Rio-me agora das minhas velhas ideias sobre o purgatório, e ainda assim chamo-lhes perfeitas quando comparadas com as ideias atuais daquele mundo inferior, onde um pratica o pecado e o outro suporta o sofrimento. Os meus 'terraços' na minha *Comédia* estão muito mais de acordo com a razão do que passar de um salto do pecado mais vil para a pureza absoluta."

"Ao visitar a terra, onde gosta mais de estar?"

"Sobre a minha amada Florença, o lugar do meu nascimento; sobre Ravena, a cena da minha morte; sobre a 'rocha de Dante'* junto ao calmo Adriático. Também sinto prazer em rever o que se pensa de Goethe, que criticou o trabalho da minha vida com tão aguda sátira. O meu trabalho lá parece-me agora um brinquedo; a minha poesia apenas o pensamento débil de um cérebro insignificante, comparado com o que sou agora e o que pretendo ser. Historiadores escreveram sobre mim, mas quem está tão apto para escrever a história de uma vida como aquele que viveu essa vida. Agradeço-lhe pela sua paciência em obter de segunda mão aquilo que de pouco poderá servir, mas, senhor, saúdo-o como um prenúncio de luz, pois se o senhor pode comunicar com as pessoas da terra, por que não poderei eu?"

Estarei eu num sonho, um sonho acordado, ou terei realmente conversado com aquele cuja vida começou em 1265?

Samuel Bowles

16 de Jan. de 1885

Perg. — Estão Dante e Beatriz agora unidos na vida espiritual?

Resp. — Beatriz escreverá a sua história. Desapontada na vida, o céu encheu o cálice da bem-aventurança e trouxe-a para perto dele. Nenhuma união terrena poderia ter trazido uma felicidade como esta. Ela está com ele agora, e a sua vida é plena de utilidade, porque ela é verdadeira. Ela relatará a sua história no próximo documento.

S. B.

Perg. — O senhor diz: 'O bardo latino, avisado pela minha Beatriz, estava sempre perto de mim quando escrevi a minha Divina Comédia'. Qual era o nome dele?

Resp. — Virgílio e eu somos amigos; que melhor amigo poderia alguém querer?

Perg. — O que está Dante a fazer agora?

Resp. — 'O que está Dante a fazer agora?' O que deveria um poeta fazer senão viver uma vida que é, ela própria, um poema! Vendo quão longe a sua vida real ficou do ideal, sabendo quão grande é o poder das palavras, ele situa-se entre os dois mundos, com coisas não escritas na sua mente, e anseia por uma oportunidade de retratar aos

filhos da terra a história do Agora. Glorio-me no seu poder e naquele tempo que virá em que ele escreverá um poema espiritual que será uma grande ajuda na conquista do mal e dará um forte impulso para o bem. O seu Inferno é apenas um brinquedo ao lado do que agora existe na sua mente. Que tudo o que é bom abençoe Dante.

**Uma parte da Divina Comédia. †Um partido político do seu tempo em Florença. *Duino, também chamada Tybeln ou Tybaln (antigo Castellum Pucinum?), uma cidade portuária do governo austríaco, a 13 milhas de comboio a N.O. de Trieste, na costa norte do Golfo de Veneza. A rocha ainda é assinalada, sob cuja sombra Dante costumava sentar-se. Fica (em Duino) nas margens do Adriático, perto do pitoresco castelo de Tolmino, no Friul, uma província da Itália situada na extremidade norte do Golfo de Veneza (Adriático).*

NONO DOCUMENTO

JOSEFINA, HORTÊNSIA, ETC. — MEMÓRIAS AMARGAS AINDA SE AGARRAM A JOSEFINA E FAZEM-NA VIVER À PARTE DE NAPOLEÃO E BEAUHARNAIS. — ELA ESTÁ A TRABALHAR PELAS MULHERES DE FRANÇA

Há muito conforto a obter ao provar que as memórias da história do passado são verdadeiras. Com as mesmas incertezas que acompanham a minha atual vida de repórter que me encontraram na vida terrena, posso partir para procurar um Par do velho mundo, esperando aprender com ele e encontrar o nosso honesto trabalhador, Horace Greeley, [trecho em falta no original ou erro de fluxo] em que os meus filhos tiveram de partilhar, aprendendo na escola amarga da pobreza lições que poucos camponeses acharam mais severas; a minha viuvez, tornada ainda mais amarga quando, com mãos despreparadas, tive de entrar no tipo mais árduo de trabalho; a minha ansiedade em ver os meus filhos ocuparem a sua posição de direito; a frouxidão do sistema educativo francês, que me deixou mais ignorante do que muitas raparigas de escolas rurais hoje em dia; a luta pelo pão; o meu sonho de grandeza parcialmente realizado quando me uni em casamento com Napoleão; a glória dos dias em que a coroa foi colocada na minha fronte; o casamento de Hortênsia* com uma cabeça coroada, passando da pobreza abjeta para o luxo e influência da riqueza e do poder supremo; a mudança desgastante porque a maternidade não voltou a mim; ser expulsa do coração e do lar de Napoleão; o meu nome, oh horror!, degradado por um divórcio público; os dias em que fui pior do

que viúva e as noites tornadas medonhas com memórias felizes, cuja repetição nunca poderia voltar a acontecer para mim; tudo isto combinado fez-me viver à parte do homem e desejar não casar mais.

Não foi isso suficiente para tornar uma eternidade quase desejável sem a presença do homem, como nos velhos tempos, no coração ou no lar? Respeito e honro tudo o que é bom e verdadeiro, mas a vida amorosa é uma coisa do passado para mim."

"Não pensa que seria mais feliz se tivesse a sua vida preenchida com um amor de lar que muitos parecem desfrutar tão intensamente como nos velhos tempos?", perguntei.

"Oh, não, o meu trabalho é de outro género, e estou agora a residir por escolha onde posso olhar pela minha amada França e esforçar-me por alcançar para as suas mulheres o que lhes foi recusado nos velhos tempos. Quisera eu poder entrar nos corações humanos e ensinar-lhes uma lição sobre os desapontamentos da vida conjugal, e mostrar aos pais que os seus filhos não devem ser trocados nestes casamentos de conveniência. É um trabalho muito ímpio. Se alguma vez chegar um tempo em que uma mulher possa ser uma lei para si própria e deixar o seu coração falar, e o homem com quem casar ser verdadeiro porque a ama; nunca deixando que a ambição a prive do seu reinado no coração dele, ficarei satisfeita. Mas temo que esteja longe o tempo em que as mulheres do meu país tenham sequer a liberdade daquela parte da América onde o senhor era cidadão.

Não me interprete mal, glorio-me na grandeza de Bonaparte; senti essa queda da grandeza de um guerreiro para o exílio solitário em Santa Helena, a sua vida agitada, a sua morte solitária, muito intensamente; mas, fosse ele duas vezes rei agora, eu não poderia esquecer; o perdão foi concedido há muito tempo: estou contente com os meus filhos, que ainda são meus. Hortênsia está muito comigo, o meu rapaz um homem de quem me orgulho; o meu cálice está de facto cheio de felicidade sem viver de novo o passado, que se revelou como as maçãs de Sodoma, transformando-se em cinzas nos lábios."

O rosto gentil da sua filha rainha entristeceu-se por um momento, mas iluminou-se quando disse: "Vê que esta vida tem as características da vida antiga; a perseverança da minha mãe no passado ainda se agarra a ela como uma veste e ela manterá agora a sua opinião de que a sua forma de viver e as suas ideias de lar estão certas; bem, se estão certas para ela, ninguém mais se deve queixar."

Ao afastar-me, senti-me melhor por ter visto esta heroína do passado, cuja vida de sofrimento deixara a sua marca na sua alma nobre e a fizera sentir que tinha uma missão para as mulheres sofredoras da vida terrena.

Samuel Bowles

14 de Jan. de 1885

**Em 1802, Hortênsia casou com Luís Bonaparte, mais tarde Rei da Holanda. O seu terceiro filho foi Napoleão III.*

DÉCIMO DOCUMENTO

CONSTANTINO, O GRANDE — O SEU LENTO PROGRESSO NA VIDA ESPIRITUAL DEVIDO AOS CRIMES TERRÍVEIS COMETIDOS POR ELE NA VIDA TERRENA

Onde poderei eu ter a próxima base na história do "Agora" é a minha pergunta ao iniciar a minha tarefa autoimposta; e ela leva-me a alguém que ocupou um lugar proeminente na história do velho mundo. Teria sido Constantino* um mito? Não, uma realidade viva. Descobri, com a ajuda do meu fiel guia, que poderia aprender algo de um homem que o mundo honrou e, no entanto, não compreendeu. Procurei uma entrevista com esta grande personagem. A minha visita foi concedida, pois esta vida, em certa medida, despojou-se dos falsos ambientes da antiga. Esperava encontrar um grande homem; encontrei apenas uma alma, vestida como melhor conviria a um homem que deixara as suas vitórias humanas com o passado e se apresentava diante de mim como um irmão.

Quase não sabendo como dirigir-me a tão distinta pessoa, mas relutante em humilhar o meu orgulho americano, pedi-lhe que me desse algum esboço da sua vida no mundo espiritual, onde pudesse ser conhecido como um homem, não como um imperador, não como alguém que governa, mas como alguém que deve obedecer, através das forças que a Natureza aplica aos seus súbditos.

Disse ele: "Os homens chamavam-me eloquente e sagaz. Eles concederam-me louvor humano, mas insultos foram oferecidos às minhas estátuas e a ignomínia foi a minha recompensa, porque o homem deve viver uma vida dupla. Mas Ósio, que esteve em Niceia*† e me ajudou muito, concordará comigo que os meus motivos, tal como eu compreendia então o meu dever, eram puros. Eu ratifiquei um 'Credo'. Desejo agora que os credos pudessem ser lançados fora e que todos fossem fiéis a si mesmos.

Vejo agora que os concílios são uma farsa e o zelo de Eusébio uma força desperdiçada, que nem principados nem poderes podem mudar um homem. Procuraria incutir na vida terrena a ideia de sermos conquistadores e imperadores de nós próprios, em vez de exigir a homenagem de milhões. De que vale ser grande pelo curto período da vida humana? Quanto pecado eu apoiei sem pretender; com que orgulho olhei para aqueles que me obedeciam? Embora não me tenha reportado como presente no conselho de espíritos sobre Niceia, recentemente realizado, eu estava lá. Que maior motivo pode ter alguém, que viu a ascensão e queda das nações, do que continuar a vigiar o seu progresso e ajudar a trazer de volta à vida terrena uma educação que tornará homens e mulheres verdadeiramente grandes porque são bons. Vidas equivocadas, o produto de uma educação falsa, encontraram-me em cada estação na minha jornada eterna. Embora

me tenham chamado grande, considerarei esse um título justo se eu puder lançar fora a superstição e ser um ajudante para todos os que queiram governar-se a si mesmos."

"Deixou então para trás todo o orgulho de natureza ou de poder, e está disposto a trabalhar por uma causa comum e um povo comum?", perguntei.

"Não estou inteiramente preparado para admitir isso," disse ele, demorando-se perto de mim; "o meu orgulho é uma parte de mim e preferiria que o meu povo prosperasse e eu o soubesse do que o de uma nação para mim desconhecida."

"Está satisfeito por ser chamado grande: isso enche o cálice da felicidade?"

"Não."

**Constantino, o Grande, o primeiro imperador cristão de Roma, nascido em 272 (alguns dizem 274) d.C. Ele mandou matar o seu filho Crispo, também o seu sobrinho Licínio e vários dos seus cortesãos. Diz-se que sufocou a sua esposa, Fausta, num banho quente. Condenou à morte o pai da sua esposa, Maximiano, mas este último suicidou-se para evitar a execução da sentença. Constantino morreu em 337 d.C.*

**Niceia (atual Isnik), uma cidade antiga na Bitínia, na Ásia Menor, situada na margem leste do Lago Ascânio: 44 milhas a sudeste de Constantinopla. Este foi o cenário do "Concílio de Niceiaia", realizado em 325 d.C.*

†Ósio era Bispo de Córdova e um dos principais participantes no Concílio de Niceiaia, em que Constantino tomou parte ativa. O credo de Niceiaia foi aqui ratificado por Constantino.

"Ser grande em ações e não em palavras, escrever o meu autógrafo em tudo o que é nobre, ajudar os que já nasceram e preparar o caminho para os que hão de nascer, vigiar a alma humana desde a sua primeira conceção de pensamento e, com as minhas ideias atuais, moldar algumas vidas — eis o meu trabalho agora. Ter ganho o aplauso do mundo não é nada; saber que a eternidade guarda nas suas mãos muito para mim tem sido o ímpeto que me ajudou a esquecer Constantino, o Grande, e a tentar ser Constantino, o Verdadeiro."

Deixei-o com estas palavras imperfeitas gravadas no meu cérebro, mas pronto para enviar de volta o meu telegrama de que outra alma começara a encontrar uma verdadeira fonte de felicidade ao salvar almas semelhantes.

S. Bowles

17 de Jan. de 1885

Devo dizer mais sobre o estado de um espírito que, de forma tão voluntária e vingativa, sufocaria com água a ferver a sua esposa e mãe dos seus filhos, como Constantino fez; tal espírito cresce muito lentamente na vida espiritual. Como se pode esperar um grande crescimento quando a sua vida terrena foi manchada por tal catálogo de crimes? Poderá o pai da esposa de Constantino esquecer que aquele a quem fora confiada a guarda da felicidade de uma filha e a moldagem e partilha de uma vida de

mulher foi tão desalmado que, uma vez colocados os pés num alicerce de grandeza construído sobre o poder, usou esse poder para matar os seus e depois esperar uma coroa na vida seguinte?

O que é a grandeza a tal sacrifício? O que é o poder se ele compele as pulsações quentes da vida humana a experimentar aquele choque terrível que deve advir a todos os que são prematuramente forçados para a vida espiritual? Quem pode retratar o que deve ser a vida de um homem que se gloria na grandeza terrena e foi o mais injusto consigo próprio, porque falhou em ver a sacralidade da vida humana?

Sinto agora quase uma piedade infinita pela grandeza equivocada. Vendo os seus frutos na vida espiritual, vendo os desapontamentos esmagadores daqueles que acreditaram que governariam na vida espiritual como haviam governado na vida terrena, não posso aplicar outro sentimento senão piedade a tais almas enganadas. Um homem que pôde escaldar a esposa até à morte, forçar o pai da sua esposa ao suicídio, decapitar o próprio filho e assassinar os seus sobrinhos, pode ter pouca esperança de muito alívio por eras vindouras.

O Céu, como país, nas suas diferentes esferas, tem cenários naturais magníficos e habitantes adoráveis para fazer sobressair o melhor, o maior e o mais puro dos sentimentos humanos e das verdades imortais, para transformar o pecador em alguém arrependido e fazer desta vida a vida ideal, aquela que deveriam esperar os que desejariam ter a bondade e a grandeza combinadas. Mas a duração do tempo necessária para apagar os efeitos de até um único ato criminoso de um chamado grande homem mal pode ser somada na minha conceção.

Acautelai-vos, filhos da terra, pois a estrutura que edificais pode mudar de uma de beleza aparente para uma em que cada degrau possa sussurrar arrependimento eterno. Não pode haver grandeza que culmine em atos ímpios, nem bondade que não tenha um incentivo interior para elevar os outros à medida que nós próprios somos elevados.

Samuel Bowles

17 de Jan. de 1885.

DÉCIMO PRIMEIRO DOCUMENTO

MARIA ANTONIETA — ELA AINDA EXALA VINGANÇA PELOS SEUS AGRAVOS

Com prazer inspiro a mão da minha médium para escrever para o vosso mundo um relato de uma entrevista com Maria Antonieta*. Todas as explicações são supérfluas, pois o mundo há muito sabe que tal mulher viveu e desfrutou ao máximo os encantos da vida, passando depois para a vida espiritual, verde, porque ceifada no seu auge; uma mulher fada a ser mártir através de uma opinião injusta e ciumenta do Tribunal Revolucionário.

Ao ser-lhe apresentado, fiquei desapontado com a sua aparência pessoal. Esperava ver beleza de forma e feição, mas vi uma mulher que, se despojada da sua posição, seria bastante comum. Lábios grossos e maçãs do rosto salientes foram sempre para mim uma combinação desagradável. Não pude aproximar-me dela como fizera com outras pessoas notáveis, pois ela parecia esperar uma homenagem que eu não lhe podia prestar, só porque sofrera uma morte ignominiosa. Olhei para ela como uma mulher que poderia ter tido uma morte natural, não fosse o falso ensino do tempo, e ter sido uma trabalhadora numa grande causa. Esta mulher, que conhecera tanto da conquista, que sofrera uma morte das mais ignominiosas, apresentava-se diante de mim, apesar das lições de mais de cem anos de vida espiritual, vingativa ainda.

"Não pode esquecer e perdoar como outros fizeram?", perguntei. "Tenho encontrado aqueles que sofreram igualmente consigo na vida terrena e que estão dispostos a enterrar o passado e viver no presente."

"O senhor engana-se a meu respeito, senhor, se pensa que tal fraqueza poderia existir por um momento em mim! Não posso esquecer e não vou perdoar. Pense nos meus quatro filhos, sabendo que a sua mãe estava condenada; pense nos amigos amorosos que tinham estado sempre perto de mim, e depois finalmente veja-os assinar a sentença de morte que me forçou prematuramente para fora da vida terrena. Sou vingativa; tudo o que eu puder fazer para acrescentar sofrimento aos descendentes daqueles que me causaram sofrimento, regozijo-me em fazê-lo.

Não tenho vergonha de dizer que planeio sofrimento para eles. Não sou boa, eu sei; mas fui uma esposa amorosa e uma mãe amorosa. Não deve esperar qualquer mudança na disposição das pessoas aqui. A injustiça grosseira cauterizou o meu coração; trabalharei pelo bem do meu país, mas nunca esquecerei os agravos desse país para comigo. Esperança vã de uma vida inteira se nos ensina que podemos mudar inteiramente. Fui forçada a ir para a guilhotina; fui sacrificada, não no espírito de Lady Jane Grey, por um trabalho ideal. Embora esta vida me tenha ensinado muito, não me ensinou a curvar-me em submissão ao poder mortal que me roubou a maior glória da vida: uma velhice feliz. Despeço-me do senhor.

Os seus motivos são bons, mas se esperava de mim palavras de perdão para aqueles que me enviaram para aqui e me roubaram a maior coroa de uma mulher — as melhores condições para moldar a vida dos seus filhos —, está enganado; pois não tenho perdão para oferecer, e sofrerei até que alguma influência venha sobre mim que possa mudar o meu espírito vindicativo para um de perdão. Que recompensa pode o senhor ou outros oferecer pela minha vida arruinada, e pelas dos meus filhos, tornadas desoladas devido aos agravos da sua mãe?"

Estranho problema, pensei ao deixá-la — ainda procurando esferas inferiores para que possa visitar sobre os da vida terrena, até à quarta geração, amargos indícios da sua grande agonia. Estou desapontado com a mulher, e ainda assim não a culpo, pois como podemos culpar outro quando enfrentamos o facto de que os nossos maiores inimigos são aqueles que estão dentro de nós. Quisera eu poder enviar palavras aos que amo,

palavras escritas em letras de ouro: sede fiéis a vós próprios, lentos a julgar, regozijando-vos no que é justo, e sede sempre fiéis ao mestre mais seguro do vosso próprio coração. Poupar-se-ia quase uma eternidade de vingança e sofrimento se se pudesse viver no que é justo, batalhando sempre contra o que é errado.

Samuel Bowles

18 de Jan. de 1885

**Maria Antonieta, filha de Maria Teresa e Francisco I da Áustria, nascida em Viena a 2 de Nov. de 1755, e casada em Versalhes, França, a 15 de Maio de 1770, com o delfim (mais tarde Luís XVI), de quem teve quatro filhos. Foi decapitada em Paris a 16 de Out. de 1793. Na sua infância e juventude, a sua leviandade e capricho impulsivo estavam singularmente misturados com inocência, virtude e propósitos elevados."*

DÉCIMO SEGUNDO DOCUMENTO

LADY JANE GREY — O SEU BELO ESPÍRITO DE PERDÃO

Com todo o fervor que alguém que ascendeu a esferas celestiais pode trazer, venho até vós hoje, esperando que os fardos da vida sejam mais leves se eu puder expressar-vos as minhas emoções ao estar na presença de Lady Jane Grey*: tal contraste com Maria Antonieta. Um sentimento de insignificância sobreveio-me ao entrevistar esta mulher de há muito tempo. Bela em disposição, grandiosa em pensamento, sempre pronta a ser aquela a ser sacrificada para que outros possam escapar a um sacrifício, ela é para mim a personificação do divino dentro do humano.

Ela, que deu a sua vida por algo que não procurou; ela, que se manteve firme quando a malícia humana a tornou uma mártir, um alvo para os viciosos e um baluarte de segurança para os bons; ela, a quem chegou a beleza de uma vida nobre, tornada mais adorável por uma morte violenta e imerecida — ela, a grandiosa mulher da história, estava diante de mim.

Não daria título a quem não fosse digno. Encontro muitas mulheres no meu próprio país tão heroínas como ela, mas porque ela sofreu pelos agravos de uma nação, coroo-a de mui bom grado rainha das mulheres. Ela apresenta-se diante de mim na sua beleza feminina, uma heroína cuja história deveria comover o mundo. Fala-me de esperanças arruinadas, de esforços para o bem realizados. Diz que a sua vida terrena, embora levada a um fim prematuro, será ainda reconhecida como uma vida de utilidade. Fala daquilo que a história não reconheceu, em lares tornados tristes pelos agravos infligidos pelo espírito partidário, de uma vida arruinada e terminada pela vingança daqueles que eram os menos capazes de julgamento.

Esta bela mulher colocou a mão numa garganta que apenas mãos justas deveriam cingir, e falou-me do seu sofrimento e da sua morte ignominiosa. Olhando para olhos há

muito chamados os mais belos, imaginando o resultado de uma vida tornada grandiosa porque era tão nobre, eu disse: "Dir-me-á qual é agora a maior ambição da sua vida?"

Ela respondeu: "É que eu possa perdoar, que eu possa, com a bondade de um anjo, esquecer e perdoar as crueldades do passado. Oh, quão lenta eu seria a julgar os exaustos da vida terrena, já que percorri a mesma estrada! Conhecendo os caminhos sombrios, a injustiça da vida terrena, eu, ao contrário de algumas outras, envidarei todos os esforços para fazer do meu futuro um sucesso e do meu passado algo profundamente compreendido."

"Não sente qualquer vingança agora?"

"Não," disse ela, "não tenho espaço para isso. Vejo que o Céu está cheio de dor inútil e, portanto, olhando da minha esfera de vida, conhecendo os meus deveres como mulher, não posso entrar em qualquer sentimento vingativo, mas posso dizer: 'Tudo está bem'. O passado ergue-se diante de mim com os seus belos sonhos, nunca realizados; o presente, um mundo de trabalho, no qual posso alcançar os meus.

Aqueles que mais amo estão comigo; os que eu tendia a odiar estão noutra esfera, à parte de mim; contudo, tenho conhecimento dos seus problemas em certa medida, mas não tenho desejo de me regozijar com eles. A minha vingança é esta: pelo erro cruel do machado do carrasco, elevar a feminilidade oprimida, lembrar que a vida terrena é apenas um passo na grande eternidade. Sede bondosos, sede verdadeiros, sabei que cada vereda é uma que vos conduz mais alto, mais perto do que é Justo e de Deus. Entendo por Deus aquilo que nos ensina lições através da flor e da árvore e alegra toda a Natureza. Meu amigo, adeus."

Ao contrário da minha entrevista com Maria Antonieta, tão cheia de falta de perdão, encontrei esta mulher radiante de esperança, amor e perdão. O amor da mulher é infinito, a sua beleza mais do coração do que da face, a sua vida um problema que apenas os anjos podem resolver. Lady Jane Grey eleva das trevas para a luz. Oh, mundo! tão frio, lembra-te do que é ser uma verdadeira mulher.

S. Bowles

**Lady Jane Grey, neta de Henrique VIII, nascida em Inglaterra em 1537. Aos 16 anos de idade adquirira um bom conhecimento das línguas grega, latina, francesa e italiana, e fizera tal progresso nas línguas orientais que era considerada um prodígio de erudição, enquanto a sua piedade e excelência de disposição eram igualmente notáveis. Eduardo VI, persuadido pelo pai e pelo sogro de Lady Jane, pusera de parte as reivindicações das suas irmãs e declarara Lady Jane sua sucessora. Ela consentiu mui relutantemente e foi proclamada Rainha de Inglaterra a 10 de Julho de 1553. Dez dias mais tarde, Maria foi proclamada rainha e Lady Jane e o seu marido foram confinados na Torre. Foi decapitada a 12 de Fev. de 1554.*

DÉCIMO TERCEIRO DOCUMENTO

GEN. GEORGE WASHINGTON E GEN. CHARLES LEE.

Quem verei esta manhã?, disse eu, enquanto passeava sob o brilho de um novo dia na vida espiritual. Que novas lições posso dar aos que estão na vida terrena? Existir é um luxo, e sentir que nessa existência há um trabalho a ser feito, que despertará outros para uma compreensão de si mesmos, é verdadeiramente grandioso. O dinheiro na antiga vida era um poderoso incentivo para a realização do melhor trabalho. Aqui, a única recompensa é uma consciência satisfeita.

Fui sobressaltado ao ser abordado por George Washington*; nenhuns prefixos podem tornar o seu nome mais querido, nem nada pode ser retirado da história deste homem em quem os anjos se gloriam e que sente mui intensamente o valor de uma liderança que trouxe a salvação à nossa nação. Ao seu lado, ereto e orgulhoso da sua intimidade com Washington, estava o Gen. Charles Lee†. O nome de Washington é familiar a todos, mas Lee, para mim, era como evocar algum quadro de há muito tempo. Contudo, enquanto ele estava ao lado do nosso amigo e irmão, parecia uma memória adequada do passado, e eu quisera que todos os filhos e filhas da nossa nação os pudessem ver juntos.

Não consigo sentir, como alguns se expressam, o desejo de olhar de cima para alguém em qualquer esfera de vida. Admiro a bondade, mas ainda assim penso que ninguém faz mais do que o seu dever ao usar os talentos que lhe foram dados. Criaturas das circunstâncias como somos, não podemos julgar. Fiquei contente por ter uma entrevista pessoal com Washington, pois ele fora sempre o herói ideal da minha vida.

"Quais são os seus pensamentos agora?", disse eu, enquanto ele me estendia a mão.

Ele respondeu: "Os meus pensamentos, a minha ambição, podem ser todos resumidos nestas palavras: 'O futuro da América'. Conheço as suas necessidades, conheço as suas lutas e estou ciente dos seus perigos. Vejo uma nuvem ameaçadora pairar sobre ela. Vejo o poder que o Catolicismo está a ganhar, um poder que, se não for travado, será extremamente desastroso. Meu caro senhor, veja-o por si mesmo; veja o boletim de voto, gradualmente através da força dos números, ceder ao poder Católico. Veja os passos cautelosos mas seguros dados para assegurar a apropriação de dinheiros públicos para o uso do seu sacerdócio."

**George Washington, o líder da Revolução Americana e primeiro presidente dos Estados Unidos, nasceu na Virgínia em 1732 e morreu em Mount Vernon, Va., em 1799. A sua vida e feitos são conhecidos e admirados por quase todo o globo.*

†O Gen. Charles Lee nasceu em Inglaterra em 1731. Veio para a América em 1773 e tornou-se um fervoroso Whig. Na batalha de Monmouth, a sua insubordinação quase fez perder o dia. Foi julgado em conselho de guerra e suspenso do comando. Morreu enquanto visitava Filadélfia em 1782.

"Eles ainda não o conseguiram, mas receio que o consigam. Coloquem a lista de eleitores irlandeses ao lado da lista americana e parece que os primeiros estão a ganhar terreno rapidamente."

"Qual é o seu desejo especial agora?", disse eu, enquanto ele estava prestes a descer o caminho, bordado por flores cuja fragrância flutuava para longe no ar suave, levando uma doçura repousante aos tristes e aos felizes.

"Vivo para o meu país; os sacrifícios do passado apenas me tornaram mais ansioso por fazer sacrifícios agora. Dei as mãos a Lincoln, Garfield e outros mártires pelo nosso país e, hoje, agradeço ao espírito de todo o Bem, pois fomos capazes de afastar uma nuvem de guerra que ameaçou e está agora a ameaçar a nação, que ainda amamos tão fortemente. O poder dos números, o boletim de voto entregue aos mais incultos — aqueles que podem ser comprados por um copo de uísque — e a exclusão da feminilidade pura, nobre e cultivada, são erros que podem levar a nossa nação à beira da ruína."

"Não mudou as suas ideias sobre o tema do sufrágio feminino?"

"Sim, mudei as minhas opiniões e agora todos os meus esforços fervorosos serão exercidos para reter o voto daqueles que não compreendem o seu valor, até que tenham adquirido educação suficiente para o usar devidamente, e até que as portas se abram de par em par para a entrada de mulheres instruídas na urna eleitoral."

"Gen. Lee," perguntei, "o que tem a dizer do seu passado, presente e futuro?"

"Pouco," disse ele, enquanto tomava gentilmente a minha mão. "Regressei então à minha casa de campo e vivi uma vida de descanso até que, num dia fatal, uma dor severa no meu lado encerrou a minha carreira terrena. A dor foi breve, mas amarga, e penso nela como se pensa em tudo o que foi mais terrível no passado. O primeiro nascimento ocorre quando a mãe sofre; o segundo, quando sofremos nós próprios. Amo o meu irmão aqui, porque em todos os anos que o conheço ele tem sido um homem verdadeiro. Amo-o como homem, não como herói ou conquistador, e ambos lhe agradecemos por enviar de volta à vida terrena o conhecimento de que ainda vivemos. Bom dia."

Perg. — Que nuvem de guerra paira agora sobre a nossa nação?

Resp. — A nuvem que o Catolicismo está diariamente a tornar maior pelo aumento de números. O aumento de números, combinado com a política e uma ambição de governar, irá, se não for travado, provocar uma guerra religiosa mais ímpia do que qualquer uma do passado, porque a educação deveria ter tido mais influência entre o povo.

Perg. — O que pensa Washington agora da conduta de Charles Lee na batalha de Monmouth e da subsequente punição dada a Lee?

Resp. — Ele vê agora que Lee sofreu, em certa medida, justamente; mas olhando deste ponto de vista, ele sabe que Lee, embora muitas vezes equivocado, era um homem

verdadeiro, que tinha boas intenções. A influência de Sir Arthur Lee ajudou muito nesta vida a trazer um melhor entendimento entre os dois homens.*

**Arthur Lee nasceu na Virgínia em 1740; foi enviado como comissário do Congresso Continental para Londres, Paris, Madrid e Berlim. Era um homem honesto e decidido. Morreu em 1792.*

DÉCIMO QUARTO DOCUMENTO

THOMAS JEFFERSON — FRANCIS FAUQUIER — WILLIAM SMALL

Eu esperava encontrar algumas das pessoas que foram proeminentes na história antiga nesta entrevista, mas descobri que não conseguia entrar em condições de as ver. Encontrei, portanto, Thomas Jefferson*, os seus amigos Francis Fauquier† e William Small‡. Quando estenderam mãos gentis para me saudar, fiquei contente por ser impressionado com a realidade destes homens da história. Embora Thomas Jefferson tivesse sido outrora presidente do nosso país, pouco me importava a entrevista, exceto para aprender como os homens cresciam.

O cargo mais alto desta nação não poderia torná-lo menos homem, pois ele tinha os verdadeiros elementos da masculinidade na sua natureza. "Qual é agora a sua principal ambição e a dos seus dois amigos?", disse eu, enquanto olhava para o seu rosto risonho; ele parecia um velho amigo.

"Estamos a trabalhar pela pureza na política," disse ele, "e a esperar por ela, mas é um caminho sempre a subir. O contraste entre a voz do povo nos velhos tempos e agora é tão grande que me volto com indizível tristeza do Hoje para os Ontens. Vejo o egoísmo intenso do presente que coloca perante o povo candidatos grosseiros e corruptos, desde que possam trazer sucesso ao partido. Estes meus amigos corroborarão o que digo: quando fui presidente, estava mais orgulhoso do bem que podia fazer do que do poder que podia exercer."

"Isso é verdade," disse o Dr. Small. "Tenho observado a sua vida terrena e a sua vida espiritual e sei que o auge da sua ambição é ser bom em vez de ser grande."

Não foi lisonja vã que motivou estas palavras, mas o sentimento amoroso de um irmão.

"Qual é a sua missão agora?"

"Repito uma e outra vez: tornar o meu amado país um que viva na história, preeminente pela sua limpeza moral e pelo grande bem que fez a outros países, em vez de pela ajuda que recebeu deles. As manchas na sua história, da escravatura, da guerra e do assassínio, são fortes incentivos para eu me unir a todos os homens bons para trazer aos ignorantes e degradados algo tão bom e puro que, daqui a algum tempo, ao olhar para a bondade e pureza da nossa nação, possamos esquecer os erros passados.

Se a minha esperança não fosse tão grande, olharia para o presente como um tempo desastroso. Pensaria que cada coração americano deve sentir que o desastre está no futuro próximo, porque a nação se esqueceu tanto das lições do passado e está agora a deleitar-se com os ganhos que o presente traz aos poucos favorecidos, enquanto os muitos estão a sofrer."

Fauquier e Small, ambos corroboraram a opinião de Jefferson, enquanto eu me despedia deles.

Samuel Bowles

23 de Jan. de 1885

DÉCIMO QUINTO DOCUMENTO

MICHELANGELO CONVIDA O SR. BOWLES A VISITAR O SEU LAR DE ARTE NA OITAVA ESFERA — BEETHOVEN E AS SUAS AULAS DE MÚSICA

Desde a minha última entrevista relatada, foi passada uma hora mui agradável com Michelangelo e Fra Angelico†, na cidade de Florença, nas margens do belo Arno. Esta cidade tem sido o lar da arte e dos artistas por muitos séculos.

Através do meu guia, perguntei a estes homens que há muito vivem na história, por que não os encontrava como encontrara tantos outros, numa cidade de espíritos em vez de entre os habitantes da terra? O meu guia respondeu: "É para que possa ver o crescimento da arte na nossa nova vida, indo desta cidade connosco e contrastando a arte aqui com a arte na nossa vida superior."

Pelas vinhas frondosas vagueámos até chegarmos a um grande edifício, repleto de todas as coleções da mais fina arte que eu pudesse conceber. Pudesse eu escrever um quadro de palavras das pinturas e esculturas que saudaram a minha visão, gostaria de descrever com uma vividez que vos mostrasse a forma e a cor.

**Michelangelo Buonarotti nasceu a 6 de Março de 1474 no castelo de Caprese, na Toscânia, e morreu em Roma a 17 de Fevereiro de 1563. Tornou-se um dos maiores artistas do mundo e distinguiu-se na pintura, escultura e arquitetura.*

†Fra Angelico, um célebre pintor italiano, nasceu em Vicchio em 1387, morreu em Roma em 1455. Foi chamado Angelico (o angélico) porque pintava anjos tão belos.

Estas duas almas experientes pareciam tão interessadas como se a arte fosse nova para elas; criticando com severidade o trabalho das suas próprias mãos no passado, olhando para o novo trabalho com admiração, notando ainda defeitos onde eu, com a minha escassa educação em arte, via obras de rara beleza. Observavam com avidez as faces dos visitantes terrenos, não deixando nenhum passo por dar que acrescentasse ao seu conhecimento do mundo da arte do presente.

Perguntei: "Por que este interesse profundo no que vos deve parecer insignificante na linha da arte?"

"É muito para nós: do mais baixo ao mais alto, podemos aprender. Uma nova tonalidade de cor, uma mudança na forma como o cinzel terreno foi usado para dar expressão a lábios de mármore — cada indício de arte é-nos caro. Pensa que isto é belo, meu caro senhor," disse Michelangelo, "mas venha connosco ao nosso lar na oitava esfera, onde escolhemos habitar, e veja a diferença entre o velho e o novo."

Ascendemos e entrámos num palácio sumptuoso, brilhando como o mais branco mármore polido, onde o trabalho do cinzel era claramente percetível em cada curva. Passámos para um salão espaçoso, onde estátuas e pinturas lhe conferiam uma beleza fulgurante; os tapetes eram uma massa de cores adoráveis. Abrindo uma porta à direita, ele disse: "Entre na nossa sala de estar até que eu esteja livre para o levar à nossa galeria."

A sala em que acabara de entrar era uma galeria em si mesma. Ocupava um andar inteiro, estendendo-se por todo o palácio; para mim, era estranho que tal beleza pudesse existir, mesmo no céu! Formas de homens e mulheres, de animais, estavam esculpidas tão fiéis à natureza que se esperaria delas vida e movimento. Videiras e flores de todas as variedades estavam distribuídas entre as belas pinturas, penduradas nas paredes de mármore. Nas galerias havia instrumentos de música de toda a espécie. Ultrapassava tanto qualquer coisa que a minha imaginação pudesse sugerir, que fiquei paralisado, ouvindo música que desejaria que vivesse sempre na minha memória.

"Aquele é Beethoven, a dar uma lição à sua turma; ele está a tentar harmonizar os diferentes instrumentos e tornar mais compreendido o que é a verdadeira alma da música."

Na vida terrena eu ouvira seleções da sua música maravilhosa, mas, oh!, quão insípida parece quando comparada com o que ouvia agora, vindo da própria alma do grande Autor!

"Vê aqueles homens ali sentados com livros nas mãos; aquele é o canto dos poetas, onde Homero, Shakespeare, Byron e os poetas de renome mundial realizam os seus conselhos e comparam as suas obras. Há espaço aqui, senhor, para a poesia, a arte e a música, e esperamos torná-las melhores," disse Michelangelo; "o meu tempo é

limitado, senhor, e pedirei agora que o meu irmão artista e eu sejamos dispensados. Volte sempre." Pensei que aceitaria de mui bom grado o seu amável convite.

Samuel Bowles

25 de Jan. de 1885

DÉCIMO SEXTO DOCUMENTO

JOHN KNOX REMODELOU AS SUAS ANTIGAS OPINIÕES TEOLÓGICAS

Vivendo no tempo de Maria de Guise* e de Maria Tudor*, e tendo-lhe sido dada, como ele agora me diz, uma força Calvinista tal que o tornou mui severo para com os outros, John Knox disse-me: "Compreendo-me agora melhor; sei-o pelas ideias que então defendi, que são tão diferentes daquelas que agora entretenho: estou disposto a que essas ideias equivocadas sejam corrigidas.

Mas infligir a morte por uma opinião, sentir a medida completa das suas dores, compreender como eu não compreendia então, como a 'Ordem de Genebra'* era impotente quando deveria ter sido forte, é um grande incentivo para eu fazer um trabalho aqui que estará agora noutro plano. Ninguém pode ver mais claramente os erros de uma vida inteira. É um assunto grave tentar desfazer algo que a Natureza fez, porque a Natureza está sempre a evoluir do pó do velho os germes do novo."

"Olha para o seu passado como um erro," disse eu, contente por encontrar alguém que o admitisse; "mas as características que se prendem à individualidade dos homens e das mulheres — [trecho incompleto no original]".

"Eu era um entusiasta frio, destinado a liderar; encontrei outros entusiastas tão determinados como eu, o que tornou as coisas suficientemente quentes, por fim, para mim."

"Olhando para a sua vida terrena, o que tem mais a lamentar?"

"Lamento acima de tudo o resto ter nascido sob a influência de credos e não ter, então, subido mais alto. As ideias dos perseguidores eram quase tão verdadeiras como as minhas, o perseguido. Acordo nesta eternidade da alma para descobrir que arrependimentos agudos me seguem através dos séculos. Cada homem que viveu através do labirinto da vida terrena e sofreu a sua injustiça deve saber quão aquém ficou do que um ano na vida espiritual lhe poderia ensinar. Não guardo a vingança de Maria Antonieta, nem estimo o perdão de Lady Jane Grey, mas acredito que nasci demasiado cedo para compreender o verdadeiro trabalho da masculinidade na vida espiritual. Lembre-se, penso que, de acordo com a luz que me foi dada, fui fiel a mim próprio, mas agora detesto inteiramente o meu ideal Deus vingativo dos velhos tempos — um Deus que me rebaixou tanto ao ponto de ensinar as doutrinas que então ensinei. Mas isso está no passado; não pode ser evitado, pois a semente então semeada está agora sob muitos pináculos altivos, mostrando a falta de crescimento verdadeiro.

Poderia falar-lhe daqueles cujo trabalho de vida era então chamado pelo mundo cristão de grosseiro e perverso, mas de quem agora me aproximo com reverência porque foram e são verdadeiramente bons. Embora séculos tenham corrido desde que estou aqui, eles são muito melhores estudiosos e melhores homens do que eu. Nomearei um homem: Thomas Paine, que sofreu o desprezo do mundo, a ignomínia da Cristandade.

Estaria orgulhoso de trocar de lugar com ele. Ele ensinou a liberdade. Eu ensinei a escravatura. Ele é agora corajoso e cavalheiresco, enquanto eu sou o que sou, alguém cujo próprio nome traz à presente geração sentimentos de piedade ou horror, porque fiz um trabalho heroico numa causa equivocada; fiz muito eu próprio para gerar antagonismo. Trabalhava sem alicerces. Edifiquei na imaginação um inferno para os outros e, ao fazê-lo, sofri eu próprio o inferno. Trabalho vão, ocioso, cheio de ensinamentos errados em todo o caminho."

"E arrepende-se disso agora?"

"Oh, sim, muito. É como impor esta alternativa ao povo: ou ir com as massas ou sofrer com os poucos. Ao rever a minha vida terrena, não estou satisfeito. Situo-me baixo na ordem da vida espiritual, mas sou e serei para sempre, John Knox."

**John Knox nasceu na Escócia em 1505; morreu em 1572. Foi um opositor violento do Papismo. Escreveu um documento severo contra Maria de Guise, rainha viúva e regente da Escócia, e Maria Tudor, rainha de Inglaterra, no qual se opunha ao governo político das mulheres. Ajudou a preparar uma liturgia chamada "A Ordem de Genebra".*

"Fico contente por o ter encontrado, pois ele deu-me muito que pensar."

Samuel Bowles

22 de Jan. de 1885

DÉCIMO SÉTIMO DOCUMENTO

HIPÁCIA AINDA ENSINA

"Para onde agora?", disse para comigo, à medida que o espírito de outros, mais elevados do que eu, atuava sobre mim e me instava a trabalhar; um trabalho tão glorioso para mim, cuja alma inteira anseia por conhecimento, subindo e avançando.

"Gostaria de entrevistar Hipácia*, a mártir que sofreu a morte em Alexandria (Egito)?"

Hesitei a princípio, porque sabia que não estava bem versado em história antiga, tendo dedicado tempo e talentos às coisas do presente enquanto na vida terrena; mas finalmente disse: "Sim, gostaria de a ver."

"Bem, ela está mui desejosa de o encontrar, pois ouviu de Dante que uma mensagem pode ser enviada de novo à terra, e ela também conhece Goethe, que aguarda

pacientemente a sua vez por uma oportunidade de corrigir algumas visões falsas sobre si mesmo e de intensificar o conhecimento da verdade sobre a qual a história tem sido demasiado reticente. O seu trabalho é ilimitado, senhor."

Escrevo frequentemente sobre encontrar pessoas nas sétima e oitava esferas, porque isto é o mais alto que consigo compreender e anotar as suas conversas, e isto é o mais baixo que espíritos de tempos antigos desejam descer; portanto, embora para os meus leitores possa parecer haver uma monotonia quanto à localização, trabalhando ainda pela verdade, devo relatar a verdade.

Fui conduzido a um dos jardins antigos (chamo-lhes antigos porque contêm em flor e fruto tudo o que é caro aos espíritos antigos) e levado a um caramanchão onde esta mulher dos velhos tempos estava sentada. Não consigo descrever uma mulher bela, embora cada traço da forma e feição possa estar inteiramente gravado na minha mente. É trabalho desperdiçado tentar descrevê-la numa linguagem tão fraca como a minha; portanto, deixarei a imaginação dos meus leitores retratar as fisionomias enquanto descrevo o seu caráter.

Hipácia estava diante de mim, de renome pela sua bravura, despreocupada com as suas falhas, aquela que podia tornar o amor quase uma loucura e a falta de perdão um elemento poderoso da sua natureza.

"Tentei esquecer o passado," disse ela, "e viver no presente; prestei a minha ajuda para socorrer os exaustos e oprimidos. Tentei esquecer os amores e ódios de há muito tempo, mas fui muitas vezes trazida de volta ao passado, o meu terrível passado, quando eu era amada, quando a vida era luz solar, contudo seguida por uma morte cujo horror não consigo descrever. Tentei estar contente, mas tenho sido mui perturbada ao saber que um livro foi escrito na vida terrena, metade história, metade ficção, por um tal Kingsley* (assim o chamam, creio).

Não gosto do quadro que ele traça de mim, nem da descrição dada por aqueles que me relatam o seu conteúdo. Tudo o que se pode dizer de mim nos velhos dias terrenos é que eu era uma mulher obstinada, não facilmente convencida, alguém que, se não pudesse ver a verdade numa questão, não veria de todo, equivocando-me eu própria muitas vezes, mas nunca cedendo.

Não tenho sentimentos decididos de vingança agora, mas desejo que o mundo terreno saiba que o Cristianismo tem, no sentido mais sombrio, sido a morte de milhares que tiveram a coragem de falar as suas convicções honestas. Tem o mesmo espírito agora, 'crucifica-o, crucifica-o', que tinha nos séculos passados: mas as inovações modernas acalmaram o velho espírito de derramamento de sangue.

Mas ele ainda manifestará uma amargura intensa de oposição a tudo o que é verdadeiramente progressivo. Eu preferiria passar para fora do corpo como passei, do que estar à mercê do mundo cristão católico, como ouço que ele é na velha terra hoje em dia. É verdade que as leis nacionais protegem, mas deem-lhes o poder de governar inteiramente e aqueles que não dobrarem o joelho aos seus 'ismos', os seus sentimentos

sentirão, se não no derramamento de sangue, nos sofrimentos do coração, a 'desumanidade do homem para com o homem'.

Regozijo-me, senhor, em conversar com um homem que viveu numa era em que os pensamentos podem ser falados e o direito de o fazer é largamente triunfante. Mas seja cauteloso; há um grande poder nos números; roubando pobres criadas, viúvas, órfãos e trabalhadores das suas parcas poupanças, grandes igrejas são edificadas, as quais lançam por toda a parte uma influência funesta. Não admira que eu não consiga olhar com complacência para uma causa que foi tão inescrupulosa ao ponto de me forçar a sair da vida terrena pela mais pavorosa das mortes. Não temo tais resultados agora, pois o mundo está a aprender o valor do pensamento livre, mas apreendo uma pressão sobre o espírito, que tenderá a excluir toda a liberdade e alegria e fará homens e mulheres acovardarem-se sob a força da opinião pública."

"Qual é agora o seu trabalho?"

"Tendo sofrido eu própria, estou a trabalhar para prevenir o sofrimento. Ensino em escolas onde as almas não foram libertadas de grilhões. Tento ensinar àqueles que vêm a mim a verdadeira honra de uma alma cheia de amor. Amo ensinar-lhes como construir os seus lares e reunir a si mesmos até o pior daqueles que pertenceram à sua raça. Amo ter crianças a olhar nos meus olhos com amor a brilhar nos olhos delas. Estou contente por, apesar dos erros da vida terrena, apesar de todos os seus agravos, eu ainda ser Hipácia." Isto foi o que ela disse, tal como eu o captei através de um intérprete.

S. Bowles

**Hipácia, uma mulher grega de Alexandria, Egito, não menos de renome pelo seu conhecimento de matemática do que da filosofia Neoplatónica que ensinou com aplauso na sua cidade natal. A sua beleza e modéstia eram celebradas, mas o clero acreditava que ela fazia uso da sua influência com Orestes, prefeito de Alexandria, em prejuízo de S. Cirilo, então arcebispo dessa cidade. Consequentemente, foi atacada por uma multidão, liderada por padres católicos que a levaram para uma igreja, a despojaram das suas vestes e a despedaçaram. — Enciclopédia Johnson.*

**Charles Kingsley, um autor inglês nascido em 1819, falecido em 1875. Em 1853 publicou um romance histórico intitulado Hipácia.*

DÉCIMO OITAVO DOCUMENTO

CLEÓPATRA*

Por que é que na vida espiritual, bem como na vida terrena, devemos ser submetidos a esta falta de força, uma falta que me torna tão fraco quando eu quereria ser

forte? Por que é que eu haveria de ter de ser usado por espíritos superiores como maquinaria, enquanto passo pelo mesmo processo e uso esta amável médium como uma máquina? Pergunto e, no entanto, sei que o problema da progressão nunca será resolvido enquanto formos progressivos, e isso significa pela eternidade; e a eternidade é algo tão para além de nós que apenas pode ser resolvida vivendo continuamente.

Oh! mundo do passado; Oh! conhecimento do presente; Oh! esperança do futuro; trazei a vossa melhor análise do que a eternidade significa e ensinai os filhos da vida terrena a saber que não há morte por vir, ao trabalhar sobre o grande problema da vida eterna. Estou perdido em espanto, olho para pessoas vivendo e respirando, que foram fortes no passado e, embora o mundo lhes chame mortas, não perderam um único elemento, mas ganharam toda a força que cada vida deve trazer para si própria, seja de bem ou de mal.

Quem encontrei eu senão a bela Cleópatra, rainha das mulheres! Tenho uma ideia de beleza na pintura, na escultura. Sei que um riacho de águas límpidas com margens cobertas de margaridas é, para a maioria das mentes, mui preferível a um rio fervente de águas impuras, e estou a aprender que a natureza conta a sua história nos rostos tal como o faz nas paisagens. Esta mulher, rainha do antigo Egito, está vivendo e amando ainda, cada fase da sua personalidade intensificada por estes longos anos que têm sido cheios de lições; toda a deformidade gradualmente substituída por aquela beleza maior que vem da cultura da alma.

"Por que deveria procurar-me?", disse ela, com muita dignidade mas ausência de desprezo.

"Para aprender," disse eu, "algo da sua vida aqui e transmiti-lo àquela outra vida tão querida para mim."

Na sua perfeita feminilidade, agora progredida além do seu antigo desejo de poder, disse ela: "Estou contente por saber que o meu nome, a minha posição, o meu trabalho, os meus sofrimentos, ainda são reais para os descendentes das eras passadas. Aprendi, como outros, que a escola do sofrimento pode ser o caminho mais direto para a pureza. Estudei, desde que fui mudada do meu corpo terreno para o meu corpo espiritual, para conhecer a real missão da vida. Oh! Como a grandeza terrena se afunda quando, aos pés da verdadeira grandeza, deve confessar que foi tão pequena! Como o Poder enfraquece quando o Princípio levanta a sua mão e diz: Lembra-te. Não sou nada senão uma mulher agora, mas regozijo--me na minha feminilidade; todos os outros desejos falham em dar-me um ímpeto para a ação ao lado do desejo mais nobre e melhor de ajudar outros. Assim serei eu sempre; conhecendo os erros do meu país, conhecendo os erros de cada país sob o sol terreno, trabalharia com mão e coração para libertar o velho mundo das suas correntes e tornar os elos da verdade mais brilhantes aqui.

É-me repulsivo quando, nos meus momentos de lazer, olho para trás para os atos do meu passado: consigo ver tanto que foi intolerante, tanto que me é agora repugnante. Pudesse eu mudar o registo da minha vida terrena, pudesse eu colocar mais de bondade

nele e menos de ambição, fá-lo-ia de mui bom grado. Vivi o meu dia então (que dia curto foi) e tenho estado desde então na escola severa onde as memórias me trouxeram muitos arrependimentos.

Encontrei-me com uma tal Candace*, que se chamava a si própria Rainha da Etiópia. Ela está mais contente com o seu passado do que eu com o meu. Esta mulher representa-se como essa personagem e orgulha-se do que fez, embora a história terrena tenha falhado em fazer muito registo dos seus feitos. Admiro tudo o que é bom nela, mas recuo perante o seu egoísmo, embora eu própria outrora me chamasse 'Rainha da Beleza'."

No meu pensamento interior, eu disse: rainha da beleza ainda, pois raramente encontramos uma fisionomia tão regal como era a Cleópatra do passado ou a Cleópatra refinada do presente.

"Estou grata por esta entrevista," disse ela, "pois traz consigo um sussurro da minha vida terrena e uma forte esperança para o futuro."

Samuel Bowles

27 de Jan. de 1885

**Cleópatra, uma celebrada e fascinante rainha do Egito, nascida em 69 a.C.; de uma grande beleza pessoal e conhecedora do Grego e de outras línguas. Para evitar ser levada para Roma na procissão triunfal de Augusto César, matou-se pela picada de um áspide, em 30 a.C.*

**Candace, uma rainha etíope que invadiu o Egito em 22 a.C., mas foi derrotada por Petrónio, o governador romano desse país. Nos "Atos dos Apóstolos", faz-se menção de um eunuco que era o tesoureiro de Candace, rainha dos Etíopes.*

DÉCIMO NONO DOCUMENTO

EUSÉBIO ARREPENDE-SE DA DECEPÇÃO QUE USOU AO ESCREVER A SUA HISTÓRIA DA IGREJA
MILMAN TRISTE, POR SER MAL COMPREENDIDO NA TERRA

Com o meu guia sempre competente, procurei este homem, cuja história tinha pouca atração para mim e cuja vida, embora de grande labor, lhe trouxe mui pouca satisfação.

"Qual é a sua ambição agora?", perguntei a este homem do passado nebuloso.

Ele respondeu: "Sem o poder de esquecer, estou a tentar deslindar os fios emaranhados da minha vida terrena e promover a justiça. Contei mais verdade do que aquela que me foi creditada e pretendi fazer um trabalho muito melhor do que o que fiz. Mas se eu tivesse sido inteiramente honesto e estivesse disposto a escrever um registo

verdadeiro, ter-me-ia submetido à vingança do espírito partidário e não poderia ter tido a influência de que desfrutei."

"Estão felizes, vocês os dois, cujas vidas estão tão estranhamente unidas e contudo divididas?", eu disse, pois Milman* estava com Eusébio†.

Eusébio, com toda a dignidade do passado e do presente, disse: "Sim, mais felizes a aprender as lições presentes do que a lembrar como a minha vida terrena foi pior do que inútil, quando olho para ela do ponto de vista atual e sei que, mesmo existindo, aprenderemos lições que nos conduzirão para cima, não para baixo."

Milman escreveu de facto mais verdade do que lhe foi creditada. Ele, pelo menos, não se baixou à falsidade. Tentou retratar em palavras vívidas o que para ele era verdadeiro.

"O que foi a sua vida no velho passado?", perguntei a Eusébio.

"A minha vida," disse ele, "foi quase nada. A ambição e o amor arruinaram-na e tornaram-na mais ociosa do que um sonho vazio."

"Se pudesse vivê-la de novo ou revê-la, o que faria?"

"Seria mais fiel a mim próprio, seria um homem honesto. Nenhuma ambição religiosa me dominaria, nenhum fanatismo arruinaria a minha vida. Oh! Mundo frágil que deixa a sua fraqueza onde a grandeza deveria existir. Estamos a mudar, a ir para mais alto, Milman e eu, e quando nos conhecermos totalmente e pudermos ser os nossos próprios professores na grande escola da existência, então virá de facto sobre mim e sobre aqueles que amo o grandioso amanhecer de um dia abençoado."

S. Bowles

28 de Jan. de 1885

Perg. — Milman foi mal compreendido?

Resp. — Sim. Foi mal compreendido e mal julgado. Investigue, senhor, e lembre-se de como os anos tornaram as coisas amargas para ele.

Segunda Entrevista com Eusébio.

Senti-me mui perturbado por não conseguir obter de novo uma relação suficientemente próxima com Eusébio para reescrever o meu documento anterior, que foi dado sob grande dificuldade e, por isso, senti que era imperfeito, por ser duro para com todos os ligados ao poder que produziu a escrita. Devo naturalmente dar muitas explicações no decurso destes documentos: uma mudança elétrica no ar, circunstâncias da vida terrena, a falta de vontade do espírito em comunicar ou a falta de vontade do guia em deixar que a verdade venha ao de cima são frequentemente graves obstáculos no caminho daqueles que ainda prosseguem a carreira jornalística.

Disse ao meu guia, de forma tranquila, que se ele pudesse conferenciar com o guia de Eusébio, eu reescreveria de mui bom grado um documento que me é inteiramente

pouco atraente. Tenho-me esforçado por isto há vários dias, marquei reuniões que não resultaram em satisfação. Mas finalmente estive de novo na presença de Eusébio e, ao tornar-me mais habituado a ele, não fiquei tão bem impressionado como ao princípio. Penso que ele poderia, se quisesse, levantar muitos dos dogmas da igreja cristã, que pairam como nuvens negras sobre ela; ele poderia revelar a verdade concernente à origem do Cristianismo. Disse-lhe: "Se inverdades e mentiras fabricadas são acreditadas na terra como verdade, por que não confessar ao mundo terreno, após todos estes anos, o que fez ao originá-las?"

Não consegui alcançar o seu entendimento com as minhas palavras; a minha voz ele ouvia, mas ele bem poderia ter sido mármore esculpido, no que toca a qualquer ideia que pudesse ser colhida da sua fisionomia. O seu guia era também sombrio e intransigente.

"Arranjei problemas para mim próprio," disse Eusébio, "ao tentar o efeito de comunicar de volta à vida terrena, há pouco tempo*. Não desejo repetir a experiência." Como disse antes, a alma é a última a ser mudada. Perguntei-lhe mais uma vez: "Qual é a sua ideia agora do seu trabalho passado?"

Ele não foi tão amável como antes. Parecia suspeitar que eu o estava a catequizar e que quanto menos dito, melhor.

"Expressei o desejo de desfazer algum do meu trabalho terreno. Dei noções falsas à minha época, através da minha pena. Apoiei ideais falsos, mergulhei profundamente, tanto com imaginação como com algum conhecimento histórico, naquilo que agora desejava ter deixado intocado. Os personagens do passado, fossem verdadeiros ou apenas ficções pintadas, seria melhor que fossem evitados pelos historiadores, se estes tiverem de carregar consigo o fardo que eu carreguei todos estes séculos."

**H. H. Milman, nascido em 1791 em Londres, Inglaterra, falecido em 1868. A sua "História dos Judeus" foi severamente atacada pelos bispos e clero cristão, porque ele evitava ou minimizava os milagres da Bíblia. A sua "História do Cristianismo", quando publicada pela primeira vez, foi ignorada pelo clero.*

†Eusébio, o pai da História da Igreja Cristã, nasceu na Palestina, 265 d.C. Tornou-se bispo de Cesareia. A história de Eusébio, que chega até 324 d.C., embora prejudicada em valor pela resolução declarada do escritor de registar apenas o que refletisse honra sobre a Igreja, é rica em material, tendo-lhe sido facultados os arquivos do Império Romano por Constantino, que o tinha em estima peculiar. — Enciclopédia Britânica, História da Igreja.

"O Evangelho segundo São Mateus foi esculpido a partir de uma bondade ideal. São João e os Hebreus tiveram quase a mesma origem; enquanto outros livros do Novo Testamento foram uma mistura daquilo que diferentes historiadores daquela época pensaram ser possível e, portanto, tornaram-no provável. Tenho observado, à medida que os anos passaram, o poder da verdade e o poder das fábulas. Deve perdoar-me, senhor, se eu penso que resultados tão bons advieram das fábulas como da verdade;

especialmente quando a verdade foi mal expressa e as fábulas foram vestidas com as atrações brilhantes do romance e do sacrifício pessoal.

Lamento se, ao dar uma falsa impressão, tornei uma alma pior; não sou cruel, preferiria ser bom agora do que grande; consigo ver que deveria haver reticência em relação a algumas das antigas ideias religiosas. Uma revelação total atingiria o mundo cristão com uma força paralisante, estilhaçando ídolos, mudando crenças, devastando a doutrina da expiação e despertando o mundo demasiado subitamente para a real verdade.

Não se pode admirar que eu recue perante tal provação. Vocês, pessoas que vivem agora na terra e acalentam estas opiniões iconoclastas, não se satisfazem com uma parte da verdade. Querem a verdade total. Mas terão de se contentar em atingir um certo acorde no grande instrumento das eras e aguardar a vossa vez."

"Embora admire a sua candura, senhor, não consigo ver o seu objetivo em reter, mesmo em parte, algo que possa provar um erro ou estabelecer uma verdade. Sei que a sua posição não é agradável, mas se realizou algum trabalho nas eras passadas, pensando que estava a prestar serviço ao seu Deus, e agora vê a falsidade das doutrinas que ensinou, não considera que seria melhor corrigir o mal e, mesmo nesta data tardia, fazer alguma reparação?"

"O senhor engana-se a meu respeito, senhor; não confesso ter pecado deliberadamente através do lento progresso dos séculos. Tornou-se um facto estabelecido que existem leis que governam aqueles que escrevem aquilo em que o seu coração não está, estando, contudo, dispostos a ser usados. O senhor, bom senhor, como o meu guia me informa, está a transcrever para o povo da terra. Se o senhor, através da mão da sua médium, escrevesse algo de que o seu instrumento não tivesse conhecimento, e o senhor mesmo mal se apercebesse de que estava a escrever, possuindo todavia o poder de agir, e agisse com um sentido subtil de receber as palavras de outrem à medida que as entregava à sua médium, o senhor não estaria disposto a que nem ela nem o senhor mesmo fossem responsabilizados pela matéria que foi colocada perante o povo.

Tanto quanto consigo agora olhar para o meu passado, percebo agora que tudo o que fiz voluntariamente e que se provou ser falso foi o resultado da ambição de usar todas as forças da natureza para deixar a minha marca como historiador, e não de qualquer desejo de transmitir ideias falsas. Muita da história escrita por mim é muito imprecisa. Não é nada de que me orgulhe; demasiado dela é de uma natureza tão sensual que, com a minha educação atual, recuo agora perante a ideia de a rever. Li a crítica de Milman. Conheço-o, e tornámo-nos tão bons conhecidos que posso perdoá-lo pelos seus ataques ousados ao que eu sentia ser uma grande obra. Guizot* apenas reiterou algumas afirmações minhas.

Mas Milman é especialmente mal compreendido. Ele diz que, em muitos casos, deu lampejos de luz que fariam o mundo saber qual é a sua real opinião sobre as minhas obras, e os seus críticos mudaram tanto o seu significado, por vezes através de uma

palavra, por vezes através de uma citação, que os seus sentimentos foram pervertidos, e ele não é retamente entendido."

Perguntei a Eusébio se ele poderia assinalar parágrafos específicos na obra de Milman que apontassem para qualquer mudança desse tipo que tivesse sido feita e pela qual ele sentisse arrependimento.

"Não os consigo nomear," disse ele, afastando-se cansado, "mas ele diz que sim. Por que não o vê?"

"Poderei vê-lo, mas estou profundamente interessado em que a verdade sobre si mesmo me seja dada; não é por curiosidade ociosa, mas porque desejo fazer bem o meu trabalho."

"Constantino," disse ele, "foi grande porque foi cruel. Eu fui um grande historiador porque conseguia tecer ficção com a vida real. Arrependo-me agora de o ter feito, pois havia verdades naquela vida inferior que teriam fornecido melhores lições para o povo do que aquelas que lhes dei. Transmiti muita impureza e sofri por isso. O senhor é muito gentil por aguardar tão pacientemente a minha vontade, mas há algumas verdades que, mesmo agora, não ouso revelar, porque o mundo terreno não está maduro para isso. Se eu pudesse revelar a verdade com poder suficiente, as superstições antigas, aquelas que existiam antes do Cristianismo, seriam em muitos casos melhores do que as de hoje; e muitos, por falta do seu ídolo perdido, arrasariam os edifícios dispendiosos dos tempos modernos e espalhariam tristeza e miséria por toda a parte."

Tão iconoclasta quanto eu seria, se tivesse o poder, afastei-me com um sentimento de pavor por ter visto Eusébio, e ansiei por saber tudo o que estava escondido naquela grande mente, o que tornaria algumas histórias sem valor e exaltaria outras que há muito são tidas como fábulas.

Samuel Bowles.

**Guizot, um historiador francês, nascido em Nîmes, França, em 1787; faleceu em 1874. Foi autor da "História da Civilização na Europa", que é considerada um clássico da investigação histórica moderna.*

VIGÉSIMO DOCUMENTO

FRANCISCO PIZARRO, AINDA SOMBRIO E VINGATIVO — ELE DEPLORA AS CONDIÇÕES DO SEU NASCIMENTO

Tive muita dificuldade em encontrar o meu caminho até ao homem de quem falarei agora. O meu guia disse-me que era um velho capricho de Pizarro* dizer não quando queria dizer sim, e, ao ajudá-lo, senhor, estou a tentar trazer à luz todas as classes de pessoas. Achei isso justo porque, se o meu trabalho significa algo, destina-se a mostrar as diferentes vidas que procedem de diferentes condições na terra, e a realçar

os resultados tão vividamente que todos vejam a necessidade de uma verdadeira cultura, tanto do corpo como da mente.

Senti pouco interesse em conhecer este chefe pirata, que foi o terror da sua época e que, em 1471, viu pela primeira vez a luz do mundo. Encontrei-o na quarta esfera. Ele parecia carrancudo, e as suas fortes características espanholas impressionaram-me como sendo de alguém que teria de viver muito tempo aqui antes de poder purificar a sua alma. Não havia nada de ardor na sua aparência; os seus olhos negros brilhavam com intensidade, mas ele parecia não ter prazer real em nada.

"Bem," disse eu, estendendo-lhe a mão (que ele ignorou), "o que tem a dizer da sua vida terrena que já lá vai há tanto tempo? É a memória sempre fiel consigo como com outros? O que tem agora na sua alma — arrependimentos, ou o desejo de fazer dos arrependimentos passados um degrau para o futuro?"

A sua resposta foi: "Não tenho arrependimentos; sou passivo quanto ao que possa vir para o mundo no qual nasci como um convidado indesejado. Tive muita vingança: lamento não ter poupado mais vidas quando capturei a aldeia de San Juan, contudo sou bastante indiferente a isso. Não esqueço o meu nascimento ignominioso nem a minha morte ignominiosa; são fatores fortes na minha vida agora. A crueldade marcou o meu passado de uma forma que não marcará o meu futuro, mas estou triste por vezes pelos caminhos da minha mãe que, ao dar-me à luz, colocou uma maldição sobre a sua vida. Nenhuma justiça subsequente dada a mim pelo autor da minha vida pôde atravessar o abismo.

Nasci sob tais circunstâncias que fizeram a natureza da minha mãe rebelar-se e encher o seu coração com uma sede de vingança no futuro. Foi uma vida dura a que vivi, e tornei-a dura para outros — o meu nome era um terror — a minha memória fazia as crianças terem sonhos pavorosos, e os homens e mulheres temiam que um destino semelhante pudesse abater-se sobre os pequeninos aninhados nos seus peitos. Não gosto do meu pai; tenho piedade infinita pela minha mãe, tão errada e tão fraca, mas não consigo dizer muito mais. Talvez com uma nova luz pudesse ter praticado as mesmas ações, se tivesse nascido sob as mesmas condições adversas."

Perguntei-lhe: "A visão de crianças felizes a brincar ao seu redor, a glória deste céu, o esplendor das flores, as árvores ondulantes acima de si, curvando os seus ramos como que em bênção, não o inspiram com pensamentos gentis e ambições mais sagradas? Diz que perdeu a sua vida, mas tirou muitas vidas; como pode o senhor, que foi tão cruel, pensar que foi tratado com crueldade?"

"Estou a olhar para os meus agravos, não para os de outros. Estou a perceber, na sua extensão total, que se a minha vida tivesse começado sob melhores condições e a minha herança não tivesse sido tão distorcida pelas circunstâncias do meu nascimento, eu seria agora mais feliz. Em vez desta disposição sombria, poderia ter tido uma que se gloriasse na honra e na verdade."

"O seu lar é nesta esfera?"

"O meu lar!", disse ele, "Que pergunta! Não. Continuo a vaguear de volta a velhas cenas de crueldade. Continuo a viver os erros do passado por mim cometidos. Ouviu falar do judeu errante, que não podia morrer. Eu sou o espanhol errante, que não consegue esquecer. Esta conversa sobre perdão é lixo; aquilo que amou e odiou em mim não morreu; não, isso continuará a viver. O meu sentido de amor e beleza por vezes supera o meu ódio, mas as velhas lutas alcançam-me sempre que regresso às velhas cenas."

"Por que as recorda ao ir lá?", perguntei, mui ansioso por ajudar este homem, que tinha um ténue desejo de ajuda.

"A velha ideia, senhor, do erro cometido e o lugar onde os crimes foram praticados têm sempre uma grande atração para os perpetradores dos crimes. Ouviu falar da condenação de assassinos por um hábito que tinham, quer a dormir quer acordados, de rever o velho e horrível lugar e de o visitar com tal sigilo que traíam a sua culpa a um observador atento. Fere mais a alma do que o corpo praticar o mal, senhor, e, portanto, as pessoas devem guardar as suas almas."

Ele deixou-nos muito abruptamente.

"Para onde vai ele?"

"Vai descer à terra para desfrutar de um fumo espanhol nalgum antro onde o seu passado o atrai."

"Ele não é uma exceção à maioria dos espíritos, depois de habitar tanto tempo no mundo espiritual, continuar a viver no antigo?"

"Sim, ele é uma exceção, mas é meu dever mostrar exceções entre o puro e o impuro, para que o senhor perceba a diferença. Encontrar-me-ei consigo um pouco mais tarde e conduzi-lo-ei a outros, mais agradáveis de conhecer. Adeus."

Samuel Bowles

29 de Jan. de 1885

**Francisco Pizarro nasceu em Trujillo, Espanha, por volta de 1471. Era filho ilegítimo de um coronel de infantaria espanhol e de uma camponesa. Foi criado como guardador de porcos e diz-se que foi amamentado por uma porca devido à negligência da sua mãe. Cresceu como um homem audaz, ignorante e brutal. Quando no poder, dizia não a todos os pedidos a fim de ter lazer para considerar o assunto. Saqueou uma pequena aldeia no rio San Juan, Nicarágua, onde obteve ouro considerável. Conquistou o Peru e foi assassinado em Lima em 1541. Era cruel, astuto e pérfido, contudo tinha os méritos da coragem, constância e fortitude.*

VIGÉSIMO PRIMEIRO DOCUMENTO

OS LARES DE JOANA D'ARC, NAPOLEÃO BONAPARTE E JOSEFINA — O LAR DE JOANA É UM LUGAR DE INSTRUÇÃO PARA MÉDIUNS — O LAR DE BONAPARTE, CHEIO DE CENAS DE GUERRA — O LAR DE JOSEFINA, DE UMA AMABILIDADE REQUINTADA

Não podendo governar novamente as minhas entrevistas com os heróis do passado, serei principalmente devedor à amabilidade do meu guia na descrição dos quadros do lar.

"E quanto a Joana d'Arc," disse eu, "onde é o lar dela?"

O meu guia disse: "Terá de ser muito paciente comigo no que toca à questão das esferas. É o meu trabalho escolhido ser um mensageiro e estou tão constantemente a mudar de uma localidade para outra que lamento muito não conseguir recordar sempre o número da esfera; mas vi-a em toda a sua graça e beleza, presidindo ao seu lar; não com o orgulho de Hipácia, que governa até no seu, mas com um espírito de paz, tendo a velha ambição de guerra sido superada e tendo o amor por ensinar e ser ensinada tomado o seu lugar.

O seu lar não é de estrutura imponente, nem impressiona com uma extrema beleza de arquitetura ou colorido, mas atravessar uma vez os caminhos bordados de flores e ver a vida lá levada, aquilo que lhe confere a sua principal beleza, é por si só uma visão bela.

Ela não está sozinha; muitas pessoas atravessam e voltam a atravessar o limiar, mas ainda não encontrei um habitante que não fosse um médium. Cada um destes mártires da terra, que subiram a colina o suficiente para serem ensinados por ela, são lá bem-vindos se ela considerar os seus motivos puros.

O seu grande objetivo é enviar do seu lar aqueles que saberão discriminar entre espíritos puros e obsessores. Encontrei no seu lar tudo o que poderia sugerir beleza na arte, o colorido mais seleto, as mais finas pinturas e esculturas, e ainda assim fiquei surpreendido por alguns dos habitantes terem quartos tão sombrios; a luz sendo muito suave, enquanto outros escolhiam os quartos mais brilhantemente iluminados e adornados com as cores mais berrantes.

'Um quarto, ou a morada escolhida de um espírito dentro ou fora do corpo, revela muito do real estado da alma,' disse o meu guia, e, portanto, quando encontrei estes quartos alegres e sombrios ocupados pela escola de médiuns de Joana, perguntei-me qual estaria mais avançado. Não é prova de que, por uma pessoa escolher os quartos com luz suave e cores ténues, não esteja tão avançada como outras; estão todos a receber as suas instruções, esperando voltar para esferas inferiores com lições mais purificadas para aqueles que estão abaixo deles. Mas é tudo para o melhor; uma explosão de música grandiosa pode ensinar uma alma, enquanto o esvoaçar de um colibri pode instruir outra.

Disse Joana: ‘Tenho no meu lar mais de cinquenta médiuns de diferentes graus, que foram os mártires do mundo. É o meu prazer fornecer-lhes um lar, agitar os seus corações para fazerem algo por outros, para que escapem a sofrimento semelhante. Portanto, no meu jardim, tenho a maior variedade possível de luz e sombra. Quero harmonia. Estou contente em habitar em esferas inferiores às que mereço, para que possa instruir estes médiuns e prepará-los para o seu trabalho entre espíritos de menor crescimento’.”

O meu guia disse: “Desci pelo caminho bordado de flores para uma floresta e pensei, ao afastar-me, quão belo é o lar de Joana e quão satisfeito o senhor ficaria ao ouvir o meu relato.”

Perg. — Joana d’Arc tem um marido espiritual?

Resp. — Ela vive no espiritual mais do que no natural. Poderia ter um marido se assim o desejasse, mas gloria-se em pensar que a humanidade, no sentido mais puro, a está a ajudar, e também que as atrações físicas ou sexuais são uma coisa do passado para ela. Há um ditado aqui que diz que, tal como o físico na vida terrena muda uma vez em cada sete anos, assim ocorrem nos ciclos espirituais do tempo mudanças que afetam os sexos.

Perg. — Como é que os ciclos espirituais do tempo afetam os sexos?

Resp. — Muda-os de tal forma que o mais alto refinamento de caráter é necessário para despertar o amor. Aquilo que parece grosseiro na carne torna-se puro aqui — pensar, apertar as mãos na refinada vida espiritual é renovar as velhas sensações, mas excecionalmente mais refinadas e puras. As sensações animais perdem-se devido ao gozo superior e requintado do espiritual. Há muita beleza neste pensamento.

O LAR DE NAPOLEÃO

Eu disse: “Desejo ir consigo ao lar de Napoleão” e ele levou-me lá. Tudo o que é imponente em arquitetura, tudo o que sugeria grandeza, foi revelado por um relance ao lar deste guerreiro. Em vez de encontrarmos os salões imponentes adornados com obras de arte, encontramo-los cobertos com representações da armadura de soldados e dos implementos de guerra, as espadas de outrora, as armas que ele costumava empunhar e comandar, quadros dos seus cavalos de guerra e, mais impressionante do que tudo, um imenso quadro da cena da sua morte em Santa Helena; o rosto do imperador morto, frio e imponente, os arredores suficientemente lúgubres para fazer alguém estremecer.

“Noto que se detém nesta imagem”, disse ele. “É a história da grandeza que partiu, a crónica do grande sacrifício de amor da ambição. Ah! Vejo-o nos seus olhos; perguntar-me-ia se aquela outra mulher, aquela por quem Josefina perdeu o lar, o coração e os amigos, está aqui. Não lhe posso contar a história dela, ela própria lha deve relatar. Não, ela não está aqui.”

“Não deseja mais do espírito suave do lar ao seu redor?”

"Não, ainda não atingi esse estado; talvez esteja a ganhar algum."

Conduziu-me por sala após sala, onde reinava um esplendor sombrio; nenhuns quadros de frutos ou flores, nenhumas cenas doces de vida pastoral, nenhuns quadros de montanhas belas, rios ou mar, nenhuma radiância de luz solar, mas sala após sala cheia de retratos de guerreiros, que pareciam quase prontos a sair das suas molduras e a atacar-se uns aos outros.

"O seu lar tem tudo para parecer grandioso, mas falta-lhe luz solar, senhor", disse eu.

"Como ousa, um representante de uma nação que era de facto insignificante quando deixei a terra, sugerir falta de luz solar! O senhor parece bom e os seus motivos podem ser puros, mas se eu estou satisfeito com o meu lar, por que não pode o senhor também estar satisfeito?"

Pensando na minha própria quebra de cortesia, retirei-me calmamente. Não farei grande esforço para o ver de novo.

Perg. — Napoleão não tem mulheres como habitantes do seu lar?

Resp. — É claro que tem, mas são aquelas pertencentes a uma classe que outrora não entrou na sua vida. Ele descartou o amor pela ambição: tomou uma segunda esposa, repudiando a primeira por causa de um objetivo, mas o seu poder de amar desvaneceu-se com o sacrifício de Josefina. Ele está agora disposto a dar à mulher a sua justa posição na vida, mas, com ele, o amor real está, presentemente, ausente. Desapontado, sabe agora que deve esperar por alguma realização bem-aventurada dos sonhos de há muito tempo; deve esquecer a ambição de um conquistador; deve esquecer o amor egoísta que sacrificou tudo pelo orgulho e pelo poder, antes de poder conhecer o que é o verdadeiro amor e o casamento da alma. Ele ainda não o compreendeu. A sua lição é tão estranhamente nova para ele que não consegue esquecer e tornar-se um homem que faria da vida de uma verdadeira mulher a glória da sua. Ele tem muitas mulheres, mas não uma esposa. Elas servem-no, mas não o amam.

O LAR DE JOSEFINA

"Vou mostrar-lhe o céu agora", disse o meu guia, enquanto subíamos mais céleres que o vento. Fui então apresentado à perdoadora e amorosa Josefina.

Há tanta semelhança aqui em diferentes planos como há nas diferentes cidades e aldeias da terra. Não consigo, com olho de artista, retratar o lar de Josefina. Havia muitos acres de árvores altas rodeando-o; numerosos jardins cujos canteiros eram massas de flores; caramanchões nos quais aqueles que agem como servos através do seu amor por Josefina se reúnem e escutam a sua voz de instrução. No edifício, os quartos exibem o gosto mais requintado, purificado por aquela simplicidade que sempre adorna a verdadeira arte.

Os deveres da casa são realizados tão facilmente que não seria apropriado chamar-lhes laboriosos. Josefina duplamente abençoada, pensei, ao vê-la novamente movendo-se com graça e beleza pelo seu lar!

"Conheço os seus pensamentos, senhor, mas e se eu lhe dissesse que outrora fui incapaz de arranjar um par de sapatos para o meu pequenino, lá atrás na antiga vida? O meu lar é belo", disse ela, olhando para onde a folhagem verde das árvores parecia fundir-se com o céu azul. "Estou a trabalhar, e Joana d'Arc está a trabalhar com todo o seu poder para encontrar uma forma de dar, através dos nossos médiuns aqui, aos médiuns da terra, imagens dos nossos lares espirituais. Ela espera ter encontrado uma na terra cuja mão com o pincel possa ser usada tão perfeitamente quanto é a pena nas mãos de outros."

S. Bowles

28 de Jan. de 1885

VIGÉSIMO SEGUNDO DOCUMENTO

HORACE GREELEY A EDITAR UM JORNAL NA QUARTA ESFERA

"Sim, senhor, Sr. Bowles; pode ver Horace Greeley* tão frequentemente quanto desejar", foi a saudação que recebi ao entrar num edifício de aspeto simples na quarta esfera e encontrar este herói da pena dos tempos modernos.

"Esperava ver-me mais alto", disse ele, estendendo uma mão amigável para apertar a minha, enquanto o seu secretário me entregava uma cadeira. "Esperava ver-me negligenciar os meus deveres jornalísticos mais do que o senhor faz, e voar para reinos não congéneres, onde não posso então alcançar ambos os caminhos. Não, senhor, fico aqui até conseguir realizar o meu trabalho de modo a sentir-me à vontade mais acima. Estou ocupado, muito; ajude-me a corrigir esta prova, mesmo que falemos um pouco. Veja, temos de publicar este jornal muito em breve. O Sr. Lincoln (conheceu o Lincoln, não conheceu?) esteve aqui e está ansioso por que eu coloque um 'furo' na edição desta noite."

Olhando em redor da sala simples, juncada com os destroços de papéis rasgados que não chegaram ao cesto dos papéis, olhando para os escribas ocupados que nunca levantaram a cabeça à minha aproximação, concluí que Horace Greeley era ele próprio. Ainda pensando que ele me entreteria, disse ele: "aquele negócio da presidência fez mais para encurtar a minha vida do que toda a dor que alguma vez sofri na terra. Veja, foi um desapontamento, senhor; pensei que estava tudo certo por uma vez, mas olhando agora para trás, eu teria feito uma figura muito pobre na cadeira presidencial. Provavelmente teria sido convidado a sair da vida terrena como foram Lincoln e Garfield. Não é seguro colocar uma pessoa nesse lugar que tenha opiniões decididas; ela deve ser um testa-de-ferro.

Vistam uma múmia e coloquem-na lá; deixem o Congresso dizer o que quer e, depois de terminadas as eleições, não há muito espaço para ação independente. Pode assinar o seu nome um grande número de vezes por dia, se não estiver demasiado cansado. Mas tenho sido muito mais feliz desde que vi este lado da vida do que quando estava lá. *The Evening Journal* (para a propagação da verdade para dois mundos) é o nome do nosso jornal. Não tenho muito sucesso em conseguir que fac-símiles sejam introduzidos no mundo terreno, mas faço o meu melhor.

Falam da raiz do mal; pois não sabem que estes Dinamitadores, que estão obcecados em agitar Londres e outras grandes cidades, ainda tentarão a sua sorte nos edifícios do Governo em Washington."

"Não, não sei", disse eu. "Sentir-se-á justificado em conceder-me permissão para relatar isso à nossa própria nação, da qual parecemos estar separados?"

"Sim, diga-o; se for uma inverdade, eu assumirei a culpa, pois vejo-o assim agora" (— "mais provas, diz você?", disse ele, encostando o ouvido a um tubo; "mande para baixo, os rapazes vão analisar"). "Esta é a minha sala de trabalho. Tenho nove salas agora", disse ele, e pedindo-me que o seguisse, mostrou-me uma sala de estar simples onde vários parentes, incluindo os seus entes mais queridos, estavam sentados, lendo diferentes livros ou ocupados em tais trabalhos que a fantasia de uma mulher a impele a realizar após o lapso de anos na vida espiritual. A mãe e a esposa, o pai e o irmão, e vários amigos saudaram-me com grande amabilidade e pareceram estar felizes por me ver, como pessoas que se reencontraram após a separação de anos.

"Devo deixar-vos agora", fazendo um movimento para colocar a sua roupa em boa ordem; "é um momento muito ocupado agora, mas estou contente", disse ele com um sorriso iluminando o seu rosto genial. "Eu costumava estar ocupado quando no mundo terreno, a trabalhar por dinheiro."

Pedi para ser dispensado também, pois ficara exausto de tanto pensar, feliz em esperar e mais terno para com toda a humanidade ao ver este herói de uma vida humilde, tão fiel a si mesmo.

"Deus o abençoe", disse Horace.

Samuel Bowles

29 de Jan. de 1885

Perg. — Como é que o Sr. Greeley "colocava a sua roupa em boa ordem"?

Resp. — Ele tinha o hábito de puxar as calças para baixo e puxar o colarinho do casaco para cima sempre que se levantava da cadeira.

**Horace Greeley nasceu em Amherst, N.H., a 3 de Fevereiro de 1811. Foi o fundador, em 1841, do New York Tribune. Em 1872 foi nomeado para a Presidência dos Estados Unidos pelos partidos Liberal Republicano e Democrata, mas foi*

derrotado nas urnas. O entusiasmo da campanha e o desapontamento pela derrota produziram uma inflamação no cérebro e ele faleceu a 29 de Novembro de 1872.

VIGÉSIMO TERCEIRO DOCUMENTO

THOMAS PAINE — ELE REIVINDICA A RESPONSABILIDADE PELAS COMUNICAÇÕES DE MUITOS MÉDIUNS, ESPECIALMENTE DA SRA. AMELIA H. COLBY

Quando encontrei Thomas Paine*, fiz a pergunta estereotipada: "Em que esfera reside?"

Com um rosto cheio de luz solar e um coração exultante com a sua liberdade, disse ele: "Falam de esferas; para mim, o mundo é o meu país. Não esqueci o tempo em que, na vida terrena, os meus esforços para libertar o homem das trevas mentais foram declarados como as próprias trevas; não esqueci o fanatismo que me assaltou a cada passo e me fez perceber que vivia num país que ignorava alguns dos seus trabalhadores mais fervorosos."

"Sofre agora por ter sido mal compreendido quando na terra?"

"Não, não sofro, pois cada boa ação trará a sua recompensa; mas sei que há aqueles que tecem coroas de louros para os patriotas da Revolução Americana que não me colocaram justamente na página da história pelo meu papel nessa luta. É o 'Tom Paine', o infiel, não Thomas Paine, o trabalhador e sofredor do passado. Mas aguardei o meu tempo, trabalhei através das trevas do fanatismo, nascido de uma religião falsa e, em vez de ser retratado por Jonathan Edwards e outros como submetido a uma penalidade extrema por algum pecado desconhecido, com o meu irmão, Voltaire, apresento-me hoje onde a simpatia humana se misturaria de bom grado com a angélica, e chamo a todos os que são grosseiramente mal compreendidos, filhos de um Pai comum, cujo desejo supremo é o bem de todos.

Poderia sentir-me melhor se tivesse a disposição de Napoleão; poderia desejar usar louros se pensasse que os verdadeiros louros poderiam vir da miséria; mas posso apresentar-me com o meu irmão Washington e dizer: 'vamos comparar notas'. Isto não é egoísmo; é o desejo que todos sentem quando se encontram à beira da incerteza e desejam ser compreendidos.

Desejo ser tido como um homem que, amando os seus semelhantes, trabalhou com toda a sua alma pela liberdade. Desejo que o mundo saiba que, pelo menos através dos lábios de uma mulher, proferi verdades da maior importância; o nome dessa mulher tenho orgulho de dar ao mundo terreno: é Amelia H. Colby*. É um tributo devido a ela que eu diga: sou responsável pelos sentimentos oferecidos ao mundo e expressos por ela.

Usei outros, mas ela é um dos melhores, se não o melhor instrumento que alguma vez usei; e ao utilizar os seus dons, desejo mostrar ao mundo, se esse velho e vago mundo o puder apreciar, que através do organismo dela posso expressar o maior poder. Sinto-me feliz por conceder o devido louvor a esta mulher. Que todos os que leram a 'Idade da Razão' saibam que, pudesse ela ser colocada em condições adequadas, eu poderia fazer um trabalho através dela que seria a 'Idade da Razão Agora'."

Agradeço a todos os instrumentos que usei, direta ou indiretamente, pela sua cooperação em trazer a um mundo acorrentado alguns indícios do tempo que há de vir, quando se perceberá plenamente que nós fazemos os nossos infernos e construímos os nossos próprios céus.

"As suas ideias estão todas dedicadas a estes pensamentos do passado?", perguntei.

"Não, senhor, vivo muito mais no presente e amo no presente. O futuro está aberto para mim porque aprendi a ler as lições entre o passado e o agora, e a tirar deduções para o futuro. Sei que a minha vida espiritual é plena de beleza; vejo belas imagens de almas libertas nos meus sonhos e acordo para perceber que outra atravessou algum rio escuro de desespero e está diante de mim, pedindo-me alguma pequena ajuda no caminho ascendente que sabem que estou a percorrer. Espero pelo tempo em que os germes da minha vida terrena deitem raízes mais profundas e eu seja, não pela minha própria glória, mas porque é justo, reconhecido como deveria ter sido há muito tempo.

Estou contente com a minha vida aqui. Sou mais feliz com pessoas na quarta esfera do que estaria com aquelas muito avançadas, que cortam parcialmente os elos entre elas e o passado e navegam nalgum mar de glória onde serão plenamente reconhecidas como filantropos. Essa não é a minha ambição, porque o meu trabalho está apenas a começar. Nunca serei compreendido, senhor, porque não me compreendo totalmente a mim próprio, mas tenho aqui um lar acolhedor para os exaustos — um aperto de mão caloroso e gentil para aqueles que lutaram a batalha da vida terrena, e um pequeno refúgio de descanso para uma irmandade que é traída para uma maternidade infeliz e ajuda a aumentar o número de almas prematuras que estão a inundar o mundo espiritual. Ajude-me a limpar o poço do erro, irmão Bowles; ajude-me a ser para os outros o que eu gostaria de ter sido para mim próprio, e a sua ajuda será mui graciosamente aceite, embora tenha chegado há pouco tempo à nossa vida espiritual."

Este é Paine, o homem que foi retratado como o mais vil dos homens, um pecador contra si próprio e contra o seu Deus! Este é Paine! Oh, Ortodoxia, levantai as vossas mãos em horror sagrado e perguntai-vos se Samuel Bowles entrou de facto em tal companhia! Respondo mui alegremente que sim.

29 de Jan. de 1885. Samuel Bowles.

**Thomas Paine nasceu em Thetford, Inglaterra, a 29 de Janeiro de 1737. Veio para a América em 1774, tomou parte ativa a favor da Revolução Americana. Foi para França em 1792, foi preso pela fação de Robespierre em 1794 e escapou por pouco à*

*guilhotina. Enquanto na prisão escreveu a primeira parte da sua "Idade da Razão". Faleceu na cidade de Nova Iorque em 1809 e foi sepultado na sua propriedade em New Rochelle, N.Y. **

Uma conhecida oradora pública entre os Espiritualistas, notável pelos seus grandes pensamentos e poderosa oratória — formalmente às vezes controlada por Thomas Paine.

VIGÉSIMO QUARTO DOCUMENTO

PRÍNCIPE ALBERT DE INGLATERRA — ALICE E LEOPOLDO — O SEU LAR ESPIRITUAL

Vou agora cumprir a minha promessa e relatar-vos a minha segunda entrevista com Leopoldo, filho da Rainha Vitória. Uma surpresa feliz esperava-me, pois fui não só gentilmente saudado por ele, mas também pelo seu pai, o Príncipe Albert*, e pela sua irmã Alice, há tanto tempo chorada.

"Desejo corrigir uma opinião falsa", disse-me Albert, enquanto me estendia as mãos em saudação. "Vós, pessoas dessa nação independente (os Estados Unidos da América), supondes que todos os casamentos entre a realeza são simplesmente casamentos de conveniência; mas, pelo menos, não foi assim comigo ou com os meus. Amei a esposa mais do que a rainha, e a mãe dos meus filhos exigia uma parte ainda maior da minha devoção.

Éramos felizes; a nossa vida doméstica era frequentemente limitada pelo facto da posição, mas conseguíamos encontrar muito que era familiar e esforçámo-nos por educar os nossos filhos com vista a privações futuras. O tempo passava alegremente; o nosso lar nas Terras Altas, o nosso lar junto ao mar, os nossos lares na cidade e no campo, eram todos e cada um deles queridos para nós. É claro que nós, como outras pessoas casadas, tínhamos as nossas diferenças de opinião, mas nunca ao ponto de causar tristeza por qualquer período de tempo.

Lembro-me de que uma vez não nos tínhamos compreendido muito bem e ela deixou-me por um pouco; depois veio, batendo suavemente à porta, dizendo: 'Sou eu, a vossa rainha, que procura entrada'.

Respondi: 'Não tenho rainha'.

Ela hesitou um pouco e depois disse: 'É Vitória, a vossa esposa'.

'Entrai', disse eu, e tudo foi paz. Penso que estes factos são narrados nalguns dos seus manuscritos que foram publicados.

Ao falar sobre ela, a quem amo tão ternamente, desejo corrigir uma ideia prevalecente no vosso país relativa ao espírito mercenário da minha esposa. Embora rainha, as suas boas ações não são proclamadas; ela não o deseja; assim, gentilmente e

com a quietude de uma Florence Nightingale, ela tem as suas rondas de caridade que têm crescido à medida que os anos passam. Não consigo descrever a nossa antiga vida. Não consigo dizer-vos quão felizes ficámos à medida que cada filho abençoava o nosso lar: os dias passavam depressa demais e as horas eram como momentos, até que chegou a terrível doença que me tirou da vida terrena. Eu estava mui ansioso por ficar."

"Eu não queria deixar a vida brilhante que me era tão querida; a minha esposa, os meus entes amados, olhando-me nos olhos com tal expressão de súplica, rogando ao Céu em oração, implorando aos médicos que rodeavam o meu leito que me salvassem. Penso que fui mantido no corpo várias horas mais do que deveria ter estado, não fosse pela força de vontade minha e da minha família.

Mas encontrei os entes queridos do passado ao redor do meu leito; vi mãos acenando tão ansiosas, rostos tão sorridentes que, antes de me aperceber, estava fora do antigo corpo e no novo, e era levado gentilmente para longe das cenas de dor que oprimiam cada coração no meu lar terreno. A triste notícia foi levada de nação em nação de que eu estava morto — morto, pensei eu, e contudo tão vivo!

Descansei então; dias de luto passaram — pensei que devia voltar; devia ver a minha amada esposa; devia vigiar os meus filhos no seu luto. Bem, entrei no meu antigo lar como visitante e vi rostos tão tristes, olhos tão marejados; vi em todos os lugares para onde olhava emblemas de luto por mim. A nação podia passar sem mim, mas a minha gentil esposa não poderia curar a ferida tão cedo. Não foi senão até que o medo de outra dor sobressaltada chegou até ela, na terrível doença do Príncipe de Gales, que ela foi realmente despertada do seu luto. Mas ela então concentrou todas as energias para chamar de volta das garras da morte o nosso filho primogénito; e enquanto a nação esperava com coração expetante, temendo o pior, a mãe trabalhava e rezava.

Ele melhorou finalmente, voltando lentamente à vida, mas mais como uma sombra do que como o seu antigo eu. Em todas estas dores da minha rainha, nenhum dever foi negligenciado; metódica em tudo, ela não deixaria que a morte ou a doença prolongada a impedissem de cumprir eventualmente o seu dever para com o seu povo.

Depois veio o tempo em que a minha doce Alice morreu, dando a sua vida terrena logo após a do seu filho, que fora tão querido ao seu jovem coração de mãe. Esta súbita aflição lançou uma sombra sobre o nosso antigo lar e tornou o seu Irmão um enlutado de novo, sim, um duplo enlutado por filho e irmã.

Oh! Ao olhar para a minha esposa enquanto ela sente agora pelos seus tesouros perdidos, penso que não é mais ser uma rainha do que ser uma boa mulher; pois o seu coração foi torturado com tanta agonia que existem linhas profundas e tristes no seu rosto e o seu cabelo branqueou com a dor. Outra luta virá em breve para ela, e essa é o casamento proposto da sua Beatriz. Esta criança tem sido o conforto da sua mãe, aquela que conheceu os segredos mais íntimos do seu coração! Poderá não ser, mas as necessidades da realeza devem ser sempre atendidas."

Alice, a esta altura, deixara as salas sumptuosamente mobiladas e Leopoldo disse: "Viu o meu pai, caro senhor; não é isto melhor do que ter-me a mim a contar a história da nossa vida no nosso antigo lar, quando o manto negro da morte estava sobre os nossos entes amados?"

Levantei-me para partir, sentindo-me melhor por ter visto estas pessoas bondosas e as últimas palavras que o Príncipe Albert me disse foram: "Espero por ela: a minha rainha virá em breve. Bom dia."

Samuel Bowles

30 de Jan. de 1885

VIGÉSIMO QUINTO DOCUMENTO

BEATRIZ NO SEU LAR ESPIRITUAL, AGORA UNIDA A DANTE

Sim, prometi, se possível, ver Beatriz, o único amor real e inspiração da vida de Dante; e fui admitido à sua presença. Ela não manifestou a dignidade de Dante, a severidade de Isabel, nem a submissão tranquila de Lady Jane Grey. Mas havia algo nela que me fez sentir que Dante poderia ter sido melhor inspirado na sua vida terrena se tivesse tido a influência dela no seu lar; tal gentileza, tal beleza de forma e feição com que os poetas sonham, mas não conseguem descrever a sua cor: tal graça de movimento raramente se encontra numa forma humana ou divina.

"Estou realmente na presença da Beatriz de Dante, aquela de quem circunstâncias cruéis o separaram há tanto tempo?", perguntei.

"Sim, é realmente assim," disse ela, sorrindo brilhantemente; "mas, por favor, ponha de parte toda a espécie de homenagem a alguém tão humilde como eu. Não desempenhei o meu papel muito bem no palco da vida. Não o pude ajudar lá; casei-me com um nobre quando jovem e passei para fora dessa vida enquanto ainda jovem. Mas não perdi de vista o meu Dante e, se alguma vez um poeta foi inspirado pelo amor verdadeiro, o meu Dante foi inspirado, quando era um andarilho sobre a terra com escasso dinheiro para comprar tinta ou pergaminho.

Às portas da sua amada Florença ele esperou em vão por algum reconhecimento e por entrada; mas ter sido um poeta naqueles dias, senhor, era ter sido um mártir: embora a verdadeira poesia deva ter começado quando uma estrela dos céus lançou uma luz de boas-vindas a outra, e a lua pálida olhou friamente.

Poemas verdadeiros devem ter sido gravados nas colinas e montanhas, na planície e no lago, na terra e no oceano, quando primeiro evoluíram da terra e do ar estas histórias de rocha, rio, continente e mar. E deve ter sido um poema ainda mais grandioso quando o sol primeiro beijou para a vida uma vegetação sem limites, porque a terra estava pronta para explodir em flor e cada parte assumiu a sua forma e cresceu em

beleza. A poesia é tão antiga quanto Deus, porque faz parte d'Ele. O meu Deus é cada elemento na Natureza que ajuda a compor o grande todo."

"Quais foram as circunstâncias que causaram a rutura entre Dante e a senhora, quando o amor era igual e plenamente retribuído?"

"Não me peça, Senhor, para repassar esse doloroso sonho terreno. O meu verdadeiro trabalho tem sido nesta vida. Quando o meu Dante tinha trinta e cinco anos, conforme contam o tempo (creio que estou certa," disse ela, levando a mão à testa), eu, nesta vida, travei conhecimento com Virgílio, que estava a estudar do mais baixo ao mais alto no mundo poético; e ele foi mui gentilmente atraído por Dante e, com a minha intensa simpatia, sendo ele um forte médium (como agora lhe chamam), sentiu-nos, soube que estávamos a trabalhar por ele, e registou num dos seus poemas o seu apreço pela minha presença — para outros é uma fantasia, um sonho. Não houve mais separação para nós então. Acompanhei-o até ao fim e descobri que ele me compreendia. Tive encontros perto do velho castelo em ruínas e na 'Rocha de Dante' nas margens do Adriático, quando ele era carne e eu era espírito. Não posso negar que o coração, chamando pelo coração, não tenha apressado a vinda dele. Não me arrependo agora.

Fui impelida a uma união, desagradável para mim; mas quando o meu Dante errante veio ter comigo, senti como se o céu tivesse começado; pouco me importava o corpo frio do meu Dante, em câmara ardente, pouco me importava o seu túmulo dispendioso; eu tinha o meu Dante vivo, o meu Dante real e respirante, e sabia que nunca haveria um limite para o nosso trabalho. Sou suficientemente tola para acreditar que, nesta vida, sou uma inspiração para ele e que os poemas que ele procura tão fervorosamente transmitir à terra serão melhorados pela minha ajuda em encontrar algum transmissor para os fazer chegar lá abaixo."

"Porque deseja tão fervorosamente que todos os pensamentos, belos e puros, sejam enviados de volta àquela velha terra?"

"É uma lei da vida espiritual: se as pessoas não estivessem sempre a entrar na vida terrena e assim a povoar as esferas da eternidade, não nos importaríamos tanto; se a multidão atual encerrasse a lista, tudo estaria bem em breve. Mas como a Natureza evoluiu tanto através dos seus elementos, por que não pode acontecer que um novo crescimento, uma educação mais verdadeira, possa ser introduzida nos diferentes mundos, e assim trazer da ignorância atual um melhor ponto de partida para a humanidade?"

Deixei esta bela mulher no seu adorável lar, certo de que seria melhor por tê-la visto, certo de uma doce memória na minha alma, embora nunca mais a voltasse a ver. Folgo em pensar, seja acreditado ou não, quer este instrumento ou eu próprio possamos incorrer no ridículo, que tenho esta missão: trazer à terra imagens de tal viver no mundo espiritual como é exemplificado por Dante e Beatriz.

Samuel Bowles

29 de Jan. de 1885

VIGÉSIMO SEXTO DOCUMENTO

VOLTAIRE, UM RESIDENTE DA OITAVA ESFERA

"Diz o senhor que posso ver o verdadeiro Voltaire*, sobre quem os Cristãos vociferaram e que a certa altura pensaram ser demasiado vil para tomarem o seu nome nos lábios?"

"Sim, senhor," disse o meu guia, "se lhe interessar. Ele está perfeitamente disposto a encontrá-lo, mas o senhor estará sujeito à mesma inconveniência que teve ao entrevistar outros, a de empregar um intérprete."

Subi à oitava esfera e encontrei o herói da Infidelidade. Chamo-lhe herói porque foi fiel aos seus princípios, nem qualquer tortura mental o pôde forçar a ocultar as suas opiniões.

"Como é isto," disse eu, "que o senhor, que passou muitos anos da sua vida tentando contradizer a crença na imortalidade da alma, se encontra aqui, ainda vivo e a falar comigo?"

"Estou mui felizmente desapontado," disse Voltaire, com aquele sorriso tão cativante na vida terrena. "Descubro que não consigo morrer."

"Arrepende-se alguma vez do seu percurso na vida terrena, da sua profanidade, como é chamada, do seu total horror pelo que era ensinado como religião verdadeira?"

"Arrependo-me de alguns dos meus atos precipitados; lamento ter causado dor; mas não poderia lesar um Deus quando não havia nenhum para ser ferido. Reconheço um princípio, um poder, mas não um Deus. Sinto-me agora enojado com toda a semelhança de Cristianismo que, de acordo com a sua crença, permite a um homem como Constantino estar aqui neste mundo superior e ser tão grandioso e assumir tanta autoridade! Não desejo falar com indelicadeza, mas se eu pudesse chamar-lhe uma das suas vítimas, até mesmo Fausta, a sua esposa, e o senhor ouvisse a história dela, penso que descobriria que o tempo não pode reparar os agravos tão depressa como muitos imaginam; o seu calendário de assassinatos era apenas de sete! Isso pode ser um número pequeno para um Cristão, mas eu preferiria ter gasto as minhas forças a fazer o bem do que a assassinar a minha esposa, os meus filhos ou outros amigos.

Penso que Constantino tem sido um hipócrita e ainda o é. Não tenho piedade dele nem de Eusébio; ambos, tanto quanto possível, estão a desempenhar um papel; e se tivessem agora as facilidades que outrora tiveram quando na vida terrena, haveria mais assassinatos cometidos e mais 'Evangelhos' escritos!"

"Então está mais satisfeito com a sua vida terrena do que se tivesse sido um deles ou como eles?"

"Sim, muito mais satisfeito. Poderia confessar erros que agora me fazem corar; poderia relatar histórias sombrias de orgias da meia-noite que agora me fazem tremer; poderia falar de virtude sacrificada e de vício triunfante; poderia desnudar a minha alma diante de si, senhor, e deixar que a visse como outrora foi, tão manchada, tão corrupta que era para mim um inferno contemplá-la. Mas estou a crescer para fora disso. Por todos os atos indelicados praticados por mim, há muito que procuro fazer reparação. Estou a dar o meu melhor agora; mas ainda tenho as minhas antipatias, a minha antiga obstinação. Vivi uma vida terrena instável, estava sempre a lançar-me em novos sulcos, sempre a tentar novas experiências. Agora estou disposto e pronto a dar o meu melhor, mas estranhamente retido por antigas circunstâncias. Ajudá-lo-ei com todo o gosto a realizar tudo o que puder por esse velho mundo.

Thomas Paine passou para cá desde que eu morri e fala-me de livros escritos sobre mim que me retratam como um habitante do Inferno. 'Isto é agradável'," disse ele com um riso de escárnio. "Formei uma amizade com ele, e foi ele quem me aconselhou a enviar uma mensagem de volta através de si. Estou eu próprio a preparar um livro através de uma médium francesa, cujo nome não estou agora em liberdade de dar. Tenho estado muitas vezes com Madame Blavatsky* e observado as curiosas experiências realizadas sobre o seu organismo; e pela sua afirmação, estou mui interessado na sua médium, que está tão disposta a emprestar-se para este trabalho. Bom dia, senhor; devo partir para o meu novo livro."

Samuel Bowles

30 de Jan. de 1885

**Voltaire (François-Marie Arouet) nascido em Châtenay, França, Fevereiro de 1694; o mais brilhante autor francês, que pelo seu génio e agudeza reinou como um monarca absoluto no reino das letras durante o século dezoito. Foi um mestre-arquiteto da ruína e preparou o caminho para a poderosa convulsão da sociedade em França. Faleceu a 30 de Maio de 1778. — Enciclopédia Johnson. *Madame Blavatsky é uma senhora russa, autora de obras sobre o Ocultismo do Oriente. Reside atualmente entre os Teosofistas das Índias Orientais Britânicas.*

"Ajudá-lo-ei com todo o gosto a realizar tudo o que puder por esse velho mundo. Thomas Paine passou para cá desde que eu morri e fala-me de livros escritos sobre mim que me retratam como um habitante do Inferno. — 'Isto é agradável'," disse ele com um riso de escárnio. "Formei uma amizade com ele, e foi ele quem me aconselhou a enviar uma mensagem de volta através de si. Estou eu próprio a preparar um livro através de uma médium francesa, cujo nome não estou agora em liberdade de dar. Tenho estado muitas vezes com Madame Blavatsky* e observado as curiosas experiências realizadas sobre o seu organismo; e pela sua afirmação, estou mui interessado na sua médium, que está tão disposta a emprestar-se para este trabalho. Bom dia, senhor; devo partir para o meu novo livro."

Samuel Bowles

30 de Jan. de 1885

**Madame Blavatsky é uma senhora russa, autora de obras sobre o Ocultismo do Oriente. Reside atualmente entre os Teosofistas das Índias Orientais Britânicas.*

"Bem," disse ele, pausadamente, "devo ter amigos lá. É claro que pertencem à presente geração e eu já parti há mais de cem anos, mas deveria haver alguns que se lembrassem de mim com bondade, porque pensei que estava a fazer o que era certo."

"Estarei enganado ao pensar que o senhor foi aquele que estava tão disposto a ser um mártir?"

"Não, senhor, não está; nada considerei perdido se fosse para o bem."

"Pensa que a religião que esposou é muito melhor do que o fanatismo?"

"Certamente que sim: através da minha humildade, faço o meu lar lá em baixo, na quinta esfera, enquanto os infiéis rastejam para mais alto e mais alto. Oh! é apenas a sua confiança excessiva em si mesmos; eles não se importam com as almas dos outros, nem suspeitam que não estão a agir bem ao apressarem-se para cima, onde apenas os pés dos dignos deveriam pisar. Este dia estou a tentar enviar para a terra algo para contrariar as ideias perversas que ganham ali terreno depressa demais. Folgo em tê-lo conhecido, mas não posso desperdiçar mais tempo," disse ele, afastando-se apressadamente.

Perguntei-me quem desperdiçara o tempo, John Sage ou eu.

Samuel Bowles

30 de Jan. de 1885

DÉCIMO OITAVO DOCUMENTO

DRED SCOTT, AINDA PROCURANDO OBTER VINGANÇA PELOS AGRAVOS QUE LHE FORAM INFLIGIDOS ENQUANTO NA VIDA TERRENA O SR. BOWLES ENCONTRA-O PERTO DO RIO MISSOURI

Não devo fugir ao meu dever e, neste curto documento, fazer justiça a uma raça que, nos Estados Unidos, foi frequentemente um terror para aqueles que conheciam a capacidade de vingança secreta possuída pela raça africana. Estas pessoas, ressentidas com a injustiça que lhes foi feita, em algum momento retaliarão, mesmo na vida espiritual. Estes antigos escravos, mártires de um mau governo, farão frequentemente outros sofrer pelo que suportaram. Nenhuma educação aqui pode, por um tempo, remover das suas mentes o abuso sistemático e prolongado da sua vida terrena.

Ao encontrar um homem negro chamado Dred Scott*, perguntei: "Uma vez que a sua vida mortal foi tão cheia de crueldade, não pode contentar-se em tornar-se melhor sem deixar que outros, ainda na vida terrena, sintam o seu poder, e assim aproveitar cada oportunidade para cometer ultrajes contra os brancos?"

"Não, não estou satisfeito; fui arrastado de um lugar para outro, como um réptil, fui abusado e usado de forma mui horrível. Tornei-me mui perverso com isso e não me arrependo. Ajudarei cada preto entre eles a fazer guerra aos brancos. Conheço mulheres brancas que foram levadas para o mato e forçadas, mas folgo com isso, folgo por cada dor que uma mulher branca sofre, porque esse tipo de gente tem sido tão ruim para nós."

"Não desfrutava das reuniões religiosas a que costumava ir, e não achava as lições da Bíblia boas para si?"

"Tentei, mas folgo agora por não ter acreditado nessas palavras da Bíblia. Ora, descubro que esse velho livro está cheio de escravatura; cada um tem de ficar onde nasceu e uma pele preta não tem direito de pensar. Esse livro foi o que me deixou mais furioso de tudo; um velho patrão de um pregador costumava vir muitas vezes pelo nosso caminho e achava que as costas a arder se sentiriam melhor dizendo: a Bíblia diz, 'Servos, obedecei aos vossos senhores'. Tal coisa não servia para mim. Amei uma vez e pensei que podia ter a minha rapariga, mas depois do que ela teve de passar, já não a quis. Oh! não, a minha mãe também foi vendida para longe. Oh! eu odeio e odeio e DETESTO, e isso não conta a história toda, não senhor, não conta."

"Está disposto a admitir que faz o seu máximo para incitar as pessoas negras na terra a cometerem ultrajes contra os brancos que foram donos de escravos?"

"Não percebo muito dessa sua conversa fina, nem me importa, mas folgo quando posso rastejar para baixo e fazer com que alguém dê uma lição àquela gente que me levou de estado em estado e nunca se lembrou que eu tinha sentimentos; eu fiz coisas más, folgo com isso, continuo a fazê-las e continuarei, e não venha com conversas pias para mim."

"A que altura já chegou nas esferas?"

Ele soltou uma gargalhada diabólica e disse: "Faça-me uma fácil, uma que eu possa responder."

"Quão longe já se afastou deste lugar," disse eu, enquanto por um momento descia aos terrenos baixos e pantanosos perto do rio Missouri.

"Eu! Não subo muito, não quero, tenho aqui uma oportunidade melhor para fazer outros pretos fazerem o que eu não pude fazer."

Não reproduzi a sua linguagem, que era extremamente grosseira. Não o consigo retratar, apenas quero que os meus leitores saibam que o passado continua a produzir frutos de tristeza para os seus e de alegria para aqueles que viveram retamente e se compreenderam a si próprios. Lembrem-se que esta vida no nosso lado é como a vossa, composta de todos os tipos, cores e classes. Tinha-me encontrado desta vez com um dos mais baixos.

Samuel Bowles

1 de Fev. de 1885

**Dred Scott era um escravo que viveu outrora no Missouri. Foi vendido a John F. A. Sanford de N.Y. Durante a posse do seu antigo senhor, fora levado para Illinois e também para uma parte do território do noroeste, agora Minnesota. Sendo levado de volta para o Missouri, processara sem sucesso pela sua liberdade com base no facto de ter sido levado para um estado livre. O seu novo dono, contudo, recorreu para o Supremo Tribunal dos E.U. num recurso de erro. Foi neste recurso que o juiz conselheiro Taney proferiu o sentimento de que "o negro não tem direitos que os brancos sejam obrigados a respeitar". Deu esta opinião como a voz da história com referência à raça negra, não como sendo sua, mas pensa-se que ele coincidia com ela. — Ascensão e Queda do Poder Escravocrata na América, de Henry Wilson, Vol 2, Pág. 524.*

VIGÉSIMO NONO DOCUMENTO

JOACHIM MURAT, MARECHAL DE FRANÇA — ELE DEPRECA A "GUERRA"

Na minha busca pela verdade, não parei em nenhum ponto, embora muitas vezes desapontado, se pudesse colher alguma pequena inteligência de qualquer fonte que espero ser benéfica para os meus leitores. Portanto, entrevistei este guerreiro e homem verdadeiro.

Joachim Murat* foi um herói, lutando por aquilo que pensava ser a verdade. Preso com Luís XVI, entusiasta no seu apoio a Napoleão I, vivendo a vida de um guerreiro, contudo possuindo a ternura de uma mulher, ele achava que não era nada sacrificar muito por aquilo que acreditava ser justo. Era uma presença histórica imponente, que há muito vivia na minha memória.

Disse ele através do seu guia: "Quando cessará o espírito de guerra e reinará o espírito de paz? Quando ensinaremos àqueles que vêm depois de nós que o verdadeiro viver não pode ser alcançado por campos de batalha que obscurecem a luz do Céu? Não lhe posso contar a minha história, senhor. A pena é demasiado fraca para retratar o que fiz por amor, o que fiz por honra, o que fiz por glória.

Pudesse eu agora recordar como tentei conhecer-me a mim próprio, em vez de me gloriar no homem que era um amigo enquanto lutava; pudesse eu olhar para trás para lares felizes em vez daqueles desolados pela guerra; pudesse eu olhar para trás para Napoleão, meu amigo, e através dessa amizade ter-lhe ensinado a felicidade, em vez de recordar a rutura entre nós, que apenas foi curada de novo pela guerra; pudesse eu ter visto o meu país como palco de paz em vez de conflito nos meus últimos dias de vida terrena, eu ficaria de facto feliz. Mas a memória é o Céu ou o Inferno; ela alcança do mais baixo ao mais alto; traz a nossa glória ao pó e transforma as nossas canções de vitória no suspiro daqueles que vagueiam nas trevas. Oh! senhor, os equivocados encontram-me em todo o caminho. A ambição é uma mestre grosseira, a menos que conduza retamente."

"Para onde o conduziu ela?", perguntei.

"Conduziu-me a uma morte mui ignominiosa. Os políticos tinham terminado comigo; eu já não podia servir o seu propósito; a guerra tinha melhores líderes; o medo de eu usurpar o lugar de outros fez com que o meu coração batesse pela última vez dentro das muralhas e os meus olhos olhassem pela última vez pelas janelas de um castelo onde eu fora muitas vezes antes um convidado de honra. Ah! esses tribunais de vida militar, mais terríveis e mais vingativos do que o despotismo, mais brutais do que as cenas de morte do selvagem, pois quando um irmão soldado apertou as mãos de irmãos soldados na batalha, morrer por essas mãos de camaradas é cruel de facto.

Hoje, oponho-me a todas as guerras, salvo a guerra contra a ignorância, levada a cabo pelo conhecimento com armas sem sangue; a guerra contra o fanatismo na qual a Igreja deve ceder como uma estrela cede à maior radiância do sol; uma guerra contra a vingança na qual a gentileza da mulher conduzirá o guerreiro do campo de batalha para a conquista do lar: estas guerras banirão as antigas porque a cúpula branca da paz está na ascendente. Diga àqueles que possam ter ouvido falar de Joachim Murat que morri com os olhos abertos, enfrentando os amigos que foram os meus assassinos, tal como enfrentei o inimigo na batalha. Bom dia, senhor."

Samuel Bowles

1 de Fev. de 1885

**Joachim Murat, nascido em França em 1771, foi nomeado marechal por Napoleão Bonaparte em 1804. Distinguiu-se nas batalhas de Jena, Austerlitz, Eylau e Friedland. Enquanto rei das duas Sicílias, encorajou a agricultura, a indústria, melhorou as finanças, aumentou a marinha e organizou um exército de 70.000 homens. Numa tentativa de libertar a Itália das garras de Napoleão, perdeu a vida, sendo fuzilado por decreto de um conselho de guerra no castelo de Pizzo, em 1815. Disse, quando estava prestes a ser fuzilado: "Enfrentei a morte tempo suficiente e vezes suficientes para a encarar com os meus olhos abertos e de pé".*

TRIGÉSIMO DOCUMENTO

MOZART, O COMPOSITOR, A ENSINAR NA OITAVA ESFERA

Nas minhas andanças, encontrei Mozart*, sim, dois Mozarts†; pois para a vida do Mozart mais jovem fluiu muito da inspiração do pai, que, acompanhada de uma vontade mui poderosa, lhe permitiu superar a força adversa das circunstâncias e tornar-se um dos mais ilustres da terra. Eu não conseguia compreender o seu alemão, nem ele o meu inglês; portanto, o intérprete foi necessário. Não dediquei muito da minha vida ao estudo da música, na verdade quase nada, mas penso que tinha um apreço por ela quando ocasionalmente escutava um grande artista; contudo, não conseguia afastar da mente o meu escritório e o seu trabalho.

"A minha vida na terra foi curta," disse Mozart, "não chegando ao meu quadragésimo ano. Quão bem me lembro da música. As minhas primeiras recordações foram as do velho violino do meu pai. Mesmo antes de me conseguir expressar para ser compreendido, qualquer discórdia, quase impercetível para outros, soava asperamente aos meus ouvidos. Consigo lembrar-me de quando reunidos na bancada de trabalho do meu pai no nosso lar humilde, nós, crianças, costumávamos cantar pequenas canções, e como um calafrio me percorria quando uma voz falhava em fundir-se com as outras em perfeita harmonia.

A minha infância, alegrada por muito amor, mas limitada pela pobreza, foi uma inspiração constante para o futuro. Vivi na música. Fui negligente nos pequenos deveres que recaíam sobre mim. Cometi muitos erros, embora pretendendo fazer o que era certo. Descobri que tudo o que tentava fora daquele fluxo constante de música que corria na minha mente era deficiente. Lembro-me de ser chamado impertinente e atrevido por corrigir pessoas mais velhas ao afinarem os seus instrumentos, quando mal notava qualquer colisão pela casa. Os ventos podiam soprar e os trovões ribombar, e contudo eu sentir-me-ia indiferente; mas a discórdia na música era o meu principal horror. Quisera eu poder falar-lhe das minhas lutas e de como tardiamente na minha curta vida fui apreciado; quisera eu poder mostrar-lhe que amabilidade me foi concedida por alguns que descobriram o meu génio para a música, enquanto outros eram indiferentes, achando que um rapaz pobre deveria estar a trabalhar em vez de desperdiçar assim o seu tempo; quisera eu poder falar-lhe dos meus sonhos, tanto de dia como de noite, quando uma harmonia eterna parecia estar gravada no meu cérebro e eu ansiava por soprar noutros corações metade da simpatia, metade da harmonia que existia em mim.

Salzburgo não era um lugar grande, embora tivesse o que se chamava gente grande que ali fazia o seu lar uma parte do tempo. Levei a minha vida simples, fui ajudado por amigos que viram algum talento em mim, e deixei a minha música num estado inacabado para o mundo. Fui reconhecido pela nobreza, mas a real apreciação do meu trabalho foi dada desde que os meus olhos terrenos se fecharam e o meu coração humano se tornou um pouco de pó."

"Não se regozija por ser alguém que não pode morrer na memória da terra; não se regozija por haver algo tão terno na memória, tão fiel à história, que em cada lar de um músico o seu nome seja uma palavra familiar?"

"Folgo por ser assim, mas comparado com a minha posição atual percebo que tudo o que fiz na terra parece mui pequeno. Pudessem os ouvidos das pessoas da terra ser abertos para ouvir agora a música dos mestres; pudesse algum processo ser descoberto pelo qual a música de Beethoven num canto da Galeria de Arte pudesse alcançar as almas doentes da vida terrena, eu sentiria que a música estava a realizar o seu trabalho mais nobre."

"Estive nessa Galeria de Arte de que fala, com Michelangelo e Fra Angelico. Lembro-me de ver Beethoven com a sua turma, mas não recordo tê-lo visto a si."

**Johannes Chrysostomus Wolfgang Amadeus Mozart nasceu em Salzburgo, Alemanha, a 27 de Janeiro de 1756 e faleceu em Viena a 5 de Dezembro de 1791, no seu trigésimo sexto ano. Aos quatro anos de idade tocava piano com espantosa facilidade e expressão. Mozart é considerado o maior compositor do mundo, pela versatilidade e poder combinados do seu génio. Sofreu grande pobreza por vezes. Era extremamente amante da harmonia na música e as suas obras respiram a alma da harmonia.*

†Johann Georg Leopold Mozart, músico alemão, nascido em Augsburgo a 14 de Novembro de 1719. Faleceu a 28 de Maio de 1787. Era o pai de Wolfgang Mozart. Era um excelente organista e violinista.

Disse Mozart: "Soube da sua visita lá, mas não era o meu dia de aulas e eu estava fora a visitar os meus amigos. Eu também tenho uma turma lá. O meu pai é um ajudante comigo; deleito-me em dar a todos aqueles que têm o menor talento toda a ajuda que posso. A nossa paga aqui, senhor, é em harmonia. Esperamos atingir tal perfeição na música que ela possa flutuar para cima, até aos anjos mais elevados, e para baixo, até aos infernos mais profundos."

"O que quer dizer com inferno?"

"Quero dizer corações sofredores. Limpar a ferrugem e a corrupção das almas, despertar impulsos mais puros, fazer da vida aqui uma escola de cultura e de todo o pecado uma coisa do passado, é a minha ambição."

O rosto de Mozart brilhava como apenas os rostos daqueles que procuram fervorosamente realizar o trabalho mais nobre podem brilhar. Pensei que eu também estava a seguir, à minha maneira, os ditames da consciência que não podem ser postos de lado, e a espalhar sementes enquanto ele trabalhava de outra forma. Homens eruditos regozijam-se com tudo o que aponta para cima para as massas; pois, se um académico é egoísta aqui em cima, há certamente alguma falta na sua educação que é muito em breve observada nesta terra de visão clara.

Quando Mozart me disse: "Tenho de atender a minha turma", e depois encerrou rapidamente a sua visita à quinta esfera para ir à Galeria de Arte, fiquei mais do que nunca impressionado com a ideia do crescimento do génio e com a riqueza de amor que flui sempre para o homem a partir de todas as almas refinadas. Assim conheci Johannes Wolfgang Amadeus Mozart e regozijei-me por ter conhecido um homem tão glorioso. Oh! Quem me dera poder entrevistar desde o alto até ao baixo em todas as condições da vida espiritual, e trazer de volta à terra as lições mais escolhidas.

Samuel Bowles

3 de fevereiro de 1885

DOCUMENTO TRIGÉSIMO PRIMEIRO

E. Y. WILSON, TRABALHANDO PARA MÉDIUNS. —

TUDO SOBRE INVESTIGADORES IGNORANTES EM CÍRCULOS DE MATERIALIZAÇÃO

"Pode um homem comum entrar na vossa atmosfera depois de toda a aristocracia que ouvi dizer que vos visita ou a quem visitastes?"

Afastei-me da minha entrevista com Mozart para apertar as mãos do sempre genial E. Y. Wilson.*

"Como vão os tempos para si?", disse ele, olhando para mim com os seus olhos sorridentes, que brilhavam como que com mil raios de sol.

"Os tempos para mim seguem o antigo plano de 'Atravessar o Continente', e, senhor, pelos relatos que ouço de si, concluo que está a trabalhar na linha antiga."

"Sim, senhor, regozijo-me por ser ainda um médium; estou a escolher, de entre os filhos da terra, todos os que me serão úteis na promulgação da verdade. Estou ocupado, mas não posso esquecer o meu dever para com a minha esposa e filhos. Sinto por eles no seu desapontamento quanto aos assuntos domésticos, mas isso irá, afinal, abrilhantar a mediunidade de Isa e da sua mãe, e aumentar a disciplina que torna as almas melhores para ajudarem os outros. Não só estou contente por ter partido, como espero que outros médiuns, que estão desapontados e maltratados, possam apressar-se a vir e aumentar o número de trabalhadores aqui, que frequentemente realizam grandes círculos para desenvolvimento e para aumentar os poderes daqueles que estão a começar agora o trabalho.

Às vezes penso que aquele nosso velho mundo não merece médiuns; veja-se o descaso, as suspeitas; vejam-se as centenas de testes que não podem ser contestados, todos postos de lado por causa de um erro ou fraude! Veja-se como os jornais públicos se agarram a tudo o que sirva para provar que os médiuns mais notáveis e fiáveis são fraudes! Veja-se como alguns jornais espiritualistas trabalham com menos zelo para publicar factos que sustentem a verdade do retorno espiritual do que para satisfazer a opinião popular e apressar-se a expor a fraude, por vezes quando não há fraude alguma."

"Veja-se como velhos espiritualistas, que fecharam os olhos dos seus entes queridos com uma esperança, nascida do conhecimento, de que a contraparte desses olhos ainda os contemplava, que ainda recebem comunicações dos seus entes que ascenderam, que vivem continuamente sentindo a sua presença, até que alguma nuvem negra passe sobre o seu médium e eles duvidem se alguma vez tiveram uma mensagem. Os espiritualistas causam muito dano pelo seu zelo num momento e indiferença noutro. Causam grande prejuízo à causa ao esforçarem-se por interessar no Espiritualismo pessoas que não estão prontas para serem interessadas; por exemplo, eu próprio testemunhei esta ação."

"Um médium visita uma casa por duas ou três noites. A família tem uma doce comunhão com os seus amigos espirituais. Então, o mestre da casa relata estas coisas maravilhosas na cidade a um grupo de ouvintes ávidos e diz: 'Se não acreditam, venham e vejam por vós mesmos'. O círculo da noite é assunto de conversa durante o dia entre um grupo de ociosos — as apostas correm alto. O amigo entusiasta que abriu as suas portas para eles é chamado de velho tolo e planeiam-se esquemas para uma exposição."

"A noite chega e os convidados comparecem; perscrutam o rosto do médium como se ela fosse algum animal selvagem, expressando eles próprios nos seus olhares: 'Não me enganas'. Em vez de o filho ou filha amados se materializarem e saírem para apertar a mão do pai ou da mãe, formas grotescas aparecem e fogem. Os homens 'sábios' dão cotoveladas uns nos outros; acreditam que é tudo o médium; o seu forte poder de vontade é excitado e supera o poder de vontade do grupo espiritual, forçando o médium, muitas vezes inconsciente, a sair do gabinete para os braços destes 'céticos' que a agarram e a declaram uma fraude."

"O que faz o velho espiritualista? Fica ao lado do seu médium e procura descobrir a lei subtil da mente que causa esta conduta infeliz? Frequentemente, não: a sua pessoa e bagagem são revistadas, o seu coração ferido por insultos; exigem-se explicações que ela é incapaz de dar e outra vítima é, por algum tempo, posta de lado como um médium fraudulento, quando toda a fraude estava dentro do círculo de mentes poderosas que quiseram que ela fosse exposta.

Oh! sim, é por isso que sou duro com os espiritualistas. Sinto-me enojado com a sua falta de conhecimento, quando tentam ensinar os outros. Não sou rude, estou a dizer a verdade. Não me refiro aos burlões profissionais, que andam por aí a ganhar a vida à custa dos crédulos que estão prontos para serem enganados, mas refiro-me aos médiuns genuínos, cujas vidas têm pouco brilho e cujo bom trabalho é suspenso por algum tempo por estas supostas exposições. Cuidado, quando fores a um círculo de materialização, digo eu a cada médium honesto. É para remover este terrível flagelo sobre vós que estamos a trabalhar aqui nos nossos círculos espirituais que realizamos na primeira esfera, a fim de vos ajudar. Bom dia."

Samuel Bowles

3 de fevereiro de 1885

** 1. Um conhecido médium público e conferencista, que partiu para a vida espiritual há alguns anos, enquanto sentado na sua cadeira na sua casa em Lombard, Illinois. Ver Panfleto de Bowles, n.º 2, página 36, para outra mensagem interessante do Sr. Wilson, dando um relato dos seus últimos momentos.*

DOCUMENTO TRIGÉSIMO SEGUNDO

WILLIAM DENTON,* RESIDENTE NA TERCEIRA ESFERA —

ELE CONTINUA A PROSSEGUIR O ESTUDO DA CIÊNCIA NATURAL E A FAZER UMA COLEÇÃO DE ESPÉCIMES — UMA PALAVRA PARA O SEU FILHO SHELLEY — ALGUNS CONSELHOS PARA OS ESPIRITUALISTAS

* 2. William Denton nasceu em Darlington, Inglaterra, a 2 de maio de 1823. Na juventude veio para a América. Durante alguns anos deu aulas na escola, depois passou a dar conferências. Tornou-se um distinto geólogo e naturalista. As suas conferências eram pesadas em erudição, brilhantes em inteligência, resplandecentes em dicção poética, vibrantes em originalidade de conceção e surpreendentes pela audácia das suas afirmações. Possuía grande coragem moral e a mais alta integridade de caráter.

A sua voz eloquente foi ouvida em todos os Estados Unidos. Após uma série bem-sucedida de conferências na Austrália e na Nova Zelândia (as mais poderosas da sua vida, diz o seu filho Shelley), ele, com dois filhos, Sherman e Shelley, juntou-se a uma expedição exploratória para visitar a parte sul da ilha da Nova Guiné, em 1883. Deixando os seus filhos a fazer uma coleção de aves numa aldeia de nativos, seguiu com a expedição exploratória para o interior. Foi vítima da febre malária incidente naquele clima e, embora ternamente cuidado pelos seus companheiros, que tentaram regressar com ele para a costa oeste, carregando-o numa maca durante vários dias, expirou finalmente numa cabana abandonada numa noite chuvosa, a 26 de agosto, num lugar chamado Ber-e-ga-ba-di, e o seu corpo foi enterrado perto da cabana naquela selva solitária, a cerca de vinte milhas do acampamento dos seus filhos. A triste notícia foi trazida pela expedição aos seus filhos e, como não foi considerado prudente que visitassem o local do sepultamento, e temendo a febre fatal, toda a expedição apressou-se para a costa.

Os filhos regressaram via Austrália para a casa do pai em Wellesley, Mass. Shelley W. Denton faz um relato muito gráfico das suas viagens e da morte do seu pai numa conferência ilustrada. O Sr. Denton foi autor de uma série de panfletos e livros radicais e populares, cuja lista vai anexada ao final desta obra. A sua esposa, Elizabeth M. F. Denton, é uma rara psicometrista, através cujos poderes o Sr. Denton obteve grande parte do material para a sua obra muito original, “A Alma das Coisas”.

Com prazer relato-vos o meu encontro com William Denton. Enquanto eu vagueava ao longo de um belo riacho cujas margens altas estavam cobertas de arbustos e árvores, e onde faltava sombra, havia uma bela verdura, olhei para baixo e vi, à beira do riacho, William Denton inclinado, com ambas as mãos na água límpida. Ele obteve a sua pedra, apesar da minha saudação, e subiu a margem com dificuldade, com o rosto radiante de prazer.

“No seu velho truque, estou a ver”, disse eu, enquanto apertava a sua mão húmida, e, enlaçando o meu braço no dele, caminhámos uma curta distância até encontrarmos um local conveniente para prosseguirmos a nossa conversa. Aqui não era necessário guia nem intérprete. Homens da Nova Inglaterra, irmãos na vida espiritual e mais do que irmãos agora em simpatia, mal sabíamos por onde começar a nossa conversa.

Finalmente, disse ele: “Bem, sobre aquele livro; dizem que está a escrever para as pessoas lá em baixo; está a progredir bem com ele?”

Respondi: “Tão bem quanto poderia esperar, considerando todos os impedimentos existentes entre dois mundos, que tornam o intercâmbio difícil, mas fiquei satisfeito por ter mesmo esta oportunidade de enviar mensagens de volta.”

“É o que eu vou fazer”, disse ele, “se possível. Tenho tido a ideia de tentar usar o seu médium. Ora! Eu pensava que sabia alguma coisa da história das rochas quando estava na vida terrena, mas não sabia nada comparado com os resultados das minhas investigações nesta nova vida. Aqui é o lugar para o estudo; deu-me olhos com os quais posso voltar à antiga vida e ver onde eu era cego lá. Com o que aprendi e com o que colhi de outros aqui, uma nova história da Criação, não imaginária, mas real, poderia ser escrita, uma história que substituiria todas as histórias anteriores.”

“Eu queria viver para fazer o meu trabalho lá. Tive um pressentimento, quando me despedi da minha casa, de que era pela última vez. Estou contente por ter feito a viagem, pois foi rica em resultados. Acredito agora que, se o meu filho Shelley escrever as palavras que eu quase poderia segredar ao seu ouvido, posso renovar a memória da Natureza tal como ela é naquele país longínquo; gostaria que ele falasse da rocha, do rio e da árvore, e se gloriasse como eu me gloriei, ao dar quadros em palavras às pessoas. Mas quero falar desta vida, a vida da Natureza aqui; tudo o resto empalidece em comparação ao lado desta obra dela.”

“Gostaria que houvesse alguma revolução nos assuntos humanos que tornasse mais fácil para as pessoas da terra compreenderem os nossos ensinamentos. Outrora pensei na sepultura como o fim. Esperava por uma vida futura, mas não acreditava nela. Agora encontro esta existência tangível: vejo a Natureza continuar e continuar com a sua história, uma história que nunca cessará através das eras vindouras. Quanto mais alto eu for, mais gloriosa será a sua história. No grande processo de refinamento, o que parecia obscuro tornar-se-á claro, e aquilo que agora desafia a minha habilidade será como o brilho das estrelas.

É bom descer à fonte das coisas, à nascente, e quando um problema é resolvido, começar outro, e assim por diante, sem limite. Não é isso grandioso! Ninguém para dizer ‘até aqui e não mais além’, nenhum padre austero para nos chamar sacrílegos por desejarmos resolver os mistérios da Natureza. Arte, Geologia, Zoologia, Jornalismo, Música, Escultura e qualquer outra atividade que pareça fazer-nos felizes, são postas aos nossos pés para as apropriarmos, se quisermos.”

“Quão cega, surda e muda é a humanidade, lutando, esperando escapar de algo de que não pode escapar — as consequências dos seus próprios pecados, apoiando-se num Salvador expiatório! Estão a apoiar-se em remos partidos e encontrar-se-ão nalgum turbilhão que despertará os seus sentidos entorpecidos e lhes ensinará a auto-investigação e a auto-confiança.”

"Partindo como parti, sem as mãos ternas da minha esposa para alisarem a minha almofada, e de facto sem almofada para alisar, sentindo, enquanto a consciência foi minha, que estava a deixar os meus rapazes sozinhos naquela selva, sabendo que lágrimas amargas seriam derramadas na minha antiga casa, consciente do amor de muitos na nossa velha nação, e percebendo que isso atingiria com tristeza as pessoas que esperavam muito prazer e instrução dos resultados da minha viagem, esforcei-me com todas as minhas forças, enquanto consciente, para afastar o torpor fatal que se apoderava de mim.

Mas foi inútil: tal como o sol se esconde atrás das nuvens e oculta o seu rosto brilhante, assim a luz do meu intelecto se escondeu atrás de um poder maior, o poder da mudança, e o William Denton da vida terrena tornou-se o William Denton do Agora, com todas as suas duras experiências como uma coisa do passado, e com novas belezas a começarem a abrir-se."

"Sou frequentemente atraído para o local solitário onde o velho corpo dorme e onde o meu verdadeiro eu partiu. Oh! A Natureza ali é alegre, e a sepultura do viajante desperta tão pouco pensamento como outras sepulturas. As aves tropicais cantam os seus hinos selvagens. A Natureza na tempestade e no sol é grandiosa com poder e magnífica com beleza. A terra tremeu nos seus esforços convulsivos para deixar escapar os gases nocivos; mas o céu azul está sobre tudo e, na tarde da vida, os ignorantes daquele clima recuarão com temor de locais não consagrados às suas estranhas orgias. Estou contente por ter ido lá, mesmo que a morte se tenha provado mais forte do que eu."

"Não tenho planos definidos ainda; estou a reunir coleções aqui e, se a memória não me falha, a esforçar-me por encontrar contrapartes dos antigos espécimes. Se eu pusesse uma palavra em cada pedaço de rocha na minha coleção atual, haveria palavras suficientes para fazer um grande panfleto. 'Venha comigo', disse ele, 'até à minha casa. Vivo na terceira esfera porque prefiro ficar lá por causa das minhas investigações.'"

Ele conduziu-me à sua casa tranquila num grande bosque de árvores — a casa era muito grande no solo, mas apenas com dois andares de altura. Toda uma metade da parte inferior do edifício era uma única divisão, e todos os lados estavam cobertos do teto ao chão com prateleiras, e nelas, nitidamente rotulados, estavam os seus espécimes, classificados e organizados como apenas alguém cujo coração estivesse nisso poderia fazer.

Contemplei maravilhado a quantidade; nenhuns eram muito grandes, alguns tão pequenos que uma dona de casa os teria varrido sem notar. "Vá à minha biblioteca agora", disse ele, e atravessámos o átrio e entrámos numa sala, ricamente mobilada, onde os livros eram a principal atração. Canetas e papel estavam à mão e uma folha densamente escrita, com alguns espécimes, mostrou-me que o seu tempo tinha sido ultimamente empregado a rever algo de que ele estivera incerto.

"Não pense que isto constitui toda a minha ocupação", disse ele, "obtive inspiração da Elizabeth na antiga vida e obtenho-a agora; os seus estranhos poderes

psicométricos eram diariamente um enigma para mim, mas também estou interessado e a trabalhar pelo melhor, para que as pessoas possam ter ajuda de nós para compreender o natural e, assim, manifestar o espiritual de uma forma mais bela."

"Também me interesso pela História Natural, pelos hábitos das serpentes, insetos, aves e feras. Oh! Sim, interesso-me por tudo o que é progressivo. Quando estava na terra, tinha de pensar no que me traria dinheiro, mas aqui é crescimento, crescimento. Não custa um cêntimo para viver. Se ao menos a minha mulher e os meus filhos fossem aliviados das suas perplexidades, eu seria mais feliz", disse ele pensativo.

"Não deseja que eles venham para cá agora, pois não?"

"Oh! Não, ainda não; não até que tenham feito lá um trabalho melhor do que o que eu poderia ter feito."

Despedi-me e deixei este homem de mente gigante, satisfeito por ter um registo dele para dar.

Samuel Bowles

8 de fevereiro de 1885

Pergunta: Tem alguma palavra de conselho para dar aos Espiritualistas?

Resposta: Sim, tenho. Os Espiritualistas devem ser suficientemente amplos na sua caridade para não manifestarem invejas mesquinhas como as que frequentemente se lhes nota. Acredito numa organização verdadeira sem forma definida. Não creio que a prosperidade possa vir sem uma ação unida. Eu, que estou agora onde a morte não me pode alcançar, não vejo qualquer caminho perfeito; a perfeição pertence a esferas mais elevadas.

Eu gostaria que o Espiritualismo sacudisse de si tudo o que é ortodoxo na sua tendência. Ora veja, senhor, eu estava no salão dos Espiritualistas em Springfield, Mass., no outro dia, esforçando-me por influenciar o Médium* para que dissesse algumas palavras por mim, quando o encontrei rodeado por espíritos Ortodoxos, que o compeliram a proferir orações e bênçãos. Nós, os velhos trabalhadores, não conseguíamos aproximar-nos; o forte era mantido por espíritos de igreja e eles fizeram o seu melhor. Admito que possa ter ajudado estes espíritos. Espero que sim, mas o Espiritualismo, na sua realidade, é e deve ser um choque para tais ideias.

Eu daria a todos uma oportunidade, mas desejo que cada médium pudesse estar rodeado por guias que, quando percebessem que um espírito comunicante estava a derivar de volta para as suas velhas ideias em vez de emanar uma luz mais pura, dissessem a tais espíritos: "alto, até aqui e não mais além"; isto protegeria o mundo de uma repetição de velhos dogmas.

Pergunta: O Sr. Denton diz: "Ele outrora duvidou que o homem vivesse após a morte." Ele foi um fervoroso Espiritualista durante muitos anos quando esteve aqui. Como concilia isto?

Resposta: Entrevistei o Sr. Denton novamente, e ele diz: “Antes que a força real do Espiritualismo despontasse sobre mim, enquanto estudava os carateres de supostos Cristãos, as minhas ideias, derivadas da farsa sobre tudo o que era verdadeiro no seu sentido mais profundo, faziam-me pensar por vezes: ‘Como sabem os que pregam; como sabem os que rezam, e a quem estão eles a rezar?’

A história da Natureza, nas suas mudanças, na sua assunção de diferentes formas, sendo todavia sempre a mesma em essência; a grandeza da criação, onde pouco a pouco a estrutura de um mundo foi construída; o maravilhoso mecanismo do mais pequeno animalculo, fizeram quase tanto para me convencer da imortalidade como o retorno dos espíritos. Sim, graças aos anjos, eu era um ardente Espiritualista.”

Esta entrevista realizou-se há duas horas e, não tendo o meu caderno de notas comigo, posso não ter reproduzido as suas palavras exatas.

S. B.

DOCUMENTO TRIGÉSIMO TERCEIRO

WENDELL PHILLIPS, JOHN BROWN E PATRICK HENRY

Há pouco tempo, encontrei outro dos orgulhosos porta-estandartes da América, alguém que no seu estandarte escreveu “Não à escravatura”. Ao apertar novamente a mão de Wendell Phillips,* como outrora, sorri, pois, atrás dele, seguia uma longa comitiva de pessoas de cor que voluntariamente teriam sido seus servos, tão grande é a devoção da raça negra a este homem. Ele pareceu encantado por me encontrar, enquanto os seus amigos de cor se retiraram um pouco, para não interromperem a nossa conversa. Ocasionalmente, ouvia-se uma risada abafada de alguma criança feliz, seguida de uma rápida repreensão de alguém mais velho que dizia: “para com isso, não tens vergonha, a estorvar o Massa Fillups!”

Ri-me ao ouvir isto e ele olhou rapidamente e disse: “Sim, eu sei por que se ri. Não consigo fazer com que estas pessoas saibam que não têm senhor e que devem governar-se a si próprias. É deplorável que a força da educação, ou a falta de educação, projete as suas características sobre aqueles que sofreram a escravatura. Estas crianças nada sabem sobre isso; nasceram e morreram desde que a escravatura se extinguiu no nosso país, mas a maioria delas ainda coloca ‘Massa’ antes do meu nome, ou do de qualquer homem branco. Espanto-me com isso e também com o espírito servil que demonstram para com todos os que lhes ensinaram ter tido qualquer papel importante na conquista da liberdade para a sua raça.”

“Olhando deste ponto de vista, os seus sentimentos mudaram em relação ao trabalho da sua vida?”

“Não mudaram, mas intensificaram-se; parece agora que não fiz quase nada para ajudar a trazer a liberdade. Estou contente pelo que foi alcançado, mas quero trazer liberdade às mulheres, liberdade aos que estão presos nas correntes da intemperança, forjadas pelas más leis dos governantes, que enchem os seus tesouros com o dinheiro

que é o preço do sangue, e tornam os lares desolados e os corações partidos. Que campo de trabalho! Libertar os negros foi apenas um degrau na escada. Gostaria de ver muitos degraus ultrapassados e que cada conquista sobre o erro pudesse ser mais bela do que a anterior."

"Sr. Bowles," disse o Sr. Phillips, "aqui vem o nosso herói veterano, John Brown,* para se juntar à nossa conversa. Bem-vindo, irmão, sente-se. Conhece o velho ditado: 'Cada qual com o seu igual'. Bem, pelo menos não tenho vergonha da minha companhia."

John Brown não era tão atraente na aparência como o Sr. Phillips, mas havia nele uma seriedade que denotava candura e verdade.

"Estávamos a discutir esta questão da escravatura," disse o Sr. Phillips, "e gostaria que dissesse ao Sr. Bowles quais são os seus sentimentos atuais."

"Não lhe ocultarei, Sr. Bowles," disse ele, "que me arrependi de muitas das minhas ações enquanto estive na terra. Impus à minha família o estigma de uma morte ignominiosa. Antecipei aquilo que finalmente teria chegado. A minha insurreição foi um abrir de olhos para a raça de cor mantida na escravatura, e incitou indevidamente os senhores de escravos a uma reação excessiva. Sei que muitos dos meus planos foram mal aconselhados.

Na minha intensa simpatia pelos escravos, não parei para pensar que eles eram uma classe movida pelos impulsos do momento, deleitando-se em estados de espírito variáveis e totalmente sem instrução. Portanto, os meus ensinamentos foram, por algum tempo, como lançar bombas. Eu não conseguia compreender por que razão, tendo esperado toda a vida, eles não poderiam esperar um pouco mais. Embora tenha perdido a minha vida terrena pela minha expedição temerária, não tenho espírito de vingança."

"Estremeço quando penso na minha própria execução no cadafalso. Não desejo que os meus carrascos encontrem o mesmo destino, pois é uma experiência terrível partir da vida terrena dessa maneira. Tenho-me esforçado muitas vezes por colocar o mais rigoroso freio na minha vontade, para recordar que os sinais dos tempos eram então tão diferentes, mas ainda não consigo. Hei de superar isso, mas será um processo lento, senhor. Contudo, agora consigo ver onde antes tudo era escuridão."

Brincando em redor destes homens, com toda a liberdade e muito do amor dos próprios filhos, estavam os rapazes e raparigas africanos, que apenas tinham ouvido, como um conto mil vezes contado, as injustiças dos seus antepassados. O Sr. Brown entrou de coração cheio em todos os planos.

O Sr. Phillips disse: "Esse é o verdadeiro ponto de vista; devemos aprender as necessidades do povo e envidar todos os esforços para corrigir todo o mal, para abolir todas as escravidões. O poder do dinheiro será o nosso maior inimigo. O que importa que um após outro se afunde numa escravatura quase sem esperança, se alguns poucos ganham riquezas? A ação do Congresso em todos os assuntos pertencentes à nação é tão lenta, cada caminho secundário é observado por um membro ou outro para ver se algum

tipo de tráfico sofrerá com a criação ou aplicação da lei, que fico desanimado quanto aos resultados. As pessoas que vivem na terra agora precisam de uma política mais pura; deveriam ver os seus filhos crescer sob a luz da verdadeira liberdade, que expulsa todos os erros."

"Veja-se como o projeto de lei para o depósito contínuo de uísque, introduzido apenas no outono passado, foi defendido pelo círculo do uísque. Os patriotas exigiam o pagamento deste imposto, enquanto políticos corruptos determinaram reter o imposto do tesouro, emprestando assim o dinheiro da nação para apoiar os capitalistas do uísque!

Não me admira que tenha sido proposto dar o dinheiro do uísque aos soldados que, por falta de provas suficientes, ainda estão privados das suas justas pensões e são obrigados, em demasiados casos, a sofrer por falta de comida e vestuário, enquanto esperam pelo que lhes é devido. No entanto, quão livremente são feitas dotações para ajudar os capitalistas que, pelo apoio que recebem dos membros, usarão em troca o seu dinheiro e poder para manter tais homens ainda mais tempo no cargo."

"Bem dito," veio de uma voz cujo dono deu uma palmada no ombro do Sr. Phillips para o enfatizar, "bem dito."

"Permita-me apresentar-lhe Patrick Henry,"* e o homem dos meus sonhos de juventude estava ao meu lado, estendendo cordialmente a mão.

"Foi de facto bom," disse Patrick Henry, "que eu tenha vivido numa época em que a política era pura, embora a guerra tempestuosa tenha lançado as suas nuvens negras sobre a nossa jovem nação; sim, pura, comparada com a trapaça, a perseguição, os ultrajes à justiça humana de hoje."

"O senhor também vê os erros, mas qual será o remédio?", perguntei a este orador do passado.

Patrick Henry respondeu: "Proibição de toda a venda e fabrico de bebidas inebriantes, uma punição rígida tanto para o fabrico como para a venda de tais licores. O Congresso não deve mais proteger este destruidor de lares e escravizador de almas. O voto deve ser dado à mulher; isto é inevitável. O clamor das mulheres levantar-se-á de cada estado, cidade, vila e aldeia nos Estados Unidos e, com um poder extraído da perseguição, exigirá ou 'Liberdade ou Morte'."

Fiquei feliz por encontrar Patrick Henry a trabalhar seriamente com Wendell Phillips e John Brown e outros patriotas, para ajudar a trazer à nossa nação a liberdade da escravatura dos hábitos degradados e da opressão política do sexo, e senti que teria mais força de coração para prosseguir a minha humilde missão se homens como estes estivessem dispostos a ir de mãos dadas comigo na busca do que é justo.

4 de fevereiro de 1885. Samuel Bowles.

Pergunta: Em que esfera vive John Brown?

Resposta: Na quarta, creio que ele disse; não o encontrei na sua casa.

Pergunta: Em que esfera vive Patrick Henry?

Resposta: Ele vive na sexta e poderia estar numa superior se conseguisse resignar-se a permanecer mais inteiramente nas esferas superiores, mas diz que precisa de ter liberdade para ir e vir e, portanto, deseja vigiar aqueles que partem da terra, a quem ele possa ajudar, ou enviar-lhes ajuda conforme eles chegam ao lado de cá.

DOCUMENTO TRIGÉSIMO QUARTO

DANIEL O'CONNELL AINDA SE LEMBRA DOS SEUS ERROS E DA INJUSTIÇA QUE LHE FOI FEITA ELE RECUSA-SE A EXPRESSAR AS SUAS OPINIÕES SOBRE A IGREJA CATÓLICA

Estando desapontado com o meu encontro com Charles Sumner, que não estava marcado para nenhuma hora especial, sentei-me num dos muitos coretos da quinta esfera e entreguei-me a meditações. Enquanto estava assim perdido por algum tempo para tudo o que me rodeava, fui despertado do meu devaneio por um choque (não lhe posso chamar outra coisa) e avistei um homem de estatura moderada, ombros largos, com cada traço do seu rosto a denunciar a sua origem irlandesa.

"Perdoe-me, Vossa Excelência," disse ele, "soube pelo seu companheiro (apontando para o meu guia) que está a enviar para a terra relatos de eventos que ocorrem na vida espiritual. Como é isso, senhor? Suponho que apenas envie os seus relatórios para a América e que não haja oportunidade de chegar à Irlanda ou mesmo à Inglaterra?"

Corrigi-o e disse-lhe que o que eu escrevia poderia ser lido em todos os países.

"Bem," disse ele, "gostaria que a Irlanda soubesse que Daniel O'Connell não esqueceu as suas injustiças."

Pareceu um pouco amuado no início e mostrou relutância em falar das suas queixas.

"Daniel O'Connell, o orador da Irlanda, não deve ser facilmente esquecido," disse ele, pateticamente. "É verdade que trabalhei pela minha Igreja, sofri pela minha religião, fui recebido com frieza no Parlamento e, por fim, por orgulho, recusei uma posição que poderia ter ocupado naquilo que era chamado de política honrosa, e agarrei-me estreitamente ao meu Kerry natal."

Ele tinha agora revisto a sua carreira como intermediário, na qual pouco ganhou das classes mais altas e, não sendo compreendido pela classe para a qual trabalhava, acabou por sofrer.

** 3. F. O. Matthews, de Brooklyn, N.Y.*

** 4. Wendell Phillips, o grande orador e líder na causa abolicionista nos Estados Unidos, nasceu em Boston, Mass., a 29 de novembro de 1811. Após a libertação dos escravos, o Sr. Phillips dedicou os seus poderes inigualáveis como orador público à causa da temperança, do sufrágio feminino, das questões financeiras, do trabalho e do capital. Morreu de angina de peito na sua casa em Boston, a 2 de fevereiro de 1884.*

** 5. John Brown de Ossawatomie, um zeloso opositor da escravatura, nasceu em Torrington, Conn., a 9 de maio de 1800. Mudou-se para o Kansas e viveu em Ossawatomie. Em 1859 organizou uma invasão da Virgínia a fim de libertar os escravos. Em outubro desse ano, auxiliado por cerca de vinte amigos, surpreendeu Harper's Ferry e capturou o arsenal e o armeiro. Foi ferido e feito prisioneiro pela milícia da Virgínia no dia seguinte, e foi enforcado em Charlestown, Va., a 2 de dezembro de 1859. — Enciclopédia Johnson.*

** 6. Patrick Henry nasceu em Studley, Hanover Co., Va., a 29 de maio de 1736. Na Câmara dos Burgueses, na Virgínia, conseguiu a aprovação da sua famosa resolução contra a Lei do Selo. O seu discurso nessa ocasião contém esta famosa passagem: "César teve o seu Bruto, Carlos I o seu Cromwell, e Jorge III..." (aqui foi interrompido por gritos de Traição!) "...pode tirar proveito do exemplo deles. Se isto for traição, tirem dela o maior partido." Em 1775 fez o famoso discurso para colocar a Virgínia em estado de defesa contra os Britânicos, no qual estava a passagem: "Deem-me a Liberdade ou deem-me a Morte." Morreu em Rock Hill, Charlotte Co., Va., a 6 de junho de 1790. — Enciclopédia Johnson.*

** 7. Daniel O'Connell, o grande agitador irlandês, nascido em Carhen, Condado de Kerry, a 6 de agosto de 1775, era filho de um cavalheiro de pequena propriedade, mas de família antiga. Foi eleito para o Parlamento em 1828. O trabalho da sua vida foi de agitação entre o povo e na Câmara dos Comuns pela revogação da União. Em 1842 começou a realizar "comícios gigantes" na Irlanda e em 1843 foi preso sob acusação de conspiração e sedição, condenado e multado pesadamente; mas os Lordes reverteram o julgamento. Em 1847, debilitado pelo excesso de trabalho e pela ansiedade pela Irlanda, iniciou uma peregrinação a Roma, mas morreu em Génova a 15 de maio de 1847. Perdeu muito da sua influência sobre a Irlanda alguns anos antes da sua morte ao cobrar dinheiro dos arrendatários de outrem. — Enciclopédia Johnson.*

"Pois bem, senhor," disse eu, "na minha digressão de investigação, não excluo qualquer classe de pessoas."

"Fala, senhor, como se me estivesse a fazer um favor. Lembre-se que Daniel O'Connell confere um favor quando fala."

"Bem, e quanto à sua vida, à sua missão?", disse eu, um pouco cansado das suas presunções.

Disse ele: "Não desejo desempenhar o papel de cobarde, contudo não darei nomes; mas houve outros além de mim que fizeram das contribuições do povo para a

liberdade uma fonte de conforto para si próprios. Não justifico agora as minhas ações; sei que aquilo que foi colocado sob a minha confiança para certos fins deveria ter sido tão sagrado como os depósitos dos meus vizinhos nos bancos; mas caí em circunstâncias embaraçosas e continuei a pensar que poderia compensar isso no futuro. Outros astutos disseram-me: 'O seu trabalho não vale nada? Não pode tirar deste fundo aquilo que ajudará o seu lar tanto quanto a Irlanda?' Mas a soma que retirei foi exagerada. Sinto-me humilhado, mesmo agora, por a minha filantropia ter tido tal desfecho. Mal compreendido durante todo o caminho, não me admiro que o meu rapaz, John, tenha aceitado o desafio e me tenha defendido; mas se o fez sabiamente ou não, não saberia dizer."

"Sou um amante do povo. Tenho tentado esquecer a frieza do passado. Era exasperante, após ouvir o povo a vitoriar-me à medida que eu passava, dirigindo-lhes palavras gentis, ter os pares do reino a olhar-me com frieza quando eu entrava no meio deles. Um que se chamava a si próprio cavalheiro disse, ao alcance dos meus ouvidos, que os meus ombros e estatura, os meus músculos, etc., seriam mais adequados para ser pedreiro ou servente do que para me sentar entre cavalheiros, ou para me dirigir a eles como um igual."

"E quanto à religião Católica?", perguntei, enquanto ele fechava os olhos como que cansado de pensar.

"Não deve ser demasiado assaltada," disse ele, "números significam poder e você, que está a tentar extinguir este poder, achará o esforço infrutífero a menos que uma persuasão moral nunca antes conhecida entre nos corações daqueles que estão tão presos e os torne tolerantes. 'Ganhar, ganhar' é o grito de padre e bispo aqui, e eu vejo-o também, embora tenha deixado de entrar indevidamente em lutas presentes pela resolução das discórdias do passado."

"Qual seria a sua atitude se fosse obrigado a declarar a verdade sobre a religião da Igreja Católica Romana?"

"Recuso-me mui enfaticamente a dar as minhas opiniões em detalhe; não estou pronto; talvez num tempo futuro, quando não sentir tão profundamente as minhas injustiças, possa revelar os meus sentimentos sobre este assunto. Ao partir em Génova, solitário e mal compreendido, pensei que não defenderia nada, igreja ou estado, mas sim a mim próprio — isto é, se houvesse uma vida futura na qual fui educado para acreditar. Cedo aprendi que não poderíamos viver inteiramente para nós mesmos aqui, que algumas verdades devem vir a lume e, por isso, tenho aprendido muito lentamente algumas lições enquanto medito sobre o passado."

"É este lugar o seu lar?"

"Oh! Não; vim aqui de visita. Vivo na quarta esfera. Sinto-me tão bem lá. Posso visitar o meu país e os meus descendentes melhor e comparecer às nossas reuniões para a promulgação da liberdade melhor do que se estivesse mais remoto da terra."

Não consegui compreender totalmente o homem; havia jatos de ternura, mas também algo como rocha adamantina nele, o que me fez sentir: Oh! humanos, aprendam a perdoar se quiserem ser perdoados.

Samuel Bowles

4 de fevereiro de 1885

DOCUMENTO TRIGÉSIMO QUINTO

CHARLES SUMNER, NA QUARTA ESFERA,

AINDA FERVOROSO PELO BEM-ESTAR DOS ESTADOS UNIDOS

"Estou encantado por me encontrar consigo," disse Charles Sumner,* ao entrar eu no seu gabinete num elegante edifício na quarta esfera, "contente por o encontrar; sempre gostei da sua atitude perante todas as questões de direito, e agora sinto mais intensamente do que nunca o seu grande trabalho, que me chega por tantas bocas — enviar notícias para casa — é grandioso."

"Peço-lhe, senhor," disse eu, aceitando o assento oferecido, "que não exagere o meu trabalho até ver o que poderei realizar com ele. Cansado por vezes do meu labor, observo outros, cujo único objetivo parece ser o prazer próprio, e pergunto-me por que razão eu também não estou disposto a ir com a maré e descansar um pouco dos meus labores. Tentei-o, mas fiquei mais cansado do que quando trabalhava, por isso retomo a minha tarefa e tento ser corajoso. E o senhor não está ocioso," disse eu, ao vislumbrar evidências de trabalho erudito.

"Não, não, não estou ocioso. Os anjos permitam que eu possa realizar algo no antigo lugar, a capital da nossa nação, que possa lançar sobre a terra melhores impulsos e motivos mais nobres."

O que teria ele a lamentar, perguntava-me eu, ao pensar no seu passado, tão preenchido com atos bondosos e com um patriotismo que parecia santificar o seu objeto.

"Há muito que penso que a minha carreira na política foi quase desperdiçada," disse ele; "naquilo que me parecia mais importante, estive sozinho, ou pelo menos no que toca a opiniões expressas. Estava tão só no último dia em que estive no Senado. Um medo trémulo apoderou-se de mim, e alguns amigos espirituais (aqui no lado espiritual) disseram-me que fiquei mortalmente pálido. Ouvi-os dizer que isso foi notado por aqueles na vida terrena. Olhei em volta, contemplei os pilares maciços, as galerias, os assentos, tantas vezes preenchidos por amigos e, naquele esforço, despedi-me dessa parte da minha vida.

Cada rosto está fotografado na minha memória enquanto um após outro observava a minha partida. Cheguei mesmo a virar-me à porta e olhei para trás novamente. O sofrimento não foi grande. Não fui condenado a sentir a amargura de uma dor extrema,

mas fiquei feliz quando, em poucos e curtos dias, a luta entre a alma e o corpo cessou e eu fiquei livre. Nunca entendi a liberdade antes, pois a morte teve mais de inspiração do que a vida. Olhei com mais espanto para o que me rodeava de novo quando fui auxiliado por amigos para o meu novo lar. Não precisa de explicação, senhor, pois passou pela mesma mudança. Também viu a escuridão da doença dar lugar ao brilho da libertação da dor."

"O que pensa dos desenvolvimentos que se abrem no nosso velho país?", perguntei.

"Com Paine, começo a pensar que o mundo é o meu país, mas quanto à nossa nação especial, conheço as agitações que agora afetam a Europa e o velho mundo, e temo que venham ainda a atingir também a nossa União. Veja a nossa nação a afastar-se gradualmente do caminho seguro. Veja homens a dirigir assuntos por ganho pessoal, que costumavam ser guiados por princípios. Posso sentir-me mais sensível do que o habitual hoje, mas sei que uma contenda se aproxima; é apenas uma questão de tempo.

Não consigo ainda sossegar como se o meu trabalho terreno tivesse acabado e sentar-me de braços cruzados. Não, cada sessão do Congresso tem um interesse profundo e peculiar para mim. Também estou interessado nos movimentos da sede do Parlamento em Inglaterra. Como numa visão do futuro, vejo que uma união virá da simpatia entre as duas nações, mas não virá até que ambas tenham sido abaladas até aos seus alicerces."

"Os recentes ultrajes sobre o povo, o acolhimento pelo nosso governo daqueles que se supõe terem cometido esses ultrajes, o fabrico daquele terrível explosivo (Dinamite), tornarão ainda milhares de lares desolados. Está longe agora, mas a nossa nação será visitada pelo mesmo flagelo. Temo que o poder que o génio americano demonstrou ao originar invenções, e na produção de engenhos de destruição e projéteis explosivos, traga ainda ao seu povo uma tristeza intensa.

As nações da terra deveriam estar mais estreitamente ligadas e a fraternidade do homem alcançar de mar a mar. Trabalho para apressar o tempo alegre da paz universal, para instilar nos corações humanos o bem que será a herança das gerações vindouras, para transformar 'Espadas em relhas de arado', para ajudar a educar as massas."

"Posso perguntar, Sr. Sumner, se sente, tal como Wendell Phillips e outros, a necessidade do voto para a mulher?"

"Não creio que o tempo para isso tenha chegado ainda; por muito que honre as mulheres, penso que o lar deve ser o seu reino de momento. Não tenho sido adverso à ideia, num tempo futuro, quando virmos a mulher educada até ao grau em que possa ser uma ajuda."

"Contudo," disse eu, "o homem mais ignorante pode votar."

"Sim," disse ele, "mas iriam as mulheres cultas superar em votos as mulheres ignorantes, ou não iria isso aumentar a massa de eleitores ignorantes? Estou

ansiosíssimo pela educação universal, e depois o voto para todos. Não me interprete mal, não desejo excluir ninguém, mas sim que todos sejam educados antes de mais pessoas serem adicionadas à lista de votantes. Deve desculpar o meu estado de espírito; posso parecer desanimado, mas não consigo evitá-lo. Venha outra vez, amigo Bowles. Diga ao velho mundo lá em baixo que Charles Sumner vive e ama ainda o seu país."

Bem, pensei eu, não é de admirar que haja divisão entre os humanos quando aqueles que estão agora na vida espiritual, e que outrora ocuparam lugares de destaque na vida terrena, têm opiniões tão variadas.

Samuel Bowles

4 de fevereiro de 1885

DOCUMENTO TRIGÉSIMO SEXTO

CHARLOTTE CORDAY. — MADAME ROLAND

"Sim, Senhor, pode falar comigo, mas não deve esperar que eu esteja arrependida pelo ato que me fez passar para a vida espiritual. Sei que o meu ato pareceu traiçoeiro; sei que não se esperava que eu enterrasse um punhal no coração de alguém que sempre professara tão grande amor pelas mulheres — amor que destruía, senhor — amor que tornava as minhas irmãs párias — um amor que não foi senão uma maldição para mim. Eu sou Charlotte Corday* e não me arrependo de o ter feito. Observo Marat frequentemente agora e muitos outros desse tempo antigo e ainda não estou satisfeita com o trabalho que fiz."

"Tem pouco conhecimento, senhor, das situações desesperadas a que a nossa amada França foi reduzida; pouco percebe como sofremos, pouco sabe como os camponeses eram forçados a entregar as suas belas filhas para o uso vil da nobreza; pouco conhece o poder que fez com que as mulheres pegassem em armas, mesmo que as armas não fossem mais do que utensílios domésticos. Estou agora a tentar libertar-me das correntes do passado e aprender como subir mais alto, mas eu, que me ri da morte enquanto era carregada, eu, que me senti feliz com o que pareceu ao mundo uma obra diabólica de vingança, continuo a ser eu própria."

Olhei para esta mulher enquanto ela estava diante de mim — régia no seu orgulho — nada de humildade nela — e pensei: se ela pudesse afastar o passado e envolver-se com toda a força da sua natureza vigorosa em algo que beneficiasse a humanidade, quão nobre poderia ser.

"Leio os seus pensamentos," disse ela, "sei que olha para a minha vida como quase desperdiçada enquanto eu tiver este espírito, mas o Etíope não pode mudar a sua pele, nem o Leopardo as suas manchas. Farei o meu melhor, contudo," disse ela mais suavemente, e observando com rosto sorridente a aproximação de uma mulher de aspeto

majestoso, virou-se para ela e disse: “Oh! Madame Roland,* estou contente por ter vindo. Deixe-me apresentar-lhe este irmão, um Americano, que diz estar a comunicar inteligentemente com o mundo terreno.”

“Madame Roland vive mais acima do que eu,” disse Charlotte Corday, “porque tem mais perdão na sua natureza. Ambas perdemos as nossas cabeças, mas ela manteve o seu coração terno enquanto o meu está quase cauterizado.”

Madame Roland era tudo o que a minha imaginação tinha pintado, firme, autoconfiante, contudo gentil, folheando as páginas da memória, não para recriminar, não para se entregar a sentimentos de vingança, mas colhendo das suas experiências passadas e realidades presentes visões de esperança para o futuro, para o seu país, agindo como uma irmã para Charlotte Corday, amorosa e terna, para que pudesse ajudá-la a entrar no caminho certo.

Fiquei muito impressionado com estes dois tipos diferentes de mulher e pensei: se tanto sobrevive no caráter como resultado da vida terrena, quão importante é moldar corretamente as vidas e os motivos dos filhos da terra.

Madame Roland estava mais interessada em fazer-me extrair as opiniões de Charlotte do que em conversar ela própria; por isso sentou-se calmamente, enquanto a outra falava da sua infância órfã, da sua tia extremosa e de outros amigos que fizeram o melhor por ela.

Disse que quando jovem lia muito a Bíblia.

“Colheu dos seus ensinamentos algo que justificasse o assassinato de Marat?”

“Sim, encontrei muita vingança na Bíblia, garanto-lhe. Naqueles dias, pensava mais em ler sobre o Senhor a incitar ao massacre do que nas palavras mansas do Nazareno. Foi ler na Bíblia todas aquelas histórias de guerra e carnificina que me deu o maior ímpeto para golpear o coração de um cobarde; pois aquele que faz guerra à virtude das mulheres é um cobarde vil, senhor.”

“Alguma vez encontra a sua vítima nesta vida?”

“Encontrei-o algumas vezes, mas não faço questão, nem ele parece encantado por me encontrar; creio que ele preferiria estar um pouco mais longe,” disse ela com uma gargalhada dura.

“Oh! Bem, há uma longa eternidade pela frente, dizem-me, e suponho que devo tornar-me melhor do que agora ou haverá apenas um lar lá em baixo, quando eu poderia ter ascendido a esferas superiores. Não me entenda mal, senhor, não vivo sempre numa atmosfera de vingança, amo as criancinhas e as boas pessoas e faço tudo o que posso para abrilhantar as suas vidas. O facto de ter vindo tão recentemente desse mundo onde eu sofri despertou uma memória tão vívida que não consegui resistir à tentação de entrar um pouco no passado. Tenho uma pequena escola aqui, uma turma de alunos vem ter comigo, mas nunca trabalho as suas mentes com estas memórias tristes.”

Madame Roland levantou-se para ir para a sua casa e eu também parti, mais convencido do que nunca do poder das tendências herdadas, e esperando fazer algum esforço para pintar em cores fortes a necessidade de se nascer corretamente.

Samuel Bowles

5 de fevereiro de 1885

DOCUMENTO TRIGÉSIMO SÉTIMO

CHARLOTTE CUSHMAN,

AINDA UMA ATRIZ PARA UM TEATRO NA TERCEIRA ESFERA

Ao deixar as pessoas descritas no documento anterior, procurei imediatamente o retiro que apenas a Natureza pode dar. Entre as árvores e junto ao riacho onde encontrara William Denton, procurei aliviar o meu coração de um fardo assumido por outros. Tão habituado estou a ir de esfera em esfera, e de lugar em lugar nas esferas, que pouco penso em que localidade me encontro, mas esforço-me por colher algo útil para enviar de volta à terra.

Sentado sonhadoramente numa rocha, observando o brilho das belas águas, pensando no passado e no presente, fui despertado do meu devaneio por uma voz muito musical.

** 8. Charles Sumner nasceu em Boston a 6 de janeiro de 1811. Em 1845, proferiu a sua grande oração sobre "A Verdadeira Grandeza das Nações", na qual defendeu vivamente a paz e a abolição da guerra. Repetiu o seu protesto contra a guerra frequentemente em anos posteriores. Entrou no Senado dos Estados Unidos pelo Massachusetts em 1851 e ocupou esse cargo até à sua morte. Foi o líder no debate abolicionista naquele órgão e, por um dos seus tremendos ataques contra o poder esclavagista, foi brutalmente agredido no seu assento na Câmara do Senado, em maio de 1856, por Preston S. Brooks da Carolina do Sul. Quatro anos de doença foram o resultado deste ataque. Regressou depois, participando proeminentemente no apoio às medidas de guerra, da Emancipação e do voto universal para os libertos. Um ataque de agonia no peito, a sua antiga maleita, enquanto estava no Senado a 10 de março de 1874, provou-se fatal, pois expirou no dia seguinte na sua residência em Washington. Nenhum Americano, exceto Washington, Lincoln e Garfield, recebeu alguma vez tanto respeito como o que foi prestado à memória de Sumner. — Enciclopédia Johnson.*

** 9. Charlotte Corday, uma heroína francesa, nascida em 1768. A sua mãe morreu durante a sua infância e ela foi colocada num convento em Caen. Após a revolução ter fechado as portas do convento, viveu com a sua tia, Madame Gouville. Aqui conheceu o Girondino Barbaroux e falaram sobre o destino trágico de Madame Roland e sobre Marat, por quem ela sentia horror há muito tempo. Uma manhã, a sua*

tia encontrou uma Bíblia aberta sobre a cama dela e as seguintes linhas: "O Senhor dotou Judite com uma beleza e formosura especial" estavam sublinhadas. Noutra ocasião, encontrou-a a chorar amargamente e Charlotte disse que as suas lágrimas "corriam pelas desventuras do meu país". Deixou subitamente a tia, foi para Paris, procurou uma entrevista com Marat e, no seu quarto de vestir, enterrou-lhe um punhal no coração, matando-o instantaneamente. A notícia do assassinato espalhou-se rapidamente. A sala ficou cheia de gente e, enquanto olhavam para a bela rapariga que observava calmamente a confusão geral, mal podiam acreditar que ela fosse a assassina. Foi presa, condenada a 17 de julho de 1793 e guilhotinada no mesmo dia. Declarou que o seu projeto fora formado desde 31 de maio, quando o partido de Robespierre pronunciara a sentença dos Girondinos, e que matara um homem para salvar cem mil. A sua beleza notável e porte altivo no caminho para a guilhotina enviaram um calafrio até aos corações dos seus carrascos. Marat era um líder do partido Jacobino. Era dado à sedução e tinha uma amante nos seus aposentos quando Charlotte o esfaqueou.

** 10. Madame Roland, uma distinta mulher francesa do partido Girondino, que foi condenada à guilhotina pelos Jacobinos em 1793.*

Olhei para cima e vi-me na presença de Charlotte Cushman.* Tinha visto esta grande artista do drama na vida terrena. Tinha testemunhado alguns dos seus excelentes trabalhos no palco. Tinha acompanhado o seu percurso através dos relatos dos críticos. Tinha-a sempre reverenciado, porque sabia que, combinados naquela mentalidade, estavam o poder da arte, a força da verdadeira feminilidade e a ternura de uma criança. Assim, como uma brisa suave sobre a cabeça cansada do viajante, como um gole refrescante de uma fonte pura, foi o meu encontro com esta mulher.

Ela sentou-se perto de mim e disse: "Estou verdadeiramente feliz por o conhecer, Sr. Bowles: aprecio o seu trabalho passado, estou interessada no seu trabalho presente e dar-lhe-ei a minha ajuda mais fervorosa."

"De nenhuma forma o poderá fazer melhor do que contando-me o seu passado e o seu presente."

"A minha vida exterior é bem conhecida," disse ela, "os críticos criticaram, os homens sorriram e as mulheres franziram a testa; mas com tudo o que pensam saber, não entraram na profundidade da minha vida, a minha vida do coração, que suponho que pensem não poder fazer parte de uma mulher pública. Nem tudo foi absorvido pela minha profissão."

"Lembro-me," disse ela com um olhar distante, "de um visitante numa escola que frequentei na minha infância, procurando-me após um exercício de composições e ensaios da tarde, e dizendo: 'criança, tens génio, faz da tua voz e do poder de despertar sentimentos o objetivo da tua vida'. Mal percebi o que ele queria dizer na altura, mas agora percebo, e tenho sentido por vezes que teria sido melhor, afinal, ter dedicado a minha vida terrena ao lar e aos seus afetos; mas a minha missão era ir perante o mundo."

"Rio-me agora das minhas primeiras aventuras perante o público. Não era então fácil conseguir professores de arte dramática e estudar bem antes de aparecer perante o público. É verdade que tive professores, mas aprendi mais com as minhas falhas. O sucesso foi, claro, muito doce para mim, mas tornei-me tão habituada a estudar-me a mim própria, a criticar-me, a ver nos meus movimentos estranheza em vez de graça, e muito que me incomodava. Durante anos senti que as pessoas tentavam lisonjear-me sem sinceridade, e depois chegou um tempo em que estava tão habituada ao elogio que não podia deixar de sentir que as pessoas eram por vezes sinceras."

"Uma pressão gentil da mão, um iluminar do rosto, era sempre mais doce e mais precioso para mim do que o alvoroço de uma multidão. Como eu às vezes ansiava pelo sossego, mas parece-me que, quando se entra na Boémia do palco, não há recuo. Senti que devia seguir em frente; havia uma intoxicação nisso que eu não conseguia compreender. Perdia-me diante do meu público, e só sabia que tinha terminado por um choque que me percorria, como se algo fosse removido de mim."

"Custou uma luta árdua ao início para ser compreendida; normalmente leva muito tempo para o público decidir se existe ou não o selo do génio real sobre aquele que ouvem de bom grado. Leva muito tempo para o génio se tornar moda; não acontece o mesmo com aqueles que, como meteoros, brilham por um pouco e depois se afundam nos figurantes do palco, ou desempenham papéis mudos. No início eu representava; mas nos últimos anos da minha vida de palco, toda a representação era realidade. Antes de me tornar bem conhecida, tive de me submeter a todo o tipo de personagens. Tive de perder a minha personalidade em muitos deles, esquecer as minhas antipatias e ouvir o que era muitas vezes uma loucura suprema. Fui submetida a isto, suponho, para me educar para outros trabalhos."

"Comecei então a inventar, a criar. A minha arte parecia exigir tudo o que eu tinha e tudo o que eu não tinha: sentia as deficiências mui agudamente. Mas cresci; tentei nutrir um forte amor pela vida doméstica que me transportasse de volta aos dias das margaridas e dos botões-de-ouro. Não desejava exultar com os meus triunfos, mas teria ficado mui feliz por ter visto o mesmo sucesso nalguns que amava. Casada com o meu trabalho, desgastei-me nele; gloriei-me nele."

"Lembro-me de uma vez em que houve uma tal expressão do povo que alegrou o meu coração. Foi pouco tempo antes do fim da minha vida terrena. Pediram-me para ir à varanda do meu hotel, e ali encontrei uma multidão ansiosa à minha espera. Após o meu pequeno discurso para eles, os gritos dos meus amigos rasgaram o ar. Viajei em muitos países, mas em lugar algum apreciei o amor verdadeiro, a terna devoção, como do nosso povo nesta querida terra. Embora ame a todos, ainda amo mais o meu próprio país."

"O que está a fazer agora?"

"Estou a seguir pelo velho caminho. Contudo, há uma diferença. Todo o nosso objetivo agora é educar enquanto divertimos; trazer para cada papel aquilo que fará as almas olharem para cima. Não visitou alguns dos nossos teatros aqui?", perguntou ela, olhando para mim com espanto.

"Não, Senhora: não onde a representação é uma especialidade, mas visitei locais de entretenimento onde almas doentes podiam entrar e, por diferentes métodos, ter as suas mentes desviadas do seu passado infeliz e voltadas para um futuro de ajuda."

"Gostaria que pudesse visitar o teatro na terceira esfera, diretamente acima do antigo teatro queimado de Brooklyn, N.Y., e ver se acha que o verdadeiro artista alguma vez perderá o seu amor pela arte."

Prometi-lhe que o faria se encontrasse tempo. Se for, poderei descrevê-lo neste livro, mas temo prometer demasiado, pois já estou a ocupar esta médium e temo ser repreendido. Ela disse que desejava visitar a minha médium comigo, em breve, e eu disse-lhe que teria prazer em usufruir da sua companhia. Assim nos despedimos, ela para entrar de corpo e alma no seu papel, eu para prosseguir o meu trabalho, do qual esta escrita é apenas uma pequena parte.

Samuel Bowles

5 de fevereiro de 1885

DOCUMENTO TRIGÉSIMO OITAVO

RALPH WALDO EMERSON,

A ESCREVER PENSAMENTOS DA ALMA

Nas minhas anotações, registei as ocupações daqueles que partiram em toda a pompa e brilho de um palácio, e daqueles que, tendo respirado a mesma atmosfera de grandeza, foram condenados ao machado cruel de almas rudes, cuja cor era o seu passaporte para mais abaixo, sem mão gentil que se lhes estendesse; do guerreiro renomado de uma era passada e do soldado do presente; da mulher gentil cuja vida foi uma canção de beleza; e dos mais cruéis.

Para mim, toda esta variedade, este conhecimento do Agora, faz a luz brilhar com brilho mais intenso e confirma-me mais plenamente no conhecimento desta indestrutível vida espiritual. Portanto, nem uma palavra que escrevo pode ser perdida, e eu, que dito estas palavras, devo ser duplamente cuidadoso para que sejam verdadeiras.

"Sim, é verdade," disse alguém, interrompendo as minhas meditações. "O seu assistente deixou-me entrar sem cerimónia e, em vez de o senhor me fazer a visita prometida, vê que eu o procurei, não porque deseje ensinar, mas porque desejo ser ensinado. Quero saber como trabalha com a sua médium de modo a retratar tanto sentimento real, e como age em todo este assunto; é um enigma para mim."

Procedi a explicar-lhe, tão bem quanto pude, o meu método e a lei subtil que governa toda a comunhão espiritual, seja de natureza elevada ou baixa; mas disse eu: "Não podemos utilizar esta visita e deixar-me dizer ao mundo lá em baixo que Ralph Waldo Emerson* ainda mantém interesse nas coisas do passado?"

"Certamente," disse o meu genial visitante, com uma risada leve, "o que direi eu que interesse, após as visitas que fez a cabeças coroadas e a académicos distintos?"

"Como soube que eu estava ocupado neste trabalho?"

"Ora, senhor, é possível que não tenha visto o último Jornal do Greeley? Ele dá nele um relato entusiástico do seu trabalho, conta tudo o que sabe, creio eu, sobre aqueles que entrevistou e termina aconselhando todos a prestarem-lhe toda a ajuda, seja magnética ou elétrica, para o ajudar a aperfeiçoar um trabalho digno de um homem que tem trabalhado tão fielmente."

Olhei em volta e vi o meu Jornal, tal como o rapaz o tinha atirado, ainda por abrir, mas, claro, não mostrei curiosidade suficiente para o ler ali; dediquei os meus pensamentos ao meu ilustre visitante. Embora ele fosse um convidado, o meu grande desejo de aprender sobre o seu passado e presente pode ter-me levado a negligenciar a devida hospitalidade, contudo tivemos um banquete, ou pelo menos eu tive, ouvindo as palavras daquele pensador profundo. "Está satisfeito?"

"Satisfeito! Pode um homem pensativo e consciencioso estar satisfeito, com a memória sempre fiel e com o conhecimento de tudo o que transparece no mundo que ainda detém os nossos entes queridos? Como posso estar satisfeito, sabendo que o que era considerado a minha força intelectual agora parece apenas fraqueza? Satisfeito! Quando espíritos diabólicos incitam os pobres a tornarem-se mais pobres e a envolverem-se em esquemas que crescerão até se tornarem um terrível poder de devastação na terra? Ah!", disse ele, levando a mão cansada à testa, "não consegue ver aquelas pequenas nuvens, não maiores do que uma mão, mas que hão de crescer e rebentar sobre as nações? Rezo a todas as forças da Natureza, a todo o poder da mente que possa ajudar a banir este espírito de guerra, para ensinar ao povo que a verdadeira liberdade pode chegar a todas as classes sem este terrível espírito de vingança, que se está a espalhar como uma malária mortal por toda a terra."

"Sim, sinto-me triste ao olhar para a condição atual do meu país e de outros países também; todos sofrerão a menos que as mais fortes forças da terra, bem como do espírito, extingam esta sede de vingança."

Vi quão profundamente sério ele estava e disse-lhe que, embora me sentisse mal com isso, quando considerava o poder e as facilidades para a supressão de toda a rebelião, tinha muito mais esperança e, pensando em desviar o seu coração deste assunto sombrio, disse: "Bem, o que está a fazer agora?"

"A aprender a pôr pensamentos no papel — noutras palavras, a aprender a escrever."

"O senhor a aprender a escrever!", exclamei, olhando para os meus passados e débeis esforços e para as suas gigantescas conquistas na literatura, que o tornaram amado em todos os lares cultos.

"Não pense que pretendo depreciar os meus esforços passados," disse ele, com o rosto a iluminar-se. "Tenho visto onde eles fizeram muito bem, onde ajudaram almas, onde alguma frase evitou um ato errado; mas meu caro senhor, estou a esforçar-me por aprender a expressar, na linguagem correta, pensamentos que há muito procuram expressão a partir do canto dos poetas da minha alma. Nunca conheci as possibilidades de uma única palavra. Nunca tinha percebido antes como as circunstâncias da vida terrena me incapacitaram; como as carências dos meus amigos, as necessidades da vida, me tornaram fraco quando eu poderia ter sido forte."

"Contudo, agora olho com bênção para o meu antigo lar. Quando o fogo chegou, pensei nos meus livros — teria pensado nos livros se tivessem vindo inundações — salvando-os primeiro, os meus amigos mais queridos do gabinete de estudo, e depois aquela pilha de manuscritos que deixei. Agora a Ellen e outros farão o seu melhor, eu sei. Tenho vivido na terceira esfera para melhor me manter em sintonia com a antiga vida. O meu lar espiritual é de certa forma uma cópia do meu lar terreno. Gosto do aspeto antigo em redor. Gosto da minha casa de verão, envolta em hera e alegrada por rosas. Gosto da sombra profunda que desce até à margem da água, onde, no meu lago em miniatura, cisnes erguem as suas cabeças e pombas nas árvores contam as suas doces histórias de amor; onde andorinhas que fazem ninhos encontram um lugar para viver sob os beirais."

"Não interrompo a Natureza e ela nunca me interrompe. Ela conta a sua história maravilhosa todos os dias sob alguma forma nova; envia-me aves de plumagem adorável e canto belo — a pequena e tímida carriça encontra um lugar e as cotovias elevam-se no seu voo alegre a partir das árvores no meu jardim. Bela pintura de pinturas: paz, quietude, lar. As pálpebras fechadas cujas pestanas outrora repousavam sobre faces de mármore, e me faziam chorar tão intensamente na vida terrena, foram novamente erguidas e o amor de outrora brilha dos olhos queridos. As mãos minúsculas, tão frias e paradas, cruzadas entre soluços e lágrimas, cresceram agora fortes fazendo o bem, mãos prestáveis que são os orgulhosos agentes de mentes dispostas."

"Enquanto me sento e sonho, por vezes sinto que a alma deveria ter uma melhor forma de expressão e que o mundo deveria dar as mãos através das esferas até que a corrente esteja completa e a melodia desta vida sussurre em palavras aos tumultos da vida terrena: 'Paz, aquieta-te'. Tenho tentado, hora após hora, imaginar quão contente eu poderia estar, quanta felicidade a minha alma poderia conter, se tivesse a certeza de ser capaz de transmitir alguns dos pensamentos da minha alma à vida terrena, certo de que eles levariam a convicção e fariam os meus amigos saber que era realmente eu, eu próprio."

"Então tem dúvidas sobre a realidade de comunicar de volta?", disse eu.

"Não, nenhuma dúvida do facto, mas a dúvida está na nossa capacidade de fazer com que aqueles que amamos lá saibam realmente que as palavras vêm de nós. Escrevi muito desde que cheguei à vida espiritual: se pudesse encontrar um escriba como o senhor encontrou, quantos na terra acreditariam que era Emerson, mesmo que eu

tentasse transmitir algumas das minhas ideias? Os meus pensamentos mais belos, vindo por esta via, seriam chamados de estranhos a mim, enquanto algumas frases que escrevi quando estava na vida terrena, e que considero muito coxas, são guardadas por muitos como tesouros."

"Faça como eu faço, então: escreva e envie de volta com vista a que seja uma ajuda um dia. Pensa que eu não tenho essa mesma cruz para carregar? Sim, de facto tenho. Lembre-se que não é o pensamento que é rejeitado, mas a maneira pela qual o pensamento encontra expressão."

Ele deixou-me então, parecendo confortado, e eu senti o meu pequeno gabinete mais querido porque ele tinha sido, por algum tempo, o seu ocupante.

Samuel Bowles

6 de fevereiro de 1885

DOCUMENTO TRIGÉSIMO NONO

ROBESPIERRE E DANTON PROCURAM VINGANÇA

ABRAHAM LINCOLN

Após a minha conversa com Emerson, a minha alma encheu-se de uma paz quase divina; pois para mim tudo o que é divino é pureza de princípios e amor à verdade.

Depois de ter lido no Jornal o relato de Greeley sobre o meu trabalho, pensei em visitá-lo e corrigir algumas declarações que pareciam exageradas, pois tornavam esta parte do meu trabalho mais laboriosa do que realmente é, dado que retiro prazer dela. A minha atenção foi atraída para um rapaz pequeno, que acenava e fazia uma tentativa de linguagem que eu não conseguia entender, até que um transeunte amigável disse: "O rapaz deseja que vá ter com alguns dos seus amigos que mandaram chamá-lo."

"Se a linguagem dos amigos dele for tão ininteligível como a dele, temo que falharei em compreender."

"Permita-me que o acompanhe; o rapaz passou recentemente para a vida espiritual vindo da França, e está atualmente ligado a Robespierre;* sim, e a Danton,† se bem o entendo. Não precisa de temer, estou bem versado na carreira destes homens e irei consigo."

Olhei com confiança para este guia que oferecia os seus serviços e, como ele disse "Devemos descer mais fundo", perguntei-me quão longe.

** 11. Charlotte Saunders Cushman, uma distinta atriz americana, nascida em Boston, Mass., a 23 de julho de 1816, e falecida a 18 de fevereiro de 1876. Na opinião*

de muitos críticos, não foi superada em génio e poder por qualquer tragediene do seu tempo, e era geralmente admitida como a maior das atrizes americanas.

** 12. Ralph Waldo Emerson, poeta e ensaísta americano, nascido em Boston, Mass., a 25 de maio de 1803. Casou em 1830 com Ellen Louisa Tucker, de Boston, que faleceu no ano seguinte. A sua filha Ellen é solteira e cuidava da sua casa, biblioteca, etc. A sua casa foi destruída pelo fogo em 1872. Faleceu a 27 de abril de 1882.*

** 13. Maximilien Robespierre (1758–1794), uma das figuras mais conhecidas da Revolução Francesa e do período do Terror.*

† 14. Georges Jacques Danton (1759–1794), figura proeminente nos primeiros estágios da Revolução Francesa.

Descemos à segunda esfera. Uma pessoa veio ao meu encontro com uma expressão carrancuda no rosto e um acolhimento ríspido na voz, em vez da cordialidade que eu costumava receber.

Este Robespierre* da história disse: "Fez bem em aceder ao meu pedido, pois há um significado no facto de eu o chamar para se encontrar comigo."

Olhei para o meu companheiro, que servia de intérprete, e perguntei-me como conseguia ele repelir tão facilmente a força do sentimento ali prevalecente; rostos carrancudos por todo o lado. O meu orgulho americano começou a afirmar-se e eu disse: "Peço-lhe que entenda que estou aqui por um convite especial; não vim aqui para ser insultado."

As feições do homem relaxaram um pouco e ele disse: "Peço-lhe perdão, não me deveria esquecer que um Francês deve ser um cavalheiro; sente-se, senhor. Reuni os meus irmãos e desejo, se me permitir, bondoso senhor, que relate as nossas palavras tal como as daremos."

"Qual é o objetivo?", perguntei.

"Fui chamado de insurrecionista em França. Fiz muito que, com o meu conhecimento atual, não repetiria. Tive a honra de ver o sangue fluir do meu corpo sem cabeça, no mesmo local onde pessoas notáveis, grandes pessoas e pessoas obscuras, como Charlotte Corday, sofreram; que paródia! No mesmo parque onde a minha vida terrena terminou, correm fontes graciosas, erguem-se estátuas grandiosas, e tudo o que atrai o olhar é belo. Mas a erva verde, as fontes e as folhas não sussurram de agonias que ninguém pode compreender, a menos que as tenha suportado."

"Compreendo quem é agora, e perdoe-me se me sinto avesso a discutir consigo uma questão que há tanto tempo tem estado sob consulta, e uma questão que não me sinto agora com disposição para debater. Deixei um país que está a começar a ser deformado por espíritos diabólicos em formas humanas, que estão a espalhar sementes de dissensão por toda a parte. Se sinto que devo prestar mais atenção a isso do que aos registos do passado, desculpar-me-á, não é verdade?" (pois sentia-me desconfortável na sua presença).

"Ah! Ah! Esse é o ponto. Quero dizer-lhe de onde vêm as insurreições. Se não fosse pelo poder de guarda daquela gente grandiosa que se intitula boa, eu e os meus amigos veríamos as ruas de Paris a correr com sangue! Onde quer que a pompa e o poder, sim, o dinheiro, governem, eu veria um retorno do passado! As invenções atuais, que se supõe serem destinadas ao bem, eu torná-las-ia na obra do inferno! Estas invenções são obra daqueles que têm algo a retribuir pelas suas injúrias. Sim! É verdade que o sangue de milhares de Dantons e Robespierres deve ainda ser vingado!"

Olhando para aquele grupo heterogéneo, pensei: estarei no inferno? É isto a vida espiritual? Estarei realmente a respirar o mesmo ar que tais homens respiram? Apressei-me a sair; o homem bondoso que me tinha mostrado este lugar olhou para mim com piedade. "Não está habituado a tal companhia, pois não, senhor?"

Eu disse: "Os anjos o proíbam", e ao regressar ao meu lar, perguntei-me se estes espíritos do passado estariam ainda a exercer influência sobre as pessoas da terra, semeando tais sementes selvagens de dissensão e gloriando-se no derramamento de sangue.

Visitei imediatamente um que fora um amigo verdadeiro para mim, Abraham Lincoln,* e perguntei-lhe: "O que faremos para deter este espírito diabólico que está a chegar cada vez mais baixo?"

Os seus olhos bondosos pareceram baços enquanto dizia: "Ainda não consigo resolver a questão. Espero que, através de esforços extenuantes por parte das esferas superiores mais puras, se construa para estas pobres almas equivocadas, que vivem na sua própria vingança, algo que tome o lugar desta terrível amargura, que não está disposta a desistir enquanto não produzir carnificina em metade do planeta."

Ao deixar o Sr. Lincoln, ele apertou-me a mão calorosamente e disse que faria tudo o que estivesse ao seu alcance para me ajudar nos meus esforços de guardar o mundo terreno da influência de espíritos vingativos como Danton e Robespierre.

Samuel Bowles

6 de fevereiro de 1885

DOCUMENTO QUADRAGÉSIMO

EXTRATO DO EDITORIAL DE HORACE GREELEY NO EVENING JOURNAL — TERCEIRA ESFERA (TEMPO TERRENO, 5 DE FEVEREIRO DE 1885) — ELE DÁ UM RELATO DO TRABALHO DO SR. BOWLES AO ENVIAR DE VOLTA À TERRA RELATOS DAS SUAS EXPERIÊNCIAS NA VIDA ESPIRITUAL

"A nossa atenção foi atraída para o trabalho na vida espiritual de um tal Samuel Bowles, que entrou nesta vida há pouco tempo, conforme contamos o tempo, e que,

com a maior assiduidade, realizou o que poucos no campo jornalístico ou editorial tentaram. Não contente em deixar para trás todo o trabalho do passado sem o renovar, tem estado há algum tempo a fazer experiências com diferentes médiuns para ver quem estaria melhor habilitado para ser o seu instrumento no trabalho."

"Decidiu finalmente empregar uma tal Carrie E. S. Twing, uma mulher muito comum, sem cultura, exceto a educação rudimentar que pôde ser obtida nas escolas rurais do distrito rural onde foi criada. Mas o poder estava dentro dela, um poder tal que apenas o Sr. Bowles poderia utilizar em toda a sua extensão."

"Ele começou, a princípio com cautela, sentindo receio quanto aos resultados. O seu primeiro panfleto* foi publicado: ele não contava tanto com as vendas, mas sim com o efeito que teria nos corações humanos. Descobriu que alguns realmente acreditavam que era ele quem escrevia, enquanto os que conheciam a médium sabiam que não era produção dela."

"O sucesso deste pequeno trabalho inspirou-o com confiança, e ele ansiou por um tempo em que pudesse escrever mais. O tempo chegou: 'Contrastes'* foi escrito e, onde 'Experiências' tinha causado apenas uma pálida impressão na memória dos seus leitores, 'Contrastes' fortaleceu e renovou todos os interesses anteriores, provando que o Samuel Bowles do passado é o Samuel Bowles do presente."

"Não podemos entrar num relato detalhado de todos os esforços do Sr. Bowles. A condição da médium, a sua ansiedade com os assuntos terrenos, a doença dela própria e da família, combinaram-se para o dificultar. Mas ainda assim, determinado, ele aproveitou a primeira oportunidade 'para manter a mão treinada', disse ele, e durante uma reunião em Lake Pleasant em 1883, escreveu 'Papéis Posteriores'.* A este, ele chama uma tentativa fraca. Exausto com a escrita promíscua, com pressa de regressar a sua casa, a sua médium não era nessa altura um instrumento adequado para o seu uso."

"Ainda assim, este homem perseverante seguiu-a até à sua casa de campo na quinta. Se não podia escrever como desejava, escrevia algo quase todos os dias. Ele comentou comigo, rindo: 'Era tão bom para acender fogos como qualquer outro papel'."

"Finalmente, através de forças espirituais, foi feito um grande esforço. Esta mulher que ele usa foi libertada de todos os cuidados domésticos por algumas semanas, e alegra-me declarar que os habitantes do mundo espiritual, sejam eles elevados ou baixos, são bem-vindos a enviar relatos aos seus amigos no mundo terreno. O seu amor pela liberdade impede-o de sentir qualquer orgulho em relatar cabeças coroadas que morreram em paz, ou aqueles que reinaram em pompa e poder e finalmente caíram mártires de uma lei cruel."

"Aqueles que foram bons podem relatar, mas não mais livremente do que os mais vis. Não conseguimos nomear os números daqueles que esperam para enviar notícias para a terra. Lembra-me os compradores de bilhetes que esperam por uma oportunidade para comprar e entrar num teatro. A Rainha Isabel na sua dignidade; Josefina, na sua doce feminilidade; Leopoldo, ainda não desmamado da terra; Alberto, com o mesmo

amor dos tempos antigos, apressam-se para junto deste homem entre homens, este trabalhador enérgico, e imploram-lhe que os deixe enviar alguma palavra para a terra."

"Poderá alguém duvidar agora que a telegrafia espiritual é um facto estabelecido? Poderá alguém rejeitar a ideia, quando os espíritos mais puros e até os mais baixos procuram alcançar os seus entes queridos? O esforço do Sr. Bowles deve ser um incentivo para que todos na vida espiritual se lembrem de que ainda têm um trabalho a fazer. Eu próprio, enquanto escrevo este editorial, sinto que tenho sido negligente no dever e seguirei de bom grado o exemplo do trabalho do nosso irmão. 'Toda a honra a quem a honra é devida'."

Senti-me humilhado com esta expressão da boa vontade do Sr. Greeley. Embora possa ter cometido muitos erros ao citar o seu editorial, ainda assim pretendi dar o espírito do mesmo. Parece egotismo copiar o que foi dito em meu louvor. Não estou satisfeito com a minha redação do artigo, pois não tinha o jornal comigo, e receio não ter feito justiça ao Sr. Greeley.

Samuel Bowles

7 de fevereiro de 1885

Pergunta: Por que não dá uma cópia exata do editorial de Greeley, em vez da sua versão? Não pode lê-lo do seu jornal espiritual e repeti-lo, exatamente, através da mão da médium?

Resposta: Não posso eu trazer alguma estrela específica que brilha tão intensamente lá em baixo para análise na vida terrena? Não posso eu lembrar-me de lhe trazer, desta linguagem subtil do espírito, aquilo que se aplicará à terra? Não posso eu trazer para incidir sobre cada coração as cores do arco-íris? Não posso, mas faço o meu melhor. Se lhe dou apenas um eco, fique satisfeito por obter o significado. Se me coloco no portal e lhe falo de factos, sinta-se grato. Não me tenho sentido satisfeito, mas estou feliz por poder devolver à vida terrena com a correção que o faço. Não estou disposto a sacrificar uma médium para satisfazer aqueles que não acreditariam mais mesmo que eu tivesse forçado os poderes dela para reproduzir o editorial, *verbatim*.

Pergunta: Que data estava no jornal de Greeley de onde tirou o extrato?

Resposta: Creio que a data da cópia aludida era 5 de fevereiro do vosso tempo terreno. Não conseguimos ter todas as coisas exatas porque não temos todas as coisas certas em ambas as extremidades do fio. Peço-lhe que se sinta satisfeito com os resultados já alcançados, e lembre-se que os porquês da vida espiritual estão sujeitos às mesmas contingências que convosco, apenas são de natureza mais delicada devido ao plano superior em que surgem.

S.B.

DOCUMENTO QUADRAGÉSIMO PRIMEIRO

Robert E. Lee lamenta a Rebelião, e deseja ainda ser recordado como um General do Sul.

Com um coração que procura não ter preferência, disposto a ser no presente um servo de todos, relatarei a minha entrevista com Robert E. Lee. Observei, ao visitá-lo, que muita pompa e poder estavam concentrados no homem; contudo, para ser justo, devo admitir que havia algo de gentileza. Ele aproximou-se de mim enquanto eu meditava à beira do caminho na terceira esfera e perguntou-me se eu era Samuel Bowles, acrescentando alguns comentários lisonjeiros demais para copiar.

"Sim," disse eu prontamente, "sou essa pessoa e, ao aprender as histórias do coração dos filhos da terra, dos humildes aos exaltados, terei prazer se o senhor contribuir para este livro e adicionar outro elo à longa cadeia de evidência de que todos devem viver para sempre."

"Tenho pouco a relatar, senhor. As minhas simpatias estavam fortemente ligadas a uma causa que agora vejo claramente que foi má nos seus resultados. Levado por um falso patriotismo, parecendo ser o que não era, sabendo que as necessidades dos tempos exigiam os meus serviços e entrando no espírito da rebelião, nascida sem razão, cujos efeitos foram grande carnificina e grande sofrimento, não me posso sentir satisfeito com o desfecho da minha vida terrena. Pretendo ser honesto comigo próprio."

"Em vez de olhar para o meu registo como ele é, preferiria ter perdido a minha vida ao lado do mais humilde rapaz tamborileiro dos regimentos do Norte. Preferiria ter sido um soldado raso obscuro no exército da nação do que ter sido chamado general no exército do Sul, que enviou tantos para combater o governo que os acolhera no passado e que ainda estava disposto a ajudá-los."

"A minha vida, senhor, na carreira que escolhera, foi tão cheia de excitação que raramente parava para considerar para onde ia. Sentia a pulsação de um poder imenso em cada fibra do meu ser. Procurei educar-me na crença de que éramos oprimidos e abusados. Tentei pensar que uma diferença na cor tornava justo que uma classe fosse governante e a outra, escrava. Com amor pela liderança, compreendendo as táticas de guerra, sentindo um forte entusiasmo pelos estados que não se submeteriam à antiga União, entrei com toda a minha alma na contenda."

"Se aqueles campos, manchados de sangue humano, tivessem podido permanecer fragrantes e belos, respondendo ao apelo da Natureza com o alimento necessário para o reino animal, quão melhor teria sido. Quão melhor estaria eu se, hoje, pudesse dizer que nunca levantei a minha mão contra o meu irmão; quão triste é o registo escrito em letras de sangue!"

** 15. Robespierre, nascido em Arras, a 6 de maio de 1758, guilhotinado em Paris, França, a 28 de julho de 1794. Foi líder do partido Jacobino e ativo na derrota dos Girondinos, encorajando a execução de muitos dos seus líderes. Foi em tempos o terror*

da França, e a sangrenta guilhotina esteve tão ativa enquanto ele esteve no poder que o rio Sena ficou colorido com o sangue de cidadãos chacinados.

† 16. Danton (Georges Jacques) instigou a sangrenta Insurreição de 10 de agosto de 1792, que iniciou o "Reinado do Terror". Danton partilhou o poder supremo com Robespierre e Marat. Por fim, após o assassinato de Marat por Charlotte Corday, Robespierre ficou com ciúmes de Danton e obteve um decreto para a sua morte. Danton foi guilhotinado a 5 de abril de 1794.

** 17. Abraham Lincoln, o décimo sexto presidente dos Estados Unidos da América, nascido a 12 de fevereiro de 1809. Foi baleado por John Wilkes Booth no seu camarote no teatro Ford em Washington D. C. a 14 de abril de 1865, e morreu no dia seguinte.*

** 18. "Experiências", ver final do livro.*

** 19. Ver final do livro.*

** 20. A melhor explicação sobre ciclones alguma vez dada encontra-se em "Papéis Posteriores".*

** 21. Robert Edward Lee nasceu em Stratford House, Condado de Westmoreland, Va., a 19 de janeiro de 1807. Foi um dos generais mais capazes do exército Confederado na recente Rebelião nos Estados Unidos. Rendeu-se ao General Ulysses S. Grant em Appomattox, a 9 de abril de 1865, o que encerrou a Rebelião. O Gen. Lee morreu a 12 de outubro de 1870, em Lexington, Va., enquanto presidente da Washington College. Usou a sua grande influência para aplacar as paixões e animosidades do seu povo. "Minha senhora, não eduque os seus filhos em hostilidade ao governo dos Estados Unidos", disse ele a uma viúva sulista que lhe trouxe o filho para educação.*

DOCUMENTO QUADRAGÉSIMO SEGUNDO

«Esforço-me agora por colher de tudo o que é belo e bom algo que ajude a retirar a mancha da minha história terrena. O que é a fama! Uma palavra vazia. O que é a glória! Nada senão um horror quando vidas humanas têm de ser sacrificadas para a obter.

Não tenho a ambição de Napoleão. Não desejo, enquanto aqui estiver, deleitar-me com a guerra e a rebelião. Sinto-me humilhado e perturbado por cada golpe que ajudei a desferir em prol de uma causa que vejo agora que estava errada. Estou a tentar sobreviver a este remorso doloroso, tentando escrever na página da história, nesta nova vida, algo que respire paz em vez de guerra.

Ainda assim, em justiça para com os meus amigos do Sul, devo dizer que foi uma provocação extrema para eles serem tão subitamente privados de propriedade que há

muito era considerada legítima. Eles sentiram este presságio, caso contrário não teriam hasteado a bandeira da Secessão.

Folgo agora por a guerra ter terminado como terminou; mas pense nisto, senhor: se as pessoas filantrópicas tivessem trabalhado tão arduamente para comprar toda a propriedade humana, dando assim liberdade aos negros em vez de forçarem a sua libertação pelo derramamento de sangue, não teria sido muito melhor, senhor?»

«Peço-lhe que me desculpe, senhor», disse eu, «mas tal resultado teria chegado num futuro tão distante que apenas os bisnetos dos escravos teriam sido beneficiados; chegara o momento em que medidas decisivas tinham de ser tomadas e, embora amigo após amigo tenha sido sacrificado, foi para o bem.»

«Não posso concordar inteiramente consigo», disse o Gen. Lee. «Se tivesse sido um espírito na altura em que entrei pela primeira vez nesta vida; se pudesse ter visto a dor, a amargura, de um ponto de vista espiritual; se pudesse ter visto mães e viúvas na vida espiritual procurando encontrar uma sepultura sem nome no campo de batalha; se pudesse ter visto o âmago do coração dos órfãos, cujo curso de vida tem de ser mudado agora que o pai partiu; se pudesse ter olhado para o coração das donzelas e visto a perda que os anos não podem retribuir; se pudesse ter visto a pobreza das matronas do Sul, acostumadas à riqueza; se pudesse ter visto os seus antigos servos, tão embriagados com a liberdade súbita que todo o sentido de justiça ou propriedade se perdera; se pudesse ter olhado a partir desta vida, como eu fiz, e visto os resultados desta rebelião desastrosa, poderia pensar que teria sido melhor esperar um pouco, do que provocar a mudança em alguns curtos anos de revolta e derramamento de sangue.

Continuo a ser um sulista, senhor, não me rendo a nenhum ianque, e peço para ser lembrado como sou, um General da Rebelião, embora essa Rebelião tenha sido uma causa equivocada.»

Samuel Bowles

8 de fevereiro de 1885. [Nota 1]

JOHN WILKES BOOTH

MADAM SURRATT

«Espero que as pessoas estejam satisfeitas», disse um homem de aspeto não desagradável ao aproximar-se de mim vindo de um jardim adjacente. «Sinto como se tivesse uma velha conta a ajustar da vida terrena, e sentir-me-ia ainda vingativo se Abraham Lincoln não tivesse sido tão perdoador e não me tivesse estendido a mão tão gentilmente; ele tomou a mão de John Wilkes Booth* na sua; tem sido um irmão para mim aqui.

Por vezes desejei que ele fosse um pouco indelicado, desejei que mostrasse um pouco de severidade, mas ele diz: “Ora, Booth, não foi o lado bom da tua alma que te

levou a tirar-me a vida. Foi um pequeno nicho dado às propensões malignas da tua natureza; na verdade, foi o canto do diabo". Assim, sempre genial e amável, ele estende-me as mãos e ajuda-me a subir.»

«Gostaria de poder dizer o mesmo», disse uma mulher que se aproximou silenciosamente, «gostaria de poder sentir que foi justo que a minha vida tivesse sido sacrificada.»

** John Wilkes Booth, o assassino de Abraham Lincoln, nasceu no Condado de Hartford, Maryland, em 1838. Para vingar a "causa perdida", formou uma conspiração com John Surratt, Powell e outros. No dia catorze de abril de 1865, entrou no teatro Ford, em Washington, D.C., e disparou contra o Presidente Lincoln, que estava sentado num camarote privado. Exclamando "Sic semper tyrannis", saltou do palco e partiu a perna, mas montou um cavalo que estava pronto e escapou para a Virgínia. Escondeu-se num celeiro perto de Bowling Green, onde foi descoberto pelos detetives e, recusando render-se, foi baleado a 26 de abril de 1865.*

DOCUMENTO QUADRAGÉSIMO TERCEIRO

HENRY W. LONGFELLOW — POESIA — ÍNDIOS

Tive várias oportunidades para entrevistas, mas o meu coração precisava de descanso após os tumultos causados pelo encontro com personagens tão diferentes, por isso procurei esse descanso visitando a casa de Longfellow*, o homem cuja vida na terra foi um poder para o bem, e a sua vida aqui, uma doce canção.

Fui conduzido a uma bela cabana na quarta esfera, rodeada por tudo o que é belo na Natureza e na Arte. De cima das suas estantes de livros, olhavam para nós rostos pintados dos seus entes queridos e paisagens tão belas que, ao contemplá-las, uma doce sensação de repouso embalava o coração. Este homem genial recebeu-me com a maior amabilidade. Disse que também tinha ouvido falar da minha missão através do Prof. Agassiz, que o visitara ultimamente.

Ao olhar para os olhos de Longfellow, senti que uma alma verdadeiramente bela estava por trás deles. Na vida terrena, os seus poemas são tesouros domésticos; nesta vida, os seus novos poemas parecem quase a cristalização do pensamento puro; destacam-se do homem como uma realidade viva.

Não daria elogios indevidos a ninguém, mas devo dizer que nunca tinha compreendido a poesia anteriormente. Mostrou-me alguns dos seus esforços desde a sua entrada aqui. Havia neles o rugir da tempestade, a beleza da paisagem, o cantar dos pássaros e toda a santidade do beijo de despedida de uma mãe; cada palavra uma imagem, cada descrição carregando consigo tal força que, quer ele estivesse a deleitar-se entre os homens vermelhos da floresta, onde o veado salta e a rapariga índia aprende as primeiras lições do amor, quer numa tranquila casa da Nova Inglaterra, éramos levados por um poder irresistível, que parecia ser o resultado do seu trabalho.

«De onde vem esta inspiração?», perguntei, «como é que você, que copiou tão fielmente a Natureza no passado, pode agora trazê-la de forma tão vívida que pareceria que a Natureza deve copiar de si?»

«Venha comigo», disse ele, conduzindo-me através de um longo corredor até à parte de trás da sua cabana, «mostrar-lhe-ei onde obtenho parte da minha inspiração.»

Árvores, árvores por todo o lado; ramos curvados quase beijavam a água do pequeno rio que fluía pacificamente. «Teremos de atravessar, se quiser ver onde obtenho as mais escolhidas das minhas lições.» De mãos dadas, deslizámos sobre o rio — não havia ponte, pois não precisamos delas; tais estruturas são inúteis exceto enquanto revivem memórias da vida terrena — e encontrámo-nos numa floresta densa.

Se por poder da vontade ou por algum esforço elétrico, ele realizou o que aconteceu então, não sei; mas logo fomos cercados por índios: mulheres índias de idade madura, vestidas com cores berrantes; guerreiros severos com arcos e flechas; crianças felizes, brincando nas águas frescas; todos contentes.

** Henry Wadsworth Longfellow nasceu em Portland, Maine, a 27 de fevereiro de 1807. Foi um dos mais doces e populares poetas americanos. Em 1855 publicou "A Canção de Hiawatha", na qual é demonstrada uma terna e amorosa apreciação do índio americano. Faleceu a 24 de março de 1882.*

«Corpos dilacerados, gritos de crianças nada são para eles; vivem para a vingança e receio que, antes que passem muitos meses, haja mais cenas na terra sobre as quais estes espíritos diabólicos se deleitarão. Por todo o planeta existem homólogos destas reuniões. Homens e mulheres privam-se ao extremo para poderem acrescentar um pouco ao armazém de agentes de destruição. A nação que o senhor representa, senhor, apanhou a febre; se eu marcasse os locais onde estas reuniões se realizam, faria muitas manchas negras na sua bela superfície.»

Não desejando entrar em qualquer argumento político, perguntei: «Não se pode fazer algo para deter esta maré, que não só mantém almas em grilhões aqui, mas está a forjar grilhões para o povo da terra?»

«Mostrar-lhe-ei», disse ele. «Venha comigo.»

Fui com ele a um grande salão na terceira esfera, que estava cheio a transbordar; até as galerias estavam apinhadas. À medida que entrávamos, um paquete passou pela multidão e conduziu-nos para a frente, onde Lincoln, Garfield, Sumner e Seward estavam sentados. Eles levantaram-se para nos receber. De uma fileira de assentos ainda mais elevada, os heróis da Revolução inclinaram-se num cumprimento amável.

Homens de países estrangeiros estavam lá; mulheres, com rostos expressivos do mais profundo interesse, escutavam as observações feitas, apreensivos por todas as nações da terra; foram apresentadas resoluções apelando a todos para que trabalhassem arduamente pela paz e segurança do povo da terra; para que usassem toda a força possível para quebrar este espírito que, se solto, traria a desolação a milhões de lares:

que cada um deveria tomar para si algum espírito obscurecido que estivesse a emanar esta influência funesta, sim, quase vivendo na terra com o propósito de obsessão diabólica, e esforçar-se por educá-lo; por tirar a sua mente deste estado baixo e torná-lo mais puro.

Havia um entusiasmo manifestado que evidenciava o maior desejo de bons resultados. Uma mulher levantou-se e disse: «Oremos a Deus para que possamos ajudá-los.»

William Denton disse: «Orem com a vossa influência diretamente nos corações deles, e Deus não se sentirá solitário se não Lhe disserem uma palavra. Poderia haver, através de um esforço contínuo, maiores restrições morais impostas a esta classe de espíritos. Eu costumava ouvir médiuns dizerem, quando estava na vida terrena, que isto, aquilo ou aqueloutro não era permitido. Parece-me que quase tudo acontece, quer seja permitido ou não. Gostaria de entrevistar o chefe de todo este universo e descobrir onde estão as restrições sobre as quais eu costumava ouvir.»

«Ai de mim!», disse-me Napoleão, «somos o resultado do passado e devemos crescer para fora de tudo o que está errado; cada um deve aprender a ser uma lei para si próprio: mas leva muito tempo a limpar um charco lamacento. Quanto tempo passará até que se sinta desmamado da sua profissão; quanto tempo passará até que eu seja desmamado da guerra!»

«Não desejo ser desmamado do jornalismo», respondi, «mas não creio que um espírito de guerra possa ser muito agradável.»

«Bem», disse ele, «alcançaremos tudo o que se espera apenas enviando, com força elétrica, fortes ensinamentos morais. Não podemos desfazer o que foi feito, exceto através de esforços fervorosos para trazer as almas deformadas para onde verão graça e beleza, e, ao admirarem estas, aprenderem a moldar o seu curso de forma diferente, a aprenderem a sintonizar as suas naturezas de forma mais harmoniosa, a aprenderem a procurar flores em vez de espinhos.»

Estou a começar a gostar de Napoleão porque o compreendo melhor, contudo, não é preciso muito para pôr o olhar selvagem nos seus olhos e fazer com que a sua mão vagueie para o cinto como que à procura de uma arma. Oh! Natureza, enigma estranho, quem resolverá o seu problema mais simples?

Despedimo-nos à porta do salão. 10 de fevereiro de 1885. Samuel Bowles.

DOCUMENTO QUADRAGÉSIMO QUINTO

PHILIP S. BARRICK, O PAI DA SRA. MAUD E. LORD, A BEM CONHECIDA MÉDIUM, RELATA COMO TENTOU «EXPULSAR O DIABO» DA SUA FILHA QUANDO ESTA ERA UMA RAPARIGA

«Sim, senhor, estou disposto a falar consigo, mas não suponha que algo que eu possa dizer tenha muito interesse para alguém, salvo para aqueles que me conheceram intimamente. Ouvi a minha filha fazer o pedido para que eu viesse relatar algo sobre a minha posição na vida espiritual.

Eu sou Philip S. Barrick.* Sei agora que aquilo que não consegui esmagar quando a minha filha se tornou médium pela primeira vez é hoje o maior conforto da minha vida neste mundo espiritual.

A minha filha, Maud, começou numa idade precoce a manifestar estranhas peculiaridades. Não havia certeza, se uma mesa ou cadeira estivessem paradas num momento, de que permaneceriam assim. Ela tinha uma maneira de olhar para mim que me fazia sentir arrepios pelas costas e deixava toda a família desconfortável. É estranho que eu devesse ter culpado a criança; mas tão profundamente senti a desonra de ser pai de uma criança que estava "Possuída pelo Diabo" que a minha fúria não conhecia limites.

Para tornar tudo ainda mais desconcertante, havia incidentes ligados à minha própria vida, mesmo quando longe dela, que eu não conseguia explicar. Comecei a pensar que este estranho poder, tal como o sarampo, era contagioso. Eu sabia que estava a roubar à minha filha a afeição que a infância sempre anseia. Era raro vê-la misturada com outras crianças; recordo-me agora com aguda tristeza dos soluços que vinham do seu coração sangrento. Severo e indelicado, absorto nos negócios, estudando as intrincadas questões da lei, acreditava que tudo o que não tendesse para esse lado era tolice.

Saqueado pelo cruel Norte durante a recente guerra civil, vi-me velho, quando deveria estar no auge da vida, por causa da luta feroz que há tanto tempo grassava no meu coração. O dever severo apontava-me para subjugar o diabo nos outros, enquanto o mesmo diabo dominava em mim.

Mas após a mudança daquela velha vida para esta, vendo o trabalho maravilhoso realizado, através de ajudantes angélicos, pela minha filha bem como por muitos outros médiuns, sentindo a injustiça de julgar tão duramente quando deveria ter sido amável, só posso maravilhar-me de que, nesta vida, tantas mãos amigáveis me sejam estendidas de uma esfera ainda mais elevada.

Isto não é uma penitência; é um prazer que há muito antecipava, vir ter consigo, bondoso senhor, e com humildade pedir-lhe que relate à terra estas minhas palavras. Estou muito grato por ter a oportunidade de enviar de volta aos amigos no Sul e no Oeste aquilo que lhes mostrará que mudei. A morte tem sido, de facto, vida para mim; os preconceitos do passado estão a ser enterrados com outros registos que, de muito má vontade, recordaria à memória dos meus amigos. Quisera eu poder dar à minha filha, a quem tão pouco compreendi, aquela calorosa pressão de mão, aquele beijo que os lábios de um pai deram aos seus outros filhos, mas negaram a ela.»

«Qual é o seu objetivo especial em relatar-me estes assuntos pessoais? Receio que o mundo não os compreenda.»

«Seja paciente, senhor, é apenas um pequeno tributo, mas é o tributo que desejo prestar aos médiuns. Quero que aqueles que me conheceram na vida terrena saibam também que me arrependo de cada ato indelicado para com a minha filha médium. Isso é apenas o começo do que desejo.

Quero que pais e mães por todo o país vigiem os alvores da mediunidade nos seus filhos — que a tesourem como sendo muito mais preciosa do que diamantes — que olhem para ela como um penhor de paz para o lar, um prenúncio de luz para o mundo exterior. Peço que isto seja inserido no seu livro, bondoso senhor, não porque o papel que desempenhei no palco da vida humana fosse brilhante ou bom, mas porque vejo em lares por toda a nossa nação crianças com dons de mediunidade. Que os Anjos permitam que os seus pais não governem com vara de ferro o corpo, enquanto o espírito não pode ser extinto.

As experiências da minha vida terrena dificilmente merecem um lugar no seu livro, mas se o verdadeiro arrependimento pelas minhas faltas trouxer paz, creio que serei mais feliz por ter, através da injustiça feita à minha filha, aprendido a valorizar a mediunidade de todos os graus. Esta confissão ajudar-me-á. Alguém se sente sempre melhor por dizer a verdade. A partir deste dia, rogo aos bons anjos que me ajudem a consagrar a minha vida espiritual ao trabalho de desenvolver médiuns.

Rogo para que, onde estorvei no passado, possa ajudar no presente; e peço-lhe, senhor, que mostre às pessoas da terra o seu dever sagrado de terem caridade em todas as coisas e de, ao lutarem por força, aprenderem a sua própria fraqueza, até que, estudando os recessos mais íntimos dos seus corações, não tenham tempo para julgar os outros. Estou feliz por esta nuvem se ter levantado da minha alma; posso trabalhar agora. Bom dia, senhor.»

Embora a minha entrevista tivesse sido interrompida, fiquei contente por conhecer o homem, e encontrei-o, na reunião da última hora, mais ponderado e amável pelas horas de intervalo em que se estudara a si próprio.

(Explicação: Descobri que conseguia aproximá-lo da sua filha e relatar o que ele disse diretamente a ela, mas apenas escrevi um pouco quando ele foi chamado para se retirar, e esta manhã tive de voltar à minha velha forma de entrevistar.)

11 de fevereiro de 1885. Samuel Bowles.

** Philip S. Barrick, nascido na Virgínia, falecido a 12 de dezembro de 1880. Era advogado. Castigou severamente a sua filha quando criança por estar "Possuída pelo Diabo", como ele lhe chamava, e acabou por a expulsar de casa, obrigando-a a vaguear em busca de comida e abrigo. Quando a Sra. Lord esteve em Springfield em fevereiro passado, expressou o desejo de que o seu pai fizesse uma declaração, para que a sua conduta servisse de aviso aos pais que têm filhos com dons mediúnicos. A*

Sra. Lord encontrou-se com a Sra. Twing e, nesta reunião, o Sr. Bowles tentou redigir a comunicação, mas foi interrompido.

DOCUMENTO QUADRAGÉSIMO SEXTO

MARIA LUÍSA, SEGUNDA ESPOSA DE NAPOLEÃO BONAPARTE

Fui favorecido com uma entrevista com Maria Luísa*, a esposa que foi procurada para um propósito. Napoleão procurava reproduzir-se. Os instintos de um cavalheiro, os atributos de um guerreiro não o impediram de sacrificar tudo o que era mais precioso para o homem. A história, com um fio dourado que não pode ser quebrado, tece o registo de uma Josefina sacrificada e também de uma que tomou sobre si aquilo que Josefina não podia fazer.

«Foi uma união feliz?», perguntei.

«Feliz», disse ela, com o rosto iluminado de amor, «feliz, sim, num sentido físico, mas não feliz quando cheguei a compreender o objetivo da nossa união. Olhei para ela como uma injustiça grosseira. Senti a minha feminilidade aviltada; a minha vida apenas um elo frágil na corrente que este homem forjaria. Fui conduzida pelo caminho errado. Fui incompreendida, mas, ao ser incompreendida, encontro-me num plano mais elevado do que aqueles que têm sido tão persistentes em me incompreender.»

Senti muito que era agradável ao entrar na sua presença. Embora não me pudesse aproximar dela o suficiente para aprender tudo o que desejava saber, percebi que era uma mulher a ser honrada. Estava disposta a reconhecer as suas faltas, mas não foi compreendida. Não posso, como repórter, entrar nos segredos do seu coração, mas direi que raramente encontrei algum espírito cujas características naturais estivessem mais de acordo com as minhas ideias de justiça.

Samuel Bowles

15 de fevereiro de 1885

** Maria Luísa, filha do Imperador Francisco I da Áustria, casou com Napoleão a 2 de abril de 1810. A 20 de março de 1811, deu-lhe um filho.*

DOCUMENTO QUADRAGÉSIMO SÉTIMO

GOETHE AINDA SONHANDO E ESCREVENDO POESIA

Há muito que me foi prometida uma entrevista com Goethe*, e comecei a pensar que este amante e escritor de poesia não se importava tanto em enviar de volta uma linha como eu supusera pelas garantias do meu guia. De facto, surpreendo-me diariamente com o meu guia, que sente estar a servir a Deus ao unir a poesia do passado com as realidades do presente. Ainda não obtive permissão deste trabalhador paciente para dar o seu nome e história.

«Porque trabalha tão diligentemente», perguntei, «para aproximar aqueles que têm tão pouco conhecimento uns dos outros?»

«Estou a "fazer penitência"», disse ele, sorrindo. «Educado em muitas línguas, tendo todas as vantagens que a posição e a fortuna podiam dar, não agi corretamente na vida terrena. Vivia para o corpo; agora vivo para a alma. É um trabalho glorioso se eu puder agora ser instrumental em aproximar aqueles cujas experiências trarão luz ao povo da terra. Mas desculpe-me, senhor, o tempo de Goethe é valioso e ele prometeu encontrar-se consigo a esta hora, na quinta esfera, onde o senhor não se sentirá oprimido por uma atmosfera demasiado refinada e onde ele não sentirá tanto a densidade das esferas inferiores.»

Rapidamente passámos para este homem. Encontrámo-lo sentado num dos muitos assentos que se agrupam nos parques de todas as esferas que visitei; parques que se tornam mais belos à medida que subimos. Ele acolheu-me cordialmente, contudo com uma altivez que mostrava que o seu velho orgulho alemão não se podia baixar muito. Ouvi as palavras «Herr Bowles», mas não reconheci o resto da sua frase; mas o meu bom guia e intérprete disse que ele estava a perguntar de que forma me poderia fazer um favor.

Respondi: «Contando-me algo do seu passado e dos seus objetivos para o futuro.»

«O meu passado», disse ele, «embora agora pareça exíguo, é ainda uma realidade viva para aqueles que têm cultura suficiente para ler as minhas obras. De uma inclinação naturalmente sentimental, contudo não carecendo dos atributos do meu pai, cuja natureza severa me impeliu a chegar cada vez mais longe; herdando também, em algum grau, a doçura de disposição da minha mãe, que considerava o silêncio de longe o melhor se não se tivesse nada a dizer; e herdando também a força combinada de antepassados que tinham transmitido de geração em geração um forte amor pela Natureza; vivendo mais na vida do coração do que na da sensualidade, cedo aprendi a amar.

Mas ao aprender a amar na sua pureza, posso não ter sido suficientemente amável para comigo mesmo, pois isso provocou algumas complicações que a história não registou. Contudo, os sonhos de amor de alguém com bem menos de vinte anos fizeram brotar a poesia na minha natureza e levaram-me a deleitar-me em esplêndidas visões do futuro.»

** Goethe, Johann Wolfgang von, nasceu em Frankfurt am Main a 28 de agosto de 1749, faleceu em Weimar a 22 de março de 1832. O seu pai era um homem frio, severo, formal e pedante, contudo de mente vigorosa e de vontade rígida; a sua mãe, uma rapariga de coração simples, genial, vivaz e afetuosa que amava a poesia. Goethe disse num dos seus poemas: "Do meu pai herdei a estrutura e a orientação firme da minha vida, e da minha querida mãezinha, a minha disposição feliz e o amor por contar histórias". Ordem e quietude eram as suas características. Margarida era a personagem no "Fausto" que se baseou em Gretchen, o seu primeiro amor. Um jovem chamado Jerusalem e uma jovem, Charlotte Buff, a quem Goethe amou, formaram a*

base de "Os Sofrimentos do Jovem Werther". Dois compromissos amorosos, um com Anna Sibylla Münch e o outro com Anna Elizabeth Schönemann, foram imortalizados nos seus poemas sob o nome de Lili. As suas maiores obras foram "Wilhelm Meister" e "Fausto".

«Idealizei em poesia os amores que nunca foram realmente meus. Sonhei com grandes coisas que, finalmente, foram em certa medida concretizadas nos meus numerosos escritos. Olhei para a vida como pouco mais do que uma farsa até que um amigo, duro na crítica, mas bondoso de coração, me ajudou mais pelas suas críticas do que poderia ter feito por meio de lisonja plausível.

O nome e a vida de Werther são, de facto, uma ajuda para mim, pois ele fez com que eu fosse melhor compreendido. Agora, quando tenho a minha Lili, a minha Margarida, onde posso obter alguma simpatia delas, ajuda que um amor, santificado pela bem-aventurança do céu, pode dar, sinto-me contente em prosseguir a jornada desta vida, unindo as inspirações do velho e belo mundo com as da glória presente; sabendo que, uma vez que um intelecto é ordenado para qualquer trabalho particular, o trabalho será, mais cedo ou mais tarde, realizado; sentindo que tudo o que foi para mim uma cruz no passado será uma assistência no grande futuro, que está a crescer, sempre a crescer para o bem daqueles que ascendem nesta vida.

O meu trabalho atual é escrever livros e fazê-los traduzir para todas as línguas, para que possam ser melhor compreendidos entre todas as classes. Já não tenho a ideia de escrever para ganhar uma simpatia que não será duradoura. Desejo escrever livros que alcancem a vida terrena, os corações que sofrem lá em baixo, bem como os mais elevados e felizes, e que ajudem a fortalecer a todos.

Façam das vossas vidas, meus amigos, um verdadeiro poema, respirando o espírito da poesia, e ficarão mais satisfeitos. Um poema pode ser expresso em prosa: — nenhum ritmo, nenhumas estrofes, nenhum verso branco podem dar a verdadeira ideia de poesia, a menos que haja o espírito correspondente, latejando do cérebro para o coração, dizendo dentro de vós mesmos: isto é poesia.

Tenho tido esperança de que esta simpatia entre as esferas, da mais alta à mais baixa, pudesse ser ligada por um cordão magnético tal, que a terra e os diferentes planetas no vasto espaço ao nosso redor, cujos habitantes estão a passar para as esferas acima deles, pudessem todos aprender esta grande lição de comunhão; e onde agora tudo é mítico, onde tudo é apenas adivinhado, surja o conhecimento de que a mesma força evolutiva agindo sob a lei, que pode criar uma terra com esfera após esfera ao seu redor, pode extrair dos planetas adjacentes os mesmos resultados; quando todos os mundos estiverem mais purificados, quando o sussurro de um anjo for como uma voz de trombeta alcançando o espaço, essa mesma voz, por leis naturais, poderá encontrar um acorde de resposta. Então perceberemos quão pequenos somos, quão insignificante é o nosso pequeno mundo com as suas esferas graduadas.»

«Tem algo de prático a oferecer sobre este assunto?», perguntei, «pois seria de profundo interesse para a nossa terra, sim, para outros mundos.»

«Pode ser apenas uma ilusão: mas eu, nas minhas andanças, seja em sono ou no corpo, visitei outros planetas, cuja história estou a dar nos meus escritos atuais. Mas quando eu puder levar testemunhas comigo e tornar a evidência completa, serei um homem feliz, a alma que encontrou o elo perdido entre a terra, a lua e as estrelas. Não se ria. Estou confiante de que, em algum momento da grande eternidade, este resultado será alcançado.»

Intrigado com a sua aparente confiança, acreditando que ele sabia do que falava, sem me despedir, deixei este homem de letras, aparentemente perdido numa visão que, embora real para ele, era invisível para mim.

«Não importa», disse o meu guia, «ele está a preparar outro artigo e o feitiço está sobre ele.»

Embora não estivesse de acordo com a minha ideia de polidez, decidi atender ao pedido do meu guia, pois os espíritos tornam-se mais estranhos para mim a cada dia.

Samuel Bowles.

Pergunta — Em que esfera vive Goethe?

Resposta — Na sétima, e poderia estar numa superior se o desejasse.

Pergunta — «Mas agora tenho a minha Lili, a minha Margarida, onde posso obter alguma simpatia delas:» supõe-se que ambos os nomes sejam fictícios. Como pode Goethe obter simpatia de nomes fictícios?

Resposta — Goethe diz: «A minha Lili, a minha Margarida foram e são realidades vivas. Não achei conveniente revelar os seus nomes verdadeiros, porque elas não consentiriam; mas, quando jovem, encontrei uma inspiração que vinha das suas almas puras; contudo, nos nossos diferentes caminhos de vida, não pude fazer mais do que idealizar as suas virtudes. Foi um facto escondido dentro da minha alma, e não escolhi explicar, pois mais tarde outras associações e aspirações cortaram tudo, exceto a simpatia de alma entre nós. A beleza no palácio de um lorde ou na cabana de um camponês, se for beleza de alma, é duradoura.» Isto colhi do meu guia, embora não me tenha encontrado com Goethe para esta explicação.

Pergunta — Goethe disse: «O nome de Werther, a sua vida foi uma ajuda para mim, pois ele fez com que eu fosse melhor compreendido.» Como pode esta personagem fictícia ajudá-lo?

Resposta — «O homem real foi uma inspiração para mim, e dei-lhe esse nome fictício. Talvez a licença poética vá longe demais; mas, ainda mais nesta vida, tomo as personagens dos meus amigos e espelho as suas vidas. É um mundo grande, senhor, e se nem todos usam a mesma forma para dar as suas lições, se derem o seu melhor, em paciência, esperando pela plena fruição, tudo ficará bem. Teria considerado uma indelicadeza dar nomes reais ali, e escolhi deixar os meus leitores pensarem o que quisessem; mesmo agora, evito dar nomes e datas. Eles compreenderam, ou pelo menos

compreenderam aqueles que obtiveram os meus livros, e compreendem-no duplamente agora.»

DOCUMENTO QUADRAGÉSIMO OITAVO

LOUIS AGASSIZ, PROSSEGUINDO OS SEUS ESTUDOS ZOOLÓGICOS NA QUARTA ESFERA. — ELE REVISITA AS CENAS DAS SUAS FÉRIAS DE VERÃO EM «OLD DEERFIELD», MASS. — TELEGRAFIA ESPIRITUAL

Para onde deveria eu ir agora? O meu guia tinha-me deixado por um curto período de tempo para cumprir o seu dever para com outros. Alguma influência irresistível atraiu-me para a primeira esfera — para aquela pequena parte do grande mundo chamada «Old Deerfield», e mais particularmente sobre o rio Deerfield.

«O que significa isto?», perguntei a mim mesmo, pois estava um pouco fora da minha linha.

«Significa que nós os dois, John Anderson* e eu próprio (Prof. Agassiz*), descemos a este lugar que foi outrora a cena de algumas das minhas investigações sobre telegrafia espiritual. Estávamos a tentar ver até onde o nosso poder de vontade poderia fazer com que viesse ter connosco.»

Sentados na margem alta do belo rio na primeira esfera, que fica acima e é uma contraparte do rio Deerfield, com estes dois homens escutámos o canto dos pássaros, o chilrear do esquilo, os gritos felizes de crianças à distância.

O Prof. Agassiz, após inalar um profundo hausto de ar puro, disse: «Mesmo por baixo de nós, tudo está preso pela neve. O gelo cobre as rochas, nas quais muitas vezes usei martelo e cinzel para lascar algo que contasse a sua história. O mundo dos insetos e das aves está sossegado lá em baixo; também as cobras que eu costumava acariciar, enquanto observava os seus hábitos, para grande desgosto da minha mulher.

Penso», disse ele sonhadoramente, «que se em vez da afirmação na Bíblia, "Não haverá noite ali", se as esperanças para este país teriam sido fortalecidas se tivesse dito: "Não haverá inverno". Veja como a Natureza é fiel a si mesma», apontando para a manga do meu casaco, onde, para mim, um verme de aspeto hediondo quase chegara ao meu ombro. Não duvidei da Natureza, mas duvidei da conveniência de vermes correrem sobre mim; e não conseguia ver nada de mais atraente num verme celestial do que num terrestre.

Ele riu-se do meu desconforto e, metendo a mão no bolso, tirou o que pareciam ser conchas de caracol e pediu-me para as examinar. Ele tinha algum nome sofisticado para elas, mas eu não consegui apreciá-las.

«Onde é a sua casa?», perguntei, olhando ao meu redor, temendo que os seus outros bolsos pudessem conter algumas cobras que me dessem um choque.

«Na quarta esfera», disse ele, enquanto com a ajuda do seu amigo apanhava uma bela borboleta, «mas desci aqui para buscar algo para o meu laboratório, pensando que talvez pudesse encontrar as criaturas que costumava amar, um pouco mais fiéis à velha natureza terrena do que lá mais no alto.»

«E o seu amigo», disse eu, «também está interessado nos seus desenvolvimentos da ciência?»

«De certa forma sim, de outras não. Ele foi o meu grande ajudante enquanto estivemos na terra. Ele era um milionário de Nova Iorque. Sim, mais do que isso; eu desejava estudar e produzir algo valioso para a humanidade, mas não tinha os meios. Os seus grandes esforços nesta direção foram muito eficientes.»

«Ora, não digas isso, meu amigo», disse Anderson, «ajudaste-me mais do que eu te ajudei, e estou feliz por tudo o que fiz ali para ajudar os trabalhadores pobres e honestos. Eu conseguia ganhar dinheiro; alguns não conseguiam. Olho agora para os meus amigos da terra, aos quais tanto foi concedido, e fico feliz cada vez que vejo um ato generoso ser praticado. Mas Professor», disse ele, «olhando para cima através das árvores, está quase na hora de a sua aula se reunir, e desculpe-me se o lembro disso.»

Ambos me apertaram a mão, eles para subirem para a sua sala de aula, eu para me maravilhar e pensar na estranheza da vida, no poder dessa mudança, chamada morte, que desenvolveu da humanidade franzina a glória da verdadeira masculinidade.

Samuel Bowles.

Pergunta — Quer dizer que encontrou Agassiz em «Old Deerfield», Mass? Que estudos especiais ele perseguiu ali quando em vida terrena, e em que parte do rio Deerfield?

Resposta — Falei de estarmos na primeira esfera diretamente acima do rio Deerfield, e que ele tinha na vida terrena estudado o rio e as suas margens durante milhas. Ele chamava-lhe o seu descanso de verão. Penso que visitando «Old Deerfield», como o entendi, poderia colher factos que provarão isto. Quando o meu livro está em andamento, não posso parar para pensar em todos estes pontos minuciosos e, quando os meus amigos, que entrevistei, se foram, não sei para onde, nem sempre posso chamá-los a qualquer momento para resolver aquilo que pode ser provado na vida terrena.

Pergunta — O senhor diz: «um verme de aspeto hediondo quase chegara ao meu ombro», na sua entrevista com Agassiz; contudo, disse em «Contrastes» que não tinha visto insetos ou vermes odiosos. Como harmoniza estas afirmações? Existem realmente vermes e conchas e cobras na vida espiritual?

Resposta — Diferença de tempo, senhor; eu era então um principiante e não tinha tido a oportunidade de ver o que era necessário para tornar feliz a vida de um naturalista. Mostrar-lhe apenas o que chamamos de belo roubar-lhe-ia o que lhe é devido. Ele não pode estar contente a menos que tenha todas as facilidades para o estudo e para a demonstração a outros. A observação de Agassiz de que, ao ir para a

esfera inferior, se aproximava da velha forma de captura — considerou-os mais de acordo com as leis naturais da terra do que nas esferas superiores — pareceu-me muito razoável. Eu poderia viajar por todas as esferas que visitei e não ser incomodado por nada do género, porque não os procuro. É o contacto daqueles que desejam que traz a realidade. O Prof. Agassiz terá vermes, conchas, cobras, etc., em esferas mais elevadas do que aquela que agora atingiu.

DOCUMENTO QUADRAGÉSIMO NONO

«STONEWALL» JACKSON EXPLICA

A SUA CARREIRA NA GUERRA DA REBELIÃO

Não me senti impelido em grande medida a entrevistar «Stonewall» Jackson*. Tinha, quando na vida terrena, escrito demasiados editoriais mordazes sobre ele e a sua carreira para sentir que seria bem-vindo por alguém cuja vida eu pensara estar equivocada, se não viciosa. Mas quando entrei na sua presença, enquanto ele estava sentado numa ampla varanda na segunda esfera, os meus sentimentos mudaram. Eu era pequeno; ele era grande; eu tinha julgado; ele tinha trabalhado.

Fui recebido muito gentilmente por este herói de uma causa falsa. Após trocar os cumprimentos habituais, sentei-me com a ideia de o sondar, ou seja, de o fazer contar a sua história. Mas fiquei surpreendido ao descobrir que era ele quem me estava a sondar; e, devido ao seu forte poder magnético, eu estava a relatar-lhe incidentes do meu passado, quando tinha vindo ter com ele para outros fins.

Finalmente, considerando a quantidade de trabalho a ser feito, disse: «Bem, senhor, joguemos limpo; se o senhor não é repórter, entrevistou-me muito bem. Agora, eu quero uma oportunidade consigo.»

«Muito bem», disse ele brandamente, «reconheço plenamente o seu direito de colher de mim o que devo contar. Lembre-se, senhor, não venho ter consigo como um penitente, mas como alguém que sabe do que fala. O entusiasmo pode ter tido muito a ver com a minha carreira de guerra: o pensamento de ser um líder, em vez de ser liderado através do pântano do desespero, que então parecia estender-se desde o céu até à imundície da terra. Tinha os meus laços familiares, tão caros para mim. Tinha as minhas esperanças para o futuro, tinha aquela ternura de alma que pertence à verdadeira masculinidade. Tinha consideração pelos outros, que viviam com uma história não escrita, que apenas a eternidade pode revelar.

O grito de liberdade veio: (nós chamávamos-lhe liberdade). Desejávamos a liberdade, mas teria de haver um sacrifício, e muitos teriam de ser as vítimas. Tal entusiasmo ardente, tais expectativas maravilhosas, tais esperanças de uma nação separada entraram em cada cidade, aldeia e lugarejo do Sul! Poderia eu ficar atrás? Não; por isso, com o sentimento de que era para o melhor, esqueci então tudo na luta.

O Sul sofreu; os seus pais e filhos foram mortos; viúvas e crianças choraram; os campos de colheita não foram cultivados como antigamente. Pais de cabelos grisalhos olhavam para as suas mãos quase inúteis e suspiravam pelo rapaz corajoso que partira para o Norte — que partira para a morte. As estações de correio do Norte estavam apinhadas de pessoas ansiosas à espera do correio, para que alguma notícia, boa ou má, pudesse chegar para acabar com este terrível suspense. Mas os vossos campos do Norte estavam verdes, a erva não pisada pelo passo cansado do soldado.»

** Jackson (Thomas Jonathan) («Stonewall») nasceu em Clarksburg, West Va., a 21 de janeiro de 1824. Ganhou o título de «Stonewall» na primeira batalha de Manassas. Foi um soldado muito capaz do exército Confederado. Faleceu a 10 de maio de 1863.*

«As vossas luxuosas casas não foram invadidas pela presença daqueles que deixaram de merecer o nome de homem ou de soldado. Houve perda em alguns aspetos, mas ganho noutros, para vós, homens do Norte. Quão frequentemente ouve falar de algum homem que ascendeu na vida social por conta da sua riqueza, tendo essa riqueza sido feita a partir da guerra? Eu pensaria que tal dinheiro lhe queimaria os dedos.

Mas note o contraste. As nossas casas foram invadidas por aqueles cujos pés nunca deveriam ter nelas entrado — as nossas mulheres foram frequentemente ultrajadas pelas vossas galantes? tropas — as nossas vidas, enquanto em marcha ou no acampamento, tornadas miseráveis por sonhos torturantes de lares sacrificados; muitos soldados sulistas deixaram paz e pureza em casa e, ao regressarem, encontraram cinzas no seu lugar.

Poderia nomear muitos casos em que, embora gentilmente tratados, os vossos magnânimos? homens (posso chamar-lhes homens?) tomaram posse das nossas casas, e os seus moradores, para preservarem a vida e a castidade, foram compelidos a procurar campos estéreis ou florestas sem trilhos; a sofrer e a esperar e, quando ousavam rastejar de volta, a encontrar em ruínas o que restava — até instrumentos de música, que queridas mãos mortas tinham tornado sagrados, foram deliberadamente destruídos. Oh! Não posso nomear todas as nossas injustiças. Não admira que, quando surgiu a oportunidade, as nossas "Andersonville" e "Belle Isle", sim, e muitos outros currais, tivessem detido aqueles que poderiam ter sido inocentes; mas estas eram as sortes da guerra.

Esperávamos pela liberdade: de todas as formas os escravos nos foram tirados, contudo a escravatura era a nossa instituição de estimação. O orgulho não pode ser facilmente extinto. Penso agora que, não tivesse sido pelo erro azarado de John Brown, ao despertar tanto sangue sulista, que o partido pela libertação dos escravos teria crescido tanto com o tempo, que o mesmo resultado poderia ter sido alcançado sem tanto derramamento de sangue. Vejo que a escravatura foi um grande erro. Não sinto qualquer antipatia agora. O meu trabalho é harmonizar, mas vejo uma nuvem a erguer-se, que receio que trará outra insurreição — uma contenda entre o "Capital e o

Trabalho". Mas eu terminei com as guerras; sou pela paz; conheço o que é justo e pretendo persegui-lo, pois nunca vacilei em nenhuma batalha.»

«Adeus», disse eu, com toda a cordialidade, e perguntei-me se o mesmo sentimento poderia ser desenvolvido na vida terrena entre o povo do Norte e do Sul.

Samuel Bowles

20 de fevereiro de 1885

DOCUMENTO QUINQUAGÉSIMO

WILLIAM CULLEN BRYANT NA TERCEIRA ESFERA — ESCREVER POR ELETRICIDADE

Se não posso aceder aos pedidos que me são feitos de ambos os lados, não é por má vontade, mas simplesmente por falta de tempo e também por falta de inclinação de algumas partes para serem entrevistadas. Mas encontrei o nosso genial amigo, o amigo da América no passado, William Cullen Bryant*, domiciliado na sua bela casa na terceira esfera. Uma expressão de grande prazer irradiou do seu rosto enquanto apertava a minha mão e dizia: «Realmente, Bowles, é você?»

«Sou eu e sem erro», disse eu enquanto me sentava, determinado a obter algum descanso naquele lugar repousante; (pois as nossas mentes aqui por vezes tornam-se cansadas). Perguntei-lhe se era feliz. Um olhar pensativo surgiu no seu rosto e ele disse:

«Sim e não. O meu passado na vida terrena parece tão fraco; a minha palavra ali apenas uma brincadeira de rapaz de escola; o meu presente um tempo para trabalhar no que posso e formar os meus planos para o futuro. Mas oh! Quão pouco eu sei. Quão feliz eu teria sido por ter tido uma personalidade consciente e educada, que tivesse absorvido conhecimento durante séculos, e ter vindo para o mundo terreno pronto para o trabalho. Mas embora a essência da alma inconsciente possa ter começado quando as estrelas brilharam pela primeira vez, contudo poderíamos muito bem ter sido nada por nada sabermos. É necessária a maquinaria do cérebro físico para produzir pensamentos e facilidades para a expressão desses pensamentos.»

«Meu irmão», disse eu, «por que está tão triste sobre este assunto? De acordo com o que estou a aprender agora, apenas começámos nesta grande vida chamada Eternidade, e com ela diante de nós, com as nossas faculdades aperfeiçoadas como apenas as lições deste lado podem aperfeiçoar, por que não deixar que o trabalho do presente e as esperanças para o futuro sejam um estímulo para um trabalho maior e esforços mais decididos?»

A sua fronte iluminou-se num instante e ele disse: «Ouvi dizer que é sempre um consolador, mas tenho estado a viver em dois mundos durante horas. Descobri que na minha vida terrena não fui compreendido, nem eu me compreendia a mim próprio, mas fiz o meu melhor como então pensava. Tive as minhas tristezas domésticas tais como

são estranhas a alguns lares, tanto mais porque não podia abrir o meu coração a ninguém, mas tinha de o deixar palpitar até que o silêncio parecesse cheio de ecos.

Sinto-me grato por alguns dos meus escritos ali, mas quão triviais são para quem tem estado a aprender nesta vida o real trabalho de homem ou poeta. Mas veja, senhor, este manuscrito; gostaria que pudesse ler algo dele; alcança muito mais profundamente o reino do pensamento do que qualquer coisa que eu pudesse ter escrito enquanto na vida terrena. É agora o trabalho da minha vida; e isto é apenas parte dele; parte do manuscrito original está nas mãos dos meus editores e será rapidamente circulado; não posso agora nomear os temas, mas sem dúvida os verá.»

Compreendendo a minha própria forma de escrever, e como a influência da mente parecia vir para o papel sem esforço visível da minha parte, apenas algo como um frémito elétrico, que iluminaria a ponta do meu lápis, perguntei-me se a experiência dele seria a mesma; contudo, tendo notado em muitos gabinetes canetas, lápis e tinta com aspeto igual aos que usávamos na vida terrena, disse: «Aprendemos melhor através do estudo e da comparação; usa o velho método ao escrever?»

«Por vezes», disse ele, apontando para a sua secretária, «estes são velhos amigos. Mas quando desejo fazer o trabalho rapidamente, permito que a telegrafia do cérebro alcance o papel segurando um íman na forma de um lápis. Não percebo movimento algum nos dedos, o meu cérebro é o poder motor e, sem esforço, os pensamentos encontram o seu caminho no papel em vez de serem escritos da forma antiga, e obtemos resultados num curto espaço de tempo que teriam levado muitas semanas pelo método antigo.»

«Exatamente», disse eu, «descubro que posso trabalhar suficientemente rápido aqui, mas enviá-lo de volta através da rotina da vida terrena é deveras muito lento.»

«Pudesse eu realizar o seu trabalho ou alcançar os amigos do velho mundo como você faz», disse ele, «nada consideraria perdido.»

«Irá fazê-lo», disse eu, «pois foi um esforço determinado para completar parte do meu trabalho inacabado no velho mundo que me permitiu tornar-me tão eficiente como sou, embora seja um trabalho pobre de facto comparado com as minhas aspirações.»

Deixei o seu agradável gabinete e senti: oh! pudesse eu falar a cada coração lá em baixo, diria: «Trabalhai bem, fazei o bem, e os vossos arrependimentos nesta vida serão menores.»

Samuel Bowles

19 de fevereiro de 1885

Pergunta — Explicará o processo pelo qual Bryant transfere pensamentos para o papel espiritual através de um íman-caneta sem o velho processo de escrita?

Resposta — Explicá-lo-ei de uma maneira canhestra se o tentar, pois a minha linha de vida conduziu-me por um canal diferente. Ele mostrou-me algo a que

chamariam uma tábua fina, muito polida. Na superfície inferior, em cada lado da tábua, havia ranhuras, debruadas por um metal de algum tipo. Através das costas desta tábua havia linhas traçadas que corresponderiam às vossas pautas para papel. Correndo ao longo das costas estava uma barra muito fina do mais fino poder magnético, com cerca da largura do espaço entre as linhas escritas. Tanto quanto pude julgar pela minha curta conversa com ele sobre o assunto, darei a sua demonstração do seu funcionamento.

Disse ele: «Vê este íman e este rolo de papel.» (O rolo devia conter várias jardas.) Colocando o rolo num suporte ao seu lado, deitou a ponta do papel sobre a tábua cobrindo toda a sua superfície. Colocou então a barra metálica inferior no topo da tábua. Tomou depois o lápis magnético que tinha raios de luz a emanar da sua ponta e colocou-o perto do papel, mas sem lhe tocar, mesmo por cima da barra magnética. No braço da sua cadeira havia um apoio para a sua mão e braço, para lhe permitir segurar o lápis numa posição fácil.

Então, enquanto o lápis, sem tocar no papel, deslizava ao longo da sua superfície com rapidez maravilhosa, palavras eram impressas no papel tão depressa quanto a sua mão se podia mover através da página. No final de cada linha, havia um clique, e a barra descia uma linha, e assim sucessivamente até que o fundo da tábua fosse alcançado. Depois ele tocava numa mola no canto superior esquerdo, momento em que a barra subia e, ao mesmo tempo, o papel desenrolava-se para formar uma superfície fresca para a escrita. Em menos de dois minutos do vosso tempo, duas jardas de papel foram escritas sem que ele tivesse aparentemente dedicado um pensamento a isso.

«De onde vêm as palavras?», perguntei.

«Tenho-as tido armazenadas no meu cérebro, esperando para as registar por este tipo de telegrafia. A única razão, senhor, pela qual hesitei em lhe dar este modo de transferir pensamentos para o papel, que todos os escritores que podem escrever nos seus próprios quartos acabarão por utilizar, é porque vejo defeitos nele e desejo que o meu cientista venha ajudar-me a aperfeiçoá-lo. Primeiro desejo que um suporte seja feito, em vez daquela tábua, de forma a evitar todo o cansaço; depois desejo o íman inferior tão perfeito que o superior, agindo em harmonia com ele, seja capaz de produzir as palavras sem este movimento da mão e, assim, do reservatório do cérebro, transcrever em momentos o que teria levado semanas na vida terrena a fazer.»

Relatei-lhe o mais proximamente que pude em termos rudes o que entendi das suas ideias. Sei que Bryant, sem esforço aparente de vontade, produziu através daquela estranha tábua estes resultados maravilhosos. S.B.

** Bryant (William Cullen), um eminente poeta americano, nasceu a 3 de novembro de 1794, em Cummington, Mass. Escreveu "Thanatopsis" no seu décimo oitavo ano. Os seus poemas mostram um amor intenso pela Natureza. Foi editor-chefe do New York Evening Post de 1826 até à sua morte, a 12 de junho de 1878.*

DOCUMENTO QUINQUAGÉSIMO PRIMEIRO

MICHAEL FARADAY AGORA RESIDENTE NA SEXTA ESFERA — ELE DESCOBRIU UM MÉTODO DE TELEFONAR SEM O USO DE FIOS

«Posso ter uma entrevista com Michael Faraday?*» (Telefonei para o antigo lugar na quinta esfera, onde o tinha entrevistado anteriormente.) «Não está aqui agora, mudou-se para a sexta esfera», foi a resposta. «Então liguem os fios para a sexta esfera, a sua residência atual.» Em muito menos tempo do que levo a escrever isto, veio a resposta: «Sim, daqui a duas horas.» Deveríamos sentir, e pareceria antinatural, se neste grande mar da Eternidade não pudéssemos manter o suficiente da semelhança da vida terrena para termos os nossos momentos, horas e dias. Mas pode ser que, quando eu subir mais, ache que até isto é desnecessário.

Fui guiado por amáveis amigos até à casa de Faraday na sexta esfera. Tenho visto muitos lugares belos, muitos lugares grandiosos, mas a casa dele parecia ser uma combinação de todos; — simplicidade no seu amor por aquelas plantas com flores que alguns ignoram por serem tão comuns; e uma certa rigidez na disposição dos seus terrenos que sugeria muito do velho orgulho inglês, intensificado. Não tentarei descrever a beleza e o esplendor da sua casa, nem a doçura e o refinamento do interior. Ficava-se profundamente impressionado com o sentimento: «Esta é a minha casa — uma casa construída pelas obras do meu passado.»

Fui conduzido ao gabinete sossegado de Faraday — não ao seu laboratório — e havia no seu acolhimento muito respeito, muito pouco do sentimento de que ele estava a conceder um favor, mas antes de que as nossas obrigações eram mútuas.

«Mútuas», disse eu, «como podem ser, quando o senhor tem todas as vantagens desta esfera superior e, para estudo diário, este grandioso intercâmbio de pensamento elétrico; e também a vantagem de sentir que é, de certa forma, o autor dos meios pelos quais eles são transmitidos?»

«Está a falar-me de uma criança franzina, senhor, uma que parece, por vezes, ser viva e promissora, outras vezes como se todos os impedimentos de ambos os lados fossem trazidos contra ela.»

«Não progrediu tanto quanto esperava quando o vi pela última vez?», disse eu.

«Vejamos. Oh! sim, progredi. Trouxemos, com a ajuda de Benjamin Franklin, uma central telefónica bastante boa entre as esferas e fizemos outras descobertas que espero que sejam vantajosas para todas as esferas. Este é o meu tempo de descanso, senhor, por isso, por favor, não sinta que deve apressar-se, mas deixemo-nos compreender um ao outro. As minhas ideias estão a ganhar terreno; ao início fui visto como alguém que estava demente nesta vida. Nada de rude foi dito, mas você sabe, irmão; temos uma forma de sentir aqui.

Muitos, quando lhes disse que tinha um agente através do qual podia alcançar as pessoas da vida terrena em forma de livro, riram-se abertamente de mim. Estão no mundo espiritual há algum tempo, mas têm andado apenas a rastejar — uma indiferença

estóica caracteriza-os. Tinham apostado tudo numa falsa redenção e sentiam-se amargurados e descuidados quanto aos erros ou direitos dos outros. Mas com esse egoísmo inerente nascido da educação terrena, não se importaram de descer para ajudar outros ou de serem ajudados. Gradualmente, está a despertar neles que, neste estado de semi-sono, não estão no céu.

Tive de fazer um grande esforço para aperfeiçoar (não devo dizer isso, pois não aperfeiçoei nada) qualquer parte do meu trabalho. É verdade, temos nas correntes de ar, transportando uma certa quantidade de força elétrica, e em estações em todos os lugares mais desejáveis, um intercâmbio de pensamento da primeira esfera à oitava. Não tentei mais alto do que a oitava, pois não é muito agradável levar para esferas superiores a crueza que ainda se agarra a mim, pois misturo-me tão continuamente não só com a esfera mais baixa, mas fico realmente de pé e oriento o meu médium, que uso na terra tal como você faz, ou talvez de uma maneira mais direta.

Ao início, quando pensámos nesta telegrafia mental, ou antes, telefone espiritual, pensámos que algo deveria ser usado para simular um fio; mas o meu experimentador alemão, de quem falei numa entrevista anterior*, bem como muitos outros, chegámos à conclusão de que a nossa atmosfera espiritual estava carregada com certas correntes, algumas elétricas, outras magnéticas (a magnética mais usada para a temperatura da força espiritual, e a elétrica para a transmissão do pensamento espiritual), por isso inventámos estas pequenas teclas, ao tocar nas quais, combinadas com uma vontade forte, desejando ligação com teclas semelhantes colocadas em alguma parte desta ou de outra esfera, traz rapidamente para a linha essa corrente de eletricidade através da qual operamos.»

Ele deve ter visto que eu me ria por dentro, pois disse na sua maneira solene: «O que é, senhor?»

«A tolice de bater numa tecla ligada a nada e esperar uma resposta», disse eu; «parece extremamente caricato.»

«Temos algo ligado às nossas teclas», disse ele gravemente, «o próprio íman dos nossos pensamentos quando intensificado pelo toque nesta tecla dá-nos um fio tão perfeito como na vida terrena. Devo demonstrar-lho?»

«Se faz favor», disse eu, tentando parecer crente.

«Por quem devo chamar?», disse ele.

«Oh! Horace Greeley!», retorqui eu, nomeando a primeira pessoa de quem me lembrei.

«A nossa central é a alguma distância daqui. Eu não podia atender à pressão acrescida de deveres que ela traz, por isso alguns jovens experimentadores aceitaram de bom grado o lugar.»

Ele rodou a tecla e disse num tom baixo: «Ligue-nos ao gabinete de Greeley.»

Espantosamente rápida veio a resposta: «Tudo bem.» Outra voz, um tanto estridente e apressada, disse: «O que querem aí em cima? Estou muito ocupado.»

«Nada», disse Faraday, «apenas para mostrar ao Sr. Bowles, Samuel Bowles, o nosso método de intercâmbio de pensamentos.»

«Ele aí em cima!», disse Greeley. «Bem, ele é o entrevistador mais perseverante da era. Mas, oiçam, não posso falar muito tempo; faltam três mãos e esta edição não está pronta. Desculpem-me; adeus.»

«Adeus», disse eu para aquela pequena tecla inofensiva na parede.

«Está satisfeito?», disse o Professor Faraday, olhando seriamente para mim.

«Sim, satisfeito por estar feito, mas com a rapidez do movimento espiritual, o rápido intercâmbio do pensamento espiritual, mal consigo ver a utilidade de tal maquinaria para este mundo.»

«Para que é que está a escrever?», perguntou-me ele, com os seus olhos penetrantes a perscrutarem o meu rosto.

«Oh! estou a escrever para poder comunicar, embora imperfeitamente, estes pensamentos através de um médium para o bem daqueles na vida terrena.»

«Esse é exatamente o plano desta classe de cientistas. Experimentaremos, estudaremos e aperfeiçoaremos tanto quanto possível e depois, através de algum sensitivo na vida terrena, introduziremos métodos de comunicação, se não como este por conta da maior densidade do ar, contudo sob um plano semelhante, e assim evitaremos muito das dificuldades atuais no uso do telégrafo e do telefone.

A dificuldade principal é encontrar um sensitivo cujo equilíbrio seja tal que ousemos lançar estes pensamentos através do cérebro e fazê-los ser captados por aqueles que os porão em uso. Tenho um médium ali que posso usar muito bem, mas não sei se ousaria, no seu ambiente atual, submeter as minhas declarações ao teste, enquanto isso exigir tanto da sua força física como sei que deve exigir para revelar o que desejo.»

Quer as suas ideias fossem razoáveis ou não, mal parei para pensar, mas a sinceridade e seriedade do homem envergonharam-me e disse para comigo: «Samuel Bowles, há quinze anos terias chamado a ti próprio tolo se tivesses pensado em escrever livros depois de morto.»

21 de fevereiro de 1885. Samuel Bowles.

Pergunta — Qual é o nome do experimentador alemão que ajudou Faraday?

Resposta — Hermanne Wolfstang, que nasceu em Amesterdão em 1785 e morreu aos dezoito anos. Não foi notado na terra, mas levou o pouco que sabia e tem desde então estado a experimentar com filósofos alemães, químicos, eletricistas, etc. Não sei se ele é mencionado em qualquer lugar, salvo em alguns velhos registos em Amesterdão (que podem já não existir, mas ele pensa que sim), respeitantes ao seu conhecimento

maravilhoso para um homem tão jovem e à sua total indiferença para com todas as coisas que usualmente atraíam a atenção dos jovens do seu tempo.

** Michael Faraday, químico, eletricista e filósofo, nasceu em Newington, Surrey, Inglaterra, a 22 de setembro de 1791, e morreu em Hampton Court a 25 de agosto de 1867. Foi o melhor eletricista da sua época. * Ver panfleto de Bowles, n.º 2, Contrastes, página 138.*

S. B.

Perg.— Sr. Bowles, por favor, dê-nos um relatório sobre o seu guia; estamos muito interessados nele.

Resp.— Por favor, perdoe-me até que eu consiga obter o seu consentimento, o que, de momento, parece duvidoso. Sendo de uma longa linhagem da nobreza escocesa, ele deseja fazer algo digno da sua educação e vantagens passadas antes de se reportar de volta à Terra. No entanto, usarei todos os meus poderes de persuasão para obter o seu consentimento. *18 de fevereiro de 1885.*

S. B.

Perg.— O seu guia já se inclina a reportar?

Resp.— Prevejo ter alguma dificuldade em convencê-lo a deixar-me relatar o seu nome verdadeiro, para que seja reconhecido em Inglaterra. A sua carreira foi duvidosa; por isso, é difícil para o homem, que está a cumprir penitência (como ele lhe chama) através do trabalho mais humilde, como o de um camponês que serve de guia pelas montanhas. Ele é agora rico em humildade e as suas lições terrenas ensinaram-lhe que um lorde perverso não é tão puro como um camponês iletrado. Tenham paciência connosco; sabemos que os vossos desejos para o bem do mundo são grandes, mas muitas vezes não conseguimos obter uma resposta sem uma paciência prolongada e uma perseverança que pode parecer intrusiva. *22 de fevereiro de 1885.*

S. B.

DOCUMENTO QUINQUAGÉSIMO SEGUNDO

LORDE BALMERINO, O GUIA DO SR. BOWLES,

RELATA ALGUMA DA SUA PERVERSA VIDA TERRENA

Como me pediram frequentemente para dar algum relato do meu guia, finalmente convenci-o, embora com muita relutância, a relatar um pouco da sua história.

"Talvez faça parte da minha penitência contar algo da minha vida", disse ele, rindo, e sentámo-nos então, tendo ele começado da seguinte forma: "Fui suficientemente infeliz para ser um dos Lordes no velho país e perdi a minha vida por sê-lo. A minha carreira não foi invejável, embora tenha praticado muitos atos de bondade. Eu era muito excêntrico e, entre as mulheres, era um sedutor; a minha história

privada era negra com este crime. Vi os rostos belos das raparigas camponesas corarem de carmim à minha aproximação.

Pobres criaturas, caíam facilmente na rede que eu lhes estendia. Geralmente não se fazem registos públicos destes crimes; arruinar algumas almas puras não faz diferença no mundo, onde existem tantos que estão dispostos a ceder à vontade daqueles que vivem na alta sociedade. Obcecado por estas terríveis experiências (elas parecem terríveis agora, com a luz deste mundo a incidir sobre elas), pouco conseguia apreciar aquele amor verdadeiro e puro que um dia deve entrar no coração de cada um; mesmo em cada um daqueles que foram deformados pela paixão e tornados negros pelo crime.

Nunca esquecerei uma cena: eu estava a deixar passar o tempo, a fumar junto a um rio, esperando a cada momento que uma nova vítima pretendida aparecesse, quando uma criatura, tão selvagem, tão macilenta, tão aterrorizada pela dor que deve vir a todas as mães, se arrastou em minha direção.

'Estou a morrer, sim, e sem teto', lamentou ela, 'pelo amor de Deus, dê-me abrigo, cuide de mim, pois ambos somos culpados.'

Virei-lhe friamente as costas e afastei-me.

'Vou atirar-me ao rio', disse ela, 'se não me ajudar!'

Pensei que era o jeito das mulheres e não acreditei nela — ouvi um mergulho — ainda ressoa nos meus ouvidos — um grito baixo e tudo ficou silencioso. Afastei-me apressadamente do local — um homem assombrado. Nada no tempo ou na eternidade pode apagar a cena da minha memória. No dia seguinte, a rapariga, com a sua história terrível no rosto e na forma, foi encontrada e levada para casa. O pai camponês, mais altivo do que um príncipe, não reconheceu a sua filha morta; disse ele: 'Tínhamos uma filha, mas ela está perdida; levem o corpo dela depressa.' Numa sepultura solitária onde os ventos suspiram eternamente nas árvores sombrias, mãos rudes fizeram um local de enterro.

Estou a trabalhar para a alcançar agora; nenhum trabalho será demasiado grande, nenhum sacrifício será considerado nada, se algum dia eu puder alcançá-la e ouvi-la dizer: 'Estás perdoado.'

Depois disso, vivi a vida de um nobre comum, entrei na política, tentei, através dos choques constantes que ocorriam na época tanto em Inglaterra como em França, esquecer a minha Margaret. Novos laços foram formados; mas os olhos dela perseguiam-me nas minhas horas de vigília e de sono, e o seu baixo grito de morte ressoava sempre como um fúnebre nos meus ouvidos."

Os seus olhos ficaram nublados com lágrimas; "Isso foi há muito tempo", disse ele, sonhadoramente, "perto do tempo da morte da boa rainha Ana e de muitos outros. Mas não pensem que não recebi algum castigo na terra. Esta pequena história do coração pode ter passado da memória de todos, exceto da dela e da minha, e nunca ter

sido registada em livros terrenos. Mas outros atos meus foram registados. Os tempos eram tais que os políticos eram vigiados; a traição era punível com a morte.

Tive a honra de ter a minha cabeça decepada do corpo no mesmo bloco onde a adorável Lady Jane Grey foi executada. Fui chamado pelo mundo de Lorde Balmerino.* Oh! esse mundo, frio e traiçoeiro", disse ele, amargamente, "e no entanto o mundo tratou-me tão bem como eu o tratei a ele. Prefiro que me chamem pelo nome que escolhemos, 'Paul'. Depois desta entrevista, retomaremos o nosso trabalho e esquecerei, se puder, o que vos contei."

"O que o levou a meter esta ideia na cabeça, de ser um guia?"

"Porque na antiga vida fui um guia para o erro; nesta vida desejo ser um guia para o que é correto. Estudei muito para me aperfeiçoar para este trabalho. Adquiri línguas que não conhecia na vida terrena, para poder fazer o meu trabalho e tornar-me digno de ir para a minha Margaret."

Posso ter sorrido, pois ele disse tristemente: "Um romance é tanto mais terno, os nossos desejos tanto mais intensos por terem esperado alguns centenas de anos."

Esta foi a história do homem; a verdade estava nos seus olhos enquanto a repetia, e a seriedade no seu modo; por isso, quer tal pessoa figure ou não nas páginas da história, sei que tal homem viveu e está agora na vida espiritual. *22 de fevereiro de 1885.* **Samuel Bowles.**

** Lorde Balmerino, (Arthur Elphinstone) nascido em 1688, foi um notável Jacobita; foi feito prisioneiro na batalha de Culloden, julgado por alta traição em Westminster Hall, Inglaterra, e decapitado em 1746. Foi oficial no regimento de Lorde Shannon no reinado da Rainha Ana, mas aquando da ascensão do Rei Jorge I juntou-se ao Conde de Mar e lutou em Sheriffmuir. Mais tarde deteve uma comissão no exército francês, mas regressou a casa em 1738. Em 1745 juntou-se ao estandarte do príncipe Carlos Stuart, que o nomeou capitão da sua segunda tropa de guarda-costas. Durante todo o seu julgamento e no cadafalso, o intrépido velho fidalgo comportou-se com a maior compostura e coragem; e ao colocar a cabeça no bloco, disse firmemente: — "Se eu tivesse mil vidas, depô-las-ia todas aqui pela mesma causa." A sua traição consistiu em tentar restaurar ao trono a casa de Stuart. Balmerino é uma aldeia da Escócia, Condado de Fife, no Tay, a seis milhas a norte de Cupar Fife, Pop. 717. Robert, terceiro barão Elphinstone, teve um filho, James, que subiu no favor do rei, e as terras pertencentes à Abadia Cisterciense de Balmerinoch em Fife foram erigidas num senhorio temporal em favor dele e dos seus herdeiros masculinos em 1603. Lorde James tomou o seu lugar no Parlamento sob o título de Lorde Balmerino. Arthur Elphinstone foi o sexto Lorde Balmerino em sucessão.*

Perg.— O seu guia dá o seu nome, Lorde Balmerino, como aquele pelo qual era conhecido na vida terrena? Não o encontramos na Enciclopédia.

Resp.— Fiz-lhe a mesma pergunta e ele, de forma digna, disse: "Dei-lhe o meu verdadeiro título, mas pode ver que não é um nome inglês, embora muito do meu tempo tenha sido passado em Inglaterra e eu tenha perdido a minha vida mortal lá. Estou registado, mas não pela corrente subjacente da minha vida, que lhe relatei, mas por ofensas que considero como nada ao lado dela, embora a nação inglesa as tenha considerado graves."

Sr. Bowles, esperamos que não feche este livro sem nos dar algum relato de si mesmo desde que escreveu "Later Papers".

DOCUMENTO QUINQUAGÉSIMO TERCEIRO

O SR. BOWLES, A PEDIDO, ENTREVISTA-SE A SI PRÓPRIO ASCENDEU À QUARTA ESFERA E VIVE NUM LUGAR FAMOSO NESSA ESFERA. ALUSÕES COMOVENTE À SUA FAMÍLIA E AO ANTIGO LAr EM SPRINGFIELD, MASS. ELE VISITA FREQUENTEMENTE AS SALAS DE REDAÇÃO DO SEU ANTIGO JORNAL, O *SPRINGFIELD REPUBLICAN*

Entrevistar "Samuel Bowles"* é agora a minha missão; e devo parecer sentir que sou outra pessoa, a fim de questionar aquele que tão de perto questionou outros.

"Qual foi o seu passado, senhor?"

"O meu passado, uma vida de trabalho, trabalho, TRABALHO; a minha juventude preenchida mais com as ideias do que eu deveria ser algum dia, do que eu deveria realizar, do que com o presente na sua rotina monótona e penosa. Escolhendo cedo a minha profissão, esforcei-me por não fugir dela, nem deixar que a minha ambição me apontasse para onde a minha consciência me dizia que eu nunca poderia ir. O subir de um lugar para outro só foi alcançado através de estudo rígido e perseverança incansável. Vi muitos jovens, cujas perspetivas de vida eram muito melhores do que as minhas, afundarem-se ao nível comum e serem esquecidos, enquanto eu subia lentamente. Mas o meu passado na vida terrena é mais conhecido do que eu lhe posso contar agora.

A mudança, chamada morte, alcançou-me. Eu tinha estado 'Através de um Continente' e agora tinha feito uma mudança aparentemente muito grande, mas na realidade tão pequena que quando escrevi o primeiro livro* após a minha saída, senti que a morte tinha sido caluniada. Da sepultura pouco sabia, mas encontrava-me no limiar deste grande e grandioso mundo, com o passado movimentado para trás, o futuro como uma rota inexplorada, serpenteando sempre para cima. Tenho-me sentido desencorajado por vezes, ao olhar para as mentes daqueles a quem, enquanto na vida espiritual, enviei as minhas palavras, as minhas expressões sinceras, através deste

amável instrumento. Isso causou-lhe sofrimento, ridículo e muito do que esta verdadeira mulher recua.

Pense por um momento nas grandes profundezas que foram agitadas no meu coração, ao estender a mão de volta à cena dos meus labores na vida terrena, para ver que o meu trabalho atual, realizado sob as maiores dificuldades, é mal compreendido, especialmente por aqueles da minha família e queridos amigos lá em baixo, que adorariam agarrar-me pela mão, que se deleitariam em dar-me a sua confiança, em mostrar o seu apreço, se pudessem realmente agarrar a minha mão. Se eu tivesse estado numa viagem na vida terrena e tivesse escrito algo que não fosse compreendido por eles, diriam apenas: 'É o jeito do Sam. Bowles' e aceitariam como 'está bem'. Agora, com as minhas experiências, as minhas dificuldades, eu ficaria grato pela mais pequena parte do apreço do passado.

Mas pergunta sobre o meu trabalho atual. É apenas a sombra de uma pequena parte dele que vê. Mudei-me para uma esfera superior, não tanto para me agradar a mim mesmo, mas para obter melhores facilidades de trabalho. O meu lar é muito parecido com o anterior, exceto que há mais sombra, causada pelas árvores da vida espiritual, cujos ramos ondulam sobre o país superior desde que as esferas foram formadas e o nascimento e a morte do homem começaram. O que não viu o meu lar espiritual de mudança, à medida que, um a um, os espíritos nele habitaram por uma temporada, tornando-se ainda mais puros, a fim de subirem. Que palavras de consolação e esperança foram ditas sob estas queridas e velhas árvores. Que promessas foram feitas para estender a mão para baixo e para baixo, ainda mais longe para os que lutam, porque ao olhar para cima há sempre um objetivo a alcançar. Quantos vieram a este local nesta esfera e, por algum tempo, se perguntaram se mesmo nos céus mais altos algo poderia ser mais belo!

Afasto as folhas espessas que guardam o meu pavilhão e olho para o pequeno riacho, fluindo tão calmamente, mas de vez em quando dando um indício da sua presença através de uma ondulação sobre os seixos, ou alguma curva no seu curso que o faz sussurrar sobre a Natureza por todo o caminho.

Sobre que circunstâncias triviais são por vezes iniciadas as mais emocionantes experiências. A nota tónica do meu trabalho tem sido esta: — ao vir para a vida espiritual, encontrei o facto da comunhão espiritual; se cinco palavras pudessem ser transmitidas à terra, pela mesma lei, cinco mil poderiam ser transmitidas; e se esse número pudesse ser enviado, livros poderiam ser escritos.

O principal objetivo na minha primeira tentativa de controlar um médium foi enviar de volta palavras de conforto para os meus entes queridos. Quer me recebessem ou não, decidi que o mundo me ouviria e me reconheceria; que quando um instrumento fosse trazido para o nosso mundo espiritual, outro seria erguido e eu continuaria a viver lá em baixo nos meus escritos, até estar mais perfeitamente apto para espalhar amplamente as minhas obras neste glorioso país superior.

Quero ser digno de estar no céu. Quero estender a mão e abolir o inferno, para trazer os dois mundos a tal simpatia que em cada casa haja um trabalhador que possamos usar. Não é ambição por mim próprio: estou apenas a começar a viver. Ao ganhar conhecimento de um pequeno mundo, aprendi como estudar uma criação tão ilimitada que nenhuma mente pode ter uma conceção adequada dela.

O meu trabalho aqui é agradável: captaram vislumbres dele nas minhas viagens; viram alguns dos resultados dele nos meus escritos; e agora, no momento em que, se eu estivesse na vida terrena, os meus passos seriam lentos e o meu coração triste e cansado, talvez, encontro-me nesta glória ressuscitada, na manhã da minha existência, que teve o seu ponto de partida na vida terrena.

Observando o meu lar aqui com satisfação, esforço-me por torná-lo belo para aquela que amei tão bem, e outros entes queridos, que virão ter comigo mais tarde e partilharão comigo prazeres, quando o seu bom trabalho estiver terminado na terra. Portanto, não terei pressa em atingir esferas superiores, pois posso fazer o meu trabalho melhor aqui. Embora eu vá com passos silenciosos ao meu antigo lar terreno, nenhuma porta gira nos seus eixos. Embora eu contemple rostos amados, banhados em lágrimas, nenhuma lágrima de resposta lhes fala da minha presença. Embora eu toque suavemente em recordações do meu passado, os objetos inanimados e baços não sabem que o seu dono está lá.

Embora eu vá ao antigo escritório e caminhe pelas diferentes salas, e veja os rostos bem recordados, no entanto eles estão curvados tão densamente sobre o seu trabalho como se aquele que expressou pensamentos ali outrora, e idealizou formas para a sua publicação ao mundo, não estivesse à espera de reconhecimento. Oh! se o que houve de vida, as suas obras, as suas recompensas, fosse tudo, quão pior que um mendigo se sentiria um espírito entre os seus próprios amigos humanos; como ele se riria de uma farsa de vida que deixou tudo para trás."

** Ver Contratos, Panfleto de Bowles, n.º 2, página 8, para um esboço da vida do Sr. Bowles. * "Experiências na Vida Espiritual" — Ver no final deste livro.*

Agradeço ao mundo dos anjos por não ser assim. Nunca fui tão rico como sou hoje, revendo o antigo, criticando o presente e esperando pelo futuro. À medida que, um a um, os sentimentos de egoísmo dão lugar aos de entreajuda, à medida que aprendo nesta boa escola da alma as suas lições maravilhosas e, ao ser ensinado, posso ensinar, sou de facto rico.

Sede vós fiéis, que ledes estas palavras, deixadas cair por nós desta vida. Espalhai bem estes ensinamentos a uma multidão faminta que, ao ler, aprenderá algo que não pode ser esquecido; pois a Verdade é Eterna.

Que uma bênção acompanhe cada palavra. *22 de fevereiro de 1885.* Samuel Bowles